



BIBLIOTECA ÁUREA

**JEAN
SANTEUIL**
MARCEL PROUST



**JEAN
SANTEUIL**

BIBLIOTECA ÁUREA

**JEAN
SANTEUIL
MARCEL PROUST**

2ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO DE FERNANDO PY



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: *Jean Santeuil*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Proust, Marcel, 1871-1922
Jean Santeuil / Marcel Proust ; tradução Fernando Py. -- 3. ed. -- Rio de Janeiro :
Nova Fronteira, 2020. -- (Biblioteca Áurea)
640 p.

Título original: Jean Santeuil
ISBN 9786556401706

1. Ficção francesa I. Título II. Série.

20-49064

CDD-843

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura francesa 843
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Introdução

Capítulo I

I. Os serões de Saint-Germain

II. Os serões de Dieppe

III. Marie Kossichef

IV. Separação

V. A senhora Lepic

VI. O Liceu Henri IV

Capítulo II

I. Étreuilles

II. Dias de férias

III. Leituras

IV. O jardim dos esquecimentos

V. Os domingos de Étreuilles

Capítulo III

I. A aula de filosofia

II. Henri de Réveillon

III. O palácio da sra. Desroches

IV. A senhorita des Coulombes

- V. O senhor Duroc
- VI. Retrato de um amigo
- VII. Discussão de Jean com seus pais
- VIII. Uma sessão na Câmara
- IX. O senhor Beulier

Capítulo IV

- I. O senhor de Traves
- II. Dias em Réveillon
- III. As visitas
- IV. Passeios
- V. Os serões de Réveillon
- VI. A volta

Capítulo V

- I. O escândalo Marie: O jovem Édouard Marie e sua mãe
- II. O escândalo Marie: um alerta
- III. O escândalo Marie: Jean intervém junto a Couzon
- IV. O escândalo Marie (Final)
- V. Primeiros tempos do caso Dreyfus
- VI. O coronel Picquart
- VII. Da Ópera Cômica ao Palácio da Justiça
- VIII. O caso no Figaro
- IX. A verdade sobre o caso Dreyfus

Capítulo VI

- I. Os Sauvalgue
- II. Jean em Begmeil: o telefonema para sua mãe
- III. Begmeil
- IV. Leituras de praia

V. Tempestade em Penmarch

VI. Os adeuses

VII. O mar na montanha

VIII. Begmeil na Holanda

IX. Impressões reencontradas

Capítulo VII

I. A estação fria

II. Os quartéis de inverno de Balzac

III. Os prazeres do outono

IV. Dois oficiais

V. Uma cidadezinha provinciana

VI. Os militares

VII. O inverno em Réveillon

VIII. A viscondessa Gaspard de Réveillon

IX. Lembranças do regimento

X. A tempestade

Capítulo VIII

I. A senhora Marmet

II. O despertar em Paris

III. A Escola de Ciências Políticas

IV. Os Guéraud-Houppin

V. O salão da senhora de Réveillon

VI. A sra. Lawrence

VII. História da inglesa

VIII. A estreia de Frédégonde

IX. Daltozzi e as mulheres

X. A afronta

XI. Reparação

XII. Outro duelo

XIII. A sala de plantão da Pitié

XIV. Um jantar na cidade

Capítulo IX

I. A respeito do amor

II. Os amigos de Françoise

III. A bolinha de ágata

IV. As Tulherias

V. A marquesa de Valtognes

VI. A exposição Bergotte

VII. O jantar da senhora Cresmeyer

VIII. Henri Loisel

IX. Os presentes

X. A confissão

XI. Serões perdidos

XII. A sonata

XIII. O sonho

Capítulo X

I. Charlotte Clisette

II. O “furet”

III. Novo fracasso

IV. A religiosa holandesa

V. Morte do visconde de Lomperolles História da sra. de Closteres O câncer de Perrotin

VI. Os Monets do marquês de Réveillon

VII. Manhã de Jean com sua mãe

VIII. Noite de inverno em Paris

[IX. Retrato de um escritor](#)

[X. Velhice dos pais](#)

[XI. História de uma geração](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os títulos da Biblioteca Áurea](#)

[Colofão](#)

Introdução

Posso chamar “romance” a este livro? É menos, talvez, e bem mais, a própria essência da minha vida extraída sem nada lhe mesclar, nessas horas de dilaceramento em que ela escorre. Este livro nunca foi escrito; este livro foi colhido.

Eu viera passar, com um de meus amigos, o mês de setembro em Kerengrimen, que, à época (1895), era apenas uma fazenda afastada de toda aldeia, rodeada de macieiras, às margens da baía de Concarneau. Muitos parisienses e ingleses vinham aí passar a temporada de verão exatamente como num hotel. Mas o proprietário, o tio Buzaret, mantivera o nome e as aparências de fazenda, seguindo o conselho dos pintores que, havendo descoberto a direção, aí retornando todos os anos, permanecendo até bem tarde durante a estação, deixando-lhe quadros quando não lhe podiam pagar, lhe haviam conquistado a amizade bem antes dos outros clientes e estavam dispostos, ao lhe satisfazerem a “vontade”, a construir sua fortuna.

Além disso, até o momento em que o inverno começava — comia-se então numa sala de jantar bem aquecida —, tomavam-se refeições dignas de serem servidas entre as colunas de mármore dos grandes hotéis suíços, ao ar livre, sobre mesas de campanha, diante do mar. Pois tínhamos frequentemente o espanto de reencontrar abstrações realizadas, de ver a meretriz sentimental, que, por desconfiança literária, éramos levados a julgar pior, exatamente como era, bem como o jardineiro que ama suas flores e delas fala de maneira figurada, o rústico que sente o encanto de sua herdade e não a estragaria com embelezamentos de mau gosto. Um pintor espanta-se de encontrar, de súbito, um espírito semelhante ao seu num operário, num marinheiro, como nós outros vemos uma delicadeza digna de nossa alma, e que faz falta à maioria das pessoas de nossas relações, na carta em que a nossa lavadeira nos informou a morte de seu filho. Uma linguagem atual reconhecida num canto da *Ilíada* e a semelhança de uma crise da história do

Egito com os acontecimentos de hoje acabam por nos mostrar que uma tal substância constituinte do cerne da humanidade, muitas vezes invisível e como que fragmentária, não morre, entretanto, reaparecendo onde menos se espera.

* * *

Uma tarde, conversando com o hospedeiro, percebi que uma das pessoas que estavam sentadas não longe de nós a uma das grandes mesas, e que, por minha vergonha o confesso, nunca havia notado especialmente, era C., o escritor contemporâneo que eu e meus amigos colocávamos então acima de todos. Meu amigo fora pescar e eu esperava sua volta com impaciência a fim de lhe comunicar a grande novidade. Enfim ele entrou e viu logo, para minha satisfação, que eu acabara de fazer uma grande descoberta. Não tínhamos muito tempo antes do jantar. Fizemos vários rascunhos de cartas que queimamos; depois, tendo chegado a hora do jantar, decidimos ficar com o último, que nos parecia o pior e nos fez lamentar haver queimado os outros. Talvez no dia seguinte fizéssemos melhor, porém não podíamos esperar e suportar que C. ficasse uma hora mais na ignorância, que no entanto parecia ter aguentado bem até agora, da proximidade de uma dupla de tão fervorosos admiradores. Já que nossos nomes, que eram então e permanecem totalmente desconhecidos, não dissessem grande coisa, para não darmos a impressão de intrigantes e encarecer a nossa admiração, referimo-nos a uma duquesa com quem estávamos em excelentes relações e que nos dissera conhecê-lo muito bem. Acreditávamos poder dizer, sem mentira que fora em casa dela que o havíamos visto em primeiro lugar. Isso pronto, meu amigo entregou a carta à criada, que prometeu levá-la tão logo ele voltasse.

Meu coração palpitava enquanto ele se desincumbia dessa missão. É claro que ficamos mais perturbados ainda ao chegar à mesa e ao perceber que ele ainda não se achava aí. Cada vez que a porta se abria, preparávamo-nos, ao mesmo tempo, para um abraço e uma provocação. Apareciam-nos todas as falhas de nossa

carta. Enfim chegou o nosso homem: dava a impressão de estar muito alegre, muito enlameado, e sentou-se com satisfação entre duas damas inglesas, às quais parecia muito chegado. De repente, a criada lhe entregou uma carta. Desde esse momento metemos o nariz no prato, tremendo a cada vez que ouvíamos alguém se levantar. Por fim ele saiu com as damas inglesas. Convencemo-nos, então, de que ele recebia todos os dias cartas semelhantes sem lhes prestar a menor atenção. Sentimo-nos extremamente pequeninos. De tal modo o nosso amor-próprio ignora a certeza assim como alguma de nossas faculdades. Quem nunca fez de si mesmo um juízo favorável depois de haver obtido um prêmio em concurso, quem não se desprezou um dia por seu fracasso no bacharelado? E, no entanto, nossa carta continha frases bem-feitas.

C. voltou. Estávamos prestes a nos levantar; não, voltara para apanhar um charuto. Mas por um movimento de retorno que fez a seguir, compreendemos que vinha em nossa direção. Sem nos consultarmos, erguemo-nos e fomos ao seu encontro. Não dissemos nada do que gostaríamos de lhe dizer, mas lhe dissemos várias coisas que logo nos pareceram idiotas. Ele não nos falou da duquesa. Ficamos sabendo, mais tarde, que ela o havia confundido com outro e que ele jamais estivera em sua casa. Por conseguinte, não tínhamos a menor ideia de que algo lhe devesse inspirar desconfiança a nosso respeito. No entanto, não nos testemunhou nada, e certamente não sentia suspeita alguma, tão desimportantes são, na realidade, as coisas a que damos valor. Interrogamo-lo sobre tudo o que, à época, nos falava mais ao coração, particularmente sobre a terra em que estávamos. Inspirou-nos o desejo de a achar bela ao confessar que a amava. Dele arrancamos nomes de lugares que seriam objetivos de passeios, quase peregrinações. Quando dizia achar algo de encantador, algum epíteto mais preciso, ao nos dar a razão de um gosto que a nossos olhos tinha tanto prestígio, atribuía à sua simpatia por mil coisas que despertava em nós com palavras sinceras algo mais definido. À maneira dos jovens em presença de um mestre que admiram, nós o interrogávamos sobre todas as coisas de que não falava em seus livros. Pouco a pouco, dispersando-se os outros hóspedes, nós o

vimos mais vezes e, tendo partido por seu turno as duas damas inglesas que ele acompanhou até Quimper, passamos a comer a seu lado, porém raramente com ele, pois chegava sempre muito atrasado, quando todos já haviam acabado de jantar.

À força de interrogá-lo e indagar dos outros a seu respeito, acabamos por saber quando trabalhava. Seguia por muito tempo pelas falésias, sempre subindo, sem dúvida exaltando-se cada vez mais com os próprios pensamentos, visto que de baixo víamo-lo andar cada vez mais depressa, correr, sacudir a cabeça, até chegar à casinha de um faroleiro num sítio onde nunca passa ninguém. E lá, nesse local realmente sublime, seguia as nuvens com os olhos, estudava o voo dos pássaros sobre o mar, ouvindo o vento, olhando o céu, à maneira dos antigos áugures, não como um presságio do futuro, antes porém semelhante àquilo que entendi como uma rememoração do passado: pois as gotas de chuva que começavam a cair, um raio de sol que reaparecia, eram suficientes para lhe recordar outonos chuvosos, verões ensolarados, períodos inteiros de sua vida, horas obscuras de sua alma que então se aclaravam, inebriando-o de lembranças e poesia. Assim, quantas vezes, escondidos, eu e meu amigo o avistamos. Ele parecia olhar qualquer coisa de frente, algo que não compreendia bem. E todo o seu corpo, por uma série de movimentos fortes e delicados, sobretudo das mãos que se cerravam com força enquanto erguia a cabeça, parecia imitar os esforços de sua mente. Depois, de súbito, mostrava-se alegre, pronto para escrever. Entrava, então, na casinha do faroleiro, onde um dia de chuva se transformava num dia de refúgio, e à qual retornava todos os dias. Ao partir, dava àquele homem uma quantia, tão valiosa nessa região que, nos primeiros dias, ele não ousava aceitar, e que confirmava nossa ideia de que C. era de uma generosidade proveniente, creio, tanto de seu desejo de agradar como de sua ignorância em matéria de dinheiro, e da necessidade de que os que andassem com ele formassem boa opinião a seu respeito. Muitas vezes permanecia longas horas a escrever. O faroleiro e a mulher iam para outro cômodo a fim de não fazer ruído algum. Às vezes, quando ele partia, estando o faroleiro no mar, a mulher corria pela estrada para fazer voltar seus gansos,

que os latidos do cão tinham feito fugir até o mar, onde com frequência um se afogava, visto nadarem muito mal. Certa vez eu e meu amigo, espionando de um rochedo o trabalho de C., vimos que ele, depois de se assegurar de que nem o faroleiro nem sua mulher o podiam ver, divertia-se em fazer fugir os gansos até o mar. Quando a mulher voltou, não encontrou os bichos e se pôs a gritar. C. fingiu que só naquele instante percebera que eles não se encontravam em frente à casa. Interiormente, porém, deveria estar rindo, o que prova que ele não era tão bom quanto o achavam. Quanto à mulher, ficou bastante aborrecida com a fuga de seus gansos porque não pôde reuni-los todos. O mar estava muito forte nesse dia: dois se afogaram e um foi colhido pela vaga sobre um rochedo.

Além disso, um casal que estava então em Kerengrimen, e que já vinha ali pela segunda vez, falou-nos muito mal do caráter de C. Haviam-no conhecido no ano interior, tendo tomado todas as refeições em companhia dele, chegando até a lhe prestar importantes serviços. De volta a Paris, não fora sequer vê-los, não respondera jamais aos dois convites que, apesar de tudo, lhe haviam enviado. Dissera-nos também que dormia com a criada do albergue. Devo dizer que, no que tange a cartas de amigo, disse-me um dia que nunca as escrevia. Considerava-as como para-raios que extraem a eletricidade do espírito, não permitindo jamais que ela se acumule até produzir essas verdadeiras tempestades interiores onde só pode brotar o verdadeiro clarão do gênio, onde a palavra humana adquire um poder que a faz repercutir ao longe como o trovão.

* * *

Durante o tempo que a princesa de X. passou em seu castelo de Kercaradec, não longe de Kerengrimen, em companhia de uma sociedade brilhante e numerosa, vimos um novo C. Vestido com toda a elegância, partia para o castelo e muitas vezes só voltava depois de vários dias. Quando voltava, não mostrava nunca o aspecto satisfeito como quando vinha da casa do faroleiro. Tanto

que um dia, ao partir para o castelo, criei coragem e lhe disse: — Senhor, deveríeis antes ir ao farol, pois sabeis que voltais de lá bem mais contente e tereis escrito, pelo menos, uma coisa bela. — Franziu as sobancelhas como quem sente a ferida em que alguém pôs o dedo, não deixou de ir ao castelo, e durante uns dias se mostrou mais reservado. Depois a princesa deixou Kercaradec. Eis agora como passava ele os dias.

De manhã, quando não passara a noite inteira no mar, partia com um grumete, que só estava ali por sua causa, e iam pescar. Como era bastante vigoroso, C. gostava da borrasca acima de tudo e, muitas vezes, despindo-se, atirava-se do barco e o seguia a nado durante horas. À noitinha, mandava frequentemente a criada acordar o grumete que já dormia na cama e obrigava-o a se levantar, o que algumas pessoas achavam bastante duro, para preparar a barca. O tempo lhe agradara, houvesse lua, ou, pelo contrário, fizesse mau tempo. Então permanecia muitas vezes no mar a noite inteira. De resto, dormia nele melhor do que em terra, onde tinha o sono tão leve que dera a todos os serviçais da fazenda sapatos de solas grossas para que não o despertassem ao andar. Já falei como passava as tardes a trabalhar na casinha do faroleiro, sem dúvida um homem de espírito muito calmo, já que os dois que o haviam precedido tinham ficado loucos, pois o mar, durante as tempestades de inverno, cobria o teto da casa com suas vagas furiosas, num ruído tal que, parecia, a razão dificilmente pode resistir. Descia a noite. Mal distinguia as letras que traçava, porém, levado pela necessidade de seguir com a pena a rapidez do raciocínio, que era então bem grande, continuava a escrever. Sem fazer barulho, o faroleiro vinha acender uma lâmpada ruim. E C., não podendo escrever enquanto ele lá se encontrasse, e a fim de fazê-lo compreender com essa parada que ele não devia permanecer ali muito tempo, largava a pena e deixava cair sobre ele um olhar feliz, que parecia, por outro lado, surpreso de contemplar naquele instante a face rubra e tranquila do faroleiro.

Quando um marujo, que vinha ver o faroleiro, entrava saudando com um bom-dia franco que fazia com que C. erguesse a cabeça, e levava a mão ao chapéu, esse homem levantava-se e o conduzia

para outro cômodo, onde fumavam sem conversar, apenas trocando de tempos em tempos algumas palavras em voz baixa, e permanecendo assim durante horas. O mesmo sucedia no albergue, onde muitas vezes, entrando no quarto, o hóspede o fechava sem ruído. Às vezes, enquanto ele se vestia, a criada, que nesse momento arrumava o quarto, percebia, de súbito, quando lhe falava, que ele respondia distraído, começava a andar de um lado para o outro, tendo ainda à mão a esponja ou as botinas, mas certamente pensando em outra coisa e esquecendo o que queria fazer, pois passeava com elas sem calçá-las. Parava, então, de falar, continuava a arrumar o que estivesse imediatamente à mão e desaparecia sem fazer barulho. Às vezes ele nem a ouvia sair, outras vezes dirigia-lhe, sem falar, como se estivesse com medo de fazer desvanecer-se algo, um sorriso de reconhecimento. Em outras ocasiões, ao contrário, quando ela entrava, ele acabava de trabalhar, ou de ler, ou de acordar. Falava-lhe mais que o necessário, interrogando-a com simpatia sobre o sono noturno, e com respeito sobre o sermão que ela ouvira na igreja, indagando das novidades a propósito do processo do padeiro, da saúde da vaca, da pesca da véspera, estendendo com prazer sua vida por todas as vidas dispostas ao lado da sua. Nesses dias ela percebia bem que ele queria conversar, permanecia bem perto dele, que estava frequentemente sob as cobertas bebendo, durante todo o tempo, seu café com leite, partia um pãozinho enquanto ele lhe falava, até que de repente se lembrava da comida que ia queimar, da vaca que esquecera de ordenhar. E era, para C., um grande prazer que ela ficasse naqueles dias, pois imagino que nas manhãs em que o sol, desfazendo a sorrir as névoas matutinas, dirige sua longa e afetuosa saudação à natureza, é para ele uma satisfação acariciar o mar ainda deserto, aquecer a praia, brincar entre os ramos agitados pela brisa da manhã e pousar ligeiramente os olhos com simpatia no marinheiro que partira pela aurora em seu barco, até inebriar-se de calor, de bem-estar, de alegria, até lhe pingar da testa lima gota de suor, e antes de chegar a esse ponto ver corresponder à sua cordialidade a serenidade do céu que recebe por inteiro a sua luz, e as nuvenzinhas não se oporem a seu humor

comunicativo, nem tomarem um aspecto preocupado e encherem o horizonte de ar sombrio, como se ali as chamassem, aliás, negócios sérios, ou outras que ninguém chamava mas vinham tomar o céu de assalto como para empregá-lo em outros assuntos e forçar o sol a guardar a luz para si mas conservar-se lá no meio do céu, vogando talvez, mas tão suavemente que, como os marsuínos que emergem das espumas no mar calmo, elas parecem antes flutuar e devem permanecer lá indefinidamente. Assim, a única coisa que o poeta pode pedir aos outros quando quer, e enquanto quer, o ir-se embora e o ficar calado, e outras vezes conferir um eco à sua alegria e uma reciprocidade à sua simpatia, e que os poetas têm buscado em vão até agora na proteção dos reis, na adoração do mundo, na companhia de outros poetas, no aconchego familiar, C. descobrira naturalmente nessa pequena fazenda da Bretanha. Não é nos palácios, onde ela enfeita o ornato, que a pérola se desenvolve, e sim num polipeiro embrionário, centenas de léguas abaixo do nível do mar. Quanto a mim, experimentava o mesmo prazer quando via, na simplicidade de seu respeito e na segurança de seu instinto, o pescador afastar-se na ponta dos pés ou ficar conversando com C. quando necessário, e ajudar assim; inconscientemente, a eclosão tão delicada de uma obra que deveria sempre ignorar.

Quando partia, dizia adeus ao faroleiro e à sua mulher, que estavam jantando no quarto, onde só se viam uma grande bússola presa ao soalho por uma base de madeira e um pequeno fogão aceso ao pé do qual comiam sobre uma mesinha. O clarão do fogo e de uma vela não iluminava toda a peça, mas a claridade concentrada na parede era pacífica e tão marcada da vida cujas cenas tranquilas aclarava todas as noites à hora de se acabarem os trabalhos que, tão logo se dispunha a descer a falésia ao vento e à noite, C. se voltava várias vezes para ver os dois jantando e, quando estava longe demais para vê-los, a luzinha em cuja cor o sossego dessas ocupações, a simplicidade dessas almas, o conforto desse abrigo, a doçura dessa vida pareciam extintos. Ele voltava e, sentindo-se em atraso e além disso com frio, andava depressa e chegava para jantar quando eu e meu amigo estávamos muitas vezes sós a esperá-lo, pelo menos depois que as duas

damas inglesas foram embora. Mostrava-se satisfeito com o que fizera, comia rápido, tendo diante de si o vago dos olhares cheios de pensamentos, e permanecia muitas vezes minutos a fio sem dizer uma só palavra. Por um momento tirava o seu pincenê, limpava o suor da testa, passava a mão nos cabelos ruivos e um tanto grisalhos, penteados à escovinha, e ria sem dizer por quê. Perto dele, sobre um prato que os sustinha, estavam papéis que compreendemos ser o que havia feito durante o dia. O começo do inverno, já tendo feito partir todos os outros hóspedes, um após o outro, deixava-nos a sós com ele, e perguntamos se não queria, depois de nos fazer ler primeiro tudo o que não conhecíamos, fazer todas as noites a leitura do que houvesse escrito à tarde. Depois de umas palavras confusas sobre o tédio que nos causaria, prometeu que sim, e após ler uma tarde para nós todo o princípio do romance que estava escrevendo, a cada noite, como fora combinado, quando acabava de jantar, pegava os papéis a seu lado, presos por um prato, e começava a ler, porém depois de tantas precauções oratórias e misturando à leitura tantas autocríticas destinadas a esvaziar as do ouvinte, à maneira dos homens de letras, que éramos constantemente obrigados a interrompê-lo e fazê-lo recomeçar.

* * *

Muitas vezes, conforme nos pareceu, algo relativo ao hospedeiro, uma nuança do temperamento da criada eram registrados no romance de C. Mas não encontramos nele nenhum traço do sentimento que tantos escritores, quando sua ilustre personalidade condescende em pintar a plebe, não deixam de exprimir, exclamando: — Certo, o bom marinheiro que neste momento prepara, silenciosamente, a refeição noturna ficaria bem espantado se soubesse que é dele que se está falando, que é sua figura tão desconhecida, sua vida tão obscura que durante alguns instantes aparecem na primeira página deste diário, ocupam a atenção do ministro, do banqueiro riquíssimo, da mulher da moda. — Nunca disse ao hospedeiro: “Você está aí”, mostrando-lhe essas páginas,

e, quando Felicidade lhe perguntasse: “Já que o senhor escreve sobre tantas coisas, por que nunca escreveu sobre Felicidade, sobre sua gravata que ela é obrigada a lhe pôr ao pescoço para que o senhor não saia de camisa aberta? Estou certa de que isso faria rir muito mais as pessoas do que grande parte do que escreveu”, ele se contentaria em sorrir e lhe dizer: “Sim, com toda a certeza.” É que, na realidade, ele não poderia dizer a ninguém, fosse a princesa ou fosse Felicidade, fosse a sua insônia ou fosse a praia: — Vocês estão no meu livro. — Pois ele sentia muito bem que eles não eram nada diante da iluminação que tivera com frequência em face deles. Somente se, por um momento, na pequena mesa da cozinha da hospedaria onde se sentava algumas vezes, eles o vissem com ar distraído, e tão bondoso. Para não perturbá-lo, o hospedeiro, o pescador tinham parado de falar e bebiam em silêncio enquanto a menina continuava a brincar no chão com o cachorro e Felicidade a trazer as travessas, como no quadro de Rembrandt que representa os discípulos de Emaús. E nesse instante a água tinha sido mudada sem que a tivessem tocado.

Para falar a verdade, nesses momentos de iluminação profunda quando o espírito desce ao âmago de todas as coisas, aclarando-as como o sol cai sobre o mar, em que o movimento da menina que, esperando que seu companheiro fique pronto, balança indolentemente a raqueta na extremidade de seu braço nu, em que os queixumes das inumeráveis folhas dos lilases que se lamentam debilmente seguras por um tronco langoroso, em que o leve arquear de sobancelhas do homem que espera sua garrafa no café, querendo frisar seu desdém pela sociedade e assinalando o cuidado que tem por sua opinião, como esses comediantes aos quais se confiam as palavras mais lisonjeiras e que repetem disparates ridículos — são seguidos com delícia igual pelo olhar, para que então uma sombra um tanto mais clara, uma curva que se acentua, não sejam mais signos hieroglíficos, e sim caracteres expressivos, que representem a verdade mais agradável e que bastem, por si sós, para lhe dar essa embriaguez que os outros homens só procuram nas drogas para expiá-la em sofrimento, embriaguez tanto mais estéril que só serve para ver, por uma hora, as mesmas coisas

de modo agradável, mas que faz ver algo que subsiste à imagem dissipada. É claro que o poeta é grato a todas essas coisas que lhe confiaram seu apoio e seu encanto, como a pobre parturiente agradece ao médico que lhe foi tão devotado, guarda boa recordação do pescado cuja frescura lhe soube tão bem ao paladar adulterado, e das andorinhas que ela gostava de ver voar em círculos ao redor da janela enquanto em suas entranhas se realizava um trabalho misterioso. Enviarà uma fotografia de seu filho a esse médico que foi o primeiro a tratar dela, como C. enviaria ao hospedeiro um exemplar do romance que escrevera em Kerengrimen, como copiaria à mão, para a princesa de X., alguns versos que compusera um dia passeando sozinho em seu parque. Talvez até ela, no momento de batizar o filho, fosse inclinada a dar-lhe o nome que recordasse essas coisas que haviam assistido benevolmente ao seu nascimento; e mais ainda, quando ela o chamasse de Teodoro, acreditando dar-lhe o nome desse médico, desse estranho tão bondoso, o verdadeiro sentido da palavra diria: Presente dos Deuses. Mas ela não pode fazer mais, sabe bem que para o que é verdadeiramente seu ela não pode escolher um ou outro, que quanto a seu sorriso, a cor de seus olhos, a alegria, a coragem, ele só depende dela, que ela foi, num momento, o reservatório de sua vida, e que agora é a todos os homens que ela, malgrado seu, dá o filho, que o receberão por bem ou por mal, ela não o sabe, à natureza inteira que ensaiará nele a doçura de seus raios, a perfídia de seus miasmas, à vida enfim, e à morte. O mesmo em relação a seu livro: C. podia dedicá-lo a um amigo, dava-o a todos.

Às vezes, no entanto, quando acabava de escrever, C. se divertia em relatar a Felicidade alguma coisa a respeito dela, a descrição de sua touca, a transcrição de uma de suas conversas. Ela não acreditava, pedia para ver, e como diante de um quadro para o qual tivesse posado, dizia ao se reconhecer: — Mas é exatamente isso. E minha touca! Que será que vão dizer lendo isto, hão de querer conhecer essa Felicidade de quem o senhor fala tanto, que o senhor aborreceu tantas vezes, por assim dizer. — Gosto muito de você, Felicidade — dizia C. levantando-se e largando o manuscrito. Fizera

o que fora possível; chegara a hora de render graças aos deuses e aos homens. Descia, então, bebia com o hospedeiro, com o pescador, andava aos saltos, divertia-se a atirar nos pardais, rindo com Felicidade enquanto esperava a hora do almoço. Assim, Felicidade e o hospedeiro gostavam sobretudo de recordar, desse homem tão sonhador, que ele gostava de gracejar como qualquer um, que era um bom homem, como se diz com prazer de um santo sacerdote, que ele não desgostava a boa comida e conhecia os bons vinhos. Ou bem essas inteligências originais, essas índoles nobres reabilitam nossos mais humildes prazeres, a eles entregando-se e dando-lhes, a nosso ver, como que um novo encanto, um batismo de inocência, ou bem, tanto mais conhecemos unicamente a alma, por mais nobre e elevada que seja, tanto menos conhecemos a matéria, não sabemos a que espécie pertence, se à nossa, se a uma espécie viva e cuja nobreza e elevação não obstante admiramos, só gritamos de satisfação diante da perfeita semelhança com a vida.

Naquela noite, quando voltamos para jantar, encontramos. C. no jardim corrigindo o caderno de francês da filha do hospedeiro. — Esta noite não tenho nada para ler, disse ele, o tempo estava tão agradável que fiquei o dia inteiro no mar e não escrevi nada. Mas vejam como ensinam mal o francês a esta menina. Eis o que ela aprende de cor: *Um velho pai tem 12 filhos, estes 12 têm mais de 300, estes 300 têm mais de mil, estes são brancos, aqueles são negros. Quatro pratos rasos em quatro pratos fundos, quatro pratos fundos em quatro pratos rasos.* E lhe dão para ler *O burguês fidalgo*: ela não entende, mas mandam-na prosseguir mesmo assim. Ela me mostrou em que pedaço estava. Era no meio de estrofes turcas, *muphti, cadir, berir*, e ela lia atentamente, julgando aprender outras tantas palavras francesas. — Mas a menina, que depositava muito mais confiança na ciência da professora do colégio do que na de C., não parecia gostar muito dessa intervenção em seus trabalhos e lhe disse em dialeto bretão: — Ponha-se antes a escrever o que tem de escrever — e, tendo corrido pelo jardim, fazendo voltas para a

esquerda e para a direita, mexendo braços e pernas, movimento acompanhado com animação pelas fitas cor-de-rosa atadas no cabelo, levou consigo a lista de palavras francesas, pondo-se a recitar baixinho: — abril, a cabrinha, o chão, o enganado, o erro, o mensageiro, os parasitas, o senhor, o toque-toque, o trisavô, o tufo, o vilão, o *vis-à-vis*, o zelo, o zuavo... — De vez em quando ela parava e nós a observávamos; ela gostaria de nos dar o sorriso pacífico de costume, feliz de não estar mais sendo perturbada, antes de recommençar a recitar: — abril, a cabrinha — com o ardor e a serenidade da fé.

Subimos ao nosso quarto por um momento e, quando descemos de novo, C. falava com o hospedeiro e o pescador com bastante vivacidade, em bretão. Explicava que tivera uma discussão com o novo cabeleireiro, que achava muito caro. Falava com muita volubilidade, evidentemente sentindo, por poder fazer gracejos em bretão, o prazer de uma criança que principia a nadar bem para poder fazer alguns movimentos graciosos como os verdadeiros nadadores. Parecia insistir, sobretudo, no fato de que fora muito rude com o cabeleireiro e que não queria absolutamente pagar tão caro, como se tivesse, por acaso, querido dar mais para o pescador e para o hospedeiro, na extrema bondade e generosidade que tinha para com eles. Com efeito, concluiu a conversa mandando abrir uma garrafa de vinho que foi beber com eles. Neste momento descemos. Tínhamos trazido perfidamente conosco, meu amigo *O cura da aldeia*, de Balzac, e eu *A cartuxa de Parma*, de Stendhal, já que, estando a fim de ler esses livros com a paixão que excita uma bela e nova obra, principalmente quando ainda não terminada, não pensávamos em outra coisa e ardíamos de vontade de saber, acima de tudo, a opinião de C. Assim, mesmo não tendo tempo de ler antes do jantar, trouxéramos os livros pensando que ele nos perguntaria o que tínhamos conosco. Mas, em primeiro lugar, queríamos perguntar se havia visto o pôr do sol aquela tarde, o qual nos arrebatara a ponto de quase nos esquecermos, meu amigo do *Cura da aldeia*, eu da *Cartuxa de Parma*, e esperávamos que nos desse sua impressão, talvez, com uma palavra que esclarecesse a

nossa e nos desse mais certeza. Porém, disse-nos que o não vira, que já entrara em casa.

— Tínhamos entrado também — disse eu com timidez —, mas vimos cores tão belas no céu que não pudemos deixar de ir ver o que elas prometiam sobre o mar. A cor é uma coisa tão bela! — Contra a minha vontade, sentia que falava como ele, como se quisesse tentar, assumindo um tom meio afetado, estimulá-lo e perguntar-lhe tudo. — Os mais belos pores-do-sol que já vi foram em Douarnenez — disse ele. Meu amigo e eu decidimos logo, intimamente, ir a Douarnenez. — Pode-se ir lá facilmente daqui? — perguntamos. — Já vou lhes dizer — replicou, e foi para o quarto buscar os horários de trem e dos barcos. Estávamos confusos, pois ele se tirava de seus cuidados por nós por uma coisa que outra pessoa podia muito bem fazer, e decepcionados que não nos dissesse algo que todos poderiam ter dito. É a decepção de um neuropata que gostaria de extrair do médico uma palavra profunda sobre o seu mal, e o médico se contenta em discorrer sobre uma coisa ou outra e diz: — “Mas cubra-se, por favor, está com frio” — ou “Bom apetite, boa viagem” —. Ou de um esnobe a quem uma duquesa manda frutas de seu pomar em vez de um convite para o seu baile. Ficamos esperando, de conversa com o hospedeiro, que se preparava para as grandes pescas de salmão que começavam por aqueles dias e se realizavam todas as noites. Confessamos que seria um pouco duro para nós e que não nos arriscaríamos. “— Certo — disse o hospedeiro —, geralmente ninguém vem cá. O senhor C. vem todos os anos — ah, ele não falta a uma, preciso preveni-lo do dia em que começa. Mas ele, desde há dez anos que vem aqui oito meses em 12, é um verdadeiro marujo.” — C. desceu novamente com o horário dos barcos e leu-os. Fizemos cara de compreensão para agradá-lo. Falamos da pesca do salmão. — Oh, sim, é muito bonita — disse. — Mas isso não quer dizer que faça tudo de novo, porque assimilei os costumes do lugar. Eu teria sido, como isto aqui foi muito bom para mim, professor de filosofia numa cidadezinha do interior, e todas as noites jogaria cartas e beberia cerveja nos bares. Sei que muitos acham ser este o perigo da província e ao qual o espírito não resiste. Balzac pintou essa vida

como o último limite da baixeza, do embotamento a que podia chegar uma inteligência que em Paris poderia ser brilhante. É possível, mas não sou dessa opinião. Para mim, pelo menos, é já tão difícil poder falar para si — disse, com o suave tom de voz que nos encantava tanto —, não posso falar pelos outros. Talvez se trate de espíritos que necessitam de distrações mais intelectuais. Mas, o quê? O teatro, a sociedade? Não digo nada, mas sei bem que isso me faz mal; vejo as coisas menos profundamente, e essa maneira superficial que aí se sente estende-se sobre o resto do meu tempo com uma excitação estéril que me dificulta o trabalho. Não, verdadeiramente não posso falar mal da vida que levo aqui. — Calou-se mas continuava a abanar a cabeça, mirando com um ar indeciso, como um instrumento de pedal que depois de tocar uma ária não volta logo ao silêncio, continuando a prolongar, cada vez mais indistintamente, os últimos sons e, por um momento ainda, está tão impregnado da harmonia que acaba de deixar fugir, e que se crê não ouvir quase, que, se nesse instante quereis tirar dele imediatamente uma diferente, obteríeis uma dissonância.

Passado um momento, meu amigo lhe mostrou *O cura da aldeia*. — Já leu? — perguntou. — Ah, sim, antigamente; é muito bom, não acha? O romance começava com crimes espantosos dentro da cidade e, à medida que a alma das personagens se elevava, subia as encostas, demorava-se na aldeia e findava em grande altitude numa espécie de campanha idílica à maneira de Fénelon, onde os crimes da heroína eram perdoados enquanto ela saneava a região por meio de arroteamentos. Mas não me lembro bem. — Calou-se. — Poderia nos falar ainda dele? — indagou meu amigo num tom de voz tímido e aflito. — Não, não posso, não me lembro bem. Não posso lhes falar muito de Balzac, não o conheço bem. E vocês sabem, é preciso conhecê-lo. Isto parece ingênuo, essas pessoas a quem se pergunta o que é necessário ler de Balzac e que dizem: “Tudo.” Pois bem, é verdade, a beleza não está num livro, e sim no conjunto. Cada romance lido separadamente não é tão bom, e no entanto as personagens que reencontramos em todos são verdadeiramente bem realizadas. É curioso, não? Não sei explicar isso bem. Não, as pessoas que devem falar sobre Balzac são as

que o conhecem bem, não quero dizer sobretudo os literatos; não, antes uma certa geração, vocês sabem, de velhos prefeitos, de financistas um tanto leitores outrora, quando dispunham de tempo, e militares inteligentes. Vejam, o general de S. conhece Balzac admiravelmente. Em casa da princesa de T., que o conhece muito bem, ouvi-os falar às vezes dele, gosto muito de ouvi-los. — Porém, eles não devem ter gosto literário — objetou meu amigo com vivacidade. — Meu Deus, não digo que sim; não, certamente — disse C. — mas em relação a Balzac sim, é assim mesmo, trata-se de uma autoridade, vejam bem, só que também um pouco material: ele agrada a muitas pessoas e nunca interessará do mesmo modo aos artistas. Mas vocês sabem que eles, apesar de tudo, gostam dele. E no fundo é bem curioso, pois julgo que nada nos deveria parecer mais corriqueiro. Visto que, na realidade, o tempo inteiro, não é pela arte que a obra dele nos fascina. É um prazer cuja origem não é de fato muito pura. Ele tenta prender nossa atenção, como a vida, por um monte de coisas más e se assemelha a elas.

* * *

Para essas leituras, ficávamos na sala de jantar, muito bem aquecida — pois o tempo não permitia nenhuma refeição fora — e, muitas vezes, quando a leitura era prolongada, víamos surgir à porta a figura da criada, ansiosa por terminar o serviço e ir dormir. Mas C. se interrompia, prometendo não demorar, para que ela não ficasse ali, o que o incomodava. Outras vezes, a narrativa era cortada de reflexões em que o autor exprime sua opinião sobre certas coisas, à maneira de alguns romancistas ingleses que ele apreciara bastante antigamente. Essas reflexões, na maioria tediosas para o leitor, porque tiram o interesse e desfazem a ilusão de vida, eram o que escutávamos com maior prazer, tão ávidos de conhecer seu próprio pensamento que para nós era ainda mais valioso quando envolto no caráter de uma personagem. Por esta ficávamos sabendo, sem sombra de dúvida, que as coisas que escrevia eram histórias rigorosamente verdadeiras. Ele se desculpava dizendo não possuir nenhuma capacidade de invenção e só poder escrever sobre o que

sentira pessoalmente — desculpa bem engraçada, pois os acontecimentos em seu romance são tão corriqueiros hoje em dia, mesmo naquilo que possam ter de extraordinário, que não haveria necessidade de grandes dons inventivos para imaginá-los. Porém, em que medida ele estava no que escrevera, teria conhecido o duque de Réveillon, poderíamos, indo pelo Mame, ver o moinho de que fala, cuja vinha virgem fora adornada e cuja roda fora reduzida à imobilidade? E principalmente esse Jean, que, com alguns dos defeitos de C., talvez mais qualidades, sobretudo de sensibilidade e até de coração, mas também de saúde muito mais frágil, ao contrário de C., passara por tantas desgraças e tivera tanto talento desperdiçado? Estas questões que não ousávamos pôr diante dele, porque nos desencorajara da primeira vez com uma resposta bastante seca, era o que nos interessava acima de tudo. Pensávamos em consagrar a vida inteira a resolvê-las, o que seria uma boa ocupação, já que ela serviria toda para conhecer coisas que amávamos acima de tudo, e compreenderíamos, assim, quais as afinidades secretas, as metamorfoses necessárias existentes entre a vida de um escritor e sua obra, entre a realidade e a arte, ou antes, como pensávamos então, entre as aparências de vida e a própria realidade que dela fazia um fundamento sólido e que a arte resgatou.

Mas aquilo que parece mais importante num dado momento da vida, quando, por uma ilusão feliz, não duvidamos que tal importância deva permanecer a mesma até o fim da vida, passado algum tempo nem mais cogitamos disso. De volta a Paris, chamados por negócios em princípios de novembro, demos adeus a C., a quem estávamos muito ligados nos últimos tempos, e que, desde o momento em que nos fazia suas leituras todas as tardes, parecia tomar verdadeiro interesse por nós. Deu-nos a impressão de estar comovido com a nossa partida mas não nos acompanhou até Quimper, como fizera com as duas damas inglesas. Deveria voltar a Paris no começo de dezembro. Prometemos ir vê-lo quando voltasse e pensamos, meu amigo e eu, que até lá o tempo custaria a passar. Mas em quatro anos não fomos lá uma vez sequer, não mais que a Kerengrimen, aonde deveríamos voltar no outono

seguinte. Cheios de remorso, prometendo a cada noite aparecer e esquecendo a promessa todas as manhãs, acabamos, contudo, por escrever-lhe, porém ele não respondeu. Passando uma vez próximo a Kerengrimen, pensamos em ir vê-lo, mas estávamos tão envergonhados de nossa mudança a seu respeito que não ousamos aparecer diante dele, que testemunhara os transportes de uma ligação tão pouco duradoura.

* * *

No verão seguinte, S., que eu já não via há vários anos (o mesmo amigo com quem estivera na Bretanha), veio à minha casa. — C. está moribundo — disse. — Tem algo a nos dizer, enviou-me em tua busca e pediu que viesses comigo. É em Saint-Cloud. O enfermeiro que cuida dele está lá embaixo. — No caminho ficamos sabendo que C. morria de tuberculose galopante que lhe poupava a lucidez. Não tinha ilusões nem desgosto quanto a seu estado. Chegamos a uma casinha cujas janelas abertas davam para um jardim.

— Fi-los vir tão longe, e onde, com certeza, não imaginavam, vocês que conhecem minha doença — disse-nos com um sorriso, aludindo a essa febre denominada febre do feno, [\[01\]](#) que não o impedira nunca de ir para o campo. — O campo! Eu que tanto o amei e achava não poder nunca viver lá, eis que hoje ele já não me faz nenhum mal. É um pouco tarde, sem dúvida; porém é conveniente que tenhamos podido chegar a uma reconciliação desse modo, antes que eu morra, como fazem aqueles que um mal-entendido separou mas que, no fundo, são feitos para se compreenderem. Quanto ao mais, algum mal que ele me tenha feito, não fez um bem maior ainda, visto que o amava? Enfim você vê — acrescentou voltando-se para mim —, você que julgava descobrir um remédio para a febre do feno, eu que respondia que tal remédio não existia, você me vê curado pelo único médico em que não havíamos pensado. Sabe que os gregos diziam: a Morte é o grande médico, porque só ela nos livra de nossos males. Creio que nossos médicos, pelo que conheço de suas obras, entendem-na assim em sentido patológico. E Felicidade (era a sua criada) é da mesma

opinião, pois me dizia esta manhã (vocês sabem que ela me ama, mas como mulher do povo ama-me a ponto de me incomodar, como se alguma coisa ainda pudesse me tirar o sossego): “Eu ainda tinha esperança por esses dias, mas, quando vi o senhor chegar ao campo e aí não espirrar nem sufocar, disse comigo: ‘Desta vez é o fim, não irá longe.’” E assim a palavra “morrer” só é real para mim — disse. — Desde ontem de manhã, os hábitos que nunca ninguém conseguiu me tirar desapareceram, como os pássaros que, por uma espécie de pressentimento, fogem da casa de um morto. E suponho que seja para não mais voltar. Pela primeira vez, desde os 25 anos, pude dormir sem deixar a janela aberta, e a natureza fez num instante o que minha mãe por meio de repetidas e diárias súplicas, durante 20 anos, não pôde obter. O que sempre achei tão belo na natureza é como pode ela unir e desunir com facilidade. Eu que temia tanto a morte por essa impossibilidade que sempre tive, nos lindos dias da minha vida, de aceitar os contrários, ela soube torná-la bem amável para mim, enviando-me seus ministros, os desgostos, o sofrimento. Eles me prepararam tão bem que hoje chego a desejá-la. Por mim mesmo, nunca teria chegado a isto. Nisso é que a admirei mais, quando ela fazia mudanças em mim. Um dia, a gente não sofre mais pelo desgosto que nos tornava inconsoláveis, toleramos, sem pensar nele, um sofrimento que acreditávamos insuportável. Por uma pessoa que muito amei antigamente, sofri os tormentos do ciúme. E depois de dois anos sem vê-la, como o ciúme não me largasse dia e noite, fiquei certo de que me acompanharia até a morte. Era como as crianças que creem que a noite não acaba mais. Curei-me quase no final do segundo ano e não mais sofri desde então. É nessas curas que admiro a natureza: são tão miraculosas e tão simples. Para falar a verdade, creio que, como esses médicos que sob diversos nomes de calmantes lhes dão ópio, seus remédios são sempre à base de olvido, ou antes, de hábitos, que é o nome verdadeiro, vocês sabem, o olvido não passa de uma variedade. Não sei se existe piedade, embora sejam tão doces, na substância dessas belas leis que nos encaminham a uma outra condição, mas certamente há grandeza.

* * *

Dias depois, os jornais anunciaram que havia morrido. E, como entre os papéis encontrados em sua casa, não se falava do romance do qual tínhamos uma cópia, decidi-me, já que meu amigo cuidava de outros assuntos, a publicá-lo.

Os serões de Saint-Germain. — Os serões de Dieppe. — O sr. Sandré. — Marie Kossichief. — Amanhã. — Os Champs-Élysées. — A carta. — Separação. — A sra. Lepic. — Jean no colégio. — O liceu Henri IV. — O sr. Clodius Xelnor. — Poesia e verdade. — As raparigas.

I. Os serões de Saint-Germain

A portinha do jardim fechou-se lentamente sobre o pequeno Jean, que viera pela terceira vez dizer boa-noite à mãe e fora muito mal recebido. — Ele está um pouco triste, doutor — disse a sra. Santeuil com doçura, voltando-se para o professor Surlande, para desculpar o filho. — É a primeira vez que não vou lhe dar boa-noite na cama, e isso o deixa muito aflito. É tão impressionável. — É o que chamamos um tipo nervoso — comentou o doutor, sorrindo como se gracejasse. — Além do mais, sua fâcies o indica bem. O sr. Marfeu trata-o certamente com água fria. — Água fria? — disse espantada a sra. Santeuil. — Não, o sr. Marfeu nos recomendou que tivéssemos o cuidado de servir só água quente. — Água quente? — disse o sr. Surlande rindo. — Ah, na verdade, água quente, é curioso. Além do mais o sr. Marfeu é um sábio notável, e a senhora não poderia escolher melhor médico para seu filho. Mas espero que não seja eu quem a impeça de ir lhe dar boa-noite, minha senhora — disse cortesmente o doutor. — Oh não — exclamou a sra. Santeuil —, não queremos que ele conserve esses hábitos de menina. Durante muito tempo a má saúde dele obrigou-nos a cuidados que lhe tornaram mais tarde a vida impossível. E queríamos, meu marido e eu, educá-lo de maneira viril. — Que contam fazer dele? — indagou o doutor. — Ele só tem sete anos, doutor — respondeu a sra. Santeuil. — No entanto, já temos ideias muito definidas sobre o seu futuro. Não que desejemos contrariar em nada os desejos de nosso filho, que será sempre livre nesse ponto, desde que suas preferências se inclinem para uma carreira de verdade, como a magistratura, a diplomacia ou a advocacia. — Mas supondo que ele revele grande aptidão para a música e a poesia? — perguntou o doutor. — Oh, todos os pais, doutor — disse a sra. Santeuil com vivacidade —, acham que seus filhos são pequenos prodígios. Criam-nos para não fazerem nada e se

acharem uns gênios incompreendidos, porque um pequeno trecho que faz as delícias da família, e que o professor considera extraordinário, não é tocado em público nem pago pelos editores. É uma carreira se se trata de Mozart ou Beethoven. E além disso — acrescentou a sra. Santeuil com firmeza — não desejo que meu filho seja um artista de gênio. Preferiria vê-lo com sua verdadeira inteligência e as boas relações de seu pai entrar para o serviço diplomático ou atingir uma posição importante na alta administração, bem remunerada e respeitada. No entanto, procuro despertar nele o gosto pela poesia. — A senhora não sonha com a medicina? — perguntou o professor. — Oh! não, doutor. É muito bonito — acrescentou com uma timidez entusiasta — quando se chega a fazer um nome como o seu. Mas... — Ah! É preciso trabalhar sem descanso — disse o doutor com um olhar retrospectivo. — Será que ele está deitado? — ajuntou mostrando no andar superior da casa às escuras uma única janela iluminada. — É lá — disse a sra. Santeuil. — Proibi que deixem a luz acesa nos outros quartos, por causa dos mosquitos que poderiam entrar pela janela aberta. — A explicação é muito boa — disse o doutor. — Em pleno dia. E o solo daqui é argiloso, não? — Mal informada, a sra. Santeuil guardou um silêncio grandioso. A luz se apagou, a janela se confundiu na obscuridade das outras.

— Está deitado — disse a sra. Santeuil, satisfeita com esse desvio. — Não está com frio, doutor, não será melhor colocar o sobretudo? Aí vêm meu marido e meu pai, que foram buscar os seus agasalhos e poderiam trazer o seu. — Não, obrigado, minha senhora, a temperatura é bastante agradável. A senhora tem um belo jardim, com uma fonte que parece pura. — É bem bom quando faz calor — replicou modestamente a sra. Santeuil —, e dentro de alguns anos, quando já não formos deste mundo, será de bom proveito para Jean respirar este ar puro, se daqui até lá não se fortalecer. — O sr. Santeuil, sentado em silêncio, observando sua mulher com doçura, foi transportado por estas palavras: “quando já não formos deste mundo” — ao tempo em que sua mulher era viçosa e bela, e aos longos anos que se haviam seguido. A cabeça inclinada para trás sobre o espaldar da poltrona, a sra. Santeuil via o

céu inumerável, mergulhava no vago devaneio a que nos leva uma grande pintura, uma inscrição célebre e indecifrável que não compreendemos, e procurava na Via Láctea o astro também vago, brilhante e longínquo de seu querido Jean. O doutor olhava os dois com simpatia. Inclinando a cabeça descontente sobre um traje desprezível e cuidado, o sr. Sandré, pai da sra. Santeuil, fumava cachimbo em silêncio.

Foram arrancados desse silêncio pelo ruído penetrante do jato d'água e pelo aroma das roseiras, que lhes pareceu uma novidade, porque, em seu devaneio, haviam deixado de percebê-los. — Sentimo-nos bem aqui — disse o doutor. — Não é mesmo? — respondeu o sr. Santeuil. — Também, para possuir este jardim às portas de Paris morei durante muito tempo num pequeno apartamento, fiquei muito tempo sem carruagem. Nenhum luxo poderia substituir o prazer de tomar a fresca à noite, debaixo desses grandes castanheiros, e de ir a Paris de manhã, na minha pequena charrete, pela floresta. — O senhor gosta da natureza? — indagou o doutor. — Não sei bem — respondeu o sr. Santeuil. — Não gosto muito de quadros, e minha mulher me faz dormir depressa ao ler os versos de Alfred de Vigny. Mas, enfim, gosto muito deste jardim. — A sra. Santeuil, posta assim de parte, não replicou palavra, pois deixara há instantes de ouvir a conversação. Levantando o olhar, percebera a luz novamente acesa no quarto de seu filho e ficara vivamente contrariada. Era preciso, não obstante, que um menino de sete anos aprendesse a dormir sozinho. Assim, esperando que Jean voltasse a adormecer, decidiu deixar passar algum tempo antes de subir para junto dele, para ver se a luz se apagava. Em pouco a janela se abriu, uma figurinha loura se mostrou lá em cima com uma camisola branca e disse suavemente: — Mamãezinha, preciso de ti por um instante. — Jean, fecha depressa a janela, vais te resfriar, que loucura! — gritou a sra. Santeuil, que se erguera assustada. — Que fraqueza — exclamou o sr. Sandré. — Vocês estão habituando mal essa criança. — Deixe — disse o sr. Santeuil rindo —, se a mãe não vai até lá ele não dorme. E nós vamos nos incomodar durante uma hora. — Não me importo de ser incomodado — disse o sr. Sandré, solene. — Passaria bem com os

incômodos, desde que esse menino se comporte melhor. Não vale a pena, para sua comodidade, encorajar sua mulher a pajear um príncipe. — O sr. Santeuil não respondeu. A sra. Santeuil disse ao pai: — Mas papai, é para o bem dele mesmo, é preciso evitar esses nervosismos prolongados. É pena que eu tenha de subir, mas é necessário. Estou envergonhada pelo senhor, doutor. Vai julgar mal essa criança. Não é tão bobinho assim todas as noites, mas é tão nervoso, não é culpa dele.

A hora de deitar era, todos os dias, um momento verdadeiramente trágico para Jean, e cujo vago horror parecia mais cruel. Já quando a tarde descia, mesmo antes de trazerem os lampiões, todos pareciam abandoná-lo, e ele teria querido se aferrar à luz, impedi-la de morrer, arrastá-la consigo na morte. Mas podia se distrair um pouco dessa angústia indefinida e profunda indo até a cozinha, falando com a mãe. Logo chegava seu grande lampião, espalhando sua luz cordial, inundando a mesa e o coração de sua bondade poderosa, com uma doçura uniforme. Mas, no momento de se deitar, Jean não dispunha mais do socorro da atividade nem da luz. Era preciso dizer boa-noite, ou seja, deixar todo mundo durante a noite inteira, renunciar a ir falar com sua mãe se estivesse triste, pôr-se de joelhos se se sentisse muito só, apagar até a triste vela, nem se mexer mais para poder dormir, ficar como uma vítima abandonada, muda, cega e imóvel, entregue ao horrível sofrimento indefinido que crescia pouco a pouco como a solidão, como o silêncio e como a noite. Porém até aquela noite, logo que Jean acabava de se despir, chamava sua mãe e ela vinha beijá-lo na cama. Esse beijo era o doce viático, esperado tão fervorosamente que Jean se esforçava por não pensar em coisa alguma enquanto tirava a roupa para transpor mais depressa o espaço de tempo que dele o separava, a doce oferenda de bolos que os gregos prendiam ao pescoço da esposa ou do amigo morto ao deitá-lo na tumba, para que fizesse sem terror a viagem subterrânea, atravessasse farto os reinos sombrios. Assim, Jean saboreava longamente as faces macias da mãe, e em seguida, sobre a fronte febril do filho, ela depunha um beijo suave como uma compressa, que através da pele ardente e fina se insinuava em suas franjas louras, vindo

acalmar seu coraçãozinho. Então ele dormia. Esta noite, na cama, a dádiva era esperada com impaciência febril e seu poder maravilhoso acalmaria, como um encantamento, como o azeite ao mar, seu coração agitado. O gesto de sua mãe, ao abaixar-se para beijá-lo, extinguiu de imediato a inquietação e a insônia. Era isto o que ia lhe faltar, e lhe faltaria doravante todas as noites. Apesar de sua tristeza, fez esforços sinceros para dormir. Apagara a luz, como o havia notado há pouco o doutor no jardim. E esforçando-se por não pensar em nada, dizia consigo que a mãe era na verdade bem rude por fazê-lo sofrer dessa maneira. Imaginava-a conversando agora com o doutor e com seu pai, e o espetáculo dessa cena fazia mais intolerável sua imobilidade forçada. Primeiro, a possibilidade de chamar a mãe se apresentou, de fato, a seu espírito, mas foi rechaçada logo pelo temor de desgostá-la e de ficar zangado com ela vários dias. A sra. Santeuil, para impedir que o filho se entregasse ao nervosismo, procurava envergonhá-lo como se se tratasse de um mau procedimento. Era o único ponto em que fora severa com ele. E ele, pequeno demais para saber distinguir o moral e o físico, a liberdade e a necessidade, sentia-se obscuramente responsável por sua agitação, por sua tristeza e suas lágrimas, sem ter, no entanto, forças para dominá-las. Jean ouvia no corredor o passo de Augustin, o velho criado, que trazia para a sala de jantar a baixela lavada. Chamou-o. Augustin, habituado com os nervos do sr. Jean e não desejando largar sua baixela, fez que não ouviu. Porém Jean, irritado e com medo de não se fazer ouvir mais depois que ele tivesse entrado na sala de jantar, chamou Augustin com mais força: — Augustin, peço-lhe que vá logo buscar mamãe. — Não ousou dizer: “Se eu lhe pedir, você vai buscar mamãe?” — de medo de receber uma recusa, cuja possibilidade, pelo visto, era perfeitamente provável. Augustin, por seu turno, evitou dizer não, mas respondeu com doçura e bonomia: — Como, ainda está acordado, sr. Jean? É tarde, é preciso dormir, não convém perturbar a sra. Santeuil, que está com o sr. doutor Surlande. Não seria delicado. Ela não poderia deixá-lo assim no mais e ralharia por termos ido incomodá-la. — Ela não ralhará com você se sou eu que lhe peço para ir lá — disse Jean com vivacidade. — Certamente não irei — disse Augustin. —

Você irá, se eu lhe disser — retrucou Jean com violência. — Mas por enquanto não digo nada. Vá embora, vou tentar dormir de novo. Boa noite, Augustin. — Boa noite, sr. Jean. — Essa troca final de saudações amistosas suavizou um pouco a amargura que a resistência de Augustin derramara no coração de Jean. Contudo, ele estava inteiramente desperto e não tinha mais nenhuma vontade de dormir. Seus olhos, agora, se mantinham bem abertos na obscuridade. Levantou-se, foi até à janela, viu sua mãe bem perto, e seu pai e o doutor, pois a luz da lua, como lâmpada bem próxima, iluminava-os sem destacá-los, parecendo mostrá-los e escondê-los ao mesmo tempo. Pelo movimento tranquilo das figuras, ele adivinhava a indulgência das palavras que não ouvia. De súbito, o desejo culposos que envergonhara sua solidão fremente, chamar sua mãe pela janela, lhe pareceu algo muito simples, muito natural. Sua mãe lá estava, viria num instante até ele. Estava decidido, agora, bastante calmo e, por essa mesma calma, seguro de seu ato. Com um leve temor abriu a janela, chamou como vimos, correu precipitadamente para a cama e enfiou sob as cobertas aquecidas a alma ansiosa e o corpo transido. Agora, o prazer que teria de beijar a mãe não era nada para ele. Sabia que ela estava zangada. Aquela noite, sem dúvida, a fim de não agitá-lo ainda, ela não faria cara feia, mas e amanhã? E por quê? Por que não poderia fazer as coisas que lhe davam prazer e que, depois disso, era como se não as houvesse feito, a suave indulgência de antes?

Mas sua mãe chegou e ao calor de seu beijo todas as aflições dissolveram-se em doçura, em lágrimas. — Mamãezinha, a testa está quente, estou com os pés frios, não consigo dormir. — A mãe aconchegou-lhe os pés entre suas mãos e não muito suavemente, para não lhe fazer cócegas, esfregou-os nas palmas. Eles se aqueceram. — Tenho de descer de novo, meu pequeno Jean, para ficar com o doutor Surlande; boa noite. — Boa noite, mãezinha, obrigado. — Mas, no momento em que a mãe ia fechar a porta, Jean, sentindo que ela saía sem que ele pudesse agora fazê-la voltar, irrevogavelmente, não se pôde conter, pulou para fora da cama e se agarrou por trás à mãe, num movimento tão vivo que ela só faltou cair e, perdido entre a gravidade do ato realizado e a

inquietação desesperada que teria sucedido à partida de sua mãe, rompeu em soluços. A mãe, zangada, quis ir embora, recriminá-lo. Os soluços aumentaram. Ele a deixou e rolou sobre a cama, o peito oprimido, dando gritos, empenhando-se agora em consumir sua falta pela violência que o remorso exercia contra si próprio. Depois, deitou-se novamente, e sua mãe, entristecida com o sofrimento do filho, impotente em curá-lo, diante do retrocesso dessa noite, quando esperava ter conseguido que ele dormisse sem ela, e que levava de volta ao nervosismo dos anos precedentes, e também contrariada por deixar o marido e o doutor sozinhos, instalou-se com resignação à cabeceira do filho. Augustin, que ouvira os passos da senhora, os gritos de Jean e que, à inconveniência que vira em ir incomodar a senhora enquanto lá estivesse o doutor, media toda a importância que ela dava à insônia de Jean para deixar desse modo aqueles senhores, Augustin, para quem o senhor Jean se tornara de repente, de uma criança que ele amava e com quem brincava, uma personagem importante, cujo temperamento podia fazer fracassar as mais imperiosas necessidades humanas, Augustin, temendo incomodar a senhora, desejoso de lhe prestar serviço e sobretudo de ver o que fazia o sr. Jean, Augustin, depois de ter girado a maçaneta alguns instantes, entreabriu a porta e deu uns passos na ponta dos pés. Sua fisionomia alegrava-se com uma curiosidade tímida, uma familiaridade respeitosa e uma extrema incerteza. — A senhora não precisa de nada, o sr. Jean está bem? — Jean, que enxugara os olhos ao primeiro ruído, glorioso de seu poder sobre a mãe, do qual Augustin parecera duvidar, e que a fazia permanecer ali, longe do doutor e do patrão, sorria para Augustin com a satisfação do triunfo, adocada pela benevolência afetuosa que dá o sentimento de uma superioridade gritante e reconhecida. — Veja você, Augustin — disse a sra. Santeuil com tristeza —, o sr. Jean nem mesmo sabe o que tem, o que quer. Ele sofre dos nervos.

Logo que Jean dormiu, a sra. Santeuil desceu suavemente para não acordá-lo e voltou para junto do marido e do doutor, o qual se preparava para ir embora. — Estou passada, doutor, por havê-lo feito assistir de longe a essa pequena exibição. — Mas como, minha senhora — disse ele, despedindo-se —, eu é que estou desolado

por tê-la impedido de permanecer o tempo todo junto dele. Felizmente — acrescentou rindo — os desgostos dessa idade não têm importância.

É permitido crer que Jean se enganava menos que o irônico doutor tomando-os a sério. Era contra o próprio metal de seu coração que soavam essas horas infantis e o som produzido então poderia tornar-se mais grave quando o coração endurecesse, rachasse ou viesse a ser mais profundo, mas permaneceria sendo o seu som. Na sequência desta narrativa, não falaremos mais da inquietação de Jean no momento de adormecer. Sua vida nos arrastará mais além como o arrasta a si próprio, e, lamentavelmente, não é possível viver duas vezes a sua infância. O leitor, no entanto, não teria razão em acreditar que mesmo em relação a esse ponto de vista tão particular ele mudou por completo. O hábito, a única das antigas potências do mundo que é mais forte que o sofrimento, pôde vencer pouco a pouco, em Jean, a angústia cruel de que o viram padecer e da qual sofreu a infância inteira, todas as noites. Mas na juventude, e mesmo na maturidade, cada vez que uma circunstância qualquer vinha suspender os efeitos anestésiantes do hábito, cada vez que à hora de deitar fosse consideravelmente tarde, cada vez que uma luz ou um ruído insólito o impedisse de conciliar o sono inconscientemente, ele sentia acordar no fundo de si, vaga como uma figura conhecida e perdida de vista, uma inquietação velha como ele próprio. Se era apenas uma luz ou um ruído incomuns, um retardamento da hora de deitar o que o impedia de realizar inconscientemente o ato de dormir, a inquietude era leve e não demorava. Mas todas as vezes que Jean tinha de dormir, num palácio ou num hotel, num quarto novo, por mais que sentasse à cabeceira da nova cama enquanto lia ou sonhava com Alexandre em Penta, cuja intimidade fazia parecer de pouca importância sua vida e seus aborrecimentos, e com quem se esforçava por fazê-los voar como grão de trigo na poeira dos séculos, por mais que procurasse sair da solidão e do escuro transportando-se em pensamento para a manhã dos dias seguintes, sua pequena alma inconsolável de criança que não podia dormir voltava todas as vezes como uma sombra, impelindo para junto dele

seus gritos agudos e suaves. Sem que ele a pudesse sufocar, e chocando-se nas quinas, ela rodava sem parar no quarto novo, desconhecida e obscura como um morcego. Além disso, as palavras que a sra. Santeuil deixara escapar aquela noite quando, respondendo a Augustin, lhe dissera com tristeza: “Veja você, Augustin, o sr. Jean nem mesmo sabe o que tem, o que quer, ele sofre dos nervos”, tais palavras que, como vimos há pouco, deram tanta satisfação a Jean, subtraindo à sua vontade, para atribuí-los a um estado nervoso involuntário, a responsabilidade pelos gritos e soluços dos quais tinha tanto remorso, essas palavras causaram-lhe mais que uma alegria momentânea, elas exerceram em sua vida uma influência profunda. Este sentimento inteiramente novo de sua irresponsabilidade que sua mãe vinha reconhecer de público diante de Augustin, como se reconhece um novo governo, dava-lhe direitos, garantia-lhe a existência, assegurava-lhe o futuro. As lutas tão cruéis e tão fecundas que Jean, desde a infância, travava consigo a todo instante cessaram no dia em que o nervosismo que ele se empenhava em combater lhe foi pintado ainda como deplorável porém não mais como culpado, e que em lugar do dever de evitar uma falta, cabia-lhe apenas a vantagem de tratar de uma doença. É claro que sua vontade, já então, era bem frágil. Somente aos poucos, depois de esforços constantes, é que ela teria podido controlar os nervos que se mostravam sempre ameaçadores diante dela e contra quem se quebrava, porém mais forte e mais bela, como o mar contra os rochedos.

Enfim, temos uma última razão para, como o próprio Jean, levar a sério esses desgostos da infância: é que, malgrado o sorriso do doutor ou de seu pai, ele nunca os experimentou mais cruéis. Mais tarde, de fato, quando estava triste, os interesses, as ocupações, as ideias, as lembranças lhe organizavam uma escala pela qual, se ele tivesse o poder de discerni-la, poderia, de reflexão em reflexão ou de criatura em criatura, evadir-se nesse campo de esperanças e séculos onde o espírito pode correr como um poldro solto. Mas sua infância se agitou miseravelmente no fundo de um poço de tristeza de onde ninguém a podia ainda ajudar a sair, e que a própria ideia da causa de seus desgostos não esclarecia ainda. De sua tristeza,

por outro lado, ele conheceu apenas as causas secundárias, pois a causa primeira lhe pareceu sempre tão inseparável de si mesmo que não pôde renunciar nunca a ela senão renunciando a si próprio. Só entrou dentro de si mesmo depois de mais ou menos longas ausências do lado de fora, sem percebê-la primeiro no limiar, com seu rosto inquieto de outrora. Então, surgia também a alegria, uma alegria que partilhava seu coração com a tristeza e que tinha muitos direitos sobre ele, visto que era bem sua, franca e um pouco inquieta como o sol que ri sobre o mar agitado ou sobre o regato por um momento... Mas ela não nascera àquela época. Naquele tempo a tristeza reinava sozinha sobre a sua infância sombria.

II. Os serões de Dieppe

Chegou setembro. O sr. e a sra. Santeuil se prepararam para deixar Saint-Germain. Jean sentia-se muito triste por ir embora. Desde as seis horas, quando começava a escurecer, ele se virava muitas vezes para trás a fim de olhar o céu rubro que barreava a entrada negra da floresta, e ia com prazer para a sala de jantar toda iluminada pela luz da lâmpada e invadida pelo odor do caldo que se servia. Era, porém, preciso ir a Dieppe. O mar e a areia resplandecentes doíam-lhe nos olhos. Não olhava o pôr do sol. Todavia, muito tempo depois do ocaso, quando já era noite sobre o mar, que estava da cor azul acinzentada de uma cavala, tão rijo que as barcas pareciam cortá-lo, semelhando antes, aqui e ali, um grande banco de areia, ele então notava, à beira da floresta de Arques, essa barra vermelha que protegia a entrada da floresta de Saint-Germain e, erguendo o pescocinho contra o vento fresco que lhe salgava os lábios, sentia-se contente por entrar em casa e aquecer-se ao fogo que já ia iluminando um pouco o entardecer.

— Creio que Jean gostará da poesia — disse a sra. Santeuil a seu marido com aquela expressão tímida que dava ao começo de todas as suas frases o temor de que sua ternura humilde e apaixonada pudesse aborrecê-lo, perturbar seus pensamentos, sua digestão e seu repouso. — É mesmo — replicou o sr. Santeuil com indiferença e, deixando recair os braços sobre o colete branco, pôs-se a olhar o peitoril da janela com um aspecto majestoso que adquirira no curso da vida pública e, principalmente, na vice-diretoria das Letras, na realização de tantas funções honoríficas, e que moderava apenas no trato doméstico com uma naturalidade familiar. Depois fumou um cigarro. Os cigarros de seu marido tinham extraído aos processos sobre os quais tantas vezes haviam deixado cair uma cinza indiscreta e fazer evoluir um ligeiro fumo, às audiências que elas tinham durante muito tempo distraído e aromado, e sobretudo à

capacidade excepcional e à situação oficial de seu marido que os erguia à boca repleta de palavras sempre ouvidas, frequentemente decisivas, uma importância que lhe parecia de seu dever de mulher inteligente e devotada respeitar e, se preciso, defender. Se o sr. Santeuil não fosse o marido excelente, cheio de admiração pela inteligência superior e o tato de sua mulher, cheio de reconhecimento por sua deferência e devotamento apaixonados, e desse a impressão de querer desfrutar fora de casa prazeres inconfessáveis, é provável que a sra. Santeuil se imolasse a essa nova premissa da felicidade de seu marido e da grandeza do Estado. A bem dizer, o sr. Santeuil ainda não fora chamado a dirigir-lo de fato, não tendo sido ministro, porém antigo senador da Drôme e duas vezes membro da comissão de orçamento, vice-presidente da comissão das colzas, [\[02\]](#) secretário da comissão das misérias suburbanas, antigo presidente de Câmara na Corte de Apelação, o mais íntimo amigo do presidente da República e sobrinho do ministro da Guerra, oficial da Legião de Honra há já dez anos, exercia sobre o encaminhamento dos negócios uma influência considerável. Se recebia as honrarias de sua posição, tinha também os desgostos dela provenientes. Ninguém era mais solicitado pelas pessoas que ambicionavam viajar sozinhas de trem, assistir na neve ao enterro de um marechal de França, obter promoções, condecorações, uma tabacaria ou bilhetes na tribuna para a parada de 14 de Julho. Empilhava na escrivaninha as cartas de pedidos, ao lado da pilha de bilhetes de que podia dispor, a fim de fazer a distribuição final no dia azado. A liberdade de espírito que ele conservava para contentar dessa maneira cada um no meio de tantas ocupações fazia-o impor-se sobre todos, e maravilhava a sra. Santeuil. Muito mais inteligente que o marido, dotada de senso artístico, de uma compreensão geral das coisas, de um tato e de uma sensibilidade que quase deixavam em falta o marido, a sra. Santeuil estava convencida de que todos esses dons não valiam grande coisa, visto que um homem da superioridade de seu marido não os possuía. Ela gracejava sobre a incompetência dele diante de uma obra de arte ou de um passo difícil da vida, sua falta de tato ou mesmo sua dureza para com um interlocutor, com uma doçura

afetuosa, feito a mulher de um artista a gracejar sobre sua distração e seus enganos. E quanto aos trabalhos, aos pareceres que redigia com tanta clareza, com um conhecimento profundo do direito aliado a tanta elegância, pensava que ela e todas as naturezas como a sua seriam incapazes de tal, que isso exigia uma inteligência especial, muito rara e infinitamente superior.

O sr. Santeuil atirou fora o cigarro e sua mulher lhe fez a mesma acolhida alegre e lisonjeira com que o aguardava quando, acabando de trabalhar, ele fechava o tinteiro e vinha para junto dela. Ela o beijou e olhou-o com um sorriso em que luziam a honestidade e a despreocupação. Ele abriu a janela. — É o navio de New Haven que parte. — A sra. Santeuil se inclinou para olhá-lo. Diminuía de tamanho, porém ouviam-se ainda, sob seu casco negro, as batidas e os impulsos do vigoroso mar, espumoso como cerveja, e que, todo ao sol, assemelhava-se aos campos onde uma plantação verde alternasse com uma azul, enquanto aqui e ali brilhassem restos de neve, ao passo que em outros pontos ela seria cinzenta graças à sombra das nuvens em grandes trechos. — Se eu não tivesse tanto trabalho — disse o sr. Santeuil, cujos olhos já não distinguiam o barco a vapor no horizonte — gostaria muito de ter uma casa à beira-mar e aí passar vários meses. — Mas o mar sem navio lhe pareceu triste; fechou a janela e acendeu outro cigarro. — Gostas demais da natureza! — exclamou a sra. Santeuil, que durante esse tempo todo degustara longamente a satisfação de que os olhos do marido estavam cheios. — Creio que, por esse lado, Jean saiu a ti se gosta de versos.

— Eu me acabaria com isso — disse com violência o sr. Sandré, que, inclinando a cabeça sobre um traje ordinário e cuidado, fumara o seu cachimbo em silêncio num canto e se pusera a dar grandes passadas de um lado para o outro da peça com a lentidão precipitada em que a fraqueza de sua idade tinha de lutar ainda com a violência de seu temperamento. — Seria muito engraçado — acrescentou com ironia — se este senhorzinho, em lugar de seguir as pegadas do pai, fizesse parte um dia desse bando de tratantes. — O sr. Santeuil, um pouco mais distante, não pôde deixar de sorrir. — Temos tempo, não vos inquieteis — disse sorrindo com uma

tranquilidade natural que assumia sem custo o nome de filosofia. — O tempo, o tempo, tempo coisa nenhuma! É o que dizem sempre, o tempo, e durante esse famoso tempo os anos passam e ninguém corrige nada e vemos um rapaz, filho de um grande homem inteligente, rico, e que poderia ambicionar qualquer coisa acabar dissipando a fortuna bem adquirida, desonrar o nome universalmente considerado de seu pai e terminar morrendo de fome ou, coisa pior, numa corja de celerados homens de letras, onde os privilegiados, que não são meros vagabundos, são cestos furados como Lamartine ou velhos sovinas como Victor Hugo. Valeria o mesmo dar-lhe uma corda para se enforcar. — Não se inquiete, papai — disse a sra. Santeuil, em quem os atritos múltiplos de um metal mais mole haviam apagado um pouco a dura imagem das ideias do pai sem no entanto a tornar irreconhecível. — Além do mais, tivesse eu a intenção (Deus me livre!) de transformá-lo num poeta, creio que o não conseguiria. Li para ele frequentemente *Meditações* poéticas, o *Horácio* de Corneille e as *Contemplações*, pois acho que as boas leituras, mesmo mal entendidas no começo, só podem verter no espírito um alimento sadio e delicado que lhe será proveitoso mais tarde. Pois bem! Ele nunca me escutou mais de cinco minutos. — O sr. Sandré respondeu: — Mostrou ele assim que é mais ajuizado que você, que faria melhor em lhe ensinar aritmética, história contemporânea, e em lhe fazer a cama sem travesseiros, já que, para continuar a fazê-lo deitar sobre travesseiros, mais valeria dar-lhe veneno. — O sr. Sandré sentou-se de novo e pareceu deixar de notar o presente de seus olhos, onde todo o passado olhava de frente o futuro inteiro. Voltou a fumar. — O novo ministro dos Negócios Estrangeiros tem em alta conta os literatos — disse o sr. Santeuil, que era levado a só dar importância aos fatos particulares e às pessoas do governo. — Ele diz que o futuro lhes pertence e que ele daria de bom grado sua filha em casamento a um escritor. — Ele o diz, mas não creio que o faça — respondeu a sra. Santeuil em voz baixa e satisfeita ao notar que o pai não ouvira as últimas palavras do marido, pois empenhava-se em evitar toda e qualquer divergência entre eles.

* * *

— Sim, eu ainda vi Mme. Récamier, foi no teatro, ela estava com Chateaubriand, o imperador estava no salão, em 1806, faz sessenta anos — disse o sr. Sandré. E seus olhos fixavam essas imagens intactas e moventes que a vida depusera neles antigamente. E agora que essa vida voltara ao nada há tanto tempo, ela mesma com sua mobilidade que ninguém saberia imitar, um gesto de Mme. Récamier, a entrada do imperador, passavam ainda diante dos olhos do velho. E o olhar que os acompanhava era bruxuleante e fraco como uma luz que, para chegar até nós, deve atravessar muita noite e obscuridade. Para falar a verdade, o sr. Sandré não precisava se esforçar para recordar essas imagens de uma vida distante, esses momentos que, tão longe do presente, foram para ele um presente, quando a felicidade de sua filha ao lado de quem se sentava, a carreira de seu genro que lhe ficava defronte, a saúde de seu neto, que acabavam de mandar deitar, o interesse que o ministro Marie, sentado do outro lado de sua filha, mostrava por todos, esses únicos filhos com quem trocava reflexões agora, essa trama de sua vida e de sua fortuna, eram inteiramente ausentes de sua vida. Naquele tempo, todos repousavam ainda no futuro desconhecido que é para nossa vida presente como se não existisse, e ao qual, quando acontecer, sacrificaremos de bom grado — como o sr. Sandré à sua filha, a seu genro, a seu neto sua vida de outrora, seus amigos de então mortos há tanto tempo — toda essa vida passada, da qual somos os únicos a nos lembrar, se bem que ela se nos represente um pouco como um dos sonhos que podemos recordar, mas que só teve lugar para nós. Não, para voltar a essas imagens de um passado distante, o sr. Sandré não precisava fazer nenhum esforço, não tinha de atravessar o longo espaço de meio século e voltar a passar por todos os momentos que o haviam conduzido pouco a pouco desses momentos antigos a essa vida de hoje, tão diversa, onde não subsistia nada da primeira, a não ser talvez um certo temperamento violento e bom caráter, já experimentado porventura, quando era um rapaz cheio de vigor, por uma amante ou por sua mãe, e o tabelião com quem trabalhava. Não, o sr. Sandré não

precisava atravessar esses momentos inumeráveis. O gênio da memória que, mais rápido que a eletricidade, dá volta à Terra e dá volta ao tempo com a mesma rapidez havia depositado as imagens em seus olhos sem que se apercesse sequer de que um segundo transcorreria. A eletricidade não leva menos tempo para conduzir à nossa orelha reclinada sobre o receptor de um telefone uma voz contudo bem distante, que a memória, este outro elemento poderoso da natureza que, como a luz ou a eletricidade, num movimento tão vertiginoso que nos parece um imenso repouso, uma espécie de onipresença, está ao mesmo tempo em toda parte ao redor da Terra, nos quatro cantos do mundo onde palpitam sem cessar suas asas gigantescas, como um desses anjos imaginados na Idade Média. Porém, no momento em que essa voz amada se dirige a nós dentro do telefone, parece-nos sentir que vencemos essa distância sem termos tido tempo de perceber. Assim, quando acordamos depois de algumas horas de sono no trem, estamos em presença de lugares novos que nos cercam, se não como o cansaço, quase como a vertigem das distâncias que a máquina a vapor percorreu por nós. Poucos instantes se passaram, mas temos a sensação de que tudo aquilo que, com rapidez milagrosa, aconteceu mudou à nossa revelia. Assim os olhos do sr. Sandré contemplavam instantaneamente essas imagens distantes, mas a sensação dessa atmosfera tão longa de dias atravessados de imediato estava todavia entre essas coisas e ele. E havia em seu olhar, como nessas vozes ouvidas ao telefone, algo como a fadiga da sombra transposta. O que víamos em seus olhos era algo muito longínquo como as estrelas, embora não possamos enxergá-las longe de nós. E, com efeito, muitas das coisas que continuavam enviando raios vívidos ao seu pensamento, Mme. Récamier, seu gesto, o imperador, o movimento de sua entrada, não existiam mais, feito essas estrelas extintas mas cuja luz nos alcança ainda.

Sem refazerem essa viagem incomensurável e rápida que o pensamento do sr. Sandré tinha de cumprir, seu genro e Marie calculavam apenas, é claro que entre si, quantos anos haviam transcorrido, e que o sr. Sandré já não era jovem. Mas a sra. Santeuil envolvia o pai com um olhar enternecido de piedade e

admiração. Não pensava tanto nos anos que ele vivera, como nas fadigas que a doença, por exemplo, causara a seu filho. E não eram elas, de fato, que pouco a pouco, apesar de ele ter resistido bem, o haviam transformado nessa coisa sempre estranha, venerável e alegre, mas tão frágil que o primeiro choque talvez partisse? Seu pai estava velho! Havia uma hora em sua vida em que ela não pensava nisso com terror, com ternura, com timidez, pelo medo de ser brutal mesmo em pensamento com esse ser tão sagrado e tão frágil, não ousando se aproximar pela imaginação a não ser tremendo pela hora terrível, a cujas cercanias a levavam suas angústias sem cessar, como perto do túmulo de alguém que amamos nós nos abstermos de falar alto, de calcar com muita força o chão, como se deixa cair, tremendo, a pá de terra que se deve depositar sobre um caixão surdo que protege um morto insensível, tanto está presente, nesse instante, a nosso redor, algo tão terno que um nada poderá ferir, algo tão nobre que tudo poderá ofendê-lo. E sua piedade era acrescida pelo fato de supor que a evocação do passado, fazendo-a lembrar sua idade, devia dar ao pai as mesmas ideias sobre a própria. E essa ideia da morte, que no caso dela não provocaria tristeza ou angústia, ela, que sabia ser o pai ainda mais corajoso, mais despreocupado com a própria vida, ela a figurava com bastante piedade pela alma de seu pai, como um sofrimento que gostaria de afastar dele. Pois a vida se encarrega de suavizar nossos próprios males de modo que se tornem suportáveis. Porém a imaginação nos apresenta os males alheios em toda a sua desolação íntima, sem nos mostrar nada daquilo que os torna tão insignificantes ou até doces. Assim, é sobre esses que a piedade verte todas as suas lágrimas. As nossas, nem as vê sequer. E esse olhar de ternura com que a sra. Santeuil, naquele instante, envolvera furtivamente o pai, esse olhar de piedade era também um olhar de admiração. Ela o compunha de todas as recordações dele, que eram, assim, outros tantos méritos, como se fala admirativamente da idade avançada de um velho.

* * *

A fisionomia do sr. Sandré fora bem áspera; ao envelhecer, adoçara-se. As pessoas idosas não se estimam umas às outras, amam seus filhos. Adoram-nos e eles as abandonarão. Elas sofrem com isso, não por eles, mas porque não os veem fazer o que deveriam, e que a vida de seus filhos é a realização cada vez mais firme — os hábitos sendo as fundações que, longe de se pulverizar, se consolidam com o tempo — de tudo o que censuravam em si próprias na juventude e que tentavam eliminar. Elas sofrem e perdoam, e até mesmo admiram o que censuram, pois sua severidade amolece, elas se resignam ao inevitável e, à força de terem sido defeitos de seus filhos, tais defeitos lhes são caros. Assim um pai ou uma mãe que alimentavam uma grande ambição relativamente a seus filhos e não conservam para eles mais que uma imensa ternura exibem nos olhos, no gesto, na expressão algo inteiramente destacado de si mesmos, como uma superfície líquida, esse algo de puramente bom que baila nos olhos como se não tivesse raízes no corpo, e algo de infinito que a gente dá e sente que não poderá dar por muito tempo. Mesmo em sua maneira de receber os convidados, um pai admira a filha e tem olhares para ela que não reserva a nada mais. E os únicos choques inefáveis, que ouvimos no teatro, vêm de uma atriz velha, quando o corpo já é frágil e a boca, o olhar e a memória traem a pessoa que lhes perdoa, mas também em quem a alma pode brincar livremente nas ruínas do corpo, como o não fazia quando uma boca jovem e enérgica, quando dois olhos vivos testemunhavam o prazer de existir. A essa época ouviam-se esses acentos em que a entrega de si mesmo é absoluta, onde a gente se dá pelo tempo que ainda tem de se dar a uma filha que se adora e que não nos há de recompensar, sem que nada no corpo venha protestar e dizer: Quero viver. Há qualquer coisa na vida (mais que no teatro) de inefável nos olhos de um pai ou de uma mãe, onde a vida inteira se detém para contemplar a filha com amor e com tristeza, menos pelo triste retorno a si da ideia de que em breve não a verá mais do que por essa tristeza que forçosamente atinge aquele que ama um ser unicamente por si e que, sentindo então a essência mesma de sua vida, sente necessariamente a tristeza que lhe é inerente. Assim, o

jeito com que a observam, de terna censura, de muda admiração, de melancólico amor, de ânsia infinita e irrealizada de felicidade que teriam desejado para ela, é sempre um jeito, um olhar perdido no ar, por assim dizer, às vezes acompanhado de um desses movimentos de cabeça onde há tremor, velhice e esses meneios indicando o que não se pode exprimir, de modo que o gesto exprime a dúvida, a censura, o desânimo ou a incerteza, ao passo que os olhos estão cheios de amor.

* * *

A sra. Santeuil fracassou por completo em seus esforços no sentido de fazer o filho gostar das *Contemplações* de Victor Hugo e do *Horácio* de Corneille. Seu insucesso não sossegou de forma alguma o pai, que, a bem dizer, não tinha necessidade de motivos de inquietação para ser inquieto, sendo naturalmente de temperamento agitado. Mas a sra. Santeuil não se sentia feliz com isso, pois achava que as letras, indignas de preencherem a sua vida, são capazes de entreter os ócios. Frívola como estudo, porém nobre como prazer, a poesia era-lhe a flor delicada dos momentos perdidos. Da mesma forma, alguns proprietários rurais, quando um pedaço de suas terras não é próprio para se tornar um campo, uma horta ou um pomar, transformam-no em jardim. No entanto, ela obrigara Jean a ouvir versos que falavam das coisas mais simples e mais grandiosas, o verão, o vento, o pôr do sol, o som dos sinos, o mar... Mas, falando desses sinos, tais versos não diziam nada a Jean, pois, embora já tivesse obscuramente se deleitado ou sofrido em razão deles, jamais tomara consciência de sua beleza triste ou feliz.

Assim, tinha tanto prazer em ouvir os versos sobre o sol e sobre o vento como o teria um regato, que entretanto não fica insensível ao sol porém brilha à primeira claridade ou se arrepia ao primeiro sopro, ou como os bosques que o bom tempo reverdece e torna espessos tão rapidamente que são numerosos e graves como uma ode ao sol. Jean estava em alegres entendimentos com o sol e o vento impregnado do aroma dos bosques, pois ambos iam depositar

lentamente algumas parcelas de sua vida eterna e saudável em fonte rica no vazio desses dias, e no fundo do seu coração, uma alegria que, por momentos, no mais atraente dos belos dias, fazia-o esquecer sua tristeza. Todos os dias, eram os primeiros toques longínquos do ângelus no campo que o faziam arrepiar caminho com a criada, a fim de ir jantar. Do mesmo modo, as poesias que celebravam a doçura deixavam-no insensível, como fria alegoria de um sentimento convencional. Porém se, sem se dar conta, ele nunca parava para escutá-las, pois jamais lhes notara a doçura, como duvidar de que já a experimentasse então de maneira confusa? Dez anos mais tarde, tendo sua vida mudado bastante, um dia em que numa rua do bairro Saint-Germain ele se sentira vagamente triste pelo pesar indefinido dos anos passados de sua insubstituível infância e de sua vida ao ar livre, sentiu de repente um som descuidado e leve nos ouvidos. Um outro lhe seguiu, e depois outro, e um a um os toques suaves e profundos dos sinos de uma capela distante lhe chegaram, trazidos pela brisa.

Percebeu, através das lágrimas, entre as espigas de trigo, ao sol poente, a vereda que conduzia ao jardim paterno e diante de si sua grande sombra de menino... Suspenso ao voo ligeiro desses anos de infância como Prometeu ao das oceânides invisíveis que vinham também de longe murmurar palavras deliciosas com a mesma voz doce e grave, Jean espreitava cada toque com temor crescente, à medida que os dobres diminuía, de que o último não fosse seguido por outro, mas sentia logo palpitar um novo, tão perto dele e tão longínquo que lhe parecia sentir seu coração distante de outrora bater melodiosamente no peito. Para poder lhe dizer essas palavras que revelam bruscamente todo o coração e que somente aqueles que mais amamos, que nos conhecem mais a fundo, nos podem dizer, seria preciso que Jean, nessas voltas antigas com a criada, lhes confiasse estouvadamente os segredos já profundos de sua alma que eles teriam piedosamente guardado.

Mas no instante em que se entramaram esses laços tão fortes entre os sinos e a vida de Jean, que o som de outros sinos bastava mais tarde para despertar por um momento, à hora em que os sinos lhe tomavam o espírito de antigamente para devolvê-lo mais tarde,

quando ele precisasse, ou para retemperar a alma envelhecida, eram ainda tão leves que ele não os sentia e que, tentando lhe falar alguém deles, era como se não falasse de coisa alguma.

III. Marie Kossichef

Há alguns anos, o sr. e a sra. Santeuil haviam dado uma festa em homenagem a uma Alteza estrangeira que, pouco credenciada junto ao bairro Saint-Germain e estando diminuída no mundo oficial, encantava-o com sua boa vontade, confundia-o com seu liberalismo e espantava-o com sua simplicidade. Essa festa não se realizara sem alguma resistência por parte da sra. Santeuil, que, na orgulhosa modéstia de sua condição burguesa, repetia rindo: — É muito chique para nós. — E também do sr. Sandré, que resmungava com desconfiança: — Se fosse chique, não vinha à nossa casa, e tu não o terias visto no dia da presidenta, da mulher do prefeito de Seine. Não é porque o *Figaro* conta que ele vai ao Folies-Bergères, depois de ter, em casa de Durand, comido um jantar que sem dúvida não pagara... — Mas o sr. Santeuil estava mais ou menos empenhado com uma graça deplorável do ministro dos Negócios Estrangeiros. Sua indolência tornava-o penoso e, por consequência, impossível seria tomar uma decisão contrária, e respondeu ao sr. Sandré enumerando-lhe o parentesco do príncipe com as famílias reais e ducais cuja grandeza havia decorado, na escola, antigamente, e que, recordando-lhe assim o passado, sorria ainda a seu futuro.

Durante a festa, da qual a sra. de Thèbes foi uma das principais atrações, Sua Alteza, que não perdera um só instante o bom humor, teve a fantasia de conduzir o pequeno Jean, que, morto de medo, permanecia sozinho num canto, para junto da célebre cartomante a fim de que ela lesse a sua mão. Ela leu perigos, dos quais advertiu confidencialmente a sra. Santeuil, dizendo que se ela não conjurasse a má sorte seu filho correria o risco de ir de encontro a um escolho e se quebrar. A sra. Santeuil, que só acreditava profundamente na razão, não dava ouvidos a cartomantes. Entretanto, assustou-se com essas palavras como se tivesse

recebido a carta de um anarquista que ameaçasse matar-lhe o filho. Apesar da vergonha que sentia, enquanto conservou sobre ele uma autoridade absoluta não o deixou nunca viajar por mar. O sr. Sandré, conforme uma rotina de espírito que lhe era familiar e que o levava a seguir todas as prescrições do cristianismo por motivos puramente higiênicos, explicou à filha que a sra. de Thèbes, que passava por muito inteligente e bondosa, tendo ouvido dizer que Jean era de saúde delicada, o que poderia prejudicar o seu futuro, quisera, por meio desse símbolo sombrio, advertir os pais no sentido de velarem pela saúde dele.

Da mesma forma, Jean primeiro não foi ao colégio e quando estava em Paris, as pernas nuas para se deixar bronzear, ficava o dia inteiro nos Champs-Élysées sem que o convite dos meninos, o assanhamento das meninas ou as ameaças da criada fizessem com que rompesse o silêncio desesperado ou o decidissem a deixar o banco onde se refugiava, a cabeça escondida contra o encosto. Depois tudo mudou. Conheceu uma menina russa de longos cabelos negros, olhos claros e zombeteiros, faces rosadas, e que esplendia de saúde, de vida e de alegria, tudo o que faltava a Jean. Bem depressa, desde manhã cedo, ele só pensava no momento em que a veria sorrir e brincar. E o tempo todo em que ela estava presente permanecia a seu lado, brincando nas barras, de esconde-esconde, no escorrega. Quando ela chegava aos Champs-Élysées, cerca de três horas, com a governanta e a irmã, ele sentia tal baque no peito que só faltava cair, e ficava por uns instantes branco feito linho, custando a voltar ao normal. Avaliava a satisfação em vê-la pela enormidade de seu desejo de a ver e de seu desgosto por vê-la partir, pois a sua mesma presença ele a desfrutava mal. Muito perturbado por vê-la, não a via tão bem como de manhã ou à noite antes de dormir. Cada vez que ela lhe falava como aos outros, pulava de prazer pelas aleias na embriaguez de se sentir amado. Notava, porém, com tristeza, que sua amabilidade para com ele não era em nada semelhante a seu amor a ela, e que ela dizia indiferente: “Se chover amanhã, não virei. Até depois de amanhã.” Felizmente, ainda não chovera. Mas a chuva veio, um dia. Foi perto de uma hora da tarde, no momento em que iam partir, e Jean estava

convencido de que não a veria. Sem pensar em fechar a janela ou pôr um capote nos ombros, ficou muito tempo chorando, o rosto crispado em direção ao céu úmido de chuva, cujas gotas caindo no peitoril respingavam nele e pareciam chamar outras, pois elas mesmas não faziam mais que seguir as mais altas que gotejavam da parede escura do céu. Deixando-se possuir por completo pelo desgosto e pelo frio e tremendo, Jean se apercebeu, como de uma pessoa que não teria notado entrar e que se tivesse sentado tristemente a seu lado, da tristeza desse céu encoberto por nuvens negras, cujas estrias claras se haviam lentamente fechado, e onde parecia não dever nunca mais luzir um raio de sol, como, no coração de Jean, uma esperança, dessa chuva enfim que caía em gotas tão comprimidas como suas lágrimas, como se não devessem jamais acabar. Viram vocês que não era fácil, para ele, subtrair-se à dor. Não podia, como pôde mais tarde quando estava triste, pegar um livro ou visitar um amigo e sacrificar o triste dia de hoje à esperança de um alegre amanhã. Mas mesmo então, e até seus últimos dias, não pôde jamais, sem se sentir privado de um prazer, ver a chuva que, no entanto, não o impedia de ir ver sua amiguinha nos Champs-Élysées. Espantava-se então que uma sensação de tristeza se viesse misturar ao desgosto do céu, como em menino se espantara que o céu parecesse preocupado e depois desconsolado como ele.

Nesse mesmo ano, quando, como no ano anterior, sua mãe não conseguiu fazê-lo gostar d'*O lago* de Lamartine, releu, até saber de cor, o pequeno poema de Verlaine:

*Chora no meu coração
Como chove na cidade*

que encontrara sobre uma mesa. Mais tarde, colocou abaixo d'*O lago* esse poemeto que, aos 13 anos, lhe parecera a mais bela poesia do mundo. Porém a inteligência e a sensibilidade de uma criança se desenvolvem de modo irregular, ao acaso de um raio de sol e mais ainda de uma tempestade. Assim, os pais, mesmo quando são muito inteligentes como a sra. Santeuil, julgando-a com

sua inteligência concluída e fixa, arriscam-se a ter descontentamentos inevitáveis, como o de ver seu filho preferir Verlaine a Lamartine.

* * *

Quando somos crianças, cada manhã se parece a essas caixas de papelão ainda fechadas que na manhã do dia de Ano-Novo nos esperam na sala onde estão reunidas sob a lâmpada, que, a despeito do dia feio lá fora, parece iluminar com uma luz especial e feliz esses desconhecidos misteriosos que encham o aposento, uns sobre a mesa onde se acotovelam, os maiores no chão, num canto, onde a princípio ninguém os vê, deixando entrever apenas, através dos grossos papelões da embalagem que não os dissimularão por muito tempo, a forma singular e as dimensões imponentes. Por mais criança que tenhamos permanecido hoje em dia, um brinquedo pode nos agradar, a gente sabe que é um objeto, e nunca, enquanto estiver ainda embrulhado, nosso coração baterá apressadamente perguntando quem será este ser novo que entra em nossa vida. E, do mesmo modo, qualquer dificuldade que a gente tenha em acreditar que o Domingo da Páscoa, o dia de Ano-Novo e o de Natal sejam dias como quaisquer outros, os dias nos aparecem, por mais que se sucedam uns aos outros, como as pequenas divisões que marcam os minutos nos relógios, como esses cadernos de notas em que se inscreverão tais ou quais acontecimentos e quase sempre acontecimento nenhum, mas que, à parte o que registram, não diferem em nada dos outros. Mas para a criança, por mais que lhe digam que amanhã é um dia, como hoje foi um dia, como ontem era um dia, ela espera cada amanhã como algo inteiramente novo, absolutamente diverso de hoje ou de ontem, como um mundo misterioso onde encontrará sem dúvida a felicidade. E não fica desconsolada por não ter encontrado nada hoje. Já não está lá o amanhã, que, enquanto ela dorme, repousa ainda todo embrulhado como o grande presente misterioso onde um cartão se dissimula por baixo do cordel, sob a lâmpada, na manhã do dia de Ano-Novo, espera-a e que ela vai poder desfazê-lo primeiro, ver, tocar, levar,

pulando de alegria. Amanhã parecia-lhe um mundo que se estendesse para sempre. Porém amanhã tornou-se hoje. É este novo amanhã que é um novo mundo e ela brinca com os mundos, quebra-os, espera com maior impaciência que haja outros, tem dificuldade de dormir todas as noites sonhando com o amanhã, com o que poderá ser, como, na véspera do Ano-Novo, com aquilo que sua tia lhe terá dado, pois tem uma infinidade de amanhãs diante de si e a cada dia que quebra, enquanto não tem tempo de se aborrecer, por estar cansada e se preparando para ir dormir, é um dia novo que lhe entregam para recomeçar, para começar, acha ela.

Quando estamos apaixonados, encontramos novamente este belo dom da infância de que todo dia venha a ser para nós o objeto de uma expectativa febril, o alvo plenamente desconhecido de todas as nossas esperanças. Cada encontro esperado, cada carta recebida estão sem cessar diante de nossos olhos, ao passo que achamos tão longas as horas inúteis que se desenrolam uma após a outra, sem nos livrar de uma só antes desse momento, o único que interessa. E isso acontecerá somente amanhã. Deus, quanto tempo vai demorar até lá! Como atiraríamos de bom grado no nada todo esse tempo para que o amanhã venha logo! E se isso pudesse acontecer logo? Por que não? Talvez não esteja longe. Saímos, porém em vão. Não, é preciso passar essas vinte horas sem ela, sem nada dela. Só amanhã. Hoje é um mundo terminado do qual não se pode tirar mais nada de bom, nem de interessante, não adianta mais sonhar com ele. Ah, caro amanhã, como te sinto perto de mim! Como desprezo o hoje, com que desdém melancólico, com que voluptuoso sentimento de minha superioridade, eu, para quem o amanhã, para quem até minha espera, meu pensamento sobre esse momento são algo que os outros não podem compreender. Adivinho todos esses momentos que o hoje me traz ainda sem piedade, um após o outro. Que a noite venha sem tardança cercar para sempre com suas muralhas gigantescas, dar uma configuração eterna e fugaz ao dia de hoje, filtrar lentamente sobre ele o seu negro dilúvio.

* * *

— Jean, meu pequeno Jean, em que estás pensando? — perguntou a sra. Santeuil. O sr. Santeuil ralhou com Jean, que deixara cair o copo no chão. “Que homem grosseiro”, pensa Jean, e tem vontade de chorar e sorrir ao mesmo tempo, de tanto que aquilo lhe parece pouca coisa. Acha que está sofrendo por Marie Kossichef e isso lhe parece suave. Pouco me importa que esta noite seja mais ou menos triste. Amanhã serei feliz. Todas as noites, ao adormecer, pensa: “Até amanhã.” Todas as manhãs ao acordar diz consigo: “Vou vê-la hoje.” Uma noite, acordando à uma da madrugada, adormeceu de novo sorrindo, ao pensar: “Já é hoje.” Despertou certa manhã, tudo coberto de neve. Uma força inaudita que transformara a face da terra passara seu poderoso nível que igualara as pistas às calçadas, apagara os caminhos, extinguiu os rumores sobre todas as suas esperanças. E aquilo caía do céu sem parar, sem que ele o pudesse reter, impedir a queda dos flocos, fazê-los voltar ao céu. E a criada, ao entrar, disse: — Não há jeito de ir tão cedo aos Champs-Élysées.

Lá pelo meio-dia a neve cessou. Um alvoroço enorme fazia bater o coração de Jean, pois suas esperanças, misturadas a seus temores, invadiram-lhe de novo o coração e o agitavam em todos os sentidos. Uma dizia: “Isso vai recomeçar.” A outra: “Não, já acabou.” A sra. Santeuil havia dito: “Não haverá ninguém nos Champs-Élysées.” A criada: “Não se sabe.” A sra. Santeuil disse a Jean: — Em todo caso, se é por isso que ficas olhando o céu, podes estar certo de que a menina Kossichef não irá. Ninguém sai de casa com seus belos vestidos num tempo desses. — Isso foi dito sorrindo, como se a esse fato tão pouco importante Jean atribuísse importância extrema, como se adivinhassem o que trazia escondido, suas angústias, e delas sorrissem. Teve vontade de bater na mãe e dizer: “Não, eu sei que ela não irá”, e procurava alguma coisa má para responder a fim de vomitar o mal que lhe fizera essa ironia e sobretudo a notícia desastrosa pela qual não desejava demonstrar aflição. Foi com a criada aos Champs-Élysées. De fato, não havia quase ninguém. O sol se ergueu, o tempo estava ótimo, e sobre a espessura coberta de neve, o sol estendeu uma luz suave. Alguns amiguinhos, seguidos da criada, chegaram um após o outro.

Começaram a patinar para não sentir frio. As criadas decidiram que iriam logo embora pois a noite desceria rápido. “A noite.” Jean empalideceu a essas palavras. Então o dia ia acabar sem que a visse. Olhando sempre para o lado de onde vinham as Kossichef, pôs-se a brincar com os outros e corria com todas as forças para se aturdir. Mas, uma vez ou outra, enxugava ao mesmo tempo o suor e as lágrimas, sem saber bem se eram ou não lágrimas causadas pelo frio.

Não se moveu, mas seu rosto mudou. Eis as Kossichef que chegam, em casacos de pele, e sob a touca de pele de onde caem os cabelos negros, Marie sorridente, com suas faces rosadas e olhos azuis, aperta a mão de todos, rindo. A governanta não quer que elas brinquem, mas depois deixa, e todos fazem bolas de neve e deslizam. Agora Jean brinca com a neve, não se sente mais oprimido, fere com pés vencedores o jardim devastado, a própria neve morta, bem como a lã, onde o sol se diverte, arrancada ao inverno. E está contente de ter frio, de ter calor, pega a neve, feliz, e leva-a a Marie. Rouba no jogo para que ela ganhe, atira neve à nuca de um de quem ela não gosta, para lhe dar prazer. Se ela o olha, não sabe mais o que quer. Quer estar sempre junto dela, no seu grupo, arranja um pretexto para se aproximar. No entanto, se ficam sós lado a lado por um momento, não sabe mais o que dizer. Todo o tempo que está ali é preciso ter uma outra coisa para dizer, um jogo para continuar, penetrado por seu amor e que lhe parece delicioso. Mas, se não há coisa alguma entre eles que o impeça de desfrutar enfim esse amor, ele adia para amanhã, quando terá mais tempo para lhe falar, pensa no que é preciso lhe dizer, não está mais com ela. Seu amor é como uma coisa que não se pode pegar, que só se pode ter dentro de outra coisa e que sem isso se derreterá como a neve. Ela não presta muita atenção a ele, mas como a neve lhe agrada, como faz bolas, joga-as, ri, se ela lhe atira uma e ri, parece-lhe que o faz porque o ama. E sabe que os outros sabem que ela o ama. Assim, cada vez que o veem se aproximar dela, um deles ri, outro o olha, a irmã diz amavelmente: — Ei, vou botar você junto com Marie —, quando Marie, escolhendo-o para a sua equipe, põe-lhe a mão no ombro e diante de todos leva-o consigo, e eles vão

juntos apanhar a neve, ou o sol lhes bate nos olhos ao mesmo tempo, e ela pede para mudar de lado, e, para lhe agradar, ele sublinha seu pedido com uma força, uma violência que ela não lhe agradece, aí então ele se anima do sentimento de seu amor, desse amor em que, como uma espécie de reflexo, não lhe é permitido tocar, mas que a zombaria de uns, a cumplicidade da irmã dela, cada “Toma cuidado”, “Cuidado aí”, “Atira” que ele tem de lhe gritar, cada corrida, cada parada, cada bola de neve, cada raio de sol parecem lhe trazer sem interrupção, para seu encantamento.

* * *

O sr. e a sra. Santeuil inquietavam-se seriamente com a sobre-excitação constante de Jean. Ele jamais estivera na casa da srta. Kossichef, cujos pais, de fortuna infinitamente maior que os Santeuil, levavam uma existência onde ele nunca havia penetrado. Como a ausência de Marie depois dos Champs-Élysées lhe parecia demasiado intolerável, Jean levou a criada até o palácio Kossichef para que Marie fosse o objeto de seus passeios, assim como de seus pensamentos. Parou diante do palácio, sossegou ao tocar com os olhos, com as mãos, a porta dela, que ela empurrava e deixava bater várias vezes por dia, olhava sua janela e a imaginava por detrás, e, sentindo a distância que dela o separava reduzir-se a alguns passos que lhe bastariam dar para a ver, voltou não mais feliz, porém mais tranquilo. Assim é que tudo que pertencesse de algum modo à vida da srta. Kossichef passou a ter lugar também no seu coração. Não podia pensar sem emoção no pai de Marie, que a via ao almoço e às vezes no jantar, que podia tê-la consigo o tempo todo se quisesse, cuidar dela mesmo durante as férias — essas férias terríveis que os separariam num dia que estava ao fim se não de sua felicidade pelo menos de sua vida, e nas quais não podia pensar muito tempo, como os homens não podem pensar na morte.

Diante do grande relvado dos Champs-Élysées, entre os cavaleiros de carrossel e os Embaixadores, um dia em que iam brincar nas barras, a srta. Nelly Kossichef, a irmã mais nova de Marie, marcava para cada um o grupo a que ia pertencer. Puxava

cada um pela manga, dizendo: — Ei, você vem para o meu grupo; você, para o grupo de Marie. — Chegando a vez de Jean, que, temendo sempre entristecer a pessoa que lhe era indiferente, deixando clara sua preferência por outras, vinha em sua direção, ela disse, rindo: — Oh, não, você pertence ao grupo de Marie. — Jean ouviu muito tempo essas deliciosas palavras em suas horas de dúvida. Muitas vezes, à noite, quando ele se convencia de que ela lhe dera, durante o dia, provas de sua indiferença, lembrava-se destas palavras: “Você pertence ao grupo de Marie”, e do sorriso radioso, zombeteiro e doce com que Marie as ouvira. Se não o amasse um pouquinho, como é que ela e a irmã teriam reconhecido seu amor diante de todos com indulgência brincalhona? Porém ele conheceu uma alegria maior. Um dia, entrara em casa doente e tinha de guardar o leito por algum tempo. Um de seus companheiros veio vê-lo e lhe contou que a srta. Kossichef, bastante gripada, fora proibida pelo médico de sair durante os meses de janeiro e fevereiro por causa do inverno rigoroso. Portanto, mesmo depois de curado, não poderia vê-la por mais um mês inteiro e, sem contar com essa separação, não pudera sequer lhe dar adeus e dizer essas palavras que há tanto tempo adiava para os dias seguintes. Passou então dois dias bem sombrios de cama, de onde não se levantava, sem que lhe fosse permitido beber, ler, repetindo sem cessar que a não veria mais, já que não indo à casa um do outro só podiam ver-se nos Champs-Élysées, e que ela lá não iria dentro de dois meses. A todo instante, no deserto do seu desgosto, imaginava-a fazendo-o avistar um delicioso oásis, querendo vê-lo, insistindo para que seu pai o procurasse, mil causas de uma felicidade impossível que seu espírito tentava logo situar no mundo real, ou seja, a necessidade de separação e a verdade da indiferença que ele tomava por miragem. Era de manhã, e o médico acabava de proibir que se levantasse ainda nesse dia. Isso o contrariou apenas, de tal modo na imensidão de seu desgosto tudo que caía desaparecia depressa e tão profundamente que nada voltava mais à superfície. Cerca das dez horas alguém entrou no quarto. Ele não se virou da parede, onde escondia o rosto cheio de lágrimas. — É uma carta para o senhor Jean — disse Augustin, sorrindo da importância desse

acontecimento, raro na vida desse rapazinho de 13 anos, a quem ninguém nunca escrevia. — Dê-ma — disse Jean sem se voltar, e pôs a carta na mesinha ao lado da cama. Quando Augustin saiu, abriu-a distraído, pois achava que nada mais teria o poder de despertar sua curiosidade. Leu: “Meu caro Jean, como faz muito frio e estou gripada, fico proibida por dois meses de voltar aos Champs-Élysées. Mamãe deixa que te convide para vires lancha comigo às cinco horas quando quiseres. Não poderemos brincar com coisas tão divertidas como fora de casa, mas ficaria bem contente de te rever um pouco. Nelly e eu te trataremos com todo o carinho. Marie Kossichéf.”

O céu, hermeticamente fechado sobre a cabeça de Jean, se reabria. A indiferença, que sua sagacidade reconhecera na srta. Kossichéf, o absurdo de um milagre reconhecido pela reflexão, milagre que, permitindo-lhe de repente ir à casa dela, mudaria subitamente ao sabor de seus desejos a necessidade da vida, essa necessidade imensa que não podia empurrar para longe de si, e permanecia como um navio naufragado na praia, necessidade que, cortando-lhe o futuro, fazia do amanhã a triste continuação do hoje — tudo isso estava errado, era mentira, argueiro que bastava ele soprar; e o milagre que só se teria realizado em sonho, esse é que era a realidade, a deliciosa, inesperada e triunfante realidade. Jean mandou chamar a mãe. Com pressa para entrar, ela perguntou da porta o que desejava, porém ele não tinha forças para responder. Esquecendo que estava doente, correu para ela sacudindo a carta sem poder dizer uma palavra. Depois, cansado com essa alegria nova que caíra sobre ele e não o largava a não ser para voltar a dominá-lo de novo, deixou cair a carta das mãos inertes e lançou-se chorando nos braços da mãe. Estava quase sem sentidos. Seu pequeno corpo, que há tanto tempo suportava golpes pesados até para um corpo de homem, não pudera sem dor sentir-se livre tão de repente.

IV. Separação

Chegou a primavera e o sr. e a sra. Santeuil, que há vários meses se inquietavam com a sobre-excitação constante de Jean, determinaram enfim a separação que a sabedoria vivaz da sra. Santeuil, estimulada ardentemente pelo sr. Sandré, reclamava há tempos para devolver a saúde e a calma a seu filho, mas que o sr. Santeuil, em cujo coração mole o amor ao filho vivia em paz com o amor ao seu sossego, retardara por muito tempo para “evitar lhe causar desgosto”. Um dia, a sra. Santeuil, que até então, quando o filho lhe desobedecia ou a deixava zangada de um jeito ou outro, jamais dava a seu descontentamento mais que a fisionomia um tanto insensível da severidade, falou-lhe com doçura da tristeza que lhe causava a violência do amor dele, que não poderia levar a nada, pois era muito jovem para desposar a srta. Kossichief, e que isto minava a sua saúde. Ainda há poucos meses, brincava-se a respeito do amor de Jean. “Vais ver o que pensas disto tudo daqui a dez anos” — diziam, como se o sentimento em que Jean vivia, de que seu amor seria de pouca duração, não exasperasse como um vento furioso, até fazer subir suas chamas ao céu, a violência devastada. Agora, a sra. Santeuil, seja por política, seja por haver dolorosamente experimentado o vigor do filho, evitou falar do seu amor levianamente, e, como um sacrifício de verdade, pediu-lhe que renunciasse a vê-la olhando-o com ar triste, com uma doçura séria. Mas Jean, habitualmente tão terno para com ela, e que a mãe com um mínimo de ternura fazia tão facilmente prorromper em lágrimas, olhou-a com olhos secos, ou antes, não era para ela que olhava. Olhava em frente, positivo, pungente demais para não olhar com seriedade medonha o perigo de vida ou morte que se lhe aproximava. Antes mesmo de lutar por si, não podia escapar a esse diálogo frente a frente com uma realidade mais severa, maior que nós, este mesmo fato invisível e inegável encarado fixamente pelo

courageiro de Géricault, [\[03\]](#) que, ferido de morte, segura ainda seu cavalo, e, antes de tentar se levantar ou cair de vez, olha de frente o terrível desconhecido que atormenta seu corpo com todas as torturas da dor suprema.

— Mamãezinha, não é culpa minha, não exija isso de mim, mas eu não posso fazer o que me pede. Não posso explicar. — Não preciso que me expliques, sei o que te peço. Não és o primeiro rapaz que ama e nós sabemos o que isto significa. — Jean disse consigo: “Como Deus é grande por ter feito os homens de tal forma que podem todos amar e compreender também aqueles que amam, saber do que se trata. Como Deus é grande, como Deus é grande!”, repetia maquinalmente e as lágrimas lhe vieram aos olhos enquanto sua mãe continuava: — Mas é justamente por isso, quando se ama verdadeiramente os pais e não se deseja causar-lhes dor, faz-se qualquer sacrifício por eles. Amar os pais não é só ter prazer em beijá-los ou chorar quando nos separamos deles. Isso não é amá-los, fazemo-lo involuntariamente porque somos sensíveis e nervosos. Não tem relação nenhuma com a bondade. — Nenhuma relação? — perguntou Jean. — Nenhuma — respondeu a sra. Santeuil. — Nero podia ter sido nervoso. — Essa ideia impressionou profundamente Jean, que, vendo apenas uma coisa muito vaga quando pensava em si mesmo, não tinha ideia definida sobre seu valor moral, e conforme este ou aquele defeito seu estivesse assinalado num livro e o encontrasse em um criminoso, ou conforme tal ou qual de suas qualidades aí estivesse exaltada, ele se achava, sucessivamente, Nero e São Vicente de Paulo.

— Amar os pais é dominar-se, violentar sua vontade para lhes ser agradável. Nós deixaríamos que a visses de vez em quando se, nos momentos em que não estás com ela, procurasses não pensar nela. Prometes? — disse a mãe. — Prometer... Não posso prometer o que não consigo — disse Jean. — Consegue-se tudo o que se quer — retrucou a mãe. — Pode-se deixar de pensar? — disse Jean sorrindo com ternura. — Consegue-se tudo o que depende de nossa vontade — respondeu a sra. Santeuil. — Prometo tentar — concedeu Jean. — Então dá-me um beijo — disse a mãe, deixando que ele visse, pela primeira vez, as suas lágrimas.

A tristeza da sra. Santeuil comoveu menos Jean, agora que a contemplava, do que após ter sido maldoso o imaginava. Sentiu vergonha dessa secura: só tinha de bom uma sensibilidade involuntária. Se Nero também a tivera, ele seria decididamente um Nero. — Sabes bem que não temos prazer em te contrariar, mas, sem contar que se continuas assim acabas por descontentar o sr. Kossichief e que ages mal, arruínas a tua saúde. E temos o dever, enquanto fores ainda pequeno para nos obedeceres, de te impedir de fazer coisas que te fazem mal. Não fiques com esse ar zangado. Vê como te falo com amabilidade. — Porém — disse Jean com calor, aproveitando as hesitações que percebia na voz da mãe para tentar convencê-la —, se eu não a vir, pensarei nela sem parar e isso me fará muito mais mal. Peço-lhe. Não percebe como isso me faz mal. Deixe-me vê-la, serei feliz, não ficarei mais nervoso, passarei bem de saúde, já não pensarei muito nisso. — Era de boa-fé que Jean propusera o vê-la com frequência como remédio a não pensar muito nisso. Mas ele não a via bastante para não desejar vê-la mais e mais e para não pensar sem fim no momento de vê-la. A sobre-excitação aumentou. Uma noite, a sra. Santeuil, pela primeira vez, não o censurou e por dois dias não tocou no assunto. Jean experimentava a indisposição que provocam as bruscas calmarias, quando a tempestade parece tomar fôlego para se armar.

* * *

A sra. Kossichief deixava sempre à governanta, por não ter tempo de se ocupar dessas coisas, o encargo de levar a filha aos Champs-Élysées. Assim, o sr. e a sra. Santeuil jamais haviam visto o sr. e a sra. Kossichief, que provavelmente nunca tinham ouvido falar deles. Mas a imensa fortuna e a vida de prazeres do sr. e da sra. Kossichief, a reputação de insolência do marido e de leviandade da mulher, provocavam no coração honesto dos pais de Jean uma desconfiança tão profunda quanto o desdém que aqueles lhes votariam.

Terça-feira de manhã, Jean estava ocupado, havia alguns minutos, em pensar em sua mãe. Pensara na noite em que ela morreria, e

que então não lhe restaria outra coisa senão morrer, e agora acariciando em pensamento seu rosto tão suave, que às vezes tivera a crueldade de entristecer, não pôde suportar a ideia de ficar mais tempo sem a ver e desceu pela escada à espera de que ela entrasse para almoçar. Escondeu-se no vestíbulo que ficava sob a escada e esperou. Sua mãe apareceu logo no pátio, entrou na portaria. Teve medo de que ralhassem com ele, subiu a escada e gritou do alto: — Bom dia, mãezinha. — Ia enfim abraçar a mãe. — Meu pequeno Jean, acabo de ver o sr. Jacomier, a quem venho pedindo há muito tempo que te dê algumas aulas. Está te esperando na casa dele às duas. — Às duas, mas eu não posso, vou aos Champs-Élysées — respondeu Jean, que compreendera tudo. — Muito bem, não irás aos Champs-Élysées. É tempo de te pores a trabalhar. — Não ir aos Champs-Élysées — gritou Jean com fúria —, não ir aos Champs-Élysées? Sim, irei, não quero saber desse tal sr. Jacomier, antes o mataria se o encontrasse no meu caminho, mataria esse macaco horroroso se o visse, está ouvindo? — A sra. Santeuil fechou de novo a porta da casa sobre si e sobre Jean, que continuava a gritar. O sr. Sandré quis se aproximar, mas Jean, que sabia do papel de seu avô na decisão tomada por seus pais, afastou-o violentamente dizendo: — Eu te detesto. — Se continuas vou chamar teu pai. — Então vai, pouco me importa — berrou Jean transtornado com o barulho violento da própria voz —, vou lhe dizer que criatura ruim é sua mulher, que só quer fazer mal a seu filho — e, pegando a garrafa de água posta na mesa para o almoço, jogou-a no chão, onde se espatifou. — André, André, vem, Jean ficou louco — gritou a sra. Santeuil. O sr. Santeuil, que era suave enquanto podia garantir seu repouso, mas que, ao ser provocado, virava uma fera, chegou. — Paizinho — disse Jean pondo-se de joelhos —, querem me fazer mal, mamãe me persegue, defenda-me. — Não, tua mãe tem razão — respondeu o sr. Santeuil, sem saber ainda o que ia dizer. — És insuportável com essa menina. Para início de conversa, não a verás mais. — Não a verei mais? — gritou Jean — não a verei mais? Vocês todos são canalhas, não a verei mais, não a verei mais? Veremos. — E Jean,

no momento em que o pai o empurrava aos tapas para o quarto escuro, teve uma violenta crise de nervos.

* * *

Naquele dia, Jean foi tomar sua primeira lição com o sr. Jacomier. De sua casa, na rua da Arcada, até Neuilly, onde morava o sr. Jacomier, chorou todo o trajeto sem se incomodar com os transeuntes, cujo olhar, até então, fazia com que calcasse de medo seus maiores desgostos. Quando viu num relógio a hora em que a srta. Kossichief chegava aos Champs-Élysées, quando pensou que ainda poderia tê-la encontrado, estacou, olhou demoradamente a governanta, pareceu hesitar por um momento e ficou tão pálido que ela teve de ampará-lo. Deu-lhe a mão, pondo-se então a caminho, trêmulo. Nessa noite, quando lhe disseram que a sopa estava na mesa, deixou o quarto sem demora para ir jantar. Normalmente quando estava zangado com o pai e a mãe, era-lhe insuportável o momento das refeições em que se encontrava face a face com eles. Mas nessa noite, embora as palavras que proferira pela manhã tivessem ultrapassado em violência tudo o que jamais pudera dizer nas crises mais graves, não se achava embaraçado em revê-los, absorvido que estava em outros pensamentos. Entrando na sala de jantar profusamente iluminada, disse: — Boa noite, paizinho, boa noite, mãezinha — sem, entretanto, olhá-los, pois sabia que ninguém responderia. Para seu grande espanto, o avô, que era bem mais severo com ele do que a mãe e o pai, foi o único que lhe respondeu boa-noite. Nos olhos do avô, durante todo o jantar, pensou notar outra coisa além da leve umidade com que a velhice velava seu olhar gasto. O sr. Sandré não comeu, dizendo que merendara tarde e não tinha fome. Toda vez que Jean erguia a cabeça dava com o olhar do avô fixo nele e se desviando. Depois do jantar, o sr. e a sra. Santeuil foram para o gabinete do sr. Santeuil, mas o sr. Sandré permaneceu ainda alguns instantes à mesa e, olhando com o olhar amortecido, que mesmo fixo para diante parecia sempre olhar mais ao longe, ou talvez dentro de si mesmo, seu pequenino Jean com quem era sempre tão rude, cujas fantasias

mais inocentes a todo instante contrariava, a quem mandava ir deitar quando se esqueciam da hora, que há um mês forcara sua filha e seu genro a separar Jean da srta. Kossichief, ele que nunca beijara Jean, nem no dia 1.º de janeiro, chamou-o docemente, sentou-o sobre os joelhos e o beijou com seus velhos lábios endurecidos que só se moviam para a censura e a repreensão, e que estavam manchados de todas as lágrimas silenciosas que haviam colhido desde a manhã. Através da porta, ouvia-se uma ária do *D. João* que a sra. Santeuil tocava para o marido. — Meu avozinho, meu avozinho — disse Jean, pendurando-lhe ao pescoço magro e envelhecido o corpinho sacudido de soluços.

Quando vieram as férias em agosto, Jean, desde essa terça-feira 20 de março, não deixara um só dia de ir das duas às quatro à aula com o sr. Jacomier. Apesar dessa regularidade, a sra. Santeuil percebeu pelos deveres de férias que seu filho sabia pouco sobre Atenas, Esparta e Tebas, em cuja história o sr. Jacomier se empenhara em aprofundá-lo. Porém, muito contente de ver o filho feliz, não lhe fez perguntas. Ele acabara por aprender que, mal organizados que somos para desfrutar a alegria, somos só um pouquinho melhores para suportar a dor, e que, se nossas alegrias são menos profundas do que imaginamos, nossas tristezas também são menos duradouras. A sra. Santeuil achava que seria bastante um ano.

* * *

Agora, Jean podia ler *A tristeza de Olímpio* e vários outros poemas. Os poetas que lhe haviam parecido os mais estranhos, mais distantes, ficavam a seu lado enquanto os lia, como um homem mais hábil, ajudando-o, por assim dizer, a recitar algo que há muito lhe causava desgosto, encontrando as palavras para ele, compreendendo seu obscuro e frágil pensamento melhor do que ele próprio, retransmitindo-o, cheio de luz e força, desenvolvendo seus pesares em palavras claras de uma tristeza e de uma doçura até então inexprimíveis.

No entanto, o sr. e a sra. Santeuil, e o próprio Jean, haviam passado junto da srta. Kossichef sem a reconhecerem. Como poderiam saber que Deus a escolhera para revelar a Jean a colina sangrenta de onde ele veria subir esse novo astro do mundo e que, derramando sobre ele a todo momento a cordialidade de seu olhar, dava-lhe forças para suportar essas dores necessárias? Nossa vida está a todo instante diante de nós como um desconhecido na noite, e quem de nós sabe aonde chegará amanhã? Em nosso caminho, não sabemos sequer reconhecer os ungidos do Senhor, como Joana d'Arc, que, não se detendo diante do fidalgo que lhe haviam dito ser Carlos VII, foi direita àquele que recebera os santos óleos sobre a fronte escolhida.

V. A senhora Lepic

Todos os domingos, o sr. e a sra. Lepic vinham jantar em casa dos Santeuil. Edmée Lebon, seu nome antes de esposar o sr. Lepic, era uma moça exuberante de beleza, jovialidade, aspiração à arte e à felicidade. A sra. Santeuil a conhecera no pensionato e ela se tornara sua melhor amiga. Aos 22 anos se casara com o sr. Lepic, homem magro e alto, cujo rosto empedernido guardava os pálidos reflexos das chamas interiores de uma caridade ardente, ineficaz e infatigável. Se, durante o dia, o sr. Lepic ouvisse os gritos de uma criança sendo maltratada, era uma noite perdida. Continuando a escutar os gritos de uma criança, que lhe penetravam o coração como pregos, não tinha sossego. Buscando sem cessar a seu redor misérias para socorrer, sua imaginação era constantemente povoada pelos infelizes cuja vida lamentável sustentava com a metade de seu rendimento.

Mas esse homem excelente era um marido terrível. Dois dias depois de casado trancara a chave o piano da mulher, o qual jamais foi reaberto. Depois, não lhe permitiu uma vez sequer ir ao teatro, ao concerto, ao museu, nem que lesse outra coisa senão a *Cozinheira burguesa*, única obra que não lhe pareceu abominável entre as mãos da esposa. A sra. Lepic teve de renunciar a todas as amizades de mocinha, pois o sr. Lepic, além de não deixar que a mulher fosse à casa de ninguém, não permitia, por outro lado, que pessoa alguma a visitasse. Esta regra foi quebrada em favor dos Santeuil ao final do primeiro ano, porém tal exceção não foi seguida de nenhuma outra. Toda vez que a sra. Lepic, que aceitava essa vida com sublime resignação, ousava ser jovial, o sr. Lepic não podia conter um movimento de raiva e mandava-a calar a boca violentamente. — Há infelizes que sofrem, injustiças que se cometem — dizia ele empalidecendo — e você, miserável, tem a coragem de rir — e continha-se para não lhe bater. No começo do

casamento, esperava estarem a sós para dar vazão à cólera, mas bem depressa não aguentou e era diante de todos os amigos que a ameaçava com violência. Deitado toda a manhã para tentar reparar a fadiga da noite, obrigava a mulher e os criados ao mais profundo silêncio até o meio-dia. Depois do almoço, trabalhava num memorial sobre a miséria em Paris, e, como o menor ruído o sobressaltasse, lhe distraísse o pensamento e lhe quebrasse a unidade do trabalho, sua mulher, para evitar fúrias espantosas, não ousava sequer se levantar da cadeira, pois ele obrigava-a a permanecer na sala ao lado, separada apenas por um tabique estreito, para se assegurar de que ela não recebia ninguém. Hipocondríaco e, além disso, dispéptico, acreditava ser necessário à digestão jantar na obscuridade e andar duas horas após o jantar. No entanto, uma vela ficava acesa durante a refeição para que fosse possível distinguir os pratos, os garfos e os copos e, no momento mesmo de se levantar da mesa, para evitar que a digestão começasse antes, o sr. Lepic arrastava a mulher pela chuva, pela neve ou pelo vento num passeio de duas horas, tachando-a de algoz de sua saúde se ela o fazia esperar um minuto. Ao fim de três anos de casada a sra. Lepic se tornara feia, triste, seu espírito se fechara. Como esses velhos jardineiros cujo corpo inclinado constantemente para a terra não pode mais se endireitar, seu espírito, violentamente amesquinhado pelos afazeres da vida caseira, jamais se reerguera. No quarto ano, foi atingida por uma espécie de doença nervosa que todos os dias lhe provocava crises de dores atrozes. O sr. Lepic, que amava profundamente a mulher, desgostava-se bastante com isso. Seu nervosismo aumentou, sua dispepsia agravou-se. E, com a piedade pela mulher, sua violência para com ela recrudesceu. As crises da sra. Lepic se amiudaram. Nos curtos intervalos entre as crises, em que ela só tinha forças para chorar, ele desabafava o furor recolhido de um dia inteiro.

Há um ano que a sra. Lepic estava melhor e todos os domingos, quando aparecia, a sra. Santeuil se regozijava por encontrá-la com melhor aspecto, quando certa manhã, devido à ruptura de um aneurisma, o sr. Lepic foi encontrado morto na cama. Dez dias depois era enterrada a sra. Lepic: não pudera sobreviver a esse

marido execrável e adorado. Sem dúvida, a atmosfera tempestuosa que respirava, depois de a ter deixado meio morta, fazia-a viver. E como um cormorante, um alcatraz ou uma gaivota que se captura, por ter longamente vivido, planado com suavidade sobre as vagas furiosas, no atordoamento do trovão e da tempestade, não pudera trocar, sem morrer, o mau tempo pela bonança.

O único ser para o qual, em sua vida sombria, o sr. Lepic se mostrara sempre afetuoso e sorridente, o único a quem a sra. Lepic podia prodigalizar sua ternura sem ofender o marido, tinha sido Jean. Certas vidas às quais parece ser proibido comungar da felicidade humana sob as espécies costumeiras, às vezes, entretanto, participam dela de uma forma particular e indireta. A felicidade que o sr. e a sra. Lepic experimentavam em ver Jean, a quem amavam como teriam amado seu filho se sua triste união não fosse estéril, essa felicidade era a doce contrapartida de suas almas derrotadas, de suas vidas tragicamente perdidas. Jean também os amava com ternura. Mas era tão pequeno quando morreram que os esqueceu bem depressa. Sem filhos, sem amigos, os Lepic não deixaram nada que os recordasse e, nesta narrativa, não mais teremos ocasião de pronunciar seus nomes. Se Jean pensasse neles com mais frequência, teria sem dúvida, quando adulto, lamentado profundamente não os ter ainda junto de si, velhinhos e frágeis, porém vivos. Ninguém conhecera tão bem a sra. Santeuil como a sra. Lepic, e quando Jean estava numa idade em que não previa que um dia iria lastimar ao máximo não poder ouvir palavras sinceras e ternas sobre sua mãe, saídas de uma boca que muitas vezes beijara suas faces, a sra. Lepic teria sido para a sra. Santeuil a pessoa que ela mais amava depois do filho, do marido e do pai. Nessa idade, Jean também não pensava que as imagens de pessoas ou coisas, que veria com o mais terno prazer e que lhe abririam as portas da mais valiosa poesia, seriam aquelas junto das quais começara, sem disso ter consciência, a viver, a compreender, a sentir, como essas crianças do coro que, sem saber o que fazem, celebram o mais incompreensível dos mistérios e consomem o maior dos sacrifícios. Um dia, as mãos nervosas e sofredoras da sra. Lepic teriam trazido a Jean um pouco da doçura perdida das

mãos de sua mãe, nas quais tão frequentemente se haviam abandonado no decurso de tão tristes confidências.

As pessoas que exercem um papel nas nossas ambições ou tristezas de adulto não são mais as mesmas que se debruçavam sobre o nosso berço e depunham um beijo já trêmulo em nossa face infantil. E os braços ainda vigorosos ou enfraquecidos que nos erguiam para o alto, os olhos que procuravam em nosso rosto indeciso, em nossos olhos ainda inocentes, reconhecer os traços amados do passado, adivinhar os traços misteriosos do futuro, não são mais aqueles que se inclinarão sobre nós nos adeuses supremos, não são mais os que encontrarão, pela última vez, o olhar ardente ou mortiço e sempre incompreendido dos nossos olhos.

* * *

Quando a sra. Lepic morreu, Jean acabava de entrar para o colégio. Os amigos do sr. Santeuil haviam previsto, para um rapazinho que já sabia de cor Alfred de Musset e Victor Hugo, o prêmio de dissertação todos os anos, esperando o prêmio de honra em retórica. Assim, o sr. e a sra. Santeuil experimentaram uma penosa decepção vendo Jean punido por sua distração, último nas composições, terminando o ano sem distinções e sem prêmios. Em cada um dos deveres de aula, onde se esperava do aluno uma redação breve, se não elegante pelo menos correta, ele derramava febrilmente o amor ou a piedade momentânea que lhe inspirava a personagem sobre cuja vida apenas um aspecto era proposto. Cobria páginas e páginas, inebriando-se com a própria rapidez, exalando a tristeza infinita e deliciosa que lhe causava o suplício de Joana d'Arc ou as palavras do condestável de Bourbon, e as ornava, para fazer admirar a extensão de suas leituras, de imagens recolhidas nos poetas que lia. Assim seus deveres, concebidos em lágrimas, eram ouvidos em meio a risos. Teriam dificuldades talvez de perceber, nesse passo, que Jean, ainda há poucos anos perpetuamente fora de si e se derramando em ternura borbulhante sobre os outros, tornara-se egoísta, bastante vaidoso para gostar de

ser admirado. Seria a primeira ferrugem de sua alma nesse meio sórdido, úmido e gélido do colégio? Ou sua alma e seu corpo, ainda tenros, e que a vida teria logo destruído, mostravam, na necessidade de lutar contra ela, ter encontrado um pouco de força para resistir, um pouco de dureza, um pouco dessa crosta que, como todas as coisas rudes, tem frequentemente escamas e verrugas e que se desenvolvera a seu redor porque ele tinha necessidade disso, como os pés das aves que têm de se movimentar na água são palmadas? Seria uma semelhança com o sr. Santeuil, cujo amor-próprio era inofensivo e que, indiscernível na vaga fisionomia da primeira infância em que os traços são tão cambiantes que a própria mãe não pode dizer de seu filho “com quem se parecerá”, se teria acentuado à medida que ele crescia?

Parece que nosso verdadeiro íntimo, a princípio escondido no fundo de nós mesmos nos primeiros anos, aflora a seguir cada vez mais e modela enfim uma fisionomia, de modo que, tendo deixado um querubim celeste nos braços da mãe, encontramos-lo dez anos mais tarde feito um homem de negócios de olhar manhoso, um gordo de bigodes vitoriosos, um debochado cuja pupila brilha nos olhos fundos, um avaro de lábios cerrados como os de seu pai, um imbecil do qual se tem vergonha, de riso irritante e contínuo. Porém algumas semelhanças ou certas particularidades físicas ou morais, doenças, defeitos, méritos, vícios aparecem numa certa idade e depois desaparecem. “Não somos mais os mesmos.” Tenho um amigo que no colégio se parecia com o segundo marido de sua mãe a ponto de pensarem que era filho dele, um que foi franzino e bonito até sua primeira comunhão, e que agora é Ovarot, o banqueiro, tão feio e tão disforme que nem pode andar. Horace, que anda no trapézio e participa de corridas, foi tuberculoso até os 16 anos e condenado por todos os médicos. Estudei com Léandre, que, depois de haver esgotado todos os vícios, tornara-se morfinômano a ponto de nem mesmo tentarem curá-lo. É hoje um homem forte, razoável e são, o mais fiel e o mais terno dos maridos. Enfim, tive no regimento dois amigos, Julius e Phèdre. Ambos eram excepcionalmente dotados, um para a música, o outro para o crime. Sem a inércia dos diretores e a falta de habilidade da polícia, saber-

se-ia que um compusera uma obra-prima e o outro cometera um assassinio. Julius não escreveu uma nota desde esse tempo. Espantada pelos prazeres, a pequena fada da música se retirou dele. Hoje é um imbecil. E, quanto a Phèdre, é, com toda a grandeza do arrependimento, mais que um homem honesto. É um santo.

Sem poder prejudicar o que seria Jean mais tarde, dissemos que no colégio se tornara muito vaidoso. Convidado um dia para jantar com o reitor, era-lhe intolerável a ignorância em que estavam seus colegas sobre tal favor. Havia sobretudo um, que, rico e bem-nascido, jogava com bolinhas de ágata e apesar de sua pouca idade já usava calça comprida, apostava nas corridas e era monarquista, excitando a inveja e a admiração de Jean, e ao qual, por essa notícia, gostaria de dar uma ideia maior de si. Depois de hesitar por uma hora entre as várias maneiras de lhe dar a nova, de repente, enquanto era explicado, em Tito Lívio, o retorno de Aníbal através dos Alpes, ele se inclinou para a orelha do colega e, fazendo-se vermelho como um tomate, um bom tomatinho para que, apesar de tudo, não sejas tão severos, lhe sussurrou: — Sabes, jantei na casa do reitor. — Fernay, depois de um silêncio de uma hora, não esperava por essas palavras bruscas. Sobressaltou-se, esquecendo-se de onde estava, e disse bem alto: — O que é que tem? — O professor chamou a ambos, perguntou, sob pena de ficarem detidos após as aulas, que é que diziam; e Jean pensou que ia morrer de embaraço e orgulho quando, diante de todos, Fernay confessou: — Santeuil me dizia que tinha jantado na casa do reitor.

* * *

Alvo de zombaria por causa dos deveres de francês, Jean era punido pelos outros, que copiava de um vizinho cinco minutos antes de entrar em aula; depois de entregar o trabalho, passava o tempo todo a ler versos ou a não fazer coisa alguma. Todo santo dia prometia à mãe estudar a partir do dia seguinte, e no dia seguinte a preguiça, mais intensa do que a vigília do novo dia, que o deixara exausto, fechava rapidamente seus livros ou lhe tirava a pena dos

dedos. — Agora sei qual o obstáculo — disse um dia a sra. Santeuil ao marido, o qual, com os pés contra as grades da lareira, considerava as chamas com benevolência. — Não se trata da saúde como havíamos pensado, nem, graças a Deus, de um temperamento apaixonado. Nem também, como diz o professor de francês, a imaginação, nem a preguiça, que é a opinião do professor de física. O obstáculo é a ausência de uma força que aos seis anos o teria impedido de chorar de noite na cama em vez de dormir, que mais tarde teria desviado seus pensamentos da srta. Kossichief, que este ano enfim o poria no bom caminho quando ele tivesse vontade de escrever extravagâncias, de não pensar em nada, de ler romances ou versos, e sobretudo de comer nas confeitarias até dez docinhos, o que lhe tira toda a fome para jantar como esta noite e lhe estraga o estômago no futuro. Essa força, cuja ausência é empecilho tremendo — disse a sra. Santeuil —, é a vontade. — Sem vontade, nada de negócios — retrucou o sr. Santeuil afastando vivamente do fogo as meias que começavam a arder. — Só faltei me queimar, mas também por que me falas sempre que estou aquecendo os pés? — A sra. Santeuil pensou provavelmente como o marido que, prolongando nessa noite a conversa, não resolveriam o difícil problema de dar força de vontade a Jean e, inclinando a cabeça para a lareira onde ouvia, sem compreender, a torrente de promessas ruidosas e brilhantes que o fogo, como a Sibila, proferia através da fumaça, os olhos perdidos nas chamas que, por entre as achas, acima do crepitar dos tições de púrpura, sopravam com força, como um vento brincalhão que se levanta sobre o arvoredado ao pôr do sol, no quarto fechado onde a obscuridade vibrava com o calor das labaredas e, estendendo as sombras sobre o muro como vitrais, encobria os reflexos nos ângulos como rubis, a sra. Santeuil uniu melodiosamente seu silêncio ao do marido.

* * *

Quando Jean, em vez de começar uma tradução do latim, acabava de reler *Rute e Booz* ou *A noite de outubro*, não estava contente, pois tinha um vivo sentimento do dever e, por ter conhecido a

satisfação radiosa da tarefa cumprida, achava o próprio prazer que dão os belos versos menos feliz e menos gratificante. Até entre os maus versos que tinha de ler e os belos versos que havia lido não se sentia no direito de haver escolhido os belos, visto que os que devia ler eram os maus. Assim, quando lhe vieram dizer que o jantar estava na mesa, sem que tivesse começado a trabalhar, a dupla amargura do dever omitido e do prazer desfrutado enchia seu coração escrupuloso e fraco. Mas habitualmente não era nem por ler versos que Jean não fazia os deveres: era por ter andado à toa muito tempo ao sair do colégio, era por ter ido conversar na cozinha, por ter ficado aquecendo os pés. Então, quando descia a noite, quando através do vidro sincero da janela podia ver flutuar no triste e doce sorriso do céu cor-de-rosa uma como inefável censura, ele se arrependia duramente de haver repelido para longe, como se atira um pedregulho n'água, esse presente misterioso que Deus nos dá: um dia — um dia que ele nos dá para que o utilizemos à vontade, para que nele vertamos os santos óleos ou o veneno, um dia que não voltará mais, um dia que, depois de nele havermos depositado a própria essência de nossa alma, o pior da nossa fraqueza ou o melhor da nossa vontade, será destruído para sempre, em meio aos raios dispersos na noite. “Um dia, depois outro dia” — murmurava consigo, “é a minha vida e não terei outra. Deus me concedeu esta e não uma outra para que sua vontade se cumpra.” Chegado então ao fim do dia, via-se já no final da vida e, como um pintor descontente que rasga a tela, apagava furiosamente a pequena imagem que desenhara de si mesmo sem que outra tela lhe fosse dada para recomeçar. “Somente esta e não outra”, repetia muitas vezes antes de dormir.

* * *

Desde uma noite em que pensara que chegaria o tempo em que não poderia mais agradar sua mãe, Jean se pusera a trabalhar. Cada dia tinha feito um dever a mais, e nessa manhã acabava alegremente uma tradução latina, percebendo já no fim do ano a figura feliz de sua mãe na distribuição dos prêmios. Sentia-se

melhor, estava tão feliz com tanta ventura que não podia deixar de sorrir ao sol que entrava pela janela e de fazer com os lábios o ruído dos beijos que daria dali a pouco na mãe. Acabada a tradução, pôs-se a saltar. Como desejasse principiar uma composição imediatamente, foi tomar um pouco de ar diante da porta para se refazer por um instante. Apesar do sol, de uma brisa débil e de um odor novo, teve a coragem de se subtrair à conversa, aos jogos desses amigos deliciosos, para fazer sua composição, e subiu as escadas correndo, inebriado por sua livre resolução. Chocou-se contra o pai, que descia e que, já aborrecido de ouvir todas as noites os queixumes da sra. Santeuil, o segurou com raiva.

— Eis o que fazes enquanto a gente pensa que estás trabalhando, no momento exato em que acabas de fazer belas promessas. — Deixe-me explicar, paizinho, há um mal-entendido — disse Jean, para quem o sol subitamente se escondera às primeiras palavras do pai e que estava todo trêmulo. — Não, não há mal-entendido. De onde vens? Tanto faz, não tenho mais nada a te dizer, já está decidido entre mim e tua mãe que deixes o colégio para entrares no Henri IV. — No Henri IV — gritou Jean empalidecendo —, no Henri IV? — É o que te digo. — Não porei lá os pés uma vez sequer. Então é assim? No momento exato em que desejo agradá-los; muito bem, sou um imbecil, foi a última tradução latina que fiz — gritou Jean. — A última — repetiu o sr. Santeuil —, veremos; sobe — acrescentou, continuando a descer —, acho que estás ficando louco. — Diria o mesmo do senhor, se o ousasse — replicou Jean subindo as escadas, temendo ao mesmo tempo que suas últimas palavras tivessem sido ouvidas ou não pelo pai.

Ao descer, Jean deixara a porta aberta, para entrar de novo sem tocar a campainha; mas a sra. Santeuil, ignorando que ele tivesse saído, fechara-a de novo ao sair. Jean tinha de tocar a campainha para que a abrissem, e sentia-se perturbado demais para enfrentar o olhar penetrante de Augustin. Assim, desceu de novo a escada e sentou-se no vestíbulo. Esse lugar recordava-lhe alguma coisa... Ah, foi aqui que uma manhã, também transbordando de ternura por sua mãe como hoje, escondera-se para esperá-la, e dela recebera a notícia de que, em vez de ir aos Champs-Élysées, teria de ir à casa

do sr. Jacomier. A infelicidade de ter pais tão cruéis e que o desconheciam a esse ponto inspirou-lhe uma piedade tão profunda que a todo instante as lágrimas, enxugadas com cuidado para não serem vistas pelo porteiro, se o acaso o fizesse passar no pátio, recomeçavam a cair. Depois, sem cessar de maldizer o pai, passou a desculpar a mãe, que, naquela manhã antiga, não podia adivinhar a ternura silenciosa por ela que transbordava do coração de Jean, nem que hoje um milagre dessa mesma ternura vencera a preguiça que ela queria castigar e que não existia mais. “Se é assim na vida”, disse consigo baixando até aos joelhos a cabeça em lágrimas, e admirado ele próprio com o gesto de sua humildade, “se os homens cumprem assim suas resoluções a respeito dos que se modificaram à sua revelia depois que as tomaram, se a cada momento a gente se arrisca a cair em falso, a sufocar uma boa intenção, desesperar alguém que se ama, desmoralizar uma pessoa que se torna bondosa, o mundo é muito complicado para mim, a vida é forte demais para mim.” E desde então, apesar do pavor que lhe causava a ideia de ir para o Henri IV, como uma criança que se abandona uma manhã ao pé de um lampião ainda iluminado numa grande cidade, apesar do desgosto de deixar seu caro colégio, estava decidido a não mais resistir a nenhuma dessas injustiças da vida, nem mesmo à mais medonha, pois era a mais iminente, seu internamento no Henri IV.

VI. O Liceu Henri IV

A todos os poetas Jean preferia Verlaine e Leconte de Lisle como seu mestre Xelnor, e como ele experimentava um tédio sombrio à leitura dos clássicos. Mas estendendo às coisas do espírito a inquietude incessante de sua consciência escrupulosa, desconfiando tanto do valor de seus julgamentos como de seus atos, esforçava-se constantemente em reler a *Fedra Cinna*, as *Fábulas* de La Fontaine com um espírito novo para tentar amá-los tanto quanto os *Poemas antigos* ou os *Romances sem palavras* se o merecessem. Depois de eliminar do espírito todos os preconceitos anteriores, pôs-se a enfrentar cara a cara essas esfinges antigas que lhe deviam dizer: eis o que valho — e que após duas horas desse confronto não lhe haviam dito nada. A imaginação poética que se erguia na alma de Jean, por detrás da razão ainda sombria e que o ofuscava vivamente como o sol antes de aparecer, inflamava-o do desejo de encontrar em toda a parte, nos seus deveres e nos livros dos outros, o esplendor de sua púrpura misteriosa. As imagens brilhantes, o estilo inflamado dos últimos românticos excitavam nele um ardor matinal que, arrefecido pela leitura de *Britânico* ou de *Cinna*, era, a seguir, mais apaixonadamente procurado. Jean, porém, tinha ainda uma outra razão para preferir não só Leconte de Lisle mas também J.-J. Weiss a Molière. Os escrúpulos, o desânimo de tantos arrebatamentos seguidos unicamente de tantas fraquezas, os mil devaneios da ternura e da tristeza, as mil descobertas da fantasia tinham desenvolvido nele um espírito de observação interior ao qual o estudo da filosofia não dera ainda seu alimento e que, extenuando-se na tentativa de atingir o fundo inatingível de seu pensamento, se reconhecia, se alimentava, se exaltava nas leituras mesmo superficialmente filosóficas. As observações sutis de Weiss, onde reconhecia com júbilo as observações que fizera sozinho ao sol, nas aleias do jardim, ou nos

dias de chuva em seu quarto, os vastos poemas de Leconte de Lisle, que, depois de terem brincado com o Tempo, falavam com força deslumbrante do sonho da vida e do nada das coisas, eram mais vivos, mais profundos, mais substanciosos para ele do que as obras clássicas nas quais essa inquietude não existia. Jean, sem ter lido o *Micrômegas*, avaliara a dureza da vida e, à imensidade, à eternidade das esferas, o tamanho de seu corpo e da casa paterna. Depois ficara uma hora imóvel, deixando para o futuro toda ação irrisória. E então, transido de frio, excitado pela fome, fora jantar e logo, assaltado novamente pelo desejo de fazer versos parnasianos, resignou-se a viver vaidosamente já que era uma vaidade viver. Para não sofrer de novo a vertigem de se lançar nos espaços infinitos, não falaria disso em seus versos, mas no frontispício de todos os seus livros futuros, mesmo que só tratassem de artes plásticas; estava decidido a escrever: “Quem escreveu este livro, tendo refletido que a França é mil vezes maior que ele, que a Europa é cem vezes maior que a França, que o sol etc., quem escreveu este livro sabe que tudo é vaidade, inclusive este livro. Dito isso, como é preciso viver e, se se tem imaginação, escrever, ele vai em frente.” Depois, tendo lido estes versos de Leconte de Lisle:

*O tempo antigo é feito inesgotavelmente
Do turbilhão sem fim das aparências vãs*

decidiu inscrevê-los na folha de rosto de seu livro e ao pé escreveria simplesmente: Quem escreveu este livro sabe que tudo é vaidade, mas etc.

O poeta Rustinlor, diretor de estudos no Liceu Henri IV, e seu professor, sr. Xelnor, conseguiram ambos persuadir Jean de que seus escrúpulos eram infundados e de que era mais inteligente ler belos versos ou até, acrescentava o sr. Rustinlor com um riso enorme, destacando as palavras, “saborear horizontalmente sobre um banco o nirvana divino” que explicar Ovídio e Horácio, que eram “pobres coitados”. Os princípios do Dever são difíceis, sobretudo quando é preciso aplicá-los a uma circunstância particular. Que mal

havia em ler belos versos, e que benefício traria explicar os ruins, eis o que o sr. Claudius Xelnor não podia compreender. Seu espírito habituado a decidir por meio de regras simples se os versos eram “execráveis ou surpreendentes” não imaginava para Jean, embora fosse homem honesto, um bem moral superior ao prazer estético, o qual teria adquirido resistindo ao prazer e fazendo o seu dever. O sr. Claudius Xelnor (de seu nome civil Claude Le Roux) liquidou pouco a pouco os remorsos de Jean, mas levou tempo. Pode-se censurar a Jean o seu defeito, mas admirar igualmente essa corajosa resistência. Mais tarde, Jean compreendeu que espécie de prêmio para a inteligência são esses exercícios que, obrigando-o a despojar uma ideia de todas as fórmulas convencionais, de todas as elegâncias adquiridas, de todo o ambiente vulgar através do qual as percebemos involuntariamente, forçam-nos a apanhar a própria realidade e que têm por objeto unicamente as obras de todos os tempos, o universo e a vida, o amor de uma rainha ou a história de uma cotovia, a ambição de um aventureiro. Fazendo remontar tão longe suas origens, tais exercícios fazem-nos conhecer, para melhor respeitá-la um dia, a antiga nobreza de nossa língua. Jean teria tido, então, menos mérito em permanecer determinado tempo preso a um dever que conspirava com seu interesse intelectual. Convencido, porém, de que perdia seu tempo com ninharias, quando poderia adorná-lo de sonhos, teve forças para preferir as primeiras por *dever*. O sr. Claudius Xelnor há já nove anos que via seus versos celebrados pela *Revue Blanche*, o *Mercure de France* e a *Revue Indépendante* e escrevia ao alto de uma balada: “Para Henri de Régnier”, que o honrara com sua benevolência. Malgrado tantas glórias (e, para mim, a última citada não é desprezível e sim uma das mais caras), pode-se pensar que, colocando-se por um momento na verdade das coisas, todos os disfarces das notícias breves, dos jornais e das desinências latinas não mudam, não contam aos olhos de Deus, que, do sr. Claudius Xelnor e de Jean, o maior não era esse Claude Le Roux.

* * *

Sucedeu depois de uma manhã em que, avidamente debruçado sobre *As contemplações*, perguntara à poesia o segredo da vida, da morte e de sua alma. O sr. Rustinlor veio buscá-lo para um passeio e disse: — Que é que você estava lendo, Santeuil? — *As contemplações*, senhor. — É do ruim Hugo — disse o sr. Rustinlor sacudindo a cabeça. — Está bem abaixo de seus versos plásticos e puramente exteriores. Além do mais, os versos puramente exteriores são, por isso mesmo, infinitamente superiores aos que significam algo. Leconte de Lisle é superior ao pai Hugo, porque não está sobrecarregado, como ele, de metafísica enfadonha. No entanto é preciso admirar o papai Hugo, e ele foi ainda assim um poeta extraordinário, porque na verdade era um velho idiota. — O céu e a terra desabaram sobre Jean. Não fora educado na religião e ainda não aprendera filosofia. A literatura era o seu único credo e, com toda a vivacidade de seu intelecto e a seriedade de sua consciência, nela buscava a certeza. “Victor Hugo era um grande poeta porque era um idiota.” Não tentou sequer ofertar ao sr. Rustinlor o sorriso que a redação antitética desta conclusão parecia reclamar. Os interesses mais sérios de seu pensamento estavam ameaçados muito de perto para que ele pudesse ainda pensar em termos de polidez. Mas o sr. Rustinlor continuava: — Sim, um velho idiota e que fazia versos extremamente belos. Ao passo que os celerados que você tem a fraqueza de admirar, Weiss, Lemaître e esse Anatole France, que entretanto não passa de um pobre coitado bastante sutil, todas essas pessoas inteligentes, ou que fingem sê-lo, são absolutamente incapazes de escrever corretamente um poema regular. Quanto a um soneto, não digo nada: excetuando Anatole France, que nem sempre tem sido abominável, eles nem sabem ao menos de que se trata. — E o sr. Rustinlor, erguendo o indicador ao nariz chato, pôs-se a rir ruidosamente. — Eles o perderam — disse ao ler no rosto de Jean a perplexidade. — Nunca um poeta (ele pronunciava “po-ieta”) gostou de outra coisa na literatura inteira que não os versos plásticos. — Então, estou errado em tentar gostar de Racine? — perguntou Jean, ansiosamente. — Racine é um grande pedaço d’asno — disse o sr. Rustinlor, franzindo as sobrancelhas olímpicas — e além disso é sempre

errado tentar gostar: ou se gosta ou não se gosta. Suas tragédias são tremendamente aborrecidas, mas há na *Fedra* alguns belos versos como este: “A filha de Minos e de Pasifaé”, que Gautier declarava ser o único belo verso que jamais encontrara em Racine. — O único? — perguntou Jean, que procurava em vão adivinhar a beleza desse verso. — O único — assegurou o sr. Rustinlor com ironia triunfante — e, palavra de honra, não estava enganado. Por outro lado, isso nada tem de espantoso, pois Théo é um dos mais miraculosos sujeitos que já houve. Usou da máxima severidade para com Racine, cujas rimas, aliás, são lastimáveis. Sua visão da Antiguidade grega e judaica não é de desprezar, mas prefiro à *Ester* duas páginas de Paul Saint-Victor sobre a *Ester*, que são pura obra-prima, e à *Fedra* um conto de Pierre Louys chamado *Ariana*, onde cabe toda a Grécia, e que é muito mais bem escrito.

De noite, Jean entrou em casa assediado por um problema que lhe parecia impossível e tão essencial que julgava uma imoralidade dormir antes de o ter resolvido. Se a mais alta poesia não era a preenchida pelas grandes realidades em presença das quais vivia, nem as que ficavam a olhá-lo durante seus passeios, e lhe diziam durante o trabalho: olhe-nos, elucida-nos, penetra-nos — então a poesia não era nada. Ou antes, como dizia o sr. Rustinlor, não eram essas realidades justamente nada? Esquecia ele por um instante seus tormentos, “a filha de Minos e de Pasifaé”, e voltava a despertá-los com uma crueldade bem digna dessa origem monstruosa. E, no entanto, não era sem prazer que repetia a frase espirituosa de Gautier. Não percebia então as belas sonoridades mitológicas do verso de Racine. Mas, até aqui, habituado a estimar os versos pela sua riqueza de sentido não menos que pelo brilho de suas imagens, experimentava, ao ouvir celebrar acima de todos este, onde não havia ideia nem imagem, a surpresa divertida que sentimos toda vez que uma palavra nova nos vem mudar a face do mundo ou os termos do problema do pensamento.

* * *

Um dia, tendo Jean dormido, estudado e se divertido bem, sentia-se feliz e de consciência tranquila, o espírito calmo, o corpo bem disposto; com a cabeça reclinada sobre o banco, desfrutava placidamente a satisfação de haver resolvido o problema da vida, quando, tocando-lhe o cotovelo e olhando-o de cima para baixo, um colega já adulto lhe falou: — Olha, Santeuil, vem comigo um dia às quatro horas conhecer as raparigas. Vai, em nenhum livro encontrarás nada tão distinto. — Jean se desculpou e prometeu que um outro dia, firmemente decidido a jamais acompanhá-lo. Mas à noite, na cama, luz apagada, “queres vir às quatro horas conhecer as raparigas, não há nada tão distinto” — tais palavras de fogo acenderam furiosamente em Jean todos os antigos desejos reprimidos que nele dormiam e, diante da impossibilidade de deixar a cama e sair, irritava-se sob as cobertas por não serem quatro horas e não poder imediatamente aceitar essa proposta perturbadora.

O dia radioso apagou esses maus pensamentos com a lamparina do dormitório e os bicos de gás das avenidas. Jean tinha vergonha disso e, sentindo a felicidade tão perfeita de ter boa saúde e de estudar, não podia compreender essa loucura noturna cuja lembrança se esmaecia até empalidecer no meio dos sonhos. Mas um dia, no meio da aula, repetiu para si mesmo as palavras do colega adulto, ou antes, ouvia-as tais e quais e ansiou por acompanhá-lo. Nesse dia, porém, o colega estava doente e não viera às aulas. Alguns dias depois, o colega transpunha a porta do n.º 6 da rua Boudreau, com passo natural, acompanhado de Jean, que dissimulava sua emoção, como um recruta que não quer que um veterano perceba que está com medo, quando, defrontando pela primeira vez o fogo, as lembranças da infância lhe vêm flutuar na memória perturbada e lhe fazem parecer mais horrível a angústia do momento próximo. Subiram uma escada bem iluminada onde havia um guichê. Mas o dia, cujo olhar amistoso consolava Jean vagamente nas horas mais sombrias, assumia um ar hostil e fechado sobre as paredes de pobreza odiosa ou sobre os tapetes de riqueza insolente.

— É lá — disse o colega com a precisão dos rapazes que param um cavalo diante do matadouro, suficientemente ignorantes do que se passa na alma do cavalo para experimentarem crueldade ou compaixão. Jean disse consigo: “Num instante a porta se fechará sobre mim, não poderei mais descer.” Correu para a campainha dizendo ao colega adulto: — Será verdadeiramente distinto? — e a sacudiu com tanta força que ouviram uma voz vulgar gritar em meio a risadas: — Ah, eis um apressadinho, ora essa! — Olhando com desconfiança logo dissipada à vista do adulto, ela veio mostrar à porta uma figura que lembrou a Jean a de uma camareira que não estivera mais que dois dias em sua casa e de quem guardara uma recordação estranha e terrível. Mais elegante que sua mãe, recendia a vinho como um bêbado. Quando a sra. Santeuil quisera despedi-la, ela a insultara e, segundo a cozinheira, até lhe batera. A sra. Santeuil ficara, por isso, vários dias de cama. Depois souberam que, procurada há muito tempo por um duplo assassinio, fora condenada a dez anos de trabalhos forçados. Tais foram as recordações que despertou em Jean a vista do rosto que se enxergava à porta. Espantou-se Jean de seu olhar cruel através da pintura dos cílios, um eczema sob o pó de arroz e, com a vulgaridade de um vadio, a infâmia de um trapaceiro em meio ao esplendor fantástico e suave de uma atriz.

Entraram. Se ao menos para acolher, dissimular e adormecer essa nova inquietação Jean tivesse tido a solidão silenciosa e atraente de seu quarto. Eis, a contar da antecâmara, 12 mulheres de penhoar que faziam chapéus. — Que é que elas fazem? — indagou o adulto para grande espanto de Jean, que acreditava, sem compreender por quê, que tudo isso era sempre assim — É para as irmãs de Saint-Jean — responderam elas em coro. Jean pensou que se tratasse de um gracejo ignóbil, mas não era. A mãe Troncpoing (assim se chamava a mulher que viera abrir) tinha uma irmã religiosa.

A casa de Étreuilles. — Lilases e macieiras. — As ruas. — Ernestine. — Manhãs no parque. — Efeitos de luz. — Os almoços. — Músicas de verão. — O frio. — O capitão Fracasse. — A lanterna mágica. — O jardim dos Esquecimentos. — O espinheiro cor-de-rosa. — Passeios no Loir. — A camélia. — O reino do Sol. — A missa cantada. — A sra. Sureau. — Os sinos. — A fazenda dos Aigneaux.

I. Étreuilles

Às vezes, na Páscoa, quando o sr. Santeuil não tinha muito que fazer, ia-se para uma estada preliminar em Étreuilles. Entretanto, o sr. Santeuil dissera: — Não vai fazer calor, pois a Páscoa será cedo este ano. — E a sra. Santeuil, de muito bom gosto em matéria de literatura, de bom senso na vida, e de muita graça quando se tratava de contar a mais simples história, com tato, habilidade e coração para os afazeres domésticos, mas ignorando a meteorologia, a geografia, a estatística e outras ciências, maravilhou-se de que o marido soubesse que a Páscoa seria cedo nesse ano, e via nessa prova evidente de superioridade uma ocasião de lhe renovar interiormente seus louvores de admiração e seu voto de dócil sujeição. E, desde o mês de janeiro, o sr. Santeuil dissera: — A comissão se reúne pela última vez na quarta. Poderemos partir na quinta-feira santa. — Os projetos longínquos feitos com precisão pelo sr. Santeuil davam à sra. Santeuil a impressão de profecias e redobravam sua admiração pelo marido. A Páscoa chegou cedo, de fato, e podia-se partir na quinta-feira como previra o sr. Santeuil. Era escusado levar tudo o que houvesse em matéria de cobertores, não havia suficientes para lutar contra o frio, e, chegados a Étreuilles com um tempo gélido, ficavam todos a se aquecer na sala de jantar, onde o tio de Jean ia a todo instante verificar o barômetro para ver se vinha o bom tempo. À noite, quando Jean entrava no quarto, via um bom fogo aceso e, enquanto se despia, batiam na porta. Era a cozinheira que vinha trazer uma botija, que lá chamavam “monge”, e era trazida só porque a sra. Santeuil havia recomendado, a fim de que ficasse bem quente, que a trouxessem apenas quando o sr. Jean já fosse se despir.

O mês de maio não era somente o mês em que se via chegar à casa do sr. Santeuil seu filho, a nora e o neto. Havia poucas residências que não arrumassem nessa época em seu jardimzinho,

por menor que fosse, contra o muro, diante da porta, lilases arborescentes que algumas vezes ultrapassavam, numa só haste, como um campanário de cores, o teto baixo da casa, outras vezes entremeavam sobre o telhado seu emaranhado de flores com animação jovial, e outras ainda, passando além do muro e se inclinando sobre a rua, vinham com seu perfume até a calçada oposta em busca do próprio transeunte que os não via e o forçavam a erguer a cabeça. De modo que, no mês de maio, cada uma dessas pequenas casas achava-se dotada de um luxo imprevisto, de toda uma domesticidade silenciosa de jovens lilases que se agarravam à porta e conferiam à casa um ar puro e atmosfera perfumada, domesticidade, por outro lado, como só poderia obter, num conto oriental, uma fada cheia de poderes poéticos. Mas nada valia, quando se caminhava ao longo do pomar de Cotte, a vista, através das grades durante cinquenta metros, de suas macieiras em latada subindo uma ao lado da outra em distâncias iguais, numa ornamentação de encanto incomparável, com suas grandes flores brancas abertas e de vez em quando pequenos buquês cor-de-rosa de botões que avermelhavam, ao passo que as folhas, incessantemente, davam na parte de baixo o acompanhamento de seu desenho inimitável e sobre o qual nenhuma árvore frutífera consegue nos enganar. Se temos a infelicidade de chegar muito tarde ao campo, quando as macieiras já perderam as flores, somente a vista dessa bela folha, de que já conhecemos toda a poesia ofuscante que ela pode sustentar, nos faz lamentar que flor nenhuma, por bela que seja, a possa exceder, e apenas a mínima penugem finamente organizada dos pistilos no âmago da flor, como uma espécie de coro obscuro e misterioso no seio de uma deslumbrante basílica, somente a vista desses pistilos nos causará desgosto semelhante e, ao mesmo tempo, nos dará mais prazer, acordará em nós mais amor que a visão das mais belas flores do mundo. E esse prazer infinito pelo qual, passeando ao longo de um pomar, reconhecemos de imediato essas flores brancas da macieira, suas folhas e os buquês rosados dos botões é um prazer moral. A razão pela qual a vista das pereiras brancas e das roseiras cor-de-rosa da Pensilvânia não as substitui é uma razão que vem do fundo

do nosso coração. De súbito, percebendo a folha bonita sobre a qual ninguém pode nos enganar, as flores mais largas, mais unidas em buquês brancos que progridem ao longo da latada separadas pelos buquês cor-de-rosa dos botões, sentíamos nessas folhas, nessas belas flores brancas, algo que nos falava, como quando encontramos num desfile uma pessoa amada que nos sorri, nos dá bom-dia. Parece que debaixo do verniz verde da folha e sobre o cetim branco da flor existe um como ser particular, um indivíduo que amamos e que ninguém pode substituir. Sentimos que não é preciso parar diante do cetim branco da flor branca, diante do verniz verde da folha verde; que existe algo por detrás, nosso prazer é profundo, sentimos algo que se agita por dentro, algo que desejaríamos apreender e que é bem doce. Parece que essas flores brancas, que se sucedem ao longo da latada, têm uma expressão moral, são como o retrato de uma época de nossa vida que acabamos de reencontrar e que reconhecemos. Não mais como nas outras árvores floridas; desta vez cada flor, cada folha corresponde em nós a um desejo. A cada instante nos dizemos: “É bom isto”, com alegria. O que existe nessas flores brancas que se alternam com seus buquês rosados é algo como uma vida bem diferente daquilo que chamamos às vezes vida, e que nos entristece tanto à ideia de que a perderemos, embora nos pareça bem tediosa. Ao contrário, nesse momento em que somos tão felizes não teríamos medo de perdê-la e de nada deixar. Pois o que nos arrebatava no prazer que sentimos é alguma coisa que nos mexe bem no fundo, algo que não existe hoje, visto que o sentimento de um outrora em que víamos macieiras semelhantes está contido nele.

* * *

Nessa cidadezinha de Étreuilles, as ruelas tinham nomes de santos, rua Santo Hilário, rua do Espírito Santo. Era na rua do Espírito Santo que eles ficavam, e a Jean parecia engraçado que sua casa fosse um endereço, que sua casa, a casa do doutor em frente e, ao lado, continuando a fileira, a vidraça do merceiro, que tudo isso fosse a rua do Espírito Santo, e que sua casa tivesse um

número, pois rua do Espírito Santo n.º 5 tem jeito de ser algo exterior a si, que se designa, e que nossa própria casa, vista assim de fora, dá-nos a impressão de uma coisa estranha. O papeleiro ficava na rua do Pássaro e para ir até a praça tomava-se a rua Santo Hilário. E era, de fato, uma cidade onde a igreja dominava, uma cidade que as procissões atravessavam, onde os altares de estação [\[04\]](#) se embandeiravam, aqui morava o cura, lá o sacristão, acolá as freiras, uma cidade povoada pelo toque dos sinos, que os dias de missa cantada animavam com a fila das pessoas que a ela iam assistir, e com o cheiro dos doces preparados para o almoço que se seguia. Ela, porém, contava com santos um tanto sombrios, um pouco tristes e, de fato, era uma cidade fria e não muito clara, as noites longas, os velhos se queixavam de doenças, muitos dos jovens eram enfermiços, e era grave a fisionomia e lenta a fala de todos; o padre era muitas vezes chamado para os agonizantes e os sinos soavam com frequência pelos mortos. E também havia ruas com nomes de coisas usuais e naturais, rua do Pássaro, rua da Bacia de Barba, pois nessa cidade havia também facas, pombos, vento, mestres ferreiros.

* * *

Na casinha de Étreuilles havia criadas de cozinha e um jardineiro. Mas a direção do serviço e todas as relações diretas com os patrões eram exercidas escrupulosamente por Ernestine. Ao chegar todos os anos, a sra. Santeuil lhe dizia: — Para o sr. Jean, Ernestine, você sabe, uma botija de água, não quente mas fervendo, de modo que seja impossível tocá-la com os dedos. E a cabeceira da cama bem erguida, sabe, quase incômoda, para que não seja possível a alguém estender-se se quiser, quatro travesseiros, se tiver quatro, não será nunca suficientemente alto. — Sim, senhora — respondia Ernestine, sorrindo, pois era tão amável com os parentes da sra. Sureau quanto seca consigo mesma. Uma longa intimidade não os fazia perder, aos poucos, a seus olhos, todo o prestígio. Não lhes votava rancor nem sentia necessidade de “acostumá-los”, por não viver muito tempo com eles. Eles a cumulavam de cumprimentos,

vinham de Paris. E quando a sra. Santeuil subia para ver se o quarto de Jean estava pronto e ele podia ir se deitar, verificava se a cabeceira da cama estava bem elevada e a botija suficientemente aquecida. — É incrível como essa moça é inteligente e entende das coisas — dizia a sra. Santeuil. Jean, no entanto, ainda ignorava que, para ter à mesa um belo ganso assado que, magnificamente preparado e brilhante de suco, excitava desejos inocentes em seu palato, fora preciso espantar um bicho, lutar com ele, torcer-lhe o pescoço e fazer correr rios de sangue pela pia da cozinha. E quando ouvia gritos e batidas assustadas no pátio, julgava que, sem lhe fazer mal, castigavam um galo que fora malvado com as galinhas. Do mesmo modo, ignorava que, diligente e risonha na sala de jantar com os patrões, Ernestine na cozinha e na copa fazia chorar a criadinha, ferindo-a a todo pretexto com sua ironia, seu desprezo, suas injúrias, suas calúnias, pondo-lhe pimenta na bebida ou porcarias no almoço; se, por acaso, esta fosse buscar leite fresco para Jean, substituía-o por leite estragado, forçando-a por meio de ameaças a cometer faltas e a ouvir suas reprimendas diante da patroa, sem que a infeliz, aterrorizada, ousasse revelar coisa alguma.

Em breve, correndo o risco de não mais encontrar emprego, uma a uma as criadas partiam, sem nada dizer, temendo as represálias de Ernestine. A mais corajosa, a mais necessitada, perseverou durante um ano. Outras iam embora antes do fim do primeiro mês. Desse modo, Ernestine não receava que outro poder se elevasse, pouco a pouco, ao lado do seu. Embora as pobres moças não declinassem de modo algum os motivos por que iam embora, estes não escapavam à sra. Sureau. Não existe uma coisa sequer que seja inteiramente sabida, mas, do mesmo modo, não há uma única inteiramente guardada. Contudo, a sra. Sureau achava que não era pagar muito caro “as imensas qualidades” de Ernestine. E a sra. Santeuil, tranquila em relação às contas de sua sogra, já que esta junto a si tinha uma pessoa tão inteligente, de serviço tão perfeito, que cuidava dela tão bem, e à qual estava há tanto tempo acostumada, exortava-a também a lhe sacrificar antes todas as cozinheiras do vilarejo e a não se separar de uma moça “como não

seria possível encontrar uma segunda”. O próprio Jean, que não pudera dormir na noite em que, em Paris, o sr. Santeuil, com a indiferença de seu sexo para com as ilusões e a sensibilidade, respondera sem consideração às perguntas do filho sobre as relações entre Ernestine e as criadas de cozinha, Jean em Étreuilles sentia-se invencivelmente inclinado a dar razão à única pessoa que soube fazer-lhe a cama como ele gostava, todos os pratos que apreciava, o café bem quente e o creme de chocolate bem fluido. Seja qual for nosso desejo de caridade e justiça, nossa benevolência irá sempre ao cabeleireiro que fará o trabalho sem nos tosar, fixará exatamente a mecha que nos distinguirá, no mundo, do cocheiro do fiacre cujo veículo está limpo e que nos leva a galope aonde quisermos. Com o risco de fazer o patrão emburrar com ele e talvez o despedir, não escolhemos o rapaz de bom coração que recebe nos fundos da loja os cachações dos mais hábeis e malvados, que nos corta e nos penteia o cabelo de uma forma ridícula e, no seu desejo de se instruir, nos recita frases pretensiosas, para as quais sentimos tanto menos indulgência, como, ao mesmo tempo, no espelho, sentimo-nos rapidamente cada vez mais feios sob suas mãos ingênuas e desastradas. É assim que os carneiros, os frangos e os bois, cuja agonia suportamos sem um só pensamento, porque é necessária a nossos banquetes, não são as únicas vítimas inocentes que deixamos sacrificar todos os dias. O bem-estar, a elegância, a gulodice, o luxo são soberanos amáveis, cujos inúmeros crimes, cometidos a cada dia durante séculos sem terem sido uma só vez punidos, entretêm a felicidade e asseguram o império.

II. Dias de férias

De manhã, por volta das sete horas, quando Jean ainda estava deitado, vinham acender o fogo nos dias frios. No calor de seu leito, ele via pouco a pouco o quarto vazio se aquecer, clarear, tornar-se alegre e, com o rosto virado para o fogo, sorria ao bem-estar crescente que o esperava e que não desfrutava ainda. Imóvel, semicerrando os olhos, contemplava de dentro de seu sossego os inúmeros volteios da chama, governanta ativa e risonha que, enquanto o jovem patrão descansa ainda, principia sua tarefa, prepara e faz reluzir todas as coisas a seu redor. Muitas vezes nesses dias, quando o tio mandava perguntar se vinha dar um passeio com ele, Jean respondia que só sairia pelas dez horas e o encontraria sem falta no parque, perto do canal. Até às dez horas gostaria de ficar trabalhando perto do fogo. Em breve, via as chamas se elevarem, cada vez mais altas, quentes e brilhantes na lareira como o sol no céu. Saltava da cama, e, antes de se vestir no pequeno toalete um tanto frio situado num desvão atrás do leito, pés descalços sobre o tapete, aquecido pelas chamas, friccionava o corpo alguns instantes ao calor do fogo que assim permanecia nele, mantinha-o quente por algum tempo no toalete, onde ademais se vestia com rapidez antes que o calor se desfizesse, com pressa de voltar para junto da lareira.

Pela janela aberta sobre o jardimzinho, via, do seu toalete, o tio e os primos partirem, fazendo soar na passagem a sineta da porta, levando linhas ou pás e às vezes somente bastões para um grande passeio. Mas, pensando nas maravilhosas aventuras que ia ler junto ao fogo, que lhe dariam, sem que se movesse, tanta fome como o passeio e, perto das dez horas, vontade de ir ao parque, não lastimava ter decidido não ir junto e olhava com alegria o fogo já refulgente que iria ronronar silenciosamente a seus pés enquanto leria numa boa poltrona à janela. Cerca das dez horas, ia ao parque,

por vezes com o livro debaixo do braço, contando acabar um capítulo ao ar livre, num banco perto do canal, pois a essa hora já era bem quente, a proximidade da água era deliciosa. Ao chegar ao parque, não demorava a avistar o tio. Ia-lhe ao encontro e o tio lhe dava um comprido bom-dia. — Ah, tinha que trabalhar de manhã, bancou o preguiçoso. — Sim, tio — respondia Jean sorrindo, já que no seio de uma vida feliz os acontecimentos mais banais refletem uma espécie de felicidade como sobre o canal, nesses dias tranquilos, todas as folhas dos grandes choupos, as vergônteas dos vimeiros da pequena ponte rústica, o bastão de Jean se refletiam na água, por completo, sem desaparecer, acariciados às vezes pela brisa ou pela passagem de um cisne que deixava a imagem intacta, depois. O tio de Jean perguntou como dormira, e Jean, cujo espírito brilhava ainda com esse frescor que conserva o dia todo quando o sono o lavou como uma água abundante e pura, respondeu sorridente. — E o creme de chocolate não te deu indisposição? — Não. — Sonhaste? Eu sonhei muito. — Não se lembrava de coisa alguma dos sonhos, tanto quanto do que lhe acontecera aos dois anos. Era, porém, feliz por saber que sonhava, que seu tio sonhava e que, em horas determinadas, todos os homens, retidos por uma força invencível num leito negro e profundo, sob os cortinados que cheiram a lavanda, participavam de uma vida misteriosa onde os velhos eram tão desvaliosos como as crianças ou os homens supersticiosos dos primeiros tempos e da qual aquele que então os conduzia cuidava para que eles não pudessem recordar.

— Esta manhã temos para o almoço ovos à *cocotte*, filé com molho bearnês e batatas fritas. Gostas de filé bearnês? — Oh, claro, tio. — Muito bem! Tanto melhor. E, aliás, temos cadozes [\[05\]](#) se o tio David os trouxe, não sei. Ah! Mas já são 11h15, é hora de partir se não quisermos perder a fritura — dizia o tio chamando os priminhos que logo puxaram as linhas pondo-as nos ombros. Quanto às pás, ficavam por lá pois o jardineiro ia voltar e, além do mais, quem lançaria mão delas? Ao passo que os cisnes poderiam partir as linhas. Essa necessidade de ir embora vinha a calhar para Jean, que, pensando intensamente nos ovos à *cocotte* e no filé bearnês, não se sentia com disposição para esperar, antes de ir prová-los, e

começava a achar que o topo aveludado dos íris roxos sobre as águas e o odor embalsamado das rosas da Síria no canto das aleias davam muito pouca satisfação à goela excitada pelo trabalho matutino, pelas horas e pelo desejo. Voltava-se apressadamente, os pequenos correndo a linha sobre o ombro, que por momentos se emaranhava e era preciso endireitar para alcançarem os grandes. Já fazia muito calor e, antes de atingir de novo a aldeia, o tio de Jean enxugava a testa. Às vezes, atravessando o Loir, vendo os cadozes sonhar e passar lentamente à flor d'água com uma preguiça que nada tinha do sofrimento e da doença, como o testemunhava ao primeiro ruído, com um brusco bater de cauda, um desfalecimento bem distante, um dos pequenos atirava sua linha sem fazer barulho, esperando capturar um desses belos viajantes dourados no momento em que, deslizando com vaga sensualidade entre os seixos ofuscantes e as ervas, percebia um pequeno verme apetitoso, gulodice permitida nessa gloriosa jornada, nesse regato azul onde tudo parece alegria. Mas o tio, zangado por vê-los ficar para trás, chamava-os logo. Era preciso vir. Chegavam logo. A mãe de Jean lia, esperando-os na sala de jantar. Todos se sentavam à mesa e o tio de Jean dizia, ao se sentar na cadeira e pegando o guardanapo: — Não sei se vocês sentem o mesmo, mas estou louco de fome — palavras que pareciam deliciosas, pois traduziam um sentimento geral que, num instante, como o anunciava o ruído precursor dos pratos frios trocados pelos quentes, iria ser logo satisfeito. E o almoço principiava. Diante dos olhos tinha-se a rua, onde o sol não cessava de brilhar. À hora da sobremesa, no momento em que a fome já se acalmou e quando se encaminha, com as uvas e o café, para prazeres mais refinados, as cartas chegariam, abrindo uma nova ordem de desejos e prazeres, cheia de curiosidade, ternura e humanidade.

* * *

Às vezes, quando o tio precisava dar um passeio prolongado, Jean lhe pedia que viesse acordá-lo bem cedo. Primeiro era necessário que o sr. Sureau passasse pelo parque para dar ordens ao

jardineiro. Era madrugada ainda e as coisas, não tendo sido tocadas pelo sol, pareciam mortas. Deixavam rapidamente a aldeia silenciosa, deserta, visível sem estar iluminada, nem no sono da noite nem à luz do dia, como uma aldeia abandonada num planeta de onde a vida houvesse desertado. Chegavam ao parque e faziam ranger a porta ao entrar. Não tinham necessidade de chave pois o jardineiro já estava trabalhando. Cavava um campo para a sementeira. Mas essa atmosfera sem luz e o silêncio quase consistente não conduziam os ruídos que pareciam vir quebrar-se de encontro a ele, asfixiar-se contra sua doçura quase palpável. O sr. Sureau dava algumas ordens ao jardineiro. Depois, para sair pelo caminho da parte de baixo, atravessavam o canal. O sol passava sobre as águas que não ostentavam a limpidez da água, e sim o brilho do ouro, ou de verdadeiras cores, malvas, rosadas, amarelas como ao sol poente. Contudo, menos para se confundir na obscuridade do crepúsculo do que na luz branca do dia. Tal doçura não levava ao recolhimento e ao silêncio, mas à alegria da vida.

As cores de vitrais, que de noite só acontecem sobre as águas quando o ouro deslumbrante já perdeu pouco a pouco todo o seu brilho, eram logo substituídas por esse ouro mais próximo do dia, que vem do alto. E a luz, em vez de se estender gradualmente num silêncio cada vez mais vasto, incendiava-se, ao contrário, mais e mais, em meio a gritos crescentes de pássaros despertados, firmando pouco a pouco, ao sol a pino e cheio de vida, essas cores de magia, sonhos da noite e da manhã que deturpariam para nós, se não se apagassem depressa, a aparência das coisas. Entretanto, são lamentadas. À noite, permanecemos muito tempo a procurá-las sobre as águas depois que desapareceram. E a luz da lamparina e o ruído de vozes à mesa parecem bem ásperos depois da doçura desses reflexos e desse silêncio, bem vulgares e racionais ao homem que acaba de entrever, por um instante, os encantamentos das fadas. Quanto é mais vivo o mal-estar quando se passa desses sonhos, não para o repouso onde a saudade deles aos poucos se desfaz, mas à vida, ao esforço pelas coisas contra as quais eles antecipadamente nos indispuseram. À noite, habituamo-nos, na cama, a pensar um pouco no impossível, no proibido. A noite, em

nossa boca aberta que se ouve respirar profundamente, vazará aos poucos, em nós, durante muito tempo, seus odres de olvido. De manhã, porém, se nos deixamos levar por ela, mais um meio de voltar ao travesseiro, partir de novo para o país onde talvez nos reencontraremos, conservaremos talvez os que não devemos perceber na terra, ou pelo menos que esqueceremos.

Às vezes, o sol brilhava o dia inteiro mas sem ser visto, o mesmo acontecendo com o céu azul, escondidos ambos por uma camada baixa e amarela. O canal também se tornava amarelo, luminoso sem nada refletir. Logo em seguida fazia muito calor. Estava abafado. Mas Jean, por mais que se queixasse desse tempo, experimentava ao longo do caminho, mais brilhante do que ensolarado, nos campos em cuja extremidade o sol traía sua presença por uma vaga radiação e onde, por vezes, para além de Étreuilles, o céu em vários pontos escurecia com uma chuvinha, perto do canal onde as carpas e as enguias, que não se viam na água brilhante, quente, baça, turva, saltavam a todo instante, e nos íris, durante alguns momentos iluminados cada vez mais até fulgurar e depois mergulhados de novo na sombra, o sentimento de viver ao mesmo tempo nesse dia e em dias semelhantes de outrora.

* * *

Nesses belos dias, quando Jean acordava — era sempre um pouco tarde porque ele gostava de dormir bem e sua mãe, feliz com isso, o deixava dormir — ele sentia-se feliz antes mesmo de se sentir desperto, tendo seus olhos visto, em primeiro lugar, os reflexos de ouro do sol sobre a mesa, como se a felicidade tivesse estado lá ao alcance de sua mão. Havia felicidade também junto à janela, no jardim, e azul por toda a parte, somente azul até no céu profundo e também carregado, até o fundo do regato quando dali a momentos ele atravessasse a ponte com sua linha. Depois de haver sorrido no leito, de se ter voltado para a parede um instante a fim de dar um último descanso às pupilas que haviam superestimado sua resistência olhando rapidamente os belos raios que não diminuían de intensidade diante de sua fraqueza, levantou-se, vestiu-se com

pressa, radiante, cantando. Desceu para o jardim e correu para dizer bom-dia ao jardineiro, que, chapéu de palha sobre os olhos, de tanto que o sol ofuscava, estava no alto de uma escada encostada às ripas do muro, podando as folhas das chagas. [06] Folhas e flores lá estavam, ardentes e retas na sombra, mas respiravam ainda a doçura do sol de que haviam sido banhadas por uns momentos, e ostentavam essa superabundância de vida das mulheres ao saírem da água e que, enxutas e novamente vestidas, têm ainda as faces mais frescas, os olhos mais vivos, a fisionomia mais feliz. Assim, entrelaçadas entre as folhas, as flores das chagas suspensas também entre o céu e a terra, as brancas hastes volúveis com um tom mais ardente no âmago, como no céu certos reflexos do sol, inclinavam-se sobre o regato e, esgotando então o sol que aí se desfazia em poeira luminosa, os íris se seguiam uns aos outros ao longo da pequena cercadura, os miosótis trazendo um ao lado do outro sua florzinha de um azul profundo como um pedacinho azul do firmamento estendido em sua direção, todas essas flores, em fila como os miosótis ou enlaçadas como as ervilhas-de-cheiro, pareciam descer do céu junto com os raios do sol deixando-se deslizar ao longo das ripas pelo muro do jardim e se assemelhavam aos inumeráveis anjos de uma espécie de Dia do Juízo, como os que são representados pelos grandes pintores da Renascença, anjos pintados de um rosa, de um azul, de um alaranjado tão vivos, uns como chagas, ervilhas-de-cheiro, hastes volúveis parecendo deslizar nos ares em direção à terra entrelaçando-se, outros como as violetas e os amores-perfeitos, à sombra na terra quente, parecendo dormir ou se espreguiçar no chão, uns entrelaçados como aqui dois amores-perfeitos conservando na sombra as mais maravilhosas cores da luz, outros sós em todas as posições mas sempre bem-aventurados, dando a quem os olha uma felicidade inaudita, a ideia de que o jardineiro é uma pessoa ditosa, que este jardim é o paraíso, tendo, porém, menos que esses anjos dos pintores, o ar de comemorar essa alegria do que de remediá-la, de participar dela. Alegria à qual nem escapava a árvore indulgente que não cessa de derramar sobre as flores extasiadas a seus pés, cucos, erva e violetas, aqui a sombra, adiante a luz, nem o cisne

que passa lentamente no regato levando igualmente a luz e a alegria em seu corpo brilhante, depois, entrando numa zona de sombra, reaparecendo na luz, não perturbando em nada a alegria a seu redor e deixando transparecer em seu aspecto feliz que a está experimentando, mas sem que seu modo de andar lento e tranquilo seja alterado em coisa alguma, como uma mulher da nobreza vê com prazer os serviçais alegres e passa sorrindo perto deles, sem desprezar-lhes a alegria, sem a perturbar, mas sem participar dela a não ser por uma simpatia calma e o encanto majestoso que sua passagem espalha em torno. Borboletas que também conservam na sombra as cores celestes vão de flor em flor, signos desse belo dia, como essas mulheres que saem à rua vestidas de sedas claras e vivas unicamente quando faz bom tempo e o verão já chegou. E essas borboletas, sobretudo os passarinhos que se divertem no ar, ou estão pousados em grupos nas árvores, fazem também pensar nos anjinhos alados do quadro de que eu falava, ao passo que no céu aberto até o mais profundo de seu azul o sol pontifica à maneira de Deus Pai nos raios. Eis o reino feliz, ao qual os reflexos do sol, fazendo do céu ao jardim, do jardim à nossa janela, de nossa janela à nossa vida uma escala afortunada, se ofereciam para nos conduzir. Eis o reino feliz onde coisa alguma guardava segredo, onde o céu estava no fundo dos regatos, o sol ao longo dos muros, as borboletas tão belas batendo silenciosamente as asas cerúleas e brancas ou negras de olhos de fogo, saídos não se sabe de onde entre as flores. Tudo isso sentira Jean ao ver o reflexo do sol sobre a mesa.

Era por isso que se sentia tão feliz? Não sabemos por que o brilho vivo do sol matinal nos dá tanta esperança, os primeiros frios do inverno tanta satisfação, por que motivo a claridade longa e dourada do sol das cinco horas, mesmo estendida durante uma aula tediosa sobre uma carteira negra toda esburacada pelos canivetes dos alunos, tem tanto encanto para nós. Mas desde que não sejamos torturados por uma angústia excessivamente dolorosa que nos impeça de participar de qualquer impressão suave e nos faça passar por um belo dia de verão como uma criança que chora no meio de outras que correm e brincam, esse encanto conserva

sempre o mesmo poder sobre nós. Graças a ele, sem ter necessidade, para isso, de nele reencontrar os jogos, o jardim, a saúde, as esperanças, encontramos por um momento a doçura mesma de nossa infância. Assim, a cor que podemos dizer ser verdadeiramente bela, isto é, que, sem ser preciso racionalizar, nos enche de uma espécie de sonho feliz, não é a do ouro, não é a dos belos estofos, não é sequer a das pedras preciosas, da ametista, do ouro ou da opala. Não, é a de todas as coisas ensombradas, mesmo no interior de um pobre quarto onde o sol bate, é também a cor castanha, mais inimitável e que sem este sol vocês não veriam, da sombra que uma coisa que está em frente lhe projeta. Graças a ela, Jean envelhecido, nada mais esperando da vida, vivendo de um duro trabalho numa cidade de onde não saía nunca, de onde não via nunca o campo, dormindo mal, acordando com mal-estar, sem esperança nos dias seguintes, sem ter necessidade, para isso, de jogos, do jardim, de saúde, de esperanças da infância, redescobria por um momento toda a doçura. Abria os olhos ao perceber os reflexos do sol sobre o assoalho, acreditava ter ainda a felicidade ao alcance da mão. Vestia-se depressa e, ao entrar de novo no quarto, a visão do sol espalhado em seu leito, a bela cor pálida do sol sobre os lençóis, fazia-o sorrir inocentemente. Beijava a mãe sorrindo, beijava-a como quando ela era jovem e bela, beijava-a como se estivessem no amanhecer (quando se acaba de tomar o desjejum, e tudo está pronto para começar o dia) de uma vida admirável em comum, e quando, juntos, iam começar a jornada desta vida. Erguendo a mão, via sua sombra castanha passar sobre os lençóis e, no poder que possuía de criar essa bela sombra castanha sobre a cor pálida e dourada do lençol, doada pelo sol, sentia uma como essência feliz da vida. Era preciso trabalhar. Atravessava o pátio da casa, mas seus olhos risonhos viam flores no passado. Ia para o trabalho, o paletó no braço, pois fazia muito calor, mas cantava com ar feliz. No trabalho copiava cartas, conservando, porém, o ar feliz como se brincasse. O sol já se havia posto e o céu estava acinzentado. Entretanto, o calor e o verão desciam, e até mesmo a luz, que fazia parecer transparente a água do Sena. Jean sentia-se feliz a ponto de desfalecer, como nos momentos em que a vida

para. Um outro empregado, com sede, fora beber. Estava tudo silencioso. Ouviam-se bater ao longe os martelos. Jean pensava que regressava do passeio cansativo depois de almoçar em Étreuilles, que entrava na casa refrescante. Nesse momento o cheiro a bolor de um livro que lhe davam, como os que encontrava na biblioteca do cura, era suficiente para inebriá-lo. O sol reaparecera tão forte que era necessário erguer os postigos.

* * *

Quando Jean voltava do campo, pouco antes da hora do almoço, as cadeiras já se achavam, muitas vezes, em seu lugar ao redor da mesa. E certamente como a luz branca do meio-dia imóvel sobre as estradas, sobre a mesa o exército rutilante, imóvel e já completo dos pratos, dos talheres alinhados ao lado dos pratos, dos saleiros colocados por último, das garrafas menos numerosas e mais altas que comandam uma fileira por inteiro e sobretudo, para cada prato, guardanapos dispostos como toucas brancas que Ernestine só mobilizava no fim, indicava que estava perto o meio-dia e que, tendo soado as 12 badaladas, os convivas não tardariam a tomar assento, dando assim o sinal de manobra dessa brilhante artilharia de facas e garfos e do desfile de pratos que Ernestine, como um chefe solícito, apresentava de um em um, desfile mais agradável ainda quando era favorecido por um belo sol que fazia resplender o vinho nas garrafas e vinha brincar na mesa entre os garfos e as facas. Mas, nos dias em que Jean desejava ter muito tempo para ler antes de almoçar, que prazer, entrando na sala de jantar, ao encontrar as cadeiras ainda enfileiradas lado a lado contra a parede e a mesa redonda de mogno inteiramente vazia no meio da peça, sem sombra de preparativo. Eram olhadas por Jean com bastante satisfação, essas cadeiras de mogno ainda enfileiradas ao longo das paredes consteladas de velhos pratos, disposição que guardavam até cerca das onze e meia, quando Ernestine vinha colocá-las ao redor da mesa. Mas, antes disso, passava-se uma boa hora em que Jean podia ler junto da chaminé, pois a julgar pelo frio que ainda fazia perto das janelas o fogo não devia ser aceso há bastante tempo.

Tinha ainda de aquecer bem toda a peça e começava sua tarefa com alegria, deixando cair de quando em vez uma grande brasa que desaparecia nas cinzas e lançando às cadeiras um reflexo aquecedor que sobre elas brilhava sem poder ficar quieto. E a pêndula que só marcava dez horas parecia, com uma atividade bem matinal, apressar-se em fazer, sem perda de um minuto, todo o caminho que como o sol tinha ainda de fazer antes do meio-dia.

Existe, no tempo seguinte, um repasto copioso, uma espécie de tempo em suspensão cheio de doçura, de inteligência e de energia, onde permanecer sem fazer coisa alguma nos concede o sentimento da plenitude da vida, ao passo que o menor esforço nos seria insuportável. Os desgostos que trazíamos ao vir almoçar desapareceram, e se pensamos neles é com um sorriso, como num passado ruim cuja causa deixou de existir. E com o desgosto, o escrúpulo, o remorso. Se tivéssemos oportunidade, faríamos daí a pouco o que nos havíamos prometido esta manhã não fazer, e cuja simples ideia, agora, nos traz vivamente ao coração um vasto e agradável fluxo de sangue. Mas esse primeiro momento que se segue ao fim do repasto é mais inocente. Cada um dos convivas obteve seu quinhão da realeza do festim instituído na Antiguidade e que o festim na verdade confere durante uma hora a todos os que dele participam. Cada um a exerce à sua maneira, como podem ver entrando num salão onde se tem pressa de vir tomar café antes que esse estado de coisas principie, porque depois não se pode ter mais certeza de perturbar ninguém.

Olhem-nos espalhados pelos mais diversos recantos da sala, seja onde estiverem sentados antes e que, para não terem de se levantar, não quiseram abandonar, seja no lugar em que o hábito, os cálculos do requinte ou da prudência — quando num lugar melhor arriscar-se-iam a ser incomodados no momento em que isto lhes fosse mais desagradável — lhes fizeram escolher. E cada um entrega, escravo dócil, a um prazer especial o seu íntimo, sem ser obrigado a se incomodar e a perturbar seu bem-estar, acariciá-lo, torná-lo mais sensível, fazê-lo perceber mais intimamente. Um, estendido na posição dos que chamam para junto de si os animais favoritos, tendo alojado comodamente num canto da boca seu

cachimbo bem-amado, fumarento, em chamas e malcheiroso para os outros, para ele tão suave, faz acariciar por meio dele, com o hálito devidamente amornado, a goela saturada de carnes e bebidas. Ao aspirar, ergue suavemente o peito que desce de novo e faz vibrar, passando lentamente de uma para outra posição, as cordas mais doces do bem-estar. Uma pequena garrafa de conhaque está perto de si, sobre uma mesinha colocada suficientemente próxima para que possa beber e fazer a garganta experimentar uma sensação diversa e tão forte sem precisar se incomodar. Um outro, estendido na mesma posição diante do grande vão envidraçado, única coisa que os separa da praia e deixa entrar a luz, o espetáculo do mar, sem permitir a entrada do vento que seria bem desagradável nesse instante, parece fazer com que suportem os olhos, de preferência, diante dos quais desfilam as cores, avivadas pelo sol, do mar verde ou azul de velas brancas, dos navios negros, da fumaça volatilizada no ar, todo o prazer passivo que são suscetíveis de desfrutar. Recebido, porém, nos olhos, o prazer se propaga mais além e vai despertar outros prazeres em cada sentido. Num recolhimento tão profundo quanto o do fumante, esse outro rei do festim crê sentir o vento que faz estalar a chama, encrespa o mar, infla a vela. Por toda a parte os jogos de luz se misturam aos do vento. Crê ouvir os guinchos das gaivotas que sobrevoam o quebra-mar e sentir nos lábios o gosto de sal. Depois, sem no entanto se erguer, acha que ainda está muito fatigado e baixa as pálpebras sobre os olhos como persianas que só deixassem passar a luz sem nos dar a visão das coisas. O que enxerga é só a luz que conseguiu passar, mas devendo renunciar a trazer consigo o espetáculo das coisas. Essa luz é delicadamente rosada, branca, dourada, sem que ele saiba se se trata da cor da atmosfera ou da cor das pálpebras, como o ruído que ouvimos quando aproximamos uma concha à orelha. Um outro chegou sua poltrona ao piano onde, sentado num tamborete, um rapaz mais sóbrio ou para quem o exercício de seu talento é bem mais fácil de modo que não lhe traz fadiga, indispensável quem sabe para dissipar a cansaça que lhe resultaria do fato de não poder se livrar dela, ou excitante o suficiente para vencê-la, toca uma melodia

encantadora. O que puxou a poltrona para perto do piano puxou-a talvez sem se erguer de todo, arrastando-a consigo. Se o piano está longe, escuta-o de seu posto. Mas este é a melodia que se encarrega de seu bem-estar e de lhe dar o movimento delicioso que é suscetível de realizar sem sair de seu repouso. Ela o conduz a seu talante, rápida ou lenta e sinuosa, fazendo-o trilhar cem vezes os mesmos caminhos. Ou levando-o de repente para bem longe com um prazer sempre renovado. Às vezes ele a acompanha com sua voz, que lhe dá satisfação ao senti-la passar pela garganta, e que, tirando-o da reserva de simples ouvinte, marca seu despotismo e aumenta seu bem-estar sem perturbar-lhe o repouso.

Se nesse momento se ouve uma carruagem que para diante da porta e veem-se visitantes parados que esperam, para descer, a resposta aliás nada equívoca do porteiro, veem-se fugir, com uma rapidez de que ninguém os julgaria capazes, esses dorminhocos despertados, como um bando de lebres ocupadas em comer dispara, ao ser perturbado, para retomar mais adiante o repasto interrompido, não sem levar um a sua garrafa de conhaque, outro o seu cachimbo, outro o seu jornal, preferindo uma perturbação violenta para evitar outras e se é este o preço a pagar em definitivo para não se ocupar mais de coisa alguma, o repouso, o verdadeiro repouso, aquele em que não se está obrigado a oferecer a própria cadeira, a se levantar para acompanhar à porta, a permanecer relativamente ereto na cadeira, a falar, a responder, a se privar de fazer caretas, bocejar, espreguiçar-se, esfregar os olhos, prolongamentos necessários do bem-estar de que são os sinais quase físicos e incoercíveis que consomem o prazer causado por uma sensação qualquer, que se destacam no seio do repouso, como esses últimos círculos incapazes de a quebrar e que vêm se desvanecer à superfície das águas calmas onde caiu uma pedrinha.

Eis como a visão retrospectiva da sala de jantar de Illiers, quando em dias de intenso calor Jean e seus primos, não podendo dar seu passeio e tendo de substituí-lo pela sesta, ficavam alguns instantes à mesa após a refeição, antes de subir para os respectivos quartos, despertando em mim outras recordações, outros pós-almoços, me arrastou para tão longe da casinha da província de onde, sabem

vocês, não se avista o mar, e sim uma rua da aldeia onde aliás não passa muita gente ao meio-dia. Já que falamos de reis do festim, é necessário dizer que o tio-avô de Jean, seus tios e primos, se é verdade que tinham então, como os outros, sua hora de beatitude e absolutismo, diferiam dos convivas a que me referi há pouco sem nomeá-los, pois provavelmente não os conheceste como eu, leitor (mas, felizmente para o romancista, há menos gostos e caracteres do que homens, ou antes, o mais singular participa bastante dos gostos e do caráter de um grande número de homens, de modo que te falando de meus amigos tenho boas possibilidades de te espantar pelo conhecimento aprofundado dos teus, que entretanto jamais vi, se, como o espectador ingênuo, não percebes que o prestidigitador não precisa ter visto por milagre a tua carta para te dizer qual é, pois no jogo em que julgaste escolher todas as cartas são semelhantes), diferenciavam-se deles tanto quanto, na verdade, os reis modernos diferem dos antigos, que eram, nos diz a história, cultivadores tanto quanto reis, crença que vem fortificar-se à vista dos retratos que deles permanecem e onde os atributos mais simples tomados à vida do campo parecem revelar uma soberania mais natural e ainda inocente. Do mesmo modo, parecem não ter largado o cavalo nem deixado a carroça que os conduzia aos campos ao estarem no trono e entre os coxins. Assim, nesse instante de que falávamos há pouco, em que o bem-estar que se segue à digestão iniciante basta plenamente para preencher a vida, o sr. Albert, seu sobrinho e seu sobrinho-neto permaneciam aprumados na cadeira, tendo simplesmente deixado de comer e não fazendo outros movimentos. O sr. Albert não esmorecia na cadeira, mas cessava então de falar muito, testemunhando assim o abrandamento que se operava em suas faculdades. Cada um permanecia imóvel, sem pensar em nada, quase não mais falando.

É entre esses atributos antigos e inocentes da soberania rural que se poderia fazer penetrar de novo o aparelho extremamente complicado, porque era muito primitivo, que a criada levava então ao sr. Albert e no qual ele fazia o café em virtude de uma prerrogativa que não teria cedido a nenhuma outra pessoa. Se por acaso, tendo partido para uma fazenda, não vinha almoçar, “Quem

vai fazer o café?” tornava-se, por assim dizer, uma questão constitucional. A não ser que lá se achasse uma personalidade marcante como o sr. Santeuil, era preferível recorrer à criada, tida, em geral, como uma espécie de secretário de Estado, de modo que isso evitava a nomeação arbitrária de um suplente. Tal aparelho era de vidro e assim se viam formar as bolhas, o vapor misturado à essência do café espalhar um fumo enegrecido na face interna, e a água, ao se elevar, atravessar um filtro e cair de novo noutro tubo onde era recolhida. O sr. Albert ouvia a água ferver e essa música, menos sábia que a cavalgada que estimula as digestões mais distintas, mas exprimindo perfeitamente o bem-estar que ele experimentava e anunciando com muita clareza o momento próximo em que o café fumegante ia acrescentar a esse bem-estar uma sensação deliciosa de calor, de gosto açucarado e vivo e de delicado perfume, enchia-lhe as medidas. Quanto a Jean, o exercício moderado que lhe permitia entreter em si esse mínimo necessário de atividade para perceber mais nitidamente o repouso da digestão consistia em geral em guardar na boca e nos momentos extremos em fazer passar da bochecha direita para a bochecha esquerda um caroço de pêssago ou de cereja, o que a mãe lhe proibia com medo de que o engolissem, embora o médico tivesse dito que não havia perigo algum e o sr. Santeuil desse de ombros diante de semelhante superstição. Por isso, Jean evitava apoiá-la com muita força com a língua contra a bochecha, que fizera inchar de medo que a mãe o percebesse. Precaução perfeitamente inútil, pois somente quando havia cuspid o caroço há muito tempo, ou não sonhava mais em retê-lo, é que a sra. Santeuil, tomada de uma suspeita tão violenta quão injustificada, lançava-se a ele dizendo: — Que é que ainda tens na boca? — E enquanto ele estava com o caroço ela nem desconfiava. Mas depois de o haver cuspid, não mais temendo que a sra. Santeuil sancionasse sua cólera por meio de uma privação que não o atingia então, tinha de confessar que permanecera o tempo todo com o caroço na boca, fosse para confundi-la, fosse por necessidade de ser sincero, fosse pelo desejo de não deixar ignorados os perigos que tão bravamente correram de uma pessoa que compreendia tão bem sua extensão.

As únicas frases que foram ditas durante esses curtos instantes eram: — Ah, de fato faz muito calor. Uma tempestade seria bom. — Nada, que para vir do Prado até aqui foi preciso trocar de camisa, estava todo ensopado. — Se abirmos, não ficará mais fresco? — Oh, não! faz muito mais calor lá fora do que dentro. — Mas só no pátio, que no entanto é protegido pela nogueira, faz quarenta graus à sombra. — Vejo que vai subir para dormir. — Olha só quem fala! E você deveria me imitar. — Ora, eu preferiria fazer dez léguas a me estender o dia inteiro. Parece que isso me dá febre. — É curioso, não me sinto nada bem quando não tiro um cochilo durante o dia, é tão bom. — Estas últimas palavras eram pronunciadas pelo sr. Santeuil em resposta ao sr. Albert, inimigo declarado das sextas. É verdade que, quando todo mundo estava deitado, ele se retirava para um pequeno gabinete mobiliado “à oriental” com mil coisas trazidas da Argélia, com muitas esteiras no chão, cascas de coco esculpidas, fotografias representando mesquitas e palmeiras, pequeno anexo de construção à parte, não comportando nenhum pavimento, dando diretamente para o jardim por meio de janelas em quadradinhos coloridos e que faziam em Jean o efeito singular de pertencerem a seu tio em virtude de um direito especial, sinal de sua situação ou de sua fortuna diferente da dos demais, de uma casa coberta de lembranças como uma tumba fresca, como um oásis, decorada à maneira de uma casa de banhos, sombria como uma igreja. Retirava-se para aí onde ninguém devia vir perturbá-lo, pois era sabido que se entregava a trabalhos importantes ou talvez que se refugiava ali em misteriosas recordações. E Jean, quando ele de lá saía, via-o com frequência esfregar os olhos, tendo respondido, aliás, com voz assustada e nem sempre à primeira chamada, aos apelos que vinham de fora, procurando-o para o passeio, e todas essas coisas lhe faziam pensar que, talvez para puni-lo por haver falado mal dele, o sono o assaltara no momento em que se dispunha a trabalhar ou enfileirar as fotografias ao longo da espreguiçadeira perto do narguilé.

Jean subiu para o quarto. Os postigos estavam fechados. Contudo, abaixou mais as cortinas e se atirou na cama, adormeceu depressa, acordando de quando em vez, as pernas pesadas como se tivesse andado, mas de um peso que lhe daria vontade de sacudi-lo de todo indo passear, esperando os membros esparsos como se estivessem soltos a seu redor, e escondendo no travesseiro, sentindo sua fronha fresca, o rosto que ria de felicidade de ser assim despertado entre duas sonecas. De tempos em tempos, uma mosca cujo voo começava a vibrar aumentava o tom de maneira contínua. Bruscamente não era mais audível, havia pousado. Como ia quase sempre assim, música na cabeça, à força de ouvir o som Jean estimava a que distância ela passava, esperando que estivesse perto demais para poder se desviar. Mas às vezes era surpreendido. Uma mosca pousara em seu rosto, pequeno animal irrefletido mas inocente, pardal dos insetos, de patas ativas, asas castanhas e não muito ligeiras. Com um brusco movimento da mão, Jean a espantava e ria por estar de novo tranquilo depois do movimento que tivera de fazer e que esticava agradavelmente as pernas e o corpo, no qual tanta voluptuosidade enlanguescida dormia que ele despertava ao menor movimento. Dos cantos mais celestes se faz a música divina dos dias quentes, lá fora, debaixo do céu azul e ofuscante, à sombra das árvores, onde os pássaros cantam em coro para toda a nave. Entretanto, as mais humildes moscas fazem sozinhas, talvez com algumas marteladas ouvidas da rua graças ao silêncio e tomando a esse grande silêncio dos dias quentes uma harmonia especial — talvez não harmonia no sentido estritamente musical do termo, mas harmonia com todo o resto e que altera o som — as humildes moscas fazem sozinhas, dizia eu, a música de câmara desses dias extremamente quentes, tendo sua poesia especial, refrescada, obscurecida pelas persianas abaixadas e silenciosa por detrás das janelas fechadas, na atmosfera em que só vivem poltronas de madeira e veludo, um estrado de tela numa cama de madeira, onde as únicas flores são as inumeravelmente monótonas de papel, a escrivaninha de mogno, onde a água fresca não surge naturalmente entre as manchas, mas enche um jarro numa tina barulhenta, e

onde faz bem, enquanto o pedreiro bate na rua, dormir um pouco, a cabeça no travesseiro. Esses dias tórridos têm uma poesia que não é desprovida de doçura, nem menos rica que a dos bosques a essa hora, porém mais humana e de um descanso talvez mais profundo e merecendo, por isso, ter igualmente sua própria música.

Assim, mais tarde, fiquei conhecendo mais de um dia triste em que, obrigado a permanecer em Paris na época em que os bosques são tão belos, não sabendo quase que estava no verão e achando que sua poesia estava definitivamente perdida para ele, atirado às vezes sobre seu leito por um instante para esquecer o calor que sentira como um cansaço a mais, Jean ouvia de repente uma vibração sonora por perto. Aumentava. E, revendo de súbito os belos dias de Illiers, as macieiras em flor no prado, o pedreiro batendo na rua, a pesca no tanque, Jean agradecia a esses músicos inocentes que vinham para junto dele anunciar ruidosamente que devia se alegrar, que ele não estava nem fora da natureza nem fora do verão, visto que estava junto deles e em seu canto monótono lhe falavam de novo da glória eterna do verão. Como em outro dia numa rua desta mesma Paris onde nem uma clematite conseguia fazer passar pela fenda das pedras, sobre o fio colorido e crescente de seu talo, o pavilhão sedoso de sua flor para fazê-lo amar essas ruas e lembrar-lhe que o verão as havia ganhado, foi uma humilde lagarta trajada de veludo castanho ornado de seda que ele avistou como um presságio na parte inferior de um muro escaldante e batido pelo sol, muro cuja longa ascensão ela tentava. E com os olhos fixos nesse sinal que não é permitido aos homens imitar, o coração cheio de alegria por esse augúrio certo da presença do deus Verão, contemplou longamente com piedade, sem erguer sobre ela a mão sacrílega, a favorita do deus, mais ainda a criança nascida de si talvez naquela mesma manhã, que logo principiava os trabalhos que deveriam marcar com um leve fio de prata sua curta passagem pela terra, silenciosa, voltando para seu objetivo fosse quando chegasse, recebendo os golpes sem se demorar em devolvê-los, seguindo sempre seu caminho como aquele que deve um dia recompensar tanta glória e a quem está prometido o espaço infinito do céu.

Pretendemos com frequência que as melodias ouvidas outrora e alhures tenham o poder de despertar em nós a recordação e como que o encanto dos lugares, da época em que foram ouvidos, pois a lembrança conserva o passado sem o mutilar e aquilo que era uno na realidade permanece unido em nossa memória. Mas como essas melodias naturais que não contêm, como as músicas de arte, um sentimento independente do tempo em que foram ouvidas, não tendo outra coisa que expressar, guardam mais vivamente para nós o encanto mesmo da hora, da estação, da terra onde as ouvimos. E esse encanto não existe somente aqui, como se dá em relação com a música humana, em nossa memória, ela está verdadeiramente nessas melodias naturais. Tal melodia de Schumann pode nos fazer lembrar a voz amada que a cantava. Sabemos bem que ela não guardou coisa alguma, que ela pertenceu a muitas outras vozes, que como a natureza ela deixa cada um esconder em si a própria felicidade e as lembranças sem se preocupar com isso, sem as sentir, sem preferir nenhuma porque é de todos, exprimindo um ideal mais elevado, superior aos indivíduos. Sabemos que ela empresta simplesmente sua beleza às ilusões de nossas lembranças e que, mensageira indiferente, irá desse modo em direção a cada um, levando-lhe a recordação que lhe é cara e que ela não conservou, como os bosques são suficientemente profundos para guardar tantos segredos que ouviram em confissão, para enfiar tanta felicidade que esconderam pelos amores que viram. Mas essas humildes melodias naturais têm um nexos profundo, uma harmonia, com a estação em que foram ouvidas. Pode-se dizer que nasceram de sua essência e participam simplesmente de seu encanto. Nascidas dela, gritos de adeus das andorinhas nos primeiros dias frios, ou zumbido de moscas no calor, é com muita naturalidade que esses músicos nos falam dela, pois que é ela mesma que nos fala em suas canções. Não temos necessidade de nossa amiga para cantar a melodia de Schumann. E para outros que não vocês, outras bem diversas a cantarão. Mas, se o verão não viesse com seu calor que ninguém poderá jamais imitar, acham que isso significaria o fim da música das moscas? Por isso, quando

a ouvirem, terão o direito de a reconhecer, e a saudação alegre que sua amiga memória lhes enviar não se engana jamais.

* * *

Às vezes, nos belos dias de verão, partiam depois do almoço e, como só esperavam voltar para o jantar, levavam junto a merenda. Se o sol estivesse muito forte, a sra. Santeuil emprestava sua sombrinha a Jean. Enquanto fazia muito calor, ia-se o menos possível pelo campo, tomando de preferência pelas pequenas veredas bordadas de sebes que as costeavam, suplantadas pela altura do talude. As sebes agora todas verdes não mais brilhavam com as cores suaves das flores dos pilriteiros. Os lilases ofereciam apenas uma cúpula ressecada, lívida. As próprias árvores frutíferas haviam perdido seu adorável manto de inocência. Mas, em lugar das flores claras e perfumadas, cerejas em quantidade compunham-lhe um adereço menos leve e mais sombrio, porém singularmente vivo e agradável.

Aqui e ali, por detrás do talude, nos campos, de repente, uma papoula nascida no calor do verão, hóspede de suas ervas espessas e da sombra luminosa, içava ao alto da cordoalha estendida de seu talo verde e esguio a flor brilhante e simples como uma única e vasta pétala rubra. Assim ela se erguia, sozinha sobre a encosta do talude no meio das ervas, e por momentos o vento a curvava, fazia palpar na sombra a sua flâmula rubra, leve o bastante para que brincasse com ela, solidamente presa para que a pudesse arrancar. Assim, nessa terra sombria das ervas, trazida por ninguém, quase nunca vista de ninguém, deixando escoar as horas, brilhava sempre, maravilhosamente, em púrpura magnífica, na ingênua monotonia de sua beleza, dando ao raro passante que percebe de repente seu pavilhão rubro e delgado o prazer de uma descoberta, esse sentimento misterioso que o plantio num jardim e a disposição num buquê retiram às flores, mas que elas fazem nascer tão violentamente em nós numa campina, à beira de um charco, num bosque, pela súbita floração de uma corola isolada, ou o inexplicável agrupamento de flores semelhantes, ainda que uma

criatura maravilhosa e delicada pareça ter buscado a solidão ou se extraviado no meio de uma campina, contra um rochedo onde deseja permanecer, sem se confundir nem murchar, a cúpula de um veludo tão rico e colorido, ou que um grupo de pervincas, vindo em grande número beber e apreciar o frescor à beira d'água, e ainda aí, não perturbada com a nossa chegada, como um bando de jovens gazelas, como uma aparição celeste que nossa vista surpreendeu e nem por isso se perturbou.

* * *

Ficando os dias cada vez mais quentes, Jean pescava no parque antes do almoço, de preferência a ir caminhar, reservando-se para uma pequena volta após o almoço e o grande passeio das quatro horas até o jantar. Mas às vezes, em plena primavera, fazia um dia frio. Jean deixava suas linhas, pois, como dizia o tio, não fazia tempo para ficar nesse lugar, e eles iam juntos a uma herdade vizinha de uma légua ou à aldeia a fim de dar recados para o sr. Sureau. Jean estava encantado, alegrava-se e se reanimava ao andar depressa com o tio, fazendo ranger as solas dos sapatos, correspondendo de passagem às saudações respeitosas das pessoas relativamente ao seu porte e, enquanto o tio discutia com o caseiro ou o segeiro, indo e vindo ou correndo, batendo com os pés, as mãos nos bolsos, dizendo alegremente aos camponeses ou à caseira que escutava de longe a conversa do sr. Sureau com seu marido: — Não faz calor. — O mesmo anseio de tagarelice que nos impele na cidade a falar com os amigos sobre acontecimentos da vida política ou da vida privada se satisfaz na roça em falar com quem encontramos, com o mesmo ar de importância, do tempo que está fazendo. É uma alegria para o burguês que volta tranquilamente para jantar em casa com os filhos, depois de um dia trabalhoso, distrair seu espírito honestamente fatigado e reavivar a língua há tanto imóvel, esperando que ela se delicie mais diretamente ao contato de um frango laqueado de molho, dizendo: — Não tem importância, vivemos num regime engraçado! — Não era prazer menos vivo para Jean, sentindo contra a pele o duplo

calor do sangue excitado por um belo passeio e do casaco forrado, dizer: — Não faz calor, minha senhora, que tempo gozado!

Quando, por volta do meio-dia, entrava em casa com o tio, que alegria, ao abrir a porta da sala de jantar, enxergar um belo fogo que aqueceria as costas enquanto se almoçasse, e perto do qual a sra. Santeuil, fresca devido à recente toalete e bela em seu manto vespertino, já lia o jornal, e ouvir a avó Sureau dizer: — Pensei que aguentaríamos um pouco de fogo. — O sr. Santeuil se resignaria a isso. Pois, como dizia a sra. Sureau, nunca se viu pessoa tão reauecida como ele. Jean, porém, se precipitava para perto do fogo. — Olha — dizia a sra. Sureau — se teu filho lá pensa que o fogo é demais. — Todos os que chegavam à sala de jantar, um após o outro, iam dizendo à sra. Sureau: — Que tempo, vovó! Que tempo, titia — após o que cada um ia alegremente na direção da lareira. — Henri, deixe-me aquecer — dizia Jean —, daqui a pouco te dou o meu lugar. — A cada um a sra. Sureau respondia: — Não me falem disso, nunca vi uma primavera assim. A gente não entende mais nada. — Ela era daqueles que, sentindo um prazer físico em dizer que tudo o que se passa a seu redor é extraordinário, acabam por se convencer disso, sejam os acontecimentos da política, os dramas da sociedade, as mudanças de temperatura e as variações climáticas, acontecimentos e dramas da vida no campo. Cidadina, sentiria um prazer muito vivo para se recusar a falar do desgosto que lhe causavam as inconseqüências de uma das amigas ou os erros do ministério. Além do mais, depois que se elegera em Étreuilles um prefeito radical que não saudava o cura, adotara em face de todos os acontecimentos um tom pesaroso que dava a impressão de serem infortúnios, e em presença de todos os infortúnios uma ausência de espanto que mostrava que ela bem que os havia previsto. — Nos dias de hoje não se pode ficar espantado com nada — dizia. E acusava as escolas laicas indistintamente de responsáveis pela deterioração do comércio e pela umidade da estação.

Às vezes o frio se mantinha assim por alguns dias. De noite, após o jantar, ficavam conversando à luz do candeeiro, pois fazia muito frio para saírem. Jogavam cartas e Jean sentia com prazer a fadiga

que principiava a lhe pesar nas pálpebras e o fogo que lhe aquecia os pés. — Escutem o vento lá fora — dizia o sr. Sureau apurando os ouvidos. — Nem se diria que estamos em maio. Vamos de volta ao inverno, quem sabe. — O medo desse perigo, tal imprevisto de viagem misturado ao conforto da casa, fazia rir a Jean, e ele continuava a jogar cartas. — Sei de alguém que achará sua cama com satisfação — dizia a mãe, olhando-o. E Jean sorria com ternura. A mãe estava no outro lado da mesa que dava para uma poltrona, o rosto bem iluminado pela luz da candeia. — Não é mesmo, meu querido, vamos bem cedo subir para deitar, nós dois. Falei com Ernestine para te preparar uma botija. — E Jean, enquanto jogava cartas, estirava as pernas como se elas se revolvessem de prazer ao contato da suavidade profunda e fria da cama e como se seus pés se alongassem na direção da botija fervendo.

III. Leituras

Como saíam a passeio imediatamente após o almoço, muitas vezes ainda não eram três horas quando Jean estava de volta. Entrava tão cansado que, para não ter de se mexer, levava para junto de sua poltrona tudo o que poderia precisar, uma espátula, o segundo volume do romance que estava lendo, e punha tudo isso à mão. Se fazia frio, e a criada subia para acender o fogo, esperava que o fogo estivesse aceso, que ela erguesse a janela e fosse embora em definitivo antes de se instalar na sua poltrona e aí desfrutar, num gozo profundo, seguindo imóvel as aventuras apressadas dos heróis romanescos, a fadiga do corpo e a agilidade do espírito. Interrompia a leitura por momentos a fim de esticar as pernas, soltava um suspiro de bem-estar, lançava um instante os olhos a seu redor, do pedaço de obus protegido por vidro sobre a lareira, à fotografia que representava, na parede, o incêndio de Châteaudun, como para retomar pé na solidão bem-aventurada onde ninguém vinha perturbar sua identificação com as aventuras do capitão Fracasse e dos comediantes. Depois reiniciava a leitura. Às vezes, tendo necessidade de repousar um pouco mais, chegava até a janela onde se estendia um lado do castanheiro cor-de-rosa do senhor cura, imenso ramo e que fazia supor uma árvore ainda mais prodigiosa do que realmente era. Ficava florido durante todo o mês de maio. E, não longe uns dos outros, seus cachos de flores erguiam-se inumeráveis e por cima da folhagem enorme e tranquila, como uma floresta cor-de-rosa sobre a vertente desigual de montanha verde. E como, todas as manhãs, encontram-se no chão plumas de pavão sem que lhe falte uma só, tombavam da árvore deslumbrante e formidanda, sem que ela própria percebesse e sem que aquele que a olhasse, orgulhoso de seus cinquenta torreões rosados, pudesse se aperceber do fato, tantas flores que a varanda do cura parecia ter sido juncada de pétalas de rosa. Mas Jean

voltava logo a cair na leitura e no aniquilamento do corpo. Como uma gota de vinho é o bastante para fazer delirar um rapazola em jejum, o fiozinho de melodia que, sob a janela em que a poltrona estava apoiada, o rouxinol habitual do castanheiro rosado fazia jorrar quase contra o vidro, ou, quando, o cotovelo apoiado no braço da poltrona, ele punha a mão diante da boca, o cheiro suave da pele bastava para inebriá-lo do sentimento de seu repouso e de sua felicidade. Depois, pouco a pouco preso à ação do livro onde seguia apaixonadamente cada personagem, perdia por instantes toda a sensação do restante das coisas.

Quando os primos, que haviam ficado muito tempo embaixo a conversar, ao entrarem de volta do passeio, antes de subir para trocar o calçado e escrever cartas, passavam ruidosamente pelo corredor, Jean parava, temendo ser incomodado. Se, porém, um deles abria a porta, ele fixava os olhos no livro, sem ler coisa alguma na realidade. E, assustado com a ocupação profunda que vinha perturbar, o intruso retirava-se na ponta dos pés. Quando os amigos da vizinhança chegavam em visita, a mãe o protegia dizendo que ele não estava presente ou que se sentia mal e tivera ordens de repousar. Às vezes o perigo parecia maior. Era obrigado a deixar o quarto percebendo que iam subir, e se dirigia para o gabinete do tio, em cima, onde a parede era coberta de mapas representando o teatro da guerra de 1870 e de uma carta detalhada do departamento, resolvido a seguir a qualquer canto os heróis a cujas aventuras estava preso. O gabinete estava um andar acima. De lá ouvia as pessoas subirem a escada até o primeiro andar, chamarem, baterem sucessivamente a todas as portas, abrirem, dizerem bem alto: — Não está. — A criada, de baixo, dizia: — Mas eu o vi entrar. — Divertido com a segurança do esconderijo, Jean, entretanto, lhe teria de bom grado torcido o pescoço. E, ouvindo o tio dizer a Pierre, seu priminho: — Procura bem, dize-lhe que é preciso que desça —, ficou temeroso de não mais poder resistir. Quando a visita estava descendo, Pierre abria a porta dos gabinetes que davam, pela janela sempre escancarada, para uma outra parte enorme e aromatizada do castanheiro rosado, cujo odor se mesclava ao cheiro mais fraco da enfiada de grãos de íris

pendurados na parede e que Jean descobrira ultimamente provirem dos belos íris roxos do canal dos cisnes, não longe do ponto onde pescava as carpas, no parque. Abrindo a porta dos gabinetes sem resistência, Pierre não sabia mais onde encontrar Jean. Às vezes subia ao gabinete. Jean, então, impressionado com o espanto que Pierre teria ao descobri-lo, e não podendo suportar a emoção de sentir abrir-se a porta, ia por si mesmo e sem ruído pelo patamar, fazia sinal a Pierre pondo um dedo nos lábios unidos como para dizer “psiu” e lhe dava a entender que o seguisse. Entravam ambos no gabinete. Jean voltava a fechar a porta sem ruído e, depois de se ter certificado de que pessoa alguma os seguira, explicava a Pierre que não queria descer e era preciso dizer que havia saído.

Mesmo quando essas aventuras terríveis não vinham de encontro ao prazer que sentia em seguir as do capitão Fracasse, mesmo nos dias em que não sobrevinha uma tempestade, o que fazia a criada subir precipitadamente, entrar no quarto de Jean, estender toalhas no chão, para que a chuva, se por acaso escorresse contra a madeira da janela, não atravessasse o assoalho, Jean, ao soarem as quatro e meia, o espírito fatigado de ler e o corpo desperto, fechava o livro e descia para merendar. Entretanto, ébrio com a felicidade que tinha de imobilizar em repouso absoluto seu espírito lasso e de faltar o corpo de movimento, disposto para ir à sala de jantar, descia a escada num movimento doido e dava, correndo com todas as forças, duas ou três voltas em torno do jardim, sacudindo a cabeça, fendendo o ar com os braços estendidos, imaginando-se um cavalo numa campina, gaivota à flor das ondas, louco de alegria. Mais tarde e quando era ainda bem jovem, antes dos vinte anos, a asma e reumatismos o impediram de correr para sempre, de jamais saltar, de jamais seguir seu ímpeto com todas as forças. Às vezes, rememorando deliciado essa embriaguez rápida que o conduzia então como um relâmpago através das flores e dos ramos de lilases molhados que ele balançava ao passar, levantava-se penosamente da cadeira para pousar no chão com toda a prudência seu pé dolorido e não sentia inveja nem amargura contra a criança todopoderosa que havia sido e que nunca mais seria. Antes pensava

nela com uma ternura doce como na força de um filho do qual nos orgulhamos, e, mais ainda talvez, como não fazemos por um filho em cuja vida nunca penetramos tão intimamente, revivia essas horas e se encantava melancolicamente com a doçura delas. Depois desse primeiro impulso esgotado, Jean entrava na sala de jantar, cuja doce perspectiva não deixara de se apresentar duas ou três vezes diante de seus olhos, mesmo enquanto lia as aventuras do capitão Fracasse. Na sala de jantar, de paredes cobertas de pratos bem modernos, com divisas feitas as dos que se serviam à mesa, e com as quais todos se divertiam em fazer comparações, seu tio, seus primos, a mãe já estavam frequentes vezes instalados. E, com a habilidade de um sábio e o desinteresse de um pai de família, o tio vigiava a cafeteira de vidro onde a água já borbulhava. Depois de haver comido um biscoito rosado, Jean esmagava morangos num pedaço de queijo coberto de creme até que a cor lhe fizesse todas as promessas de que traduziria num instante o gosto sonhado e obtido. À espera, punha morangos e, vez por outra, um pouco de creme, em proporções definidas, com olhares mistos de atenção e prazer, toda a experiência de um colorista e a adivinhação de um guloso. Do castanheiro rosado do cura que não era visível haviam caído tantas flores que o piso da soleira, pela janela, parecia juncado de rosas. Ouviam-se os pássaros no jardim do cura. E ia-se partir para um belo passeio.

* * *

A sra. Santeuil não permitira que Jean saísse naquela manhã. Embora houvesse recomendado que não lesse muito, ao se ver completamente só Jean foi arrebatado pela ideia de que poderia ler pelo menos cem páginas do livro que adorava, *O capitão Fracasse*. Pensamos frequentemente que teríamos muito prazer em conversar sobre literatura e todas as coisas com um rapaz muito inteligente. Na verdade, o que lhe diríamos ou leríamos lhe pareceria bastante medíocre e, em troca, seu gosto não nos interessaria. Pensamos sempre que as coisas de que gostamos trazem à superfície a beleza que nos extasia. Na verdade, é no âmago de nossa inteligência que

se manifesta essa beleza, e, se sua percepção acaba por se transformar para nós numa tendência que sofremos por não poder satisfazer com mais frequência, ela é, muitas vezes, a princípio, um jugo muito duro de suportar. Talvez Jean tivesse tido, nas primeiras páginas do *Capitão Fracasse*, alguma dificuldade para se habituar às descrições que não se ligavam a nada que julgasse belo (o luar, o canto dos pássaros, os deuses gregos), onde as tábuas eram empoeiradas, as paredes sujas, e a uma espécie de ironia, de conversação com o leitor que lhe desagradava bastante. E, de fato, parece que ao fim de algumas páginas teria largado o livro, pondo-o novamente na biblioteca, onde dormiria por muito tempo como a pessoa com quem nosso primeiro encontro foi pouco animador e que não nos deixa qualquer lembrança até que a reencontramos, e logo se nos transforma em outra pessoa, de modo que a que conhecêramos primeiro, tão pretensiosa e seca, parece-nos um ser diverso que temos dificuldade de identificar com a nossa amiga. Quais as circunstâncias fortuitas que o puseram de novo em presença do *Capitão Fracasse*, não se sabe. Era, porém, agora o amigo no qual se pensa constantemente, cuja companhia torna deliciosas as horas em que se pode gozar dela, sejam horas de chuva, neve ou sol.

Quando somos crianças, não apenas amamos um amigo assim, admiramo-lo. cremos que ele é capaz, com exclusão de todos os outros, de toda inteligência e de todo poder. Assim era Jean a respeito de seu livro. O que o encantava na leitura deste era a possibilidade permanente das mais belas frases que seja dado ao homem ouvir, pensava. Talvez hoje essas frases soassem muito mediocrementemente a seus ouvidos. No entanto, não era impossível que certas expressões como “assim como é evidente que”, certas maneiras arcaicas de dizer, como “o bom Homero”, o emprego de determinadas palavras raras como “adonizado, olimpiamente”, certas frases retumbantes e, ao mesmo tempo, cheias de imagens lhe causassem uma espécie de embriaguez, que ele as lesse e relesse com arrebatamento e lágrimas nos olhos, que logo no começo de uma frase do mesmo tipo um outro “assim como é evidente que”, um outro “como diz Homero”, ele fosse agarrado pela

angústia, esperando a frase divina que viria, como uma criança corre adiante da onda, sem que essas frases correspondam a alguma sensação de beleza real no coração do homem, no coração dos adolescentes, se querem, mas de adolescentes que estão então mais perto de Gautier do que de nós e que percebem melhor do que nós uma beleza que não sabemos mais ver. E toda vez que, por fora da trama da narrativa, havia uma dessas reflexões, dessas frases que não se ligavam com a contingência do relato, ele se sentia mais particularmente feliz. Pois um escritor que adoramos torna-se para nós uma espécie de oráculo que gostaríamos de consultar a respeito de tudo e toda vez que ele toma a palavra para dar assim uma opinião, exprimir uma ideia geral, falar, ele, desse Homero, desses deuses que conhecemos, sentimo-nos extasiados, escutamos boquiabertos a máxima que lhe agrada deixar cair, contristados de que seja tão curta. E uma vez terminado o livro, quando não podemos nos interessar de novo pela vida do capitão Fracasse, agora que conhecemos o fim e que o que nos parecia incerto, ansioso, real, agora, que a continuação é imutável, nos pareceria insípido como uma invenção sem vida, poderemos sempre reler as frases acerca de Homero, sobre o “senhor Shakespeare, poeta bastante conhecido na Inglaterra e protegido da rainha Elisabete” — traço de cor local que pode parecer um pouco desenxabido mas que pode entusiasmar um rapazola para quem as mais profundas conversações de Goethe sobre o *Hamlet* pareceriam banais e desprovidas desse encanto que ele redescobria repetindo a frase pela centésima vez, assim como não nos cansamos da harmonia de uma ária amada.

De resto, todas as personagens lhe pareciam pessoas sem qualquer ligação com nenhuma outra, e ficou muito desiludido quando lhe disseram que aquele era um livro como o *Romance cômico*, como o *Wilhelm Meister*, como *Consuelo*, todos eles obras que lhe haviam parecido sem dúvida maçantes. A única coisa que quis ler era de Théophile Gautier. Ficou muito desapontado ao pensar que o *Wilhelm Meister* valia tanto quanto o *Capitão Fracasse*, que lhe parecera único e de modo algum um romance sobre comediantes. De resto, talvez, não compreendera bem que se

tratava de um romance sobre comediantes, pois enquanto o engenho do autor nos encanta a ponto de agarrarmos alegremente nos interstícios da narrativa toda frase sobre assuntos que conhecemos, que ele embeleza de só tocá-los e que dão também mais interesse ao que nos diz, suas personagens nos surgem tão vivas que não nos agrada imaginar que se trata de uma invenção artificial, fabricada na maioria das vezes antes de outras. E depois podemos já ser capazes de grandes paixões pelas pessoas vivas e pelas personagens dos livros sem ainda saber nada da vida, sem dela compreender a maior parte dos nexos. Podemos saber coisa alguma do que sejam comediantes e estar muito mais adiantados para desfrutar o encanto do estilo. Que digo eu, podemos estar pouco adiantados para desfrutar o encanto do estilo e ser tão pouco capazes de atenção material que, lendo com paixão o livro, os pormenores de uma situação podem nos passar despercebidos. Muitas coisas que não compreendemos fazem dos acontecimentos dos livros, como dos acontecimentos da vida nessa idade, tipos de sonhos onde certas partes permanecem obscuras. Mas não somos menos capazes, em todas as partes que compreendemos, de emoções mais vivas do que as que teremos mais tarde. E com algo de um pouco inexplicado, que acrescenta quem sabe um certo mistério a seu encanto, as personagens dos romances que lemos ainda muito jovens conservam para nossa imaginação um atrativo que uma nova leitura do livro, agora que compreenderíamos mais e sentiríamos menos, talvez não nos possa oferecer.

* * *

Às vezes à noitinha, antes do jantar, brincava-se com a lanterna mágica no quarto de Jean. Empurrava-se de encontro à porta a escrivaninha repleta de livros, e pela porta de comunicação saíam duas cadeiras do quarto da sra. Santeuil, fechavam-se bem as cortinas e, retirando-se à velha lâmpada de trabalho o seu abajur de papelão verde, aplicava-se ao vidro um refletor: e logo a luz, tranquilamente instalada sobre a mesa, aclarava misteriosamente, no quarto de súbito obscurecido, um pedaço da parede. E eis de

repente, nessa parede singela e coberta de papel com desenhos cinzentos, por cima do velho canapé negro, como se um vitral mágico, não em vidro azul, vermelho, roxo, mas como um fantasma de vitral com aparência de vidro, em claridade vermelha, azul e roxa, avançasse tremendo, vindo e recuando à maneira de espectros e reflexos. Era a esses belos coloridos, como Jean os havia admirado muitas vezes sobre os pilares das igrejas, quando os vitrais neles faziam descer um dia multicolor e precioso, que as personagens de Barba Azul, de Geneviève, de Brabant, do traidor Gola, da irmã Anne, a campina verde que se estendia diante de sua torre deviam a poesia fantástica que conservaram em sua imaginação? Ou porque era vestida por Barba Azul é que essa barba azulada, esse manto de sangue recobriam o prestígio que emprestavam a uma tal lenda?

Mas o que talvez tivesse para Jean um encanto ainda mais misterioso era esse momento singular em que, estando sempre em seu quarto entre o lavabo, a escrivaninha e a cama, na parede coberta de desenhos cinzentos, passavam de repente essas aparições maravilhosas. Era o momento em que, as cortinas cuidadosamente cerradas, a boa lamparina tendo de súbito a luz presa, diminuída e enviada obliquamente sobre a parede para um destino desconhecido, seu quarto não era mais seu quarto, como sua lamparina não era mais sua lamparina. Sobre essa parede, onde, até então, no maior desregramento de cor passageira, quando um pedaço de madeira se punha a flamejar à noite, um clarão palpitava por um instante, e onde agora passavam os reflexos magníficos das igrejas e as personagens das lendas Jean podia reconhecer, um pouco abaixo da faixa misteriosa em que se manifestavam as aparições (além da qual deixavam de ser visíveis), o salpico deixado no papel na toaleta da manhã. No refletor atrás do qual deslizavam pequenas pranchas de vidro de cores tão místicas, o que enviava luz à parede, e cujo vidro lhes teria queimado os dedos ao adaptarem o refletor, era a lamparina habitual que, dentro em breve, escrivaninha posta em seu lugar, cadeiras levadas de volta, refletor retirado e abajur repostado, ia, como após o alegre despertar de um sonho evidentemente mais fantástico, iluminar seu

livro com uma luz franca, suave e redonda, deixando a parede numa penumbra em que a faixa misteriosa, o alçapão invisível por onde os fantasmas tinham aparecido, se confundia com o resto da parede, penumbra natural que se casava bem com a luz cheia sobre a mesa, claridade habitual à qual se sentia que os fantasmas, aparições e deslizamentos de vitrais impalpáveis eram absolutamente refratários e na qual certamente não se mostravam. Tal é o único painel com que se adorna, e bem fugazmente, o quarto de Jean. Painel aparição, painel só de reflexos, painel fantasma. Painel que não durava muito tempo e que o assombrava muito mais do que uma pintura definitivamente imóvel e que veria todos os dias. Sem gosto para o paladar, mas de cores tão vivas e variadas como os biscoitos rosados que eram servidos em Étreuilles depois do jantar, a história de Barba Azul projetada pela lanterna mágica, Jean, em suas recordações, nela adorava a vida, essa vida que um colecionador diante de um quadro, um pai diante de seu filho, fulano diante de um tecido, diante de um cão, olha, tenta beijar até o delírio ao senti-la diante de si. Aqui era mais, era a sua vida, era o gosto que as coisas tiveram para nós e que só para nós foram guardadas.

Pode ser bom para o espírito, vendo o ar que sopra, o mar, uma pedra, contemplar os contemporâneos da criação, os sobreviventes do dilúvio. Contudo, ainda é mais perturbador, talvez, ver não mais o que subsistiu, e sim o que foi feito, o que a vida, que embora parecendo passar sempre faz ficar alguma coisa, deixou, mudou, essas coisas tão tocantes que se fizeram ao mesmo tempo que nossa juventude se esvaía, esses tons verdes que pouco a pouco recobrem os troncos das árvores do parque, esses tons verdes que os canos condutores de água ao fundo do tanque adquiriram, que a própria água, como um espelho antigo e que tomou a cor do que reflete, adquiriu também, e, se vocês não vão nunca ao campo, o halo sombrio que, devido à iluminação diária, enegreceu o vidro da lamparina. Essa coisa preciosa além de tudo, essa coisa irreparável, essa coisa de beleza superior a qualquer outra, que por mais inteligente que seja não a pode conter ou tomar, isso que os senhores sentiram, as próprias horas que viveram, o que parece não ser mais que alma, algo de imaterial, de pura recordação, não

lhes parece que a teriam lá, fruto vagaroso e fascinante dessas mesmas horas que eram suaves, algo de real e vívido, nesses tons verdes que, da estátua de bronze de Pã no parque, por uma lenta infiltração escorreram para seu pedestal de mármore? Nós as contemplamos com amor, essas verdadeiras relíquias de nossa vida, e como um livro inapreciável que dedos amados teriam aberto, esses doces tecidos verdes em que se envolveram esses canos no fundo do tanque, que mal existiam quando éramos jovens, que são tão espessos atualmente, que urdiram essas mesmas horas silenciosas em que almoçávamos, líamos, em que perdemos nosso pai, em que passeamos à tardinha pelos caminhos, em que dormimos em lençóis servidos, que foram feitos pelo tempo, nosso tempo, o tempo em que o sr. Grandi ainda era notário em Étreuilles, o tempo em que reconhecemos no nome do notário que se casou com a filha do sr. Grandi e que depois a fez tão infeliz, na frieza que havia então em Étreuilles entre o prefeito radical, que entretanto era igualmente um velho amigo de meu tio, e nosso velho amigo, o cura, no nome do pasteleiro que vejo no fim da grande rua sobre a tabuleta, e na voz de minha mãe quando me dizia: — É preciso ir depressa à casa de Mongeland buscar uma torta. — Um nome que contém a voz de minha mãe, do próprio tempo que se esvaía à época, o meu colégio, o encanto, não da juventude, mas da minha juventude. Esse nome eu o venero, contém para mim algo mais divino, inexequível para qualquer artista ou filósofo, que a relíquia que conteria o sangue de Cristo. Nosso tempo, aquele de que sinto ainda o calor de seus sóis a pino na vereda de pilriteiros, a ofuscante luz no caminho que trilhávamos lentamente pois era muito quente ao sol, e o aroma dos pilritos, e sempre o aroma da torta que levava num saquinho para comer quando chegássemos a Montjouvain.

Dizem que o que existiu em nossa vida é irreparável, que coisa alguma saberia fazer que não houvesse acontecido. É por isso que o passado pesa muitas vezes sobre nossa vida presente com um peso tão inevitável. Mas é também por isso que ele é tão real em nossa recordação, tão impossível de ser outra coisa, tão insubstituível. E o que os filósofos dizem igualmente, que cada uma

das pequenas alegrias, cada um dos acontecimentos mais simples desse passado, os outros não o sentiram como nós, que não pudemos entrar em sua maneira de sentir nem eles na nossa, essa ideia que confere às vezes uma sensação tão triste de isolamento aos que pensam nela não acaba por dar ao nosso passado esse caráter único que transforma nossas recordações numa obra de arte que nenhum artista, por maior que seja, saberia imitar e que pode apenas se gabar de nos concitar a contemplá-la em nós?

* * *

Ainda assim, muitos outros momentos eram agradáveis em Étreuilles. Por exemplo, aqueles em que Jean, antes de jantar, ia aquecer os pés no quarto da cozinheira, espécie de segunda cozinha contígua a esta, e onde, cansado de ler, ouvia as histórias da cozinheira, que ia e vinha escovando batinas. Era um desses momentos pacíficos em que as coisas estão como que cercadas da beleza que há no ser, em que o encanto está na sombra que enche o canto do quarto onde está a cama dos nenéns, na luz suave que aclara o pé da cama, no tique-taque da pêndula, na figura, bem iluminada pela lamparina, da cozinheira que tagarela, no fundo misterioso da cozinha, luzindo com os reflexos rubros do braseiro invisível onde se consomem as operações deliciosas que se revelam exclusivamente no alto de uma caçarola que verga ao peso do carvão consumido ou o ruído de uma fritura fervendo que escorre vivamente na frigideira. Nesses momentos o ruído da voz da cozinheira, dizendo: “Como estão molhados os seus sapatos”, impressiona agradavelmente porque o ruído da voz é uma coisa *que* é, como pela janela o velho farmacêutico, absorto numa de suas misturas e vivamente iluminado pela lamparina, encanta também porque é; o taramelar incessante do fogo é mais agradável que o da cozinheira, visto que não é necessário responder a ele — porém há tão pouca precisão de sonhar com o que diz a cozinheira e no seu olhar risonho brilha algo que não é menos vivo e afetuosamente que a chama do fogo. É até bastante agradável poder lhe falar quando a gente se sente excessivamente cheio de silêncio e deseja quebrá-lo

um pouco com palavras. As coisas são belas por serem o que são, e a existência é uma beleza calma espalhada ao redor delas.

Depois do jantar, ia-se muitas vezes à cerimônia do mês de Maria; sobre o altar se amontoavam pequenos jacintos cor de malva, tortos, grandes ancólias fixas ao longo de seus caules como os apliques de um tecido precioso e fino, de todas as cores que não se veem entre os homens, entre os animais, nas cidades, todas tendo o ar de haverem nascido de uma dessas nuvenzinhas de nuança celeste que flutuam um instante após o pôr do sol, ou essas tulipas de todas as cores deslumbrantes que dispensam num apartamento os postigos que separam a luz do sol. Estavam em seus vasos, embrulhadas em belo papel branco de escola. E nada era mais lindo, ao sair da larga voluta de papel branco e brilhante que a protegia até o colo como um xale deslumbrante, que uma grande roseira-de-bengala, não trazendo rosas a meio caule como as flâmulas içadas ao longo de um mastro, mas uma única rosa aberta e purpúrea, jorro de sangue resplandecente e sombrio, de onde não cessavam de se evolar, leves e violáceos, invisíveis e untuosos, todos os perfumes da Ásia.

Descia a noite. Como são tristes esses momentos em que os quartos abandonados pelo dia permanecem vazios, antes que sejam abertos os grandes reservatórios de luz quente denominados lamparinas! Na claridade sombria que se obscurece de instante a instante, eles podem ver ainda a casa da frente que perdeu suas cores vivas da tarde. E assemelham-se um ao outro em sua tristeza inquietante, como a um viajante ansioso, à noite, a rua nova da cidade onde acaba de chegar. Muitas vezes, nesse momento, abrindo às apalpadelas, no fim de um corredor escuro, a porta da cozinha, Jean se alegrava ao perceber, como uma visão na noite, erguida no fundo da cozinha obscura e como que misteriosamente suspensa no ar pela obscuridade, o chão de ladrilhos iluminado e limpo do corpo do fogão, rubra iluminação imprevista, como na esquina de uma rua já escura uma sacada em fogo por um invisível sol poente. Uma nuvem de fumaça cor-de-rosa elevada, sem dúvida, por sobre uma chaleira por um fumo invisível, flutuava junto, e, como essas pequenas ondas do mar que, passando pelos raios

do poente, diamantizam-se, um jorro que escapava ritmicamente para fora da caçarola borbulhante parecia em chamas. A chaleira trazia no longo bojo brilhante o quadro ardente das regiões de fogo que via, mas que permaneciam invisíveis para Jean. O olhar fixo na noite que invadira por completo a cozinha com suas rubras constelações, Ernestine permanecia de pé frente ao fogão, governando o fogo sabiamente com a ponta de seu gancho de ferro, aproximando e afastando a caçarola, esfalfando-se por um instante com a colher de madeira, tornando a pôr a tampa no fogão, deixando tudo de lado, mudando as cores da iluminação que ficava agora sobre uma caçarolinha onde, com ruído regular e suave, se procedia ao cozimento de um frango entregue à manteiga fervente e à gordura derretida a lhe imprimirem seu suco que se ouvia chiar, extinguindo, ao puxar do forno, essa claridade rubra da parede com a qual, ao entrar, Jean se impressionara tão vivamente, erguida assim sem suporte real e fantástico no meio do vazio obscuro, como os maquinistas atentos em regular, variar, terminar em tempo oportuno os jogos coloridos de luz sobre os cenários de um espetáculo de magia.

IV. O jardim dos esquecimentos

O pai do sr. Santeuil possuía, do outro lado da cidade, um imenso jardim que, estendendo-se primeiro em terraplano diante do curso do Loir, elevava-se pouco a pouco, aqui por lentas subidas, ali por escadarias de pedra que conduziam a uma gruta artificial até o nível dos plainos elevados em que principia a Beauce e para os quais se abria através de uma porta com claraboia. Esse topo do jardim era bastante largo, ocupado por um magnífico viveiro de aspargos, um pequeno lago onde uma salamandra dormia dependurada na pedra, imóvel e coberta de musgo como a efígie de um deus marinho, mas desperta às vezes por uma pedra que lhe atirava Jean e imediatamente sumida nas profundezas da água, dando então a ideia de uma existência sobrenatural, metade ornamento e metade deusa, e por um picadeiro onde um dos cavalos do pai do sr. Santeuil, girando, fazia subir a água do canal até embaixo, onde Jean, escolhendo a sombra de uma árvore para não ser visto pelo peixe, pescava nutridas carpas rapidamente jogadas na grama, nos botões de ouro, nos pontos a que os cisnes, impedidos pela rede de arame que descia da pequena ponte rústica, não podiam acorrer.

Em vez de tomar pela estrada pedregosa que subia ao sol ao longo do valado do jardim e onde poderia encontrar rapazes brincalhões descendo para a cidade, Jean, quando desejava subir para o campo, preferia passar pelo jardim de seu avô, saudado de longe pelo jardineiro que ceifava ou regava a relva. De passagem, puxava, para a aspirar, a corola deslumbrante de um lilás, com as folhas sobre as quais se ergue como de uma vestimenta silenciosa, macia e cheia de frescor. Assim ele viu a corola delicada de um jovem lilás, pintada com esse frescor inexprimível e do qual o perfume dá bruscamente a ideia com um encanto inaudito sem que seja possível aprofundá-lo. Não o vendo nenhum jardineiro, apoiou o pé na terra ajardinada e passando o braço ao redor do arbusto

puxou para si a copa perfumada. Entretanto, por mais que a aspirasse com todas as forças, não obteve, é certo, o segredo que nela parecia buscar e, menos ainda, o prazer sentido há pouco, quando, surpreendido pelo odor e pela vista inesperada do lilás, aproximara-se com ardor do arbusto. Assim, deixando de manter a deliciosa copa contra a cabeça, e apoiando o pé na aleia, largou-a à própria conta. Mas não pôde deixar de observar os movimentos graciosos com que a copa leve e adorada se reclinava para trás e, sempre deslumbrante e pura, está agora imóvel e graciosamente inclinada sobre as folhas que a cercam como um ornato repetido ao infinito, como companheiras menos belas, sem cor própria e sem perfume, mas que mantêm um agradável frescor à sua volta.

Retornou à aleia. E, se o chão duro de uma estrada é muitas vezes sentido alegremente pelo viajante cujos pés têm assim a sua parte de sensações de sã fadiga, de vida rude e natural que o campo os faz desfrutar vivamente, também Jean descobre com exaltação, ao sentir sob o calçado o suave deslizar dos inumeráveis seixos da aleia, tão unidos, tão juntinhos que mal se movem a seus passos, esse prazer mais requintado e menos saudável que experimenta desde que está no jardim vazio de gente e onde, apesar das flores agrupadas em abundância e variedade simétricas, apesar dos arbustos dispostos conforme um desenho delimitado e perceptível, tudo parece ter sido preparado para os homens. As aleias em que árvore alguma cresce e onde todos os pedregulhos são iguais parecem ter sido preparadas por homens, por homens engenhosos e menos simples que a natureza. Mas para que preparam esses mortais artificiosos semelhantes retiros? Há séculos porventura que estão mortos, e as árvores e as águas, ainda da mesma forma em que as haviam disposto, esperam sempre o hóspede em vista do qual os lilases se sucediam aos lilases e os miosótis compunham uma frágil linha azul paralela aos mais altos goivos vermelhos, um em cada dois como num emblema rigorosamente expressivo? Mas as aleias conduzem apenas a estátuas que se calam e cujas flores, que uma mão desaparecida misturou a seu cabelos ou ao sorriso que respondia a um gesto hoje invisível, parecem os vestígios de dias já antigos, onde foram

interrompidos para sempre os trabalhos divinos que deviam fazer desse lugar uma moradia da qual unicamente o plano, atualmente incompreensível, subsistiu. Tal era sem dúvida a raça desses mortais ou dessas deusas.

Nas aleias só se encontram estátuas aqui e ali e os cursos d'água apenas transportam cisnes. Seguindo por uma aleia que parece levar em direção ao dono do lugar ou pelo menos a um de seus dignitários preliminares, no momento em que os lilases se encurvam, em que se alarga a curvatura dos pés de roseiras, em que, mais distinto, o zumbido de uma abelha mostra que o silêncio foi mais respeitosamente recolhido, em que se sente que já se chegou, chega-se de fato a uma alameda arborizada, risonha e silenciosa como uma estátua meditativa e ao pé da qual, sobre um banquinho, a gente pode sentar-se. Não se ousa, porém, perturbar sua expectativa e sua reflexão, e a gente se cala como ela, só falando baixinho, como suas folhas murmuram ao zéfiro.

Mais distante, estão imensos castanheiros cujos ramos pendem até embaixo como árvores menores, jovem raça de gigantes sustentando, com folhas enormes, altas flores como torres maciças e delicadas. Está perto de nós, erguendo, um sobre o outro, os pavimentos de suas flores superpostas, imóveis como a cabeça nobre de um pássaro, e deixa expor ao sol sua vasta plumagem lisa e curva de grandes folhas verdes. Às vezes à margem de um canteiro, Jean percebia um jardineiro sachando a terra. Percebia-se, porém, que não era para essa raça de homens que haviam sido feitos esses jardins inumeráveis e magníficos, e ele lá estava como os operários num palácio ou numa catedral. E o próprio Jean, que entre os castanheiros, no chão, tinha jacintos que regava, sentia-os seus e não seus, como o lugarzinho que se tem sob os imensos pilares sacros na capela maravilhosa.

* * *

No parque, perto do muro de vedação, num ponto aonde Jean quase nunca ia, num sítio a descoberto e sem árvores, havia um círculo de pedra com um timão no meio, onde, atrelados de vez em

quando, os cavalos rodavam lentamente para fazer subir a água. No resto do tempo, a sombra do timão girava sozinha, mais lentamente ainda, sobre o círculo de pedra que árvore alguma vinha proteger do sol, embora o tio houvesse dito a Jean, um dia que por lá passaram, que esse timão era uma espécie de quadrante solar. Deste círculo descia para reunir-se ao parque um viveiro desses imensos discos amarelos denominados girassóis e por baixo da cerca inferior vislumbravam-se prados vizinhos que Jean, antes de ter ido até ali, nunca vira, e que se estendiam ao sol, servindo de pasto a umas poucas vacas. Jean estava na idade em que a terra não se tornou algo perfeitamente real e conhecido, quando a gente não se espanta de que um lugar novo, um lugar bem real plantado de árvores e onde se pode caminhar, dê acesso ao mundo irreal. Um dia em que levara sua mãe ao banho frio, esperara-a por um instante num quarto e depois fora admitido a vê-la banhar-se. E então, sobre as pranchas trêmulas ao balanço das águas, e vendo diante de si esse enorme antro líquido, que via de tempos em tempos engrossar sob os corpos que reapareciam mais adiante, limitado por outros cubículos mas dando a impressão de não ter fundo, tivera a sensação, sem dúvida — como os antigos acreditavam que um certo lugar não longe de Pozzuoli era a entrada para os infernos —, de que ali estava a entrada dos mares glaciais, que os polos estavam bloqueados nesse pequeno espaço e que sua potência irritada se sublevava entre esses pilotis que permitiam que aí chegasse mas sob os quais sentia-se que ela se estendia mais além, num mundo provavelmente paralelo ao outro e por debaixo, e onde não se via a luz do céu. E vendo sua mãe se atirar nele rindo, mandando-lhe beijos, e voltar linda debaixo da touquinha de borracha gotejante, não se espantaria se lhe dissessem que era filho de uma deusa e que assim pudera ver a entrada desse mundo fantástico desconhecido de todos e, no entanto, tão próximo da ponte da Concorde, perto da qual toda a gente passava sem saber, assim como andamos todos os dias sobre imensos esgotos navegáveis cuja entrada não é visível: mas o chefe de polícia e outros erguem no meio da praça uma pedra que se assemelha a qualquer outra e por aí descem.

E tu mesmo, leitor, mais velho que Jean, do limite de um jardim situado numa elevação, não tiveste às vezes a sensação de que não se tratava unicamente de outros campos, de outras árvores que se estendiam diante de ti, mas de uma terra determinada debaixo de seu firmamento especial? As poucas árvores que chegavam até o valado em que estavas debruçado eram como as árvores reais do primeiro plano de um panorama, serviam de transição entre o que conhecias, o jardim que tinhas vindo visitar, e essa coisa irreal, misteriosa, uma terra que se estendia diante de ti sob as aparências de campinas, desdobrando-se ricamente em pequenos vales, deixando cair sobre si a luz que nela batia nesse momento preciso, e que de seu céu até ela lhe enviara nuvens luminosas e espessas. Aqui são ainda as coisas reais que conhecemos, o pequeno viveiro de rosas que, visto de baixo, parece ocupar toda a vista, destacar-se sobre o céu contra seu pequeno fio de ferro e o pequeno muro que o protege dos desabamentos. Mas sobe até a última roseira e de repente ela dá para essa imensidade de campos onde a sombra alterna com o sol, colinas verdes após colinas azuis. Tu te imaginavas num jardim, pois não tinhas visto, nessas belas aleias, que estavas sobre uma colina nesse ponto cultivado, arrumado, murado, mas que ao longe é uma coisa diversa, que a misteriosa região num instante encerrada, cativa, dissimulada, fosse ao longe, misteriosa, sendo de fato uma região. Aqui, são ainda as coisas reais, este parque de Versalhes que conheces bem, seus lagos, obras de arte assim como as estátuas. Lá, como no jardim, estás como fora do mundo, estás num lugar conhecido. Mas do terraço, para além do lago, das estátuas e das alamedas, e de escadaria em escadaria depois das últimas estátuas e dos últimos lagos, o que são este longo canal e estes choupos naturais, esta espécie de pequena Holanda que começa, esta região misteriosa que se estende lá embaixo e que não é mais a região real daqui? Pois bem, Jean experimentava vivamente essa sensação quando por acaso o deixavam passar (mas ele não conhecia os caminhos pelos quais se chegava lá) para essa plataforma ensolarada em que, dizia-se, os cavalos rodavam com frequência, onde o sol marcava ele próprio as horas, diante da qual se estendiam os sóis e sobretudo que dava

para os campos ensolarados que ele não conhecia (escondidos que estavam, do caminho, pelo parque) e que lhe pareciam uma região nova, e não as terras de Illiers. Assim, achava que esse círculo era uma espécie de entrada para um reino do sol, onde tudo era consagrado ao sol, onde só brotavam girassóis, aonde o sol vinha de preferência com seus corcéis misteriosos. O sol, sem dúvida, ele sabia que estava no alto dos céus. Mas não poderia também descer à Terra? Seria isso mais espantoso do que esses pilotis dos banhos abrindo sobre o mar glacial, do que a piscina profunda cheia de água vigorosa nos chuveiros de seu pai, piscina misteriosa no meio de um apartamento aquecido, numa rua bem afastada do Sena? Ele próprio, que fazia com que lhe dessem todos os livros em que se tratava da lua (e os lia sem compreender), quando no salão de inverno sua mãe o fazia vir como um sábio que não entendesse a sua ciência, como uma espécie de mágico, trazer todos os seus livros ilustrados sobre a lua para mostrar quantos possuía, não levava também, para completar a coleção, uma gramática francesa ilustrada onde na palavra lua havia de fato um imagem representando a lua com um olho no meio e um vago nariz? Esse olho e esse nariz o incomodavam mais ou menos como, nas descrições poéticas, um rasgo de espírito (o que o fazia preferir a *Picciola* de Saintine à *Colomba* de Mérimée, onde a todo instante, uma facécia vinha impedir a vaga poesia das imagens do enlevo) e teria preferido uma lua completamente redonda num céu sem nuvens. Entretanto, não era só para se fazer admirar pelas visitas que ele levava o livro a fim de que vissem cinco gravuras da lua em vez de quatro. Não, não estava certo de que a lua fosse bem assim e esse livro em que, no entanto, não se cuidava da lua parecia-lhe fazer parte de sua misteriosa biblioteca sideral, na qual, como um astrólogo, acreditava enxergar o próprio astro e em meio à qual passava horas obscuras de que não pôde se dar bem conta, deixando-a unicamente para mostrar às belas senhoras do salão imagens diversas da lua, o manual de feitiçaria disparatado e mágico de sua ciência obscura e sedentária de velho astrólogo e garotinho.

* * *

Mal se empurrava o portão do parque e viam-se, entre os ramos das sarças, pilhas de grossas “bolas de neve” [rosas-de-gueldres], como o jardineiro dizia a Jean que se chamavam, mas que colhidas não se derretiam na mão e permaneciam bem brancas e grossas nos jarros da sala de jantar. Jean pensava distraidamente que haviam chegado enfim esses dias em que nada mais mudaria, a partir dos quais sua mãe permaneceria eternamente jovem e ele eternamente livre e alegre, sob o mesmo sol ardente imutavelmente estabelecido sobre a terra. Depois das primeiras moitas de rosas-de-gueldres, o lilás mesclava, de tempos em tempos, à sua folhagem sombria, as flores de fina musselina de estrelas brilhantes que Jean só de tocar fazia cair, emitindo e espalhando um aroma agradável como o da pastelaria. Por toda a parte, nascidas da terra, saídas da crosta, postas sobre a água, criaturas frágeis viviam em seu perfume, deixando flutuar seu fascinante colorido. Essa suave cor malva que, depois da chuva, em um arco que parece próximo mas que ninguém poderia alcançar, se nos mostra no céu, entre os galhos, metamorfoseada em delicadas e finas flores, pode-se contemplar, aproximar, aspirar seu odor tão sutil quanto ela nos galhos do lilás, levá-la consigo. Os orientais não puderam dar a um vaso uma cor mais preciosa. E afinal foi o Oriente que deu vida a esses belos lilases de sangue persa, de cor malva ou de uma brancura de anis, esbeltas Xerazades imóveis entre os ramos, em sua nudez de precioso estofado, todas ainda límpidas dos perfumes de que parecem sair e que exalam violentamente.

* * *

Pelos calores das tardes de verão, desde as duas horas, podia-se ver Jean, seguido de seus primos e às vezes da sra. Santeuil e da sra. Serciers, cujos filhos levavam os banquinhos de praia, encaminhar-se na direção dos Esquecimentos, pela grande rua de Étreuilles e pela rua da Maladrerie. Passava-se diante da grade do notário. De cada lado da grade percebia-se, conduzindo à casa,

uma aleia de olmos fortemente reverdecidos para todo o verão durante a primavera, dourados por cima uma hora a fio pelo sol, estremecendo-se alguns instantes à brisa que, passando pelas folhas pequenas e quentes de sol, era como o frêmito de seu bem-estar e a doçura de um sorriso radioso. Do portão saía um velho muro que cerrava a propriedade e ao qual estavam penduradas algumas clematites. Via-se um enorme pilriteiro rosado que ultrapassara o muro em altura e confraternizava com os altos lilases do jardim vizinho ao sr. cura. Enlaçando os galhos, tinham como que trocado suas flores, de modo que alguns topos cor-de-rosa eram como que emprestados pelo pilriteiro ao jardim do sr. cura, no qual deixavam cair suas pétalas avermelhadas, ao passo que algumas guirlandas malvas desabrochadas no meio das flores do pilriteiro faziam uma visita de cortesia ao jardim do notário.

— Vejam, a sra. Leduc não está no seu jardim, hoje — dizia o sr. Serciers. Não se podia, entretanto, dizer que o jardim era sem vida. Sentia-se que não havia nele um só recanto que não fosse uma oficina viva onde as folhas não cessavam de destilar suas virtudes, enquanto se evolava permanentemente o violento encanto das flores. Mesmo de longe, diante dessa grade, sentia-se, bem mais penetrante, assim colhido na folha viva pelo vento que as embalava, aproximava-as, compunha-as, estendia-as, concentrava-as sucessivamente, que o cheiro de uma tisana ou do laboratório de uma farmácia, o odor das tílias e das acácias. Além disso, cada um trabalhava, gozando a temporada, a hora em que se podia entrar em toda a parte, em que as flores estavam abertas como mansões hospitaleiras. Via-se uma abelha que vinha de longe e que entrava logo no jardim do notário, como o obreiro que veio arrumar alguma coisa no jardim e que, embora não seja pessoa conhecida, vendo o que faz e compreendendo por que veio, a gente o deixa à vontade. Trabalho, afinal, bastante longo, pois havia muito que fazer hoje, ela penetrava até o âmago de cada flor, deixando-se deslizar, descendo até o fundo de uma garganta cor-de-rosa, deixando-se recobrir por completo pelos brancos véus de uma corriola, sabendo bem como sairá dali a pouco pois essa habilidade é, nela, quase um atributo profissional, como um cirurgião sabe desfazer uma bandagem, um

médico militar extrair um sabre, um músico fechar o piano. Como esses operários aos quais a chegada dos convidados não distrai de seu trabalho, as borboletas não se perturbam, absorvidas em sua tarefa, instaladas sobre sua flor, a ela mantendo-se bem presas sem cair. De resto, o jardineiro se misturava, às vezes, ao trabalho delas e, encarniçado contra as laranjeiras, dispostas à entrada em grandes caixotes verdes e destinadas, antes que a gente encontre os lacaio no vestíbulo, a nos receber no jardim, e que estavam enfileiradas numa imobilidade acolhedora, como estátuas vegetais, despojava-as de suas flores amareladas com as quais enchia um saco para delas fazer um licor que punha à venda, pela inexplicável indulgência do notário, a quem roubava, mas que, orgulhoso de seu jardim, deixava tudo à conta de seu arrogante jardineiro, tendo-se deixado persuadir de que era prejudicial às laranjeiras o conservarem suas flores. E todas as tardes, entrando em casa, experimentava um sentimento de orgulho e admiração pelo seu jardineiro ao perceber, dos dois lados da grade, em cima do muro da entrada, os magníficos gerânios desabrochados nos vasos que não os apartavam da germinação universal que neles também agia, e por sobre o pequeno vaso fechado fazia estalar todos os dias uma nova flor vermelha e polida, e, depois de ter lançado um olhar às moitas de rosas, à margem do bosque, parava por um momento diante do chafariz para ouvir seu ruído, voltando ao lago onde lhe agradava observar um peixe vermelho.

Passava-se, a seguir, diante do jardim do cura, que muitas vezes lia silenciosamente o breviário sob as árvores e, levantando os olhos saudava, erguendo o chapéu e sorrindo, a sra. Santeuil, a sra. Serciers e os meninos. Não parecia de modo algum insensível ao enorme alívio, mudança, combinações, partidas e chegadas de perfumes que lá se faziam debaixo de seu nariz e dos quais, nem por cooperar menos ativamente em sua formação do que as abelhas e os zangões, parecia desfrutar menos profundamente. Quando uma folha, tendo exalado tudo o que continha, caía ressequida, erguia a cabeça a esse pequeno ruído e parecia se recolher por um instante a tantas delícias silenciosamente postas em liberdade diante de si, e também dava aos olhos sua parte ao

seguir o raio de sol que vinha se esconder bem debaixo do grande carvalho, voltando depois a ler. O calor não diminuía quando a sra. Santeuil e a sra. Serciers se instalavam para trabalhar atrás de Jean, que pescava com a linha. De vez em quando, interrompia-se o trabalho para conversar. — Jean, amanhã vais prestar atenção para seres pontual à hora da missa. — Esta noite vamos jogar damas, se te comportares bem. — Escrevi ao livreiro para te mandar o segundo volume da *Conquista da Inglaterra pelos normandos*. — Ou, até mesmo, ela quisera lhe fazer uma surpresa, não confessando que já recebera o livro e, quando ele estivesse cansado de pescar e quisesse voltar para repousar, ela o tiraria de sua sacola, causando-lhe uma explosão de alegria à qual responderia com o sorriso dos que desejaram fazer uma surpresa e para quem já passou a hora de guardar segredo.

Esse pequeno ruído de voz próximo ao tanque, tão distinto no silêncio que era ouvido das alturas do parque, ou que alguém, ao chegar, dizia consigo: “Ora, há alguém aqui, ouço vozes”, tomava nessas horas deslumbrantes, imóveis, inteiras, uma certeza absoluta. Na água, tanto quanto sobre a cabeça, via-se o céu invertido mas igualmente imóvel, imutável, sólido sem a incerteza de um sopro de vento ou a reticência de uma nuvem. Um sopro fazia estremecer a sombra de uma erva, porém sobre um fundo imutavelmente azul, e se a água se encrespava era o mesmo azul, como se por um momento o houvessem imprimido em pregas mas sem alterar sua matéria imutável. Um cisne aí fazia passar uma sombra negra mas sempre sobre o mesmo céu azul estrelado ao fundo: sua plumagem não escondia o sol, mas parava-o à passagem, espalhado que estava no ar e, antes que o vissem n’água, sobre o espelho de suas plumas o mostrava, por assim dizer, mais cedo. Se bebia, ouviam-no beber e esse ruído, como o ruído das palavras aprisionadas na mesma atmosfera de silêncio compacto, parecia aí se inscrever de forma definitiva. Mais acima da manobra do sol, havia um lugar ainda mais misterioso, depois que se passava perto de um lago de onde a água descia para alimentar as bombas, e ao fundo do qual os canos visíveis e atravessados já tinham deixado de ser obra do homem, ao passo que no fundo das

águas, que fazia florescer, a deliciosa bainha esverdeada de mil invisíveis musgos aquáticos os envolvia, misturando-se, unindo uns aos outros às vezes de maneira tão forte que era necessário rebentá-los, e num determinado ponto os haviam entortado por completo: era no topo do parque, imenso espaço plano denominado “viveiro de aspargos”, lugar habitualmente sem vegetação, como o local de todos os prodígios quando ainda não se realizaram, e que no mês de junho, quando ele vinha para a Ascensão do Senhor, aparecia aos olhos de Jean numa abundância de dez mil aspargos deliciosos que aí se erguiam livremente como se não fossem, talvez nessa mesma noite, servidos em seu prato, arrancados, moles, quentes e no entanto exatamente ainda como os vira. Ou antes, vira-os vivos, assim como lhe foram servidos, altos e delgados, alguns mais gordurosos, duros e rosados, depois azulados com uma ponta verde, macia e encaracolada. No extremo da plantação de aspargos uma porta solidamente aferrolhada se abria frequentemente para o passeio das cinco horas. Então, eram os infinitos campos de alfafa onde, de tempos em tempos, uma papoula tremulava ao vento. Mesmo antes de chegar ao parque e ao longo dos muros que na vila, juntamente com as casas, delimitavam seu jardim, Jean parava a cada passo por causa do entrelaçamento de um ramo perfumado ou da ereção de uma árvore em flor, ornato de um gosto simples ou monumento arrojado que crescia espontaneamente, ou que era erguido pelo gênio da natureza à glória da Primavera. Como essas toalhas brancas das piedosas senhoras da aldeia, estendidas sobre pranchas e cobertas de vasos de flores, no meio das ruas, se tornavam toalhas de igreja no dia do Corpo de Deus, o valado dos bosques perto do qual Jean passava nesse momento parecia um altar rústico erguido à glória da Primavera pela devoção da natureza, uma espécie de retábulo vertical, acima do qual um lilás desdobrava em leque seus três galhos que recaíam em finas flores, depositando no caminho, que ornamentava de novo, a oferenda modesta mas delicada de seu perfume.

* * *

Mais além, na sombra em que se compraz em crescer, essa sombra misteriosa dos dias ensolarados que se assemelha à sombra das igrejas, o espinheiro rosado fazia resplandecer, como resplandecem os relicários nas capelas obscuras, o rosário de vivo cor-de-rosa, quase vermelho, de suas flores maravilhosas. Aqui e ali, uma árvore isolada se erguia como uma estela e sua folhagem finamente aberta, deixando passar o sol, exprimia em sua indolência graciosa a pender o mesmo sentimento bem-aventurado, infinito e calmo. Desde os primeiros tempos de férias em Étreuilles, quando de seus olhos nada observadores, de seu espírito preguiçoso, ele não discernia nada na natureza durante a primavera, tendo apenas uma sensação confusa que o fazia tirar o paletó, desejar passear, tomar nata nas herdades, sentar-se à sombra, mergulhar as mãos na água do canal, Jean elegera, dentre as flores que tivera diante de si sem as ver e sem amá-las, o espinheiro-rosado como aquela por que sentia um amor especial, do qual tinha uma ideia definida, e de que pedia ao jardineiro um ramo para levar para o quarto, e que tão logo percebia no fundo de um jardim ou ao longo de uma sebe, parava para olhar e desejar. Seria por ser essa árvore mais linda que as outras que as flores, compostas e coloridas, têm o aspecto de flores de dias de festa, e que de fato, muitas vezes na igreja, durante o mês de Maria, havia visto ramos inteiros cortados nos vasos do altar? Seria porque, tendo visto antes o pilriteiro, a imagem de um espinheiro-rosado, cujas flores não são simples e sim compostas, marcou-o com o prestígio tanto da analogia quanto da diferença que têm tanto poder sobre nosso espírito? E, no entanto, vira talvez as rosas silvestres antes de conhecer as rosas comuns e jamais gostara de nenhuma delas. Seria porque o espinheiro-rosado e o pilriteiro se associavam à recordação do queijo de nata branca, que um dia em que esmagara morangos se tornara cor-de-rosa, de um tom muito parecido com o do espinheiro-rosado, e ficou sendo para ele a coisa mais deliciosa de se comer e que todos os dias pedia à cozinheira? Essa semelhança talvez o ajudasse a reparar no espinheiro-rosado e a amá-lo, e a conservar-lhe o gosto numa imperecível recordação de gulodice, de dias quentes e boa saúde.

Seria a recordação de um dia em que estava doente e sua mãe entrou dizendo: “Foi o jardineiro quem cortou estes ramos de espinheiro-rosado” e os colocou em sua cama, e sozinho diante desse ramo que sorria com todas as flores e espalhava pelo quarto o aroma das estradas em que gostava de correr, foi eleita como por si mesma e amada nesse dia em que estava, para ele, cheia da glória e da beleza de tudo o mais, que ela parecia lhe trazer no odor de seus ramos e no rubor das flores rosadas? Contudo, ela não ficou sendo, para ele, nem mesmo a flor preferida, não teria pensado em dizê-lo, e menos uma flor do que a própria doçura da primavera, das primaveras passadas, das estradas de Étreuilles, dos dias ofuscantes em que a gente sua sem cansar, e ele voltava para ler o *Capitão Fracasse* às três horas, no quarto, os postigos fechados: a flor do mês de Maria.

Bem mais tarde, foi conhecendo aos poucos algumas flores. E foi sempre um artista que, pelo prestígio de uma palavra autorizada e reveladora, o iniciou na beleza delas, bem como na beleza de um escritor ou de um pintor. Pois seu espírito, que depois descobria tudo sozinho, sentia necessidade de ver com os próprios olhos. Tendo visto com frequência uma flor na botoeira do sr. de Montesquiou, e, tendo-a notado, esse consumado conhecedor das belezas artísticas da natureza inflamara-o, com uma só palavra, de um amor pela rosa-de-musgo, o cálice da genciana cujo tom azul é tão profundo, a admirável cor das cinerárias. Há, porém, qualquer coisa de mais profundo em nós do que uma emoção artística, é um pouco de nós mesmos que, em uma hora, de passado, conservado intato e fresco nalgum canto esquecido, nos é súbita e silenciosamente ofertado. Essa flor, porventura vulgar para um artista, bela à idade em que só se apreciam os versos de Déroulède [\[07\]](#) e a prosa de *Picciola*, flor de cidadão ou de criança, flor de um altar de aldeia, ele a amou por si próprio. Ou, se fosse ainda menos capaz, nessa idade, do que mais tarde de abrir por si mesmo os olhos a propósito de alguma coisa, se alguém pudesse fazer com que a amasse, esse foi talvez o velho fazendeiro, o pai de

seu pai que quando muito lia jornal, que não pôde realizar seu sonho: ir a Paris para ver a exposição. Ou talvez o jardineiro, que era instruído e apaixonado pela ciência, e que, findos os trabalhos, lia os romances de Montepin ou os trabalhos históricos de Imbert de Saint-Amand. Talvez sua mãe, no dia em que lhe levara o ramo oferecido pelo jardineiro, e que apreciava flores em seu salão, ou em seu quarto, onde nunca havia nenhuma, mas que não gostava de nenhuma e era insensível ao encanto dos animais e das plantas, e que naquele dia, com palavras impensadas, desviara em proveito do espinheiro-rosado os transportes de amor e adoração que enchiam o peito de Jean sem que ele soubesse expandi-los e orientá-los.

* * *

Às vezes, no fim do dia, os primos de Jean o convidavam para um passeio de bote. Descia-se até o Loir e o barco, avançando pelas curvas verdes dos esconderijos silenciosos, escavações do rio na floresta, espécie de lagos na sombra onde a face muda da água parecia esperar com expressão invariável, como a fisionomia de uma estátua num bosquezinho. E o ruído da água que escorria dos galhos fazia-se bem suave para não impedir o silêncio de escutar, como se viram as folhas de um livro perto de alguém que pesca. E a sombra e os raios dando-se as mãos sobre a água e a cor verde dada à água por mil lentiscos até o fundo, e os sons líquidos de um pássaro oculto, mostrando pela sonoridade do instrumento o verdadeiro ponto em que se esconde e que não seria descoberto no vago espaço de árvores inexploradas, tudo acaba por conferir a esse lugar em que se deixa o bote à deriva sem mais mover os remos a imagem cândida de uma estátua que espera. Depois, atingia-se o rio, onde, nas margens, os botões-de-ouro [\[08\]](#) descem aos milhares da campina. Um íris nos deixa passar, como uma casa que logo não se vê mais. Escondido entre os arbustos, o pássaro que neles habita grita-lhes seu bom-dia. A gente passa por ele e se afasta, ouve ainda seus gritos, e depois tudo se acalma. Às vezes, numa barca parada, vê-se um estudante com uma garota. Acaba de

descobrir em si mesmo a essência maravilhosa de um prazer tão novo, tão arrebatador, tão pouco de acordo com os prazeres comuns da terra como o lilás ou o íris sombrio, prazer que o ardente sol parece exaltar ainda, e que parecia também conferir à vida algo eternamente doce e que ela não possuía até então, como as bolas de neve que Jean encontrara empilhadas nas moitas do parque e que, colhidas, não se derretiam em suas mãos e permaneciam tão brancas e grossas nos vasos do salão. O sr. Santeuil até mandava cortá-las, às vezes, para as levar à igreja durante o mês de Maria. E Jean, olhando-as sobre o altar, pensava nas do dia seguinte que ia reencontrar, quando o sol e o céu azul seriam descobertos novamente e ele voltasse ao parque. Quando Jean e sua mãe deixavam Étreuilles, o sr. Sureau mandava cortar para eles grandes molhos de pilriteiros e de rosas-de-gueldres, que a sra. Santeuil não ousava recusar. Mas, logo que o tio partia, atirava-os fora achando que já estavam por demais atulhados de coisas para a viagem. E Jean chorava por causa dessa determinação, que o separava das criaturas queridas que desejava levar consigo para Paris, e pela malvadez da mãe.

* * *

Havia no parque uma árvore da qual o tio de Jean muito se orgulhava: tratava-se de uma camélia enorme, que tinha o dobro do tamanho de um homem e, acima de tudo, se arredondava desde quase a raiz até o topo numa umbela tão larga, composta de tantos milhares de folhas envernizadas que se acreditaria fosse antes a contribuição de muitos arbustos que conseguira assim arqueá-la do que apenas um. E era tão alta ao mesmo tempo que enorme de largura que ficava graciosa. Todo o arredor se estendia no declive de um vasto terreno íngreme de torrões revolvidos e absolutamente despido de vegetação, onde nada brotava pois haviam consagrado a essa árvore, como a um deus, todo o terreno circundante. Era totalmente verde, sem uma única flor, e suas folhas imóveis, respondendo com um sorriso ao sol quando ele vinha se pôr sobre elas, respondendo à brisa primaveril com um ligeiro frêmito,

conservavam como um segredo todo o esplendor escondido e cujo momento de ser revelado ainda não chegara. Sentia-se o esplendor latente debaixo do belo verniz das folhas, sob a satisfação orgulhosa e tranquila espalhada em toda a árvore, sob sua força calma, seu silêncio grandioso de quem o sol só arrancava um sorriso e a brisa um frêmito, porém nada daquilo que ainda não devia aparecer.

Um dia, Jean, que convalescia, voltava ao parque pela primeira vez. Subindo até o viveiro dos aspargos, o tio lhe disse: — Vem ver minha camélia que está toda florida. — Mudaram de caminho pois, pelo caminho em que ia sempre, Jean não passava pela camélia, porque assim demorava para chegar à grotta onde estavam guardados seus instrumentos de jardinagem, a pá, o ancinho. Mas, como estivera doente, haviam-lhe dito que se contentasse em ler e pescar. De modo que, não tendo de ir à grotta, puderam ir ver diretamente a camélia. E na volta do caminho a avistaram. Por toda a parte, sobre a enorme umbela, estalavam longas flores vermelhas, rosadas, como se alguém as tivesse grudado lá aos milhares. E a árvore, em pleno sol a essa hora avançada da manhã, sorria, um tanto mudada com todas as flores admiráveis que irrompiam dela, como uma parturiente nos parece uma outra pessoa sendo ainda a mesma. As folhas eram belas como sempre, mas a cada instante abria-se entre elas uma grande flor vermelha ou rosada. Jean nunca tinha visto ou observado a árvore antes da floração, e jamais vira um arbusto desse tipo, um arbusto grande de inumeráveis flores vermelhas e rosadas, e permanecia ali diante dele como diante de uma dama estrangeira, bela, maravilhosamente vestida, a quem o tio o teria apresentado e que lhe sorriria. Tanto mais que para Jean as coisas não eram ainda uma das muitas coisas do mesmo gênero, mas sim pessoas cujo equivalente não existia. Não dizia consigo que havia cisnes no canal, e sim os cisnes, e no terreno uma camélia, mas a camélia, que eram coisas provavelmente também únicas em seu gênero e, em todo caso, amadas e conhecidas, considerando que elas eram essas mesmas, tanto o que lhe quisera dar uma bicada quanto a que estava florida à esquerda do caminho da grotta, personagens distintas que eram, ao que tudo indicava,

únicas no mundo, como o seu tio, sua mãe, o jardineiro e a casa de Étreuilles. Ora, essa personagem era nova e ele a olhava como teria olhado a bela dama que vira pela primeira vez, tendo a árvore também algo de grandioso com vivas cores novas, risonha e seu tanto indiferente como o fora a dama que o olhara com um sorriso mas sem se dirigir a ele com vivacidade como sua criada ou os primos, permanecendo sobranceira e aprumada, benevolente como a árvore.

É assim que as coisas que devemos amar ao máximo logo a seguir, conhecemo-las primeiro como personagens desconhecidas que acima de tudo nos assombram. Ademais, bem depressa Jean passou a amar bastante as flores da árvore e, quando voltava para o almoço, o tio dizia à mãe: — Fomos ver a camélia: está soberba. Não é? Soberba! — Dizia o tempo todo a Ménard, o jardineiro: — Ménard, ela está soberba. — E é, na verdade, muito bonita — dizia a mãe de Jean. — Oh, é soberba, é uma bela árvore — reiterava o tio —, mas não é preciso vê-la mais agora, está perdendo as flores — acrescentou com modéstia e sobretudo com o amor-próprio do dono e também com a exigência dos que se reconhecem num objeto em vez de amá-lo com todas as forças, e que têm necessidade de que as sinfonias de Beethoven sejam executadas por grandes virtuosos, que acham que não vale a pena ver Sarah Bernhardt em tal papel. Jean, porém, gostava muito da árvore para achá-la mais bonita nesse dia ou em outro, já que ainda seria a mesma, já que conservava ainda suas flores. De resto, sozinha em seu terreno consagrado, a camélia não era então o único deus presente no parque. Ao longo deste, as delicadas capelas denteadas que são as sebes desapareciam, como convém ao mês de Maria, sob as grinaldas cor-de-rosa dos espinheiros rosados, sob os ramos do pilriteiro, misturados com uma oferenda entretecida com gosto nas flores da roseira-brava. Mesmo nos pontos dessas pequenas capelas, entretanto ao ar livre, em que eram amassados quase ao exagero os ramos floridos do pilriteiro em todo o seu comprimento, num verdadeiro matagal de flores brancas, o aroma do pilriteiro era tão forte que entontecia, e embora a cúpula de árvores desse sombra, propiciando um silêncio recolhido no qual era

possível ouvir o grande sino negro repicar sua oração no tabernáculo das roseiras-bravas, de onde só se percebia seu dorso negro, os raios de sol entravam, como numa capela cuja janela não possui vitrais. Ao fim do jantar, o tio mandava trazer as “faifaises”, [09] dizia, para imitar Jean, que o sobrinho colhera junto com ele no parque para o almoço. — São excelentes — dizia a sra. Santeuil com a amabilidade do convidado e a energia de um conhecedor. — Sim, são muito boas. São verdadeiros morangos silvestres — concordava o tio, com o ar imparcial da pessoa que faz justiça aos filhos quando logram um sucesso ou à cozinheira se faz um prato com perfeição e que, tendo o aspecto de não emitir tal julgamento que, forçado pela evidência, duplica-lhe o valor por esse motivo.

* * *

Naquele ano, ficaram muito tempo nos Esquecimentos. Cerca das quatro horas da tarde, ao sol poente, o que restava das folhagens outonais apresentava belos tons vermelhos, verdes, amarelos e dourados, obtendo efeitos mágicos, pintava uma espécie de aurora no céu azul e rosa, sob as folhas luminosas e fantásticas. Caminhava-se sentindo a cada passo mudarem os efeitos de cor, ora se exaltando, ora se abrandando. Parecia um jogo de cores. De repente, uma clareira abria, no extremo do passeio, para um céu de brasa, reflexo de um espetáculo de incêndio que não se podia ver. Os passos se apressavam em sua direção, mas o braseiro se extinguiu e quando se chegava à avenida era quase noite. Ficavam lá, decepcionados. As avenidas se abriam na noite. Um último reflexo do poente, mais além um primeiro reflexo da lua no meio da sombra em que lagos, escadarias e folhagens iam se confundindo, formavam um espetáculo misterioso. Gostariam de entrar nesses bosques, mas a folhagem, tendo sido devastada, dava-lhes a ideia de estar atravessada, rompida, destroçada, vazia. E as ninfas que os habitavam e os faziam parecer tão fortes, como os animais ou os pássaros capturados na floresta que fazem, na jaula, o gesto impotente de fugir, caçados e aprisionados nas selvas devastadas, eram agora estátuas ainda graciosas mas sem força à entrada das

avenidas onde haviam sido postos, num movimento de fuga que não lhes adiantava de nada, fazendo ainda o gesto animal de arremessar alguma coisa. Haviam-lhes deixado o seu arco, como aos javalis na jaula de uma casa de caça graúda se deixam as presas. Já não podiam, porém, servir-se dele.

Agora, noite fechada, a casinha do guarda do parque, pequena construção Luís XV, estava iluminada, e se não se visse ao redor da mesa sórdida da cozinha os dois guardas jogando cartas enquanto a mulher acabava de preparar o jantar no fogão, daqui com suas amplas janelas de palácio que essa claridade banhava de ouro pálido, e aqui (reflexo, sem dúvida, do fogão) esse luar cor-de-rosa que chegava até os ramos próximos da mata, poder-se-ia crer num palácio iluminado para uma festa, em todo caso muito bonito e agradável de contemplar à noite, onde é o único refúgio da luz, o único esconderijo da vida, a única luminosa aparição que une o viandante fugaz, obcecado pela noite, à vida calma que se move nas vagas de luz humana, que o faz imaginar novamente, de maneira diversa de um sonho na memória, um interior iluminado e quente no meio da noite.

V. Os domingos de Étreuilles

O domingo parecia a Jean o dia do sol, talvez porque nesse dia não o acordavam e ele abria os olhos aos raios do sol das dez horas, já de há muito espalhado pela vila, como um amigo que os deixou dormir mas que quando vocês despertam já adquiriu as belas cores de alguém que, perto de vocês, trabalha há várias horas sem ruído, aos raios de sol e também ao dobre cadenciado dos sinos. Esses belos raios sorridentes pousados em sua cadeira pareciam-lhe, tanto quanto os sinos da missa cantada, saber que era domingo. Mesmo que chovesse mais tarde nesse domingo, ele não sentiria menos o sol nas ruas sombrias, sob o céu cinzento, algo como o sol que lá estava incógnito, no canto dos sinos, no levantar da cama tarde, na multidão que passeava lentamente nas ruas. Era como um sol interior que, mesmo sob a chuva, sob a tempestade, alegrava-o como o sol e, como um dia de festa, fazia a chuva menos triste e o céu baixo menos pesado. E nem por isso deixavam todos de dar seu passeio, e as mulheres de pôr o chapéu. Ainda assim, iam à missa na igreja onde o dia cai dos vitrais cor-de-rosa, verde, amarelo, de modo que não se sabe se lá fora faz sol ou chove.

Em todo caso, não chove na igreja onde Jean entrou bem atrasado, porque matou tempo na cama tomando seu chocolate, e depois porque os senhores não têm necessidade de assistir à missa inteira. É claro que não imitaria o pai, que às vezes, ao voltarem da igreja, encontravam em casa lendo pois acordara tarde e o tempo não estava bom, ou então deu um passeio no campo e, percebendo que todos voltavam da igreja, tomou o caminho da herdade para não encontrar ninguém. Como deixava a casa ao mesmo tempo que Jean saía para a missa, recomendou-lhe que dissesse à mãe que não se atrasasse muito conversando e que voltasse logo para o almoço, pois Ernestine, que fora à missa das sete e que, zelando

pela saúde da alma de seus patrões, cuida ainda mais que seu pernil de carneiro seja comido à hora apropriada, preveniu que era necessário que todos estivessem à mesa ao meio-dia se quisessem ter um bom petisco. E, ao abrigo da chuva na igreja bem fechada, Jean foi sentar-se perto da mãe sem lhe dar bom-dia, pois isso não seria conveniente numa igreja.

Antes de ir à igreja, Jean descera ao subsolo, fora à cozinha onde Ernestine, como Vulcano em sua forja, atiçava o fogo, mexendo os carvões rubros com um gancho de ferro, num chamejar, num calor, num crepitar, num estrondar de inferno. Mas enfileiradas sobre o fogão como no ateliê de um ceramista, já exalando um vapor branco, pequenas panelas, caçarolas redondas, uma enorme tina, todas deixando sorrir uma pasta colorida, aqui castanha, ali rosa, lá violeta, de um cheiro particular, pareciam testemunhar já a delicadeza das obras-primas devidas a essa arte violenta. Nesse dia, o número das caçarolas era maior, já que no domingo deveria haver maior número de pratos. Sobre a mesa, os *petit-pois*, já preparados, amontoavam-se como bolinhas verdes. Embora atrasado para a missa, Jean lá fora para saber o que ia haver para o almoço, saber também das novidades, novidades que, nada tendo de platônico e satisfazendo apenas sua curiosidade, renasciam logo das cinzas, mais sensuais e impacientes, pois um cardápio, se dá informações como um jornal, também excita como um programa. Depois, Jean partiu feliz, pensando que, enquanto estivesse na missa, trabalhariam com ardor para ele o fogo (em Étreuilles ainda não havia eletricidade, essa outra força), gigante do qual o homem fez um cozinheiro, e Ernestine, cujas mãos grosseiras como as de certos escultores e pianistas compunham para ele, com toques tão delicados, uma obra de primoroso acabamento. Assim, na igreja, imóvel no banco, e não tendo que pensar em coisa alguma, era livre para pensar no pernil de carneiro que vira confiar às chamas domésticas e industriais.

Tampouco dera bom-dia à sra. Savinien, esposa do notário, tão branca e alta em seu vestido negro, com seus anéis de cabelo negro. Mas, vendo-o aproximar-se, ela foi a seu encontro fazendo ranger a cadeira nos ladrilhos, sinal de que o via, única saudação

que se permite na igreja. E esse bom-dia nada tinha de frio, pois Jean sabia que dali a pouco, missa terminada, quando chegassem próximo às portas abertas de onde se ouviria o ruído encorajador das conversas de pessoas já no passeio, cada uma delas, que só parecia haver dado por sua entrada com um pequeno mover de cadeira, para deixá-lo passar recuando o corpo, quando muito com uma das mãos silenciosamente estendida, deixaria escapar em altas vozes, enquanto se abriam as sombrinhas ou se chamava o carro do castelão vindo de sua herdade, todos os bons-dias atrasados, todas as conversas contidas, toda a amabilidade prorrogada. O momento se aproximava. A igreja cheirava bem, e Jean respirava seu aroma talvez com maior prazer do que o incenso e as flores aromáticas do pão bento com que o acabara de presentear Victor, o servente do merceeiro disfarçado de porteiro e que Jean fingia não reconhecer, como no teatro não se saúda em cena um ator que se conhece pessoalmente. E pegava no pão bento com um ar indiferente como se esse dom religioso não devesse em breve se ofertar à sua gulodice, e como se recebe com ar triste uma herança que entretanto já se sabe que será transformada, logo que as conveniências o permitirem, num belo par de cavalos ou num camarote na Ópera.

Chegou a hora da saída. A sra. Santeuil dizia ao filho, a quem até então fizera cara de não conhecer: — Põe tua capa para não sentires frio — e dizia algumas palavras à sra. Savinien, em voz baixa, porém cada vez menos à medida que caminhavam, como se deixa progressiva e rapidamente o luto na realidade já findo. Depois, à altura do púlpito, onde a vaga humana se separava em duas e onde Jean, por polidez, se retraía de encontro à madeira da escada, para deixar passar as pessoas que conhecia, o que exasperava a mãe, já bem mais distante, a conversa, como se esse ponto fosse uma espécie de fronteira, começava livremente. É que, se os primeiros a saírem já estavam diante da igreja e se o órgão soava ainda pela porta aberta para deixar passar os que ainda saíam, ouviam-se as conversas, sentia-se a brisa ao ar livre. Assim, malgrado a pequena evocação de santidade diante da pia benta, o trajeto entre o púlpito e a porta se fazia em meio a conversas desse

tipo: — O sr. Santeuil chegou bem? — Será que vocês poderiam vir jantar um dia nos Berceaux, sozinhos conosco? — Temos pressa em voltar para casa porque justamente hoje vamos comer suas famosas lebres, que aliás estavam com um cheiro divino. — Você é muito bondosa. Espero que meu marido mate outras já que gostam tanto. — À porta, viam todos com prazer que já não chovia. O céu ainda estava violáceo acima das casas, mas um pouco de sol brilhava na praça, esse sol que para Jean fazia parte do domingo, como os sinos e o brioche, nesse dia um pouco sol de tempestade, muito quente, como o brioche que a sra. Santeuil achava indigesto por essa mesma razão, como os numerosos doces de estrias brancas revestidas de pequenos confeitos vermelhos e açucarados que naquele dia o pasteleiro exhibia na vitrina, e que Jean, já que a mãe não lhe dava permissão para comê-los, contentava-se em admirar de passagem, e que, para ele, faziam parte do domingo como o sol, os sinos, o brioche e a sombrinha da sra. Savinien, que voltava na companhia deles até a rua de Tréfossés, onde ela se virava, olhando as horas, e dizia: — Bom apetite, estou também atrasada. Tenho certeza de que vou encontrar meu marido à mesa.

Além disso, a sra. Savinien não precisava percorrer caminho longo. Daquele ponto da rua de Tréfossés já se viam, por sobre o muro comprido de cantaria, as árvores copadas de seu jardim. Depois a sra. Santeuil voltava com o filho, cada um de missal na mão. Da janelinha da sala de jantar que dava para a rua e de onde ela via todos chegarem, a tia do sr. Santeuil já os havia lobrigado e dissera a Ernestine: — Vai preparar o almoço. — Às vezes, no momento de entrar em casa, a sra. Santeuil via uma espessa nuvem negra bem sobre o galo da igreja e dizia: — Devemos ter chuva logo mais. — E entrava beijando a sra. Sureau, que não pudera ver de manhã, tendo-se aprontado em cima da hora para a missa. Sem poder sair mais, a sra. Sureau passava o dia inteiro sentada em sua cadeira no canto da janela, trabalhando na costura, passando os olhos no jornal, mas, sobretudo, pondo os óculos para ver simplesmente os que passavam pela calçada, e que para ela, que já os vira pela manhã ou que conhecia bem seus hábitos a ponto de saber que poderia observá-los, saíam, entravam, testemunhavam

que nada mudara nos hábitos de Étreuilles ou que algum acontecimento ocorrera, hábitos que eram os seus hábitos, acontecimento que também o era para ela, enfim, a sequência bem concatenada de ocupações conhecidas onde o imprevisto põe um traço picante, mas cuja monotonia é doce, e que, para ela, haviam sido aquilo que para qualquer de nós é algo tão especial, a vida. Estava sempre ligada a isso. E, por trás da sua janela, ela já não podia mergulhar nessa vida senão pelos olhos, que haviam continuado bons apesar de seus oitenta anos; via tudo o que se passava diante da casinha e tudo o que acontecia mais além. Dizia aos seus botões. “Eis o sr. Servan que vai para o seu campo”, como se alguém dissesse: “É tarde, já são dez horas.” Às vezes dizia para si mesma: “Mas não é possível, não podem ser já dez horas.” Que se passava então? “Sim, são dez horas, os dias começam tão tarde agora, que se imaginaria que acabamos de levantar.” Ou não eram dez horas. Talvez o sr. Servan esperasse os filhos e tivesse ido primeiro à cidade. Perguntava a Ernestine. Não, é que hoje era o dia de colher suas batatas. “Ah, é o dia de colher suas batatas, compreendo”, dizia a sra. Sureau satisfeita.

— Eis o sr. Saurin que vai às vésperas — dizia Ernestina vendo o merceeiro sair de casa de chapéu e luvas, com a mulher e as duas filhinhas. — Com certeza é o Victor que vai tomar conta da loja, pois hoje, domingo, é bem possível que venham fregueses. — Ah, isso não me espanta nada — dizia a sra. Sureau —, há pouco vi a sra. Savinien passar com o seu livrinho. Pensei que devia ser para ir às vésperas. Nossa, são quase três horas. Olhe o céu como fica feio, não me espantaria nada se se molhassem à saída. Sei bem que a sra. Alexandre (a sra. Santeuil) está com sua capa comprida. Talvez ela ainda não tenha saído, podiam lhe dar o guarda-chuva grande do Alfred (o tio). — Ainda não saiu, mas a senhora então não viu claramente que ela lhe deu bom-dia pela janela — dizia Ernestine com uma rudeza que incomodava Jean quando a ouvia falar assim a sua tia-avó, mas que não causava o menor aborrecimento à sra. Sureau. A tarde avançando, a sra. Sureau mandava que erguessem a cortina da pequena janela para enxergar melhor e pusessem novas brasas no aquecedor. Se Jean, ao entrar, se aproximasse

dela, a sra. Sureau recebia seu beijo sem retribuí-lo, como uma relíquia vivamente colorida. Pois sua fisionomia se tornara, no outono da vida, vermelha como a folha virgem da videira, mostrando mil nervuras, mas ela pouco se importava. Jean saía depressa. — Não sei o que há com o tempo, estou me sentindo gelada. Ernestine, me alcança o casaco — dizia a sra. Sureau, voltando a sentir na tranquila sala de jantar a agitação do vento que passava lá fora. — Olhe, eis o sr. Savin que abre o guarda-chuva. Bem que eu sabia, no momento em que me subiu o sangue à cabeça, que a chuva não iria demorar. Já a sentia há dois dias. — E de fato, imóvel à janela, rubra se fosse chover, o casaco sobre os ombros caso o vento refrescasse, a sra. Sureau se assemelhava ao capuchinho que, na esquina da rua, marcava o tempo em casa do oculista que dava lições de aritmética a Jean e cuja filha era, segundo se dizia, muito bem casada em Tours.

— Meu Deus, eis ainda o cabriolé do doutor que veio buscá-lo. Que vida, obrigado a partir com um tempo desses! Não seria de espantar se houvesse alguém doente na casa dos Dufoc, pois ainda há pouco vi o pequeno Dufoc entrar na farmácia. — Não — replicava Ernestine —, a criada me disse que ele está longe daqui, na casa de algum dos Berceaux. — Mas a sra. Sureau, que há 25 anos não ia para os lados dos Berceaux, não se interessava pelo que por lá acontecia, exceto quando, para um casamento, vinham buscar criadas em Étreuilles ou, para um doente, chamar o médico ou o cura. — Ah, olhe o meu velho tio Gigout que entra no cabriolé — dizia de si para si a sra. Sureau, vendo o doutor subir para o carro. — Jeannot o empurra, pronto. Há apenas dois anos ele saltava ainda sozinho. Nossa, está velho! Não se é sempre jovem. Já anda nos 86. Não é mais o mesmo de antigamente.

Às vezes, uma pessoa que vinha pela rua parava diante dos três degraus de pedra que levavam à pequena porta. — Olhe, aí está uma visita para a senhora — dizia Ernestine. Já não se via a pessoa e logo depois se escutava o som irritante da campainha que, uma vez puxada, soava ainda duas ou três vezes. Tais visitas eram raras. No entanto, havia pessoas que vinham de vez em quando como a sra. Savinien, que era sempre muito gentil com a sra. Sureau.

Perguntavam-lhe pelas novidades. — Ah, é tempo de ir embora. — Vejam vocês, os velhos, isso não vale mais nada — dizia a sra. Sureau —, minhas pobres costas me doem a noite inteira, eu já quase não como. — Queixava-se da vida porém a amava, e a todas as coisas que faziam parte dela. Assim, nos dias da partida de Jean, de seu sobrinho, da sra. Santeuil, se ela ficava um pouco triste consolava-se depressa, permanecendo em Étreuilles, tendo de supervisionar o jantar de Ernestine, vendo passar o sr. Savinien e observando, em frente, os Saurin, que se sentavam à mesa. Às vezes, ouvindo os sinos, dizia consigo: “Ainda algum morto” — e mandava Ernestine à casa do merceeiro para saber do que se tratava. — Então é por isso que não tinha visto o sr. Gigout voltar.

* * *

No domingo, ela punha um mantelete com lacinhos sobre o roupão, mandava buscar o *Supplément du Petit Journal* na casa da sra. Savinien e, ao ouvir os sinos da missa cantada e todos partirem, pedia seu livro, punha os óculos e lia sozinha suas orações aproximando o livro da janela, como fizera milhares de vezes na igreja durante sessenta anos, quando a viam passar de suas janelas as velhas que agora eram vistas a passar tanto quanto uma velha tabuleta já trocada ou os livros do livreiro que, tendo feito maus negócios, fora substituído pelo merceeiro.

Caminhando, Jean cantava: *Ela falou de mim e o que falou é sincero...*, mas os gestos alegres, o passo rápido, o sacudir enérgico da cabeça com que acompanhava esse estribilho tão banal bem mostravam que ele seguia a canção tanto como essas palavras simples que nos vêm numa hora de perigo e que, encontradas ao acaso de uma presença misteriosa em nossa memória nesse instante, acham-se encarregadas de representar a parte que a palavra deve ter em nossa ação heroica. Assim é que Jean cantava há já meia hora: *Ela falou de mim e o que falou é sincero* sem ter uma só vez pensado no que as palavras significavam e num tom que indicava antes a alegria inconsciente que lhe causavam o mau tempo e o fato de estar em relação íntima consigo mesmo, assim

como a aldeia que se tornara de cor violácea e escurecera à passagem de uma rajada, violenta, e a estrada que primeiro sentira fazer voar um pouco de pó e estremecer as ervas à passagem do vento tempestuoso e se cobria agora de grossas bátegas. Satisfação que é fácil perceber no rosto de todo passante que volta para mudar de roupa, embora se exprima com estas palavras: “Que tempo nojento!” em tão pouca relação com o sentimento que experimenta (e que se nota no acento feliz com que profere essas tristes palavras) como o estribilho: “Ela falou de mim”, mas sentimento que os progressos do conforto e do bem-estar fizeram desaparecer, substituindo uma caminhada sob um tempo incerto para ir pedir uma informação por um telefonema, ou quando muito por uma volta de fiacre muito bem guiado, de onde se observa o pedestre com superioridade, mas de onde também a nuvem pesada de chuva lhe aparece como num cenário de teatro, como algo que o deixa indiferente e sobre o qual só se pode dizer uma palavra bem-humorada ao que viaja a seu lado: — Olhe o céu, é um belo Turner.

No entanto, um bocejo significativo ou uma reflexão pessimista mostram à saciedade que os progressos do conforto suprimiram aqui o sentimento bem agradável que víamos na fisionomia de Jean. Poderiam segui-lo durante muito tempo, quando depois de tirar os sapatos e mudar de roupa, descia para almoçar na pequena saleta em Étreuilles, onde o tio mandara acender o fogo do qual todos se aproximavam dizendo: “Que gelo”, e onde Jean ia olhar pela janela, erguendo a cortina, a chuva que batia em cheio, com seus inumeráveis raios cor de malva, na pequena rua da Mercerie, ansiando que ela fosse ainda mais forte, embora o tio dissesse que isso seria a perda da sementeira, com a ferocidade que temos quando, diante de um elemento desencadeado, colocando-nos no âmago de seu esforço, gostaríamos que fosse sempre mais poderoso, ou que as vagas, durante a tempestade, não subam tanto quanto nossa imaginação se arremessou adiante dela, apesar do que sabemos a respeito de navios no mar, ou que gostaríamos, transformando-nos em saraiva grossa num aguaceiro e inebriados com a própria fúria, que batessem mais forte ainda contra a vidraça e derretessem mais devagar. Drama bem jovial de acompanhar no

recesso da salinha de jantar onde o fogo fora atizado e a criada dizia: — Nossa, quase que se podia acender uma lamparina — e onde cada um se mostrava interessado e contente como numa circunstância excepcional, e onde o tio, tendo exclamado: — Ah, meu Deus, eis a pobre sra. Lévis que volta sem sombrinha, como corre! — Jean se precipitara para a janela baixa e ao mesmo nível da rua para não perder coisa alguma de um espetáculo tão delicioso, e vira ainda a pobre senhora com seu belo vestido negro correndo o mais que podia e quase caindo. — Foi ao voltar da missa, claro. — E Jean esperava impacientemente o momento em que a cozinheira, tendo avistado a da sra. Lévis, poderia contar tudo o que ela perdera, o manto novo. E que delícia, quando a chuva houvesse cessado, e o sol reaparecesse e entrasse de par em par pela janela. Em breve poderiam sair. Tudo são dramas naturais que do fundo de um vestíbulo gótico onde o dia não tem sequer sua cor e onde se está habilmente preservado do ruído da chuva, e onde, dando para um jardim de inverno, veem-se, mesmo no inverno, as catleias, perdem toda espécie de interesse e, quando muito, dão ao mundano indiferente, se ele vê a luz enfraquecer, assim mesmo se o tempo está muito ruim, a ideia de iluminar à eletricidade, com ar entediado, ou de dizer depois de alguma hesitação ao cocheiro: — Não sairei hoje.

Entretanto, em Étreuilles, como a chuva houvesse parado, e fosse domingo, via-se aos poucos fechar as lojas, pessoas endomingadas saírem em direção à praça e na casa dos Sandré, onde se almoçava mais tarde, via-se passar as senhoras com belas fitas e o sr. cura com dois meninotes que intrigavam sobremaneira o sr. Sandor até que descobriu que eram com certeza os filhos da irmã do padre, donde concluiu que eram bem felizes, e que sem dúvida a sra. Torrèche chegara, o que entretanto causava assombro, pois o sr. Dieutourne o encontrara de manhã e ele não lhe dissera nada. Concluiu: — É preciso que eu fique a par de tudo isso. — Mas como almoçavam tarde, embora os que saíssem a passeio comesçassem a aparecer na rua, levavam apenas a grande torta de maçã, amarela como a porta da loja de novidades da praça, mas coberta de um suco avermelhado como os espinheiros rosados que cresciam ao

redor da portada da igreja situada em frente à loja de novidades da praça. Torta essencialmente domingueira, contemplada com admiração e comida com delícia durante esses meios-dias de domingo, com a ruazinha defronte e ao mesmo nível, e o céu violáceo dos dias de chuva ou o reflexo dourado dos dias de sol. Havia maior número de pessoas nesse dia ao redor da mesa, pois tendo a loja de novidades fechado no domingo como as outras na praça ensolarada ou ensopada, defronte à igreja resplandecente de sol ou arroxeadada pela tempestade, o primo e a prima de Jean vinham almoçar, muito afetados os dois em seus belos trajes como os outros moradores de Illiers no domingo, tendo em sua fala doce e pele rosada como que as cores complementares do cheiro da loja, das prateleiras de tecidos onde o sr. Clinteau chamava o sr. Fernand fazendo estalar a unha no dedo — que quer dizer isso? —, loja em que, além do mais, o merceeiro não temia entrar e onde o sr. Clinteau lhe estendia a mão ainda que estivesse de fraque e ele, Clinteau, com a camisa azul, mas como um ator à paisana estende a mão no teatro àquele que se veste como um camponês. Pois não era o merceeiro sobrinho do prefeito, que se casara com a própria prima do sr. Clinteau, essa velha senhorita tão devota que ia um pouco mais adiante na rua com todos os seus cães e a criada, e a quem a sra. Sureau estendia a mão e com quem a sra. Santeuil contava, durante o inverno, para vir visitar sua sogra e distraí-la, pois elas se entendiam muito bem e frequentemente iam juntas à missa? Então o sr. Clinteau dizia ao merceeiro: — Bom dia, sr. Saural, como vão as coisas, sua senhora está bem? — A essas palavras, sua fisionomia adquiria um certo ar vicioso cheio de malícia, que reaparecia de vez em quando como uma espécie de trejeito em meio a suas palavras, e que fazia acompanhar na loja, como à mesa em casa de seu tio, de um pequeno estalido de unha. Falava devagar escolhendo as palavras com ar majestoso, e tendo-lhe o merceeiro pedido um metro de pano, baixando o olhar do alto do escabelo onde estava elegantemente empoleirado até o fundo da loja, dizia com lentidão: — Olhe aí, sr. Fernand, trate de encontrar um pano, sim, não é mesmo, para o sr. Saural, alguma coisa boa, não é, e depressa, vamos, que é isso. — Incapaz, porém, de chegar

às recriminações por uma falta que não conseguia precisar, continuava a olhá-lo com ar majestoso e retomava lentamente, e como que voltando à calma, a busca dos tecidos, peça por peça. Assim o tenente Marengo, depois de ter censurado um soldado e dito: — “Diabo” (com o a bem fechado), retomando a própria majestade como se fosse o imperador em via de comandar o exército, olhava o homem com severidade por um momento com seu olho azul, com uma fixidez no fundo da qual se escondia a inércia do embaraço, e depois se punha, com lentidão, e como para parecer ainda ocupado com as censuras que não haviam explodido, a dar ordens aos outros homens.

Mas, de súbito, na praça ensolarada, os sinos, repicando, lançavam um primeiro chamado, depois um segundo, e depois, pouco a pouco, respondiam rapidamente o primeiro ao segundo, o segundo ao terceiro, ou, se eram ouvidos de outra forma, o terceiro ao quarto, o quarto ao quinto, dando o último a impressão de responder ao penúltimo, ou de apelar para o seguinte, conforme o ritmo segundo o qual eram percebidos, parecendo abater com imensos e magníficos golpes regulares, desferidos com todas as forças, os frementes muros de silêncio. Pareciam, com toda a força aumentada durante a velocidade do ímpeto, ferir o som tremente sem parti-lo e, como que movido ao mesmo tempo pelo sineiro, o sol parecia, por um momento, ficar escondido e depois reluzia mais vivo na vitrina do pasteleiro. Mas ao mesmo tempo que os sons dos sinos ressoavam nos ouvidos dos moradores de Illiers — inspirando-lhes um sentimento de familiaridade, pois todos conheciam o sineiro, e também de respeito, já que muito antes desse sineiro, que só era sineiro há dois anos, os sinos haviam, desde que se nascia, ressoado a cada vez que se morria (até no dia em que se perdia a mãe), a cada vez que alguém se casava (até no dia em que era para o próprio casamento que eles chamavam os outros à igreja), e cada vez que era preciso ir à igreja para assistir a essas coisas muito misteriosas que terminavam de modo bastante familiar, quando o menino do coro (o aprendiz de sapateiro), balançando ainda o ostensório, fazia sinal à sra. Clintreau avisando que lhe entregaria os sapatos sem falta à tarde, e sobretudo quando

o pão, que o padre acabava de benzer enquanto todos baixavam os olhos e o sol só entrava pelos vitrais azuis e cor de sangue, uma hora depois, na pequena sala de jantar com cortinas de musselina branca, onde os pratos pintados com temas bem pouco religiosos ornaram a parede, os livros de missa guardados nos quartos com o lindo chapéu brilhante e os regalos de zibelina, era comido como um simples baba [\[10\]](#) —, ao mesmo tempo que esses sinos se feriam cada vez mais rápido um ao outro, fazendo estremecer, na praça, as paredes dilatadas e as ondulações propagadas de seu som, esta se enchia de senhoras bem-vestidas, senhores de livro na mão, o pasteleiro se punha à porta da loja e voltava para colocar o boné para não pegar muito sol, e o próprio sr. Clinteau, largando o merceiro que esperava o pano, vinha observar pela vidraça de seu estabelecimento, de onde saía o toldo que cobria a entrada da casa com uma sombra escura e agradável, e saudando sua mulher que lhe sorria ao passar diante da loja, dirigindo-se à missa com a filhinha, tendo toda essa passagem dos moradores de Illiers chegando à igreja, e essa sofreguidão dos comerciantes no limiar da porta ou à vitrina da loja, o aspecto de, com a aproximação dos ponteiros do grande relógio do X das dez horas e os toques dos sinos, ser posta em movimento por um único impulso igual.

Aos poucos, como diminuísse o toque dos sinos, rareavam os fiéis, já quase todos chegados. Mas, como um último dobre soa quando se crê que o silêncio se estabeleceu para sempre, via-se ainda a sra. Sainters que caminhava muito depressa. — Ela está atrasada, e se apressa — dizia o sr. Clinteau. Muito tempo depois, sem ruído, chegava o sr. Grosieur. — Ora! Deve ter levado uma hora para se aprontar para a missa — dizia-lhe o sr. Clinteau, chegando até a porta e fazendo estalar a unha. Mas o sr. Grosieur ria, pois gozava da reputação de homem malicioso que adora chegar quando o sermão está no fim. Nesse instante, os pássaros, que tinham voado do campanário com a chegada dos fiéis e o toque dos sinos, estavam todos, e desde as dez horas e dois minutos, de volta para tomar lugar, e voavam de um lado para o outro ou rodeavam o campanário. Um meigo pombo, de cor cobre-acinzentada, pousado no capacete da estátua de Joana D'Arc,

estava tão imóvel que parecia antes um ornamento do melhor gosto acrescentado pelo escultor. Dez e meia. Já se podia fechar o estabelecimento. E assim é que, naquele dia, o sr. Clinteu vinha com a mulher e a filhinha almoçar na pequena sala de jantar da sra. Sureau e, fazendo estalar a unha, explicava a Jean o tema dos pratos pintados. Mas não estava a seu lado e era obrigado a lhe passar o prato, já muitas vezes espiritual por causa da legenda, texto de seus comentários jocosos, por intermédio do sr. Sandré ou do priminho. Pois não estava mais ao lado de Jean como antigamente. Jean conseguira essa mudança depois de negociações secretas com a mãe, pois seu tio, querendo ser engraçado, lhe fazia cócegas todo o tempo, suplício tão atroz que ele preferia a morte a uma vida em que podemos ser colocados sem defesa, mesmo só uma vez por semana, ao lado de uma pessoa que nos faz cócegas, visto que abrigava sobre esse ato, e que sua mãe temia por Jean em razão do seu nervosismo, ideias obscuras que o transformavam em algo talvez obscuro e certamente cruel. Dois domingos seguidos, a sra. Santeuil esqueceu-se de trocar Jean de lugar. Como a vida ficou sombria e ansiosa então para o pobre Jean. Não sabia fosse possível uma troca de lugar e o futuro lhe aparecia obscurecido até o fim por seus terrores. Muitas vezes o que pesa sobre nós com o peso esmagador das ansiedades imaginárias, e às vezes também com a carga penosa de sofrimentos reais, pode ser desviado com uma palavra que nada custa a quem a pode proferir. Mas precisamente porque não lhe custa nada, porque é coisa insignificante em sua vida, ele a transfere para o dia seguinte, esquece, ou julga pouco urgente pronunciá-la. Não sabe que de hoje para amanhã haverá uma insônia pior que os sofrimentos tidos como importantes, e até se o soubesse lhe apareceria como coisa trivial, já que sabe que uma palavra sua, palavra que dirá quando tiver oportunidade, fará cessar essa insônia como por encanto.

* * *

A doce influência do domingo não reinava unicamente em Étreuilles. E, como na primavera, na frincha do muro do cura, as clematites, sem todavia estarem em combinação com os botões-de-ouro e as papoulas dos campos, com os pilriteiros e as cerejeiras dos vaiados, se encarregam, nesses dias de festa, da decoração dos muros, e a horas tantas, tendo trabalhado sem ruído, levantam e deixam brilhar, sorrindo ao sol, seu pavilhão violáceo; da mesma maneira, se Jean e seu pai, depois de passearem à tarde no domingo, entrassem no sítio dos Aigneaux, a meia légua de Étreuilles, encontrariam a sra. Laudet, figura angulosa, de belo talhe, com um avental branco, e uma fisionomia regular e distinta, que apesar disso inspirava respeito, oferecendo ao olhar encantado de várias pessoas sentadas sob as macieiras, ao redor das grandes mesas de madeira, abaixo do rosto cuja dignidade era realçada por um penteado complicado e límpido, um soberbo peitilho de seda verde bordado de negro, mangas verdes e uma saia marrom. Apesar disso, como tinha muito que fazer nesse dia por causa da afluência das pessoas, não tirava os tamancos. Mas este último traço da crisálida rompida desagradava menos que um Heitor ou uma Andrômaca no teatro, passeando nos bastidores com o penteado à Bressant que ainda usam, reservando a peruca para o último instante, ou uma dona de casa que não se contenta em receber os convidados mas representa um papel na comédia que lhes oferece, com a obrigação de se pôr em traje de passeio antes do momento de se mostrar no palco, já que seu papel não comporta vestido decotado. Assim, ia a sra. Laudet de mesa em mesa, levando uma xícara de leite ou uma garrafa de sidra, nesse vestido verde que era apenas uma das flores dessa primavera social, dessa floração da humanidade feliz de mil cores que se denomina “endomingamento”. Palavra que a mulher da alta sociedade, que nesse dia acha obrigatório pôr seu vestido mais simples, pronunciará certamente com algum desprezo e uma irritação que trai apenas o mal-estar que experimenta, sem se dignar a confessá-lo, por não poder se associar à alegria universal do domingo, e no entanto sofrer sua influência, que a faz sentir, pela necessidade e ausência de prazer, algo quase insultuoso no prazer alheio. Assim ia

a sra. Laudet levando não só ao peito as insígnias mas também nos olhos a consciência da felicidade.

Como todas as mesas estavam lotadas, pois novos convivas chegavam sem cessar, muita gente esperava bastante tempo o pedido que havia feito, apesar da diligência da menina que, de cabelos louros frisados, vestido branco e cinta cor-de-rosa, trazia pratos tão grandes quanto ela com uma rapidez, uma elegância de dançarina, escutando tudo o que lhe pediam com uma imobilidade esguia que revelava sua graça, respondendo-lhes com voz baixa numa demonstração de timidez que garantia sua boa educação. Muitas vezes, os que haviam pedido esperavam bastante, mas permitiam-se apenas lembrá-lo com muita polidez, pois a sra. Laudet era respeitada como uma pessoa muito, mas muito acima de sua condição, a qual era, ademais, superior à vida simples que levava — possuía quase todos os sítios dos arredores de Étreuilles. Todos se submetiam de tal modo à ascendência de seu caráter e ao encanto de sua beleza que em muito era para vê-la, para estar em sua casa, que vinham comer nesse sítio, como se vai comer em certos salões, embora se dissesse que era um pouco por causa da sidra, a melhor daqueles lugares, e pelo queijo, que era excelente. Mas as pessoas da alta sociedade não confessam, por acaso, que, se vão comer mais facilmente em casa de tal senhora do que de outra, não será porque ela tem bolinhos de chocolate e prepara o chá como ninguém?

Por volta das cinco horas, em dias de bom tempo, esses domingos da sra. Laudet atingiam o auge. E, ao prazer que ela sentia ao ver suas mesas ao ar livre regurgitarem de gente, misturava-se a satisfação da comerciante cujos negócios vão indo bem — e mesmo esse aspecto a fazia muito diferente, aos nossos olhos, de uma mulher da alta sociedade? — algo como o suave orgulho de se sentir rodeada de tanta simpatia, de possuir tanta força. Cada um lhe endereçava um ligeiro cumprimento a propósito da sidra, da sua fisionomia, do mundo que possuía, uma leve patada no sítio rival dos Noyers, onde não havia ninguém. Enquanto isso, outras pessoas chegavam e ela estava emocionada como se tratasse de uma manifestação importante que coroasse sua carreira. E, para

falar a verdade, na candura com que recebia os cumprimentos e aceitava essa homenagem, ela se enganava muito menos do que uma dona de casa que, por ter vindo muita gente ao seu sarau, a qual ao sair há de se queixar do tédio que suportou, da idade avançada da dona de casa e de suas ridicularias, sente-se emocionada como um professor a cujas aulas comparece um grande número de alunos. Pois, em Étreuilles e nas aldeias vizinhas, cada um dos clientes dos Aigneaux falava da sra. Laudet com a mesma simpatia que os arrastava em bando para o sítio, aos domingos, com o mesmo respeito que os fazia esperar tanto tempo, sem queixa, pela xícara de leite, pela garrafa de sidra pedida. E, como nas reuniões da tal senhora todos sabem que só se servem chá e bolinhos e que não é de bom-tom pedir chocolate, era preciso ver como se recebia o novato que pedia cerveja. — Não temos cerveja aqui — respondia com orgulho a sra. Laudet, e lançava um olhar de tamanho desprezo ao mal-educado que o resto da sociedade o considerava, por um momento, com olhares curiosos e chacotas pouco agradáveis.

Fiel aos costumes antigos, a sra. Laudet não deixou sua herdade acompanhar a moda que assolou então várias herdades do Centro que, para rivalizar com os comerciantes de vinho, passaram a vender absinto e ginja. Porfiava em manter a tradição de sua herdade, como esses salões de conversação onde a dona de casa, resistindo aos costumes, recusa-se a dar aos seus convidados música e comédia, como no salão vizinho. — O lugar deles é outro — dizia a sra. Laudet, que nada fazia para aliciar o cliente, antes tornando-lhe mais difícil a entrada na herdade e afastando todos aqueles cujas exigências relativamente ao absinto — talvez tão detestado por ela só porque não lhe era fácil consegui-lo — lhe inspiravam uma desconfiança que exprimia longamente a seus velhos clientes, seus *habitués*, os que nunca na vida lhe teriam pedido absinto. — Essas pessoas — dizia — não quero. Ora essa, escolho minhas relações, aqui não é a casa da sogra. Não é só querer e ir chegando. Só recebo as pessoas que me agradam. — Aspirava, como qualquer uma, ao salão fechado.

A aula de filosofia. — Henri de Réveillon. — A sra. Desroches. — Seu palácio. — A srta. des Coulombes. — Henri, Jean e o sr. Santeuil encontram o sr. Duroc. — Por que Henri hesita em apresentar Jean ao sr. d'Utraine. — História de Calpin. — Retrato de um amigo. — Discussão de Jean com os pais a propósito do jantar com Réveillon. — Intervenção de Couzon na Câmara. — A recordação do sr. Beulier.

I. A aula de filosofia

Oito e meia. Os alunos estavam na sala de aula, todos agitados porque o novo professor de filosofia, o sr. Beulier, que ainda não conheciam, não havia chegado. Alguns dos mais velhos, ansiosos por tratar diretamente com as autoridades e de voltar à aula andando a seu lado, atravessar o pátio sob os olhares curiosos dos alunos que se apertavam de encontro às janelas das outras salas, preparavam-se para ir buscar o diretor e o prefeito do colégio.

— Calem-se, idiotas — gritou a voz grossa, sempre ouvida, de Buffeteur, cujo excesso de tolice a fizera considerável não só para os alunos e para os serventes que rivalizavam entre si em admiração e simpatia por ele, mas até para o prefeito, que lhe dava bom-dia com o sorriso protetor e receoso de um ministro que dá de cara com o líder da oposição. O próprio diretor, quando vinha à aula ouvir o resultado dos exames, no momento em que o professor dizia, como em todas as proclamações passadas, como em todas as proclamações futuras: “O último, Buffeteur” e em que Buffeteur se erguendo no banco gritava com ingênua arrogância: “Presente, sr. Diretor”, o próprio diretor dava um sorriso irônico mas cordial e inconscientemente respeitoso para com esse menino corpulento, que, durante o ano, estava sempre em último lugar, sem melhorar, sem dúvida, sem hesitação, com a invariabilidade obtusa de uma lei da natureza. Jean foi tirado violentamente de seu devaneio pela voz grossa de Buffeteur. Sabia que o professor, o sr. Beulier, em cuja divisão não queriam colocá-lo a princípio — “receamos — dizia a sra. Santeuil — que ele lhe faça perder o que ainda tem de cabeça” —, era um grande filósofo, o espírito mais profundo já visto por seus colegas mais inteligentes, e tentava ele, Jean, em vão, numa tentativa apaixonada, com grande esperança de que faria bem a seu pensamento distraído o analisar-se sem cessar, imaginar como seria o grande homem que tanto demorava. — Sim, seus cretinos —

continuou Buffeteur por entre os gritos dos alunos sentados no encosto dos bancos —, vocês são bem cretinos em quererem prevenir o diretor! Idiotas! Vamos fechar a porta como se o professor estivesse aqui, e durante algum tempo poderemos fazer o que quisermos. Será que não entendem isso?

Nesse momento apareceu correndo, na porta da sala, um senhor ruivo muito esbaforido, o pescoço envolto num lenço de seda, de óculos e com uma pasta. Os alunos que ainda passeavam, intrepidamente, por entre as filas de carteiras como marinheiros num barco, subindo às traves da sala, ou equilibrando-se sobre duas pranchas em meio a múltiplos ruídos tão atordoantes como o barulho do vento, das enxárcias e do mar, assentaram-se nos bancos em um segundo. Cumpriram essa manobra com uma precipitação tão vertiginosa que o professor, ao entrar, viu-os todos diante de si, sentados às carteiras como remadores, o rosto ainda vermelho e os cabelos fustigados pela tempestade, mas dispostos em ordem e prontos para obedecer. Jean, sem poder imaginar bem o que seria essa aula de filosofia, auxiliava-se, no entanto, com frases de Renan, de Barrès, para figurar-lhe a doçura desencantada. O sr. Beulier começou a falar. Tinha sotaque bordelês muito carregado, o que espantou Jean. Dizia “fi-lo-so-fia”, “pa-te-ti-ce”, acentuando igualmente as quatro sílabas. Seu rosto enérgico e corado não exprimia cepticismo, nem diletantismo ou doçura acariciadora. Falou com tamanho nexo que Jean, desacostumado a tal, chegou a sentir cansaço, e ao fim de cinco minutos deixou de seguir-lhe as palavras. Em nenhum momento, doces expressões como “ vaidade da vida” e “nirvana” vieram, como brisa conhecida e suave, fixar sua atenção distraída. E, em toda a lição, não encontrou nenhuma dessas imagens esplêndidas e perfumadas onde teria podido descansar durante essa áspera caminhada intelectual, como junto a um repositório de flores. Muito mais, ele, que sabia não existir nem o bem nem o verdadeiro, ficou estupefato ouvindo esse homem, cuja genialidade fora tão gabada, falar do bem, da verdade, da certeza, assim como se espantou de ouvi-lo discorrer, com visível satisfação, sobre certas invenções mecânicas, certas culturas de flores, que ele julgava poder

interessar unicamente às pessoas a quem o reino do espírito estava fechado. Quanto ao reino do espírito, imaginava-o superposto à Terra mas sem que nada terreno nele penetrasse, a não ser os perfumes, a piedade, a corrupção, a melancolia e os gatos. Pensava sobretudo que as ciências não oferecessem qualquer interesse a não ser para essa raça disciplinada, mas bárbara, ignorante das musas e dos deuses e que impelia o professor de matemática a novas descobertas, todas as segundas-feiras, em meio a cheiros envenenados, explosões assassinas de experiências que falhavam sempre, ao ranger rude e rascante do giz que passava e repassava como uma serra em suas demonstrações hostis sobre o quadro-negro. Assim, começou a duvidar do valor de seu novo mestre quando o ouviu falar da lei das interferências, que é tão bela, e depois, a propósito do trabalho das abelhas, dizer com voz suave e triste: — Há momentos em que digo para mim mesmo que os sábios são mais felizes do que nós por saberem todas essas coisas. Tenho pensado muitas vezes que seria mais agradável ser um sábio muito inteligente, ou até somente um curioso, e conhecer a fundo todas essas coisas. Existem momentos em que a sabedoria dos livros nos parece bem fria diante dessa vida ardente das abelhas.

Depois Jean parou de escutar, pondo-se a falar baixinho com os colegas mais próximos. O sr. Beulier lhe fez sinal de que se calasse. Ao cabo de alguns instantes, pôs-se Jean a conversar de novo. — Vai ficar uma hora retido depois das aulas — disse o sr. Beulier apontando para ele, mas com tamanha tranquilidade que Jean, habituado à violência dos outros professores, percebeu que não se tratava de uma punição verdadeira, e sim de mera advertência. Além disso, quando o sr. Beulier desse por finda a aula e olhasse o nome do tagarela que havia punido, veria que se tratava de Santeuil, o que lhe fora tão calorosamente recomendado e cujos deveres de férias lhe haviam sido enviados, deveres que causavam muito orgulho a Jean. Fremia de impaciência pensando no alto conceito que dariam de si ao sr. Beulier. Ouvia-o já dizendo aos alunos: “Senhores, têm entre vocês um que não é aluno, que já é poeta, que será um dia um grande poeta.” Vendo já os olhares espantados dos alunos, saboreando as palavras, variando a todo

instante essa cena deliciosa, esquecia-se de que o sr. Beulier não poderia, em oito dias, ter tido tempo de ler esses deveres e de tomar conhecimento deles e, ignorando ainda a marca genial que o distinguia dos outros alunos, confundia-o com eles. Mas para sua grande surpresa o sr. Beulier, um quarto de hora antes do fim da aula, tirou de sua pasta uma pilha de exercícios onde Jean reconheceu seus deveres das férias. — Quis lê-los antes de começar o curso a fim de perder menos tempo — disse o sr. Beulier. O coração de Jean batia a ponto de estourar: — Além disso, nenhum desses deveres merece um exame mais demorado. — Jean acrescentou mentalmente: Mas fiz questão de pô-los à parte, pois não são propriamente deveres... Não ousa afirmar que sejam obras-primas mas têm algum valor. — São muito fracos — continuou o sr. Beulier; sua voz se tornou muito suave, e ele acrescentou sorrindo: — Mas não fiquem desanimados, vocês estavam cansados, tinham mais que fazer do que redigir exercícios. Não os julgarei por isso. Vejamos, eis aqui, rapidamente, algumas observações que podem ser úteis. — Chegou à letra S. Alguns alunos antes, e depois: — O sr. Santeuil. Não é dos piores. Oh, não é muito bom, tampouco. Tem (é como os outros, disse Santeuil de si para si, na incoerência, na loucura) banalidades vulgares, todas as maneiras ruins de escrever que vocês aprenderam nos jornais e nas revistas. Mas não é culpa de vocês. Não é nada com vocês. Não se pode exigir mais do que isso na idade em que estão, exigir que tenham um gosto seguro. E certamente vocês têm um pouco de gosto. Oh, um pouquinho só, um quase nada, abismado em coisas bem ruins, mas, enfim, é sempre assim. Mas vocês têm muito que fazer para escrever (uma obra-prima, pensou Santeuil) uma dissertação de filosofia. Será preciso banir, cuidadosamente, todas essas metáforas; todas essas imagens que, mais bem escolhidas que as de vocês, podem agradar ao poeta, mas que mesmo assim a filosofia não tolera. Mas até para o professor de letras é bom não engrossar a voz para dizer banalidades. “Os rubros incêndios do poente”, como ousam escrever isso? É estilo de um jornaleco de... digamos, do interior; não, nem isso, das colônias. Talvez, quem sabe, o redator do jornal de Moçambique embeleze um artigo com

essas miçangas e as senhoras de lá reconheçam nele o seu Chateaubriand. Não, é claro que vocês puseram isto sem pensar, insisto neste ponto; e afinal, para que falar o tempo todo de perfumes deliciosos, odores balsâmicos? Que é que isso diz à imaginação? É a mercadoria enjoativa das insignificantes perfumadoras das letras. Deixem-nas. Vocês naturalmente experimentaram, como todo mundo, a nobre volúpia que dão certos perfumes. Tentem transmitir-nos essa experiência, será mil vezes mais interessante. Olhem como suas frases são vagas. Vocês dizem: “Respirava-se aqui o aroma inebriante, cheio de sugestões obscuras, do lilás e do girassol.” Em primeiro lugar, deixem de lado suas *sugestões* e, se é para dizer que são *obscuras* sem ser capazes de esclarecê-las, então é melhor nem falar nelas. E não misturem o cheiro do lilás com o do girassol. Vocês sabem muito bem que só se sente verdadeiramente o cheiro fresco dos lilases quando estão bem molhados de chuva, ao passo que os girassóis só exalam todo o seu perfume, que é tão suave, à luz do sol. Mas não serei eu quem lhes dará todos esses conselhos, já que estou aqui apenas para ensinar filosofia. — Mas Jean nunca fora passear nos jardins lendo poesia, sem olhar as flores ou respirar-lhes o perfume. Essas distinções não lhe falavam ao pensamento, que, além disso, seguia sem satisfação o arrazoado simples do professor, onde não achava nenhuma dessas surpresas de linguagem, dessas tiradas de imaginação que a todo instante vinham estancar, forçar, deslumbrar sua atenção na leitura dos menores contos do *Gil Blas* ou do *Echo de Paris*. Sem rancor para com aquele que, tão repentina e violentamente, ferira seu amor-próprio, mirava-o todavia com uma desconfiança receosa e melancólica.

Finda a aula, orgulhoso das altas recomendações que o nome de Santeuil ia fazer voltar à lembrança do sr. Beulier, Jean lhe disse, sorrindo: — Senhor, eu sou Santeuil, aquele que o senhor castigou. — O sr. Beulier não mostrou nenhum espanto. — Venho lhe perguntar se o senhor não poderia cancelar minha punição. — Cancelar sua punição? — perguntou o sr. Beulier com extrema doçura. — Oh, sim, deve aborrecer-se em vir aqui. Não gosto muito

dos retidos. Virá amanhã durante uma hora fazer coisas que não lhe serão de muita valia, ao passo que gostaria mais de ir passear com um amigo em Versalhes. Tem toda a razão, não aprecio muito esse sistema de repressão. — “Enfim, disse Santeuil consigo, não veio logo, mas pelo menos a punição está cancelada.” — Sim, sim, não é uma coisa muito boa — continuou o sr. Beulier, observando Santeuil com um ar afetoso, que Jean ainda não lhe notara —, sim, mas como quer que cancele a punição? Não posso — retornou com vivacidade. — Não é verdade? Entrando aqui como professor, me empenho em que todos estudem e o faço o melhor que posso, e sou responsável pelas horas em que, conversando com o vizinho, ou se distraíndo de qualquer modo, você não estuda. Bom, não posso mudar o regime disciplinar. Ele se mantém com o auxílio das retenções. Você falou. Chamei-lhe a atenção, você tornou a falar, está retido. É claro que não posso fazer nada. Mas talvez você tenha um motivo, um dever importante para cumprir na quinta-feira? Então, o caso é outro. — Não, senhor — disse Santeuil ruborizando-se. — Muito bem, você então virá na quinta-feira retido, não é? Oh, mas o tempo passa, está na hora de almoçarmos ambos. — E despedindo-se rapidamente de Santeuil, o sr. Beulier desapareceu correndo.

II. Henri de Réveillon

— Mamãe, Réveillon gostaria de vir almoçar conosco um dia; quando poderei convidá-lo? — Bem, no sábado, se quiseres; justamente nesse dia a tia Louise deve me visitar depois do almoço, seria interessante para teu amigo conhecê-la. — Oh, sim, é uma ótima ideia. — Réveillon aceitou e no mesmo dia, ao voltar para casa, Jean encontrou seus cartões: “Henri ficou bastante aborrecido por não encontrar a senhora sua mãe. Peça-lhe que lhe perdoe se ainda não pôde ir vê-la, mas você sabe que ele é muito ocupado.” Jean tirou um pouco de dinheiro de suas economias e foi encomendar cartões de visita. Logo que ficaram prontos, dobrou dois e enviou-os à casa da sra. de Réveillon. Qual não foi o seu espanto no dia seguinte ao encontrar um cartão enviado em seu nome: O Duque de Réveillon. A princípio pensou que havia chegado alguma correspondência para Henri e que o duque viria buscá-la. Depois imaginou que o duque teria escrito uma palavra para ele. Ademais, o porteiro lhe dissera que o cartão fora deixado por um criado de libré. E então, não vendo motivo para tal medida, viu nela um favor inaudito generosamente concedido por um homem daquela importância a um rapazinho de 17 anos que julgava fosse necessário no mínimo exercer uma profissão ou ser pai de família para que um homem “de certa idade” lhe enviasse um cartão de visitas. Não conhecendo da ternura, da estima e da doçura dos outros, de que seu frágil coração tanto necessitava, senão o desgosto de sempre ter sido privado delas, experimentou um prazer delicioso que, de imediato, exaltado pela gratidão, transformou-se em poucos minutos numa espécie de amor ao velho duque, um apaixonado desejo de lhe testemunhar seu devotamento, de se jogar a seus pés, de se fazer matar por ele. Suponham um desses pequenos recrutas a quem Napoleão puxava as orelhas e que ardiam por cobrir de beijos e de lágrimas a mão que os afagara.

Indo ao palácio de Réveillon para deixar um bilhete ao duque, caminhando depressa, a fisionomia feliz, com cara de louco, ainda se perguntava se não seria um engano do lacaio. Felizmente, encontrou a tia Louise, que lhe explicou ser hábito comum que um marido pagasse a visita feita a ele e à esposa mandando cartões de visita. Havia pessoas da alta sociedade que não mandavam cartões aos rapazes, mas a maior parte o fazia. Jean tinha apenas de deixar cartões de visita na casa dos Tonnereau, por exemplo, que ele não conhecia. E, muito provavelmente, encontraria no dia seguinte um cartão do marquês de Tonnereau. Jean agradeceu à tia e voltou para casa, decepcionado, tendo quase vontade de chorar; apesar de tudo estava contente por mostrar a seus pais que o duque de Réveillon deixara-lhe um cartão. Quis, no entanto, que o sr. Santeuil mandasse um cartão a Henri de Réveillon e ficou zangado porque a mãe se opôs. — Mas o pai dele me mandou um. — Não posso te dizer como se procede na classe do pai dele, mas na nossa isso seria de um ridículo extremo. Não consigo imaginar teu pai, um homem ocupado, enviando um cartão de visitas a um rapazinho de 17 anos. — Por que 17 anos? Henri é seis meses mais velho que eu. — Por fim, a sra. Santeuil cedeu às instâncias do marido, e Jean beijou o pai com reconhecimento. Todavia, estava já inquieto para saber se o enviaria à mesma hora em que o duque enviara o seu, se podia enviá-lo pela manhã ou à tarde. Mas, contente com essa primeira vitória, julgou prudente não abusar e agir com moderação. Usou de clemência para com o inimigo, e na testa da mãe, que só batera em retirada quando o sr. Santeuil se pôs ao lado do filho, depôs um beijo magnânimo.

* * *

Antes de ir mais adiante, é preciso falar agora dessa tia Louise que, “no sábado, cerca das duas horas”, deveria conhecer Henri de Réveillon, e que ensinara a Jean os usos, adutores e decepçantes, como quase todos os costumes mundanos, referentes aos cartões de visita. Não por acaso, mas por motivos profundos que provocam tanto os fenômenos ditos mundanos como

os denominados sérios, as situações sociais e os acontecimentos históricos, o salão da sra. Antoine Desroches, nascida Grimaldi, prima da sra. Santeuil, que Jean chamava tia Louise, tornara-se, no momento em que Jean conhecera Henri de Réveillon, e permanecera até o ano anterior, um dos mais procurados entre os brilhantes salões de Paris. O capítulo que vamos escrever não faria pior figura num estudo psicológico sobre as diversas variedades de ambiciosos, num estudo histórico sobre a sociedade de fins do século XIX do que na história mais modesta de Jean Santeuil.

Pobre, inteligente, ambicioso e hábil, Antoine Desroches tornara-se, no regimento, amigo íntimo do jovem Frédéric de Breslau, príncipe de Bremen, filho de uma das mais importantes personalidades do mundo imperial e da própria família do imperador. A essa época, Antoine já obtivera a medalha de honra da Escola de Belas-Artes e ia ser enviado a Roma. Encantava o jovem príncipe pela solidez dos conhecimentos artísticos. Num dia de folga em que foi vê-lo pela primeira vez no palácio de Breslau, espantou o pai e a mãe de Frédéric ao debater peça por peça o valor de sua célebre coleção de quadros e objetos de arte; aqui, levantando, à primeira vista, uma objeção de pintor feita por Baudry depois de um longo exame e respondendo com um argumento que não ocorrera a um especialista no dia em que, a pedido do velho príncipe de Bremen, quisera reabilitar aos olhos de Baudry a sua coleção criticada; ali, demonstrando por razões históricas um erro de atribuição, uma contradição do catálogo. O velho príncipe, sabendo por Frédéric quanto era pobre o seu amigo, quisera ajudá-lo. Antoine recusara tudo, sem dúvida por uma probidade natural, e também por essa obscura lógica do ambicioso que sacrifica instintivamente os prazeres do presente para obter a reputação duradoura de um desinteresse absoluto, tão útil às satisfações futuras como lhes são funestas as satisfações passageiras do bem-estar e da vaidade.

O pai de Antoine fora empregado a vida inteira. Em toda a infância, Antoine não recebera, das raras pessoas da alta sociedade que tinham negócios com seu pai, senão palavras protetoras. Era

dessas pessoas a quem se dá uma entrada para o teatro em troca de um serviço, porque é impossível convidá-los para casa. Queria ele que todas as pessoas à sua volta praticassem baixezas um dia a fim de poderem ser convidadas para a sua casa. Alguns seres humanos desejam, porque só o conhecendo na imaginação dão-lhe maior beleza, aquilo que sempre lhes faltou. A cortesã deseja o respeito ou o amor. O criado deseja a independência. Alguns homens, a distinção. Daí o vemos, todos os dias, um mordomo querido, estimado pelos patrões a quem serviu a vida inteira e a quem poderia servir até a morte, com a certeza de lhes herdar um dia, deixá-los depois de rico para perder em alguns meses como mercador de vinho as economias que juntou quando era um criado. Daí que a maior alegria de um ator, que aliás as teve muito intensas, é ser elevado a subchefe de escritório, que uma cocote deixa o banqueiro que, tratando-a como filha, lhe dá duzentos mil francos por ano, pelo almofadinha de mãos abanando que lhe fala como a uma mulher da alta sociedade e que, tornando-a apaixonada, lhe faz crer que é uma delas. Daí, também, que tantas moças ou rapazes nascidos de pais cuja profissão ou raça foi repelida deixam seus amigos, estragam sua felicidade, empenham sua fortuna, dão sua vida para terem um nobre como testemunha num duelo ou como convidado à sua mesa. É de notar que os escritores, muitas vezes filhos de pais pobres, e vendo o mundo através de sua imaginação que embeleza tudo, com frequência fazem no mundo um sacrifício que para eles é maior do que para os outros, visto que acrescenta a todos os bens imolados que acabamos de referir, o amor à solidão, as alegrias da vida interior, a profundidade do pensamento, a dignidade da vida, a solidez da glória.

Mas é bem raro que os escritores sejam tão ingenuamente esnobes, tão deliberadamente ambiciosos como os julga a sociedade ou os pinta o romance, como se mostra, por exemplo, numa obra imortal, o poeta Lucien de Rubempré.[\[11\]](#) Não, o Rubempré moderno, e é preciso que se diga, o Rubempré de todos os tempos não diz: “Quero atingir, quero ser na sociedade tão solicitado, tão temido, tão rico como Maxime de Trailles e Ernest de Rastignac.”[\[12\]](#) Ele diz: “Desejo ter sentido tudo, desejo acalmar as

ideias perturbadas pelo cansaço da especulação pura na fonte mesma da vida. Para descrever a vida um dia, devo vivê-la” (raciocínio que não o impele, entretanto, a conhecer a miséria ou a mediocridade, que, tanto como a opulência, é uma das formas da vida). Diz: “Esta sociedade será para mim um tema de pinturas que farei sem par, se as faço sem modelo. Quantas dessas vidas especiais, cuja flora psicológica especial, nessa região especial da vida e do mundo a que se chama *a sociedade*, são de interesse para um psicólogo, e a flor mais venenosa, mas também mais difundida nessa terra podre, o esnobismo.” E ou porque sua perspicácia se compraz em punir cruelmente nos outros a vergonha de já sentir em si essas feridas, ou antes, em falar de seu mal mesmo para difamá-lo, ou ainda para alimentá-lo e lisonjeá-lo, o romancista *doublé* de esnobe tornar-se-á romancista dos esnobes. Em breve, pela ascendência que os seres pervertidos têm sobre os frágeis, e os prazeres imediatos e fáceis sobre os seres sem força de vontade, o mundo terá afeiçoado o poeta à sua imagem, tanto mais rapidamente o habituar, pelos engodos da vaidade e da preguiça satisfeitas, a viver na sociedade, a qual eliminará a resistência que ele teria podido achar nas energias da vida solitária. Esses seres, aliás, que Rubempré considera friamente como inimigos que tem de vencer ou fortalezas que tem de conquistar, o escritor irá a seu encontro sem premeditação, não pelo caminho do cálculo, e sim pelo ímpeto do desejo, arrebatado sem se dar conta, e sob o colorido enganador de tantas razões que acabamos de referir, na direção dos seres que seu próprio esnobismo não crê mais poderosos, mas os torna mais encantadores que outros, o desejo sendo, tanto no esnobismo como no amor, a causa e não o efeito da admiração. Não há de se apaixonar pelas duquesas porque as terá julgado friamente mais desejáveis do que outras, mas julgá-las-á mais desejáveis porque se enamorou instintivamente delas. Mais tarde, poderá dizer a si próprio: “Escolhi esta vida para fazer fortuna, ou quis, fazendo-me tratar de igual para igual por um príncipe, restituir ao homem de letras rebaixado a posição a que tem direito.” Não preciso acreditar em tanto cinismo ou em tamanho desinteresse, mas reconhecer, uma vez mais, o

engenho de todos aqueles que uma paixão levou a se persuadirem de que, seja no caminho de carreiras vis ou nobres, foram eles que se dirigiram e que, em vez de serem escravos, são mestres.

Mas Rubempré nos desviou do assunto. Voltando a Antoine Desroches, encontramos Rastignac. O Rastignac moderno e, para deixar claro nosso pensamento, o Rastignac de todos os tempos, não diz à sra. de Beauséant: “Preciso de sua proteção; introduza-me na casa do general de Canigliano”, mas tem o ar de precisar tão pouco da proteção que ela lhe oferece, e que seria para ele uma tremenda chateação ir à casa do general de Canigliano, que ela é obrigada a insistir para decidi-lo a lá comparecer e não o consegue senão à segunda ou terceira investida. Longe de renunciar a seus estudos e trabalhos para ir visitar todas as tardes a sra. de Nucingen ou a sra. Beauséant, faz poucas visitas, ocupado em misteres muito mais interessantes, segundo afirma, do que os prazeres da sociedade e acerca dos quais desperta, nas pessoas da alta sociedade, uma curiosidade ingênua envolta em respeito misterioso. Jamais fala de seus convites e sempre de seus exames, nunca das relações com os nobres mas sempre dos velhos amigos das Belas-Artes. Diz: “Eis pessoas que não são duques mas lhes asseguro que gostaria mais de passar cinco minutos com elas do que cinco horas com o sr. de Trailles” (pois até para diminuí-los não pode evitar pronunciar os nomes dos nobres). Não diz à sra. de Beauséant: “É graças à senhora que vou à residência da sra. de Nucingen”, e sim: “Acha mesmo que tenho de ir à casa da sra. de Nucingen? Que tédio!” Ou até nem diz nada se seu silêncio sabe deixar adivinhar o que pensa e que se cala por bondade, para não magoar a sra. de Beauséant, como homem habituado a cumprir seu dever sem resmungar. Mas se, no momento de partir, lança ao aposento que deixa um olhar pesaroso dizendo: “No entanto, seria tão bom ficar aqui, ao pé do fogo.” Se elogia C. o espírito de alguém, não é nunca o de uma duquesa, e sim o de uma burguesa, que em nada lhe pode servir. Sente-se perfeitamente que a posição não o entusiasma, que não tem apreço senão pelo mérito e que prefere o mérito obscuro. Se faz o elogio de um nobre, é como malgrado as aparências depois de uma experiência pessoal que fez

surgir de suas prevenções: “Não sou suspeito de gostar dessa sociedade; pois bem, é preciso reconhecer que se trata de excelente pessoa e de fino espírito.” Em frente aos nobres que não conhece mantém-se frio, com os que conhece é franco até a brusquidão. Não lhes esconde suas verdades. Mas diz-lhes, brutalmente, verdades agradáveis: “Que preguiçoso, que malandro”, e quando muito, ao ser absolutamente necessário, uma verdade desagradável, rapidamente compensada pelo favor de uma palavra terna, saída do coração “a contragosto”. Nunca se permitiria dizer-lhes, mesmo com cautela, verdades ofensivas. Iria procurar a sra. de Nucingen se seu pai agonizante o pedisse, pois Antoine no fundo não é mau, mas jamais, acompanhando-a ao baile, lhe diria: “Sinto alguma coisa por dentro vendo-a rir enquanto esse pobre pai morre.” Antes, desculpará a sra. de Nucingen a seus próprios olhos e lhe dirá: “Sei muito bem que lhe aborrece o ter vindo a este baile, mas é preciso tomar conta de você.” Em caso de necessidade, sua voz, normalmente áspera, se abrandaria: “Esse pobre pai, diria, você deve procurar fazer o que ele a mandaria fazer se você lhe pedisse um conselho. Acha que ele gostaria de a ver chorando a ponto de lhe fazer mal, num quarto viciado pela respiração de um doente, e faltar a um dos grandes êxitos de sua vida? Além do mais, você não é bastante forte para velar dessa maneira junto a um enfermo. Não precisa abusar do fato de que ele não tem mais força de impedi-la, para fazer o que lhe daria um enorme desgosto.” Não diria a Nathan: “Como pode ser tão vulgar com um jornalista que não tem o seu valor?”, e sim: “É divertido ver que as voltas da vida fazem-no aproximar-se de homens tão inferiores. Mas tem razão, é necessário.” Nunca Antoine, passeando à vista de príncipes e duque, fingirá não reconhecer antigos amigos jornalistas. Deixará ostensivamente uma princesa para ir apertar-lhes a mão, sabendo que isso o fará crescer tanto aos olhos da princesa como aos dos jornalistas. Assim, impertinente e assíduo junto aos poderosos, afetuoso e pouco frequente com os humildes, Antoine só teria amigos se não houvesse aquela espécie de gente que ele pode suportar, que ele deprecia sempre porque isso lhe dá a dupla vantagem de enfraquecer os rivais, retardar os concorrentes, de

conservar só para si a presa que buscavam não menos do que ele, uma espécie que farejava bem de longe, e cujas manobras denunciava cruelmente, para a qual não conhecia indulgência nem piedade: os esnobes.

Antoine Desroches não permitira que o príncipe de Bremen o ajudasse financeiramente: o príncipe o protegeu com seu crédito. Em vez de lhe dar algumas centenas de francos, o príncipe lhe obteve um lugar de vice-diretor nas Belas-Artes, de crítico de arte no *Figaro*, de inspetor dos museus, num total de sessenta mil francos de renda por ano. Antoine Desroches era como essas mulheres ditas honestas que não aceitam dinheiro de seus amantes e lhes custam vinte vezes mais caro que uma dançarina. Além disso, Antoine, recusando as dádivas do príncipe, obrigara-o a tratá-lo não como protegido, e sim como amigo. Esteve em todas as suas caçadas, em todos os seus jantares. Apresentado a várias personalidades do Império, prestou-lhes bons serviços com os seus conhecimentos artísticos de primeira ordem. E fazendo-os ganhar, desse modo, muito dinheiro, sem jamais consentir em recebê-lo, forçava-lhes a admiração e a intimidade. Aos 33 anos casou com Céphise Grimaldi, filha de um grande pintor, que não lhe deu um dote avultado, mas deveria ser um excelente apoio para o genro por ocasião de sua candidatura à Academia de Belas-Artes, da qual era o secretário perpétuo. Acima de tudo, porém, é preciso dizê-lo, Céphise Grimaldi era uma das mais lindas louras de Paris. Muito inteligente, possuía dois enormes olhos verdes e líquidos. Antoine Desroches estava muito apaixonado por ela. Para grande espanto da sociedade, ao se casar com essa mulher cuja beleza e encantador espírito gabava há tanto tempo, não a apresentou. Apesar disso, a princesa de Breslau e alguns amigos mais íntimos dos Desroches pediram para conhecer sua mulher, convidaram-na; ele respondeu com evasivas, e enfim acabou por confessar com toda a franqueza que a mulher vivia numa roda íntima de pintores e escultores eminentes em comparação com quem ela considerava toda sociedade fria, temendo inclusive jamais poder convencê-la a frequentar a alta sociedade. Entretanto, não cessava de descrever os deliciosos traços da mulher e os juízos emitidos sobre ela por

homens de espírito superior, dando assim a todos uma vontade louca de conhecê-la. Um dia o duque de Traves, homem que estava na moda em Paris, viera pedir um conselho a Desroches. — Ah, minha mulher é quem está em melhores condições para lhe dizer isso — disse ele. — Peça à senhora que venha — acrescentou ao laçao — mas sem lhe dizer que há muita gente comigo. Ela não poderia deixar de estar aqui — ajuntou Desroches voltando-se para o duque. Dias depois, o duque só falava a todos do incomparável encanto e do fino espírito da sra. Desroches. Uma noite em que jantava na casa da princesa de Breslau, ela lhe disse, um tanto ofendida por não ser “considerada digna”: — Parece conhecer bem a sra. Desroches, *o senhor*. — Um mês mais tarde os Breslau encontraram os Desroches na estação de águas.

A sra. Desroches confessava à princesa que nutrira antigamente um pouco de prevenção, mas que fora conquistada diante do encanto da inteligência e da bondade da princesa. — Prometa-me que, quando voltar para Paris, irá jantar às vezes conosco — dizia a princesa de Breslau à sra. Desroches, sentindo que ela não podia mais passar sem a sua companhia. — Ela irá, juro — disse Desroches baixinho à princesa. — Mas nesse caso convide-a com o que tiver de melhor, pessoas realmente cativantes: ela é tão mimada! — acrescentou, olhando com amor a mulher que não os ouvia.

Um mês depois, a sra. Desroches estava lançada. O golpe fora dado: em proveito da sra. Desroches, dirão os que viram nos dez anos seguintes o seu nome nos jornais em todos os jantares importantes dados no bairro Saint-Germain, que a notaram na primeira fila de tantos camarotes imperiais e reais. Em seu detrimento, pensarão os que tendo apreciado os admiráveis desenhos a pastel que fazia aos vinte anos, quando vivia sem ambição, na sociedade dos amigos de seu pai, viram seus êxitos mundanos marcar não propriamente a decadência mas o fim brusco de sua produção artística e a elegância de seu espírito mudada, quase em um dia, como que sob o condão de uma fada má, em belos vestidos, em amigos aristocratas, em móveis valiosos. Quem sabe ela mesma não lastimasse várias vezes não poder voltar a ser

a Céphise de outrora por uma nova metamorfose e não procurasse amiúde palavras mágicas para chamar a fada que, com sua varinha de condão, pudesse transformar seu salão de hoje no ateliê de antigamente? Quem sabe até se a fada não lhe respondesse muitas vezes: “Eu te atenderei quando, tendo jogado fora todo esse lastro de lindos vestidos, amigos ricos, grandes carruagens, fores bastante leve para subir e me acompanhar?” Mas, na ocasião a que esta narrativa nos conduz, cansada de não ser ouvida e morrendo por não receber há tanto tempo, da parte de Céphise, os devaneios de que vivem as fadas e, em geral, os espíritos, a pequena fada não se dignava a cansar sua voz expirante para lhe dar ainda conselhos inúteis. Talvez até já estivesse morta. Mas, tal como uma casa habitada por uma mulher de bom gosto, uma pessoa em quem viveu uma fada conserva sempre um encanto que não se encontra nas outras. Céphise manteve sempre seus olhos inatingíveis como um fogo-fátuo, que era impossível deixar de ver como presságios, sua boca misteriosa como um sinal mágico, em toda a sua pessoa um perfume de verbena que traz felicidade, palavras rápidas que mudavam tudo ao redor daquele a quem ela as dizia, como um encantamento, um poder maravilhoso de consolar os outros, como se ela se tornasse por sua vez uma fada pela morte da sua, mas que não podia nada por si mesma.

O golpe fora dado, dizíamos, em seu proveito ou em seu prejuízo, como quiserem. Mas, se ela foi seu cúmplice, o foi sem o saber, pois era com sinceridade que desejava preservar sua pequena sociedade de escultores e pintores contra as investidas do mundo. E nos cálculos de Desroches, para falar a verdade, havia muito amor mesclado a muita ambição. Amava tanto sua mulher que queria poder lhe dar o que considerava a mais bela coisa do mundo: uma grande situação mundana — como aquele jogral cuja devoção ingênua foi imortalizada por Anatole France e que, não sabendo de nada que pudesse honrar tanto a Virgem Maria, dava cambalhotas diante de seu altar.

Mas, se a sra. Desroches fora aceita pela sociedade, isso só ocorrera no mundo do Império, ou antes, numa certa roda da sociedade do Império. Se soubesse conservar essa posição de

destaque, deveria, ao fim de algum tempo, estender-se, nas várias regiões do mundo bonapartista, a toda a nobreza do Império, a uma parte das altas finanças. Mas isso teria sido pouco para Desroches. Sonhava já para a mulher com o domínio sobre a nata da sociedade parisiense sobre o bairro Saint-Germain, o mais legitimista e fechado, sobre o corpo diplomático, e as famílias reais que ela desde então conquistou.

III. O palácio da sra. Desroches

A descrição do palácio Desroches seria desinteressante para o leitor. Numa época em que os móveis entravam aos poucos numa mansão conforme aquele que a habitasse os julgasse úteis, belos, ou soubesse que seus pais, seus colegas, gente de sua classe ou de sua fortuna tivessem o costume de achá-los lindos e de procurá-los, o matiz de uma cortina, a forma de uma cadeira, os ornatos de uma pêndula não eram coisas indiferentes, já que pareciam, por assim dizer, escolhidas por uma pessoa, e uma simples cadeira poderia se tornar augusta, visto que, tendo conduzido com seu gesto imenso o braço frágil de um homem, era, de qualquer modo, toda uma época que a levava até lá. Reunidos em torno de cada família, os móveis davam a impressão de cercá-la com os instrumentos de seus prazeres, com as imagens de seus gostos, com os símbolos de seu tempo. A casa não passava de um outro costume, menos estrito e mais duradouro, que de alguma forma moldava à sua semelhança a alma do indivíduo pelas almas mais amplas das quais ela participa. E, assim, uma mobília surgia como uma espécie de história em que, lado a lado, o indivíduo, a profissão e a classe tivessem marcado sua presença, fixado sua vida, expressado seu sonho, depositado sua memória. E era como sobre mapas, sobre os garranchos poeirentos da história, que um Balzac podia se debruçar sobre um aposento como para decifrá-lo e, partindo da forma das coisas, ressuscitar diversas gerações de homens.

O mesmo não acontece hoje em dia, ao menos nesta parte da sociedade que se denomina “a sociedade”. Como toda mulher, não de um tipo de espírito mas de um tipo de sociedade, não necessariamente bem-dotada e sim bem-educada, vai ao concerto Lamoureux várias vezes ao ano, e a Bayreuth várias vezes na vida sem para tal precisar ser musicista, como não tem necessidade de

ser religiosa para ir à missa todos os domingos, assim com uma certa fortuna, ou melhor, em determinado grupo, o qual compreende uma infinidade de grupos diferentes, cada um tem seu aposento artístico, seja renascentista, Luís XIV, Luís XV, Luís XVI, império ou inglês. Vejam a mulher de um grande médico, de um grande advogado, de um banqueiro ilustre, de um importante fidalgo. Certamente não será seu palácio ou seu aposento que poderá lhes dizer, dele saberão apenas se sua dona é inteligente ou parva, idealista ou positiva, preguiçosa ou ativa, alegre ou melancólica. Ele lhes mostrará unicamente lindos objetos de arte estilo Luís XIV, Luís XV, Luís XVI ou império, ou móveis e tapeçarias Mapple; uma mulher que nunca estudou história “trabalha” seu palácio por dois anos em companhia de artistas no Cabinet des Estampes, ou então, se os não conhece, na companhia de conhecidos que se deixam enganar pelos *marchands* ou a enganam com eles. Uma que jamais tenha lido coisa alguma deixa ficar na mesa de seu quarto um único livro, *La Somme royale* de Turgot, porque esse quarto é Luís XVI. Uma menina engraçada dá vazão a seu espírito agitado e a seus risos entre os dois braços de uma poltrona Luís XIV de espaldar alto. A sra. S. não gosta de pintura, mas, por ser rica, procura desenhos de Watteau e a primeira fase de Gustave Moreau. A sra. X., filha de um banqueiro protestante ou judeu, mulher de um banqueiro protestante ou judeu, se tem algo a ver com pintura, interessar-nos-ia em sua casa reunindo a seu redor as figuras ásperas ou francas de banqueiros mortos que foram os pais e os antepassados de seus pais e dos pais de seu marido. Não, ela mora no palácio de La Rochefoucauld e o seu quarto de dormir traz um retrato de Mme. de La Fayette. Quando é que se perceberá que os mobiliários artísticos só podem ter interesse em casa de artistas, porque o apartamento de um artista, se ele é sincero e eloquente, tem tantos motivos para nós interessar como o aposento do burguês, do nobre, do magistrado, do banqueiro, embora se possa pensar que o quarto do poeta, como uma espécie de observatório onde nada deve restringir a vista do céu, parar os ventos, as tempestades, as chuvas, devesse ser de alguma forma despido,

para que o poeta pudesse recolher atentamente o mais pálido reflexo do sol?

As casas de um Edmond de Goncourt, de um Anatole France, de um Robert de Montesquiou interessam ao romancista e tornam-se para ele motivo de descrição, quer dizer, para a ressurreição dessas jornadas. Depois de longas peregrinações indecisas em busca de um desenho de Watteau, uma estatueta de Clodion, uma gravura de Hokusai, encontraram enfim a verdadeira pedra do altar de Deus, entronizando-a no lugar que parecia aguardá-la entre outros ídolos que um idêntico fervor, mais que uma mesma sala, aí reuniu. Quanto ao palácio da sra. Desroches, era como o palácio Simon Accham, como o palácio Duferny, como o palácio da marquesa de Ouessant, ou o do doutor Guénot, um museu para uso daqueles que não conheciam os museus ou que os conheciam tão bem que só as coleções particulares lhes mostravam algo de novo. Entretanto, o palácio Desroches era menos bonito porque a sra. Desroches era menos rica. Mas se a gente pensa que o palácio Réveillon, um dos raros da alta nobreza que não se transformaram no palácio banal acima descrito, palácio da “alta sociedade” sem distinção, era despido, frio, quase hostil como uma fortaleza, compreender-se-á que Remi sentisse, entrando no palácio da sra. Desroches, o mesmo deslumbramento que uma menina, educada num convento severo ou no seio de uma família de burgueses rígidos, experimenta ao se achar de súbito entre parisienses de vida desregrada, de conversação brilhante e elegância requintada. Os ditos mais superficiais sobre a vida, a história, parecem pontos de vista profundos a seu espírito inebriado. Assim Remi de Réveillon se surpreendia ao ouvir os vários esclarecimentos bastante incompletos e bem vagos que cada tapeçaria, cada quadro, cada canto da casa pareciam lhe dar com lições superficiais sobre artes que ele nem imaginava. Ouvia-os com prazer, mas não os teria podido acompanhá-los sem cansaço. Ao mesmo tempo, sentia-se perturbado por um perfume violento, que desde o limiar havia indicado que entrava num lugar especial, casa de cortesãs de renome, capela consagrada à volúpia.

IV. A senhorita des Coulombes

Na mesma noite, no salão do palácio de Réveillon, chamado salão dos adeuses porque fora aí que São Luís, antes de deixar Paris, dissera adeus a Geoffroy, duque da Aquitânia e de Réveillon, Henri, que combinara ter um quarto de hora de repouso depois do jantar, antes de subir para copiar sua tradução latina, escutava com alegria sua mãe fazer elogios a Jean Santeuil, que o duque, com voz mais grave, apoiava no mesmo tom como um canto alternado. Na verdade, era para ouvi-lo que Henri passava esse quarto de hora no salão em vez de ir para o quarto acender um cigarro, estando frio demais para fumar no jardim. Mas, como ele chegou para tal discurso acadêmico, vítima especial das circunstâncias, ou como um burguês num dia de tumulto em que se extraviou, tal elogio estivera a ponto de não ser pronunciado. O duque de Réveillon, percorrendo *Le Temps* enquanto a duquesa lhe punha açúcar no café, soube da maioria que os novos ministros republicanos tinham obtido na Câmara. O sangue lhe subiu à cabeça e ele se pôs a gritar: — Que bando de canalhas! Ah! Eu fuzilaria todos eles com satisfação. Seria bem fácil. E vejam d'Arenberg e Greffuhle que votam com eles. Ironicamente, *Le Temps* faz o elogio desses senhores. É de fugir da França. Canalhas! Dizer que esse burguês estava a meu lado na Ópera Cômica no dia do incêndio e que Deus não quis que ele fosse assado como um cabrito. — Mas o duque se contentou em lançar ao fogo o jornal que apoiava sua política conjurando contra os ministros as maldições do Alto. — Celerados! — gritou, afundando-se na poltrona.

A divindade pareceu ter ouvido suas preces. A chama, nutrida por um instante pelo malfadado jornal, que lhe fora lançado como oferenda agradável e vítima expiatória, brilhou com mais intenso resplendor e estorceu um momento como serpentes os sinais ruidosos da cólera celeste, e depois, esgotada, diminuiu, rejeitando

o jornal humilhado que não era mais que um minúsculo detrito de pó, deslizou sem ruído na lareira e, como uma lagarta transformada em borboleta, alçou voo sob a forma de uma chama brilhante. Henri olhara o relógio de bolso e, verificando que só tinha mais dez minutos para ficar no salão, amaldiçoou intimamente a república e seu novo ministério por terem desviado seus pais do assunto: dizer-lhe, enfim, o que pensavam do amigo que lhes apresentara naquela manhã, semelhante ao dramaturgo que, estreando uma peça no dia 2 de dezembro, guardava rancor ao Império por haver, na noite da estreia, impedido o público, mais atento aos acontecimentos políticos que à peça, de testemunhar ao autor o que pensava dela. [13]

Mas a duquesa de Réveillon, desejosa de desviar o espírito do marido de um assunto que o incomodava, e de não privar Henri do prazer de ouvi-lo louvar o amigo, obedeceu ainda a outro sentimento quando disse, voltando-se para o duque, cuja resposta adivinhava: — Anselme, não me disseste ainda o que pensas do novo amigo de Henri. — Esse sentimento se dirigia à única pessoa que estivera com eles no salão aquela noite, a srta. des Coulombes, e não era precisamente um sentimento de caridade. Velha amiga pobre da duquesa, que desempenhava às vezes junto a ela as funções de dama de companhia, distinguia Henri, fielmente, com o desdém que as damas incompreendidas e poéticas alimentam pelos rapazes organizados, exatos, tranquilos e positivos. Como Jean correspondia ao ideal que a srta. des Coulombes formava de um rapaz e aguçara vivamente a sua curiosidade e admiração por tudo que Henri contava a respeito dele, de seus deveres de francês, suas leituras, antes de o conhecer, e que então às palavras da duquesa — “gostaria que Henri tivesse um amigo assim” — respondera com ar de piedade: — Oh, ele não se entenderia de jeito nenhum com Henri. Vejo bem do que se trata através do sr. Sully Prudhomme, que encontro às vezes no campo na casa de uma amiga —, a duquesa ardia de desejo de mostrar à srta. des Coulombes que Henri despertara em Jean Santeuil a mais viva simpatia. Assim, o elogio de Jean lhe pareceu duplamente agradável. A srta. des Coulombes pareceu sentir menor prazer com ele, e logo começou a

desconfiar do verdadeiro mérito de um rapaz, já que se tornara amigo de Henri.

O duque, jamais tendo desconfiado do desdém da srta. des Coulombes por seu filho, não percebeu a malignidade da mulher e deu o golpe de misericórdia na cônica dizendo ingenuamente: — O que mais me agrada nele é a simpatia extraordinária que parece sentir por Henri. Dá a impressão, filho, de admirar tudo o que dizes — acrescentou passando a mão nos cabelos do filho e achando, no íntimo, que Jean não estava totalmente errado em admirá-lo. A srta. des Coulombes principiava a crer que Jean não era o poeta que ela proclamara de imediato aos primeiros relatos que Henri fazia de seu traje desalinhado e de seus deveres de francês. Não tomava nota dos elogios que ouvia e agora esperava, o que nela era novo, tê-lo visto para se pronunciar. Fizessem-no encontrar-se com ela e, ao primeiro olhar, saberia o que pensar dele. Mas era duro ter de renunciar ao sonho desse jovem poeta que ela mesma consagrara. Além do mais, assim que a visse, ficaria gostando dela. E agora, à noite, no palácio de Réveillon, ela teria com quem falar. Ele perceberia num instante como era prosaico o espírito de Henri.

Enquanto isso, a duquesa, trabalhando na sua tapeçaria, elogiava Jean. Elogiava-o porque ele lhe agradara, e, à medida que o elogiava, mais lhe agradava. Conforme o hábito constante das mulheres da casa de Dreux que julgavam sempre que sua nobreza, seu vinho, seu espírito, seus serões, suas gravidezes eram superiores aos de todas as outras e como que de outra espécie, Anais de Réveillon julgara até esse momento quê o alazão de Henri era o mais belo dos alazões, que seus chapéus não se pareciam com nenhum outro. Seus próprios fracassos tinham algo de particular, e na regularidade com que ele era o último em redação de francês ela julgava poder entrever um certo sinal de originalidade, uma como que razão para se regozijar. Ao menos isso era melhor do que vê-lo em primeiro lugar, posto reservado, como se sabe, aos alunos judeus pelos professores do governo. Agora que Henri tinha um amigo, um amigo exatamente como o podia desejar sua ambição de ver o filho um tanto estimulado para as belas-letras, um amigo que o filho adorava, cujo ar simples,

pensativo e doce a seduzira imediatamente, esse amigo se tornava superior aos amigos dos outros. E aos poucos ela descobria em Jean todas as qualidades durante muito tempo mantidas em reserva, como numa gaveta, todas prontas para o amigo de Henri, se lhe surgisse um.

Entretanto, o fogo, que já não precisava mais purificar a terra livre de um monstro semelhante a *Le Temps*, depois de haver mostrado por algum tempo um ardor mais vivo e como que uma alegria desprendida das nobres funções que cumprira, retomara um comportamento mais moderado, acompanhando as palavras da duquesa com um cântico suave e discreto. A chama alerta tecia rapidamente uma cinza mais leve que a tapeçaria da duquesa. Depois a chama diminuiu como um repuxo que, embora enfraquecido e cadente, se ergue ainda. Depois, de súbito, extinguiu-se por completo e só se viu a brasa sofrendo essas misteriosas transformações num silêncio semelhante ao de uma vegetação rasteira de outono, onde de quando em vez cai uma folha ou uma castanha. Henri olhou o relógio e se levantou: — É hora de subir para estudar. — Nesse momento, a duquesa percebeu o fogo quase extinto que parecia precisar de lenha e deixava por instantes ouvir um gritinho como um gato à espera do seu leite. — Querido, diga, ao subir, que tragam um pouco de lenha — observou ela. — Mas não queres ficar um pouco mais ainda conosco? — Não, mamãe, são horas de subir. — Horas, horas! — disse a srta. des Coulombes com ironia —, será que vai lhe acontecer alguma coisa se subir um quarto de hora mais tarde? É bom em qualquer idade, e sobretudo na sua, deixar-se guiar pela fantasia. Ontem eu deveria jantar na mansão da marquesa de Ribes com o sr. Sully Prudhomme, para ser exata. Éramos convidados para jantar às sete e meia. Esqueci-me lendo até as oito e meia. Pensa que fiquei perturbada, muito feliz ainda por não me haver esquecido por completo como me sucedeu há oito dias na casa dos Puybaron. Só me lembrei dois dias depois. Veja que sua prima é sempre a mesma — rematou ela com um jeito afetado, dirigindo-se ao duque. Mas, intimidada por haver ousado dizer “sua prima”, enrubesceu até as orelhas e teria pedido desculpas por muito tempo se Henri, com

pressa de subir, não a tivesse interrompido para dizer boa-noite. — Então, me apresente seu amigo Santeuil — disse ela. — Santeuil, Nasta — gritou o duque —, será que nunca se lembrará de um nome? — Oh, perdão, sou tão distraída — exclamou Anastasie. Riu e com os olhos tímidos buscou a seu redor um pouco de coragem. Mas a duquesa estava ocupada com sua tapeçaria, o duque mexia no fogo, Henri acabava de sair e a srta. des Coulombes sentiu que enrubescia fortemente. Baixou os olhos e, para disfarçar o embaraço, passou a mão curta no rosto, que desapareceu por um momento mas logo reapareceu, como um sol rubro de inverno que uma nuvem densa escondeu por um instante.

Assim se passava amiúde o serão, com uma suavidade monótona, no velho palácio de Réveillon. Os sentimentos humanos, os laços de família e da sociedade, os temas de conversa não se tornam singulares de acordo com a classe. E, embora a duquesa fosse prima do imperador da Áustria, a vida íntima parecia, em sua casa, com a que poderia ser em casa de um desses burgueses que a imaginavam tão diversa.

* * *

Dias depois, Henri, que sempre ouvira em casa elogios à cônica, cujo desprezo a duquesa, por sua vez, detestava mais do que respeitava a inteligência dela, disse a Jean: — Vou te dizer quem me disse que me detestarias. — Quem? — Oh, não a conheces. Não adiantará dizer seu nome. A srta. des Coulombes. — A srta. des Coulombes... — respondeu Jean. — Oh! Minha tia Desroches a conhece: parece que se trata de uma pessoa ridícula.

A essas palavras, Henri sentiu oscilar o edifício de todas as suas crenças, opiniões e admirações. Mas ao mesmo tempo sentiu-se como que aliviado de um peso imenso. E sua admiração por Jean cresceu de imediato com toda a força que atribuíra há tanto tempo ao ídolo que acabava de derrubar. Para dizer a verdade, a sra. Desroches, mulher de espírito pronta a perceber os ridículos, e detestando acima de todos o ridículo do pedantismo e da presunção, era muito inclinada a considerar idiotas as pessoas que,

conforme sua expressão, “diziam idiotices”. Chegara à casa da sra. de Rivoli num dia em que a srta. des Coulombes, no meio de um círculo de velhas senhoras atentas, dizia: — Pergunto-me se Cícero era sincero — ao sr. Renan e, desde esse dia, o seu conceito se firmara. Uma outra vez, ela a ouvira falar de *Warvol*, o romance de Duns Scot, [\[14\]](#) e depois enrubescera e dissera: — Perdão, confundi-me. — Quando um dos nobres que formava seu juízo de acordo com o seu lhe perguntara com timidez: — A senhora admira a srta. des Coulombes? — ela respondera: — É uma beldade. — A ironia assumia a grandeza da justiça celeste que repõe cada um em seu lugar. No entanto, talvez houvesse no pedantismo, na falta de jeito e nos esgares irritantes da srta. des Coulombes aspirações mais elevadas, um amor mais sincero às ideias do que a conversação sempre graciosa e gentil, a fisionomia risonha, os vestidos de última moda e o fino tato da sra. Desroches. Deus o dirá um dia no juízo final. Mas por enquanto, nesta terra em que não somos julgados por nossas intenções, no dia em que Jean se encontrou com a srta. des Coulombes em casa dos Réveillon, julgou de outra maneira, ou seja, como sua tia. Desse modo essa entrevista não deu à srta. des Coulombes tudo o que ela esperava, e reforçou-lhe a opinião de que Jean não era o poeta que ela imaginara.

Era duro confessar a si mesma, conforme lhe disse mais tarde, que estava enganada a seu respeito. Mas, a seu ver, dispunha de duas provas inequívocas, a frieza de Jean para com ela e o prazer que parecia sentir na companhia de Henri. Uma das causas desse prazer eram, é forçoso confessá-lo, as qualidades positivas de Henri, sinais de uma natureza inferior aos olhos das pessoas romanescas como a srta. des Coulombes, mas que vemos os poetas muitas vezes desfrutarem vivamente e procurarem nos outros casos não sejam sempre providos dela. Toda mão agitada que, trêmula, deverá escrever versos, os transportes de uma apaixonada, uma resposta orgulhosa às acusações, busca sempre uma pena que não tenha nenhuma indecisão, que não caia do seu tampo no momento em que a palavra imaginada a espera para escrevê-la imediatamente, que não trema de modo enervante, que

receba a tinta sem demora e por igual de uma só penada, que não tenha, como o pensamento que a guia, seus caprichos — humildes caprichos da pena, que ora range no papel sem enegrecê-lo, ora verte sua tinta em excesso sob a forma de pequenos borrões que é necessário apagar logo. Assim o poeta não pode conformar-se com uma amiga como a srta. des Coulombes. Pode fazer a família esperar durante horas para jantar se é possuído pela inspiração justamente nessa ocasião; mas, se tem pressa de jantar para trabalhar ou descansar em seguida, é impiedoso para com a humilde inspiração de uma srta. des Coulombes, talvez tão respeitável quanto a sua, que, sob a forma do desejo de ir ver um quadro ou de olhar o pôr do sol ou de cantar *J'ai pardonné* quando devesse se vestir, tem por efeito fazê-la chegar às oito horas em vez das sete horas, e de causar ao poeta uma hora de impaciência, de ansiedade, de maldições, uma hora perdida para seu trabalho e para seu repouso, funesta para seu caráter e seu pensamento. O poeta adolescente maldiz as qualidades positivas, quando as conhece unicamente através de um pai que em horas ignoradas vem arrancá-lo duramente às ocupações sublimes no momento exato em que elas o elevam tão acima desta terra, para enviá-lo às ocupações vulgares da vida cotidiana, como vestir-se, ir para a mesa, fazer seus deveres, deitar, sair de casa. Porém mais tarde, quando a preguiça, a desordem, a inexatidão, a distração, a febre deram pouco a pouco à sua vida a feição caótica de um inferno sublime, quanto aprecia ele esses temperamentos positivos e prudentes, cuja vida tem a harmonia pacífica de uma coisa em seu lugar, de um movimento perfeito, a doçura monótona das horas que soam regularmente.

Todos os gestos falsos da srta. des Coulombes, seus rubores inúteis, suas intermináveis e improfícuas desculpas pelo que acaba de dizer, o tremor de sua mão que deixa cair logo o que ela tenta segurar, seus atrasos irritantes, suas confusões involuntárias, seus atos contraditórios e ensinamentos inexatos fazem, talvez, para o ouvido de Deus, que os percebe em seu lugar, no formidável uníssono, parte integrante e melodiosa da harmonia das esferas. Mas para o ouvido de Jean, que só ouvia as coisas uma a uma, a

srta. des Coulombes parecia ofender gravemente essa mesma harmonia. Se, ao contrário, pedia uma explicação a Henri, ou se este combinava um encontro com ele, estava certo de sua pontualidade e exatidão. Henri não fazia coisa que não devesse fazer — é verdade que possuía sobre o que não podia fazer umas ideias bem amplas — e também não perdia seu tempo em ter remorsos. Mas igualmente, não fazendo o que achava lhe fosse permitido, não tinha, como Jean, escrúpulos. Falava menos que a srta. des Coulombes, mas também o que dizia parecia necessário, e não sonhava nem em prepará-lo nem em se desculpar. Não fazia a muita gente protestos de amizade, mas, se gostasse de alguém, provava-o constantemente por ações que não deixavam dúvida alguma sobre seus sentimentos, nem a quem os inspirava, nem aos outros. Sua amizade pela mãe não se assemelhava em nada à exaltação impotente da de Jean. Tinha talvez menos medo de lhe causar desgosto, mas certamente lhe dava menos mágoa. Estava bastante preso à vida para se preocupar com a morte. Gostava que seus livros estivessem arrumados, que o fogo ardesse bem, que seu trabalho ficasse pronto a tempo para que pudesse ter tempo de se divertir, que seu jogo de marceneiro estivesse limpo e as ferramentas cuidadosamente amoladas. Assim os hábitos, cegos suaves que procuram fazer com que os nossos atos sigam sempre o mesmo caminho, poupavam-lhe aborrecimentos e o levavam alegremente todos os dias, desde o nascer do sol, à mesma prateleira onde o dicionário de Quicherat caía ao chão do mesmo modo sob sua mão, que o pegava sempre por cima e gostava de sentir contra a palma a lisa suavidade de seu couro, afastavam para longe de si o desejo de não trabalhar, a incerteza entre uma determinada ação e outra, o pesar da véspera e a ansiedade do dia seguinte.

Era agradável ver Henri viver, como uma lamparina que, sem soltar fumaça nem tisonar, ilumina bem, como o fogo que não arde mas que espalha calor igual e brilhante com afetuosa despreocupação. Ele espalhava alegria e cordialidade a seu redor. Na vida comum, nunca hesitava, como uma ferramenta fiel, que a vida gosta de reencontrar, que serve admiravelmente e, se somos

atacados, bate firme e forte. Tinha o encanto de um acorde justo, que satisfaz plenamente o ouvido, de uma igreja italiana que não é mesquinha nem excessiva, onde a beleza resulta da perfeita adequação de todas as partes a seu fim. Possuía essa exatidão das datas que soam as horas, os trabalhos, as tristezas, as alegrias e junto às quais nossos atos desregulados dão a desagradável impressão de forças perdidas, esforços desproporcionados, resultados irrisórios, loucuras e desarmonia. Possuía essa poesia do dia bem empregado mais do que escoado, que não é nem a poesia triste de ontem nem a poesia obscura de amanhã, mas que nos campos ou ao pé da lareira, na imaginação de Jean ou no quarto de Henri, tinha muito de ternura.

V. O senhor Duroc

O sr. Santeuil disse adeus à mulher pois ia ao ministério. — Vais a pé, papaizinho? — disse Jean. — Sim — respondeu o sr. Santeuil, e acrescentou, voltando-se para Henri, pois gostava de dar as razões de seus atos: — Acho que a caminhada é um exercício saudável e predispõe para o trabalho se não é excessiva. — Sim — prosseguiu Jean com suave aprovação —, meu pai trabalha melhor depois de haver dado uma caminhada. Flaubert era da mesma opinião. — Fosse por amor-próprio diante dos outros, fosse por respeito ao pai, Jean lançava, rápido, um véu sobre as fraquezas de sua conversação como uma mulher encantadora que repara constantemente na falta de jeito do marido, ou como um pintor que encobre de névoas as partes mal desenhadas de seu quadro. E logo, temendo que o pai sentisse ciúme de sua nova amizade por Henri: — Quer que o acompanhemos? — perguntou.

Como os três passassem pela rua Royale, o sr. Santeuil mostrou a Jean um homem moço que, bem-vestido sem elegância e belo mas sem atrativo, acendia um cigarro numa tabacaria. — É Duroc. — No mesmo instante Jean o olhou com curiosidade, e o sr. Santeuil explicou a Henri quem era Duroc. Ganhara o prêmio de honra no Concurso e fora o primeiro no ano seguinte na Escola Normal e na Escola Politécnica. Mas abandonara as duas para estudar medicina. Entrou no segundo ano como interno, e levara à cena, no mesmo ano, no Théâtre Français, um texto sobre Regnard [\[15\]](#) que obtivera um prêmio da Academia Francesa. Então se apresentou ao concurso para a carreira diplomática. Passou em primeiro lugar e era agora chefe de gabinete do ministro, o que não o impedia de ganhar muito dinheiro no Palácio e chegar sempre à frente nas corridas de bicicleta.

Disposições tão universais, tanta força para trabalhar e uma organização tão enciclopédica maravilharam Henri e Jean. Tinham

muita vontade de conhecê-lo. — Vocês vão ver — disse o sr. Santeuil —, esse homem que trabalha tanto nunca parece estar esgotado. Entende, Jean — disse ao filho que se distraía com frequência —, ele está sempre calmo. Acha tempo para ler tudo, para jantar todos os dias na cidade, e, quanto à pontualidade em responder às cartas das pessoas e em comparecer aos encontros marcados, não sei o que diria tua mãe, que se espanta de eu achar tempo para responder durante a semana a todo mundo, ao passo que tu, que não tens nada a fazer, não podes sequer responder a uma carta. Tive de lhe escrever esta manhã para tratar de um negócio. Encontrará a carta sem dúvida cedo, ao entrar no ministério, e tenho certeza de que amanhã já terei a sua resposta. E cartas que “resolvem” e apesar disso escritas em bom estilo.

O sr. Duroc acabava de comprar selos no balcão da tabacaria e saía com um ar entre grave e alegre, quando o sr. Santeuil, postando-se diante dele, estendeu-lhe a mão dizendo com a fisionomia feliz de uma pessoa que surpreende outra: — Ora viva, Duroc! — Jean sentiu uma ligeira comoção ao perceber que ia falar a um homem cuja vida, toda ordenada e espiritualmente harmonizada, cumpria o ideal que ele julgava inacessível, e tão distante do qual suas débeis boas intenções, seus dotes tão parciais rastejavam numa obscuridade imensa. O sr. Duroc tirou o chapéu com vivacidade e Jean ficou orgulhoso de pensar que o pai merecia tanta consideração da parte de semelhante homem. — Permita-me apresentar meu filho e o sr. de Réveillon. — O sr. Duroc saudou os dois jovens com a feliz amabilidade que implica o sentimento da própria superioridade e do reconhecimento respeitoso daqueles frente aos quais condescende com brandura. Por isso, sua saudação diferia por completo da dos jovens médicos, dos deputados republicanos e dos magistrados nomeados por decreto, brutal por aproximar as distâncias, ou constrangida por evidenciar que tem consciência delas, que testemunhavam a cordialidade, como os colegas, com um soco, ou o respeito, como os criados, pela confusão. Mas parecia-se ainda menos com a saudação das pessoas de alta sociedade que encanta como a figurante de um balé ou a confissão de uma simpatia. Já governamental pela

benevolência, era ainda republicano pela rigidez, e fazia gracejos sem graça, como a festa que a mulher garrida de um ministro da Justiça moderado prepara com artifícios que não chegam a dar um prazer de obra de arte nos salões no entanto espaçosos e belos do ministério.

— Que pretende ser, meu caro? — perguntou o sr. Duroc a Jean. Este enrubesceu intensamente como um candidato interrogado sobre um ponto que não sabe e que entretanto gostaria de dar ao examinador uma ideia sobre o universo de opiniões e inquietudes que sua pergunta despertou nele, o que não seria possível com um simples “Não sei”. Mas o sr. Santeuil respondeu por ele. — Desejo encaminhá-lo para a Diplomacia, mas este rapaz quer fazer poesia, sei lá! Hanotaux acha bons os seus versos — acrescentou com ardor. O sr. Duroc se inclinou à autoridade do chefe e concordou gentilmente: — Do ponto de vista pessoal, lamentaria que o sr. Jean não seguisse a carreira diplomática onde eu teria o prazer de encontrá-lo amiudadas vezes, mas na verdade confesso que não vejo onde a carreira possa prejudicar suas tendências poéticas. As qualidades literárias são um valioso auxílio, não só para as provas do concurso mas depois. Nossos melhores diplomatas são, em parte, os que melhor redigem seus relatórios. E, quando se é secretário, há nos relatórios dirigidos diretamente ao ministério matéria para desenvolver a elegância do estilo. É até uma satisfação para aquele que o lê, e de quem depende em geral sua promoção, se você põe, em assuntos por si mesmos bastante áridos, ornamentos e imaginação. — O sr. Duroc exalou com esta última palavra a fumaça do cigarro que conseguia habilmente manter por muito tempo entre a garganta e o nariz. — É o que lhe digo — exclamou o sr. Santeuil, maravilhado de ver a questão apresentada com tanto bom senso e encanto. Lamentava apenas que, por ser Jean gentil, não fosse nem um pouco parecido com o sr. Duroc. Mas Jean, que nunca imaginara a poesia como um tempero ao qual se recorre à vontade para dar um sabor picante a assuntos sérios, mas confiante apesar de tudo na onisciência do sr. Duroc, disse-lhe sinceramente, como se falasse diante de Deus, certo de que cada uma de suas palavras e cada um de seus

silêncios seriam compreendidos de imediato por um espírito que devia ler tão facilmente no seu: — Senhor, estou bastante propenso a amar a sociedade. Conto renunciar logo a ela. A carreira que o senhor me aponta se transformaria numa obrigação para mim e me dispensaria de todo escrúpulo a esse respeito. Não posso trabalhar muito. Se o pouco que trabalhar for dedicado a coisas tão exteriores — perdão, mas no seu caso não é a mesma coisa —, será muito árido para mim. O que preciso é concentrar-me, aprofundar-me, buscar a verdade, exprimir toda a minha alma, o que for verdadeiro, e não todas essas coisas, muito fúteis em suma.

— É um nobre propósito — disse sorrindo o sr. Duroc. — Mas parece-me que você encara a poesia por um lado um tanto vago, um tanto confuso. Aclare-se, creia, aclare-se. Você receia a sociedade. Mas seus sucessos são precisamente a recompensa de todos os grandes esforços do pensamento e da ação. Procure ver o outro lado da questão. Será que os maiores cientistas, os mais profundos homens públicos trabalham apenas para receber um dia o sorriso e a admiração das mulheres? E, se seu pensamento escrupuloso, pelo visto, talvez escrupuloso demais, tem necessidade de um objetivo mais desinteressado, não acha que os estudos para a diplomacia poderão lhe fornecer objetivos tão elevados, tão numerosos e variados como o poderiam almejar a sua curiosidade ou a ambição de seu pai? Você se sente poeta. Creia-me que se, jovem adido a Roma, a cidade eterna, na terra de nossos vizinhos do outro lado da Mancha, em meio às maravilhas de Piccadilly em Constantinopla talvez, junto a esse Bósforo que viu nascer tantas maravilhas e onde tive a honra de jantar pela primeira vez, na casa do sr. Cambon, com o senhor seu pai, tantas belezas e tão diversas, se você as sabe apreciar, não serão a moldura, necessariamente discreta mas tanto mais valorizada, de suas inclinações poéticas? Você gosta de filosofia, me disse o senhor seu pai. Não será um assunto filosófico a questão das peregrinações a Meca, que coloca face a face o interesse das consciências e os riscos dos indivíduos, o corpo e a alma, a fé e a ciência?

O sr. Santeuil escutava o sr. Duroc, admirado. Eram exatamente esses os temas de que se ocupara. Lastimava não ter ouvido mais

cedo esse pequeno *speech* [\[16\]](#) que lhe teria fornecido uma tirada filosófica para o começo e o fim. Mas Jean sofria ao pensar na energia que lhe seria preciso para destruir tantas razões especiosas, para mostrar que, se ele entrasse para a diplomacia, isso significaria o encurtamento de sua vida e a morte de sua alma, que já deixara tanto à míngua por preguiça, e que seu tipo de tendência para a poesia não se exerceria suficientemente na elegância de um relatório ou suas disposições filosóficas no estudo da questão monetária ou da peregrinação a Meca. — Mas — disse ainda — gosto tanto de viver com mamãe, e a vida é tão curta. Se entro para a carreira diplomática, terei primeiro de passar dois anos no exterior! — Certamente — prosseguiu o sr. Duroc, soltando uma nova baforada. — Mas o amor materno assume um aspecto mais viril e grandioso quando a mãe reencontra já homem o filho que deixou criança, menos homem talvez pelos fios que lhe descobre no queixo que pelo fato de que ele lhe fez sentir a energia de suas resoluções pelos sacrifícios necessários. — O sr. Santeuil admirava-se de como eram bem expressas aqui as censuras que fizera com frequência à mulher acerca da puerilidade de seus carinhos em Jean. — Você diz — continuou o sr. Duroc — que quer *exprimir* a sua alma. Será que isso quer dizer muita coisa? — O sr. Santeuil riu gostosamente com a tirada, e Jean enrubesceu percebendo quanto era ridículo naquele momento. — Verá isso mais tarde, falaremos daqui a dez anos — continuou o sr. Duroc. — Estudei pouco fisiologia — disse com modéstia —, mas pergunte ao sr. Marfeu, amigo de seu pai, o que é a alma. Receio que ele não lhe ria na cara — acrescentou com uma brusquidão que contrastava desagradavelmente com a polidez de sua saudação. — Além disso, não entendo que uma coisa possa impedir a outra. A inteligência se mostra em tudo. E um homem me parece de fato tanto mais dotado se for qualificado para mais de um emprego. Veja o que diz Carlyle. Boccacio era um excelente diplomata e Shakespeare teria sido tão bom monarca quanto poeta. — Jean, que se encontrava há algum tempo no maior abatimento intelectual, sentiu de repente, ao nome de Carlyle, as ideias refluírem ao seu pensamento como se lhe houvessem administrado uma generosa dose de café, e voltou a

sentir uma simpatia enorme pelo sr. Duroc, como em relação a um estranho a quem se ouve dizer que conhece uma pessoa que se estima e venera.

— É verdade — disse Jean lentamente, os olhos parados num pensamento que parecia estar diante dele. — No entanto, veja, Baudelaire nunca pôde passar nos exames. — Por isso sua poesia é bem fraquinha e, para falar a verdade, muito elogiada por nossos jovens fim de século. — A expressão “fim de século” fez rir o sr. Santeuil e ranger os dentes a Jean como se algumas palavras tivessem, segundo as pessoas, independentemente da frase, algo de idiota ou de espiritual. Haviam chegado à ponte da Concorde. Um ajuntamento os deteve. Observaram por um instante um soldado que discutia com um cocheiro, e viram o soldado, com um movimento brusco, lançar o cocheiro pesadamente contra o bico de gás.

— Viva o reco! — gritou o sr. Duroc. A essas palavras, Jean sentiu um enjoo inexprimível, seguido de um bem-estar delicioso. O sr. Duroc, por mais que fosse tudo o que era, soubesse tudo o que sabia, dissesse essas palavras e Jean não as teria dito, nem mesmo um ser realmente inteligente. No entanto, tal sensação permanecia vaga quando Henri, inclinando-se, murmurou-lhe ao ouvido, apontando o sr. Duroc: — Boca-suja! — Isso foi como um clarão que luzisse entre as nuvens há tanto amontoadas. Jean disparou a rir e apertou a mão de Henri com ternura; acabava de se libertar do autodesprezo e, ao mesmo tempo, da admiração pelo sr. Duroc.

* * *

— Encontrar-nos-emos domingo, amanhã? — perguntou Jean a Henri. — Amanhã, infelizmente, vou com papai e mamãe ver o sr. d’Utraine. — Jean ouvira falar de sua casa, de seu espírito, de sua pintura, de seus hábitos. — Ah, como gostaria de conhecê-lo — disse ingenuamente. A qualquer um que lhe dissesse isso, Henri teria logo respondido: — Venha comigo, se isso não o aborrece — como um homem que oferece sua carteira ao primeiro que chega e se desculpa de lhe dar semelhante ninharia, com medo de feri-lo ao

parecer que o obriga. Mas Henri, desde o momento em que suas palavras deviam necessitar da adesão da mãe, voltava a ser um Réveillon, isto é, alguém para quem Jean, ou seja, um pequeno-burguês, era o arrivista, o estranho, o *hostis* [\[17\]](#) dos romanos. Se bem que o código hereditário de civilidade dos Réveillon fosse praticamente mudo a respeito do *hostis* e quase não contivesse disposições regulando a conduta que se devia ter diante deles, porque não eram previstas as relações dos Réveillon com os burgueses, todavia uma espécie de jurisprudência provocada primeiro por alguns casos excepcionais, o médico da família, o professor das crianças etc. dera a tais relações um caráter de prudência extraordinária, e só na última instância é que se devia decidir, desde que se tratasse, para um Réveillon, de “compreender”, nessas relações excepcionais com um *hostis*, outros pares, assim como hoje de compreender um deputado em demandas judiciais. Tenha sarna em casa, se lhe agrada, mas não a transmita aos filhos dos outros, assim se resume a máxima dessa política.

Quando eram obrigados a fazê-lo, faziam-no com magnificência mas de um modo que não comprometesse a nada. Assim, um dia, a duquesa de Réveillon encontrara, em casa de sua sobrinha, a marquesa de Réveillon-Bouchage, o sr. Calpin, pintor que fizera o retrato da marquesa. A sra. de Réveillon-Bouchage apresentou o sr. Calpin à sua tia, com muitos elogios. (E tal gentileza era-lhe agradável pois fazia-o como manifestação de gratidão, e o alfinete de gravata em ametista, que pensava oferecer ao pintor em agradecimento mudou-se de imediato, em seu pensamento, num simples alfinete de pedra do Reno, já que a apresentação à duquesa preenchia e ultrapassava a diferença. Entreviu até mesmo a possibilidade de fazê-lo jantar uma vez com o duque e, feito isso, não lhe dar absolutamente mais nada.) A duquesa, que estava perto de uma mesinha de chá escolhendo um bolinho, oscilou inteiramente sobre si mesma, com um movimento em duas partes. Na primeira, com efeito, avançou para uma saudação que pareceu prodigiosa ao pintor, habituado aos pequenos cumprimentos secos dos burgueses, mas no momento em que seu corpo chegou quase

diante do sr. Calpin, parecendo só faltar agarrá-lo, recuou vivamente com um movimento rápido e como que mecânico, e suas costas executaram por detrás de seu centro de gravidade, à maneira de um pêndulo, um movimento de recuo pelo menos tão extenso como o que a saudara antes. Movimento que significava claramente: “O senhor vê o belo buquê, meu caro, mas ele não é para você.”

A partir desse momento, durante os três primeiros meses, toda vez que a duquesa encontrava o sr. Calpin na casa da sobrinha, dava-lhe o mesmo cumprimento com expressão de espanto nos olhos, não que o não reconhecesse, mas para lhe fazer compreender que não o conhecia. Depois de três meses, tendo o sr. Calpin feito, no curso de uma visita, um croqui de Henri, ele o cumprimentou com ar de reconhecê-lo, como a gente se lembra do rosto do colocador de tapetes ou do rapaz que já veio várias vezes ajudar a arrumar o banheiro. E em certos dias, depois de uma aparente hesitação, ela lhe estendia a mão, como se estendesse dois *sous*, dizendo consigo: “Bem me parece que este não recebeu gorjeta da última vez.” Mas o pobre sr. Calpin fora completamente ludibriado pela gentileza do duque, que desde a primeira apresentação dava a impressão de reconhecê-lo e depois lhe apertara a mão como a um velho camarada, mas exclamando com força de estremecer os vidros e como para que o céu ouvisse e atestasse quanto era gentil: — Bom dia, senhor.

Uma noite, enfim, Calpin jantara em casa da marquesa de Réveillon-Bouchage (e desde então pôde perder toda a esperança relativamente ao alfinete de gravata e lhe enviaram até cartas de venda) ao lado do duque de Réveillon. Do outro lado do duque estava a sra. Desroches. Talvez para mostrar à sra. Desroches e mesmo ao sr. Calpin o que significava a “gentileza dos duques”, o duque de Réveillon, no momento em que acabava de perguntar à sra. Desroches que tal achara o *Don Juan* na Ópera, indagou a meia-voz, ainda assim bastante alto, à sra. Desroches: — Quem é esse senhor? — A sra. Desroches disse baixinho o nome do sr. Calpin, e em voz alta que achava o *Don Juan* melhor na Ópera Cômica. — Estava lá, *meu caro*? — perguntou o duque, voltando-se para Calpin como para um velho amigo. E foi tudo. Calpin, vendo

afluírem à sua casa as cartas de venda da marquesa (Bethléem-Club), achou que poderia pedir-lhe que mandasse a duquesa de Réveillon a seu ateliê. A marquesa comentou: — Oh, isso será muito agradável para ela, tenho certeza — e deu um sorriso fugaz como se se demorasse nesta perspectiva agradável. Mas a duquesa nunca veio. Calpin imaginou que a marquesa talvez tivesse esquecido. Passados alguns meses, pediu-lhe novamente. A marquesa sorriu como da primeira vez, até mesmo de maneira mais prolongada. Mas não falou mais nisso. Enfim, no final do ano, levou ao ateliê de Calpin o professor de seus meninos, que, tendo conseguido fazer passar seu filho nos exames de formatura, foi amavelmente recompensado sendo conduzido ao ateliê de um pintor de mérito por uma marquesa distinta.

Henri percebia bem que seus pais não tratavam de modo algum Jean como um *hostis*, pelo contrário. Além do mais, o sr. d'Utraine fora-o antigamente. Mas, como amante da sra. d' Aubergin-Crillot, vice-presidente do Jockey, conquistara o mais completo direito de cidadania com todas as vantagens pertinentes. Do mesmo modo, Henri achou que não podia responder sem ter consultado seu superior hierárquico, o pai. De outra parte, não lhe custara muito dizer a Jean: — Virás comigo. — Sem dúvida, gostava dele carinhosamente, repartiria tudo com ele, ser-lhe-ia sempre agradável e lhe faria ver que só desejava agradá-lo. Mas essa ternura e esse calor de simpatia que ela acendera nele e que atingira o auge naquele momento, como nesses dias de inverno em que faz um pouco de sol pela manhã, não podiam mudar sua natureza positiva e tranquila. Certo de que a mãe gostaria que ele levasse Jean, não estava impaciente, como ficaria Jean, por lhe testemunhar que, de todo o coração, queria levá-lo consigo. Sabia que todas as coisas vêm a seu tempo, e só encontrou uma resposta oportuna àquele instante, dizendo: — Oh, é um homem encantador.

Quando foi embora, o sr. Duroc disse: — De qual d'Utraine vocês falavam? De Frédéric? — acrescentou sorrindo, como se esse designativo fosse, de algum modo, um dito espirituoso. — Sim — disse o sr. Santeuil compreendendo o gracejo. — Não quis dizer diante desse rapaz que parece conhecê-lo bem, mas trata-se de um

excêntrico, um doido. — Jean sentiu aumentar sua simpatia pelo sr. d’Utraine. Agora que o ideal do homem superior não se apresentava mais para ele sob os traços de um laureado em todos os concursos, julgou discernir sob a fisionomia de um homem cujos redingotes eram tão originais, tão delicadamente coloridos, tão harmoniosamente fundidos como os pensamentos, que era tão belo, tão corajoso, tão espirituoso, tão modesto, tão chique, que era artista e inteligente, que era também amigo da duquesa de Réveillon e da princesa de Galles, tanto quanto de Anatole France, Tolstoi e Ibsen, praticava o bem para com seus camponeses e no entanto era de uma inteligência inacreditável, pois, no mesmo dia, fora eleito vice-presidente do Jockey e recebera a medalha de honra no Salão, cuja sede era uma obra-prima do mesmo gênero que seus quadros, que tivera pela srta. de Guise uma paixão nobre, ardente, rara, melancólica, em uma palavra, semelhante a si próprio.

Na mesma noite, um criado levou um recado de Henri para Jean: “Papai ficará bem contente se vieres conosco ver o sr. d’Utraine.”

VI. Retrato de um amigo

Jean tem um amigo cujos traços eu gostaria de fixar. É Bertrand de Réveillon. Mesmo se eu não o tivesse amado muito, teria desejos de fazê-lo. Sem dúvida, temos coisas mais significativas a fazer do que fixar aspectos pessoais, por mais gerais ou particulares que sejam. E é unicamente a natureza que nos dita, às vezes, as revelações que sentimos ser essencial que as escrevamos sem nos preocuparmos se o fato de escrevê-las valorizará nosso engenho e nossa fama, e, ao contrário, com uma viva repulsa a conceder qualquer coisa a um ou a outra. Mas entre esses momentos realmente poéticos e a mera observação dos costumes existem ocasiões em que nossos semelhantes surgem numa parte de nós que, sem ser a parte verdadeiramente profunda, é no entanto mais penetrante do que a simples finura de observação.

Uma observação mais profunda nos põe, de uma só vez, dentro deles, em presença de algo mais profundo que aquilo que se torna sua razão de ser, sua realidade e onde ficam suspensos a certa altura como uma leve bolha, graciosa e impalpável.

* * *

Bertrand de Réveillon era um desses rapazes aristocratas de viva inteligência mas sem nada de extraordinário, porém apaixonado pela inteligência, pelo saber, pelo talento, pela justiça, pelo progresso, pela igualdade, que não dava valor à nobreza e inclinava-se até, em igualdade das demais condições, a achar um nobre idiota por ser nobre, e um plebeu inteligente por ser plebeu, caso se destine a uma carreira intelectual. No caso dos nobres, a um grau de inteligência a mais esse desinteresse absoluto em geral cessa. Tendo mais finura, a estupidez de muitos burgueses choca-os, e assim também a de muitos literatos, homens públicos e sábios.

Com exceção dos homens de muito talento, veem também com boa vontade pessoas de sua sociedade em que apreciam uma brandura, uma elegância, uma educação que os outros não têm e que Bertrand de Réveillon, em sua ânsia de verdade e de justiça, considera nulas. Enfim, seu conagraçamento intelectual, tendo muito de egoísmo, fá-los compreender melhor o partido que podem tirar de uma boa posição social e por isso evitam deixá-la deteriorar-se. A sociedade desses nobres superiores é infinitamente mais agradável do que aquela cujo tipo característico, para mim, continua sendo Bertrand de Réveillon. Tendo os traços de toda sociedade burguesa de onde saem seres de grande talento ou de encanto particular que eles frequentam, mas para outras coisas permanecendo com mulheres e homens de sua sociedade, que são incomparavelmente mais aprazíveis, mais sedutores, têm sobretudo um prestígio, pelo menos como curiosidade, para o vulgo: vivem num grupo de certa forma requintado. E sua nobreza, delicadamente desdenhada em seus discursos, suas maneiras, suas preocupações verdadeiramente artísticas, filosóficas e literárias, fica no entanto engenhosamente dissimulada no fundo de suas vidas, numa moldura de pequenas coroas ducais em púrpura sobre o papel, ou criadagem dizendo sem parar, como à sua revelia e de fato, sem que se apercebam disso, por hábito: o senhor duque, a senhora duquesa, retratos de antepassados, castelos com seus nomes, baixela com suas armas.

Bertrand de Réveillon não era bastante profundo para se dar conta de que um espírito que deseja ser livre tem mais que fazer do que tentar mudar essas coisas, nem tinha muito requinte, quero dizer, aptidão, de um espírito desiludido de todas as racionalizações e interessado apenas em desfrutar o gozo artístico das coisas, para sentir o pequenino encanto especial que elas podem proporcionar, nem era bastante egoísta para gozar delas ele próprio, nem muito calculista para delas se servir no sentido de dominar outrem. Se tivera assomos de vaidade, como o que temos em nós se desloca sem desaparecer — mas é preciso que se diga que nele havia muito pouco —, seria por ter uma peça representada, um artigo publicado, uma eleição certa. Mas, se a sociedade desses nobres inteligentes

de segunda ordem é menos agradável que a dos de primeira, eles têm também o seu encanto que decorre do absoluto desinteresse de sua natureza, e que faz com que no meio de todos os amigos burgueses, advogados, jovens jornalistas e artistas, se diferenciem imediatamente por uma espécie de encanto moral que é apenas a exalação de sua pureza. Todos esses jovens que, para eles, representam a justiça social, a igualdade política, o talento, a beleza moral, são todos assim, como Bertrand de Réveillon era a juventude católica, quer dizer, apenas de nome. Mas o coração delas guardava, sob esses nomes de egoístas, aspirações talvez inconscientes, pois não eram bastante inteligentes para desenredar através dos sofismas as belas palavras que aprenderam e repetiam no café. Ao passo que todas essas coisas eram o que Réveillon buscava, e todas elas não estavam neles mas no seu coração. Ele procurava apenas o perdão por ser nobre. Eles, no fundo, sentiam-se lisonjeados que ele o fosse, ele, amigo deles, mas para não o darem a perceber, fingiam não ligar para sua nobreza, que certamente não precisava disso, tratando-o de igual para igual, como se ele pretendesse outra coisa, ou antes, como se ele se considerasse outra coisa, menos que eles, mas já liberto de sua servidão nobiliárquica, transformado quase num deles. Seu encanto estava em sua pureza. Por esse lado não o haviam podido corromper. Ele permanecera bom em meio a suas cobiças, benevolente no meio de suas maledicências, inalteravelmente leal a despeito de suas falsidades, simples apesar de suas presunções, a não ser talvez um pouquinho no fraseado que ele se esforçava por imitar. Essas diferenças, sensíveis em primeiro lugar para um observador penetrante, ocorriam-lhe principalmente se alguma circunstância importante da vida ou alguma crise de sentimento pusesse alguém em contato direto com seu coração. Então era como se a noite fosse atirada por um descarrilamento sobre a estrada e a gente se encontrasse numa aldeia hospitaleira e familiar, em vez de numa estrada talvez não perigosa mas onde era escusado contar com um abrigo caloroso.

Mas ele se diferenciava também por particularidades talvez mais essencialmente nobiliárquicas. Primeiro, a simplicidade tão gentil

(quando não se tem orgulho do nome ou preconceito de casta) dos que não têm humildade a dissimular sob a jactância, esnobismo a ocultar debaixo da inflexibilidade, vivo desprezo pelo vizinho menos destacado na sociedade do que eles, ou admiração inconfessa pelo que está mais acima na escala social. Todos esses constrangimentos tão desagradáveis estão completamente ausentes num nobre, não digo de um fidalgo, mas de um nobre de grande nome e sem orgulho. Entre os mais inteligentes, os melhores, os mais simples dos burgueses, ou seja, todos nós, qual a menor expressão estudada, o gesto displicente em que um observador perspicaz não reconheceria, de imediato, o desejo de mostrar que um príncipe é apenas outra coisa para si, que não diz com um sorriso superior: a “condessa”, acentuando “condessa” como se, de fato, não se devesse pronunciar assim, esse estreito modo de ser, enfim, que é reduzido a quase nada num homem verdadeiramente superior, e que é amiúde o legado de honrados orgulhos burgueses de um pai ou de uma mãe que sabiam “colocar-se em seu lugar” e a vaidade dos títulos e posições.

Mas vocês veem Bertrand de Réveillon, que nem uma só vez na vida soube o que era esnobismo, desdém, necessidade de ocultar o esnobismo, desejo de afirmar o desdém. Sua alma, desse modo, não adquirira nenhuma ruga. Assim, ele era amável de acordo com o coração, e conforme o encanto da pessoa com quem falava. Porque, para ele, essa pessoa não era mais importante que ele, e portanto não temia ser amável, nem menos, e nenhum desdém temperava, dessa forma, o encanto que nela podia encontrar. E, como as afeições não passam de movimentos de nossa alma, eram puras como ela, e é por isso que um amigo podia contar com seu devotamento, um indiferente com sua benevolência, um confidente com sua discrição, um amigo na miséria com o seu auxílio.

E ele se distinguia por detalhes que talvez se relacionassem ainda mais com sua estirpe. Pois a essa liberdade de movimentos na vida que sua origem superior lhe dera em relação aos cálculos da ambição, às atitudes desdenhosas do arrivismo, ao azedume da humildade, acrescentava todos esses atrativos a que não dava maior importância mas que levava consigo e que eram a prenda

fascinante da roda atroz e vulgar que frequentava. Podia desdenhar sua origem nobre, mas não estava nele o despojar-se da elegância aristocrática que ela lhe conferia. Apertava a mão de um advogado, mas não podia impedir que fosse uma mão finamente tratada, comprida, e que para se estender fazia um movimento livre e gracioso, e que se abandonava de bom grado por muito tempo na dos outros, isso, penso eu, por uma reminiscência inconsciente desse hábito, que herdada do pai ou de seus pares, de julgar lisonjear o interlocutor por meio de uma familiaridade aparente, suprimindo as distâncias. Esse jeito da cabeça, os traços infinitamente elegantes da fisionomia, principalmente o garbo, o talhe, o modo de andar, tudo isso provinha de sua estirpe. Mas ainda mais perto a infância, que fora uma infância de aristocrata, toda passada em exercícios que amoldassem o corpo e na polidez que cadencia essa flexibilidade, determinou-lhe o encanto, ao qual ela se inclina perfeitamente, que faz com que, para um rapaz de certa classe, entrar, sair, sentar-se, dar bom-dia, agradecer, saudar, montar a cavalo, dar o braço a uma mulher, fazer sinal de que não se incomode a alguém que se levanta e fazê-lo sentar de novo, executar em qualquer circunstância da vida (que não seja intelectual ou moral) o movimento preciso, num baile, num café, nas corridas, em qualquer atitude da comédia humana, esse rapaz de certa classe o faz imediatamente, justo, delicado, sobranceiro, com inteira liberdade, ao passo que a seu lado um filósofo, um médico, um poeta agirão de modo canhestro, absurdo, constrangido, enfático ou, quando muito — ou nada —, correto.

* * *

Assim, no dia em que Bertrand de Réveillon, para vir mais depressa em minha direção, atravessou um café repleto de fregueses caminhando sobre as mesas e as cadeiras, naquele dia seu gesto mesmo punha-o, no meu espírito, diante de alguma coisa mais profunda que o puro espírito de observação, oferecia a meu espírito uma realidade mais profunda que um ser de aparência e dava-me assim uma espécie de alegria, fazia de si, correndo desse

jeito sobre as mesas, em virtude de poderes que ele próprio ignorava, um tanto de irreal, de gracioso e encantador.

Digo muitas vezes que esse desembaraço e essa amabilidade conferem à amizade um encanto que nada mais pode dar. E com efeito, nos seres de qualquer modo soberanos, nada conta, nada os para nem os domina a não ser eles próprios ou seu amigo. E o amigo não sente entre eles uma multidão de conveniências temidas, mais temidas que seu desgosto. As mesas do restaurante nos separam? Galgo-as e corro por cima delas. E faço-o graciosamente, sem que ninguém ria e sim me admire, e esse modo gracioso e essa sujeição às conveniências é por ti que os faço, por ti a quem se deve invejar e admirar ainda mais, sentado em tua cadeira de braços para onde corro desse jeito a fim de me reunir a ti. Essas conveniências, afasto-as, reduzo-as a cinzas, faço delas um troféu que com minha graça, que ignoro, deponho a teus pés. Se estás cansado, sou forte, se és desajeitado, sou destro, tudo isso é para ti. Tenho muitos amigos aqui esta noite, mas eles sabem que és meu amigo predileto, e eles são da minha classe onde se sabe que, quando se quer marcar uma predileção, uma deferência, não existe o “isto não se faz”, não se está sempre assaltado por um receio, irritado com o medo do ridículo, formalista e correto, pela impotência de criar em todos os momentos a forma correta. Assim, digo a meus amigos: “deixem-nos, quero estar a sós com ele” ou então “vão buscar outra coisa”, pois meus amigos são pessoas de sociedade e não se sentem humilhados.

Confesso que sinto um pouco de tristeza quando penso em Bertrand de Réveillon por me lembrar especialmente daquela tarde, depois de despedir todos os seus amigos, correndo por sobre as mesas para se juntar a mim. Ele, que só prezava a inteligência, a justiça, o talento, será lembrado por uma dessas coisas que rejeitou para longe de si, com as quais não se importava, cessando aos poucos de frequentar todos aqueles que as possuíam, em benefício dos que as não possuíam. E, sem dúvida, ele tem razão. Pois uma pessoa não deve ser julgada pelo que é, que não é ela própria, pelo que vem do berço, da educação, e ignora o seu outro lado, nascido posteriormente nela e que é o único que interessa.

Mas as impressões um pouco profundas, que marcaram primeiro o seu eu fenomenal e para ali trouxeram mais de uma verdade excepcional, o artista tem o dever de exprimi-las deixando-as em sua profundidade. Todo desejo de agradar ou de desagradar, ainda mais toda preocupação de respeitar, todo temor de magoar, embora ponham em jogo seja o que houver de mais respeitável e nobre de sua personalidade particular e, no objeto a retratar, fazem ver igualmente uma personalidade fora do comum, diminuiriam imediatamente a profundidade do estado de espírito encarregado de realizar a impressão. Assim, tem o dever de afastá-los. Além disso, Bertrand de Réveillon era, como todos os seus pares, muito inclinado a crer que uma impressão particular, e, aos olhos do raciocínio, de pouco mérito, assim como um gaiato correndo sobre cadeiras, não vale nada e que a grandeza de uma impressão é proporcional à generalidade das ideias para as quais apela diretamente. Esses espíritos de segunda ordem fazem teorias a propósito de tudo e não guardam de um livro senão o que há de novo na maneira de compreender a luta das classes ou a relação do amor com a atividade. Mas, quando eu perguntava a Henri de Régnier o que preferia em seu livro favorito, *Le Rouge et le Noir*, respondia-me: — Exatamente aquele dia de revista, em que Julien Sorel monta a cavalo no meio de todos os militares — e de uma novela de que Anatole France gostava muito, falava: — Sim, é lindo aquele terraço à beira-mar. — Talvez importe imaginar que Bertrand de Réveillon, como toda pessoa, não se interessasse pela Natureza, e só se interessasse por ela naquilo que traduzisse inconscientemente de essencial e mais durável que ele, de verdadeiro, e é por isso que a Natureza dotara de beleza uma impressão onde precisamente essa verdade estava escondida, a fim de que o poeta se emocionasse com ela, não a deixasse escapar, a aprofundasse, desentranhando dela, para os outros, a verdade guardada.

Além disso, quando tu corrias em minha direção com tanta agilidade e graça, não se tratava unicamente do ser que eras naquele rápido minuto que o teu amigo admirava. Não, ele sentia que toda a livre, alerta e vigorosa vida de tua infância estava bem

presente naquele momento a teu serviço, e que a punhas ao seu, como um hospedeiro generoso que dá tudo o que possui. Que alegria então pela afeição de sentir tudo o que nos separa do amigo, todo esse tempo longínquo em que não o conhecêramos, toda essa vida brilhante tão distante de nossa vida obscura, toda essa força tão afastada de nossa fraqueza, e que parecia dever nos separar para sempre, sentir de repente que o dito amigo, anos passados, educação diferente, tudo isso que é impossível recuperar, vindo, vindo até mim, ou melhor, até nós, trazê-los completos na flexibilidade de meu jarrete para que correndo em sua direção eu os leve e que não haja mais nada entre nós.

E a sua altivez de espírito estava presente também nessa graça. Pois não existe graça a não ser que a tenhamos para coisa alguma, se é inconsciente, se nos acompanha quando nosso pensamento está ocupado com outra coisa. E o seu coração também, que tornava afetuosa essa agilidade humana, unia o seu passado de vigor e sua presença de espírito na natural solicitude de um desejo de me rever que encontrava à sua disposição os recursos de uma graça ignorada.

Assim, essa noitada foi infinitamente repousante, como esses raros momentos em que o encanto de uma pessoa, dissipando todo ciúme, todo temor e toda tristeza, condensa toda a sua vida no presente que nos faz de sua afeição, e onde nossas inquietações ficam, desse modo, abolidas. O inimigo tem sua beleza, e assim nossos motivos para odiá-lo são obscuros. O amigo tem sua beleza, e assim nossos motivos para amá-lo são, ai de nós, também ausentes. Pois a beleza dessa significação é uma verdade da qual o indivíduo é portador e símbolo, e não autor. Daí que a percepção de semelhante relação, só se referindo em nós ao espírito universal, só pode nos causar alegria. Perdão, Bertrand, por ter, naquela noite, amado em você uma beleza de que seu amor-próprio não podia se orgulhar, e que não podia caber em nossa afeição.

VII. Discussão de Jean com seus pais

— Queres vir jantar comigo esta noite? Estou sozinho — perguntara Réveillon a Jean, à saída do colégio. Mas Jean não aceitara. Devia jantar nessa noite com Gantaud, Flubiste e três moças. E não esperava voltar para dormir. Sabia que isso desagradaria à mãe, mas a tentação era grande. Além disso, a mãe não ficaria sabendo. Há dois anos, sob pretexto de que já não era conveniente pôr sua mãe ao corrente da vida de um rapaz, havia tantas coisas que fazia sem lhe dizer nada, tantas coisas que lhe dizia sem fazê-las. Esse pensamento lhe fez mal. Com um grande esforço sobre si mesmo, contrapôs à imagem do jantar e da noite que se seguiria um jantar calmo em casa de Henri, seu regresso a casa por volta das onze horas e uma hora junto a seus pais ao canto da lareira, enquanto a mãe tocava piano ou lia para eles. Ou então ela também descansaria e lhe falaria de pessoas que vira durante o dia. E mandou um recado a Henri para preveni-lo de que iria jantar em sua casa. Geralmente, ao tomar uma decisão, a decisão contrária lhe parecia, a partir desse momento, infinitamente preferível. Mas tal não sucedeu quando mandou o recado a Henri. O jantar com Henri, o fim do serão com os pais, lhe haviam aparecido, quando ainda contava jantar com Gantaud e Flubiste, como uma noitada medíocre. Agora, e como se, triunfando sobre seu desejo, ele se elevasse de alguma forma em si mesmo, encantando-se com uma perspectiva revelada por esse pequeno esforço, sentia uma ventura mais pronunciada brotar dentro de si mesmo e inundar-lhe o rosto. Sentia-se de rosto sorridente, olhar puro, sabor delicioso na boca. Alegre também ao pensar que teria, graças a essa nova combinação, uma hora a mais para trabalhar no desenho a carvão (só podia chegar à casa de Henri às oito horas) que queria acabar antes do aniversário da mãe, decidido a se pôr ao trabalho, a nunca mais ver Gantaud e Flubiste e a voltar todas as noites às onze

horas, subiu rapidamente as escadas, girou a chave na fechadura, sentindo nela e até em seus dedos a amizade, a ternura feliz que nesse momento se espalhavam por todo o seu corpo, e entrou.

Infelizmente as horas não trazem a todos os mesmos pensamentos. E o reconhecimento por uma boa ação está a caminho de amadurecer no momento em que cometemos uma falta, ao passo que a cólera excitada por uma falta se produz no momento em que, sentindo-nos melhor, já a esquecemos por completo e gostaríamos muito que os outros a tenham esquecido e com essa lógica absoluta da alma pura, para a qual todos os prazeres palpitantes no vasto mundo não passam de gritos intoleráveis se ela está triste, e que, se está contente, vê acender-se por toda a parte os fogos da alegria lá onde só existem as tochas da vingança ou da morte. A sra. Santeuil estava sentada escrevendo e não viu Jean. Talvez se houvesse encontrado o seu olhar e nele se demorasse por um instante, tivesse reconhecido suas intenções como essas águas cuja direção se percebe abandonando-se qualquer coisa à sua corrente. Talvez, num beijo, ele lhe tivesse transmitido um pouco de sua esperança risonha, de seu otimismo resoluto. Principalmente, se houvessem conversado por um momento, juntos, ela teria sabido do nobre combate de sentimentos de que a alma de Jean fora palco e onde ele havia favorecido abertamente os bons e decidira sobre sua superioridade. Pois esse gênero de vitória vinha-lhe muito raramente para que não sentisse necessidade de contá-lo à mãe durante a refeição, a fim de tentar o reconforto da ternura dela e voltar a obter-lhe a estima. Mas a sra. Santeuil escrevia e, sem ver Jean, ouviu apenas um passo apressado. Ela acabava de receber a visita do professor de Jean, o qual lhe dissera que ele simplesmente não estudava. Republicano, acreditava piamente que os nobres tinham todos os vícios e, não sabendo que Réveillon, pelo contrário, impedia que Jean andasse na má companhia de Gantaud e Flubiste, acusava-o de incitá-lo à devassidão sem todavia acompanhá-lo (pois Réveillon era estudioso), o que lhe parecia, com justa razão, uma perversidade toda particular. — Ele se diverte em impedi-lo de estudar, é um jogo para ele, e vence facilmente a resistência de seu filho, que é fraco. — Ao passo que ele, que tem

maior força de vontade, se reprime a tempo e se entrega a esse pequeno exercício sem perigo — concluiu a sra. Santeuil com indignação. Respeitava os professores e cria na infalibilidade de seus juízos. Além disso, fora avisada pelo criado de que Jean prevenira que só voltaria de manhã. Era a primeira vez. Pelo menos a primeira vez que a preveniam. A princípio, ficara bastante magoada, depois dissera consigo: “É melhor assim, me fez abrir os olhos. É preciso agir com energia, começar a lutar.” Encontrara o marido e lhe pedira que agisse, o que o sr. Santeuil só fazia em caso extremo, pois não se julgava competente no assunto, e fazia-o então com violência desmedida, persuadido, desde as primeiras palavras, pelas objurgatórias que lançava, de que seu interlocutor sentia que ele não sabia se conter, zombava dele, tinha necessidade de reduzi-lo a pó.

Quando Jean entrou, quis largar seus afazeres antes de beijar a mãe e lhe disse, da antecâmara: — Mãezinha, vou jantar esta noite sozinho com Réveillon —, querendo com isso explicar que não ia gozar a excitação malsã de um lauto jantar, e sim a felicidade inocente, os prazeres virtuosos de uma conversa elevada com um bom amigo. Mas a sra. Santeuil, dando a *sozinho* o sentido de *sem seus pais, com mulheres, para nos prepararmos para uma noite de orgia*, sentiu a cólera, que reservava para expandir à hora apropriada sobre Jean, transformar-se de súbito em censuras, defluir vivamente de si mesma como a água destinada a uma tisana e que, fervendo logo, escapa por sobre o fogo e salta à cara de quem a preparava. E, sem se levantar, ela gritou duramente: — Ah, isso não, jantarás aqui, acho que andas muito em companhia de Réveillon, tudo isso vai mudar; de mais a mais teu pai há de te falar!

Um maestro que fizera suceder, com um único movimento de batuta, um alegro furioso em tom menor a um andante jocoso em tom maior, não mudaria tão repentinamente o ânimo da plateia como somente o som da voz da sra. Santeuil fora bastante para transtornar num minuto o rosto e o espírito de Jean. Onde se estendia um bosque primaveril sob o sol matinal, agora, numa obscuridade de eclipse, o mar enfurecido durante a tempestade não deixava mais imaginar que a vida, a felicidade, a esperança, a luz

pudessem um dia brilhar de novo sobre essa sinistra devastação. Jean ficara lívido, os olhos imediatamente pisados, não se sustentava mais nas pernas que, há pouco, tão rápidas para subir as escadas que pareciam conduzi-lo ao paraíso, tremiam agora por baixo dele como as pernas de um cordeiro doente. Na verdade, ainda não podia pensar no sentido das palavras que sua mãe acabava de dizer, mas continuava a ouvi-las, cada uma delas imensa e retumbante nos séculos, como um aluno diante do examinador que acaba de ditar o tema da composição que ele não sabe e que decidirá a sua vida. Não sentia ainda sofrimento, mas antes a agitação que o precede, como um homem que, acabando de contrair uma doença grave, tem apenas um calafrio e consegue despir-se sozinho antes de se meter na cama onde ficará por muito tempo. Perto dele, a presença de Augustin, que, fingindo escovar o sobretudo do sr. Santeuil, assistia com interesse à cena que lhe mostrava, de maneira muito agradável, que a situação de “filhinho de papai” não estava isenta das vicissitudes que assinalam a posição de criado antigo, mostrando a Jean que seu infortúnio era público e tornando-o, de algum modo, irreparável. Nesse momento o sr. Santeuil, ouvindo os gritos da mulher, e julgando que ela estivesse no auge da luta, saiu de seu escritório, ação de tal modo inusitada que Augustin, deixando o sobretudo de lado, olhou com uma fisionomia de terror e inquietude que, implicando uma grande piedade por Jean, acabou por exasperá-lo. — Sabes, é muito simples — disse o sr. Santeuil com voz rouca —, se não queres estudar, só te resta deixares a casa, ponho-te no olho da rua. — A sra. Santeuil desaparecera, deixando Jean com o pai e cheia de piedade pelo marido, a quem ela fingia achar muito sensível — sem dúvida para desculpar-lhe a rudeza — e de quem temia a fadiga nervosa que podia levá-lo a uma explosão de raiva.

Ao cabo de cinco minutos, as palavras judiciosas que Jean dissera ao pai se haviam logo transformado no sentido de sua fúria, como um rio agitado transporta para a foz os ramos que os piedosos ribeirinhos lhe atiram, suplicantes, a fim de apaziguar a sua divindade. Nesse momento, o pai estava dizendo: — E quanto a esse Réveillon, que é um canalha descarado, podes lhe escrever

que não irás esta noite. — Jean não tem nada a escrever — disse a sra. Santeuil, que já voltara. — Acabo de mandar um recado para Réveillon informando-lhe que Jean não irá esta noite nem durante muito tempo. — Até então, a sra. Santeuil havia considerado sempre a polidez em relação aos amigos de Jean como devida a seu filho. E mesmo quando estava zangada com Jean e um colega entrasse, ela voltava a lhe falar como uma tácita trégua de Deus. Jean sentiu-se tomado de uma vergonha desconhecida à ideia de que teria de enrubescer diante de Henri, que a mãe o insultara diante de Henri e insultara Henri, e que o desgosto que iria envenená-lo essa noite, e na qual Henri teria sido sua única consolação, duraria muito tempo e o afastaria por muito tempo dele. Procurou impetuosamente recuperar o bilhete. Sua mãe disse: — É inútil, já mandei. — Então, olhou ferozmente os pais, pôs as mãos nos bolsos, parou um instante e disse: — Vocês são dois imbecis — saiu devagar, bateu com toda a força a porta, cujo vidro encaixado na madeira (e que não sabia o que, sob essas espécies, fora quebrado em efígie) se partiu e, como um romano, a lei já violada, sobre o monte Capitólio, retirou-se para o quarto.

Lá chegou febril, a mão trêmula. Girou com dificuldade a maçaneta, e, pegando a porta com violência; empurrou-a com raiva em vez de fechá-la suavemente. Mas, fixa em gonzos mais velhos e imutáveis que o caráter do jovem senhor cujo repouso protegia, bem como as distrações e os devaneios, não passava do limiar onde se fechava. Ele andou depressa e tropeçou na mesa, dando-lhe um pontapé. Quis sentar-se numa cadeira de braços, mas agastado, sentindo o encosto imóvel contra suas costas agitadas, sacudiu-a blasfemando, como se tratam com injustiça e mau humor os criados que um acaso tornou testemunhas de nossa vergonha ou de nossa malvadez. Depois, acalmando-se, ouviu a cólera que dava golpes furiosos e impotentes contra seu coração, como ondas. De cada vez era uma nova ideia de vingança que ela trazia contra seus pais, uma injúria mais pesada que bramava claramente. E de cada vez ele experimentava um alívio por uns momentos, como à beira-mar nossa expectativa prolongada pela aspiração, a formação, o impulso e a inflexão da vaga se dissipa agradavelmente quando a onda se

quebra, para voltar a formar-se, é verdade, no mesmo instante com ela. Sentia aversão aos pais por não terem adivinhado a excelência de seus propósitos no momento em que o haviam punido pelos atos que justamente não se renovaria mais. Pois essas intenções haviam sido abolidas vivamente dentro dele, não podendo sequer lembrar-se de uma hora em que pensara com ternura em seus pais, o que lhe teria sido intolerável. O ódio tem necessidade de produzir ódio. E ele os imaginava rindo às escondidas do próprio desempenho, tendo concertado friamente esse plano. Via-os dizendo: “Isso não é nada, acho que agora ele não recomeça.” E suas suposições transformavam-se numa forma generalizada de sentir que lhe desculpava a violência, nutria-lhe o ódio, e excitava a sua vingança. E respondia sem cessar: — Eles vão ver, eles vão ver!

Vivamente isolado dos pais por essa injustiça, não era a Gantaud, a Flubiste ou ao prazer que ele se reportava. Sua tristeza o afastava dos que não teriam podido compreendê-lo nem teriam desejado consolá-lo. E toda a sua ternura errante, expulsa do lar paterno sem querer mais voltar, dirigia-se inteiramente para Henri. Pôs-se a lamentar-se e a chorar. E todos os seus desgostos, todas as suas lágrimas iam-lhe ao encontro como num plano inclinado todos os regatos seguem a mesma direção e acabam por se reunir. Queria ir morar com ele. A duquesa ficaria certamente feliz em lhe ceder um quarto. Ao menos ali seus desejos seriam ouvidos, compreendidas as suas intenções, protegida a sua felicidade. Muitas vezes, quando somos, para uma pessoa que amamos, o motivo involuntário de sermos repreendidos, molestados pelos nossos, parece, aos escrúpulos de nossa ternura, ou talvez somente à sua inquietude, que ela deva nos querer mal, irritar-se contra nós, amar-nos menos. O senhor que, talvez à mesma hora, descobria nas preocupações ou nos desgostos que, por sua causa, outros haviam causado à sua amante, ou simplesmente a seu amigo, teria encontrado algum consolo ao ver, no desgosto de Jean cuja causa era Henri, sua ternura por Henri se misturar, redobrar, buscar proteção junto dele, e assim, talvez, ofertar-lhe a sua, como se fosse principalmente para com Henri que sua mãe tivesse sido injusta. Era sobretudo pelo Henri perseguido que ele chorava. — Não foste tu que me causaste

esta dor, nem jamais quererias causá-la — dizia, em soluços, atraindo para si, em seu coração, a imagem do Henri ausente, cujos olhos francos e bondosos davam a essas palavras a resposta desejada, como um cão interpelado dessa maneira por um dono desiludido com suas outras afeições parece, sem que nada altere seu silêncio costumeiro, confirmar plenamente suas afirmações carinhosas. E de Henri, seu pensamento voltava-se de súbito para seus pais, tornava-se mais furioso. Nada o detinha mais, agora que sua cólera possuía uma razão desinteressada e ardia por vingar menos a mágoa que lhe haviam causado do que o agravo contra o amigo.

Por um momento, por escrúpulo diante do tempo perdido, por temor do nervosismo, da enxaqueca e da insônia que poderiam seguir-se, quis pegar um livro ou estudar. Contudo, livro aberto à sua frente, seu pensamento ouvia sempre os bramidos de sua cólera, como um homem que deseja ler enquanto se toca música perto dele, ou quando dois homens discutem e ele não pode deixar de perceber, não as palavras do livro mas o som do canto ou os brados da discussão. Jean então se levantava, empertigava-se na cadeira e com os cotovelos na mesa tapava os ouvidos como se o ruído de sua cólera viesse de fora. Mas por mais que tentasse obter sentido, pondo as letras uma atrás da outra, a onda de cólera vinha se quebrar por cima, e de tudo só restava um castelo de areia na preamar. Tinha de recommençar todas as vezes e, quando se esforçava por reler uma frase pela décima vez, não a compreendia melhor do que um homem que, lendo na cama, à luz da lamparina, sente o sono dominá-lo e apagar, misturar com seu olho cego e crescente uma palavra desprovida de sentido com o sentido de uma palavra já devorada. Jean então fechou o livro e ficou à espera, sentindo aumentar seu nervosismo, chegar a enxaqueca. E via os instantes fugirem, um após o outro, de asas baixas, levando para o nada a mensagem que todos haviam mandado para Jean e que ele não tivera a energia necessária de arrebatá-la depressa e tentar compreender. Então a cólera contra si mesmo foi engrossar a cólera contra os pais. E como eles fossem a causa de sua angústia, dessa inação cruel, desses soluços, da enxaqueca, da insônia, gostaria de

lhes causar mágoa, ou pelo menos que, quando sua mãe entrasse, ele pudesse, mais do que injuriá-la, dizer-lhe que renunciava aos estudos, que dormiria fora todas as noites, que achava o pai um imbecil, inventar, se fosse preciso, que havia zombado do sr. Gambaud, dispensado sua proteção, que se preparava para voltar ao liceu, tendo necessidade de feri-la, pagar na mesma moeda, com palavras que eram como golpes, um pouco do mal que ela lhe causara. Mas essas palavras que não podia proferir permaneciam nele e, como um veneno que não se consegue expelir e atinge todos os membros, seus pés e suas mãos tremiam convulsivamente no vazio, buscando uma presa. Levantou-se, correu à lareira, e ouviu um barulho horrível: o copo de Veneza, que a mãe lhe comprara por cem francos e que ele acabava de quebrar. Mas a ideia de que a mãe ficaria zangada com isso e que veria ser necessário um pouco mais de atenção antes de atormentar Jean, que era preciso contar com ele, não o acalmou, pois se acusava de haver destruído um copo que achava tão bonito e que logo no dia seguinte tencionava fazer que Henri o admirasse. E vendo em cacos aquilo que nenhum pesar poderia restituir, recompor e refundir, acusou os pais desse novo infortúnio.

Como recomeçasse a chorar, sentiu frio, e entrou no toalete em busca de qualquer coisa para pôr nos ombros. Estando sua mão descontrolada e meio doida, não cumpriu como de costume a pequena revolução matemática que consistia, tendo em vista a escuridão do armário, em deslizar sobre os vários veludos, sedas e cetins dos antigos casacos de sua mãe, a qual, não os usando já há anos, guardara-os ali, para sentir, no vazio que marcava uma depressão, a ombreira de madeira bem recuada que separava esses casacos dos de Jean, e, na segunda fazenda rugosa, desprendê-la do cabide que os mantinha de pé. Não, a mão arrancou o primeiro casaco que pegou. Era um casaco de veludo negro, bordado de alamares, forrado de cetim cor de cereja e de arminho, que, machucado pela violência do puxão, entrou no quarto pelo punho de Jean como uma moça agarrada pelos cabelos por um guerreiro. Assim brandia-o Jean, que ainda não o vira, reconhecendo, porém, o odor indefinível do veludo, que sentia

quando, há dez anos, ia beijar a mãe, então jovem, brilhante, feliz, pronta para sair, e, passando os braços ao redor de sua cintura, sentia o veludo amarrotado em suas mãos e os alamares lhe acariciando o rosto enquanto sua boca respirava na testa da mãe toda a felicidade de que ela resplandecia e que parecia lhe prometer. Perturbado, olhou o casaco que, em suas cores ainda frescas, seu aveludado ainda macio, assemelhava-se a esses anos que não serviam para nada mais, sem relação com a vida, mas não murchos, intactos em sua lembrança. Aproximou-o do nariz, sentiu o veludo amarrotar-se ainda em sua mão e acreditou que beijava a mãe, na noite em que, acompanhada do marido ou do sr. Sandré, que era válido ainda, não tendo então conhecido o desgosto e a doença, ela saía para ver *Ma Camarade*, peça que se representava naquele inverno, radiante de prazer pelo que ia desfrutar, triste apenas por deixar Jean, mas guardando no coração as vastas esperanças que nutria então pelo seu futuro, e depondo-lhe nas faces, antes de subir para a carruagem, de seus lábios ainda belos e frescos, um beijo límpido como sua confiança e sua felicidade.

Sentiu a vontade irresistível de ainda beijar sua mãe dessa maneira. E figurando-a tão doce, tão sorridente e bela, já não lhe tinha ódio. Porém esta não era mais ela. A morte de seu pai, a preguiça de Jean, a doença, o fugir da mocidade haviam-na mudado. E como nunca voltara a usar o casaco, jovem demais para sua idade, alegre demais para seu eterno luto, estreito demais para o seu corpo cheio, antiquado demais para as novas modas, nunca mais ele a veria dessa forma. E dentro de alguns anos não a veria mais como era hoje. Caiu de joelhos à beira da cama e as lágrimas correndo tentavam levar para longe dele seu desgosto intolerável. Gostaria de beijar nas faces da mãe os restos de sua juventude e de sua felicidade, reter com beijos, durante horas, os instantes que passavam, a vida que se escoava, a beleza que ia murchando, as esperanças que fugiam, a existência, enfim, da pessoa em relação à qual imaginava tudo, e que um dia seria aniquilada para todo o sempre sem que jamais a pudesse reencontrar, sem que dela nada subsistisse, como se nunca houvesse existido.

Mas o egoísmo, ou talvez a própria necessidade da vida, impede-nos de fixar por muito tempo esses pensamentos sobre a morte dos que nos são caros, pensamentos perigosos e funestos, já que, pelo horror dessa morte, antecipam-se a ela e espalham sua tristeza pelo tempo em que nos é dado desfrutar sua vida e, em seu insustentável paroxismo, para não sofrer a dor de ter de renunciar a ela um dia, conduzir-nos-iam pelo suicídio a renunciar a ela imediatamente. Assim, como um homem cansado deixa de pensar e depois dorme, a parte do coração de Jean que revolia essa ideia deixou de lhe ser sensível e caiu numa espécie de torpor. Jean sentiu-se retornar à realidade, à vida presente e à brusca lembrança das injustiças da mãe no momento exato em que fizera um tão louvável esforço sobre si mesmo, da dureza estúpida do pai, e a aliança irônica de seus poderes para miná-lo despertou sua cólera e ele se lembrou do que ia fazer, sair de casa, escrever ao reitor avisando-o de que não estudaria mais no liceu, anunciar suas resoluções ao pai e à mãe, da mesma forma como fora injuriado por eles: diante de Augustin.

Mas por mais que os pensamentos despertados nele há pouco houvessem adormecido, não lhe era possível fingir que não existissem. Pensava que, se sua mãe se mostrava tão nervosa, era porque sofrera muitos desgostos, alguns dos quais provocados por Jean. Então sua cólera, refluída, crescia de novo. E ela? Não lhe causara desgostos também? Com que tom lhe falara há pouco (pois sua cólera lhe mostrava, como o ciúme a um ciumento, as imagens que lhe faziam mais mal). Felizmente, ela ia ter a sua resposta, e seu pai também. Como ficariam aborrecidos! Aborrecidos ou até mesmo tristes. Pois, no fundo, haveria alguma coisa na terra que amassem mais do que Jean? Nem mesmo a si próprios. A sra. Santeuil daria de bom grado a vida pelo filho, e se não se deixara morrer após a morte de seu pai fora principalmente por sentir que sem ela o filho seria muito infeliz. Henri de Réveillon teria feito tanto? Talvez agora. Talvez nem sempre. E mesmo agora tinha os seus. Os seus, para a sra. Santeuil, resumiam-se em Jean. E também para o sr. Santeuil. Sabia muito bem que estava ficando velho, mas trabalhava sempre para deixar dinheiro a Jean, muito

dinheiro, pois Jean era perdulário e muitas vezes o sr. Santeuil se preocupava com o que poderia acontecer quando ele não mais existisse. Sim, quando ele não existisse mais, quando nada mais lhe desse mágoa ou prazer, ser carinhoso com ele, nem provocar seu carinho (pois o sr. Santeuil era materialista), naquele momento, ainda assim ele se preocupava em saber se Jean seria feliz. “Sim, mas, enfim, a despeito de todas estas reflexões, meus pais não morreram ainda, eles encaram a vida de maneira bem mais realista e acham que me aborreceram. Será uma lição bem dura se lhes digo isso. Direi sim. Se não lhes disser nada, acharão que tiveram razão, que triunfaram, que sou mesmo um idiota, que tive medo, que todos acabam facilmente por levar vantagem sobre mim...”

“Sim. Mas tudo isso não é um jogo. Cada hora é séria e cada ação faz bem e mal. Posso muito bem magoar mamãe, ninguém me impede, só que isso lhe vai causar dor e depois chegará uma ocasião em que não poderei mais agradá-la. Pois existe uma só vida para amar os pais, dar-lhes alegrias, poupar-lhes desgostos. Depois, o tempo passa. E como só há uma vida, não havendo outras semelhantes onde seja possível recomeçar as coisas malfeitas aqui, do mesmo modo cada dia é um só, não possui seu duplo. O que definimos aqui como felicidade ou dor, para os outros, é algo que não pode mais voltar, que fica fixado assim para toda a eternidade. Sim, mas papai disse: ponho-te no olho da rua.” E via a figura do pai, execrável em sua violência, e o inqualificável procedimento da mãe frente a frente com Réveillon. Via tudo isso. Dizia a si mesmo que seus pais julgavam havê-lo intimidado, e que no entanto agora sua resolução estava tomada. As lágrimas corriam ainda, mas por detrás da chuva da tempestade um sol brilhava, novo, tornando claras e belas todas as coisas. De quando em vez, ouvia sua respiração como um homem que toma fôlego mas que tem uma grande confiança em sua força ou como, depois de passada a tempestade, ouve-se por momentos caírem gotas das árvores que o sol já principia a secar. Apoiava as costas na velha cadeira de braços que o comprimia com essa doçura que descobrimos nos que são testemunhas de nossos atos extraordinários, que poderiam ser fiadores de nossa estatura moral.

E, mais além, a mesa, as cadeiras enfileiradas, a porta cercavam-no com simpatia, como vassalos cheio de admiração, servidores mais ou menos diretos, todos sentindo-se orgulhosos de tal dono.

Para que essa ternura não o abandonasse, e sem se envergonhar de implorar a ajuda de uma coisa que já fizera tanto por ele, colocou o casaquinho de veludo nos ombros. E quando ouviu o pai e a mãe irem jantar, esperou que Augustin também se sentasse à mesa. Entrou então, tremendo ligeiramente mas muito senhor de si. Aproximou-se da mãe e; bem baixinho, mas de modo a ser ouvido por Augustin, lhe disse: — Minha querida mãezinha (estas palavras eram o que mais lhe custava), peço-te perdão. — E quis beijá-la. A mãe se virou mas ele disse: — Suplico-te, estou tão arrependido, permite que te beije. — Beijou-a. Tinha tanta vontade de chorar que desatou a rir. Em seguida, dirigiu-se ao pai, que, ao vê-lo, voltara a assumir uma expressão feroz e fechada. Teve de se violentar ainda mais para dizer as mesmas palavras. Mas disse-lhe também: — Querido paizinho, peço-te perdão. — Viu que Augustin o olhava, mas não aproximou menos os lábios da fronte contraída do pai. Este, mais fraco que a mulher, mais violento e mais mole, não resistiu e, vencendo uma ligeira repulsa, Jean pousou-lhe na testa ainda quente de cólera e de maldade para com ele um beijo arrependido. A seguir, sentou-se à mesa. Então seu pai atentou no casaco que Jean trazia nos ombros e que, arregaçado até os braços para que pudesse comer, deixava à mostra o forro de cetim cor de cereja, e lhe disse: — É ridículo, está quente aqui, e isso é da tua mãe. Tira-o imediatamente. — Jean sentiu a amargura de não ter sido compreendido, e tirou o casaco. Mas então a mãe, fixando-o com um olhar puro que parecia restabelecer facilmente todos os pensamentos que tivera há duas horas, olhou-o sorrindo. Ele compreendeu esse sorriso, que ela compreendera e que nada fora perdido para ela. Correndo para ela, lançou-se-lhe às faces chorando, beijando-a durante muito tempo. Mas ela, feliz por ser amada, e não querendo, por outro lado; que ele se enervasse e a amasse com um excesso que um dia lhe poderia fazer mal, disse-lhe com doçura, erguendo-se e parando de sorrir como para não excitar mais a sua ternura: — Não, vamos, não sejas bobo, volta

para o teu lugar e vamos jantar. — Ele não podia deixá-la e lhe confessou em voz baixa que quebrara o copo de Veneza. Pensou que ela ia ralhar, recordar-lhe o pior. Mas, continuando tão doce como antes, ela o beijou, dizendo-lhe ao ouvido: — Será como no templo o símbolo da união indestrutível. [[18](#)]

VIII. Uma sessão na Câmara

Acabava de encerrar-se o debate sobre o massacre da Armênia, ficando decidido que a França não tomaria nenhuma atitude. De repente, na extrema esquerda, um homem de seus trinta anos, um tanto corpulento, de crespos cabelos negros, e que, a um observador, pareceria presa de uma inquietação indefinível e como que hesitando em obedecer a uma voz interior, vacila por um momento em sua bancada e depois, erguendo o braço num gesto inexpressivo, como que arrancado pelo costume que torna necessária essa formalidade a quem pede a palavra, se dirige com passo vacilante e como que assustado com a grande responsabilidade assumida, para a tribuna. É Couzon, que vocês poderiam ter visto há dez anos como interno do Hospital Necker, hoje líder do partido socialista na Câmara, eleito ao mesmo tempo nos quatro grandes departamentos carboníferos da França, e que optou pelo mais desgraçado, o mais sombrio, aquele em que a vida negra e triste da superfície se assemelhava mais à vida do subsolo da mina, o departamento do Norte. O único grande orador atualmente, igual aos maiores de outrora, segundo os jornais socialistas, anarquistas, antissemitas, apenas um retórico que emprega mal uma verdadeira facilidade, aliás bem vazia, a crer nos jornais monarquistas, oportunistas e até radicais do governo.

Jean, a quem Couzon, que não pensava todavia em falar, enviara um ingresso para a Câmara, viu do alto de sua tribuna o amigo Couzon, tão alegre e habitualmente tão violento em seus apartes, no início dessa mesma sessão, permanecer em silêncio durante 15 minutos, não mais responder aos colegas que lhe falam, nem mesmo parecer ouvi-los, os olhos fixos como se estivesse diante de uma assombração invisível para os outros mas que dá a impressão de concentrar, numa deliberação misteriosa, todas as suas faculdades. E Jean, que todo o tempo em que durara a discussão,

tratando apenas dos interesses do governo e de seus adversários, sentia vagamente que haveria outras coisas para serem abordadas, mas não imaginava fosse possível falar sobre elas na Câmara, diante de homens “sérios”, vendo de repente crescerem os olhos de seu amigo, sua mão ir à testa como para reter o pensamento difícil de fixar, depois hesitar, dizer algumas palavras para o lado de onde se voltam as cabeças em sua direção sem que pareça vê-las, Jean compreendeu que Couzon fora impelido a falar por aquele sentimento de justiça que o tomava às vezes por completo como uma espécie de inspiração. Então esse “algo” que Jean sentia difusamente ter necessidade de dizer mas que julgava indigno de ser ouvido por pessoas sérias assumia de imediato, para ele, uma grandeza enorme. E são justamente as pessoas sérias que se tornam pequeninas. Está profundamente emocionado. E quando Couzon se decide a fazer com seu braço grosso e curto o pequeno gesto convencional acima da cabeça, é como que um sinal que ressoa longamente no coração de Jean. E vendo as pernas curtas de Couzon se adiantarem sem graça para a tribuna, pareceu-lhe que nunca o corpo humano expressara tanta grandeza e dignidade. Há, em Beethoven, compassos fora de propósito e sem qualquer motivo nobre que não é possível ouvir sem estremecer.

Mas eis que a maioria da Câmara, para quem tudo o que pudesse ser interessante e sério já fora dito, sentindo o que Couzon vai falar, o que fará todos perderem seu tempo, põe-se a gritar: — Hu! Hu! Chega! —, arrastando as cadeiras com violência. Jean treme à ideia de que Couzon se deixe intimidar. Gostaria de gritar “canalhas”, matar todos esses miseráveis. Um deputado encolhe os ombros, outros bocejam ruidosamente. Um berra: — Não fique muito tempo na tribuna. — Ao que retruca outro: — Ninguém nos avisou que teríamos sermão. — E outro: — Eu é que teria ido passear. — Oh, se às vezes Jean, não diante dos pais, claro, cuja hostilidade o lança no entusiasmo total pelos atos de Couzon, mas a sós, quando reflete, espanta-se de que Couzon tolere em seus jornais, formule em seus apartes ataques tão violentos, talvez caluniosos, quase cruéis contra certos membros da Maioria, acharia agora que era muito pouco contra esses odiosos imbecis irônicos, satisfeitos, que

usam sua superioridade numérica e a força de sua estupidez para tentar sufocar a voz da Justiça palpitante e prestes a cantar. Nesse momento, devolvendo de todo o coração, pela cólera, os golpes que o mais fraco recebe, como no dia em que um ladrão acabava de ser denunciado, depois perseguido, e depois de uma resistência desesperada, ser preso pelos policiais, ele teria querido ser bastante forte para massacrar os policiais, sem pensar que estes, que lhe eram odiosos porque mais fortes e porque deveriam rir de seus golpes, tinham também seus momentos de fraqueza diante da morte de suas filhas ou à facada que um ladrão lhes assestasse no coração, Jean não diz consigo que esses homens que emitem opiniões em tom cortante, que troçam da verdade e amordaçam a Justiça, não se sentem tão fortes como ele poderia crer, também mostram muitas vezes por dia uma expressão afetuosa, inquieta, vencida. Mais tarde, voltando a pensar nesse momento, em que gostaria de ter apedrejado os 200 deputados que zombavam de Couzon e o interrompiam antes que tivesse falado, batendo nas cadeiras para abafar o ruído de sua voz, ele entendeu melhor por que Couzon, vendo suas ideias, seus projetos de lei, seus discursos sempre sufocados pela maioria triunfante, saía todos os dias com ódio no coração, ódio que lhe recordava, em cores inflamadas, os traços repugnantes de estreiteza e orgulho dessa mesma maioria.

Está à tribuna e espera, equilibrado nas pernas como a barca pronta para partir que ainda não foi solta mas que a onda impele conforme seu movimento sem que ela se liberte ainda. Uma ou duas vezes disse: — Senhores! — A voz é forte, quase enorme, uma emoção inaudita a estremece e perturba. É o remo que roça os lados da barca e que treme na linha d'água. Quando todas as vozes precedentes eram que nem granizo, quase indistintas, sobretudo no começo, é curiosa a força inaudita dessa voz que se ouvia, ao que parece, numa sala vinte vezes maior. Detalhe insignificante, se quiserem, mas que relacionado a um grande homem sobre quem vocês se indagam com curiosidade, não seria ouvido sem interesse. Detalhe bem material sem dúvida, porém talvez não desprovido inteiramente de importância por causa disso. É raro que a respeito de um homem muito notável, mesmo um grande pintor, um grande

músico, não se diga que num aspecto completamente material de sua arte não faça coisas de todo impossíveis aos outros. Podem-se ouvir os gracejos da rainha que dizia a Talma: — Que memória! — No entanto, é difícil não se ficar vivamente interessado ao saber que Sarah Bernhardt pode aprender um papel em dois dias, coisa que outro não consegue. Uma tal definição não esgota, é certo, a essência de seu gênio, mas ela o vivifica como tudo que lhe diz respeito. Nesse momento, o presidente diz, sorrindo: — Lembro ao orador que só tem um direito, o de responder estritamente sobre a questão em discussão ao orador que o precedeu. — Esta fina alusão ao descaro de imaginação de Couzon, que jamais sabia “se limitar à questão”, provocou o riso da Maioria, mas não como se rissem por si mesmos, e sim como se sua alegria fosse algo espirituoso que merecesse ser ouvido. Cada um dizia com força: — Ah, é engraçado! Olha como é engraçado.

— Sei que tenho somente esse direito — disse então Couzon, respondendo ao presidente com sua voz enorme e fremente —, mas tenho-o como todos os meus colegas e juro-vos que, depois de esperar uma hora que cessassem vossos clamores, não estou disposto a deixar que me tirem uma parcela e estou decidido a usar meu tempo até o fim. — Com a rapidez com que o disparo do gatilho é seguido de uma detonação, os aplausos frenéticos da extrema-esquerda responderam a essa declaração orgulhosa. O regulamento proibia que Jean aplaudisse mas seu peito batia de entusiasmo às palavras de Couzon. Mas a Maioria só respondeu com gritos: — Fechem, fechem o recinto! — O fechamento do recinto foi posto a votos. Passou-se, logo após, à votação do projeto de lei do governo. Desarmado, como um homem atado que faz o gesto de ferir com suas mãos impotentes: — Vós acabais de assassinar duzentos mil cristãos! — gritou Couzon com voz trêmula. Seu corpo também tremia, pois ele mesmo sofria primeiro os golpes com que sua palavra solta comovia os corações e as rolava com violência dentro de si como as ondas rolam os seixos que a seguir abandonam à beira-mar. E dominando os clamores da sala amotinada, de pé, aos uivos, e os frêmitos do próprio coração, rolado nas ondas de sua própria palavra, arquejante, desvairado: —

Vós acabais de assassinar duzentos mil cristãos, di-lo-emos ao povo, e o povo a quem ensinastes a manejar o fuzil os vingará. — O tumulto foi indescritível. — Nunca ninguém pronunciou palavras semelhantes numa Câmara francesa — uivou o ministro da Agricultura. — É uma infâmia — dizia, agitando-se, o presidente do Conselho. Pois os homens cuja política “exclui o sentimento”, que “não amam as abstrações”, têm sempre presente a abstração e abundante o sentimento de dignidade.

Mas podiam dizer tudo o que queriam. Couzon, em meio às batidas de seu coração transtornado, tendo conseguido cair em si e manter intactas as ideias, estava calmo como um cão que, após atravessar as ondas para trazer um objeto que o fascina, chega próximo à margem e não se preocupa mais com as vagas que alcançam a orla para lançar borrifos de espuma gelada em sua carne fumegante. E também Jean se mostrava feliz, limpava a testa sorridente. Pois todo o tempo, ao lado de Couzon, tinha vibrado golpes com ele, e agora que essa assembleia, que excitara seu ódio, havia recebido sua bofetada a tensão em que sua alma vivia há um quarto de hora se aliviara de súbito e ele sorria, contente. Ao redor de Couzon, mãos entusiasmadas, num impulso sincero, apertavam as suas. Mais de uma assinara muitos artigos que Jean não estivera longe, naquela ocasião, de considerar infames, mas nesse momento, como o próprio Couzon, era obrigado a ter como amigas, tal como, depois de atacados numa estrada, vamos beber fraternalmente com as pessoas corajosas que nos defenderam, sem procurarmos saber se tais corajosos que nos defenderam não agiram assim movidos tão somente pelo ódio àqueles que nos atacaram e não teriam, em outras circunstâncias, caído da mesma forma sobre nós. Além disso, somos mais gratos à amizade dos que têm fama de violentos e cruéis, assim como a doçura tem mais valor entre os fortes. Talvez também por ser uma amizade que tem suas vantagens, que é bom cultivar, e que afinal é mais agradável do que uma amizade que só manifesta sentimentos desinteressados e palavras inócuas. Não é talvez generoso preterir esta última. Mas quantas razões tem a responder a essa objeção de sua consciência todo homem, e principalmente todo político. A vida, e sobretudo a

vida política, não é mesmo uma luta? E, embora os maus se armem de todos os modos, é do dever dos justos se armarem também, quando nada para não deixar perecer a justiça. Poder-se-ia talvez dizer que, malgrado o uso dessa imagem, a justiça não é uma pessoa, e que sua forma toda particular de perecer está precisamente em ser armada, sem se preocupar com a maneira. Mas responder-nos-ão que, se os grandes revolucionários tivessem reparado tanto nisso, a justiça nunca teria alcançado vitória.

IX. O senhor Beulier

Alguns dias depois, tendo a irmã da duquesa de Réveillon, que estava doente, necessidade de respirar melhores ares, partiram as duas damas para os Açores, onde o duque e seu filho se lhes juntariam logo. Sua ausência durou um longo ano, durante o qual Jean não teve em sua turma um só amigo, embora tivesse feito alguns inimigos. Era um grupinho dos três ou quatro meninos mais inteligentes da classe, um dos quais tinha grande vocação para a marinha; levava para a aula livros de viagem e de ciência, e fazia com cordões e fósforos barquinhos maravilhosos. Quase não davam bom-dia a Jean, riam dele quando falava, e no pátio ou na escada, onde se encontravam antes de subir para a sala de aula, o empurravam ou faziam-no girar sobre si mesmo para que caísse. Jean, em quem a inteligência dos colegas suscitara uma viva simpatia, ficou profundamente decepcionado com eles, mas sem o menor rancor. E, se uma vez, por acaso, lhe falavam com gentileza, voltava a gostar deles e a se mostrar gentil. Não compreendia que essa necessidade de simpatia, essa sensibilidade doentia e muito aguda que o fazia transbordar de amor à menor gentileza chocavam os colegas como hipocrisia, irritavam-nos como presunção; para eles, a indiferença de uma natureza mais fria se multiplicava devido à pouca idade. Ignorando as causas da antipatia deles, Jean, que por simpatia imaginava os outros iguais a si e, por modéstia, melhores, tentava, além disso, por escrúpulo, descobrir no seu procedimento para com eles alguma falta grave, alguma maldade involuntária da sua parte que os pudesse ter aborrecido. Falou-lhes, escreveu-lhes, e isso só fez aumentar-lhes as zombarias. Escrevera uma carta tão bonita, tão sincera, tão eloquente que as lágrimas lhe vinham aos olhos ao escrevê-la. Quando viu que ela não servia para nada, começou a duvidar do poder de nossa simpatia sobre os corações que a não têm por nós, do poder do nosso pensamento e

do nosso talento sobre os pensamentos e os talentos que não se assemelham aos nossos. Repetia consigo aquela carta, achava-a tão convincente, tão bela.

Depois da aula, voltava muitas vezes com o jovem Thenaud, sobrinho do general Thenaud, a quem os pais, permanecendo todo o inverno no castelo para as caçadas, deixavam sozinho em Paris, reservando todo o dinheiro ao luxo e não lhe enviando quase nada, nem cartas. Thenaud conservava, numa vida triste, muita doçura e alegria. Com Jean, a quem o professor encarregava de lhe explicar umas lições, era sempre muito doce, admirando sua superioridade, gracejando com suas manias, seu nervosismo, seu exagero, a desordem de seu modo de vestir, sua palavra exaltada, mas tão gentilmente que Jean, que não tinha nenhum amor-próprio, encarava isso como pequenos sinais agradáveis de amizade.

Dois anos depois, Jean fora caminhar nos Champs-Élysées e voltava para almoçar em casa, quando encontrou um dos “três alunos inteligentes”, o que o havia perseguido no colégio e se preparava para a carreira naval. Mas como se as relações de aluno para aluno tivessem sido algo de profissional, de obrigatório e momentâneo, assim como as relações entre professor e aluno, de cabo para soldado raso, e como se vê um professor apertar, em sociedade, a mão de um aluno que em aula mantém a distância, ou um cabo que maltratava no regimento um rapaz de família, saudá-lo respeitosamente alguns anos depois na rua, quando o cabo se tornou carroceiro e o soldado engenheiro, o aluno inteligente não só não empurrou Jean como o saudou com solicitude e timidez. As amizades e os ódios, como os desejos e as ideias da juventude, afastam-se de nós com tal rapidez que, passado pouco tempo, já não os compreendemos. O aluno inteligente só nutria por Jean sentimentos amáveis. Conversaram por uns momentos e Jean se espantou que o tivesse julgado tão inteligente outrora. Pediu-lhe notícias dos dois outros que notara sempre na companhia dele. — Mas encontrei Pentel outro dia, como o encontro agora. — Jean não pôde se lembrar de haver conhecido esse Pentel que o aluno inteligente no entanto assegurava ter estado na mesma turma deles.

— Entrou para a Marinha? — indagou Jean. — Marinha? — retrucou o outro, espantado. — Oh, nunca pensei nisso! Sim, quando era pequeno. Mas depois nunca mais. Estou cursando Direito. — Eu também — disse Jean. — Também, mas que curso está seguindo? — Não sigo curso nenhum. — Quanto a mim, vou a todos. E isso me toma o tempo inteiro. — Jean, por um momento, tentou imaginar que havia alunos com o tempo todo tomado pelos cursos de Direito. Não o conseguindo e não tendo nada mais a dizer, estendeu-lhe a mão com um sorriso afetuoso, ao qual o aluno inteligente respondeu com um cumprimento constrangido.

* * *

O sr. Beulier só pensava para dizer a verdade e só falava para exprimir o pensamento. Da mesma forma, Jean buscava provocar e recolhia, com respeitosa avidez, as opiniões do sr. Beulier sobre todas as coisas. Um espírito profundo transmite tão bem o sentimento de que nele se encontram as leis às quais obedece a realidade que as respostas modestas e hesitantes do sr. Beulier eram mais exatas que as pausas, mais plenas de futuro, de realidade, de sentido, de vida do que os oráculos e as profecias. Comentava-as sem parar e lembrava-se facilmente delas. Um dia, uma triste véspera de Natal, o sr. Beulier, ao principiar a aula, disse aos alunos com voz doce: — Amanhã é dia de Natal, vamos festejá-lo à nossa maneira. Vou ler alguns contos. — Os três magos, trazendo ouro, incenso e mirra, não espalhariam a seu redor mais doçura do que essas palavras espalharam no coração de Jean. Até então, não achava razoável que se parasse de estudar mais num dia do que em qualquer outro. Celebrar o Natal lhe parecia uma infantilidade. Todos os dias eram iguais. E assim não lhe agradavam. Por meio dessas palavras tão simples, que assumiam uma irresistível autoridade por provirem da severidade de um espírito que só obedecia à razão, o sr. Beulier unia, por um fio invisível, esse dia banal de amanhã ao dia misterioso em que Jesus nascera na manjedoura. O poder da razão permitia-lhe fantasias livremente enquanto estudava. Era um pouco de poesia derramada

nos dias de Jean, a doçura, permitida à imaginação, de sonhar, de não ser muito lógica. Na manhã seguinte, Jean comprou o *Echo de Paris*, onde se estampava um conto de Anatole France, e um ramo de visgo que pôs num vaso à sua mesa. — É o meu Natalzinho — disse à mãe com a moderação de um filósofo e a doçura de um poeta.

* * *

Alguns dias antes do Ano-Novo, Jean, indo tomar lições em casa do sr. Beulier, disse-lhe, enrubescendo, que lhe trazia um presentinho de Ano-Novo. Era um pequeno busto de Hércules da Renascença italiana. O sr. Beulier ficou encantado com a lembrança. Falou sobre Hércules ao seu aluno; mostrando-lhe o esforço que representa, o sentido de seu trabalho. Depois chamou Mariette, sua única criada, boa camponesa, de rosto corado e cheio sob os cabelos grisalhos, e que era sua cozinheira e governanta, mas também lhe levava os livros e as revistas quando ele não queria deixar o trabalho, e em seu cérebro acanhado, na cabeça amolgada como uma marmita, ao lado de termos inglórios como fogão, limpeza ou sopa, dominava os nomes mais nobres, e não menos usuais para ela, de Platão, Hegel e Dionísio de Halicarnasso. Familiarizada, graças ao hábito cotidiano, com os diversos volumes, punha-os em seu lugar na biblioteca sem qualquer hesitação, levava-os ao patrão com cuidado, na mão prudente e sem deferência. Punha-os então sobre a mesa, o que os distinguia claramente para ela, como o tinteiro, o café preto, o palito, dos sapatos e dos chinelos que, também escolhidos a esmo, “o par que usei ontem”, sobre um espectro menos vasto, deviam, pelo contrário, ser postos junto à lareira, diante da mesa, no chão.

O sr. Beulier chamou, Mariette apareceu: — Dê-me um livro amarelo — disse — na parte de baixo da biblioteca, à esquerda. Tem escrito na lombada *Bíblia da humanidade*. — Por tê-la introduzido muitas vezes no gabinete de trabalho, Mariette conhecia muito bem a *Bíblia da humanidade*, no sentido em que os criados dizem que conhecem bem “o sr. duque de S.” por tê-lo anunciado

com frequência. Desse modo, tantas palavras como “um livro amarelo que tem escrito na lombada, etc.” eram inúteis. Mas o sr. Beulier conservara esse luxo antigo de explicações, que vinha da época em que Mariette ainda não se acostumara aos “livros do patrão, mais difíceis de conhecer do que a sua roupa branca”. Não soubera adequá-lo aos progressos da criada no conhecimento dos grandes filósofos, e dizia ainda “um livro que tem escrito na lombada”, em vez de “que se chama”, locução mais abstrata mas cujo sentido ela facilmente apreendera. Somente em relação aos livros absolutamente corriqueiros é que se entendia com ela num nível mais simples. Assim é que dizia sempre: — Mariette, o *Novum Organum*; Mariette, a *Crítica da razão pura* — e se, enquanto se achava de joelhos diante das achas as soprando o fogo, ela ouvisse um aluno matinal, pedindo explicações ao sr. Beulier enquanto ele acabava de tomar café, pronunciar o nome augusto, porém familiar para ela, de Spinoza, sem se levantar mas deixando o fole de lado, perguntava ao patrão: — O senhor quer a *Ética*?

Mariette apareceu ao cabo de um instante trazendo a *Bíblia da humanidade*, onde o sr. Beulier leu para Jean as páginas admiráveis em que Michelet celebra o Trabalho em Hércules. Quando chegou ao fim e pronunciou as últimas palavras: “Valeu mais, talvez, que um outro melhor. Eu morrerei rico, se não em obras ao menos em grandes propósitos. Deponho-os aos pés de Hércules”, uma torrente de lágrimas subiu aos olhos de Jean.

— Ah, sim, é bela toda essa opulência — disse-lhe o sr. Beulier com afeto. — E, no entanto, a simplicidade também tem o seu encanto. — Chamou Mariette de novo, mandou trazer os *Memoráveis* de Xenofonte e leu a história daquela família que se aborrecia, achava a vida ruim, vivia dividida, e que Sócrates tornou não apenas útil mas sábia, feliz e bondosa, fazendo-a dedicar-se ao trabalho. Depois das páginas de Michelet, a simplicidade nua, a secura dessa narrativa deixaram Jean um pouco decepcionado. — Não — disse o sr. Beulier —, não é inferior, é outra coisa, ora, existem muitas coisas diferentes, não é? A Antiguidade não é o século XIX. Mas é também admirável. Nunca mais escreverá desta maneira. É bem simples e no entanto diz tudo. É de uma época em

que as ideias não eram desenvolvidas, eram apresentadas sem aprofundamento, sem que fizessem aparecer tudo aquilo que continham. O floreado, o frescor não eram suprimidos. — No ponto em que o mestre semeara uma só palavra, Jean, cultivando-a com amor, descobria, depois de algum tempo, uma ideia florescente. Mais tarde, quando a releu, encontrou nessa narrativa de Xenofonte um encanto maior do que o teria imaginado. Voltou a ela, com frequência, a seguir, e quando em companhia de amigos inteligentes no quarto, amigos que não tinham muita pressa, imitando involuntariamente por uns momentos a voz cantante do sr. Beulier, gostava muito de recitá-la.

Não podendo, numa narrativa que não é mais que uma obra de sentimento, dar uma ideia do espírito do sr. Beulier, demorei-me assim em recordar algumas das lembranças de Jean relativas ao homem que mais admirou em toda a sua vida. Como ele sabia que o espírito não é classificado, já não digo pelos cargos oficiais mas mesmo pela reputação filosófica ou literária que, como toda obra coletiva, é feita de imitação, de sugestões mais ou menos materiais, de ardor artificial tanto quanto de julgamento, e que é tão contestável no mundo da Verdade quanto o sucesso de uma estreia ou o prêmio de um quadro no mundo da Beleza, ou o resultado de uma eleição, ou o veredicto de um tribunal no mundo da Justiça, convenceu-se sempre de que o sr. Beulier era um homem mais importante que o sr. Renan ou o sr. Taine, por maiores que tivessem sido estes. Se nos efeitos a gente sabe reconhecer as causas, encontraríamos no talento dos rapazes mais notáveis dessa época o pensamento genial do sr. Beulier. Mas nenhum concordaria nisso, pois, não tendo qualquer amor-próprio, o sr. Beulier, não ousou dizer que não adivinhava do que se tratava, pois adivinhava tudo, mas não pensava que fosse algo respeitável e que era necessário dirigir. Um dia, elogiou sinceramente um jovem poeta a propósito de alguns versos que fizera. Depois, disse-lhe que apesar de tudo podia queimá-los — São seus primeiros versos — disse —; ora, veja o que são os primeiros versos de um Leconte de Lisle, por exemplo. Nem sequer os conhecemos. Mas os seguintes são ainda muito ruins. Muito bem, admitindo que você venha a obter um sucesso

extraordinário, se representarmos o talento de Leconte de Lisle, de que aliás não gosto muito, por um milhão, o seu estaria perto de quatro ou cinco. — E depois, perguntando: — Não é mesmo? — e vendo o ar decepcionado do poeta acrescentou amavelmente: — Não, é claro que exagero. Sim, podemos dar-lhe oito ou nove, e creia que é muito.

* * *

O leitor admitirá, sem dúvida, que tudo isso contribui somente para diminuir o andamento do romance. O defeito está na adolescência que, em dado momento, antes de se entregar para sempre às paixões do coração, da ambição e dos sentidos, presta-se às vezes por um instante às paixões do intellecto. Darei pouca importância a esse gênero de censura, pois a vida de Jean, agora, não se limitará à casa dos pais, à casa do sr. Beulier e ao colégio. Algumas vezes, a seguir, ele voltará a ver o sr. Beulier, mais e mais raramente, mas serão visitas curtas que o empolgarão por uma hora e que nós nem sequer lembraremos. No momento em que o Destino o segura rudemente pela mão, fazendo-o mudar de caminho, enquanto se escoam minuto a minuto, sem pressa mas também sem atraso, as últimas horas de uma existência que ele julga eterna, desejo acrescentar a essas lembranças uma última, que é de pouca monta, tão fluidamente espiritual que não poderia talvez trazê-la a vocês e retê-la, mas que desejo tentar recuperar antes que esses dias de sossego e de espiritualidade regressem para sempre ao nada.

Foi alguns dias antes do Ano-Novo que Jean levou o pequeno busto ao sr. Beulier. Na véspera do Ano-Novo, o sr. Beulier foi à casa de Jean para lhe dar uma aula e lhe disse: — Também lhe trouxe um presente. — Era um livro de Joubert. [\[19\]](#) Durante duas horas o sr. Beulier leu-o com Jean; quando terminaram e ele marcou um encontro à tarde para estudar o que não tinham tido tempo de fazer, no momento em que Jean, olhando o livro, dizia: — Nenhum presente me deu maior prazer —, o sr. Beulier pegou-o de volta, colocou-o na pasta e não o trouxe nunca mais. Tendo dado todo o sentido, a essência, o auxílio moral a Jean, dera tudo. Nisso é que

consistira o presente puro e inestimável. Ofertara-lhe, porém, um dom ainda mais precioso, ao acrescentar desse modo ao magro tesouro de ideias e sentimentos de Jean a novidade rara e encantadora, de caráter exclusivamente espiritual, dos brindes que se diziam sem modéstia nem precauções oratórias dos brindes, e que nada haviam custado, que não consistiam em coisa alguma que fosse material ou vulgar. O gesto tão simples do sr. Beulier em pegar o livro de volta guardou para sempre, em Jean, a doçura de certas palavras do Evangelho que não falavam apenas do desprezo das riquezas e da irrealdade da matéria mas que lhes conservavam o sinal, porque deixavam que se evolasse, como um perfume, uma essência naturalmente superior a essas coisas, e mais delicada. Essa essência da alma, toda a pessoa do sr. Beulier dela se revestia, como certas personagens de Ticiano estão como que envoltas por uma beleza que é a beleza da pintura, e também da vida, e que nos dá tanta alegria quando as contemplamos.

Assim esse homem, tão mal trajado, que não sabia cumprimentar nem entrar num salão, dava a todas as suas maneiras algo de surpreendente e suave que os modos de um príncipe não teriam logrado alcançar. Não era belo nem feio, mas Jean olhava suas faces rubras, seu nariz grande, as mãos de veias grossas com um respeito tão carinhoso que, se a frieza do sr. Beulier não o mantivesse a distância, tê-las-ia beijado com infinitos cuidados, como as faces, o nariz e as mãos de sua mãe. E a alma conserva de tal modo o corpo em que habita, tão viva, e que nunca o amor-próprio, a pretensão, o vício, nada além do pensamento e do coração tocaram, como um grão de sal num pedaço de carne torna-a por muito tempo pura e sã, que a seguir, quando todos os anos Jean ia ver o sr. Beulier, achava-o sem dúvida um pouco envelhecido, mas havia sempre, na alegria súbita que ele sentia por rever Jean, tanta graça e tanto calor, tanto ardor absolutamente desinteressado em prestar serviço, sem visar a qualquer benefício ou honraria, desinteresse que vem contaminar a alma de milhões desde os 22 anos — que era na presença de um jovem infantil que Jean se encontrava. Seu corpo bem podia se estragar como um velho roupão, mas não fazia parte dele. E, se sua alma não podia

sacudir para longe dela o corpo, pelo menos, como um manancial subterrâneo mas próximo, traía sua presença em todo o ativo frescor da pessoa até o lago resplandecente e fluido, sempre crescente, dos olhos risonhos em que vinha transbordar.

IV

Primeira temporada de Jean em Réveillon: o sr. de Traves e o materialismo literário. — Os despertares. — Os pavões da duquesa. — As senhoritas de Saint-Sauves. — Novo aspecto do sr. Rustinlor. — As expressões do sr. Expert-Foutin. — Perrotin. — Lições de botânica. — A roseira branca. — Dias de leitura. — O castelo da princesa de Durheim. — O marquês de Porterolles. — A volta.

I. O senhor de Traves

Era a época em que, por entre as folhas verdes, os lilases, envolvidos pelo mais suave perfume da Pérsia, inclinavam graciosamente suas claras corolas cor de malva, e surgiam suas outras flores, brancas, cujas pétalas límpidas pareciam ainda brilhantes dos perfumes em que haviam estado mergulhadas. Sentia-se que essas criaturas delicadas eram estrangeiras, vindas dessa terra aonde tantas vezes fomos através de uma leitura ou de um projeto, e onde tudo se exhibe em outra cor, até a luz do sol, diversa da de nossas aldeias francesas. Mas essas estrangeiras se inclinavam desde a infância sobre Jean, quando, cansado de brincar, subia para descansar no bosque do parque à hora calmosa em que se anda devagar, roçando de passagem os ramos, cujas flores brancas e sedosas, de estames brilhantes, não param de cair como uma musselina esfarinhada, à hora em que, no escritório do adjunto, Jean acompanhara tantas vezes o pai em suas visitas tediosas e onde as moscas, falando em voz baixa, mas com disposição de se distrair, vinham ininterruptamente importunar os raios de sol adormecidos sem conseguir mudá-los de lugar e consolavam-se explorando os mapas do departamento pendurados à parede, para renunciar de súbito a esse trabalho minucioso voando não se sabe por quê, com manifestações ruidosas, ou, pelo contrário, prolongando indefinidamente sua permanência nesse pedacinho de madeira, sobre as linhas verdes às quais parecem se casar tão bem que a gente pensa que nunca mais se mexerão dali.

Nessa hora, quando Jean subia para ler no pequeno bosque, prendia a respiração se subiam por outro caminho para que não o incomodassem. Eram, às vezes, passantes que não o conheciam, lançavam-lhe um olhar e continuavam seu caminho, fazendo em voz alta uma observação, o nome de uma planta, uma nova consideração devida ao tio de Jean, ou: — Eis um bosquezinho

onde deve ser bom vir almoçar. — Os lilases haviam feito companhia a Jean durante essas longas horas e sem dúvida ele já achava bem doces seus embriagantes aromas do Oriente. Diz-se que ao envelhecer nossas sensações enfraquecem. Talvez, mas são acompanhadas pelo eco das sensações mais antigas: como as grandes cantoras já um tanto velhas a quem um coro invisível reforça a voz enfraquecida. Assim é que esse delicioso odor dos lilases, essa pétala deslumbrante, de um branco de anis, ou essa clara pétala cor de malva dos lilases, emocionavam-no muito mais profundamente do que uma simples sensação, por mais deliciosa que fosse. O passado abria seu coração ao presente e a hora que se escoava se tornava como que a alma em que Jean avançava com delícia. Assim, essas belas flores dos lilases, essas estrangeiras, por estarem inclinadas sobre a infância de Jean, faziam, a seu ver, parte do que melhor representava sua terra, e seu odor acordava-lhe a própria sensação, tão quente e tranquila, dos verões de sua infância. Belos lilases do branco fosco do anis que pareciam límpidos ainda do perfume de onde davam a impressão de sair no mesmo momento; brilhante e fina Oriental, e vocês também, doces véus cor de malva de lilases rosados flutuando, imóveis, ao sol.

* * *

Foi num desses dias que Jean conheceu o romancista genial, Traves, com quem passou alguns dias em Réveillon. Nem a presença do romancista Traves, nem o que Jean conheceu por meio de sua conversa, nem o que soube de sua vida prolongaram em coisa alguma o estranho fascínio, o mundo único para onde ele nos transportava desde as primeiras páginas de um de seus livros e onde sem dúvida vivia quando ele próprio o trabalhava, fabricando-o à medida que escrevia e tendo já vagamente desenrolado diante dele, em sonhos singulares, a matéria preciosa, ainda informe como uma Via Láctea, da qual devia ser pouco a pouco tecida. Não, seus olhos eram bonitos, grandes e claros, mas só deixavam transparecer o que deixa ver uma janela que abre para um quarto

vazio. As circunstâncias de sua vida e seus hábitos nada podiam explicar da misteriosa semelhança que havia entre todos os seus livros, que deviam tomar emprestado a uma família comum seu tipo tão especial. Mas a família tinha sem dúvida sua sede no céu, pois a vida de Traves não podia, de forma alguma, ser tida como repleta de ações dessa família, como se, podendo dar seu nome e explicar suas particularidades, ainda que de modo visível, para quem o conhecesse a fundo, reconhecêsemos em alguns dos materiais de que se servira alguma agradável ou terrível circunstância de sua vida. Pois nossa vida, seja qual for, é sempre o alfabeto em que aprendemos a ler e no qual as frases podem ser quaisquer umas, pois são sempre compostas das mesmas letras.

O próprio Traves certamente não saberia dizer a partir de que momento adquirira o hábito de reconhecer em si pensamentos de certo tipo, de certo entusiasmo que precedia sua chegada e que eles exaltavam como sendo algo real e ao qual ele devesse se apegar, e fixar sem mudar nada. Mas de fato nada em sua vida, em sua fisionomia e até em sua conversação podia fazer-nos penetrar mais no conhecimento dessas criaturas misteriosas, das quais, provavelmente, não nos é dado poder chegar mais perto, a não ser através do cristal precioso de seus livros. De resto, se quisermos tentar penetrar mais além, para dentro dessas nudezes misteriosas, à cabeleira trançada de lótus, em que se apoiam os olhos sonhadores em todos os quadros de Gustave Moreau, ou se quisermos conhecer melhor essas falésias onde uma estatueta se ergue numa anfractuosidade, não o conseguiríamos, e por mais que conhecêssemos em detalhe a vida de Gustave Moreau, conversássemos com ele sobre arte, vida e morte, jantássemos todas as noites com ele, não penetraríamos nem um pouquinho no mistério da origem e do significado desses temas, os quais ele próprio, na verdade, não conhecia melhor, e que lhe são trazidos com todo o cuidado, como estranhas filhas do mar, nas ondas de inspiração que o assaltam. O que ele poderia dizer-nos limitar-se-ia aos traços gerais de sua criação, à parte terrena de seu engenho (uma paisagem contemplada, uma terracota admirada), mas não à misteriosa semelhança que os une e cuja essência, embora

incorporada a seu espírito, visto que somente ele a apura e somente ela junta-se a ele e o liberta, lhe é, não obstante, desconhecida.

A fisionomia de Traves era a fisionomia de um homem e sua conversação, exprimindo ideias através de um encadeamento lógico das palavras, das ideias, era também a de um homem e havia nisso algo de razoável e comum a todos. Entretanto, essa conversação era bem notável (mas, por mais belo que seja o ostensório, só no momento em que se fecham os olhos é que se sente a passagem de Deus), embora ela nada tivesse do brilhantismo da de Perrotin. Mas Jean havia reparado que entre aqueles cujo ofício é escrever a palavra é muito mais simples. Eles não empregam nenhum desses jogos, dessas fantasias que nascem de sua pena. Junto de Perrotin, e quando conversavam um com o outro, Traves apresentava algo mais simples, muito menos brilhante, repetindo as mesmas palavras, sem nenhuma vivacidade, e também com maior ingenuidade, caindo quase nos clichês dos jogos de espírito (como quando o outro lhe disse: o sr. Gallé, que veio de Nancy expressamente para vê-lo). Contudo, essa conversação, por mais notável que fosse, desagradava a Jean, cansava-o e lhe parecia, se é preciso dizer, inferior.

Nesse momento, tendo as doutrinas espiritualistas, identificadas com a grande inteligência do sr. Beulier, reputado no espírito de Jean os sofismas do materialismo e do ceticismo, não podia interessá-lo um arrazoado cético e materialista, nem ele podia perder tempo com o que lhe parecia definitivamente derrotado e de reconhecida falsidade. Ora, o sr. de Traves era um adepto da filosofia materialista e cética e manifestava, relativamente aos espiritualistas, um desprezo que Jean considerava de ínfima qualidade. Aquilo que admiramos com maior veemência se nos torna padrão para o resto. Era no idealismo que Jean calcara seu pensamento mais elevado. Era por ele que julgava os outros, e não podia admitir que um materialista fosse um homem inteligente. Todo tipo de livro materialista parecia-lhe uma pilha de papéis inutilmente enegrecidos, um amontoado cansativo de erros. O sr. de Traves citava-os, lia-os sem cessar, só gostava deles.

* * *

Seja qual for a ideia em que pusemos o melhor do nosso pensamento, é quase impossível que não lhe confirmamos uma espécie de excelência e que não julguemos desfavoravelmente aqueles que aderem a uma ideia contrária. E até para o cético, o ceticismo, ou antes, um certo ceticismo, se torna uma espécie de fé, sendo que todos os tipos de dogmáticos são considerados como pagãos que ainda laboram no erro. Jean sentia pena, secretamente, de todos os que acreditavam na Ciência, que não criam no absoluto do Eu, na existência de Deus. E era o caso do sr. de Traves. Além disso, qualquer que fosse o assunto abordado, o sr. de Traves aferrava-se sempre a essas coisas que eram tão indiferentes a Jean que ele deixava logo de escutar. Jamais uma ideia geral do tipo das que o sr. Beulier desenvolvia, jamais as visões proféticas sobre a alma, sobre a inteligência. Mas um fato, o sentido que tivera uma palavra antigamente, o uso de onde essa palavra derivava, as razões pelas quais não se podia acreditar que fosse em tal sentido que a entendera tal escritor, a época a que era possível atribuir tal objeto pelo estilo que nele se notava, a aproximação com outros objetos semelhantes, sobretudo nisso ele era inesgotável. Organizar bibliotecas, procurar bibelôs, tais eram seus mais vivos prazeres, aos quais Jean permanecia totalmente alheio e que lhe causavam um aborrecimento mortal. Quanto à literatura, ele só gostava da do século XVIII, que Jean considerava uma nulidade, pois não era, de modo algum, de seu gosto, assim como a literatura do século XIX era o relatório das verdades misteriosas que constituía para ele a única verdade. Para tentar ir bem ao fundo da conversação do sr. de Traves, não em sua matéria mas em seu modelo, encontrar-se-ia sempre, em última análise, a afirmação implícita de que a beleza é algo real. “Sim, é belo porque *Rome*, não é mesmo, é de fato uma palavra muito bonita!” — “Um *lance*, vejamos, não é belo?”

II. Dias em Réveillon

Quando Jean tocou a campainha para que lhe trouxessem o desjejum, já era tarde. Comeu-o na cama, lendo cartas. — O sr. Henri já se levantou? — perguntou ao criado. — Sim, senhor. O sr. Henri foi dar um passeio a cavalo, mas já voltou e perguntou várias vezes se o senhor estava acordado. Disse-lhe que o senhor tocara a campainha. — E, de fato, ao cabo de um instante bateram à porta. Era Henri. Vinha ver se Jean não sentira frio, se não seriam precisos mais cobertores. Trazia-lhe jornais e pediu licença para que servissem seu próprio desjejum no quarto dele. Poderiam, desse modo, conversar tomando chocolate, Jean na agradável preguiça do leito, Henri ainda mais agradavelmente na mesinha, brilhando devido à recente toalete e ao passeio matinal. Depois deixou Jean ler e se vestir. Às vezes uma ideia que surgia a um deles se impacientava por não ser completada com a aprovação do outro, ou um gracejo com sua gargalhada, ou uma notícia lida numa carta que o surpreendera. E depois de haver olhado o corredor para ver se não vinha ninguém, o que aliás era pouco provável — Henri e Jean eram as duas únicas pessoas que haviam sido alojadas naquela parte do prédio —, Jean de chambre de pelúcia, tendo na mão o copo para escovar os dentes, se aventurava até o quarto de Henri: — Vim escovar os dentes no teu quarto, pois adivinha quem é que está casando? — Ou, já que Henri era bom músico: — Olha, trouxe uma camisa para vestir no teu quarto, porque tens um bom fogo e poderei aquecê-la, e sobretudo porque queria te perguntar que diabo de ária é esta? — Henri sentava-se ao piano, cantava-a, e Jean o ouvia, extasiado, a camisa perto da lareira, aquecendo as pernas, enquanto o criado batia inutilmente à sua porta para dizer que a refeição estava pronta. Jean se apressava, tirava da gaveta uma nova gravata que se harmonizava com seu rosto de modo a produzir um efeito bem diverso das precedentes, de sorte que, a

cada vez, se acreditava tratar-se de uma gravata vermelha sobre um casaco azul, uma gravata branca sobre uma roupa escura, uma gravata cor de palha sobre uma jaqueta da mesma cor, que lhe assentava melhor, dando como que diferentes retratos dele mesmo, de cor e harmonia diversas. Às vezes uma flor colhida num buquê no quarto de Henri opulentava essa gama que parecia completa com uma harmonia mais poderosa.

Henri, para que seu amigo não tivesse o aborrecimento de chegar só, o havia esperado, e atrasados correram depressa pelas compridas galerias de mármore, por entre todos os bustos dos Réveillon, enfileirados cada um sobre um pedestal ao longo das paredes onde estavam pendurados os retratos. Jean pensou que havia chegado: uma nova galeria começava. Depois tomaram por outra escada diferente da que em geral usavam. Sem Henri ele se teria perdido. Entraram na sala de jantar. Sobre a mesa, nos quatro cantos, tufos azuis de cabelos-de-vênus, [\[20\]](#) e no centro zínias cor-de-rosa, amarelas e malvas, bocas-de-lobo, cravos-da-índia, trazidos pela srta. de Réveillon do seu passeio pelo parque, conservavam na vivacidade de suas cores, devida ao seu frescor, brilhosa por causa de um pouco de orvalho que ainda não secara, alegrada pelo sol que vinha do fundo do parque persegui-los até essa sala fechada, essa doçura rara de tom que, sobre o topo da jardineira de porcelana da Saxônia de onde transbordavam, fazia o encanto de uma flor pintada, craveiro bem ereto ou violeta florescente no alto do talo verde e inclinado, e sobre as guarnições brancas da parede, as personagens dos camafeus imóveis, azuis como jacintos ou rosadas como rosas. Mas os ovos quentes já fumegavam por entre as flores frescas. Sentaram-se, e cada um colocou sobre os joelhos um guardanapo cândido como a alegria que brilhava em todos os olhos e que acabava de avivar a descoberta, através da ondulação dourada dos ovos mexidos, de minúsculas flotilhas imperceptíveis de toucinho, meio engolidas, e que cada um se encarregava, com gosto, de salvar do naufrágio. Na verdade, não se tratava de uma descoberta para a duquesa de Réveillon, que nessa manhã dera a ideia ao cozinheiro. Mas por não ter o prazer da descoberta, talvez porque o tivesse do sucesso, não

parecia mais zangada. O autor de uma peça que obtém sucesso não tem, como o espectador que ignora ainda o desfecho, os prazeres da curiosidade. Mas os aplausos lhe dão outros que não são de desprezar. E o duque e Henri juntavam os seus aos de Jean. Não era, como para ele, a primeira vez que comiam ovos mexidos com toucinho. Mas o prazer do hábito é muitas vezes ainda mais doce que o da novidade. E uma lagosta à americana, trazida antes para a srta. de Réveillon, que não comia ovos, misturava ao aroma agradável das zínias e das bocas-de-lobo um odor que não tinha, como ele, um fim em si mesmo, mas que ia completar num instante um ato de posse mais material. Mas já se falava do incidente noturno, pequeno episódio que assumia no castelo a importância de verdadeiro acontecimento.

— Muito bem, meu pobre amigo — dizia a duquesa a Jean, que entrava —, deve ter passado uma noite muito boa. Que tempestade! Será que foi para isso que você veio para o campo? — Mas não, minha senhora, quase não ouvi a chuva — dizia Jean, que se lembrava de modo vago de ter sido despertado por um momento, de ter compreendido que fazia mau tempo lá fora, e se abrigado mais no calor da cama, e de ter voltado a dormir imediatamente, virado para a parede, as cobertas até a nuca, e que muitas vezes não ouvira nada, mas a quem o criado que lhe trazia o chocolate, numa de suas conversas em que sabia misturar a tagarelice ao respeito para despertar o interesse dos patrões sem lhes falhar, havia advertido muito no sentido de que não deixasse escapar, diante da duquesa, um erro por demais grosseiro que denunciase a sua falsidade. No entanto, às vezes, à palavra “tempestade” ele respondia distraído: — Sim, ouvi a trovoadas, mas dormi de novo. — Era o granizo — exclamava a duquesa, feliz com o enobrecimento de sua saraiva. — Não me espanta que você o tenha tomado por trovoadas. Por um momento eu mesma, que me levantei, cheguei a pensar que trovejava. — E à visita que vinha à tarde, ou mesmo sem esperá-la, ao criado que entrava com o prato seguinte, a duquesa não deixava de dizer: — Foi tão forte que o sr. Santeuil pensou que fosse trovoadas. — Ah! Isso não me espanta — respondia o criado de seu posto, em pé perto da porta, com o ar

tímido de alguém que se encontra por um momento fora de suas ocupações habituais. — O carteiro me disse que nos dois anos que está aqui nunca viu saraiva tão forte, mesmo no inverno. — Ouviu, Astolphe — dizia a duquesa ao duque, que se dispunha a ler sua correspondência —, ele diz que o carteiro há dois anos não vê tormenta igual. — E o criado permanecia imóvel, como que honrado com semelhante familiaridade e constrangido por ter de dizer alguma coisa.

Aliás, só se falava nisso desde a manhã, bem antes que Jean estivesse acordado. E antes do almoço, no salão, enquanto a duquesa fazia seu trabalho, ela dizia a cada pessoa que entrasse: — Muito bem, meu pobre amigo, que noite! Que tempo! — Entrando já no quarto, o desejo de falar com sua camareira a fizera sair de sua reserva habitual. Era como se um laço a mais viesse estabelecer-se entre elas. E o acontecimento redobrava a tagarelice entre as mulheres e a atividade do duque e de Henri. Tomaram-na como pretexto para mandar selar os cavalos, a fim de ver se as colheitas não estavam perdidas, verificar as janelas, encomendar uma nova partida de lenha para a lareira, fazer vir os grossos sobretudos na previsão de mau tempo, com todas as precauções como se fossem iniciar uma viagem, e novos hábitos como se estivessem em outro lugar. Procuravam saber a verdade a respeito do acontecido. Cerca das duas horas o duque tinha sido acordado pelos primeiros trovões, a chuva começara a cair em seguida. — Era mais cedo — disse a duquesa. — Você não despertou logo. — Você não olhou bem a hora, minha querida — replicou o duque, que em termos de sono leve não queria perder para ninguém.

* * *

Deixando o duque e a duquesa a fazer visitas nas redondezas ou simplesmente a dar passeios de carruagem, Jean e Henri preferiam os grandes passeios pelo campo. Às vezes um temporal os surpreendia. Corriam para debaixo de uma macieira copada e ficavam olhando a chuva cair, certos de que não duraria muito. Diante deles, os campos juncados de trevos sombrios de tão

verdes, as macieiras inumeráveis que denunciavam, na púrpura de suas maçãs, a maturidade de sua força, o comprimento das sebes; umas por cima das outras, os leves pilriteiros tendo apenas trocado seus adornos brancos de primavera pelos adornos mais contidos e as pequenas bagas rubras de verão, a papoula tremulando ao vento no alto do caule verde como uma flâmula vermelha no cimo de um mastro em meio à velha aveia já branca, o pequeno campanário do resedá ao longo dos caminhos, as inúmeras arquitraves da rainha-dos-prados, [\[21\]](#) a enorme pirâmide dos fenos prontos para voltar, todas as fantasias da cor, todas as ideias da natureza, todas as criaturas da primavera, todas as obras do verão, tudo o que é inseparável do ar doce e ensolarado sob o céu azul lá estava para testemunhar que o sol e o céu azul não tinham ido embora, que reapareceriam logo e que entre eles e o resto do verão a chuva se interpusera só por um momento como um véu sombrio de grossos fios no qual haviam sido capturadas as macieiras verdejantes, as maçãs vermelhas onde sobrevivia, nas cores amadurecidas pelo sol há pouco, a promessa da volta do verão, após o qual, se ele acabasse, elas não ficariam assim solidamente ligadas às árvores, mas há muito levadas para as fazendas ou apodrecidas nos caminhos. E, de fato, logo puderam continuar o caminho e viam, como um altar ao verão, elevar-se no céu ainda negro uma imensa pirâmide de palha amarela sobre a qual descia imediatamente, como bênção do céu, a curvatura deliciosa e cheia de vigor de um arco-íris. Iam bastante longe para ver começar uma nova terra, de características mais tristonhas, de uma diversa individualidade que se devia gravar fundamente na memória dos que a tivessem visto uma vez. Os caminhos passavam agora à sombra de uma ramada. O aroma misterioso das folhas e da terra coberto substituíra o odor franco da erva em que se destilava apenas o incenso mais doce, porém rarefeito pela brisa, dos botões-de-ouro e dos acianos. Aqui, a estação não estava no mesmo ponto que em Réveillon, e sim menos adiantada. E era dos lados de Réveillon que todos os anos lhe vinha a primavera, que avançava em pequenas jornadas abrindo as rosas silvestres sobre as veredas, nas sebes, enquanto em Réveillon já estavam quase murchas. Nesse momento, quando

voltavam para Réveillon, cujo feno não fora ainda cortado, encontraram, desde Montoirs, meninos conduzindo carroças com palha, como numa outra terra de costumes diferentes e mais avançados. Mais ao longe, as terras tornavam-se ainda mais selvagens e acanhadas.

* * *

Às vezes, quando despertava mais cedo ou não recebia a visita de Henri, Jean descia uma hora antes do desjejum. Encontrava a duquesa no salão lendo a *Revue des Deux Mondes*; ela lhe dava bom-dia mas sem se mexer, sem lhe pedir que ficasse junto dela ou sem ir ao seu encontro, pronta para retomar a leitura como se ele não estivesse ali. Depois de alguns dias num castelo, o quarto que é dado a um hóspede, onde os próprios donos da casa não entram sem pedir licença, onde ele acende o fogo se quiser, e as janelas são fechadas à hora que bem entender, torna-se um quarto tão seu que ele deixa, por assim dizer, de estar em casa alheia. Está em sua casa no quarto, e o salão é um território neutro onde a dona da casa recebe menos os seus convidados do que encontra pessoas que vivem na mesma morada, com hábitos diversos dos seus. E com frequência ela lhe dava nesse bom-dia matinal uma má notícia em tom indiferente como: “Creio que o senhor não encontrará Henri, acho que saiu com o pai; foram para Étreuilles.” Mas aos poucos foram tendo maior satisfação em se encontrar.

Um dia — estava ela com um lenço atado à cabeça e um pão na mão — saía quando Jean a encontrou. — Vou dar de comer a meus pavões. Não vem comigo? — perguntou num tom distraído que, sem ser uma ordem para ficar, não era com certeza um pedido para que a seguisse, antes porém a constatação de um estado de coisas. Que interesse poderia ter para ele ir dar de comer às galinhas? Mas Jean, vendo que Henri estava ausente, foi com ela. Dirigiram-se para o grande pátio por detrás do castelo. Como o lugar fosse inteiramente descoberto, todo o pavimento aquecia ao sol sua

ancianidade sorridente e dourada. Talvez essas pedras tivessem outrora tarefas mais rudes, mas há já duas gerações de proprietários seu único trabalho era receber, pela manhã, o pequeno carro do guarda e mais nada pelo resto do dia. A casinha do guarda era toda branca de cal, só possuía duas simples janelas, mas as vides rubras e as rosas amarelas contornavam a varanda, suspendiam aí seus pingentes de leveza e delicadeza requintadas. Nesse momento, um pavão parado sobre o teto, e ali fazendo cintilar todas as cores que o mar alto devia ter em centenas de léguas batido por um sol tão belo, era o seu mais rico e maravilhoso ornamento.

III. As visitas

Os dias de chuva, forçando as pessoas a permanecer no castelo, a ler junto à lareira e, quando se cansavam dessa atividade, a descer às cinco horas para o salão, onde só se chegava em geral no momento de jantar, a conversar com a duquesa, a ver trazerem as lamparinas, a correspondência, a olhar os jornais, a ouvir dizer: “Bote mais uma bucha na lareira: ainda falta meia hora para o jantar”, tinham lá seus encantos. Muitas vezes chegavam visitas, as senhoritas Saint-Sauves, por exemplo, que não tinham medo de nada. Os visitantes eram quase sempre aqueles dos quais se dizia, pela manhã, que sem dúvida os visitariam, e bastante tediosos. Apesar disso, a frase com que a duquesa os recebia era geralmente: — Ah! Eis uma boa surpresa! — As coisas colaboravam com a conversação, a chuva fornecia o tema: — É preciso muita coragem para vir com esse tempo. Não estão molhadas, meninas? — Oh, não! Temos uma berlinda. [\[22\]](#) — E depois eu acho que as moças devem ser educadas para saírem com qualquer tempo — dizia a sra. de Saint-Sauves, que tinha princípios para tudo. De onde os sussurros das moças que pareciam protestar baixinho. — Eis uma sabidinha que não tem cara de ser de sua opinião — dizia a sra. de Réveillon com finura e amabilidade.

A jovem interpelada se animava às vezes a tomar a palavra a fim de repetir o que acabava de dizer baixinho e que todos fingiam querer saber. Em geral era algo assim: — A chuva não é tão agradável. — Todos os que tomavam o bonde andando e estavam no ar, sem perceber, retomavam o pé na conversa. Nesse momento, em geral, Jean, cansado de ler, chegava ao salão e ficava surpreso de encontrar tanta gente. — Henri — disse a duquesa quando ele fez sua primeira visita —, apresenta o sr. Santeuil às tuas primas. — Elas ficaram espantadas ao saberem que Jean não tocava instrumento algum. Como Henri nunca ia às suas caçadas, aos seus

rallye-papiers, a seus *cotillons*, a desculpa da duquesa era que ele estava “na sua música”. Essas senhoritas, ouvindo dizer que Henri tinha um amigo íntimo que não era da sociedade, supuseram que se tratasse de um músico. — É preciso que venhas nos ver com teu amigo, Henri — diziam as moças. — Ele nos prometeu vir. Vamos ver se desta vez vens. Dizer que há mais de dois anos não visitas as tuas primas em Saint-Sauves. — Iremos todos juntos algum dia — prometia a duquesa. — Oh, como ficaria feliz, não ousarei anunciá-lo antecipadamente à mamãe de medo de lhe fazer mal — dizia com exagero a mais velha, que professava uma espécie de veneração pela tia.

A sra. de Fontanges, que vinha toda semana, extasiava-se todas as vezes com o panorama como se o visse pela primeira vez. E, quando a duquesa ia fazer chá, dizendo: — Quem quiser tomar o *meu* chá venha comigo — como se seu chá fosse uma produção patenteada, um prazer delicioso e proibido, um critério que devesse separar os bons dos maus, a sra. de Fontanges a seguia saltitante, puxava o relógio depois de ter erguido o véu e dizia com ar pueril: — Não faz bem merendar às seis horas — mas fingia não poder resistir à tentação. — Ficarei desobrigada de jantar. Ora, não se vem todos os dias a Réveillon! — E ela vinha, às vezes, muitos dias durante a semana! Cada um vinha, sucessivamente, pedir à duquesa uma taça de “seu” chá, sorrindo para mostrar que sabia o que estava pedindo. Aliás, ela fazia tanto quanto quisessem, mostrando-se pródiga dessa coisa tão preciosa. O sr. de Vidaine ficava emocionado por terem pensado no seu grogue, a baronesa de Sainte-Euphémie que se lembrasse de que tomava chá sem leite, com um único torrão de açúcar e somente duas gotas de limão. Comparavam-se os diversos passatempos em castelos diferentes. Em Fontanges, esses senhores pescavam muito. — Ora, aqui de maneira alguma — respondia a duquesa. — Henri nunca se interessou por isso. Ademais, nem sei se há peixes no ribeirão — acrescentava indiferente. — Peixes, que é que está dizendo, minha querida? — replicava o duque, incapaz de suportar que Fontanges tivesse vantagem sobre Réveillon. Dizer que o seu filho não pesca,

ainda vá lá. Mas não existe lugar mais piscoso que Réveillon. Então não sabe de onde vêm os lúcios que come?

A sra. Exel, nova vizinha do campo, imensamente rica, que comprara os terrenos de caça dos Montmorency e que os Réveillon recebiam sem entusiasmo, dizia que estava se preparando para ir à comédia em casa da duquesa de Bourgogne, dando pormenores sobre todos os amigos que lá deveriam ir. — Não, não creio que iremos — dizia a duquesa. — Sophie teve a bondade de me escrever, mas confesso que aqui não gostamos muito de sair. Acho que o campo deve ser um lugar de repouso. Para uma jovem senhora que ainda não frequentou muito a sociedade, a coisa é outra. — À tardinha, no jantar, relatavam a Jean a biografia das pessoas que tinham vindo. Geralmente o tio-avô que morrera o teria divertido muito, a sobrinha que viria talvez dentro de 15 dias sem dúvida lhe agradaria bastante.

* * *

Como Jean tivesse ido passear nos bosques de Réveillon, encontrou um ciclista que, tendo-o percebido, parou e veio até ele cordialmente. Era o sr. Rustinlor. Agarrou-lhe a mão com calor, e deu-lhe esse primeiro bom-dia quase instintivo com sua voz gutural, os olhos fixos e brilhantes, seu jeito acanhado, bem diverso do tom que assumiu logo depois, um pouco cantado, com um sorriso irônico e uma atitude de “poeta lírico”. Sentia-se que esse primeiro impulso, que se mostrava e desaparecia logo, devia ser seu jeito familiar, o que herdara diretamente do pai ou da mãe, o que traria do mesmo modo se nascido sem pendores literários, tivesse tido por tio um honesto merceeiro. Jean perguntou-lhe se “preparava alguma coisa”. Respondeu que não fazia mais versos, que se ocupava de coisas infinitamente mais reais e apaixonantes e, com um tom sentencioso, rindo e franzindo as sobancelhas risonhas com ar complacente e ridiculamente feroz, acrescentou erguendo o dedo: — A saber, a política, a devassidão e a bicicleta. — Segundo ele, era isso, e não a literatura, o que existe de real, pois ela tenta apenas imitar o que essas coisas proporcionam, as verdadeiras

emoções da vida. — É claro que continuo gostando de papai Hugo — disse a Jean —, mas há mais poesia em atravessar velozmente o bosque de Vincennes com bom tempo, por pouco que a gente esteja em forma, ou na cama de certa senhorita que mora por detrás da Trinité, do que em todas as *Contemplações* e *As folhas de outono*. E quanto aos historiadores, aos autores dramáticos, ao dito Tácito ou a um certo Shakespeare, ou ao sr. Balzac, eles nunca pintaram nada tão forte como o que neste momento acontece. Vá ao Palácio da Justiça, meu caro, à Câmara, observe Esterhazy, estude toda essa história, Lanevois, Picquart. Se carece de humanidade, digo-lhe que a encontrará ali, e da verdadeira, e paixão, e paixões, e tudo o que quiser.

Escutando-o, Jean percebia confusamente que o que há de real na literatura é o resultado de um trabalho inteiramente espiritual, por mais material que possa ser a circunstância (um passeio, uma noite de amor, dramas sociais), uma espécie de descoberta que o espírito faz na ordem espiritual ou sentimental, de modo que o valor da literatura não está absolutamente na matéria que se desenrola diante do escritor, e sim na natureza do trabalho que seu espírito opera sobre ela. De maneira que é por uma espécie de grosseiro mal-entendido, de ignorância acerca do que constitui a realidade da obra literária, que as pessoas que principiaram por fazer versos acreditam encontrar a mesma coisa lendo tópicos, viajando, fazendo amor, tornando-se jogadores, misturando-se ao mundo dos especuladores ou da política, vida infinitamente mais literária no fundo, dizem, na realidade ao alcance de todos, e que faz com que tantos jovens autores de maus versos ou até inteiramente incapazes de fazê-los e que passavam o tempo, como Rustinlor, a declamar os versos de outros, discutindo estética nos cafés, se encontrem, pelo contrário, perfeitamente aparelhados para dormir com as mulheres, para jogar o *écarté*, ir aplaudir seus oradores preferidos, exclamar: “Que infâmia” ou “Que Balzac!” ao ler o jornal, ganhar dinheiro, gastá-lo, numa palavra, conhecer a verdadeira poesia da vida. E têm a sensação feliz de que trocaram a sombra pela presa. E de fato, no momento em que não sentiam na poesia uma outra presa, e mais real, deviam se lançar à posse efetiva das coisas, ou antes, à

única posse tornada impossível (as coisas só são possuíveis pelo espírito), a posse material. Mas Jean entreviu apenas vagamente essas coisas e aliás achou mais polido não insistir. Instintivamente, sentia apenas que o sr. Rustinlor não parecia mais inteligente (entenda-se, era um homem muito inteligente, mas Jean queria com isso dizer que não se tornara uma inteligência mais profunda do que fora), e parecia-lhe espantoso que a poesia verdadeira estivesse para tais pessoas, que não tiveram necessidade de “merecê-la”, que ela estivesse, para o primeiro que passasse sobre as folhas de um bosque matinal, na boca de uma mulher.

— A propósito, você não sabe que eu me casei. — Havia desposado a filha de um advogado antiboulangista e que tivera muitos desgostos com o boulangismo.^[23] Assim, embora sempre tivesse sido “contra a ordem estabelecida, a favor das aventuras” e sobretudo pusesse a literatura fora e acima de toda ideia de partido e até da honradez do homem que escreve — ainda que *La Légende* tivesse sido escrita por Ravachol,^[24] não a admiraria menos, supondo mesmo — acrescentava ironicamente — que eu tivesse uma certa simpatia (franzimento de sobrancelhas ridículo e feroz, voz aguda) pelo ato de Ravachol. — Quando Jean pronunciou com admiração o nome de Barrès, ele disse: — Um grande pedaço d’asno, e suas obras também. Você sabe, sei o que é o boulangismo. Meu sogro que, embora pouco entendido em letras, é um homem, no caso, profundamente sutil em matéria de negócios, e um temperamento encantador (era o tipo do que ele chamava antes de seu casamento e sem dúvida ainda hoje, o que há de pior, imbecis chapados, perigosos e sem caráter), pode lhe dizer o que esse Barrès escreveu a seu respeito e, sabe, misturando assuntos pessoais que nada tinham a ver com a coisa. Enfim, fique sabendo que sou imparcial, e sobretudo quando se trata de literatura, mas de maneira alguma um temperamento amável. — Jean, percebendo que se tratava de assuntos que diziam respeito à pessoa do sogro dele, achou que seria bastante impolido insistir. Sorriu ao ouvir Rustinlor falar da imparcialidade que julgava manter naquele momento. Divertiu-se mais ainda quando, tendo levado Rustinlor para jantar em Réveillon, esse feroz inimigo dos aristocratas, que

desejaria vê-los todos no cadafalso, inflamou-se com a amabilidade dos Réveillon, declarando que eles eram “pessoas requintadas, possuidoras aliás de uma ancianidade medieva de poesia intensa, enfim, pessoas muito deliciosas e de bem”.

Não tendo nenhum desses escrúpulos intelectuais que são o apanágio das verdadeiras inteligências, não buscava jamais discutir suas impressões, levar em conta os arrebatamentos da simpatia ou do encanto ocasional da amabilidade. As qualidades de seu sogro ou mesmo dos Réveillon sabiam-lhe deliciosamente. Colocava-as bem acima das qualidades de um poeta, rompendo assim com o que sempre dissera. Mas é que no fundo não conhecia nada dessa vida que recomendava e, não tendo tido nenhum escrúpulo intelectual antes de acolher essas ideias (“a inteligência e a honestidade são estúpidas”), elas não eram muito arraigadas nele e deveriam desaparecer à primeira vista de uma inteligência e de uma honestidade. De resto, tinha já exceções: seu pai, que era um homem “absolutamente miraculoso”, e um velho tabelião, “extremamente bom para ele”, e que ele admirava por seu profundo conhecimento do direito, arrumando isto para aquele, dizendo que possuía conhecimentos precisos a respeito de “velhos textos jurídicos do século XVII, no fundo bem mais repletos de poesia que as elucubrações racionais e sem ranço de época dos senhores Boileau, Racine e Molière”.

* * *

No dia seguinte, veio jantar em Réveillon um jovem adido de embaixada que estava de férias na vizinhança. Como Jean fosse muito amigo dele, pediu licença ao duque para convidá-lo um dia. Era um rapaz muito inteligente, que era tido como gênio no ministério, e conhecia filosofia, arqueologia, música, grafologia. Utilizava, na conversação, um jogo de espírito muito comum à época no Ministério dos Negócios Estrangeiros, ou pelo menos entre os amigos que haviam entrado com ele para o ministério. Era uma espécie de gosto particular pela anedota psicológica, que permite dizer no fim: “É verdadeiramente belo”, “acho que da parte

de um sujeito desses, é espantoso”, “Isso retrata o camarada de maneira incomum”, “É um traço de La Bruyère, não é mesmo?” Mas essas anedotas que os outros contavam rindo, ou de modo peremptório, Expert-Foutin marcava-as com seu caráter particular, feito de sensibilidade extrema em relação a esses pequenos brincos intelectuais, de ingenuidade e de certa admiração pelas qualidades dos amigos que lhe haviam contado essas histórias incríveis e, em suma, a ingênua amabilidade de sua natureza, acompanhando-as com um pequeno riso irreprimível que o fazia interromper-se a todo instante e acabava por lhe trazer lágrimas aos olhos. Mas entregava-se da mesma forma a conversas muito eruditas e cheias de ideias gerais, ideias próprias sobre a música de Beethoven, “que lhe parecia a de um homem de seu tempo, o correspondente, se quiserem, dos tratados de direito público da época”, ou sobre a arquitetura das catedrais flamengas “que estão, todas, é bom lembrar, na terra de um povo preguiçoso e de origem valona etc.”.

Outro traço dominante de sua conversa, que derivava do torneio de frase naturalmente de ordem moral que a caracterizava, era a espécie de horror que lhe inspiravam os homens de letras, os críticos, os artistas puros. E falava tanto do perigo que há em se servir da inteligência ou do senso artístico sem diretriz moral, dizendo que de sua parte preferia infinitamente um rapaz qualquer “que não tivesse lido Flaubert etc.” — que sua teoria se assemelhava à expressão de um rancor pessoal, e Jean pensava que ele tivesse outrora sido, junto a uma moça, o rival derrotado de um romancista em quem detestara os defeitos reais dos homens de letras. Talvez fosse apenas uma de suas inumeráveis teorias, aquela que, a bem dizer, exprimia melhor seu ponto de vista na vida e, sem que ele o soubesse, o ideal da família correta e bem pensante da qual havia saído. Considerava Jean uma inteligência de primeira ordem e, longe de crê-lo inapropriado para diversos estudos, achava que era a preguiça que o impedira de se tornar um administrador ou um sociólogo eminente. Como Jean sempre se mostrara muito gentil para com ele, não via nele nenhum dos defeitos da inteligência literária e dizia: — Seu caso é outro. — Era bondoso, apesar de um tanto seco, e sobretudo pelo prazer de

argumentar questionava casos de consciência o tempo todo, não podia aconselhar a alguém que fizesse uma viagem sem se perguntar demoradamente que espécie de responsabilidade moral estava assumindo.

Assim, como se falasse do caso Dreyfus, Jean ficou boquiaberto ao ouvi-lo dizer que, se Dreyfus era inocente, era um dever doloroso mas um dever para o governo prendê-lo e declará-lo culpado no interesse da maioria. E dizer que ele um dia seria ministro, o mais sábio e o mais honesto que já houvera! Jean não tinha mais confiança na inteligência, no raciocínio. Não adianta nada estudar filosofia, sociologia, psicologia. Seriam preferíveis menos estudos superiores. E Jean pensou, por contraste, num velho amigo do pai, bom homem que não era dado a reflexões e só gostava da Ópera Cômica e dos romances de Delpit. Mas ele era muito bom e sensível e quando suas filhas estavam doentes passava a noite junto a elas, ficava louco. A região estava cheia de suas bondades. É pena que não seja ministro, dizia Jean consigo, tanto mais que sei que ele crê na inocência de Dreyfus.

Os jornais da véspera, atrasados, chegaram com os do dia. Letourneur fora nomeado precisamente presidente do Conselho e acabava de empolgar uma grande maioria no tribunal, declarando que estava absolutamente resolvido a impedir a revisão do processo Dreyfus.

* * *

— Recebi um bilhete de Perrotin convidando-se para o jantar — disse a sra. de Réveillon alegremente a seu marido. E encomendou coisas próprias para o jantar, mandou colher algumas flores, arrumou o salão da melhor maneira que pôde, pois Perrotin, que visitava os judeus, os americanos e Berthe (a duquesa de Penn), e ia a Ilisgamault, era muito exigente quanto ao luxo e ao conforto e a sra. de Réveillon fazia questão, já que se tratava de uma pessoa de má língua, de que Réveillon não lhe parecesse muito fora de moda. — Só ficará aqui uma noite — disse a duquesa. — Provavelmente vai para a casa de sua espanhola. — Era uma mulher admirável e

que o tomara por amante com o objetivo de se lançar na alta sociedade. E, de fato, todas as velhas amigas do visconde Perrotin, a duquesa de Bellegarde, a princesa d'Arretoilles, a recebiam. Até então, a duquesa de Réveillon não a conhecia. Costumava dizer: — Não posso fazer nada, ele não me perguntou nada, nunca a encontrei, não posso dizer nem se é loura ou morena. — Sentia-se, porém, que ela, em princípio, não fazia objeções e que não era mais que uma questão de tempo. De resto, dizia-se que sua filha teria um dote respeitável. E poderia fazer um casamento tão pomposo que os Réveillon participassem do cortejo. Pois, em relação a Henri, a sra. de Réveillon nem sonhava com isso. Além do mais, ela se cingia ao *statu quo*. — Vocês compreendem, não é da minha preferência. Mas gosto muito de Perrotin, gosto muito de Julie (a viscondessa de Perrotin), que era a melhor amiga de minha pobre irmã Saint-Point. Jamais lhe farei alguma coisa que o possa ofender. Cá entre nós, creio que ele terá suficiente tato para não me pedir. — E de fato, ao passo que levava a sra. Torreno à casa dos Sipièges, dos Cévoiles, dos Prisieux, nunca pressentira sequer a sra. de Réveillon. Ela se comovera com isso, feliz e talvez um tanto agastada.

Fazia um tempo horrível, o que contrariava a sra. de Réveillon, pois isso não predisporia Perrotin à indulgência. Ele chegou com um chapéu de feltro mole, um casaco áspero, botas de trabalhador em esgotos. Como se tratava de Perrotin, não se indagava: isso é de bom-tom? Dizia-se: está bem. E, então, percebia-se que, de fato, era bastante engenhoso e ousado usar tais roupas ultraquentes na chuva e ultraleves no calor, roupas que não recuavam diante de nenhuma adaptação conforme a necessidade do tempo. Necessidade das obras de arte de serem impostas pelo prestígio do autor sem passar pelas fileiras da discussão íntima que não saberia concluir por si mesma e de conter algum objeto grávido de sentido para propor à admiração comovida do espectador. Perrotin respondia modestamente: — É cômodo, é por causa da chuva, por causa desse calor.

Perrotin, homenzinho atroz, achava ótimo trair a mulher porque isso fazia-o parecer chique. Sua feiura, seu narigão, sua face

terrosa, seus membros curtos eram como que feitos de propósito assim como as botas de trabalhador nos esgotos e o chapelão de feltro mole. Sua figura e seu corpo eram considerados chiques, como suas roupas. No entanto, se suas maneiras eram as de uma pessoa da mais alta condição social, seus traços exprimiam a essência da mais baixa, e a curva inepta de seu nariz, o fogo oblíquo dos olhos, a escassez de cabelo e as borbulhas da pele eram francamente devassos. Estúpido, passava, na sociedade, por ser homem de espírito surpreendente, porque viam-no sempre disposto a fazer rir as atrizes e porque recontava perpetuamente histórias em que havia bêbados, com ar entediado e sem dar opinião. Para as senhoras idosas, era um intermediário entre elas e o vício, assim como outros homens o são entre elas e a ciência, porque têm fama de haver lido todos os livros, e ele gozava da fama de ter possuído todas as mulheres. Elas o olhavam dizendo: — Este homem conheceu-as de todas as cores — como dizemos nós a respeito de um explorador: — Dizer que este homem esteve no polo. — Durante todo o jantar, ele contou histórias com sua voz límpida e afetada. Como no teatro, dizia coisas que devem fazer rir, onde se tem o ar de ser simplório: “Gosto disso, é conveniente, não, não, não”; depois, fazendo subitamente o público de ator, ria de se torcer e olhando todo mundo. — Esse Perrotin, sempre o mesmo — dizia o duque de Réveillon. — Sabes que faz quarenta anos que nos conhecemos? — Claro que sim, em 49, na casa da mãe dos Lacets, a própria irmã do duque d’Étoille, palavra de honra. Até nem desejo lhe esconder, minha cara amiga — acrescentou voltando-se para a duquesa —, que seu marido preferia infinitamente à marquesa de Saint-Lieuvin, à Athenaïs, se ousa me exprimir desse modo, pois ela se chamava Athenaïs, algum desejo que tenha eu de lhes causar prazer, seria mentir se lhes dissesse que ela não se chamava Athenaïs, afinal de contas talvez não vejam nisso qualquer inconveniente, e eu ainda menos. — Voltando-se para Jean: — Ainda menos, o senhor? Não? Muito bem então, está tudo bem. (Pausa e risos.) Assim, o seu marido, que não o era ainda nesse tempo, preferia à Athenaïs a sua camareira, que tinha cabelos de um louro acinzentado — pois é preciso dizer que nessa ocasião ele

gostava das louras de tom acinzentado, talvez possa me arriscar a dizer das louras ruivas, não seria exagero. Então sua ruiva, não o seu marido, mas era uma verdadeira ruiva — ah, senhora, não proteste! para um ruivo uma ruiva — Athenais sabe de alguma coisa, não é, meu velho Justin? — disse, olhando para o duque. — Ah, senhora, permita, sei que seu esposo, como dizem os porteiros, não se chama Justin, não mais que eu, não mais que a senhora e Deus sabe até que ponto a senhora pouco se chama Justin, senhora duquesa. Impossível pelo menos chamar-se Justin. (Riso do narrador e aqui ele pegou na mão da duquesa, sentada à sua esquerda, dando-lhe palmadinhas: Ah, minha boa duquesa.) — Depois falou de arte, da peça do sr. Donnay, e do sr. Lemaître, do sr. Pailleron, pois como homem de posição dizia Senhor ao falar de pessoas que não conhecia, pois isso era quase transformá-los em pessoas da sociedade e entretanto não o eram absolutamente, pois sabiam o nome deles mas não os conheciam de maneira nenhuma: era como para um casamento. — Quem é esse sr. Hutchinson que se casa com a filha de Berthe? Dizem que é muito distinto. Não o conheço. Mas Saint-Pieds o viu na casa de Mathilde e achou que tinha muito boas maneiras. — Criticou uma peça sobre a sociedade. A filosofia do homem da sociedade consiste, de fato, em dizer isto: — Esses senhores podem ter muito espírito e imaginação, mas falam do que não conhecem. Não, um sujeito desses tem a pretensão de nos levar à casa de uma duquesa. Ora, ele nunca esteve lá. Infelizmente isso é muito fácil de ver. Os grandes romancistas de antigamente eram talvez grandes romancistas não só por serem grandes espíritos mas também porque eram, em todos os sentidos, pessoas distintas. Sei muito bem que quando era pequeno e ia à casa de minha tia Célestine, via ali Balzac, que pintou tão bem essa sociedade porque foi recebido nela, e Delacroix, que estava nas melhores relações possíveis com meu tio Fitz-James. Por mais que se diga, para pintar uma sociedade basta conhecê-la. Não saio dela. Acho que é muito simpático o sr. Lavedan ir ao Moulin-Rouge; de minha parte não vejo nenhum inconveniente, se isso lhe agrada, mas ele que não venha depois nos dizer que nos levou à casa de uma duquesa. Ah, isso não, ora

essa! — Jean se sentia estúpido na presença do sr. Perrotin e dizia consigo que jamais teria espírito, tentava captar o jeito de ser de Perrotin sem o conseguir.

IV. Passeios

Às vezes chovia a noite inteira e toda a manhã. Depois do almoço a chuva parava, mas o sol nem sempre aparecia. Jean e Henri saíam ao longo da estrada. Ouvia-se apenas a elegante vinha virgem que fazia a toalete e secava suas folhas vermelhas, deixando deslizar de vez em quando uma gota que caía na pedra com um tinido agradável, bem diverso do das primeiras gotas de um aguaceiro, e que é, ao contrário, o tímido prelúdio do bom tempo que retorna e do começo da vida lá fora. Logo vinham se juntar a ela os gritinhos dos pássaros que, como no despontar do dia, antes de se arriscarem a voar e a cantar, pareciam reconhecer o tempo, experimentando com prudência a sonoridade da atmosfera. E ao ultrapassarem a barreira, no grande silêncio da estrada vazia, tendo sido impossível trabalhar fora, os dois ouviam, vindo das quintas silenciosas e como que adormecidas, o mais corajoso estímulo, a fanfarra dos galos, arautos da manhã, tranquilos em seu pátio, de onde se dirigiam à vizinhança de léguas ao redor em suas proclamações estrepitosas que, como as trombetas do regimento, tocam o despertar, a saída para a praça, a incansável exortação para todas as fadigas de que não participam.

Henri, como dissemos, estudava botânica; o estudo dessa ciência, a coleção de um herbário correspondiam também, de resto, a seu amor à ordem, a sua necessidade de movimento e a seu gosto pelo encanto. Por isso, amava essa terra em que tantas furnas estão escondidas sob o rochedo, vales a descoberto jazendo entre as montanhas mas solitários (onde ninguém talvez jamais desceu, pois é preciso descer não longe das rampas inextricáveis e depois deixar-se deslizar ao longo de rochedos enormes para alcançar um fundo que só leva a uma encosta da montanha a pique, que obriga a retomar o mesmo caminho), sempre molhados pelas torrentes, raramente secos pelo sol, onde todas as plantas desconhecidas em

outra parte cresceram com incrível vivacidade e adquiriram essas cores às quais a unidade dá tanto brilho. Chegados até lá, frequentemente não ouvindo mais nenhum barulho, enquanto Henri ia procurar as plantas que lhe faltavam, Jean se aprofundava numa dessas vastas anfractuosidades, retiros mais profundos ainda que o silêncio guardado no próprio seio da solidão, onde uma dobra arborizada do rochedo chega a lhe esconder da vista o resto do vale, onde ouve a respiração de uma borboleta pousada numa flor. Dali, Jean não podia ver mais Henri. Admirava, no fundo do gracioso vale, na ponta de um caule delgado, uma dedaleira de cor violeta, habitante silenciosa e brilhante desse lugar, com algumas bocas-de-lobo que formavam grupos de quatro ou cinco. E Jean pensava no que representava um local da terra, um local da terra onde a gente passa, mas que permanece ali ao pé de seu rochedo ou às margens de sua torrente, que não viu coisa alguma do resto do mundo. Lá, onde se estava nesse momento, onde se vivia, parecia antes que se devesse estar morto ali, sob essa dedaleira que nunca viu coisa alguma do resto do mundo; muito menos essas pequenas bocas-de-lobo. A terra em que nasceu está muito longe daqui, ele está separado dela. Um lugar da terra é aquilo. Por mais habitado que seja, é também longe que se estende a vista das macieiras, que leva o sopro da brisa marinha. Depois são outros lugares, também separados de tudo, de tudo o que suas árvores não verão jamais além de seu horizonte, onde a noite nunca desce sobre as mesmas coisas, mas sobre outras que um pensamento da natureza parece ter fixado lá, na ignorância de todas as outras, tendo como que uma espécie de imagem, formando como que a fisionomia de uma pessoa, uma imagem própria, à qual alguns se acostumarão até a sentir amizade, como o inspira uma figura humana, mais talvez, e que outros verão, por uma vez, como uma figura estranha que não pode segui-los quando partem, que não se volta para trás, que lá permanece a esperar a noite, sua noite pessoal, como jamais teve outra, a sombra gelada de uma montanha ou a brisa marinha, que eles talvez não possam esquecer, que a semelhança de outro lugar os fará recordar subitamente, fazendo-os sentir o desejo e provavelmente a impossibilidade de aí voltar para o resto da vida.

Sim, bem longe, um outro local da terra será parecido, prova de que o anterior possuía a sua imagem, muitas vezes sem que se saiba o motivo, como uma pessoa relembra outra. Mas não será a mesma, a semelhança só acusará a personalidade. Se outro se parece comigo, é que eu era alguém. E seus olhos pousando na dedaleira que também ia deixar, que não veria jamais coisa alguma a não ser as três pequenas bocas-de-lobo e essa pequena dobra do rochedo, que jamais vira uma flor que tivesse sentido a brisa marinha, um inseto que tivesse estado na Itália. Ah, e bem mais perto era também longe, para ela não havia longe nem perto, estava separada do resto da terra, da qual só conheceria as três bocas-de-lobo. Jean teve vontade de levá-la consigo, mesmo que tivesse de arrancá-la, que importa, e gostaria também de levar esse vale, tirá-lo desse isolamento que lhe dava, pela primeira vez, o sentimento dessa coisa inconfundível, que estava fora de todas as outras, e não poderia jamais se aproximar dela, e com quem só o silêncio compartilharia a solidão. Depois, desistiu. Receia-se tocar naquilo que é tão semelhante a si mesma. Pegar a dedaleira sem as bocas-de-lobo... Seria preciso levar tudo ao mesmo tempo, a forma da anfractuosidade, a peculiaridade da solidão, a fisionomia do silêncio. Teve de se reunir a Henri, mas lhe disse: — Vai até lá comigo, vou te mostrar uma bela dedaleira, mas não poderás arrancá-la — e sem entrar no retiro mostrou-a da beirada. — Oh, não vale a pena pegá-la, tenho uma igual, é a *digitalea corrunebea*, existe em toda a parte, na França, na Europa, na América. Eis o que vi nos livros — acrescentou rindo.

Tais palavras ressoaram com uma espécie de solenidade na alma de Jean e ele a encarou sem tristeza, tão isolada como flor perecível mas tão grande como tipo, tão vasta na vida e como pensamento duradouro na natureza. “E eu também”, disse consigo, “muitas vezes me senti isolado do resto do mundo como a pobre dedaleira. Mas em outras ocasiões senti que ele estava repleto de ideias semelhantes às minhas, desde o passado mais longínquo, e que nasceria também no futuro, para que eu às vezes até sonhasse em conservá-la para a oferecer à nossa amizade, num livro que seria eu mesmo, uma ideia que se assemelhasse às suas.”

Estavam de volta. Henri, vendo nos olhos de Jean que ele meditava, andava na frente sem dizer coisa alguma para não perturbá-lo. Pouco a pouco as ideias de Jean se ocultaram com menos força. Sem dúvida, esclarecera o que o preocupava e, cansado de estar tão fortemente concentrado em si mesmo, seu pensamento se dirigiu alegremente para o amigo. Viu-o à sua frente e compreendeu a delicadeza de sua distância e de seu silêncio. Segurou-lhe afetuosamente o braço, dizendo: — Meu querido Henri, sou muito feliz em ter-te aqui na terra. — É tarde: agora que não estás mais meditando, andemos mais depressa — disse Henri, dando porém um tapinha amigo no rosto de Jean para que compreendesse bem que, se estava satisfeito com essa resposta tão em desacordo com a efusão do amigo, não era de modo algum para censurar implicitamente a animação de Jean, e sim pelo prosaísmo de sua natureza que, achando-o terno, era incapaz de lhe corresponder com impulsos semelhantes, por uma amizade igual que oferecia à sua, menos como presentes de igual valor do que como remédios soberanos e inencontráveis, em troca de seu talento a sua simpatia inteligente, do seu nervosismo a sua calma, e para a sua pessoa, a pessoa dele, com o que dela dependesse, toda a sua vida.

* * *

Jean gostava de passear no jardim dos Réveillon, sem chapéu, seguindo a passos lentos pelo cascalho a aleia orlada de platibandas. Era primeiro uma roseira branca onde cada ramo trazia um enorme buquê de macias rosas brancas apertadas umas contra as outras, como antigamente transbordavam dos vasos do salão, na casa do tio de Jean, que eram cheios no domingo pela manhã com as flores do jardim e de onde se evolava esse mesmo aroma suave que se respirava de passagem diante da roseira branca. O prazer que Jean sentia então estava em si mesmo tanto quanto na roseira. Henri sentia-o e se afastava para deixá-lo mais à vontade a fim de que Jean pudesse buscar melhor em si mesmo tudo o que despertava esse odor. Há momentos na vida em que, diante de um

quadro de Van Dyck, sentimos que não há nada mais delicioso para amar. Outras vezes, temos esse mesmo sentimento diante de uma roseira branca. Que felicidade então ver, como nessa platibanda de Réveillon, todas as obras-primas de roseiras, erguendo-se uma após outra, ofertando ao coração inflamado de amor pela primeira roseira branca mais do que ele poderia imaginar, uma roseira de profundas rosas de púrpura, uma outra de pequeninas rosas cor-de-rosa como taças pouco profundas, uma roseira de pétalas violáceas e simples como uma flor de rosa-silvestre; era uma galeria comprida de roseiras, onde cada uma parecia a mais bela, sempre uma roseira como a reconheciam em sua personalidade voluptuosa e nobre, mas cada vez se encantando com uma imaginação diversa, ora pela riqueza da púrpura ora pela candura das pétalas brancas, como um artista cujas telas exprimem um novo amor por um outro sonho em cores peculiares. O amador, entusiasmado de ter sob os olhos uma coleção tão rica, assombrava-se com a inesgotável fertilidade do artista do qual cada criação era tão original e tão nova e deixava todas as vezes transparecer tão plenamente, sem uma só mescla, sua personalidade rica e amorosa.

Mas, como só se ama um pintor, só se gosta de uma flor. E junto dessas grandes roseiras estava uma multidão de gerânios rosados, vermelhos, zínias, rosas, cravos-da-índia amarelos, e de flores violetas, todas essas pétalas violetas, castanho-avermelhadas ou vermelhas que nossa infância estava acostumada a ver pulular nos jardins onde não as amávamos, e que agora ficamos felizes de ver coroar ainda as platibandas dos novos jardins, nelas misturando essas cores arrebatadoras, intensas, afetadas, que reconhecemos como o esplendor persistente dos anos de outrora, no qual todos aqueles que viviam nessa ocasião não estão mortos e onde sobrevivem essas criaturas que não se lembram de nós, essas loucas capuchinhas, essas roseiras imóveis, essas fúcsias que olham para o chão, como se o mundo não fosse uma sucessão ininterrupta de quadros que não voltam mais, como se os anos passados vivessem ainda e persistissem as platibandas de antigamente, como se a alma desse tempo flutuasse ainda nesses

jardins parecidos, onde à mesma hora de calor se perseguissem as borboletas.

Depois do almoço, durante os bons dias, embora fizesse um tempo “de passeio”, como dissera pela manhã o criado de quarto entrando no aposento de Jean, este preferia ficar algum tempo com os Réveillon sem fazer nada, sentado numa cadeira de balanço, às vezes até estendido na relva. Todo o terreno estava ensolarado, não somente amarelecido, dourado pelo sol, mas inteiramente penetrado, todo embebido de sol, nutrido de sol como uma mulher que dormiu muito, desse sol que por momentos era visível na extremidade de um talo de erva, todo faiscante. — Ponha ao menos o chapéu sobre os olhos, vai ter insolação — dizia a duquesa a Jean. Pombos pisavam esse relvado com pata vagarosa, como se estivessem fazendo um exame prudente, enquanto pardais saltitantes imprimiam-lhe uma vibração mais rápida como se pensassem que esse lugar fosse propício a algum rito sagrado ou a escavações científicas, a paisagem intumescida de sol parecendo, com efeito, nesse momento, das que se veem nos objetos de arte, visto que estavam dispersas em sua superfície esses misteriosos pombos, de matéria tão preciosa, cinzenta como prata antiga e muito mais doce, tão graves em seu silêncio que em cada movimento amplo de seu voo pareciam cumprir um rito, e tão realizados em sua forma cinzelada, até mesmo no delicado ornamento de seu bico, que pareciam, a cada vez que pousavam, completar por um momento a perfeição do sítio escolhido por domicílio. E nesse momento, nesse grande vaso antigo de prata, no canto do terreno, avançando, pareciam mostrar como era vasto e profundo e conteria abundantemente as coisas por demais esquecidas e que ele ofertava e que o pombo parecia procurar aí, ora sobre essa estátua de Minerva, pousando-lhe na cabeça, dando-lhe um de seus nomes, seu penteado aparatoso pelo que possuía de palpitante, ou até, quando parecia imóvel, colorido, acrescentando à estátua essa invenção de uma cor a mais, de uma fantasia tirada da natureza que nos fascina em certas esculturas antigas, ou caminhando a passos lentos nessa relva dourada mas dando apenas a ideia dos gozos vulgares de calor, de preguiça e de

sono, a gloriosa aparência de uma terra de belezas, amiga das belas formas, onde passeavam pássaros misteriosos de prata cinzenta e onde se erguia, testemunha de que seus flancos eram harmoniosos e só se vestiam de ervas, a estátua de Minerva coroada de um pombo e estendendo sua filha à bênção do sol que inundava a ela própria com sua onda dourada.

Entretanto, mais belas que os pombos, pois eram o grito profundo desse dia radioso em que tudo se achava em seu extremo, nada conseguindo enfraquecer a luz, eram as suas sombras tão escuras que passavam sobre a grama, brilhantes de tão negras e como que o avesso da luz do sol que estava em toda a parte, de sorte que tudo o que se mexesse na terra pudesse apenas deslocar essa luz e torná-la imediatamente perceptível, pois qual um deus escondido, à semelhança dela, o sol também estava em toda a parte. Sim, naquele dia o sol estava sobre a terra e o homem podia, como Josué, comandá-lo. Quando no castelo em frente fechavam uma janela, na casinha do guarda, o sol, enxotado, pulava e voltava a seu lugar. Quando a carruagem do sr. duque passava pela ponte do Loing, via-se, como um pedaço de mercúrio que foge e se perde, correr na água o reflexo da vidraça em fogo de seu cupê e mais abaixo, sobre o Loing, contra a pedra esverdeada pelos anos e que a hora dourava, a barquinha que desfrutava, como todos, a preguiça deliciosa desse dia, presa à água em que se embalava como numa rede sobre a qual se deixava erguer voluptuosamente, fazia escorregar veloz sua popa em direção à prancha quadrada, a ágil trama impalpável de prata que os reflexos do sol dourado na crista das pequenas ondas faziam passar sobre ela.

* * *

Nesses belos dias dos quais se diz, quando se aproximam: “Faria bom tempo, se não ventasse tanto”, o duque sofria de verdade porque o vento lhe causava nevralgias. Mas a duquesa, sempre dizendo a Jean quando o encontrava ao voltar de dar de comer aos pavões, e sempre segurando as fitas do chapéu que esvoaçavam: — Gosta deste tempo? Quanto a mim, nem sei onde estou, só fui

até os pavões e já estou toda despenteada — apresentava, como Jean e Henri, a fisionomia feliz que nesse mesmo momento mostravam os bosques, as videiras, castigados pelo vento porém faiscantes de sol. E, aprumado no telhado da casa do guarda, deixando brilhar ao sol o papo azul e a cauda verde, como é de duas cores a água do mar nesses tempos resplandecentes e agitados, um pavão absolutamente imóvel ostentava no flanco pequenas plumas que tremulavam ao vento como se ele se tivesse transformado numa coisa inerte, que só possui os movimentos que o vento lhe comunica, e nem tem forças para lhe resistir.

— Que estão fazendo? — Henri tinha de estudar para se formar em ciências e Jean precisava ler. — Muito bem, eis o que lhes aconselho — dizia a duquesa —: vão ao bosquezinho de pinheiros, acho que você ainda não conhece aquele lado de lá — acrescentou, dirigindo-se a Jean —, mas Henri conhece bem o caminho. Lá não venta e, se não quiserem voltar para o lanche, há uma granja bem pertinho, nas vinhas. — Sempre falando, desabotoou o casaco, pois só de ficar assim dois minutos falando ao sol sentia-se logo muito calor. A duquesa tinha razão. Tão logo chegaram ao bosquezinho, Henri e Jean não sentiram mais o vento. Foram para bem longe um do outro para não se perturbarem. E, de fato, depois de alguns minutos Henri já não sabia mais onde estava. Às vezes Jean ainda não havia começado a ler, e buscava seu lugar. Ficavam ouvindo e só escutavam um leve sopro, um murmúrio contínuo semelhante ao barulho do mar. E cada vez que Jean erguia os olhos, via diante de si o céu imenso como um mar sem limites, calmo, azul e suave ao longe, apesar do murmúrio que ouvia a seu lado, agora fraco, pois, como acontece muitas vezes nessas tardes, o vento diminui cedo. Leves nuvens brancas vogavam insensivelmente no céu como veleiros que voltam. Às vezes, algumas nuvens passavam tão próximas que eram vistas nitidamente a andar bem depressa, seguidas de perto por outras. Mas no meio da imensidade calma algumas pareciam imóveis como barcos pescando. Jean voltava a ler; depois, quando se cansava, deixava o livro de lado e o sol vinha iluminar e despertar nele todos os pensamentos que a leitura fizera flutuar em seu espírito um a um, e o vento, pela leve agitação que

imprimia às coisas, fazia-as andar ainda mais depressa sem que ele tivesse de fazer qualquer esforço. Sentia-as ir embora. Gostaria de falar com Henri e estava decepcionado por encontrá-lo absorto na leitura, tanto quanto temos pena de compreender que a hora da alegria, o tempo de repousar, não soam para os outros ao mesmo tempo que para nós, e que tudo aquilo que acaba de resplandecer para nós não seja ainda revelado para os outros. Quando, depois de um trabalho fecundo, corremos para a rua, loucos de alegria, muitas vezes o nosso olhar só provoca num transeunte, imerso nesse instante num pensamento lúgubre, uma irritação de desdém, e quando encontramos um amigo no momento em que sentimos no coração o máximo de amizade por ele, frequentemente ele acaba de lembrar, encolerizado, a má acolhida que lhe fizemos num dia de menos cordialidade, e no qual, pelo contrário, na plenitude de suas aspirações, ele só respirava eflúvios simpáticos no ar. Enfim Henri pegou seu livro e eles voltaram.

Desciam pelas vinhas, que, brilhantes de sol, estavam invadidas pela mesma alegria que possuía Jean. E chegavam à granja cujos degraus acariciados pelo sol respondiam com um sorriso ao sorriso de Jean. E punham-se a beber sob as macieiras de frutos já maduros, que haviam perdido há muito suas flores de primavera, conservavam ainda na graciosa confusão dos delicados ramos algo de seu encanto anterior e que lembrava a juventude. E sobre o muro as ervas daninhas se entregavam ao vento despreocupadamente. Então Jean já não se fazia a pergunta, que outrora lhe ocorria ao voltar do teatro, ao deixar a srtá. Kossichef, se lhe era então impossível conhecer a felicidade, pois tudo lhe dava apenas um prazer incompleto, aquém do esperado, e sobretudo, por melhor que fosse a coisa, parecia não conciliá-lo consigo mesmo, deixar a sua alma impotente ou incompreendida e exposta à inquietação, e sua inteligência, ao desespero. Em seus passeios e sonhos, ao contrário, cada coisa parecia ir além do prazer que levava consigo, responder a ele, exaltá-lo. Os bosques, os vinhedos, as próprias pedras se haviam harmonizado com a luz do sol e a pureza do céu, e quando o céu se cobria, como por uma mudança de tom, a multidão das folhas, a terra das estradas, os telhados da cidade,

tudo permanecia unido num mundo novo. E cada um dos sentimentos de Jean parecia também, sem esforço, harmonizar-se com todas as coisas, e ele sentia essa satisfação profunda que resulta da harmonia.

V. Os serões de Réveillon

Nas tardes em que voltava no momento de se ir para a mesa, Jean não tinha tempo de fazer uma toalete demorada no quarto. Na pressa, entrava, seguia às apalpadelas ao longo da parede até o lugar em que, tanto à direita como à esquerda, penetrava no quarto como se a peça acabasse ali, mas deixando um grande espaço livre por onde se entrava sem sair do quarto, já que o quartinho de toalete não era dotado de porta. Lá, riscava um fósforo, acendia uma vela para pegar depressa as coisas de que necessitava, soprava-a e saía. Ficava tão pouco tempo que a vela frequentemente não tinha tempo de acender bem; ele já a apagava e vinha descendo. Assim, enquanto pegava o lenço ou a gravata, a claridade hesitante que ainda não iluminava todo o toalete e, sim uma pequena parte de sua cômoda, nada tinha de alegre em si mesma. Mas Jean já via a sala de jantar reluzente com a luz da lamparina, o jantar servido, os amigos reunidos, uma carta lacrada posta sob o seu guardanapo branco e, depois de ter assoprado a vela, corria pelos compridos corredores, descia as escadarias. Precisava quase se preparar no momento de abrir a porta da sala de jantar, a fim de não ficar ofuscado e abafado com o deslumbramento da luz, do calor, de tranquilidade, de bons cheiros que vinham submergi-lo bruscamente. E já nesse toalete, diante da cômoda sobre a qual a chama da vela, custando a crescer, demorava-se com assomos de claridade, com tentativas de iluminação que ele não lhe dava tempo de realizar, última etapa de permanência no frio antes de se aquecer, de fome antes de jantar, de solidão antes de se reunirem todos, de escuridão antes da iluminação total, esse pequeno clarão trêmulo o encantava como se fosse a aurora de um grande dia.

Nesses instantes deliciosos em que o desejo antecipa já a posse, enquanto ele pegava rápido tudo aquilo que precisava e, para não

ter de voltar, perguntava a si mesmo se não esquecera nada, o olhar de Jean brilhava com uma alegria que as pequenas luzernas do seu toalete, por detrás das cortinas de musselina, e onde, pela manhã, ele ia olhar o tempo ao acordar e mais abaixo os campos e os bosques, foram as únicas a ver, à luz frouxa da vela crepitante. Alegria contida e difusa nesse momento, nesse pequeno toalete, que ia pular através dos corredores, bater com pés impacientes pelas escadas, fazer sentir na corrida para baixo, de quatro em quatro degraus, o pisar de seu contentamento e, na escadinha que levava à sala de jantar, erguer-se degrau a degrau como sobre um estribo que lhe dava um novo impulso, uma alegria, que, enquanto isso, se disseminava como poeira de germes no toalete, inundando, ensopando, acariciando e fustigando com olhares felizes a primeira gaveta da cômoda, difícil de abrir com sua chave que não entrava mais, a fileira macia e branca de seus lenços que a luz banhava como leite. Ah, mesas esbarradas de passagem, retoques dados com satisfação à cortina que se fecha, e porta que se cerra com todas as forças, e como que empurrada por um vento de esperança, ah! toda essa alegria que seu filho deixava no quarto ao fechar a porta e voltava a encontrar à noite, respirava tranquila de felicidade quando ele vinha se deitar, ah, se a sra. Santeuil pudesse vir saciar-se dela em lugar dessas paredes cegas, escondidas na sombra e mudas, como seu coração materno se encheria de luz: coração materno que, em seu caminho sublime, na celeste impotência dos planetas para tirar de si mesmos a sua luz, a aguarda eternamente, quando a felicidade de seu filho, como a estrela esperada de seu destino, não vem luzir e entregar-lha.

* * *

Assim, todos vocês já percebem a vida que Jean levava em Réveillon e se dão conta de que ela o tornava muito feliz. Tal era o julgamento da princesa de Durheim, cujo castelo ficava nas redondezas e onde se levava uma vida bem diferente. O castelo comportava um vasto salão de entrada, forrado de peles brancas com móveis ingleses, onde, depois do almoço, a princesa tocava

órgão. E, além disso, com requintado gosto, sem alterar o estilo do castelo, levava consigo os Monet e os Pissarro dos quais lhe seria mais custoso separar-se, os que de mais a mais, correspondiam melhor à natureza da região em que se encontrava. Havia sempre artistas hospedados, e em vez de se dedicarem a pequenos jogos, escreviam, bem próximos uns aos outros, dando cada um sua variação a um determinado tema, pintando os belos efeitos da natureza. Iam muito à missa em Réveillon, pois nada é mais delicioso que uma igreja do campo, mas a princesa pedira ao cura, logo que chegara, que ensinasse às crianças os coros de Bach em vez da música abominável que até então se cantava, e com a qual o duque e a duquesa se contentariam por toda a vida, conhecendo muito pouco do assunto para se incomodarem. Como em Réveillon, davam-se muitos passeios, mas não da mesma maneira, para ir pescar, para fazer visitas, para excursionar à aldeia, a fim de abrir o apetite para o jantar; e sim para admirar uma paisagem com luz particular, escutar a distância os sinos da igreja, captar uma sensação ou fazer um croqui. Quando fazia mau tempo em Réveillon, encolhiam-se ao pé da lareira ou, se temessem ter dor de cabeça, davam um passeio até a aldeia, ou visitavam o castelo próximo. Em Durham, o mau tempo tinha fama de possuir um encanto especial e todos iam molhar os pés sem outro objetivo que o de se deliciarem com isso. Em Durham ninguém nunca sacrificou, como em Réveillon, uma noite após o jantar com uma partida de *piquet* em vez de observar um efeito do luar.

E a vida em Réveillon era também bastante diversa da de Soulanges, em casa do marquês de Porterolles, homem de sociedade, pouco artista, e que a princesa de Durham considerava imbecil, mas que “gostava de se rodear de pessoas inteligentes” e que declarava morrer de tédio se não tivesse a seu redor mulheres espirituosas e algum conversador que lhe pudesse fazer frente. Tinha também em sua casa homens de letras, aqueles que os amigos da princesa achavam umas nulidades, que possuíam um nome e buscavam boa companhia. — Não, como deve ser aborrecido em Réveillon! — exclamava o marquês de Porterolles, pensando como faltavam lá a boa música, as discussões à mesa

entre pessoas conhecidas, as palavras graciosas de uma bela dama espirituosa. E pessoas infinitamente mais sérias sentiriam também bastante desprezo pela vida que se levava em Réveillon, onde não se tratava da terra, onde ninguém se incomodava com a colheita e a sementeira, onde uma visita a um castelo vizinho era o dever mais penoso e uma partida de xadrez a ocupação mais grave, onde Jean não fazia nada mais cansativo do que passear no campo antes do jantar ou, pela manhã, ir com a duquesa dar de comer às suas galinhas.

No entanto, por mais ociosa que fosse, essa vida era sem dúvida bem boa, já que Jean se mostrava tão feliz. Certamente mais feliz que em Paris, entre pessoas distintas e as mulheres de espírito indispensáveis ao marquês de Porterolles, mas cuja ausência suportava com bastante facilidade. Quantas vezes, depois de os haver escutado, lembrando-se de suas palavras para poder contá-las novamente, entrara em casa triste, aborrecido, com uma sensação de vazio! Para vencer o sentimento de que perdera completamente a noite, era obrigado a dizer de si para si: “Enfim esta noite ouvi o célebre sr. S., conheci a bela sra. T. Ainda assim, é interessante tê-los conhecido. É uma recordação para o futuro.” E guardava cuidadosamente, como uma razão de ser de sua noitada e uma consolação de seu mal-estar, esse “fato de os ter conhecido” que, no futuro, era preciso acreditá-lo, assumiria um interesse que com certeza, no momento, era-lhe impossível encontrar. A vida estava como que seca dentro dele. Quando a sós por um instante, recordava para si mesmo as palavras de S. ou da sra. X., não tendo nada para dizer. Como tudo isso era diferente das tardes de Réveillon, onde os pensamentos fluíam com tal força em sua mente que Henri, vendo seus olhares dependurados como sobre um abismo, se afastava e caminhava adiante dele para não perturbá-los. Um dia fora com a princesa de Durheim contemplar um pôr de sol e ela tivera palavras bem bonitas. Dissera: — É um perfeito Monet, oh! este céu de... — Mas, ao voltar, Jean teve de confessar a si próprio que não encontrara de modo algum o prazer que procurara e o céu lhe parecera um tanto frio, brilhante e aborrecido como um manto, não tendo maior profundidade que um manto.

Parecia-lhe que agora podia haver um céu cor-de-rosa, depois um céu azul e um céu verde, e que isso não lhe daria mais alegria do que ver a princesa de Durheim trocar de manto na frieza da vida mundana. A vida e a sociedade lhe pareciam algo brilhante e frio como uma palavra da princesa de Durheim, com o mesmo ar entediado que se tinha junto dela, algo aborrecido e vazio como suas aquarelas. O bom duque de Réveillon não olhava o céu. Quando fazia um luar bonito, dizia: — Puxa, está frio, vamos andar depressa. — Quando havia um desses nevoeiros de que a princesa gostava tanto, dizia a Jean: — Se sair um pouco para esticar as pernas, não se esqueça de se agasalhar, o nevoeiro é muito intenso. — E se o tempo lhe dava um prazer qualquer, relacionava-o inocentemente a uma coisa bem diversa, dizendo: — Faz bem caminhar, o tempo ainda está bom. Oh, mas como está claro ainda, nem parece que já são cinco horas. — Quando ventava, dizia. — Quando não se tem nada para fazer, é bom ficar em casa num tempo desses. — Mas, quando tinha de sair de qualquer jeito, falava: — Não detesto caminhar com um tempo desses — e mesmo que a chuva comesse a cair, erguendo o colarinho, não mostrava uma fisionomia muito infeliz por recebê-la. E, de fato, tinha o aspecto mais feliz que a princesa de Durheim, apesar da exaltação artificial e das palavras bonitas desta.

É que a natureza seria uma coisa bem miserável se não passasse de uma sucessão de quadros que a gente daria provas de bom gosto indo admirar. Ela não pode estar separada de nossa vida, nem no presente, onde, se a olhamos de fora, nada recebemos dela, nem no futuro onde, se a amamos uma vez, basta o mais cinzento dia de outono em que o sol não se mostra no momento de se pôr, uma vereda que seca depois da chuva, os primeiros ventos frios para nos embriagar com o encanto de nosso passado e a própria substância de nossa vida.

VI. A volta

Durante os últimos dias em Réveillon, Jean aprendeu, com enorme prazer, a remar no Marne, tomando-se de simpatia pelo filho do professor de Réveillon. Dois prazeres que sempre lastimou haver descoberto tão tarde, quase no momento de partir, pois achava que, se os houvesse conhecido mais cedo, teriam dado um encanto infinito à sua temporada em Réveillon. Talvez se enganasse e, pelo contrário, só os valorizasse de modo tão intenso porque sabia que logo se veria privado deles. Um dia sua mãe lhe escreveu dizendo que o avô tinha estado muito doente, que agora se restabelecera por completo, e que por esse motivo só escrevia cartas tão curtas há um mês, sem mais lhe pedir que voltasse, e era também por isso que o seu pai não fizera a projetada viagem à Bélgica. Dissera-lhe nas cartas que era o mau tempo que retinha seu pai em Paris, desculpa que temia que Jean achasse bastante inverossímil, pois o sr. Santeuil não tinha medo de tempo algum. Assim, quantas precauções não tomara nas cartas para que ele nada percebesse, mandando que trouxessem de casa seu bloco pessoal de cartas para que Jean não reparasse que ela escrevia da casa do pai. Precauções absolutamente inúteis. Jean não desconfiava de nada. Às perguntas da duquesa, que lhe pedira notícias da família, respondera: — Mamãe me escreveu uma carta muito curta esta manhã, ela tem muito que fazer, papai ficou em Paris por causa do mau tempo. — Egoísmo ou defeito de observação, reparava muito pouco no que acontecia a seu redor e jamais indagava o motivo da ausência de uma pessoa, da chegada de outra. Contentava-se logo com a explicação que lhe davam. Ficou feliz ao saber que o avô estava bem e que a mãe já não se inquietava mais. Partiu com redobrado prazer para remar com o filho do professor e, pensando que se sua mãe tivesse outro temperamento, em lugar desta vida tão agradável, ele teria de voltar precipitadamente, renunciar a

Réveillon, viver triste junto a um enfermo, ficou muito satisfeito com o fato de a mãe ter procedido desse modo.

Escrevia todos os dias à mãe, falando do que havia feito, das pessoas que tinham vindo jantar, das roupas que precisava. Dava notícias da gota do duque, que no primeiro dia lhe fora bem desagradável porque a duquesa não descera. A mesa tinha aspecto de separação. Jean temia a todo instante que Henri fosse obrigado a permanecer junto do pai. Mas, desde o dia seguinte, estando a gota melhor, mas necessitando o duque de repouso, tornou-se corriqueiro o fato de o casal não descer para a refeição, e ninguém se incomodava mais com isso, vivendo o menos possível na expectativa de algo novo. Jean se acostumou tão agradavelmente a essas refeições a sós com Henri, as quais a princípio lhe haviam parecido tristes, que no dia em que lhe avisaram que o duque e a duquesa voltariam a almoçar à mesa não pôde deixar de sentir uma decepção profunda, como no dia em que lhe foi preciso partir de uma terra onde se divertia, renunciar a um tipo de vida ao qual se habituara e a que não mais retornaria.

Enfim, foi necessário partir e uma noite, Jean, depois de ter sido levado à estação pelo duque e Henri, tomou o trem para Paris. Desde o dia seguinte à sua volta, esperava comprar um barco, remar todos os dias e, no primeiro domingo, ir até Soissons para ver o filho do professor que seguia para o serviço militar, gabando-se de transplantar integralmente de Réveillon a Paris seus gostos habituais e o desejo de entregar-se a eles. Não avisara de sua chegada, e assim ninguém o esperava na estação. Era noite, mas não a noite silenciosa sob as estrelas dos campos de Réveillon, a luz pálida das janelas do castelo na noite. As casas escondiam-lhe o céu, as lâmpadas elétricas lhe escondiam a noite, o vaivém dos veículos, dos transeuntes, ocultava-lhe o silêncio. Para passar, era preciso empurrar pessoas, prestar atenção às viaturas, não era mais possível andar por andar como na estrada, e sim para chegar. Pensava em todos os lugares aonde, andando depressa, tomando um carro, teria podido chegar. E uma multidão de desejos que há muito tempo não sentia despertaram, cruzavam-se nele tão rapidamente, com fogos tão estranhos como todos os carros que se

misturavam e imprimiam em seus nervos uma trepidação tão forte. Em dez minutos, poderia estar em casa da sra. Desroches, mas era também dia da Ópera; depois do jantar, teria tempo de passar um terno, seria preciso apenas convocar depressa o barbeiro para escanhoá-lo. Passou diante dos cartazes; cada um, de uma cor estranha com os nomes de peças que ainda não havia visto e dos atores que apreciava, já parecia lhe proporcionar o antegoço da representação, o cheiro da sala, o subir do pano. Como seria divertido rever tal ou qual amigo. Passava justamente diante da casa de Sourcier. Mas sim, os postigos estavam abertos. Havia luz. Ele voltava do campo, que felicidade. Parou um instante e procurou certificar-se com o porteiro. — Sim, senhor, já voltaram há três semanas. — E ele está em casa agora? — perguntou Jean com o ardor de toda aquela vida antiga que recomeçava. — Sim, está, não é mesmo? O sr. Paul já voltou? — indagou o porteiro virando-se para a esposa. — Sim, e me disse que ficaria em casa a noite toda, que eu podia mandar subir. — “Pois bem, voltarei logo após o jantar”, disse Jean consigo.

À medida que se aproximava das avenidas arborizadas, as ruas ficavam mais e mais iluminadas. Parecia que a luz roubara do que iluminava algo excitante, artificial, agradável e malsão. Depois o carro tomou a rua dos Saints-Pères e Jean imaginou a surpresa dos pais, a emoção da mãe, via-os, gostaria de já poder abraçá-los, respondia-lhes, eles lhe davam jantar, estava com eles, impacientava-se por estar ainda longe deles. Ao chegar à rua Bonaparte, o cocheiro continuou em vez de entrar nela, o que aumentava o trajeto. Jean pendurou-se para fora da portinhola e quis dizer: — Mas o caminho não é este — mas sentiu que o mais curto agora era deixá-lo ir pela rua da Universidade. Mas o seu desapontamento, sem se esgotar com as recriminações que fazia ao cocheiro, dentro do carro, onde no entanto sabia que ele não podia ouvi-lo, levava-o a repetir sem cessar, em voz alta: — Cocheiro idiota, cocheiro idiota —, e ao pagar-lhe repetiu ainda, agora que não lhe servia mais, a mesma observação. Chamou o porteiro, fê-lo pegar sua bagagem pedindo notícias de todos. Depois, ao chegar à porta, tocou a campainha e parou todo

emocionado ao som da sineta que ia fazer sua mãe exclamar: — Quem poderá ser a essa hora? — e seu pai: — Diga que não estou — e fazer o criado recuar, surpreso. Estava oprimido, seja pela expectativa que se prolongava, seja por haver subido de um salto, sem se dar conta, os três degraus da escada.

— O senhor e a senhora ainda estão à mesa? Todos vão bem? — Não, o senhor e a senhora já acabaram de jantar. Estão indo tomar café no salão. — Como ainda não tinham repostos os tapetes, ouvia com emoção cada um dos seus passos até a porta do salão, que abriu. Seus pais iam ter a grande surpresa que há uma hora se alegrava de lhes fazer; chegava o momento que esperara com tanta impaciência. Caiu nos braços da mãe, do pai. A mãe achou-o de bom aspecto, levou-o para perto da lâmpada, não o achou de tão bom aspecto como antes, repreendeu afetuosamente o marido por não dar mais a impressão de estar emocionado. Pediu-lhe notícias da gota do duque, perguntou-lhe se seu amigo, o filho do professor, pudera acompanhá-lo à estação, se, apesar do mau tempo, pudera ainda remar pela manhã. — Não, não choveu em Réveillon, mas eu tinha de preparar os meus trabalhos. — Jean estava espantadíssimo de ver suas duas vidas confrontadas, seus pais falando de pessoas que não conheciam, e que ele amara tanto durante esses dois meses, e em cuja companhia já não se encontrava mais. Dizia: — Contarei tudo daqui a pouco. Preparem-me o jantar, depressa. — Como, não jantaste? Pobrezinho. — Jean foi logo dizer que iria jantar, que dormiria aqui, que voltara mesmo, feliz por dizer essas coisas tão simples, que sentia pelos criados, todo um acontecimento, uma surpresa, uma alegria. Voltou para junto dos pais. A sra. Santeuil lia um artigo para o marido. O sr. Santeuil lhe perguntou, brincando, se permitia que ela acabasse. O instante que Jean esperara com tanta impaciência acontecera. As emoções felizes, que nos regozijamos de provocar ou de sentir de novo, não deitam raízes, não se tornam a substância da vida que continua o que fora na véspera. Assim, não é sem alguma decepção que penetramos nela, pois por um momento ela fora o que havíamos imaginado.

— Vem um pouco mais para perto da luz — disse a sra. Santeuil ao filho. — Meu Deus, como está gasto o teu casaco! Como, então, levaste esta coisa para Réveillon? Deves ir amanhã sem falta ao alfaiate. — A essas palavras, Jean sentiu de um golpe as portas da casa paterna se fecharem sobre ele, as léguas incomensuráveis que o separavam de Réveillon e que não poderia mais transpor. Ah, se por um milagre, agora que beijara os pais, pudesse achar-se de novo no grande salão com o parque e todo o campo diante dele. Bateu com o pé nesse chão de onde gostaria de escapar: haviam repostos os tapetes no salão, não chegou a ouvir sequer o ruído desse protesto que se extinguiu sobre o tapete que lhe pareceu como as bolas de chumbo que separam, em Veneza, os prisioneiros do resto do mundo. Sentou-se à mesa, o jantar era bem fraco diante dos jantares de Réveillon. Entretanto, a mãe o repreendeu por comer tanta sobremesa, dizendo que lhe daria dor de barriga. Depois sugeriu que ele fosse deitar-se. O sr. Santeuil já os havia precedido, tendo aparecido com sua touca de dormir, castiçal na mão, dizendo: — Deixo-os conversando o tempo que quiserem, mas vou me deitar. — Todos os seus antigos hábitos melindrados se revoltavam contra esses novos hábitos e a própria ternura com que a mãe lhe dizia: — Não quero falar de tudo isso na noite da tua chegada, mas amanhã de manhã é necessário que falemos seriamente etc., esta noite não digo nada porque é uma exceção — o irritava profundamente, apresentando-lhe como uma hora suprema de felicidade e de trégua esse serão tão cruel em que havia algo bem mais duro a retomar do que trabalhos ou deveres, e hábitos, e onde todas as misérias da realidade, suportadas tão alegremente quando se trata de nossa vida, surgem-nos com a crueza da novidade e o exagero da imaginação. E, ao deitar-se, não teve mais a seu redor os imensos corredores, as galerias infindáveis de Réveillon, e sim o quarto do pai, separado do seu por uma parede tão fina que ele o ouvia virar-se na cama, e, sem saber que utilidade isso poderia ter, e sem pensar numa tentativa de sair dessa prisão, encarava-o como o sono de seu carcereiro. Enfim, acabou por dormir, sem esperança, achando que o sol não nasceria no dia seguinte.

O escândalo Marie. — Um grande ministro. — O jovem Édouard Marie. — Um alerta. — Apogeu e queda de Marie. — Jean intervém junto ao deputado socialista Couzon. — Primeira fase do caso Dreyfus: os 15 conselheiros. — Jean e Durrieux. — O general de Boisdeffre. — Rustinlor e a política. — O coronel Picquart. — Da Ópera Cômica ao Palácio de Justiça. — A deposição do sr. Meyer. — O caso Dreyfus no Figaro. — O segredo do caso Dreyfus.

I. O escândalo Marie: O jovem Édouard Marie e sua mãe

Nos dias distantes de que te falo, leitor, em que o sr. Santeuil era um homem de barba negra e a sra. Santeuil uma jovem senhora sorridente e loura com o extravagante casaco de veludo que poderias ter visto, enquanto Jean viveu no álbum de fotografias, que nesse tempo não tinham se tornado ainda uma espécie de sonho brilhante, indistinto, irrevogável e melancólico, tendo tão pouca relação com a vida do sr. e da sra. Santeuil trinta anos depois, e de Jean, quanto essas pálidas fotografias, e que Jean achava só terem tomado parte na vida de seu pai e de sua mãe à época em que estavam noivos — mas que foram dias medíocres e sérios como os de hoje, em que temos uma tarefa a cumprir ou um desejo a satisfazer, que nos parecem importantes e reais, em que não temos mais para com aqueles com quem vivemos a solicitude respeitosa que devemos aos que não estarão sempre conosco e que não poderemos mais adorar um dia — nesses dias distantes, mesmo na ocasião em que eram dias como outros quaisquer, frequentemente Charles Marie, Marie, o mais velho companheiro de Santeuil, Marie, então deputado, ex-ministro e o mais influente político do mundo parlamentar, vinha jantar sem aviso em casa dos Santeuil. Embora a sra. Santeuil se desculpasse à mesa pelo jantar ruim que fizera àquela noite, que justamente nesse dia estava mais modesto, conforme dizia, pois não tinha nem certeza de que o marido voltasse para jantar, logo que o sr. Marie apareceu enviara correndo a camareira, para grande desgosto desta, à pastelaria, à salsicharia, à sorveteria. E uma língua de boi ou um presentinho, um empadão, uma *mousse* de morango, dando ao jantar dos Santeuil proporções nunca vistas, estavam destinados a estreitar entre Marie e os Santeuil os laços de uma amizade já antiga, a deleitar Marie, que era guloso, a resolvê-lo a voltar e a dar ao sr. Santeuil a satisfação de ver que seus amigos, mesmo chegando de imprevisto, eram

sempre bem tratados em sua casa, e de um modo que honrava sua mulher e a ele.

Marie tinha sempre curiosas novidades políticas que interessavam vivamente Santeuil e, é forçoso dizer, também Augustin, que nesses dias fazia com que a cozinheira levasse os pratos até a porta da sala de jantar a fim de nada perder do que Marie dizia. E, como Marie, para quem Augustin era um velho amigo (Marie era um homem bom e generoso, dava-lhe gorjetas e arrumara para seu irmão um bom emprego na administração da cidade), não se incomodasse em falar diante dele, Augustin sentia orgulho em ouvi-lo, enquanto se servia da molheira, confiar-lhe quase segredos de Estado. — Vi há pouco o ministro da Agricultura, mas abster-me de lhe falar. — Podem imaginar como ficava orgulhoso Augustin pensando que estava mais a par dos assuntos do governo que o ministro da Agricultura.

Não era talvez do ponto de vista especial da satisfação de Augustin que a sra. Santeuil, apesar do acréscimo de despesas que ele lhe trazia, se regozijava nas noites em que se via chegar o sr. Marie. Nem mesmo de curiosidade quanto aos acontecimentos políticos, pois a sra. Santeuil, como os planetas que só recebem luz de uma estrela, era incapaz de desfrutar um prazer por si mesma, e o prazer só lhe chegava se antes tivesse feito resplandecer uma das pessoas que amava. Só se sentia feliz com aquilo que desse prazer e felicidade a seu pai, a seu marido ou a seu filho. Ora, ela sabia do interesse que o marido tinha na conversa de Marie, e se alegrava com o fato de poder tornar-lhe agradável a mesa de família que, tão honestamente, ele jamais abandonara. Aliás, assim como teria achado estranho sentir afeição por uma amiga que vivesse fora do círculo familiar, era de maneira natural que gostava de Marie, o qual gostava de seu marido e lhe prestara serviços muitas vezes, poderia um dia proteger seu filho e tinha prazer em passar uma noite com eles. Marie era muito lhano, simples e natural. Era serviçal, generoso. E muitas vezes concedera auxílios, através da Assistência Pública, aos infelizes pelos quais a sra. Santeuil se interessava e com quem não ousava aborrecer o marido. Quando isso fosse impossível, recorria facilmente à própria bolsa, já que

tinha bom coração e não era agarrado ao dinheiro. Arrumava emprego para todos os seus protegidos, tabacarias para as viúvas de antigos colegas de Santeuil. E, de resto, um laço mais forte unia Marie à sra. Santeuil.

Essa mulher, que não acharia correto dar uma parte séria de seu coração a outra pessoa que não o pai, o marido e o filho, sentindo que aí estava sua obrigação, aqueles que Deus pusera sob sua guarda para que ela os conservasse bons, felizes e poderosos, tivera uma única amiga, talvez porque a afeição de Santeuil pelo marido dessa mulher lhe tornasse, de certa forma, permitido o seu afeto: a sra. Marie, criatura requintada, mulher deslumbrante e espiritual, esposa e mãe sublime, que morrera tuberculosa aos trinta anos. Era judia, e foram necessárias a superioridade de seu encanto e a experiência de suas virtudes para que a sra. Santeuil, saída de um ambiente em que pesava sobre os judeus uma profunda desconfiança, pudesse ligar-se a uma judia como a uma irmã. Mas a toda criatura de boa-fé, uma inteligência e bondade divinas, um encanto excepcional surgem de imediato com seu valor merecido. E em face deles não temos mais outros sentimentos que o da adoração. E a camponesa mais carola sentiria que a alma de uma tal judia exalava um odor mais agradável a Nosso Senhor do que todas as almas de cristãos, de padres e de santos. Ao morrer, recomendara aos Santeuil o marido e o filho. E dissera à sra. Santeuil: — Mesmo que aconteça, e espero que nunca aconteça nada que possa afastar Charles de seu marido e de você, lembre-se de mim e não o abandone, e faça com que seu marido permaneça sempre amigo dele. Acredite no que lhe digo. Charles é a bondade em pessoa. Se chegar a fazer algum mal, só poderá ser por arrebatamento do seu bom coração por aqueles que nem sempre o merecem. Cuidem sempre também do meu pobre Édouard. Fico assustada em pensar que só tem 15 anos e que sabe tão pouco da vida.

Era com efeito uma ideia singular a que o jovem Édouard tinha da vida. Diante de qualquer impossibilidade, essa impossibilidade que qualquer outro teria, não a tinha ele graças às amizades do pai. Quando uma turma estava completa e ninguém mais podia fazer

parte dela, seu pai conseguia matriculá-lo nas barbas dos outros alunos. No teatro, se não havia mais lugares e Édouard desejava ir de qualquer maneira, seu pai, mesmo quando a peso de ouro uma outra pessoa não conseguisse obter até um mau lugar, fazia-o entrar para o camarote do ministro. Se tinha dor de cabeça, davam-lhe antipirina, e até as pequenas doenças de que ele próprio era culpado por não ter posto o cachênê ao sair, ou por se agitar demais de manhãzinha, pareciam-lhe castigos dobrados e um pouco longos que seu pai poderia ter evitado. Como já se assustasse, sendo de natureza frágil e nervosa, à ideia de que dentro de seis anos teria de prestar serviço militar, o pai lhe dissera com um sorriso bondoso: — Falei com o ministro da Guerra, vamos dar um jeito nisso. — Desse modo, não achava possível que o universo lhe criasse um dissabor que o pai não pudesse logo afastar de si ou dos seus com uma espécie de piparote. E, quando sua mãe ficou muito doente, não admitiu sequer por um instante que ela pudesse morrer. Morrer, isso era para ele como fazer o serviço militar, uma lei fatal para os outros mas incapaz de atingir a mulher de um homem que “sabia dar um jeito”, conhecia os médicos de nomeada, capaz de interessar, num instante, pela saúde da mulher os ministros, a Câmara, o presidente da República, o rei da Itália. E à noite chorava perto da mãe morta, chamava-a, queria falar-lhe ainda. Enquanto embaixo os ministros, um ajudante de ordens do presidente da República, o embaixador da Itália vinham apresentar condolências, ele parou de chorar subitamente, sentindo-se diante de uma força desconhecida, estranha, mais poderosa que tudo o que era possível lhe opor em recomendações, influências, poder e ao impacto de cujas ondas gigantescas tudo isso não pesava nada, estava partido, sem precisar de um esforço maior da sua parte. E pela primeira vez sentiu que existia alguém mais forte que seu pai, que não estava como ele a serviço de seus caprichos, e chorou.

* * *

Quanto a Charles Marie, a sra. Santeuil e o próprio Santeuil não lhe conheciam outro defeito que um certo prazer de informar,

através dos jornais, o nome das pessoas ilustres que eram seus amigos e jantavam em sua casa. No entanto, Santeuil sabia bem que algumas pessoas haviam atacado a honra de Marie, mas como se faz com todos os políticos, e perdoara a Charles Marie a fraqueza que o fazia desejar que duas ou três pessoas, que, fingindo estarem convencidas de sua desonestidade, lhe tinham duramente censurado, soubessem, através dos jornais, do brilhante apogeu daquele que outrora julgavam humilhar. Devemos pensar que a sra. Marie conservou, durante sua breve existência, uma opinião tão boa sobre o marido quanto a que vimos compartilhada, à época em que começa esta narrativa, pelos Santeuil e por quase todas as altas personalidades políticas da maioria da França republicana? Quem saberá jamais em que medida incerta e flutuante a cegueira extrema se mescla, em ternura profunda, à extrema clarividência? Podemos ao mesmo tempo duvidar das mesmas coisas em que acreditamos e até na hora da morte. Pois tudo aquilo que para nós é objeto de um sentimento profundo parece-se nisto à vida, que é, para nós, um objeto de fé e de amor. Acreditamos na duração de nossos amores e duvidamos dela. Acreditamos na vida imortal e duvidamos dela. Acreditamos nos juramentos da mulher que nos ama e duvidamos deles. É difícil supor que a mãe ou a irmã que nos ama não perceba de modo algum, na essência de nossa natureza, todas as consequências, mesmo ruins, que pode trazer; difícil também é crer que, em seu amor por essa essência, não perdoe nela essas consequências detestáveis. Talvez o valor moral de seu marido fosse, desse modo, para a sra. Marie objeto, a um tempo, de fé e de dúvida. Talvez ao dizer à sra. Santeuil, na hora da morte, que se alguma vez o marido procedesse mal isso não seria mais que um arrebatamento de seu bom coração, podemos crer, ao mesmo tempo, não só que se tratasse de uma palavra no ar, e supérflua, à qual não se deve dar importância, e que em seu espírito não se referia a uma possível eventualidade, mas também que fosse a expressão bem suavizada do que ela sabia de seu marido e daquilo que previa, uma espécie de mentira dolorosa de pregar para que em sua lembrança não julgassem tão mal nem abandonassem o marido que ela sempre

amara, mesmo indigno, quando chegasse a época em que as más inclinações assumissem, pouco a pouco, proporções desastrosas, e ele viesse a ser abandonado.

E quem sabe se a opinião que a mulher nutria a seu respeito não fosse para Marie, quando estava junto dela, objeto de fé e de dúvida? Pois, não sabendo se a índole da mulher era mais caridosa ou mais justiceira, não sabia se ela, caso estivesse a par de certas coisas, lhas teria revelado ou escondido. Mas era uma pergunta que quase nunca aflorava ao espírito de Marie, pois se era bom, inteligente e trabalhador, se era serviçal e generoso, não era, por outro lado, sonhador nem melancólico. Amava os prazeres do trabalho, do poder, do luxo, e também alguns prazeres mais simples como os que achava na afeição dos Santeuil, na simplicidade de sua vida, no fervor de sua estima e de sua acolhida. Só muito mais tarde é que se soube que também apreciara as especulações, quase diárias, em negócios escusos, e ganhar dinheiro a qualquer preço. Até então, ninguém se espantara de que frequentasse dois ou três banqueiros que não eram dos mais honrados, pois um ex-ministro das Finanças que pode voltar a sê-lo de um momento para o outro tem necessidade de estar em contato com esse tipo de gente. Muitos que agora desapareceram — um se matou, outro vive na América, outro conseguiu evitar qualquer conflito com a justiça mas já não encontra, à sua passagem, muitas cabeças que se descubram nem muitas mãos que se estendam — inspiraram a Marie uma amizade que, por mais estranho que isso possa parecer, teve para ele seus momentos de doçura e cordialidade. Frequentar essa gente não lhe era apenas útil para realizar certas operações financeiras em que não podia aparecer pessoalmente. Eram os únicos com quem pôde falar de todo esse aspecto de sua vida que era obrigado a esconder do público, dos colegas, dos amigos, da própria mulher. Toda forma de atividade que desvia para si uma parte de nossas forças desenvolve a seu redor uma série de curiosidades, de simpatias, de necessidades de expandir-se e de conversar que têm ainda mais prazer em serem satisfeitas na medida em que são habitualmente reprimidas. Um homem que gosta de caçar compraz-se forçosamente com os caçadores, um

adido a uma biblioteca com os bibliotecários, um homem que possui um automóvel com outros *habitués* desse esporte, principalmente se dentro de casa uma mulher caprichosa e despótica o proíbe de falar em caça, velhos livros ou automobilismo. Parece que, segundo eles, nós nos sentiríamos alegremente unidos a uma parte de nossa vida da qual estamos separados. Estou certo de que, se existem quadrilhas de ladrões, deve haver entre seus membros conversações agradáveis e cordiais sobre os golpes que pretendem dar, ou sobre os golpes já realizados que devem estimular entre eles uma simpatia bem mais pura do que a fonte de que se originam, uma afeição capaz de conhecer as lágrimas, a boa vontade, o desinteresse. Tais sentimentos existem, asseguro-lhes, entre Marie e seus cúmplices, que achavam não fazer nada de mal, agir com um sentido político, aliás provisoriamente e só até obterem a fortuna necessária à realização de seus desígnios, escondendo sua dissimulação à própria consciência, único sinal que lhes poderia revelar a ilegalidade de seus atos, dando-lhe o nome de prudência, medo da maldade alheia, e que nos outros aspectos da vida podiam ser, vimo-lo com o exemplo de Marie, bons maridos, pais solícitos, amigos devotados e cheios de generosidade. Estou certo de que se esta narrativa já não estivesse tão sobrecarregada de episódios acessórios que me permitisse demorar ainda neste, teria excitado em vocês uma certa inveja cheia de bem-estar e de conforto, representando-lhes, numa tarde quente de verão, debaixo de um caramanchão de lilases, Marie e o velho Duclin, de cigarro na boca, sob os lindos ébanos imóveis, conversando sobre negócios enquanto uma vespa zumbe ao redor deles e o sol, cúmplice pela alegria inocente que lhes dá de sua inconsciência, ri na sombra do fundo do lago negro. E quem sabe conseguiria emocioná-los mostrando a confiança que Marie depositava na delicadeza absoluta de Duclin, confiança que não foi traída no dia em que Duclin, tendo sido preso e podendo abrandar sua pena denunciando Marie, nada fez. Naquele dia, ainda uma vez Marie escapou sem que ninguém dele suspeitasse. Entretanto, a sensação de segurança já não lhe foi tão agradável como até então.

II. O escândalo Marie: um alerta

Talvez lhes cause surpresa saber que Marie levou, durante tantos anos, uma vida em que todos os dias podia dizer consigo: quem sabe é hoje o dia da catástrofe final? Mas a vontade de viver e de seguir suas paixões não tem outra aritmética senão o cálculo das probabilidades e o postulado de que, entre duas probabilidades, a mais agradável é a mais provável. O libertino que depois de um jantar excitante apanha uma mulher na rua sabe muito bem a que riscos patológicos se expõe; o viajante que toma um navio para a América sabe que vários naufragaram, que talvez quando voltar não encontre mais a velha mãe ou o filho de constituição franzina; o preguiçoso que não escreve o livro que deve perpetuar-lhe o nome, ou que não redige o testamento que deve assegurar aos filhos o gozo de sua fortuna contra primos detestados, sabe que esse dia que não aproveita não será porventura seguido de nenhum outro para ele, já que um homem pode, às vezes, morrer subitamente com um ataque de apoplexia, ou ser atropelado por um cavalo em disparada; o guloso sabe que a gota o espreita e que o álcool lhe faz mal. Mas um temor possível é frágil contra um prazer certo. Já a força emanada dos braços da mulher, de um mar desconhecido, do canapê ou do cigarro que nos retêm, do passeio que nos atrai, começa a perturbar-nos a cabeça tornando-a muito favorável à viva representação do prazer que, tão próximo a nós, faz bater nosso coração, mas de modo algum sacrificar tantas oportunidades de gozos efêmeros ao risco de uma infelicidade irreparável. Assim, vemos todos os dias os voluptuosos buscarem o prazer por toda a parte, os viajantes viajarem, os preguiçosos vadiarem e os vivos gozarem o dia a dia da vida sem pensar na morte. O guloso não pensa que nesta noite é justamente esse copinho que lhe causará gota.

Marie não era mais doido do que eles. E, na manhã em que, ao despertar, achou a carta que o convidara a se apresentar no mesmo dia ao juiz de instrução, viu-se encurralado num acontecimento em que meditava com frequência mas sem pensar que chegaria um dia, e nunca dessa maneira. A morte tem bastante nobreza e podemos muito bem falar dela. Mas um belo dia despertamos com uma opressão num dos flancos que mal nos deixa respirar, gotas de suor na testa, a mão trêmula, os olhos vagos. E essa dor no flanco que nos acabrunha cada vez mais não tem relação alguma com a ideia da morte que podíamos admitir e afastar a nosso bel-prazer, no momento em que a vida se mostrava sorridente e a teria ofuscado. Essa convocação à presença do juiz de instrução era redigida nos termos habituais e vocês a leriam tão friamente como, num livro de medicina, os sintomas da paralisia geral. Mas, no caso de Marie, ele experimentava a cada palavra uma dessas sensações inexprimíveis que fazem de uma grande moléstia, para aquele que a sofre, uma espécie de pesadelo silencioso onde a pêndula com seu balancim, o vaso azul sobre o armário, são monstros mais terríveis, mais cheios de angústia e de desconhecido do que tudo o que esse mesmo homem saudável podia imaginar de mais inaudito nas torturas dos danados. Um certo peso na cabeça e a visão desse vaso azul sobre o armário, eis sob que forma o espantoso lhe chegou de repente, e a felicidade de viver que até então brincava com a ideia da morte, como o sol com as sombras num dia risonho, fugiu para sempre.

Assim, vocês não se espantariam de que, estando o Palácio da Justiça localizado no cais da Mégisserie, o sr. Croissin tivesse convocado Marie para o seu gabinete no cais da Mégisserie. No entanto, esse pormenor simples, que não tinha a menor relação com a vida anterior de Marie, mas era uma das particularidades essenciais ao novo acontecimento, era como uma dor nova, ainda mais aguda, por onde esse novo mal o agarrava. E ele relia “em seu gabinete, cais da Mégisserie” como os signos prenunciadores de sua tortura, com olhar silencioso e amedrontado como o paciente na sala de espera do cirurgião ouve a voz ao lado falando bem alto a uma pessoa que, essa, não necessita ser operada. Mas imediatamente Marie pensou: “Esse juizinho de instrução é bem

ousado por me convocar, a mim que poderia tão facilmente mandar exonerá-lo. Vou simplesmente passar-lhe um sabão através do ministro da Justiça.”

Ir à casa do ministro da Justiça, que era não só seu amigo mas até mesmo um pouco seu protegido, não tinha nada de mais. Isso só o fazia recordar os jantares em que estava à cabeceira da mesa, um gabinete que se abria de pronto para ele, quando as personalidades mais conspícuas esperavam para serem recebidas. Isso o fazia mergulhar de novo em toda a sua vida de honra e honrarias, que em suma durava ainda, e por uma palavra do ministro da Justiça ia certamente recuperar e conservar até a morte. Ah, por exemplo, desta vez estavam acabados os negócios! Escapara por muito pouco. Era bem diferente desse inquietante cais da Mégisserie.

Respirou. O mais urgente, se acaso tivesse de dar algumas explicações ao ministro da Justiça, explicações amistosas e que acabariam com um convite para jantar, era mandar vir Voisin, Béziers, seus comparsas nessa negociata do açúcar de Gisors. Assim, mandou um recado ao ministro da Justiça dizendo que passaria às duas horas para lhe dar uma palavra, na Câmara, no começo da sessão, e que fizesse o obséquio de dizer, nesse meio-tempo, ao juiz Croissin que o sr. Marie não podia comparecer hoje à sua convocação. Depois saiu para ir combinar com Voisin e Béziers os termos de seu plano de defesa. O ar estava agradável. Mandou atrelar a carruagem descoberta e desfrutava o bom tempo fumando tranquilamente um cigarro. Ao entrar no quarto de Voisin, deu um suspiro de alívio. Chegara junto de um amigo com quem nada tinha a dissimular, de quem nada tinha a temer. Toda uma parte de sua vida pôs-se a respirar mais livremente nele, a aprumar a cabeça. E junto desse homem a quem podia dizer tranquilamente: “Consegui desta vez duzentos mil francos”, sem se sentir humilhado, diminuído, experimentou um vivo sentimento de prazer, um prazer feito de franqueza e de orgulho. Para ele, voltar aos seus negócios, discuti-los, era o prazer antigo e inocente. E negando tudo aquilo de que não havia provas, dando ao restante um sentido diverso, assentaram juntos os termos da defesa como se se tratasse de uma declaração ministerial.

Voltou para casa, almoçou ligeiramente e seguiu para a Câmara. Reinava aí uma agitação nunca vista. O ministro acabava de pedir, contra Marie, um mandado de busca. Apenas um de seus amigos chegou-se a ele e, bruscamente, com essa violência desagradável da verdadeira afeição que se sente mal com a infelicidade dos outros, e que parece devolver os golpes que lhes são vibrados, disse-lhe: — Mas sobe, ora, vai te explicar na tribuna. — Ele subiu, e do círculo tumultuário à sua frente os clamores se levantavam. Teve medo como quem põe o pé numa embarcação num mar encapelado. Mas há momentos em que, muito a contragosto, renunciamos à vida para não darmos a impressão de ter medo, e com a mão fria, a cabeça erguida mas trêmula, ele subiu. Falou. Mas sua palavra necessitava pelo menos, como um acompanhamento necessário, de uma harmonia complementar, das ondas retumbantes da aclamação da Câmara. Diante desse silêncio ou desses murmúrios surdos, seu tom de voz era outro. Em vez de se sentir em terra firme com as vagas favoráveis que vinham ressoar a seus pés, estava em pleno mar onde não quebrava onda alguma, mas em que se formavam colunas monstruosas, já não majestosas de ver mas horríveis de sentir. Tinha-se o costume de buscar o valor de suas palavras na violência do fluxo dos aplausos que desencadeavam. E, enquanto falava, sentiam-no formar-se, erguer-se, engrossar, prestes a cair de novo e retumbar enfim à medida que o período acabava. Privadas da aprovação que as tornava persuasivas, assim como do acompanhamento que as fazia harmoniosas, suas palavras soavam falsas e pírias como o arrazoado sem base de um culpado ou o canto agudo de uma louca. E suas palavras já não vinham arrebentar-se ao ruído dos aplausos, ele já não tinha a força de refluxo que provocava novas ondas de eloquência. Seus gestos já não eram medidos, e sim bruscos, assim como os movimentos de um homem sobre um cavalo com o freio nos dentes, e, de tal modo o ator humano permanece minúsculo confrontado com o papel inaudito que o destino lhe confia e que somente a nossa imaginação sabe enxergar em sua grandeza, assim Marie, pequenino nessa grande assembleia que não dominava mais, quase que se perguntava se era mesmo de sua

vida que se tratava, se não era um atorzinho representando o terror de Saint-Just numa sessão revolucionária insuficientemente reconstituída, num teatro onde os murmúrios fracos dos figurantes não davam uma ideia exata do furor da Convenção.

Mas já então a questão tomara, na consciência de Marie, uma forma nova que deveria substituir o intolerável sentimento da realidade. Ele era vítima dos ministros, que o haviam abandonado ignominiosamente, preferindo sacrificar os amigos mais antigos, os que mais serviços haviam prestado à República, à sua pasta ameaçada por uma extrema-esquerda caluniadora, vingativa, imperiosa e feroz. Em seu lugar, é preciso dizê-lo, Marie não teria agido desse modo. Era desses que na vida sabem que a virtude é difícil e são indulgentes para com as faltas do próximo, que não poderiam se decidir a fazer o mal e que lançam o manto de sua amizade gloriosa sobre as faltas dos amigos, deixando aos mais duros, e muitas vezes aos mais corruptos, a triste e feia nódoa de lhes “recusar a mão”. Quem quer que sejas, leitor, em qualquer aldeia ou capital onde a vida te pôs, nas circunstâncias históricas de uma vida política ou diplomática, ou em circunstâncias semelhantes mas que jamais aparecerão ao dia claro de uma vida exclusivamente privada, estou certo de que estás classificado, seja apenas aos olhos de Deus, entre os partidários da honestidade e do puritanismo, ou da caridade e da tolerância. Foi talvez um de teus amigos quem traiu a fé conjugal, um de teus companheiros ou a pessoa em questão, e discutida, que dá festas, quem te deu ocasião de afirmares assim a tua natureza. Mesmo se tua conduta severa foi inspirada num sincero horror ao vício, ela deve ter parecido cruel a um dos teus que, nessas mesmas circunstâncias, agiu diferentemente de ti e que, nesta época de relaxamento moral e de superexcitação da sensibilidade nervosa, declara que a crueldade é o único vício que ele está certo de ter o direito de condenar. Ao passo que sua conduta em si mesma, se não tem outra origem que a terna piedade de seu coração e uma indulgência relativamente a outrem compatível com uma grande severidade por si mesmo, que até o inclinou, talvez, à indulgência a seu respeito, vendo a dificuldade de, se conformar com ela, te parece o sinal de uma

natureza corrompida ou talvez orientada para os proveitos materiais, o prazer de continuar amigo dessa mulher que cometeu erros quem sabe, mas espirituosa e encantadora e cujos jantares são tão agradáveis. Pois os brinquedos e os dramas da história, tão ardentes ao longe, são compostos dos mesmos elementos de nossas vidas obscuras, da própria substância do universo. A história é como a análise astronômica, essa ciência que demonstra a composição das mais longínquas estrelas porque elas contêm os mesmos elementos e os mesmos gases, como o caminho que percorremos todos os dias, como o corpo em que vivem e os ossos que repousarão um dia perto dos de nossa mãe.

* * *

Duas ou três vezes Marie teve, desse modo, o prazer, após ter acreditado que ia ser preso, de nem sequer ser suspeito e de sentir que o futuro se estendia, intacto ainda, diante de si; que tudo o que fizera de ruim até então era como se o não houvesse feito; que lhe bastava mudar agora e sua vida inteira se escoaria feliz e gloriosa. Pois o que ainda não fizemos, o que ainda não está decidido, parece-nos que podemos dispor como quisermos, o melhor possível, segundo o nosso interesse ou a nossa consciência. E em sua poltrona, junto à lareira, abrindo as cartas que todos os dias lhe enviavam personalidades importantes da região, Marie tinha o sentimento de que só faria o que quisesse, de que era senhor absoluto de seus atos. Somente à primeira necessidade de dinheiro, ao primeiro desejo de ganhá-lo sentia-se decidido, oh! não por uma vida vergonhosa que o levaria à desonra, mas por todo pequeno ato que não podia ter consequências, e que não podia ser ruim já que as pessoas mais honestas de Paris jantavam esta noite com ele. É verdade que não gostaria de lhes contar. Mas qual entre eles não tinha segredos que não gostaria de contar aos outros? É certo que desde a infância, e principalmente após a morte da mulher, Marie era muito religioso. Contudo, em vez de perturbar sua consciência, a religião antes a tranquilizava. Não nos repete ela a todo instante, nos lugares-comuns dos sermões, nas fórmulas das orações, no

sentido dos dogmas e dos sacramentos, que o melhor dentre nós vive em pecado? Todas as inquietações da consciência assumiram um aspecto menos obscuro, menos penoso, adquiriram algo de tocante que não era desagradável, quando Marie as descobriu de novo, a cada passo, na religião. Sentiu-se mais à vontade quando percebeu que todas as pessoas que frequentava não tinham como lhe atirar a pedra, e sim deviam bater no peito como ele por idênticos malfeitos. O fato de que ia à igreja dizer a Deus e diante dos homens: “Eu sou um pobre pecador” parecia-lhe uma espécie de confissão que o dispensava de declarações mais particulares e penosas, dando-lhe a ilusão de não viver em mentira diante dos outros.

Face a face consigo mesmo, frente a sua consciência, não dizia mais: “Roubei 25 mil francos”, palavras que lhe eram muito desagradáveis de ouvir e o diminuía aos seus próprios olhos, e sim: “Meu Deus, não passo de um pobre pecador”, palavras que lhe causavam de preferência uma doce emoção. E porque durante algum tempo colocasse sob termos vagos como pecado e falta suas faltas e pecados mais particulares, receber dinheiro indevido, concussão etc., um acabando por significar o mesmo que o outro, as palavras “receber dinheiro indevido, concussão” saíram pouco a pouco de seu espírito, onde foram substituídas pelos termos pecado e falta. E como as faltas que acima de tudo nos separam do restante dos homens não eliminam em absoluto de nosso coração o desejo profundo de estarmos unidos a eles, de não valer menos que eles, de sermos um deles, essas palavras pecado e falta tinham para ele a vantagem enorme de o aproximar ainda mais de todos os homens, já que lhe faziam sentir que participava da miséria comum deles e de seu pecado original.

Entretanto, a importância política de Marie cresceu de ano para ano. Poucos havia mais inteligentes na Câmara, ninguém era mais animado de um desejo tão generoso do bem público. E o bem que praticou não se restringe apenas a tantas leis excelentes que livraram os pobres de tantos impostos sem risco para o orçamento, em tratados internacionais que hoje ainda representam a maior parte da segurança da França. Não está consignado em nenhuma

história escrita, mas na história das famílias de seu departamento, que, graças a ele, viram seus reveses se tornarem suportáveis e foram mais felizes do que o haviam sido até então — em tantas famílias socorridas por sua bolsa quando o marido estava doente ou o filho sem trabalho, nas colocações obtidas para a filha e pelo acesso fácil de sua moradia e do serviço de sua casa, das aleias de seus bosques e da terceira classe de seu carro, nos sobejos e nas sobremesas acrescentados cotidianamente ao jantar das famílias pobres, a lenha estocada no inverno e muitas vezes acompanhada de uma peça de roupa branca, a estrada percorrida facilmente ao galope do cavalo do sr. Deputado quando havia neve no chão, e sobretudo no sentimento de dignidade acrescentado às existências humildes quando são tratadas pelos ricos com aquilo que os ricos reservam com frequência aos ricos, a consideração, a saudação cordial, a conversa sincera.

Agora que vocês sabem tudo isso, quando souberem pelos jornais que os eleitores da Somme, que têm atualmente por deputado o íntegro Jules Craveil, que defende no Parlamento os interesses do povo contra essa classe rica cujos privilégios eram defendidos por Marie, que jamais se envolveu numa operação financeira, de quem não se pode dizer que tenha sido alguma vez amigo de qualquer pessoa de posses, quando ouvirem os jornais dizerem que os eleitores da Somme não deixaram de lastimar Marie, embora tenha sido ele condenado pelo tribunal de polícia correcional e que, mesmo à época de seu apogeu, votou contra os socialistas e o imposto de renda, não atribuirão tais lamentações apenas à corrupção do departamento.

À medida que Jean crescia, Marie foi percebendo que ele possuía mais coração do que inteligência. Marie não apreciava muito a poesia; excetuava, porém, a poesia patriótica de um Déroulède, “que pelo menos quer dizer alguma coisa e tem alguma utilidade”. Embora quase não tivesse tempo de ler nada a não ser os inúmeros documentos que eram como que a matéria-prima de que extraía suas exposições bem concatenadas e as belas leis à imagem de seu espírito, lia, pelo contrário, muito sobre história. Ela o tranquilizava a respeito do alcance de sua obra política consagrando

os esforços dos grandes homens que haviam trabalhado como ele. E pelo sorriso indulgente com que ela assinala, como defeitos amáveis de uma criança mimada, as dilapidações de um Mazarino, de um Gortchacoff ou de um Richelieu, mostrava suas próprias faltas como uma espécie de necessidade, não mais a necessidade inerente à natureza dos homens superiores, necessidade que interessa pelo espírito, encanto risonho de uma elite e à qual, pelo contrário, é conveniente nos conformarmos. Se a religião era como o ascetismo de sua alma que a mergulhava na doença, a história representava a sua higiene que, restituindo-lhe a saúde, mostrava-lhe a vida mais tentadora e feita para ser desfrutada.

* * *

Um dia, aproximando-se a época em que Marie seria, sem que ninguém o pudesse prever, preso pela descoberta súbita de documentos comprometedores há muito tempo encobertos, o jovem Édouard Marie, então com 25 anos, saindo uma noite do teatro, num dia de muito vento, sentiu ainda mais frio ao entrar em casa. Pouco sabemos sobre o que existe no vento, e o que existe na febre, e em geral o que é a natureza e o que é a vida. No entanto, pensou-se que esse vento, e depois essa febre, foram particularmente perniciosos, pois o resfriamento causou uma pneumonia, e esta, em poucos dias, o levou à morte. Assim deixou Édouard Marie este mundo, sem chegar a se desiludir quanto à pureza da alma e à eternidade do poder de seu pai. Dessa maneira o destino arrebatava a tempo aqueles que não deviam ver certas coisas. Por isso, assemelha-se a um homem que, tendo necessidade de dizer as mais graves injúrias a outro, não as diz diante do filho por uma questão de pudor. Assim age a natureza, pois ela sabe que os túmulos não veem nem ouvem. E os olhos que nos olhavam com ternura, respeito e confiança, agora que estão cerrados para sempre não se dilatarão de horror nem se encherão de lágrimas diante do que enfim está a descoberto no dia claro. E o mundo obscuro dos mortos e o mundo dos vivos iluminado por um sol inclemente ignoram-se por completo.

Os rapazes estudiosos têm sempre a esperança de serem arguidos, no exame, sobre tudo o que sabem na ponta da língua e que, desse modo, em respostas breves mas perfeitamente adequadas, todos os seus conhecimentos apareçam aos olhos do examinador, achando que assim nenhuma hora de seu longo estudo terá sido em vão. Dessa maneira o candidato, mesmo quando passa com brilhantismo, experimenta sempre uma espécie de decepção ao findar o exame. Não pôde dizer nenhuma das coisas que sabia. E se teve notas boas foi em virtude de pontos com os quais não se preocupara, que lera superficialmente, ou nem isso. De modo que lhe seria suficiente estudar durante uma hora em vez de um ano para passar no exame. Não somos mais lógicos em pensar que quando um gatuno é preso, quando um homem de bem é recompensado, o juiz tem à mão e enumera, uma a uma, todas as boas e más ações do homem que está à sua frente, sem esquecer uma só, que a consciência desse homem pôde representar para ele durante noites de insônia ou horas de satisfação. É o menos importante de seus roubos, o mais isolado de todos, o que tinha menos ligação com sua vida de ladrão, do qual nunca pensara que lhe haviam de pedir contas, do qual talvez nem mesmo é culpado, que o faz ser preso. E todos os outros roubos, doravante inúteis para seu castigo, permanecerão ignorados. Mas, como o aluno que não sabia o que lhe seria perguntado, foi obrigado a estudar um ano inteiro para que, ao preparar-se, aquilo que será a matéria ainda desconhecida do exame seja lida em cinco minutos, de modo que suas respostas deem ao todo — como um copo d'água enchido num rio mostra muito bem se está límpido ou turvo, ainda que em outras partes seja mais turvo ou mais límpido — uma ideia razoável da seriedade de seu preparo, o roubo, de resto, no qual se envolveu um homem de consciência obliterada, transmite desprezo suficiente por essa consciência sem que seja necessário o conhecimento de tais crimes.

Assim, da noite para o dia, graças a um mandado de prisão, a França inteira soube que Marie era um ladrão, embora se ignorassem todas as suas operações dolosas, salvo uma bem

pouco importante e da qual não se tinha muita certeza de que fosse culpado. Mas o arresto de papéis em sua casa demonstrou então suas relações com certos procuradores de reputação duvidosa, onde o juiz, a Câmara e o público viram não o que eram de fato, o indício de outros atos cometidos por Marie, e sim a prova de sua culpa naquele ato específico, com o qual não tinham qualquer relação. Mas quando um homem tem uma chaga aberta, o pano inocente de sua camisa se transforma em veneno mortal que a gangrena. E quando um homem é acometido de uma doença funesta, aqueles com quem vive tornam-se inimigos perigosos cuja companhia o mata. E quando um homem fica gravemente doente, seus mais inocentes produtos, o hálito que exala ao respirar, a urina que verte se transformam em testemunhos deprimentes que revelam ao médico a terrível verdade. E o criado que esclarece de súbito para o médico uma doença antiga, dizendo que o patrão há muitos anos se levantava todas as noites para abrir a janela e respirar melhor, é o mesmo criado que responde às perguntas do juiz, tremendo mais por causa da autoridade deste e do perigo que receia mas não percebe para o patrão, do que da gravidade das respostas, de que não se dá conta, quando confessa que o sr. Marie se encontrava todos os dias com Graveil.

III. O escândalo Marie: Jean intervém junto a Couzon

Sendo o partido capitalista e oportunista aquele contra cujas manobras o partido pobre, chamado socialista, tinha de lutar com a maior violência, a ruína de Marie foi para este último uma vantagem inestimável da qual era conveniente tirar todo o partido possível e não se deixar defraudar por um adversário pouco escrupuloso. Daí os artigos que todas as manhãs punham a alma de Marie em desespero, e durante as sessões, no decurso de uma discussão, as injúrias que lhe feriam o coração como um ataque de apoplexia, mas que, de acordo com os que as proferiam ou as deixavam passar, eram gritos de justiça destinados a punir o vício e anunciar, como os gritos das andorinhas ao comer os insetos daninhos, o nascer do dia, a aurora de uma era mais justa e mais pura. A raiva da extrema-esquerda contra Marie redobrou no dia em que uma sentença de impronúncia veio lhes roubar essa condenação que assinalava o triunfo de seu partido e marcava com ferro em brasa, aos olhos do povo, a classe de vendidos com a qual era preciso romper. Essa sentença é prolatada talvez por ter sido obtida por Santeuil, que, de fato, era amigo íntimo do juiz e o único, entre todos, que parecera não abandonar Marie. Daí uma campanha de extraordinária violência desfechada contra Santeuil pelos jornais de extrema-esquerda e particularmente pela *Ere Nouvelle*, o periódico que apoiava mais claramente a política de Couzon. Todas as manhãs ele era acusado de ter participado dos ganhos de Marie, pedia-se sua destituição ao ministro, a abertura de um inquérito contra a sua pessoa. Atacavam-se todos os aspectos de sua vida. Inventavam-se calúnias horríveis sobre seus costumes. Assim, Couzon não se espantou quando um dia, em casa, vieram lhe dizer que Jean Santeuil lá se achava e pedia para lhe falar. E como recebesse francamente àquela hora, e outras pessoas que esperavam com Santeuil iam ser recebidas, vendo que não podia

evitar essa visita, sentiu-se extremamente embaraçado e aborrecido.

Muitos anos, de fato, haviam passado desde a época em que Couzon teria enrubescido por apertar a mão de um homem desonesto ou por ter de lutar contra um honesto. A paixão pela honestidade, as dificuldades em fazê-la triunfar haviam-no forçado a identificar sua conduta com a de um partido mais forte e ao qual, em troca do auxílio que este lhe fornecia, era obrigado a abandonar honrarias pessoais. Deixara, há anos, de pensar que podia se arriscar a passar por um traidor aos olhos dos seus, voltar contra si todos aqueles que combatiam por ele, arruinar a obra de sua vida e comprometer o triunfo de suas ideias para tentar reabilitar, tarefa de todo inútil visto que sozinho fracassaria inevitavelmente, um moderado injustamente suspeito. Há anos, e os anos não agem da mesma forma em cada um de nós, suas aspirações se haviam materializado numa obra menos pura sem dúvida, porém mais sólida, da qual se achava um tanto prisioneiro. Perdera, há anos, aquela generosidade da juventude que, sem qualquer tipo de interesse, se sacrifica para tentar ser útil a alguém que só poderá prejudicá-la. Ele só lutava por si, “si” englobando, a bem dizer, para si mesmo suas ideias de justiça e igualdade social; a vida lhe proporcionava lutas suficientes para travar em razão de si mesmo, para que ele se limitasse àquelas. Se pensarmos ainda que passado tanto tempo ele se habituara a considerar Santeuil, apesar de todo o afeto que sentia por Jean, como um homem mau não só porque se recusara a levá-lo a sério mas porque apoiava tudo o que lhe parecia vil e abominável, uma dessas pessoas cuja morte só traria benefício à sociedade e que o fato de sabê-las de conduta infame contribuiria para iluminar nossa filosofia, as calúnias que se levantavam contra ele lhe pareciam probabilidades, ou melhor, verdades sobre as quais ainda não fora possível obter provas completas mas que não tardariam em ser encontradas. Assim, decidido, por todas as razões que acabamos de explicitar, a não tentar coisa alguma em favor de Santeuil junto aos jornais encarniçados contra ele, não experimentava sequer o sentimento de uma covardia necessária, diante da qual, de resto, não recuaria.

Acreditava não poder, por interesse pessoal e por amizade, impedir a ação da justiça no interesse geral, pelos caminhos e meios que agradavam a Deus. Entretanto, o anúncio da visita de Jean foi um golpe doloroso, embora esperado. Mandou dizer que, se ele fizesse questão, estava disposto a recebê-lo, mas que preferia que Jean esperasse para marcar um encontro nas próximas 24 horas. Jean mandou dizer que preferia vir logo; Couzon, então, ordenou que o fizessem subir.

Enquanto aguardava a entrada de Jean, sentiu-se presa de extraordinária agitação. A lembrança dos tempos antigos em que Jean fora sempre tão afetuoso com ele, e sobretudo, pois esse sentimento menos comovente porém mais amargo apaga logo a relativa doçura do anterior, o sentimento dos anos passados em que fora para Jean o próprio padrão da justiça, comovia-o profundamente. Não pôde evitar o choro ao pensar em tudo aquilo que seu dever de líder do partido o forçava a sacrificar. Ouviu, porém, os passos de Jean, e logo o segundo sentimento, o de que Jean não o veria mais com respeito e confiança, mas como alguém que abusara dele feito um falso deus injusto, visto que compactuava há oito dias com esses atos abomináveis, causou-lhe uma sensação de vergonha inexprimível que lhe estancou as lágrimas. E foi vermelho, perturbado, quase trêmulo, que Jean o viu diante de si ao abrir a porta. Mas, ao contrário do que pensara, Jean não demonstrava qualquer atitude de violência, desprezo ou revolta, pois sua natural candura, aliada a uma admiração demasiado antiga para se desfazer assim de um momento para o outro, fazia-o compreender não só os motivos de Couzon para agir dessa forma, mas também as razões que devia dar a si mesmo e, acima de tudo, tinha piedade do enorme sacrifício que ia lhe pedir. E, na verdade, se achasse fosse possível desprezar os ataques, talvez não tivesse feito essa tentativa, tendo também ele sua dose de covardia, se sua mãe não lha houvesse pedido, quase o tratando de mau filho. Sentia-se envergonhado de vir lhe pedir que fizesse, por si e pelos seus, uma coisa que, percebia-o perfeitamente, ia deixá-lo em posição de desconfiança dentro do próprio partido. Assim, foi com uma voz suave, em que a amizade antiga parecia ignorar o estado

de beligerância declarado entre eles há alguns dias pelos artigos, que principiou: — Perdoe-me por ter vindo incomodá-lo e pedir-lhe que empregue, para mim, as forças que deve reservar para os outros. Mas quem poderia eu encontrar que... — E, sentindo-se com efeito tão isolado e próximo desse homem tão maravilhoso e tão bom e que tudo podia por ele, quase foi obrigado a se retirar para não se jogar em seus braços.

— Peço-lhe perdão por ter vindo incomodá-lo com nossos assuntos pessoais quando está tão ocupado — recomeçou Jean —, mas acho que não seria direito, para não aborrecê-lo, não tentar evitar grandes desgostos às pessoas que mais amo. — Couzon apertou-lhe a mão afetuosamente, convidando-o a sentar-se. Quem de nós, numa hora grave em que da vontade da pessoa em cuja presença nos achamos dependerá quase toda a nossa felicidade ou o nosso infortúnio, não ouviu ressoar solenemente essas palavras convencionais pelas quais se convida o recém-chegado a se sentar e que nem mesmo se ouvem na vida comum, seja porque os pormenores mais insignificantes das conversas inesquecíveis recebem delas essa força angustiosa que as fará persistir por muito tempo em nossa memória, seja porque numa hora em que toda convenção parece abolida, onde é a alma que vem empolgar outra alma ou se chocar contra ela, as palavras convencionais nos impressionam sobremodo e quase tentamos agarrá-las, não pelo efeito maquinal de um hábito inveterado, mas pela expressão sincera de um sentimento atual? Nesses momentos, como indício, tudo não é bom? Pela porta aberta da sala onde esperamos o cirurgião, vemos o criado pondo a toalha na mesa, toalha onde o sol deixa pontos luminosos. Dentro de uma hora, dizemos com nossos botões, o cirurgião irá recomeçar sua amada vida de felizes e alegres refeições. A consulta que me dará, a pequena operação que me terá feito não serão mais que um de seus atos puramente especulativos, um dos sonhos sem fantasia que exercitam sua inteligência, aguçam sua fome e dos quais não se lembra à noite, no grande sarau aonde levará a filha. Por que não será o mesmo em

relação a mim? Um acontecimento tão insignificante para ele, afogado entre milhares de acontecimentos semelhantes, não pode ser muito mais sério para mim e atingir seriamente o âmago da vida real, na trama dos prazeres variados desde o calor dos ovos *dorés* servidos entre as garrafas de cerveja fresca, até a brilhante chegada a um baile, saudada por sorrisos e murmúrios condescendentes. Com a mesma paixão nos aferramos às fórmulas convencionais a fim de descobrir, sob a letra morta há tempo demais para nos dizer algo, qualquer presságio favorável àquilo que desejamos. Nossa querida nos escreve para nos dizer que já não nos ama, mas escreve “meu querido”, fala de sua “ternura” e damos facilmente a essas palavras, como a alcoviteiras complacentes, o sentido que desejamos que elas tenham.

Jean sentou-se ao lado de Couzon e com um sentimento de ternura talvez mais vivo do que de hábito. O poder que certas pessoas têm em certas horas sobre nosso destino fá-las adquirir, a nossos olhos, uma grandeza e um encanto dos quais, muito naturalmente e sem dissimulação, insinuamos que estamos plenos. E nossos nervos sobre-excitados, capazes de notar as nuances frequentemente despercebidas, vibram deliciosamente à mais simples polidez, a uma atenção delicada, a maneiras tocadas de doçura. — Leu os artigos que a *Ere Nouvelle* dedica a meu pai em seus números de anteontem e ontem, não, não, de trasanteontem e ontem? Não houve artigo anteontem — disse Jean. Esse detalhe pouco importava. Mas, quando temos de dizer coisas que nos emocionam muito, prendemo-nos ao primeiro detalhe material cujo enunciado interrompe por um momento o doloroso esforço que fazemos sobre nós mesmos para exprimir aquilo que tanto nos custa dizer. — Sim — respondeu Couzon —, quando me disseram que você tinha vindo, vi logo que era por isso. — É por causa disso — retrucou Jean e deteve-se por um instante, pensando que Couzon ia falar por si mesmo, o que lhe pouparia o incômodo de ter de perguntar. — Mas não creio — observou Couzon depois de um momento de silêncio — que seu pai se irrite demais com ataques que, por sua própria violência, perdem todo seu alcance. — Jean enrubesceu a essas palavras, sentindo-se chocado com essa

hipocrisia, totalmente inesperada da parte de Couzon. — Engana-se completamente se pensa desse modo — disse Jean com vivacidade. — Meu pai sente-se muito infeliz e minha mãe está de dar pena. — Couzon sacudiu a cabeça tristemente, como para exprimir o pesar que sentia diante de toda essa situação, e disse: — Oh, a política faz muito mal. Com as melhores intenções. — Não creio que diga isso para o jornalista que escreveu o artigo — respondeu Jean com raiva. — A única falta cometida por meu pai foi a de ter sido fiel a um amigo e de ter-se compadecido de um infeliz. Talvez não seja bastante para que se inventem semelhantes calúnias a seu respeito. — Falaremos disso daqui a pouco — disse Couzon, que sabia que repartindo bem as questões frequentemente escamoteia-se uma parte. — Por mim, acho que o mais urgente que tem a fazer é acalmar seu pai. É imperioso até, não só no interesse da saúde dele e da sua própria como no de sua honra, que deve pairar acima de semelhantes imputações, que reduza todo esse incidente a suas verdadeiras proporções, ou seja, as de uma polêmica de jornal, penosa como bem vejo, mas afinal sem maiores consequências.

Jean mirou-o por um momento, com desprezo, e depois, com voz mais calma: — Couzon — disse —, está zombando de mim, pois sabe muito bem que se vim até sua casa não foi para voltar com conselhos dessa laia que poderia conseguir sozinho. Conheço-o há demasiado tempo para que você possa me fazer crer que não vale mais do que isso e que é daqueles que chamam prestar serviço à recusa em prestar serviço disfarçado em conselhos insignificantes, que fazem com que aquele que veio procurá-lo regresse tão agradecido que não ousa confessar que está decepcionado. Você não é desse tipo. Mas provavelmente julga culpado meu pai? — Juro que não — disse Couzon. — Não pode julgar bem meu pai — respondeu Jean. — Ele pode ter seus defeitos, que lhe são antipáticos, mas isso não o impede de ser um homem de grande coração. E tudo o que fez pelo sr. Marie, sabendo bem a espécie de campanha que podiam desencadear contra ele, só isso demonstra já quanto ele é bom. Imagine que, se você se comporta como o defensor de meu pai contra a *Ere Nouvelle*, faria algo menos belo

que o que meu pai fez ao defender Marie. Está obrigado a fazê-lo porque sabe que meu pai é inocente, ao passo que meu pai devia pensar que Marie era culpado. — Deixe-me pensar um minuto — disse Couzon, cujo olhar, há alguns minutos, evidenciava uma violenta concentração interior.

Jean se calou. Couzon refletia. Sabia bem que tinha uma oportunidade de encerrar a campanha, mas também tinha noção bem segura do descrédito que isso lhe acarretaria. E nessas circunstâncias não se sentia guiado por essa espécie de emoção generosa, de inspiração quase poética, à qual costumava obedecer. — Não, de fato não sei o que posso fazer — disse prontamente a Jean; e, com o aspecto de continuar a pensar: — Quer que o mande com um recado à casa do diretor da *Ere Nouvelle*? — À casa do diretor da *Ere Nouvelle*, com um recado, está doido? — gritou Jean. — Com uma pistola, não é? — Não, é verdade, você tem razão, é impossível. Realmente não sei. — Como?! — berrou Jean com violência. — Se você ameaçar a *Ere Nouvelle*, caso continue seus ataques, de representar contra ela, por meu pai, no processo que ele vai sem dúvida instaurar, e, antes disso, de desautorizá-la numa carta em que diria que nada tem em comum com ela, que encara seus redatores como patifes e caluniadores, acredita que cessem os ataques? — Em primeiro lugar, não sei absolutamente se o resultado seria esse, e, depois, não posso fazer isso. Infelizmente não sou senhor da minha vida. Ela pertence às ideias que jurei defender e não posso, no próprio instante em que seu pai acaba de cometer um ato que censuro, sacrificando uma parte da integridade dos poderes públicos a uma amizade particular, imitá-lo e ultrapassá-lo em muito, sacrificando a uma amizade particular o bem de todos, que, para se realizar, tem necessidade da ajuda de todas essas pessoas com quem você quer me fazer romper para sempre. — Não sei o que eles podem fazer pela felicidade de todos. Vejo apenas que destruíram a felicidade de uma pessoa e até de três pessoas. Tenho alguma dúvida sobre se Deus permite que as pessoas que fizeram isso por sua própria vontade possam fazer a felicidade de todos. Conheço suas ideias, são ideias de Justiça. Você foi o primeiro que fez com que eu as sentisse. Mas, enfim,

você tem em sua vida a ocasião de mostrar que essa Justiça não é uma concepção vaga, uma palavra vã, em que possa servir, de fato, à Causa da Justiça. E você recusa.

— Jean, você não me compreende. Recuso porque não me sinto no direito de preferir a felicidade de seu pai e a sua, porque conheço você, sei que ela é, para mim, algo mais sensível, algo que me fala ao coração, à felicidade de milhões de seres que têm tanto direito a ela como vocês, que confiaram em mim, e pelos quais não posso fazer triunfar as reivindicações necessárias sem a ajuda daqueles com quem você quer que eu rompa.

— Você sacrifica o bem de todos não a uma amizade particular, e sim a um interesse particular, à sua situação política. Sim, o bem de todos. Porque, sendo injustos para com meu pai, os jornalistas da *Ere Nouvelle* não são apenas injustos, tornam injustos todos os que os leem. Tornam-nos maus. Dão-lhes vontade de ler, no dia seguinte, que um de seus vizinhos que julgavam bom é mau, que ele se achava bem tranquilo e que vai ser destituído. Se for preciso, farão o público esperar que seja preso e tratarão, tornando por seu turno o governo injusto, de fazer com que seja preso. Percebo perfeitamente que reinarão um dia. E esse reino será o reino da Injustiça. Enquanto esperam que o governo se torne injusto, que as leis se tornem injustas e que a injustiça exista de fato, eles preparam esse dia fazendo reinar pela calúnia o gosto do escândalo e da crueldade em todos os corações. Atacando unicamente meu pai, não só fizeram três infelizes de minha mãe, de meu pai e de mim, mas transformaram todos os que os leem num grande número de malvados. E isso talvez seja pior.

IV. O escândalo Marie (Final)

Havia em Paris muitas pessoas a quem a prosperidade de Marie era intolerável: Gustave Pointelin, cujo gabinete ele derrubara com um discurso célebre e o voto que se seguira; Gaillon, que ele combatera, como ministro do Interior; Rustinlor, que estivera sob suas ordens nas Belas-Artes e de cujos versos gracejara como se fossem brincadeiras sem importância; Victurnien, cuja mulher a sra. Marie jamais quisera receber; uns porque não tinha podido obrigá-los, outros porque os obrigara, outros ainda porque tinham sido postos de parte por alguns amigos de Marie e supunham-se desservidos por ele, todos os que o julgavam feliz por ser ministro, por ser mais do que eles, e aos quais a ideia dessa felicidade era odiosa. Podia-se crer que durante os últimos dez anos, tão gloriosos para Marie, um desespero sem fim fosse o quinhão de seus inimigos. Nada disso. Assim como o amor, o ódio também se nutre de mentiras. Não há dúvida de que os jornais anunciavam que Marie fizera uma viagem triunfal ao norte. Mas Gustave Pointelin sabia muito bem que “o caso estivera longe de ser como contavam, pois até em sua própria aldeia havia crianças que lhe tinham atirado pedras”. — Pedras, Gustave? — exclamou a sogra de Pointelin, com sua voz de camponesa que rolava os *rr*, e com ingênuo espanto. — Acho que preferiria ter menos condecorações e não ser insultada pelas crianças da minha aldeia. Olhe só, os coitadinhos — Sim, sim — dizia Pointelin como quem está bem informado —, sei que as coisas não andaram bem. — E saboreando essa primeira gota de felicidade: — Oh, se bem o conheço deve ter ficado bastante aborrecido, nem tudo lhe foram rosas. — Ora, pedras não são nada agradáveis. Aí está uma acolhida — murmurava a velha senhora satisfeita.

— Se não passasse disso — acrescentava Pointelin. — Como, Gustave, ainda há mais? — Oh, mas eu afirmo que tudo isso vai

acabar mal. Ele sofreu afrontas, o que sei é que não queria estar no seu lugar nem por todas as pastas do mundo. Aliás fui seguramente informado de que o subprefeito não queria comparecer ao jantar que lhe deram na Prefeitura e onde, afinal, não havia ninguém. A mulher do prefeito disse que estava doente e foi preciso uma ordem do ministério do Interior para forçá-la a descer. Além disso, notou-se que ela não estendeu a mão a Marie e isso causou mal-estar, não digo mais nada. Parece que ele estava triste como um morto. Ora bolas, não é agradável sentir que as pessoas que estão em nossa casa vieram à força. Sei muito bem que, em seu lugar, a ser recebido dessa forma, eu teria preferido deixar de lado essa viagem. Isso vai deixá-lo mal na região! — É esse ódio que faz da vida de nossos inimigos, para nós, um romance inteiramente falso. O ódio supõe nos inimigos, em vez de uma medíocre felicidade humana, pontilhada de sofrimentos comuns que viriam despertar em nós simpatias suaves, uma alegria insolente que à nossa raiva parece irritante. O ódio transfigura tanto quanto o desejo e, como ele, nos torna sequiosos de sangue humano. Mas, por outro lado, como só pode se saciar na destruição dessa alegria, o ódio a supõe, a crê, a vê perpetuamente destruída. Tanto quanto o amor, o ódio não se preocupa com a razão, e fixa o olhar numa esperança imorredoura. E assim como Jean dormia todas as noites pensando que no dia seguinte Marie Kossichief viria lhe dizer “eu te amo”, assim todas as noites os inimigos de Marie previam que a sua desgraça não tardaria.

Como o povo judeu, esperaram muito tempo pelo dia abençoado. E Pointelin morreu sem ver sua aurora mais confiante em que ela reluziria. Estava morto, deixando a seus amigos da história de seu tempo um relato bem diferente daquele que era geralmente aceito. Aqueles que detinham o poder, ele os julgava já arruinados, e os que não desempenhavam nenhum papel nele, sentia-os marcados para um destino próximo. Outros mais felizes assistiram àquela sessão da Câmara, ou a ela assistiram com a ilusão de uma fotografia animada ao lerem os jornais, onde nessa imensidade de realizações sucessivas em que toda possibilidade acaba por ter sua vez, também pela caducidade de todos os homens e de todas as

organizações humanas, Marie e seu partido desabaram tão terrivelmente que nem o mais romanesco dos ódios o teria imaginado a contento. Pois o espírito, sendo feito dos mesmos elementos que a natureza, não pode imaginar nada que não venha a ser confirmado pela sequência dos acontecimentos, e onde ele reconhece nesse mestre tirânico que agora o subjuga, o filho risonho de sua fantasia. Haverá um homem de sociedade que nos serões de inverno nos possa dizer: “Eu também assisti, representei meu papel num verdadeiro romance?” Ou que guarda no segredo de sua lembrança um romance que não lhe agrada contar, que jamais será escrito. Pois o outro ator está dormindo para sempre sob uma pedra distante, ou vive em outra terra entre milhares de homens ignorantes de seu segredo, entre os quais não há a menor possibilidade de que o encontremos. Mas pode-se dizer que esse romance nunca será escrito? Está por toda a eternidade no cérebro do homem, e sem dúvida já esteve nas páginas em que é decalcado por essa espécie de tinta simpática, o pensamento. Não é isso o que você quer dizer, caro leitor, quando me assegura que, se quisesse falar, só saberia, dizendo coisas verdadeiras, escrever o mais dramático, o mais inacreditável, o mais romanesco dos romances? Mas os romances perdem seu encanto quando penetram na realidade. E quando a curiosidade e o ódio forem saciados, o público experimenta, em face do romance realizado que era o destino de Marie, essa decepção que pode chegar à indiferença e mesmo ao tédio que sentimos ao ver por fim uma paisagem que nos encantava quando a imaginávamos, ao reconhecer no rosto de um homem ilustre e medíocre os traços que não nos cansávamos de contemplar nas vitrinas dos fotógrafos.

Marie não foi condenado, mas teve de renunciar ao cargo de deputado. Durante seis anos, havia desfrutado mais do que ninguém a leitura dos jornais que, pondo-lhe sob os olhos todos os dias seu nome impresso, na carícia das palavras: “o eloquente homem de Estado, o admirável financista, a grande personalidade política”, pareciam trazer-lhe, como uma brisa deliciosa, a admiração ou a inveja distantes de milhares de leitores fascinados. Agora que na manchete traziam: “Os desfalques do sr. Marie. Um

ladrão que foi por água abaixo”, depois de ter tentado não os abrir, experimentava todos os dias um sofrimento tão requintado que parecia, nesses pequenos caracteres, lhe trazer o desprezo de milhares de olhos, a embriaguez de milhões de ódios, o insulto de milhões de inimigos, e que, assim como o ciúme colhe no amor os seus instrumentos de gozo para convertê-los em instrumentos de tortura, se assemelhava à sua felicidade, tão profunda, tão pública e sem contraste. E como que derrubado inocentemente no leito, enquanto se deixava entrar pelas cortinas, primeira visita e primeira aclamação, a luz do dia, gloriosa, no quarto, imaginando a inveja de seus rivais e a cólera de seus inimigos, sentira-se invencível diante deles, do mesmo modo, diante do insulto ignóbil e desprezível dos inimigos sentia-se desarmado. Uma vez, como um prisioneiro em quem todos cospem rindo ao passar e que num momento de revolta procura desferir um soco, mas se embaraça nos nós que o prendem, e seu algoz o lança à terra com uma rude coronhada fazendo redobramos os risos e os insultos, assim Marie levou um dos jornais à barra do tribunal. Mas o jornal teve ganho de causa, Marie foi condenado a pagar as custas, e desde então o jornal não deixou um só dia de publicar um artigo contra ele, chegando mesmo a inventar sobre sua mulher e seu filho calúnias ignominiosas.

Nessas circunstâncias, não sei qual seria a atitude do sr. Santeuil se sua mulher não estivesse ali para orientá-lo. Desde há muitos anos, ela havia insinuado nele, aos poucos, uma generosa doçura que os homens frequentemente não possuem e que parecia antigamente, antes de seu casamento, fazer parte da natureza do sr. Santeuil. Mas desde o primeiro dia, contando-lhe a promessa que fizera à sra. Marie, com a humilde autoridade e a ternura inflexível que faziam a sua força, ela lhe impôs a única conduta que deveria manter e no próprio dia da petição para autorização de busca foram ver Marie. Este, porém, não os recebeu. Sempre vergastara os políticos que se metiam em negociatas, na Câmara, dirigindo-se aos colegas, e silenciosamente todo o dia e toda a noite, dirigindo-se a si mesmo, repetia: “Que calúnia infame! Não conseguirão que ninguém acredite nela.” Temia no entanto, que as pessoas acreditassem e não se sentia à vontade diante delas. Só teria se

sentido bem diante de Cerpin e Vieuxdons, para quem o que fizera nada tinha de mau. Estava cansado, todavia, e não se sentia com forças para suportar as interrogações de Santeuil e, acima de tudo, para continuar a dizer como dissera a vida inteira, “eu sou honesto”, agora que, para isso, achava necessário modificar a maciça convicção das pessoas revoltadas contra ele. Bendizia a Deus por lhe haver poupado a vergonha de que sua mulher fosse testemunha dessas horas.

* * *

Semelhante à porta encantada que velasse, como um guardião dotado de raciocínio, uma morada mágica, a pálpebra, quando uma luz muito forte vem bater nos olhos, fecha-se por si mesma sobre o palácio frágil ao qual dá acesso, protegendo-o assim de um ataque que ele não poderia evitar. Nossa sensibilidade não é provida de órgãos menos delicados e resistentes, os quais sob o nome de desmaios, embrutecimento, sono ou febre lançam contra ela, no momento em que a dor muito violenta a fere, seu envoltório fino e impenetrável. No auge da confusão, e quando a situação se tornava verdadeiramente perigosa, um deus segurava Ajax pelos cabelos e o ocultava aos golpes dos inimigos numa nuvem. Foi essa nuvem divina que flutuou durante alguns dias pelo espírito de Marie, até que os sinais da dor tivessem começado a perder a violência e ele pudesse novamente afrontá-los. O calor do dia lhe era insuportável. E esperava o entardecer com a impaciência do doente que aguarda o médico com quem pode contar mas que parece demorar muito a vir, pois antes de chegar até nós deve ir visitar muitos doentes e infelizes. Mas enfim chegava, pondo na testa de Marie suas frias compressas, dando-lhe ar mais fresco para respirar e um pouco de esperança para o dia seguinte. Uma tarde em que abrisse, desse modo, a janela para deixar entrar a aragem da noite, estendido no sofá de onde quase não saía, a natureza mergulhou-o no sono, como os vitrinistas que, para fazer aparecer determinadas imagens, são obrigados a pôr tudo às escuras por um momento. Enquanto dormia, uma aragem suave ergueu-se no quarto e veio pousar-lhe

docemente na frente. — Marthe, Marthe — disse Marie no sono —, oh, estás vindo para perto de mim! Então não sabes? — Mas sua mulher se contentou em beijá-lo e olhá-lo com ternura. Então, sentindo-se ainda mais obrigado a mentir para ela do que para os outros, disse-lhe: — Não é abominável o que fizeram? Não é verdade que também detestas esses malvados?

Como a mulher nada lhe perguntasse e tivesse se chegado a ele com tanta doçura, Marie pensou que ela não sabia de nada e estremecia de ter de lhe contar tudo, preferindo afastá-la, mas ela lhe tomou as mãos com ar suplicante, pedindo para ficar junto dele, de tal modo que ele compreendeu que ela sabia de todo o seu sofrimento. E, com olhos que muito haviam chorado, ela sorria para encorajá-lo. Por certo, não temia que suspeitasse dele, mas desejava dizer-lhe, como aos outros: — Tens razão em ter pena de mim, pois me cobriram de calúnias. — Mas, embora alimentasse há muito o hábito da mentira, esta lhe parecia mais penosa naquele momento. Porém ela, tomando-lhe as mãos entre as suas, disse-lhe rindo: — Não te inquietes com isso. Nunca fizeste nada de mal, já que sempre foste bom para os outros, piedoso e magnânimo. Todos os homens honestos te acolherão, pois só os malvados estão contra ti. Mas dentro de alguns dias tudo mudará. Não concorda comigo, Santeuil? Não é verdade que o que ele fez não merecia tanto sofrimento e que nós lhe perdoamos? — E Marie viu Santeuil, a quem ainda não havia percebido, e que estava com a mulher. — Vamos, te prepara, ele veio te buscar para que saias. Vá, procure distraí-lo, confio-o a você — disse ela dando a mão a Santeuil. — Vamos, que cara triste é essa? — acrescentou beijando o marido na testa. — Um dia ficarás bem espantado por teres tido tanto desgosto por tão pouco. — Marie saiu com Santeuil, não gostaria de deixá-lo nunca mais. O perdão de um homem honesto, não obtido através da mentira e sim porque ele conhecia a verdade, fazia com que experimentasse pela primeira vez uma doçura extraordinária. E ele permanecia aniquilado em face desse milagre como um homem que segue a recordação de um infortúnio irreparável e que vê, de repente, que sonhou e que tem bem junto a si, agora que está desperto, tudo aquilo que julgava estivesse perdido para sempre.

Quando Marie acordou, esse sentimento de felicidade não o havia deixado. Mas ele se sentiu separado de Santeuil. Gostaria de reencontrá-lo logo. Pela primeira vez, saiu de casa e mandou que o levassem à casa de Santeuil, o Santeuil que sabia de tudo mas que, por intercessão da morte e graças a seu coração generoso, lhe havia perdoado. Todos os dias foi almoçar ou jantar lá. O prazer de comer pratos inesperados ou anunciados apenas um momento antes de sua aparição fumegante, trocando olhares brilhantes de bem-estar e de simpatia com os amigos, voltou a existir para ele. Pouco a pouco os dias ruins se afastaram dele, não mais oprimiam sua vida, persistindo unicamente em sua recordação como esses mortos dos quais contemplamos apenas a estátua impotente. Mas não era só nesse sentido que ele esperava ver, verificar as previsões que a mulher lhe fizera afirmando que um dia tudo mudaria. Tal dia bem poderia demorar muito, o dia em que retomaria o poder, em que seus inimigos seriam confundidos. Sem dúvida, nada parecia preparar esse dia. Nenhuma calma se fizera em torno de seu nome. Quase ninguém lhe dava bom-dia na Câmara. Mesmo pela questão mais insignificante, ele não poderia tomar a palavra sem levantar clamores. Mas sabia que a vida tem suas voltas, a máxima favorita dos desgraçados. E sua experiência da vida política em vinte anos parecia fortalecê-la ainda. Esse dia, ele não podia quase se ocupar em prepará-lo, mas sabia que viria. Por isso, esperava-o com impaciência. E não pensava na alegria de seus inimigos, não procurava fazer-lhes mal pois sabia que não valia a pena, que bem cedo eles seriam humilhados e que eles *sabiam* que era feliz.

Como fosse orgulhoso e não malvado, essa era toda a vingança que desejava, mas desejava-a por completo. Entretanto, o tempo se escoava e, como um homem sentado num barco imóvel, os olhos fixos nas pequenas ondas que passam, aos poucos vítima de uma espécie de vertigem crê que as ondas conspiram para empurrar o barco e que ele avança, assim o tempo, ao passar, parecia-lhe preparar o dia esperado. Durante algum tempo, as maiorias do ministério Gaillardi foram esmagadoras. Mas, como Marie achasse que, em política externa, em finanças, em agricultura, ele conduzia a

França a um abismo, denunciava essa política desastrosa em artigos não assinados e sabia que em breve a França obcecada, aplaudindo todos os dias aqueles que a levam para o precipício, enfim desiludida, se reanimaria. Todas as vezes que o ministério tinha uma maioria precária ele sentia que começavam a se cansar, que uma nova era estava se aproximando. Ou, se seu crédito dava a impressão de renovar-se, acreditava que do excesso de mal nasceria o bem talvez mais duradouro, e que era preferível que se esvaziasse a taça da amargura para que dela não restasse nada, nada. Nunca haveriam de faltar as circunstâncias numa situação que parecia confirmar as opiniões mais pessimistas.

Certa feita, pensou que eclodiria a guerra. Prolongou-se uma greve. Em dois departamentos foram eleitos deputados socialistas. Houve um atentado contra a Câmara. Marie via nisso outros tantos sintomas de ruína próxima. No entanto o mundo continuava a viver, a ser feliz, a perseguir e a satisfazer suas ambições a seu redor. Enfim o ministério caiu e, como se levava muito tempo para substituí-lo por outro, Marie, como essas moças a quem a leitura de romances deturpou o senso da realidade, via nisso um estado revolucionário, uma coisa jamais presenciada. A troca de um embaixador na Alemanha parecia-lhe sinal expressivo do desprezo da Europa e uma questão de forma na Câmara, a substituição de um juiz, por exemplo, um prólogo mais grave do que os atos mais sanguinários da Convenção. Sem contar que sua agitação e sua esperança não só eram confirmadas por todos esses fatos, como também por todos os que os jornais da oposição inventavam, e que de sua parte julgava verídicos. O ministério seguinte foi composto em parte de amigos seus, e daqueles que haviam sido os mais generosos para com ele por ocasião de sua desgraça. Mas o interesse deles era ter contra si o mínimo de fatos suspeitos. E nenhum teria maior repercussão negativa do que qualquer ato em favor de Marie. Puderam se desculpar aos próprios olhos dizendo consigo que só se prejudicariam sem lhe poder ser útil em nada. Daí em diante, Marie tratou-os de canalhas, detestou-os mais que aos precedentes, lamentava a queda destes últimos, espreitava todos os dias os sintomas do desapareço dos concidadãos. Não os saudava

na Câmara e escutava tudo o que se fazia num silêncio feroz, tomando notas, preparando projetos para o dia em que fosse de novo ministro.

Era, agora, um homem totalmente encanecido, alquebrado, demonstrando uma velhice prematura, uma tristeza de estar afastado do poder que seu desânimo não mais confessava ao seu orgulho. Não duvidava do dia da glória e da reabilitação, mas começava a perguntar-se se viria, ao contrário do que ocorrera com Ferry, por uma presidência do Senado ou por uma presidência da República que lhe daria de preferência a glória pacífica e não as condições de realizar todas as suas ideias. Afinal, talvez fosse melhor. Essa apoteose ociosa convinha melhor à sua idade do que uma existência militante e seus sucessores aplicariam sua política, rendendo-lhe homenagem. Seria vingado. E se o fosse somente depois de morto? A História se encarrega assim muitas vezes das reparações que a vida não pôde fazer e que lhe confia ao se extinguir como um dos encargos de sua herança. Mas do jeito que iam as coisas não precisaria esperar até lá. Os homens que o haviam substituído eram postos de lado uns depois dos outros. E era a seus antigos companheiros que se voltava a recorrer. Todas as manhãs, todas as tardes, durante seu passeio, repetia para si mesmo mil vezes seguidas os nomes dos colegas que escolheria quando lhe confiassem a tarefa de formar o ministério e os termos de sua proclamação que via diante dos olhos nos jornais, sublinhada dos aplausos da Câmara. A cólera do público se cansou. Acolheram suas Lembranças na *Revue des Deux Mondes*. Nos momentos de crise, os jornais da oposição foram uma ou duas vezes entrevistá-lo. Foi lembrado para presidir um banquete de professores de seu departamento. Ao sair, apanhou um resfriado e morreu dois dias depois de pneumonia. Conforme sua vontade, não teve discursos nem coroas e foi enterrado ao lado da esposa e do filho sob as violetas de Beauceronges.

V. Primeiros tempos do caso Dreyfus

O capitão Dreyfus foi preso sob a acusação de ter entregue documentos em que estava envolvida a Segurança do Estado, condenado em julgamento secreto com base em peças que não lhe foram mostradas, e deportado para Caiena. Entretanto, as provas de sua culpa, divulgadas aos poucos, pareciam insuficientes; abriu-se um inquérito por ordem do Supremo Tribunal para saber se se impunha a revisão de seu processo. A audiência começava todos os dias ao meio-dia. Na sala exígua, em bancos postos uns sobre os outros ao longo das paredes do fundo e dos dois lados, sentavam-se os 15 conselheiros, com a cabeça coberta por altos gorros, vestidos de toga, imóveis, como esses retratos de antigos magistrados onde os vemos no traje tradicional, com a fisionomia que tiveram em seu tempo, não se mexendo, ouvindo depoimentos (tinham de julgar com base nos fatos). Seu toucado bizarro protegia uma cabeça especial onde a mais viva força da inteligência toma uma forma tão particular que, à expressão de um julgamento literário ou artístico, à tentativa de todo tipo de originalidade numa conversa ou numa carta, o artista mais inclinado a desfrutar uma inteligência diferente da sua não a teria sem dúvida reconhecido. Quando fazia bom tempo e o céu estava azul sobre o Palácio, seus muros dourados e depois cor-de-rosa, em que pareciam, desse modo, espargidas e iluminadas no céu e sobre a cidade as cores das catedrais, eles iam a pé ao Palácio. Às vezes o sol, dando em cheio num deles, obrigava-o durante a audiência a manter uma folha erguida para proteger os olhos. De outras vezes, chovia tanto que em pouco tempo era preciso pedir luz. Nesses dias vinham ônibus, onde encontravam um colega com quem conversavam. E todos reunidos, os mais velhos parecendo dormir e mostrando de súbito por uma palavra dita a meia-voz que estavam despertos — pois diante dos velhos que escutam é como se estivéssemos muitas

vezes diante dessas focas de cabeça branca, olhinhos cansados, enjauladas, cujos hábitos não conhecemos e que procuramos saber se dormem ao vê-las imóveis — tentavam extrair a verdade de todos os fatos que recolhiam.

* * *

Todas as tardinhas, agora, quando Henri queria ver Jean, tinha de ir ao café, onde o encontrava com Durrieux, pois toda noite Jean queria ver Durrieux. De fato, há um mês que sua vida mudara, e ele saía de manhã cedo para ir assistir no Tribunal do Júri ao processo Zola, levando apenas alguns sanduíches e um pouco de café num cantil, lá permanecendo em jejum, excitado, apaixonado, até às cinco horas; à noitinha, quando voltava no meio de pessoas que não estavam no mesmo estado físico, tão suave, daqueles cuja vida é modificada bruscamente por uma excitação especial, sentia muita tristeza e solidão por perceber que essa vida excitante acabara de repente. E encontrar Durrieux após o jantar, Durrieux que viera de manhã buscá-lo para irem juntos, que lá ficara, como ele, horas inteiras de pé a ouvir as mesmas coisas, a aplaudir nos mesmos momentos, a correr para ver passar a mesma personalidade, tendo sido como ele testemunha de tal inflexão de voz do advogado, de tal movimento do público, de tal atitude de certo espectador influente, era como provar a si mesmo que essa vida agitada era não só alguma coisa inconsciente como um sonho, a qual fora vivida por outros, era também mergulhar nela, recordá-la, raciocinar sobre ela, perpetuá-la, aprofundá-la. Se, quando chega, a morte é algo tão absoluto e se por esse motivo tudo o que interessa a uma parte morta de nossa vida, todos os companheiros de colégio, todas as terras antigas nos são tão indiferentes, tão importunos, enquanto essa morte não se consuma nós a tememos, não queremos morrer de modo algum, aferramo-nos a tudo que parece ainda conservar a vida. Daí as cartas, as lembranças avaramente guardadas, a velha afeição dos companheiros de armas, as vivas demonstrações de afeto entre companheiros de viagem, as camaradagens do colégio, as amizades entre colegas. Nas mágoas e prazeres vividos em

conjunto, encontramos o começo de sadios afetos, de conversas alegres. Vida alguma que seja o seu tanto excitante está isenta desses episódios calmos que a seguem e nos quais se sente, na viva satisfação e na alegria tranquila das fisionomias que trocam ditos banais esvaziando um copo de cerveja, que algo mais profundo do que eles está ali, e os aproxima e lhes sorri.

São talvez dois companheiros que acabam de passar no mesmo concurso, que durante muitos meses estudaram juntos, debruçados sobre livros inegavelmente aborrecidos. No entanto sua vida não era de todo sem atrativos, na primavera, quando paravam um momento de estudar para ouvir o rouxinol que cantava na árvore fronteira à janela, para olhar o lilás imóvel que sobrepunha molemente no ar luminoso as macias e delgadas pirâmides de suas flores cor de malva como um altar perfumado. Meu Deus, como é delicada a sua cor! Como devem cheirar bem! Jean, pois é nele que penso quando preparava suas provas finais com Henri, gostaria muito de descer para cheirá-las. Mas não, é preciso estudar. Abrir a janela? Mas o calor entraria e, além disso, o ruído dos pássaros e da rua os atrapalharia. Depois, quando o frio voltasse, quando tudo escurecesse e tivessem acabado de jantar bem, o longo estudo diante do fogo que brilhava ativamente, retiro pacífico do estudo protegido por essa fileira de chamas, que Jean em breve substituiria por outro ainda mais exíguo e profundo, sua cama. Mas era necessário, antes, ir lá fora, e fazia um frio dos diabos, ouvia-se o vento na chaminé. Mas Henri o acompanharia. Não era Henri para ele o único amigo, se na figura de nosso amigo é preciso que esteja nossa própria vida e não aquela que não conhecemos, nossa própria vida, ardente, desconhecida e alegre que nos sorri? Depois, já iniciadas as provas, Henri viera buscar Jean todas as manhãs às seis horas, quando o dia mal clareava. Cada um tinha seus papéis, sua tinta, seus sanduíches, e logo que entravam na sala, chamados pelo nome, no momento em que esvaziavam de um gole a pequena garrafa de café preto, colocavam-na depressa numa sacola. Pois era o momento solene em que acabavam de dar ao professor um envelope, um envelope que ele ia abrir, um simples papel branco lacrado no qual estava escrita a tarefa ainda desconhecida de todos,

um simples papel que o professor, de pé, segurava e ia abrir com os dedos, mas que trazia toda a força do futuro que nesse instante lhes subia ao peito, que levava, na verdade, toda a força do destino naquilo que ele tem de inevitável e imenso, no momento em que, já realizado, ele é ainda desconhecido, em que vai espezinhar ou evitar ou glorificar nosso passado, papelzinho que em certos dias é um veredicto, noutros uma graça concedida. A solenidade, o frêmito desse momento, para Jean, habitavam ainda à noite em Henri, que os havia sentido como ele. A vida, juntando-os ali, os aproximara, e eles se sentiam mais próximos entre si que dos outros. É desse modo que eles se mostram, sorrindo para a vida ao olhar o que está à frente deles, conversando a rir dos soldados num bivaque, das testemunhas, dos adversários depois de um duelo, e toda noite eles, Durrieux e Jean, nessa taverna, depois de um dia inteiro desse processo Zola.

* * *

É por isso que nessas épocas agitadas pela paixão não faltam nunca as cenas calmas e cordiais, as longas conversas risonhas, a felicidade de um homem que se encontra junto a outro, sorrindo à mesma vida que cada um vê sorrir-lhe no outro. Assim é que Jean, depois de se lavar, mudar de roupa e jantar em casa, vinha de noite encontrar de novo Durrieux nessa taverna e que, após terem se misturado ardentemente toda a tarde, nesse palácio renascentista denominado Palácio da Justiça, de imensas escadarias de mármore, de compridas galerias que dão para o rio, às agitações desses casos públicos, como dois florentinos do século XV, ou como dois atenienses, como todos aqueles cuja ardente ocupação foi a de se preocupar com os casos que apaixonaram a cidade, vinham ambos discutir, debater longamente, chegar a um acordo sobre o que fariam no dia seguinte, como devia ser também a alegria tranquila, o descanso da noite desses dois cidadãos venezianos, desses dois atenienses que imaginamos não terem paixão mais viva do que se intrometer ardentemente nas discussões, nem mais doce orgulho, nem descanso mais agradável que sonhar que nelas se

enfronhariam e comentariam com a vizinhança antes de jantar à sombra dos arvoredos. Assim, Jean e Durrieux conversavam à noitinha, bebendo cerveja que, do sossego e da alegria deles, adquiria uma doçura singular. Por fim precisavam separar-se. Mas não por muito tempo. — Vem me buscar amanhã de manhã, daqui até lá vou acabar depressa as notas que tenho de tomar para Labouri.

Às oito e meia, como de costume, Jean acabava de se vestir, Durrieux, já pronto, vinha buscá-lo. Nove horas: — Vamos depressa, hoje de manhã é que vamos ouvir o general de Pellieux, vai ficar cheio e não poderemos entrar. — E Jean, alerta, recém-saído do banho, pegava seus embrulhos, e desciam rápido. — Cocheiro, para o Palácio da Justiça. — Ao meio-dia saíram por um instante para almoçar. Ao voltarem à sala, uma notícia extraordinária: acabavam de mandar chamar o general de Boisdeffre, que ainda não dera sua opinião sobre o assunto. Já que se armara uma discussão inflamada entre dois generais, e como se sabia que ele sabia de tudo, que podia tudo, tinham mandado buscá-lo: era chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, se quisesse poderia ser presidente da República, imperador. Que iria dizer? Podia dizer o que quisesse, a França obedeceria imediatamente. A audiência fora suspensa à sua espera. O ordenança partira correndo à sua procura. Todos os curiosos, todos os cidadãos privilegiados e apaixonados pelos assuntos da cidade que tinham podido penetrar na galeria de Harlay sem entrar na sala de audiências esperavam as notícias que, a espaços, uma testemunha trazia ao sair pelo pequeno corredor que desembocava na galeria e levava à sala de audiências, formando, dessa maneira, vindos de todos os cantos da galeria, um bloco maciço e tumultuoso a seu redor: — O general Goix fala, diz que existe uma prova da culpa; afirma-se que o general X. vai dizer que essa prova é falsa. Houve um incidente áspero entre o advogado e o presidente —, e de tempos em tempos outros semelhantes, tumultuosos e oscilantes, em torno de dois advogados que se digladiam. Todos esses cidadãos privilegiados e curiosos, passeando na galeria de Harlay, tinham visto o ordenança sair

correndo, mas quando se precipitaram em seu encalço ele já estava num fiacre.

Depois saíram outros. — Há uma discussão entre dois generais, um disse que conhecia a opinião do general de Boisdeffre, o presidente mandou buscá-lo. — A plateia já saía, já se apertava no alto da escada para ver a chegada do general. Consultavam-se as horas: — Meio-dia e vinte. É preciso descontar o tempo de ir ao ministério. Ele não pode estar aqui antes de um quarto de hora. Que será que vai dizer? Há muito tempo se diz que ele quer falar. Desta vez o ministro não poderá impedi-lo de falar. Ninguém está prevenido. Estará lá antes que tenham tempo de lhe dizer qualquer coisa. Que será que vai dizer? Ah! desta vez será o fim. Se disser isto, Dreyfus volta na semana que vem da ilha do Diabo. Se disser aquilo, meu caro, será o fim. Nunca mais ninguém poderá sequer falar em seu favor. — Estavam lá, ansiosos. Vários sem chapéu, vindos de dentro, todos apertados no alto e ao longo da grande escadaria. Um pouco de sol batia nos degraus. Em alguns pontos o céu era azul, noutros, todo branco. Eram dessas horas imóveis em que a tarde parece parada no céu sobre nós como se tivesse pousado na cidade ou nos campos, aqui a sombra, lá o sol, além o repouso, aqui o trabalho regular, guindaste que ergue ferros, trabalhador que impele os cavalos, porém como que fora do tempo, participando do mesmo abrandamento em que parece adormentar-se a vida da tarde nesse retiro lento e silencioso, em que o menor ruído é ouvido como um momento do refluxo da vaga, e que se faz silêncio e parece que a maré vai estancar, em que se ouve distintamente a gota d'água deslizando entre as gotas d'água, e a areia arrastada com os mariscos.

Um fiacre parou, desceram um oficial e um cavalheiro à paisana. — Não é ele. — É ele, sim. — Não, não é Boisdeffre. — É sim, afirmo que é. — O cavalheiro à paisana era muito alto; via-se, acima de tudo, inclinado sobre sua cabeça, um chapéu muito comprido. Parecendo ouvir com atenção o oficial a seu lado, caminhava devagar, a perna rígida e como que fatigada, parando de todo por um instante. Embora parecesse ainda bem jovem, as faces eram revestidas de uma fina lepra vermelha ou violácea como a vinha

verde ou certos tipos de musgo que cobrem os muros no outono. Os olhos que pareciam fixos com atenção piscavam por momentos numa espécie de tique, e de vez em quando ele erguia a mão sem luvas para puxar o bigodinho. O outro segurava um papelzinho e um lápis. Ele os colocou com a mão no bolso do paletó, que dava a impressão de ser muito antigo e que estava aberto à altura do pescoço, o botão de cima desabotoado. Tinha o aspecto muito tranquilo, muito vagaroso, embora evidentemente bastante preocupado, e sentia-se que o tique, os olhos que piscavam, as mãos que cofiavam o bigode, bem como a bordadura rubra das faces, o aspecto lastimável do sobretudo, a rigidez da perna frequentemente quebrada, sem dúvida, nas quedas do cavalo — eram particularidades habituais dessa coisa augusta que se denominava “o general de Boisdeffre”, de quem ganhavam sua grandeza pois que esta contava sempre com elas, era com esses olhos piscos que ele enxergava, era fumando charutos, bebendo conhaque depois das muito longas jornadas de trabalho que dourara e avermelhara as faces. À sua passagem, todos se descobriam e ele saudava com muita polidez, como um homem de uma classe absolutamente dominante, um aristocrata clerical que podia causar inveja e que cuidava desarmar os espíritos sendo extremamente polido. Mas apesar disso, tendo passado o primeiro presidente do tribunal e tendo de saudá-lo como todos, sentia-se que houvera algo forçado em sua saudação, no pequeno tique dos olhos que o acompanhara, que a despeito de tudo achava singular uma época em que o general de Boisdeffre devia, como todo mundo, saudar o presidente do Conselho municipal, um homem de nada, que era preciso fazê-lo. Mas ele o fez, sabia fazer o que era necessário e melhor que outro, com mais polidez. Por isso respondeu aos cumprimentos mas sem dar a impressão de vê-los, seguindo seu pensamento, piscando os olhos por um momento, puxando pela perna rígida, parando, cofiando o bigode, passando a mão pelo rosto avermelhado como por um velho cavalo de batalha que ele próprio tivesse cansado. E conquanto subisse a escada desse jeito, seguido de seu ordenança, todos se indagavam ansiosamente o que diria ele e essas faces rubras, os olhos piscos e até o sobretudo

aberto e o enorme chapéu alto inclinado sobre a cabeça, todas essas coisas vulgares eram contempladas com emoção irresistível por todos os que não teriam ousado aproximar-se sem respeito, sentindo-as carregadas de toda a força incrível, imensa, europeia, de toda a terra, que se voltava uma última vez aos olhos atentos, se franzia num tique sobre os olhos no momento decisivo da reflexão, desse pensamento ainda desconhecido e já realizado, que ia com frequência explodir, mudar com a vida de um homem e de uma família a sorte da Europa.

No momento em que o general, entrando na galeria de Harlay, dirigia-se para o pequeno corredor que levava ao Tribunal do Júri, medindo os passos com o olhar, ocorrendo-lhe uma última vez que pessoa alguma podia mais impedi-lo de dizer (o ministro ainda não fora prevenido de que o chefe do Estado-Maior fora convocado ao Palácio da Justiça), essa ideia que ainda se achava encerrada naquele corpo comprido, nessa coisa enfim não muito forte, que um homem poderia matar mas de que ninguém ousaria se aproximar, que não estava armado, nem sequer de uma bengala, nada além do papelzinho e do lápis na mão e o paletó aberto no alto e cujo último botão não estava abotoado — nesse momento foi detido por várias pessoas que saíam do corredorzinho por onde ele ia se meter. Só depois de um instante é que — tanto que só ousavam lhe confessar o que parecia de uma inconveniência incrível depois de terem incomodado o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas — ele soube disso. O presidente, receando sem dúvida as complicações diplomáticas que poderiam surgir caso o chefe do Estado-Maior falasse antes que o governo tivesse tido tempo de ser prevenido, e, segundo todas as probabilidades, de impedi-lo de falar, quase no momento em que o general chegava ao Palácio da Justiça, acabava de suspender a audiência, adiando-a para dois dias depois. Até lá o governo teria tempo de tomar providências. A fisionomia do chefe do Estado-Maior não revelava a menor surpresa. Passou, como um momento antes, a mão pelo rosto rubro, parecendo acariciá-lo ou reprimir uma ideia. Seus olhos piscaram, e ele retomou com o mesmo passo rígido, o mesmo ar preocupado, a galeria de Harlay e desceu de novo as escadas. Decepcionada e livre de sua opressão,

pois essa palavra todo-poderosa o chefe do Estado-Maior não a diria hoje, talvez nunca, a multidão comprimida na escadaria rompeu numa enorme aclamação. O general fez algumas saudações com o chapéu, mas sempre conservando o seu ar preocupado e seguindo seus pensamentos com os olhos cinzentos. Generais, comandantes do Estado-Maior, prevenidos de sua chegada, lançaram-se em seu encalço, atirando na veloz passagem o dólmã sobre os ombros, e o acompanharam até o fiacre, cujo cocheiro, chamado de longe na rua Saint-Dominique, somente agora acabava de compreender a quem havia conduzido e por que razão a manhã histórica. Generais e mesmo comandantes, depois de o haverem cumprimentado, tinham-se aproximado dele e desciam a escadaria a seu lado com toda a familiaridade. Pois nos Estados-Maiores, a vida sendo menos militar, a disciplina é menos rigorosa. E todos trabalham lado a lado.

VI. O coronel Picquart

É uma espécie de lei de Talião do mundo moral que aqueles que, por mais brilhante que seja sua inteligência, por mais aguda que tenham a sensibilidade, por preguiça ou outro motivo qualquer, não dão às suas atividades um objetivo interior e desinteressado, julguem levar em grande conta a forma pura em suas várias considerações sobre a vida. E de fato, pensando bem, essa lei é inevitável. Suponham um homem inteligente como Rustinlor mas que, por uma razão ou outra, não pode decidir-se a refletir sinceramente, a escrever uma página profunda, a entrar em si mesmo de maneira desinteressada. Não terá de forma alguma a mesma preguiça se lhe pedirem o nome para figurar numa mensagem da assembleia ou o seu voto para determinado candidato. Este será o seu ato importante, o ato em que terá a sensação de ter *feito* alguma coisa, algo de notável, decisivo, significativo. Para falar a verdade, tais coisas não são nada, nelas não pomos nada de nós mesmos: como poderiam então guardar algo de nós? Há muito de bondade em mudar as suas disposições um tanto azedas numa noite diante da mãe e em ouvir suas palavras e responder com doçura, com um ar de felicidade que, para ela, ilumine essa noite, pouca coisa talvez, mas tão importante como qualquer outra noite de que se compõe, afinal, a sua vida e por lhe dar, se estamos azedos ou simplesmente temos aspecto infeliz, essa tonalidade triste que conferirá à sua passagem pela terra unicamente a oportunidade de resignação, e se a moléstia vem (e daí talvez), um pouco de ânimo para reagir. Entretanto, colocar o nome num manifesto, mesmo que exprimisse os mais belos sentimentos de justiça e de piedade, e fosse necessário para tanto desembolsar cem francos (cem francos que afinal não nos pesam muito, que damos não como ânimo benevolente ou pensamento profundo do íntimo pessoal de nossa alma), é um ato que não

contém nada de esforço ou de bondade, de vida pessoal. E, se isso fosse assim no mundo inteiro, acontecia que, de repente, a humanidade se abismaria na barbárie, que os atos de sacrifício e de desinteresse, de aprofundamento voluntário da consciência pessoal que encontramos subindo por si mesmos por entre os corações arruinados como a hera nas pedras oscilantes, em qualquer região que percorramos, e graças aos quais a pobre humanidade permanece ainda de pé, deixando de existir, fariam com que a velha mãe doente fosse abandonada, os mortos largados ao deus-dará, os irmãos desunidos, o inocente condenado em vez do culpado, o poder inevitavelmente feroz e velhaco porque assim o seria o povo no qual se apoia. E seria isso algo de real, e que continuaria a sustentar a espécie humana vergando ao peso da doença e da injustiça, o mesmo que milhares de prospectos, listas e obras, obras vazias de sentimento como uma cidade abandonada, pedras levando nomes de beneficência, mas que nenhuma mão humana, nenhum esforço viril sustentaria mais, e que certamente pedras e papéis não transportariam a espécie humana desfalecida e cairiam com ela no abismo?

Na vida mundana em que não se visa a nenhum objetivo interior e desinteressado, pode-se dizer que tudo é formalismo. De resto, é um lugar-comum entre as pessoas da sociedade a ideia de que o mundo julga tudo pelas aparências, lugar-comum a que alguns, para maior graça, respondem com esse gracioso paradoxo: “Mas, claro, só é preciso julgar pelas aparências”, ou, numa sociedade de espírito menos audacioso: “Na sociedade estamos obrigados a julgar pelas aparências, mas somos severos com uma e não com outra cujo procedimento foi mais censurável.” Afinal, a vida mundana está ocupada por três coisas que constituem, de fato, o formalismo quase inteiro: o esnobismo, isto é, a admiração por aquilo que nos outros é independente de sua personalidade; a maledicência, ou seja, a extrema atenção que se dá a maior parte do tempo (sob o pretexto de crítica) às aparências, às conveniências; e a etiqueta, elevação do formalismo a coisa real e até mais real que o resto. Fora disso que se denomina a sociedade propriamente dita e, no entanto onde os homens vivem reunidos

sem dar objetivo interior e desinteressado às suas atividades, pode-se dizer ainda que o ato em que não se põe nada de si, que não exige nenhum esforço pessoal, é o mais importante, etiquetas de colégio, afirmações brutais de uniões ou de favores literários nos cenáculos, rótulos partidários, gritos de “Viva Fulano, Abaixo Fulano”, votos etc., nas assembleias políticas pouco sérias. Na Câmara como na Academia, nota-se muito a presença de um sr. Fulano que fez questão de vir votar. Ora, é certo que nada do que constitui no fundo o sr. Fulano está nesse voto, impressões particulares que a vista do sol, desse sol que está associado às suas esperanças de menino e às suas alegrias de adulto, desperta nele em particular, daquilo que estará acabado para sempre no dia em que a morte extinguir o olhar incessante que trazia na consciência. Os votos, os atos de presença, as visitas indispensáveis, as negociações, os gritos, são outros tantos refúgios para evitar entrar em si mesmo. Vê-se um tal homem inteligente se acantonar na crítica, e na crítica evitar emitir uma opinião, mantê-la sempre subentendida, passar o tempo com afetação, a dar o título original da obra, o número de edições, o acolhimento que o livro teve na ocasião etc., como essas pessoas que, julgando-nos magoados, perguntam com afetação, a fim de evitar pôr numa frase o que sentem: — Como é fisicamente a senhora sua mãe? O senhor conseguiu dormir? O que tem comido? *Pôde* voltar a vê-lo? — Homens inteligentes que se sentem muito felizes quando, diretores de revistas, têm uma desculpa bem apropriada para não escrever e servem às letras de outra forma. Muito bem, se tais existências que se assemelham a um juízo em que seriam pontualmente assinaladas as indicações: “Diante da sra. Fulana e da sra. Sicrana, tendo assinado”, mas cujo ato não teria sido escrito, são de fato refúgios para não entrar dentro de si e evitar a verdadeira tarefa de sua vida, pode-se dizer outro tanto de quase todas as manifestações com que se comprazem os homens de letras e os políticos, e da importância que atribuem às coisas exteriores. Assim é que nas assembleias em que homens inteligentes e arrebatados não conferem às suas atividades um objetivo interior e desinteressado, vemo-los com uma espécie de encarniçamento

malsão, como se tivessem necessidade absoluta de gastar sua inteligência e sua sensibilidade para que estas os deixem tranquilos, assumir um ar grave, sentir uma comoção nervosa em contar, por exemplo, que o ministro da Instrução Pública serviu de testemunha num duelo a um certo socialista e como para se persuadir de que esse fato é bem digno de empregar toda essa inteligência e sensibilidade, dizer: — É um fato dos mais graves, é um caso sem precedentes. A meu ver, há nisso alguma coisa de importância considerável.

Através de uma outra aplicação da mesma lei, os políticos, mesmo os sérios, quando derrotados veem acontecimentos essenciais em tal medida tomada pelo presidente do Conselho. Quantas emoções tinha o sr. Rustinlor em seu papel de jornalista político! Com que ansiedade, com que sentimento de trazer consigo uma novidade misteriosa e estranha, confidenciava a Jean: — Uma coisa muito grave e que poderia então mudar tudo. Há pouco ouviram Méline dizer num grupo que aceitaria a prioridade da ordem do dia de Millerand. Alguém bem-informado pretende que o general de Boisdeffre viria pessoalmente à barra do tribunal e se declararia pronto para se solidarizar com os outros generais. Então não sei aonde vamos parar! É a revolução! — Pois os que dão tamanha importância aos fatos acham que não devem ter mais em conta as leis. O mundo surge-lhes de maneira romanesca. Julgam-se sempre às vésperas de uma mudança de regime. — Estamos bem por baixo! Pobre França! Aonde vamos? É um fato sem precedentes! Daqui a pouco teremos novidades. É o fim da República. — Esse ardor, essa sensibilidade que conservam inativos se desdobra de cada vez que não têm esforços a fazer, isto é, de uma forma passiva, a cada novidade. E saem de cada sessão da Câmara afogueados, achando que isso vai mal, por necessidade de dizê-lo e de senti-lo, para dar vazão à “sua inquietude” e exagerando as coisas para falar delas. Quando o general Goix falou no Tribunal do Júri “da armadilha que lhe armara Labori”, Rustinlor e todos os seus amigos foram sacudidos em sua sensibilidade sem préstimo e percorrida por uma descarga elétrica. Como andassem pelos grupos depois disso, na galeria de Harlay, gritando: — É uma infâmia, é

uma infâmia, não se diz isso a um advogado! O procurador-geral não disse nada. É muito grave, é muito grave, é muito grave, é muito grave... — e Jean perguntasse com doçura e sorrindo: — Mas por que é tão grave? — Rustinlor, picado com esse sorriso, respondeu altaneiro: — Tão grave? Você é engraçado, meu caro, os direitos da defesa, simplesmente isso, ao bel-prazer dos nossos generais agora! Quer dizer que isso pode ser o fim de toda a advocacia amanhã. E então, se você tiver um processo... Quanto a mim, isso não me incomodará, não tenho fortuna. Mas se você tiver uma contestação de herança... — Mas, enfim, isso lhe escapou, não era o que queria dizer. — Escapou! Escapou! entre um general do exército francês, o subchefe do Estado-Maior das Forças Armadas e a advocacia não existem palavras que escapem. — E já uma massa humana crescia de minuto a minuto ao redor dos dois interlocutores, e Rustinlor erguia a voz, talvez menos pelo efeito do calor que o possuía do que para ser ouvido por todos os grupos, gesticulando, respondendo à pergunta de um desconhecido, todos confraternizando na mesma febre e os bem-informados ganhavam autoridade sobre os curiosos e se sentiam felizes por lhes excitar a emoção e satisfazer a avidez. Quanto a uma demissão, sobretudo se fosse a de um ministro ou de um general, ou de um membro do Conselho da Ordem, pode-se imaginar até que ponto ela fazia correr e esvoaçar todos esses corvos que atroando os ares com seus gritos tinham a sensação de ser os arautos do futuro. Quanto à demissão de Casimir-Périer era quase demais para fazer tanto efeito: não dava mais azo à imaginação.

Sei também de literatos cuja emoção inteira se esgota quando repetem consigo: “É o fim da língua francesa”, ao observar que a Academia acolheu tal palavra, ao dizer que Hérédia [\[25\]](#) aderiu ao verso livre. Naquele dia na galeria de Harlay, cada um que saía pelo pequeno corredor das testemunhas dizia: — O coronel Picquart continua se defendendo. — Que é que ele diz, não se ouve direito? — Essa resposta talvez tivesse sua explicação na voz suave e sem ressonância do coronel, tanto como no ar pacífico e muito feliz daquele que saía e que, não sabendo a opinião desses investigadores, preferia não se expor à sua brusquidão, dessas

peessoas que dizem: — Isso depende das opiniões. Um diz desse jeito, outro fala daquele modo, é tudo tão embrulhado que não se percebe nada —, dessas pessoas que falam assim porque dessa vez são da opinião da minoria e principalmente da minoria menos violenta que a maioria, como suspeitos (naquele dia os partidários de Dreyfus e de Picquart), pessoas que a partir de um certo raciocínio que externam (não sei se ele é inocente ou culpado, não digo em absoluto que não seja culpado, tenho confiança na boa-fé do Conselho de Guerra), confessam pertencer à minoria e se defendem por meios inteiramente intelectuais, dizendo: — Tenho a minha opinião, o senhor tem a sua, todas as opiniões são permitidas — exórdio que não anuncia o desejo de comprar briga e que a cada dito mais vivo se contentam em dizer: — É possível. — Porém Jean estava na sala e escutava o coronel Picquart.

Era um amigo de seu professor Beulier e, tal como ele, um filósofo, um homem que passara a vida inteira, embora usasse um uniforme azul-celeste, e ao passo que, de fato, inclinava a rédea de seu cavalo na volta de uma estrada, ou ia ao quartel para uma inspeção, a buscar extrair a verdade, com o auxílio do raciocínio, de todas as coisas que se apresentavam um tanto vivamente tal exame de sua consciência. Era também um cavaleiro que voltava da África e que ignorava, a não ser pela má vontade que transparecia nos jornais, todo esse mundo de jornalistas, de adversários, de juízes que enchiam a sala e que, mantido na sala das testemunhas há vários dias, como um cavalo na cavaleriça, não vira ainda esse grande circo do Tribunal do Júri, no qual, à chamada de seu nome, abria-se uma porta franqueando-lhe a passagem. E como se descesse de um cavalo e conservasse a pé o passo rápido e ágil de um sipaio, a cabeça inclinada e olhando à direita e à esquerda com algum espanto, indo bem reto para diante, com qualquer coisa do desembaraço de corpo de alguém que largou a rédea do cavalo e abandona suas armas, e com um pouco de deslumbramento e surpresa, avançou até o presidente diante de quem parou com uma saudação, não militar mas com um misto de timidez e de franqueza como alguém cujos gestos nada têm de formal e de aparatoso, mas que, pelo contrário, extravasam, como seu passo, a postura oblíqua

da cabeça e, após um momento, o som agudo da voz, de uma personalidade tipicamente elegante, fina e calorosa.

Marcando-se muitas vezes os diversos movimentos do espírito pela repetição uniforme e, na aparência, absolutamente material de um ato, seu longo depoimento foi assinalado o tempo todo por um balanceio do corpo para a direita e para a esquerda. Todas as coisas que não constituem o que se chama uma atitude correta, mas são próprias daqueles cuja preocupação não está nas exterioridades e sim no íntimo, e cujo corpo e atitude, em vez de serem regulados pela vontade e pelo pensamento que são levados para outra parte, bem fundo no íntimo, a um passado que se trata de explicar ou a uma ideia que se deseja aprofundar, são livremente agitados pelos movimentos involuntários e inconscientes que seguem instintivamente os movimentos do raciocínio e da vontade, exprimindo-os, desse modo, com fidelidade maior do que se fossem dirigidos por eles.

Dizia-se há meses que todos os oficiais seriam chamados a depor, à exceção do coronel Picquart, detido no Mont-Valérien. E na véspera do processo uma pessoa muito bem informada respondera a uma pergunta de Jean: — Virão todos os oficiais? — Não, creio que nenhum, excetuando-se o coronel Picquart, que com toda a certeza virá. — Ideia que, alterando num momento as noções já assentes em seu espírito há um mês, lhe dera um sentimento agradável de novidade, conferindo a esse misterioso coronel Picquart, até então fechado em sua cela de preso e a quem permitiam que saísse para vir se explicar diante da Justiça à requisição todo-poderosa do presidente, o encanto de um pássaro solto por um instante de sua gaiola, e de toda coisa até aqui desconhecida e em silêncio, e cuja possibilidade de realização quase imediata em palavras e em fatos sabidos se encontra numa pessoa jovem e ligeira, trazendo levemente em seu passo costumeiro de coronel habituado às etapas um segredo que ele sabe que possui, e que todos, mesmo os inimigos, observam com curiosidade.

Jean, então, sabia que o coronel Picquart talvez viesse. Mas no primeiro dia — quando as testemunhas, não tendo sido citadas ainda, podiam permanecer na sala do júri — não ficou menos emocionado quando um senhor junto dele lhe disse: — Olhe, quem está neste momento lá embaixo é o coronel Picquart. — Ouvia-se um animado ruído de conversas, os sanduíches eram desembulhados diante das pessoas, cada uma oferecia um pedaço a seu vizinho, e o sol entrava na sala de uma forma crua, dando ideia do lindo dia que fazia lá fora e cintilando por acaso, nesse momento, no chapéu do coronel Picquart. E Jean tinha uma sensação esquisita ao ver lá embaixo, livre, misturado à multidão, esse homem que ele sabia estar prisioneiro, e cujo aspecto jovem, o nariz um tanto adunco, a cabeça bem de lado e outras particularidades lá se achavam, numa realidade física que ele não podia modificar e da qual cada traço, o louro ruivo da pele, a inclinação da cabeça, quase o constrangiam pela violência que impunham à sua imaginação, habituada a retocá-lo à vontade e obrigada a se submeter agora diante de um lado que ele não podia modificar.

Seu chapéu reluzente estava um pouco inclinado na cabeça. A impressão que dava era a de olhares vagos, aliás com muita tranquilidade, bem longe de si, de uma cabeça de modo algum apertada entre os ombros mas, pelo contrário, como que imóvel e impelida para a direita e para a esquerda e da mesma forma o passo, não perpendicular mas o seu tanto oblíquo, indo da direita para a esquerda, dando ideia de uma espécie de ligeireza que não se desenvolvia nessa ocasião. Jean o havia figurado alternativamente como muito velho, calmo, espigado, o aspecto do Dever amadurecido, e jovem, bonito, ardente, com o aspecto do Dever jovem. E estava muito decepcionado e, no entanto, fascinado com esse homem lá embaixo, à frente dele, de vez em quando escondido entre outras pessoas, circulando devagar, com o aspecto nem jovem nem velho, louro mas sem bigodes, meio como um engenheiro israelita. Nesse homem que assim circulava pelos grupos residia a estranheza da ausência de sinais de sua prisão

(nada indicava que esse senhor de luvas e chapéu alto, que não ostentava o aspecto infeliz ou ocioso, nem o ar resignado dos cativos, acabara de deixar o Mont-Valérien para vir até aqui), da ausência de sinais de toda a vida interior que Jean lhe atribuía (nada indicava nele a indignação de um crime judiciário perpetuado pelo Estado-Maior nem a firme decisão de cumprir o dever até o fim, nem sequer a indecisão, a reflexão, a luta de consciência, nesse homem elegantemente coberto com um chapéu alto lúcido e que não olhava para parte alguma, deixando flutuar um olhar pacífico e como que desprovido de ideias, como a fumaça ligeira que se eleva das aldeias no azul, nos dias ensolarados como aquele, de tal maneira que ninguém podia adivinhar se ele viera para falar ou para calar-se, se responderia ou não às perguntas, se concordaria com a opinião do Estado-Maior ou, como diziam, se manteria partidário de Dreyfus), da ausência dos sinais de sua situação (o fato que estivesse aí, que o tivessem deixado vir, podia indicar ou que o ministro o acolhia como oficial a quem concedia a liberdade apesar da punição que sofria no momento, ou então que, atingido pela citação como todos os oficiais, rompera sozinho com o ministro e o Estado-Maior e quisera falar, na véspera talvez da reforma *de jure*). De modo que, visto a circular assim entre os grupos que por momentos o ocultavam inteiramente, podia ser tido por um oficial confiante em seu futuro e em si mesmo, que, em trajes civis, era mais bem imaginado com todos os seus galões e comandando os homens, ou um prisioneiro a quem se permite a saída para expô-lo a uma espécie de tortura, e a quem a perspectiva de penas maiores à sua frente torna, como um carrasco, dolorosas as palavras que pronunciaria. Prisioneiro de quem se desejaria saber, apesar do chapéu alto, de todo o traje elegante que lhe haviam dado para vir e da própria permissão para vir, da aparente liberdade que lhe haviam concedido para chegar até aqui, se não era muito infeliz no Mont-Valérien, prisioneiro que, embora viesse até aqui em trajes civis, imaginavam antes vestido como oficial, em uniforme de campanha, como devia estar em sua cela no Mont-Valérien, e por quem se sentiam felizes ante essa liberdade provisória. Prisioneiro por quem sofriam como por algo falso e imoral, a quem faziam sair assim e

por motivos tão emocionantes onde teria, de qualquer maneira, que decidir o seu futuro conforme o que dissesse, como se sentissem que essa espécie de tortura, esse modo de dizer: — Olhe, está livre, veja bem o que significa isso; muito bem! decida por si mesmo, poderá fazer com que o tirem daqui para ficar cinco anos numa fortaleza —, fosse uma pena adicional proibida pelo direito moderno, demasiado cruel, demasiado atroz. De modo que, livre e de pé, debaixo de seu chapéu alto inclinado como o de um simples espectador que à noite voltasse para casa e retornasse ou não no dia seguinte, dava a impressão penosa de um doente a quem fizessem deixar o leito no dia da operação e sair para ser operado, e cujo aspecto ao sair bem-vestido, aí dele, para tanto tempo ficar num leito futuro, não passava de melhoras aparentes, falsas, falsas como este sol tão deslumbrante que nesse dia de ansiedade, de ar impuro de multidões, vinha cintilar cruamente na sala.

O coronel Picquart era um filósofo cujos pensamentos, enquanto marchava pelos caminhos adiante de seus homens, procuravam constantemente esclarecer as noções que se lhes apresentavam. Dessa vida inteiramente votada às pesquisas gratuitas se desprendia uma espécie de cordialidade muito agradável àqueles com quem privava. O desenvolvimento do raciocínio num sentido interior e moral tem como efeito aguçar em nós uma certa sensibilidade extrema, alegria afetuosa por tudo que nos cerca, nos momentos em que nossas tendências intelectuais não estão cerceadas por nenhuma preocupação egoísta. Um poeta ou um filósofo que, por exemplo, tem o defeito da vaidade não passa de um simples mundano nos lugares onde sua vaidade é estimulada: assim, por exemplo, não tem condições de experimentar, junto às pessoas cuja companhia lhe agrada, a alegria doce e verdadeiramente poética. Mesmo sozinho num salão encantador, esperando uma mulher da moda, estejam certos de que não sente senão sensações medíocres, e são as palavras que o fazem dizer quando a dona da casa entra: “Que local encantador, seria bom

passar a vida aqui” e não ele quem, nesse instante, faz dizer as palavras.

Não, o local em que lhe teria sido grato passar a vida e que achou verdadeiramente encantador, tão profundamente que, não tendo, naquele momento, ninguém a quem falar pois estava só, voltava-se para trás na confortável poltrona dizendo a meia-voz: “Como é bom, como eu gostaria de viver aqui” é, em tal cidadezinha com guarnição militar, um dia em que estava de folga, um pequeno quarto onde ninguém viria incomodá-lo, e que naquele momento o fogo da lenha que o zelador acabava de acender com as velhas tábuas da locatária do andar de baixo enchia com o crepitar de sua atividade e com uma luz tão deslumbrante que os quadrinhos da parede eram como se estivessem iluminados por uma lâmpada, embora fosse apenas o entardecer das três horas que iluminasse o quarto até então. Dia cinzento, pois chovia, como se podia ver pela janelinha que os pequenos postigos de quadrados brancos e vermelhos só encobriam pela metade. Pois só nas montanhas solitárias é que ressoou o grito de amor, de força e de alegria do homem solitário e feliz. Não é somente à brisa, cuja palpitação ouvia aproximar-se no silêncio, que ele se sentiu unido como se sua alma estivesse nela e como se tivesse necessidade de reter seu sopro no momento em que as ervinhas ondulassem. É todas as vezes em que sua alma transbordada animava divinamente todas as coisas e, sentindo a seu lado, como deuses mais humildes e fraternos, o deus do fogo sacudir alegremente sua cabeleira de luz e calor e fazer reinar o contentamento no quarto, o deus imóvel da porta testemunhar pelo quadradinho encravado num entalhe da madeira a preocupação dessa província em ocultar as alcovas e sua dependência tutelar à vida dos homens que, por detrás de sua guarda segura, em dias chuvosos como este, nas noites de vento em que ele não bulia, reuniam-se para conversar, dormir ou, em se tratando de um homem e de uma mulher, fazer amor depois de terem virado o santo para a parede. Pintura, mobiliário, lareira adequada para atear uma grande fogueira de lenha, de acordo com o costume da província, todas essas coisas que a alma transbordada apreciava, adorava e,

às vezes, a meia-voz, dizendo: “Como eu gostaria de viver aqui”, indagava sem esperar resposta, no silêncio.

Em sua caserna, quantas boas recordações deixara desse modo o coronel Picquart às hospedeiras que vinham aprontar-lhe um bom fogo, saindo para deixá-lo trabalhar e, em agradecimento pela nobreza intelectual, pela independência bem-aventurada cujos sinais lhe conferiam mandando-lhe as chaves da porta, tinham recebido esse vago sorriso, esses olhares efusivos que acompanham todo o enorme expandir-se do pensamento e que à dilatação dos nossos lábios ou à abertura de nossas pupilas sentimos flutuar ainda sobre nós quando trabalhamos, enquanto escrevemos, e que então manifestam sozinhos, com um leve assopro, a continuação da vida física, como o hálito regular de uma criança que dorme. Olhar, sorriso, hálito que como hálito da criança testemunham, por sua tranquilidade, a inocência da vida oculta desses momentos. Por mais diferentes que sejamos dos outros e até nas coisas que julgamos serem as mais importantes de todas, os outros, desde que nos achem inteligentes e bons, não nos distinguem desfavoravelmente, ou apenas com um sorriso aliás simpático (que loucura!), confiam em que, numa circunstância capital, essas características de nosso espírito sejam como se não existissem e julgam nossas ações em qualquer fase de nossa vida como se fossem realizadas por um ser abstrato qualquer, na verdade por eles. Assim, o pai de um rapaz que tem grande inclinação para a poesia não se aborrecerá aliás com isso enquanto receber cumprimentos, mas no dia em que essa mesma inclinação tornar o filho incapaz de fazer o trabalho que lhe derem, e ele ficar sem fazer nada, chegando a recusar um emprego, o pai se irritará e mostrará pelas recriminações que, no fundo, bem que notou as singularidades lisonjeiras do filho, sem por isso jamais julgá-lo em coisa alguma como “um outro”.

E essas particularidades de nossa natureza se assinalam até nas simples respostas que damos à um questionário. De pé, a cabeça bem destacada dos ombros, o ar intimidado e livre em seu uniforme azul diante dos juízes, o coronel Picquart, a cada pergunta que lhe faziam, punha-se involuntariamente, como outrora, como sempre, a

tentar esclarecer pelo pensamento, a se colocar, conforme as regras daquilo que não se pode propriamente chamar de método, pois se trata de um método que nosso espírito elaborou inconscientemente para pensar, como as asas do pássaro para voar, e que sabe apenas ser o melhor, ao menos para ele, diante do que nas horas em que se sente melhor, em que está de alguma forma inspirado, obedece a uma espécie de sinceridade interior, de instinto imperioso, aplicando-o de modo a pôr-se dentro de cada ser que considerava, a não ser mais ele próprio, a fazer-se alma dessa criatura, a ir instintivamente, forçosamente, em direção às ações que essa criatura fizera. Método que se expande pelo restante da vida e nas horas em que, diante de um juiz de instrução, diante de um homem que nos ameaça, parece-nos de súbito que estamos completamente sós, que o universo nos abandonou e que não passamos de uma pessoa reduzida a uma espécie de inquietação. Até nesses momentos de abandono, reencontramos junto a nós, como servidores fiéis que não nos quiseram deixar, ou como os deuses que permanecem a nosso lado, mas infelizmente nem sempre para nossa segurança, nossas ações morais, intelectuais, que, embora as possuamos, se desprendem irresistivelmente como uma descarga elétrica, tocadas por qualquer palavra que nos dirijam. O covarde se recompõe após tirar o seu proveito, mas, enquanto o insultavam, ao impacto do medo, como ele próprio sentia, no calor das faces, o palpitar do seu coração, o falso vigor das palavras que dizia, até a descarga suprema, o instante em que girou nos calcanhares sob um pretexto absurdo, toda a sua alma medrosa se libertava. E acima de tudo, num interrogatório em que estamos mais tranquilos, reencontramos nossos hábitos intelectuais que não nos abandonaram. Por mais que saibamos que tudo o que dissermos sobre isso será considerado nulo, pois seria percebido apenas por outros filósofos que, reconhecendo sob sua linguagem a sua alma, se regozijariam, não podemos deixar de pensar desse modo. Como esses heróis da campanha da Rússia que faziam a barba na manhã do dia em que iam morrer, embora a limpeza e a elegância não tenham sentido algum para a morte, o espírito, diante de pessoas de alma obscura, não pode deixar de seguir seu prazer

de colocar a palavra exata, de distinguir na pergunta feita duas ideias que a lógica o aconselha a dissociar, a pôr-se no espírito de seu adversário e a acompanhar o curso das emoções pelo qual teve de passar, e a chegar muito naturalmente ao julgamento severo que ele fez a seu respeito e achá-lo muito natural: como quando o coronel Picquart, a quem o presidente lembrou que o arquivista Gribelin o acusara de verdadeiros crimes, e depois perguntara:

— Que pensa do arquivista Gribelin? —, o coronel Picquart, com risco de parecer estar fortalecendo o depoimento contra ele, respondeu simplesmente: — Tenho-o por um homem honesto, e particularmente incapaz de uma mentira.

É que, no momento de formar uma ideia, de enunciar uma resposta, tais homens não têm diante de si os outros, e sim o seu próprio pensamento. É a ele que respondem. Por mais que sintam que tal resposta provoca a zombaria dos que os ouvem, sabem que é justa e só podem justificá-la por um argumento que não será mais bem compreendido. Não que digam coisas obscuras, mas, no momento mesmo em que se põem ao alcance de seus inquisidores, as coisas simples que dizem a eles estão ainda ordenadas pelo raciocínio filosófico. Um poeta acusado de espionagem porque olhara durante duas horas uma caserna mudar de cor ao sol poente provoca um dar de ombros dos juizes quando explica os motivos de seu ato. — Não vejo o que isso possa ter de interessante — diz o juiz —; uma caserna ao sol poente. Se ainda fosse uma catedral, compreenderia. Não é só você que é poeta, eu fui poeta no meu tempo. — O poeta só pode responder com um sorriso ambíguo marcado de satisfação amarga e reflexo de uma contradição sentida, pois percebe, a um tempo, o juiz do lado de fora, como um homem real que pode lhe causar prejuízos, e por dentro, no campo de sua observação, como uma personagem bastante grotesca, como que por cima dele e mais forte do que ele, muito de temer e importante de abrandar; e no entanto, como que muito abaixo dele, e cujos traços, nesse mesmo momento, ele capta com vistas a um retrato literário. E sente que o mau efeito que sua resposta produziu é bem aborrecido para o juiz, mas cuja resposta, ao mesmo tempo que fere sua sensibilidade pelas sequências zangadas que se

seguirão, e pela impossibilidade expressa de se fazer compreender, lhe dá, numa ordem puramente intelectual, o vivo sentimento da inferioridade intelectual do juiz e dos outros juízes que riem às gargalhadas, julgando espirituosa essa resposta e que seu colega e não o acusado é que é um grande poeta.

Essa inteligência é mais bela ainda quando afasta de tal modo o homem de toda paixão má — fazendo-o compreender o caráter dos outros homens, de maneira que ele não possa atacá-los, e fazendo-o compreender quão pouco valem a riqueza e a glória, e que a vida, só tendo valor quando pode ser consagrada a buscar a verdade e a fazer o bem aos homens, não merece que lhe sacrifiquemos esses dois objetivos — que cada uma de nossas palavras com o sorriso da inteligência a rir-se da vida coloca-a em jogo a todo instante contra uma verdade. Era esse sentimento que se podia experimentar ouvindo o coronel Picquart e que tanto nos comove no *Fédon* quando, seguindo o raciocínio de Sócrates, temos de súbito o sentimento extraordinário de ouvir um raciocínio cuja pureza não é alterada por nenhum tipo de desejo pessoal, como se a verdade estivesse acima de tudo; pois, de fato, percebemos que a conclusão que Sócrates vai tirar desse raciocínio é que ele tem de morrer. Há nele, portanto, nesse instante, algo de superior à vida já que é por isso que dá sua vida. Isso está presente, nesse momento, em suas palavras e nós também somos, nesse instante, presa de uma extraordinária inquietação. E contudo, tanto nossa minúscula condição está misturada ao que temos de grandioso, nesse momento em que ele é mais do que o Sócrates que amanhã estará morto, é Sócrates que ele é ainda e nesses momentos supremos faz sempre os mesmos raciocínios filosóficos dos quais sentimos que ele não pode se desligar, como se reconhece facilmente até em circunstâncias trágicas, por certos gestos, por certos cacoetes profissionais, que o ferreiro não pode deixar de ser ferreiro. Sem dúvida, é muita vaidade nossa, e até mesmo absurdo, dizer que gostaríamos de poder deixar de ser nós mesmos. Não importa, há momentos em que nos sentimos um pouco tristes vendo que o que existe de mais imaterial em nós deixa seu traço como o que é material, e essas marcas permanecem, o velho filósofo tem seus

cacoetes profissionais como o velho ferreiro. Balzac pode nos parecer um tanto artificial quando faz com que um tabelião (Grande-Bretèche) repita sempre as palavras dos atestados etc. E no entanto é uma verdade, cuja alegoria poderia ser o que Jean sentisse um dia em que, tendo perguntado a seu ex-professor, o sr. Beulier, se ele gostava de damas e de xadrez, ouviu-o dar uma resposta como se se tratasse de uma questão de metafísica e parecendo seguir um raciocínio do mesmo gênero: — Bem, não é muito fácil responder. Mas posso dizer, pelo menos, o que me parece, pois não tenho muita prática desses jogos. Quanto às damas, eis o que vejo, e, como o direi, é um jogo em que... etc. Em consequência, é um jogo de pouco interesse. Ainda uma vez, não acredito, isto é, não estou bem certo de que lhe dê a mesma resposta quanto ao xadrez. Neste parece que o espírito está mais diretamente interessado. É um belo jogo etc.

Que se pode fazer? É somente com nossa cabeça que podemos pensar, e cansamo-la com os anos, damos-lhe, aos poucos, a forma do que nela pusemos. Por certo, não é necessário dizer que não fazemos mais que girar o tempo todo no mesmo círculo: no mesmo círculo podemos fazer rodopiar uma infinidade de coisas diferentes. E ademais, numa assembleia, para um filósofo como Jean, perdido em meio a duas centenas de pessoas que o não estavam, era com um sorriso de simpatia que reconhecia a marca filosófica nas palavras do coronel Picquart, quando o ouvia dizer: — Posso parar de falar nisso, agora? Falarei disso daqui a pouco. — Reconhecia os pequenos hábitos em que não consiste, é claro, o pensamento filosófico mas que frequentemente o acompanham, como dois grandes eruditos têm prazer em se corresponder em latim, ou dois músicos em transporem juntos aquilo que tocam, vários acompanhamentos de culturas muito elevadas e que os revelam alegremente um ao outro, assim como certas boas maneiras em caso de algum desconhecido revelam uma certa educação. Ele ouvia também com um sorriso simpático certos pequenos detalhes do modo de falar do coronel Picquart (por exemplo, uma certa maneira de dizer “ségrêdos” em vez de segredos), sorriso simpático que se renovava, por exemplo, quando o imitasse, como o fazia em

relação ao professor Beulier: imitação cheia de admiração, sorriso mesclado de simpatia calorosa que não tem nenhuma ligação com a ironia ou a acentuação de um ridículo.

De resto, se se procura aquilo que a grandeza verdadeira imprime em nós, é muito vago afirmar que seja o respeito, será antes até uma espécie de familiaridade. Sentimos neles a nossa alma, o que há de melhor e mais simpático em nós, e zombamos deles como de nós mesmos. Até se forem mais velhos que nós, mesmo tendo quarenta anos como o coronel Picquart, mesmo tendo sessenta como o sr. Beulier, não são mais velhos que nós, chegam quase a ser mais jovens, sua rica vida interior e as mil pequeninas particularidades físicas que ela anima os tornam para nós agradáveis como crianças. Pensávamos num coronel, em alguém no qual se pensa com fria gravidade; e encontramos um irmão do qual de longe gracejamos, brincando com ele, por assim dizer, com mil gracinhas a propósito de seus defeitos, dos movimentos de seu nariz quando fala, seu jeito de correr, mas gracinhas tão simpáticas que se alguém lhe quisesse fazer mal nós daríamos nossa vida por ele.

VII. Da Ópera Cômica ao Palácio da Justiça

À tarde, Jean tinha de ir ao Palácio da Justiça, sempre em função do caso Zola. Mas o duque de Réveillon, a quem a gota impedira de deixar o quarto, pedira-lhe que transmitisse dois ou três recados. Primeiro, tinha de passar no teatro da Ópera Cômica para dar ao novo diretor a boa nova de que o duque se encarregava de tornar brilhante uma das récitas de assinatura com a presença de toda a alta sociedade parisiense. Jean teve de entrar pela avenida Victória, onde encontrou um porteiro, uma escadaria e um prédio imenso de sete andares, com inúmeros quartos, que era essa parte do teatro a que o público não tem acesso, que ele imagina como estreitos bastidores por onde saem os atores depois de terem desempenhado seu papel e que, como toda coisa onde se prepara uma obra aparentemente única, compreende um número enorme de indústrias, as quais fazem com que o autor, vislumbrando vinte mulheres costurando sedas dispendiosas para suas personagens mais insignificantes, criadas por um instante de fantasia, se pergunta: “Meu Deus, tantas sedas lindas para Floriette, tanta arte, tantas despesas, será que vale a pena? Como essa mulher acaba de me dizer para ‘Floriette’. Essa mulherzinha que, em mim mesmo, quando penso, nunca se chama Floriette, e nem sei mesmo por que a deixei com esse nome.” Assim o autor, percorrendo essas *lingeries* vastas que ocupam um andar inteiro do teatro e nas quais tantas mulheres trabalham para Floriette, sente muito pouca coisa, em comparação com isso, que lembre sua pobre fantasia, seu sonho de uma hora. Outro dia, sentindo quanto há de precioso e de desconhecido em seu sonho, ouvindo gabar em sua obra os vestidos e os intérpretes, perceberá quanto isso pouco representa, quanto é a própria obra que interessa e como ela subsistiria sem tudo aquilo. Nesse meio-tempo, entra para dizer uma palavra ao diretor nos bastidores, onde ouve, mais vezes do que seria o

normal, a obra do colega a quem sucederá nos cartazes e estribilhos, enquanto o olham os maquinistas interessados em saber quem é o novo autor, e as atrizes o saúdam com algum respeito na esperança de que ele faça algo por elas, e que compartilham a admiração que uma parcela do mundo musical tem por sua música, de sorte que nesse espaço exíguo em que ele ouve a peça sem a ver está num cenário de floresta, com um chapéu alto à cabeça e um livro preferido no bolso do sobretudo.

Zerlina, que se prepara para entrar em cena e, sob suas mantilhas negras, mostra uma fisionomia arrebitada, aproxima-se graciosamente dele e lhe fala não a linguagem que deve ostentar Zerlina, e sim a da dama que é na vida real, com o risco de se esquecer e que sejam obrigados a lhe gritar que deve entrar em cena, cruzando com Dona Ana, que, rápida como o pensamento, sai depois de ter ultrapassado o tabique que escondia nos bastidores a sua fúria tão interessante para o público, seja porque se sentisse tomada pela sinceridade de sua representação, seja por já ter sido vista dos bastidores agora que ultrapassou o tabique, mas ainda visível da plateia e assim devendo manter por um momento o papel de Dona Ana, corre na direção dos maquinistas, do jovem autor e da mulher que traz o seu casaquinho para que não sinta frio, gritando ainda: — Ó dor, ó dor — embora nada possa justificar aqui semelhantes gritos, como uma louca que leva ao público preocupações que ele não motiva. Mas de imediato a corrida se detém, e com ela o canto, e ela procura apenas a camareira com os olhos, levanta o véu que a encobre, dizendo que não deu bem o *si* e sem dúvida ainda perturbada se desculpa por não ter visto o jovem autor e conversa com ele, pois apesar da idade ele é importante para ela, tanto mais que não lhe enviou as partituras que ela pedira e assim se põs em evidência. O jovem autor lhe apresenta o amigo que o acompanhou e que, tendo vindo pela primeira vez aos bastidores e bem-dotado de imaginação, acha tão absurdo pretender atrair por um instante a atenção da célebre diva exatamente no meio desse papel em que toda Paris a aclama quanto mandar chamar o presidente da República no momento da chegada do czar. Não obstante, ela lhe fala com muita amabilidade

e diz de sua admiração pela peça que encena, do interesse que tem por seu papel, desejosa de passar por entendida e de assumir com humildade seu papel de devotada intérprete, ciosa apenas de compreender as intenções do autor e bastante animosa para representar mesmo se estiver doente. De fato, está tossindo nesse instante, mostrando que não se sente bem. E que felicidade para o amigo do jovem autor, que alegria ter assistido pessoalmente a um acontecimento histórico, se for o mesmo resfriado de que falarão os jornais no dia seguinte, se se trata de fato de um resfriado um tanto excepcional, o mesmo prazer que teria tido se, tendo de jantar com ela, e ela tendo se desculpado sob o pretexto de que estava doente, vissem escrito sobre os cartazes “repouso” por causa dessa indisposição, o que mostra que confiam nela e que o que ele tinha tido oportunidade de saber diretamente dela era suficientemente importante para ser posto ao corrente do público que ela tanto respeita, mas nem por isso põe em pé de igualdade com ele.

Nesse momento, saem correndo Don Ottavio e Don Juan, que limpam o suor mal se veem fora do alcance do público; ela estende-lhes a mão com um terno sorriso rebelde de boa companheira, respondendo com um beijo ao gracejo de um deles. Apertam a mão do jovem autor, que lhes dá os parabéns pela maneira como cantaram, e se afastam cantarolando um trecho do que irão dizer dali a pouco. No entanto, um jovem conde se faz apresentar ao nosso autor. É um belo rapaz, de casaco, com luvas brancas e, como homem de sua estirpe, dirige aos cantores e maquinistas (muitas vezes em pura perda) frases amáveis, graciosas saudações, acenos de mão ao longe, aprendidas no velho palácio ducal e que deviam ser úteis num ambiente bem diverso do seu. Mas, como amante da cantora que vai criar o papel do jovem autor, este se torna para ele uma personagem importante e ele virá mais de uma vez perguntar-lhe se não será possível mudar alguma coisa para ela na ária do primeiro ato. Além disso, essa mulher o deixa assombrado com sua inteligência, ele confessa não poder mais suportar a sociedade em meio a pessoas que nada fazem, que só falam de lacinhos, que não leem coisa alguma. Os atores, os autores e os jornalistas, ao contrário, eis aí um universo, diz ele, que

pensa e que trabalha, que não fica só preocupado com a toalete. Se a sua é muito bem tratada, isso não lhe causa nenhum orgulho, o que dá um grande encanto às relações que mantém com as pessoas malvestidas e inteligentes, já que elas não se sentem desprezadas, e foi isso que o fez sentir-se tão decepcionado ao conhecer Loti. Este declarou que nada era mais importante do que andar bem-vestido, que só gostava de cavalos, que detestava ler. O jovem conde não pode entender que fosse essa a linguagem de um homem inteligente. Confessa que o achou muito presumido. Quase receou que risse dele. Jean, a quem haviam dito que o diretor estava no palco (para a matinê de quinta-feira) e que não é outro senão o amigo do jovem autor (que é Daltozzi), apertou de passagem a mão do conde que vira em outros tempos na casa dos Réveillon e a quem alguns anos mais tarde, tendo-se casado por imposição da família com uma sobrinha dos La Rochefoucauld e estando envolvido até não mais poder com a diva, voltará a ver nos jantares inteiramente outro, tendo renunciado (como um advogado que, por um momento, quisera ser escritor, e que já não pode sequer restabelecer de que modo pudera se encontrar, durante alguns anos, num estado de espírito favorável à redação) às cantoras e às pessoas de espírito, e parecendo estar razoavelmente curado disso.

Entretanto Daltozzi explica a Jean que o diretor está em seu escritório. Jean chega a uma antecâmara que dá para a praça da Notre-Dame, que se vê toda amarelada pelo sol radioso, ao passo que entre as duas torres o céu, de um azul profundo, sorri com doçura indefinível. De resto, o soalho da antecâmara recebe também sua boa parte de sol, que se estende até a escrivaninha em que um contínuo espera que o diretor faça entrar o próximo.

Mas esse claro sol espalhado pela praça e indo até a sala não dá a impressão, no meio de todas essas pessoas que acham ter recobrado um pouco de infância com a sua alegria, de esperar uma audiência da qual dependerá sua sorte, pessoas que sem dúvida empenharam seus últimos tostões nas botas envernizadas que usam. Jean recorda que esteve nos serões em casa do duque de Réveillon calçando botas sem verniz, e pensa na tirania que o

desconhecido e o que para nós é o poderoso exercem a ponto de modificar todas as nossas ações. Nesse momento em que devia entrar o jovem cantor, o diretor, a quem tinham entregue a carta de Jean da parte do duque, veio pessoalmente — deixando os outros — procurar Jean e mandar dizer que não receberia mais ninguém hoje. Ai, nova noite de insônia, novo gasto de dez tostões amanhã no cabeleireiro. A angústia é prolongada e o rapaz deixa o teatro e atravessa a praça regurgitante de sol e de alegria onde ele projeta uma viva sombra negra na qual só vê uma inquietação profunda, tanto é com nossas preocupações que se faz nossa tristeza como de nossa doença que se faz o nosso mal-estar, assim como um febril bater de dentes ao sol e um pranto infeliz em meio à alegria geral, porque é em nós que estão a felicidade e o infortúnio.

E no entanto o sol entrava por toda a parte nesse momento. E no interior da Notre-Dame, na imensidade sombria, depois de haver passado por tantos vitrais de esmalte azul e rubros sanguíneos que o deveriam interceptar para sempre, um pouco de sol, conseguindo penetrar, vinha pousar alegremente na pedra cinzenta de um pilar, enquanto entre os pilares, nas aleias desertas a essa hora, no meio do vasto caminho de lajes, uma mulher permanecia ajoelhada aqui e ali e poderia ser vista imóvel por muito tempo no mesmo lugar.

* * *

Era o mês em que, por um milagre bem mais belo do que as pedras que suam e as estátuas que se cobriam de sangue na Antiguidade, os arbustos de um bosque negro e gasto se revestiam de uma espuma perfumada de flores lilases que, quando Jean lia durante as horas calmosas num bosquezinho do parque de Étreuilles, quando tudo parecia sorrir, não cessava de esparzir a seu redor um aroma que o levava a suspender a leitura um instante para aspirar, e tão inebriante que depois disso ele sacudia a cabeça respirando ruidosamente, como fazemos após saborear nos lábios de uma amante uma embriaguez inexprimível, ao passo que uma única nuvenzinha, parada no meio do céu naquele instante e tendo deixado bem para trás uma flotilha de outras que pareciam velas

brancas de barcos de pesca, mudava rapidamente de lugar malgrado a aparente imobilidade de tudo. No pequeno salão de onde a velha sra. X já não saía, dos dois lados do bufê, em seus jarros de porcelana, as hastes de cinerária se haviam revestido de estrelas de um sombrio veludo vermelho que murchava no outono, reaparecendo aveludado e novo na primavera. Mas em Paris, todos aqueles a quem um desgosto profundo não é suficiente para lhes cerrar a alma à alegria do sol sentiam-lhe a benéfica influência. “Eis um tempo bom para a colheita”, dissera o criado de quarto de Jean com uma satisfação na qual a colheita que ele nunca via desempenhava um papel bem menor do que imaginava. “Aí está um tempo ótimo para passear”, dissera a Jean o seu cabeleireiro. E estava certo de que o ar de felicidade espalhado em toda a sua pessoa, bem como os olhares contentes que de vez em quando lançava à avenida ensolarada através da vidraça não eram atribuíveis ao prazer que se encontra nos passeios, pois ficava o dia inteiro fazendo barba e cortando cabelo. Tendo deixado o diretor da Ópera Cômica, Jean correu para o Palácio da Justiça. Chegou a tempo de ouvir os depoimentos dos Srs. Paul Meyer, Giry e Molinier.

Seja o sr. Pinard declarando aos juízes que o Dr. Laporte, a quem cobrem de infâmia, fez uma bela operação, seja o sr. Meyer declarando à justiça militar e civil (a qual considera Dreyfus o último dos traidores) que ele não pôde subscrever o documento pelo qual foi condenado, ou mesmo o sr. Chambereaud, declarando que, a seu ver, deve ser atacada a prisão em que parece assentar a vida política da França, é sempre com emoção risonha e viril que se ouve sair palavras singulares e audaciosas da boca de homens de ciência que por mera questão de honra profissional vêm dizer a verdade, uma verdade com a qual só se importam porque é a verdade que aprenderam a amar em sua profissão, sem hesitar em desagradar aqueles para quem ela se apresenta de maneira inteiramente diversa como se fizesse parte de um conjunto de considerações que pouco lhes interessa. O médico que trata de um jovem não o deixará sair se ainda estiver doente, seja qual for o interesse que possa ter a justiça em prendê-lo ou a autoridade militar em fazê-lo cumprir o serviço de recrutamento. Mas uma vez

que, por amor à verdade profissional que para ele é o que importa, se opôs à saída do rapaz, tomou partido, com energia cordial, pelas reivindicações dele e era todo hostilidade para com a justiça civil e a autoridade militar, que, no próprio interesse, não atentavam para esta verdade: “Ele tinha o pulmão direito obstruído e quarenta graus de febre apesar da quinina que eu lhe dava.” Assim, o sr. Paul Meyer, que sem dúvida cuidara muito pouco de Zola até então, e não se incomodara um minuto sequer com sua pessoa, e que talvez fosse amigo íntimo do ministro da Guerra, defenderá o romancista com viva simpatia, já que o considera estar trilhando o caminho da verdade, e a todas as pressões, a todos os argumentos da autoridade militar, oporá algumas afirmativas a respeito de certos traços e curvas e concluirá: — Juro que isto não pode ser letra de Dreyfus. — Tais palavras são emocionantes de ouvir pois sente-se que são simplesmente a conclusão de um raciocínio que segue regras científicas e isento de toda opinião sobre esse caso, de modo que nele se percebe um tipo de sinceridade, a única sinceridade verdadeira, pois de um certo ponto de vista a sinceridade nunca passa de ingenuidade. Ao passo que aqui, sente-se com satisfação, na defasagem violenta que existe entre a opinião do sr. Paul Meyer, aguardada pelo governo e pela maioria de seus confrades, e esta opinião, entre a opinião do sr. Pinard, esperada pelo governo e pela maioria de seus confrades, e esta opinião, que a verdade é algo que existe de fato em si, fora de qualquer opinião, que a verdade à qual se atém o sábio é determinada por uma série de condições que não se encontram de forma alguma nas convenções humanas, mesmo as mais elevadas, e sim na natureza das coisas. Por isso um homem cuja profissão é pesquisar a verdade nos escritos ou nos intestinos é de algum modo impiedoso. Os generais e os juízes podem vir com seus belos mantos. Ele lhes fala do que sabe e os senhores podem estar certos de que não largará a presa, pois assim como o médico que se fez protetor e amigo de seu doente porque lhe parece que quem tem pneumonia não deve sair, ele é agora o defensor de Zola, de todas as pessoas com as quais não se preocupava mas que defenderá de agora em diante com ardor, não

porque as ame mas porque a escrita que lhe apresentam não é a de Dreyfus.

Amamos essas pessoas que são, em geral, muito alegres porque sua opinião assenta em raciocínios bem fundamentados, ao passo que as opiniões dos outros, sendo baseadas em paixões, podem ser vencidas enquanto as suas o não podem, mais alegres ainda por virem falar de coisas que conhecem muito bem e bem melhor que qualquer outro e que, se alguém ousasse vir fazer-lhes reparos, teriam o prazer de discutir o assunto, o que é muito agradável para alguém que é o mais forte e raciocina melhor. Essas pessoas se zangam com os ministros de quem ontem eram amigas de modo que sua opinião não pode de forma alguma ser prevista com base na amizade, no meio ambiente, nas suas opiniões. Pois o sr. Paul Meyer podia ser amigo do general Billot e não recuar um milímetro e vir minar todo o seu alicerce. Poderia detestar a literatura do sr. Zola e falar dela com desdém e ser até religioso e ter horror a ela. Agora lhe dará a mão cordialmente e irá buscar pasteizinhos para ele durante as audiências, e rirá e conversará com ele e combinará planos de ataque. E, quanto mais sua opinião divergir daquilo que se presumia, mais se sente com prazer que a Ciência é algo bem diverso de todas as coisas humanas e políticas. E se é o nome de um ilustre advogado monarquista e cristão o que se lê na lista de protesto do *L'Aurore*, experimenta-se uma emoção maior ainda, sentindo-se bem nessa defasagem o que é a verdade. E é também uma satisfação muito grande verificar uma certa ousadia e liberdade em tais espíritos que legitimam com uma palavra as opiniões que gostaríamos de ter tido e que havíamos recalcado, pois em nosso esforço de sinceridade permanente (falo das naturezas semelhantes à de Jean) não ousamos sentir orgulho de nossas opiniões e aderimos à opinião que os é menos favorável. E, judeus, compreendemos o antissemitismo e, partidários de Dreyfus, compreendemos que o júri tenha condenado Zola e que os poderes públicos tenham manchado o bom nome dos Scheurer-Kestner. Assim, dá-se uma violenta e agradável sacudidela em nosso espírito onde se acha de ora em diante jovialmente instalada em posição de destaque tal ideia expulsa e humilhada por não ter respeito

suficiente por nosso próprio sentimento, quando lemos uma carta do sr. Boutroux dizendo que o antissemitismo é abominável, que os judeus valem tanto quanto os cristãos, quando ouvimos o sr. Bertrand dizer que, se os jurados tivessem o espírito um pouco aberto, teriam absolvido Zola, e o sr. Manau render homenagem aos Scheurer-Kestner e Trarieux.

VIII. O caso no *Figaro*

Enquanto o Supremo Tribunal acabava de examinar o recurso para a revisão de Dreyfus, o inquérito feito pela Câmara Criminal e sobre o qual ele teria de se pronunciar aparecia todos os dias no *Figaro*. Na verdade, a única coisa posta em questão nesse inquérito eram perguntas desse tipo: Dreyfus permanecerá na ilha do Diabo, será novamente condenado ao fuzilamento? O general de Boisdeffre será obrigado a estourar os miolos, o coronel Du Paty de Clam será obrigado a fugir para o exterior sem ver mais uma só das pessoas cujo trato e consideração lhe haviam tornado a existência até então invejável? O coronel Picquart, preso há um ano, ia ou não passar pelo conselho de guerra que o condenaria a vinte anos de trabalhos forçados, isto é, até os 65 anos, e ele não poderia mais gozar a existência e a liberdade?

Mas num sentimento bem diverso é que esse inquérito era lido por todas as pessoas que desejavam a soltura de Dreyfus se fosse inocente, a soltura de Picquart, e que não queriam mal a Du Paty de Clam nem ao general de Boisdeffre. Tal sentimento, provavelmente livre da angústia das consequências que iriam resultar desse inquérito e ao qual se inclinavam as perguntas do presidente, as respostas das testemunhas, o próprio fato de existir o inquérito, tal sentimento era o de uma satisfação profunda manifesta à noite no sorriso com que se adormecia murmurando: amanhã de manhã, que é que nos vai trazer na cama, sobre a bandeja, o *Figaro*, tão fresco quanto o pãozinho posto ao lado, de uma essência também refinada? Pois os generais mais conhecidos eram os que nos desvendavam sua opinião apaixonada sobre o caso, e também em virtude disso, tão reconfortante, tão saudável como o café com leite a ferver que fumega na taça e que havemos de beber em pequenos goles durante a leitura do *Figaro*, pois não se pode beber nem ler sem parar. E nada vale um bom gole de café com leite bem adoçado

e bem quente para saborear à espera de saber o que vai revelar o sr. Bertulus, e do qual lemos apenas a manchete. De fato, essa curiosidade não era tão viva ao despertar como no momento em que adormecíamos na risonha perspectiva de um amanhã interessante. Assim como aquele que baixou as cortinas antes de se deitar sob um céu fervilhante de estrelas desperta pela manhã com o ruído de uma chuva pesada, muitas vezes as nossas disposições de espírito mudaram com o tempo. Lembramo-nos bem de que tivemos tais ou quais ideias ao deitar mas é só um catálogo de nossas ideias da véspera que poderíamos estabelecer. Elas que nos pareciam tão lindas, que convidavam a pegar da pena, que teriam tido a força necessária para nos fazer voltar atrás em nossos prazeres a fim de que permanecêssemos em sua companhia, não as encontramos mais. Nenhuma beleza em nossa alma ficou para agradá-las. E não temos fome para atacar a meia-lua e o café com leite, nem curiosidade diante do *Figaro*. Mas o café com leite reanima nossa curiosidade crescente, e já nos aborreceríamos se nos tirassem o *Figaro*. E, de fato, lemos durante várias horas. “É espantoso o que há para ler nos jornais atualmente. É um verdadeiro sacrifício.” Mas é um sacrifício que não trocaríamos de boa vontade. Satisfação da qual temos tanta consciência que a frase: “tudo o que pedimos é que isto acabe, já começa a ser demais” foi substituída por esta: “Quando isto acabar, que faremos?”, que já não é tão original.

Cada um se divertia, tanto mais que esse divertimento era excessivo e que em si mesmo ninguém tinha a sensação de buscar um prazer, o que torna mais exigente, e sim de responder a um problema e de entregar-se a um estudo se bem que, para dizer a verdade, passavam por alto “tudo o que fosse um pouco técnico”. Quanto ao resto, mesmo para quem não estivesse do lado do exército, o que pensam e o que fazem os militares nos interessa especialmente. Conhecemos muito bem o que significam as palavras de um orador talentoso, de um literato inteligente. Um militar inteligente nos parece talvez um novo tipo de inteligência que não conhecemos e cuja revelação nos dará a sensação de coisa nova, de que não deve ser também verbal. Em seguida,

gostaríamos de saber como se comportam esses homens face a face, tão claramente hierarquizados e que no entanto devem, em alguns momentos, conversar de outra maneira que não dando ordens uns aos outros sem atentar para o posto militar, sem fazer continência. Esses atos, enfim, que uma vez ou outra os vemos cumprir, gostaríamos de saber de quais juízos as mesmas coisas que também fomos chamados a conhecer e julgar, eles foram precedidos, como conversavam juntos, se às vezes não houve desacordo entre o chefe e seus subordinados, e como este se exprimia. Pois vemos passarem esses homens que, mesmo quando ostentam o disfarce de civis, aparentam mais do que são na verdade, e, como os deuses que assumiam forma humana são “militares à paisana”, o homem apressado, de olhar vivo, que, domingo de manhã, para além de suas roupas civis, vai pensando em suas ocupações militares e responde bruscamente a todos os soldados que o reconhecem sem conhecê-lo e o saúdam, que vai depressa e que não tem o aspecto de usar uma casaca, uma gravata encimada por um chapéu, mas sob cujo casaco se sente o corpo ágil do militar. Vemo-los passar. Mas nada sabemos do que pensam, do que dizem, sua inteligência se exprime em obras mudas que não conhecemos. Quanto à vida que levam entre si, permanece fechada. Não nos interessamos em saber o que dizem entre si dois ministros ou dois duques. Mas saber como o general de Boisdeffre conversava com Du Paty de Clam é a realização parcial daquilo que permanecia inteiramente virgem no domínio da imaginação.

IX. A verdade sobre o caso Dreyfus

Depois do jantar, como o acaso do ajuntamento das cadeiras tivesse reunido todo mundo ao redor do general T., e tendo o conde de T. dito: — E dizer que na França puderam sustentar, durante quatro anos, que Dreyfus era culpado e Esterhazy inocente! — Esterhazy, ah! Mas é verdade, general, o senhor trabalhava nos Negócios Estrangeiros por ocasião do encerramento do caso Dreyfus. — Assim posso dizer que não acredito que Dreyfus fosse culpado, mas estou certo de que Esterhazy não o era — todos se voltaram vivamente para ouvir a pessoa que acabava de lançar uma afirmativa tão extraordinária. — Como! — interrompeu o conde de T., que alimentava uma certeza, a da razão, e de fato é necessário dizer que, junto das crenças absurdas na traição de Dreyfus, a culpabilidade de Esterhazy era uma certeza, isto é, uma obra nítida, elaborada por homens frios e de verdadeira inteligência, apoiada em fatos precisos. Mas a realidade da história e o que torna o seu entanto ambíguo e especial, que a faz sempre divergir da atualidade pelo fato de que nunca é conhecida só pela aparência, mas que a faz divergir também da verdade, obra do raciocínio, pelo fato de que não pode ser deduzida e flutua entre a verdade e a aparência; e que faz com que ela não resida nem na rua nem no cérebro do homem de gênio, mas na cabeça inclinada de olhar gasto de um diplomata experiente, pode demolir uma tal certeza. O conde de T. não pensava assim, pois o interrompeu dizendo: — E o borderô? — O borderô não foi feito por Esterhazy, sua escrita foi imitada.

O conde sorriu dando de ombros. Era com efeito o argumento das pessoas apaixonadas e estúpidas no momento do processo. — Mas, se Dreyfus tivesse imitado a escrita de Esterhazy, teria lançado a culpa sobre ele ao ser acusado. Não se imita a escrita de alguém a não ser para poder valer-se dela como uma desculpa. — Sim, se o falsário for apanhado — disse o general —, e se não for? — Mas

Dreyfus foi preso. — Contudo eu lhe disse que julgava Dreyfus inocente — afirmou o general (pois as pessoas que têm o hábito de ver as suas palavras valorizadas gostam de dizer “eu lhe disse, eu acho, minha opinião é que”). — Quer dizer que nem Dreyfus nem Esterhazy? — perguntou o conde, que jamais levara em conta essa hipótese e diante da qual, de fato, nada mais valia o seu raciocínio. — Sim — disse o general. — Quem, então? — indagou o conde. — Permita-me não responder — concluiu o general. — Era alguém bem conhecido — continuou — e dentro de alguns anos, se nos virmos ainda, lhe direi o nome dele. Mas não procure adivinhar, pois ele nunca foi mencionado a propósito desse caso, e eu sou o único, juntamente com o duque de X., presidente do Conselho do gabinete em que eu tinha a pasta da Guerra, a sabê-lo. Mas soubemos disso tarde demais para poder fazer qualquer coisa.

A ocasião despertava interesse. De fato, sentia-se evoluir no quarto algo de imaterial que poderia ser chamado a verdade de um fato histórico e que na realidade só se desprende ao redor de uma mesa onde conversam pessoas que aí se ajuntaram. A fisionomia dos interlocutores assume logo um ar grave e definitivo como se eles se transformassem em testemunhas diante da história. — E Picquart? — gritou o conde. — Eis alguém a cujo respeito deve haver engano. É impossível que tenha forjado a escrita e desejado incriminar Esterhazy por meios fraudulentos, pois nesse caso seria um celerado e sempre acreditei fosse um herói. Em face a tantas pessoas movidas por interesse pessoal, sua conduta foi sempre e unicamente ditada por sua consciência. — Através do documento jamais se saberá a verdade — disse o general. — A minha impressão é que a escrita foi de Picquart. Mas ainda assim o senhor tem razão em admirá-lo. — E pronunciou com gravidade as seguintes palavras, pois era homem de coração e inteligência admiráveis e é a ele que devemos estes dois excelentes romances: *Cœur et Volonté* e *Vers l'Île des Mouettes*. — Se ele foi combatido pelos militares, pelo povo e pelos jornais até fazerem dele uma espécie de mártir, não foi por seus defeitos, e sim porque perseguia independentemente de todo interesse um objetivo contrário aos interesses de uns, aos projetos de outros. Agiu realmente só por

amor à verdade, e além do mais estou certo de que tanto achava Esterhazy culpado como Dreyfus inocente. Mas tendo de lutar contra a calúnia, a mentira e o interesse, julgava poder tornar sensível sua crença por meio de uma peça idêntica a tantas outras que deveriam existir. Ainda assim, não a fez de modo algum humilhante para Esterhazy, e sim apenas aquilo de que necessitava, ou seja, provar as relações de Esterhazy e de Schwartzkoppen, das quais tinha absoluta certeza. Acho até que mais tarde forjou outras para incriminar Du Paty, a quem detestava e de quem queria se vingar: pois também era possuído de paixões humanas e ficava muitas vezes com o rosto vermelho e soltando palavras amargas quando lhe falavam de determinadas pessoas. E sem dúvida foi levado a cometer perjúrio quando lhe perguntavam se a letra era sua quando dizia que não. Mas reconhecê-lo aos olhos de uma turba simplista e uivante equivaleria a dizer: “Sou o falsário que pensam, quis incriminar Esterhazy mesmo não acreditando em sua culpa, sou um patife, estou subornado.” Ora, ao confessar isso ele teria mentido muito mais do que se dissesse que a letra não era sua. Pois somente agira, com prejuízo de todos os seus interesses pessoais, para o bem e emocionado com a inocência de Dreyfus, e quando percebeu quanto era superior a tudo que o rodeava foi que julgou poder agir como fez. Era extremamente inteligente e tinha orgulho disso. Esse amor-próprio de *parvenu* era o único traço egoísta a permanecer nele e naturalmente por meio desse egoísmo é que foi levado a proceder mal e a querer, em vez de ser tachado de sonhador e de quimérico, poder provar o que dissera e mostrar a prova da qual ele próprio não precisava. Mas homem algum é destituído de defeitos e esse foi um de seus maiores. E por uma conduta que visava unicamente a um objetivo desinteressado foi com toda a razão que despertou a consciência de uma boa parte do povo francês.

O sr. Xiron olhou para a mulher com o rabo do olho, pois sentia-se feliz com o fato de sua casa ser palco de revelações tão interessantes, e parecia dizer-lhe: “Que salão arranjamos apesar de tudo e como servimos pratos excelentes aos nossos convidados.” Ao entrar o criado com os copos, a sra. Xiron, com ar zangado, lhe

fez sinal que se retirasse para mostrar o quanto era boa dona de casa, como se faz quando alguém está cantando. Depois fez questão de levar a laranjada para junto do general em agradecimento e a fim de que ele não tivesse de se levantar, para que pudesse continuar a deslumbrar os convivas. Mas ele se levantou e disse: — Não, não, vamos todos tomar a laranjada na sala de jantar — condescendendo em cuidar das coisas da casa como faz todo grande homem que sabe agradar, ao acolher as crianças sobre os joelhos.

Os Sauvalgue. — Jean na Bretanha: o telefonema para sua mãe. — Begmeil. — A igreja. — Leituras de praia. — Tempestade em Penmarch. — Os adeuses. — O mar na montanha. — Begmeil na Holanda. — Impressões reencontradas.

I. Os Sauvalgue

A sra. Santeuil, tendo encontrado naquele dia os Sauvalgue, o casal por quem sempre sentira viva simpatia, convidou-os para jantar na semana seguinte. Mas eles não podiam porque estavam de partida para Begmeil, pequena praia da Bretanha da qual a sra. Santeuil já ouvira falar. Os Sauvalgue afirmavam que era uma região encantadora, tinham mais ou menos a fama de a terem descoberto e aconselhavam a todos que para lá fossem. Haviam adquirido uma propriedade no lugar, da qual falavam com entusiasmo à sra. Santeuil, dizendo que não havia no mundo lugar igual. E, de fato, sentia-se perfeitamente que a felicidade de suas vidas — a felicidade de nossa vida que às vezes com efeito se assenta e se prolonga docemente num vale macio até o mar que à noitinha se assemelha a uma névoa multicolor de arco-íris —, sentia-se que a felicidade de suas vidas lá se achava. O sr. Sauvalgue não aceitara um cargo diplomático que não lhe permitisse suas longas temporadas em Begmeil. E em Paris, apesar dos altos vencimentos do sr. Sauvalgue, eles continuavam a ser servidos por uma criada e a morar no quinto andar, não hesitando, em compensação, em percorrer léguas para ir passar dois dias em Begmeil, pois Sauvalgue tinha dois dias de folga, e em Bec-dog um barco, um carro e um cavalo de sela sobre o qual percorria essas terras, onde o dia inteiro os juncos e as urzes já lançavam no chão um pouco da cor dos reflexos do pôr do sol.

— Venham, faremos grandes passeios a pé, vocês irão pescar e de noite quero ver vocês não dormirem! — Lá onde passamos uma vida saudável e feliz, gostamos de crer que residem de fato o segredo da força e o privilégio da beleza. — Verão como é bom o ar de lá. Posso garantir que vão respirar de verdade! — Infelizmente a respiração não depende só do ar. Jean gostaria de conhecer essa terra de que falava o sr. Sauvalgue, acreditava de boa vontade que

não ficaria mais doente e que, fora do mundo, essa seria uma terra de beleza. Encontrara às vezes essas pessoas para quem a felicidade se resumia numa determinada região aonde todos os anos iam restaurar as forças, a alegria, a inspiração em locais que, além disso, não deixavam à sua espera por muito tempo. Tais homens lhe agradavam com frequência graças a uma espécie de inocência que provinha de seu desapego às ambições costumeiras. Sentia-se que lhes era indiferente ter um carro e um camarote na Ópera. É claro que não eram mais indiferentes que outros à consideração dos homens e, como quase todos, gostavam de se sentir os primeiros em certas matérias, como o advogado que tantos homens importantes vêm consultar, como o operário em sua oficina, como o ator na cena que faz sozinho quando tantas personalidades ilustres estão na plateia após terem lido seu nome nos cartazes, como o diplomata que trata de igual para igual os príncipes no exterior, como o funcionário que tem seus empregados que o saúdam, a quem o ministro escreve, duas vezes por semana, cartas que não são de sua pena, é verdade, mas que um munícipe lhe envia, como o literato que não é valorizado mas cuja obra permanece e conserva algo de sua própria personalidade.

II. Jean em Begmeil: o telefonema para sua mãe

Chegara a hora da partida. Jean, deixando Réveillon na antecâmara, voltava o tempo todo para perguntar, em tom irritado, se sua mala estava arrumada. — Bastava que prevenisses mais cedo de tua partida, é ridículo isso — respondia a sra. Santeuil em voz bem alta. A porta estava aberta. Jean percebeu que Réveillon ouvira e, vendo que a mala já estava arrumada, pousou rápido os lábios indiferentes no rosto da mãe, lábios desagradavelmente inflamados pela pressa e pelo mau humor. Horas depois, no hotel das Roches-Noires em Begmeil, foi para o quarto aonde iam levar suas coisas. Depois de ter subido as escadas, chegando a um patamar desconhecido, sentiu-se bruscamente longe da mãe. Uma palpitação fraca mas contínua despertou-lhe no vazio do peito, como, bem longe, o incessante marulho do mar. Seriam pensamentos, desejos, medos, inquietações, ímpetos que haviam crescido até então sob as asas da mãe, e que ele empurrara para longe dela, e que de repente, vendo-se abandonados, pulavam dentro dele como para se lançarem fora, assustados, desesperados, loucos de medo de não terem mais força para fazê-lo, multidão tumultuosa e frágil, infantil e cheia de ternura como uma ninhada de pequenos alcatrazes que atiramos ao mar quando perdemos de vista a costa, e que soltam gritos, têm seu ímpeto quebrado pela impotência de suas asas, chamam pela mãe que não pode ouvi-los e sentem o coração saltar até ela sem que, indo tão rápido como ele, possam atingi-la?

No fim de um corredor alumiado por muitas janelas e onde reinava uma alegria desconhecida que lhe fazia mal, Jean foi abordado pelo moço do hotel. Era o seu quarto. Ouvindo dizer “seu quarto” ele se sobressaltou, quis recuar como o condenado no momento em que vão fazê-lo entrar em sua cela. Abriu a porta. Em Paris, quando ia para o quarto, não fazia esforço algum para entrar. O hábito o

esperava à porta e a abria alegremente para ele. A amizade lhe abria os dois braços da poltrona cujo carvalho, pelo e seda tinham perdido há muito o aspecto original à força de estarem saturados de sua fadiga, reavivados por sua cordialidade, docemente esmagados por seu desgosto que neles se abandonava, ou acariciados quando neles se refestelava seu bem-estar. Como velhos criados que aos poucos se fazem merecedores de conhecer nossos segredos, e, sempre dando a impressão de conservarem na atitude imóvel sua condição de subalternos, tornam-se amigos vibrantes, sensíveis e ardentes, a poltrona, a cama, as cortinas do quarto de Jean tinham-se tornado criaturas bastante parecidas com ele; o silêncio suspenso no teto e refletido no espelho escutava ainda as últimas palavras da sra. Santeuil ou espreitava o ruído cada vez mais próximo de seus passos quando ela ia entrar para ver Jean, fazer-lhe “uma visitinha”, e olhando os velhos móveis sobre os quais, embora lhe pertencessem, ela gostava de dar a entender que não tinha direito algum, em respeito à independência do filho, dizia que estavam bem conservados ou que estes aqui, ficando velhos, precisavam de cuidado, fazendo que esses velhos servidores, cordialmente felizes em se sentirem do sr. Jean e em estarem, assim, subordinados ainda à Senhora, experimentassem uma emoção maior do que a dos soldados durante a revista do general, do que a dos doentes durante a visita do médico e do que a jovem esposa ao ouvir as recomendações de seu pai, que para ela é apenas o sogro do marido. Assim, quando Jean entrava nessa alma esparsa a seu redor que era o seu quarto, não fazia mais, por assim dizer, do que entrar em si mesmo, ou antes, era o quarto que entrava nele com toda a vivacidade da simpatia e a doçura do hábito. Sozinho, sentia-se de coração mais rico, mais desafogado, mais vasto. Quando abriu a porta daquilo que tinham chamado, como uma profanação do passado e como que para já fazer pesar-lhe o futuro, “seu quarto”, quando percebeu numa ordem desconhecida (mas que parecia ser conhecida) duas cadeiras que nada lhe diziam mas davam a impressão de responder uma à outra, um espelho em cuja dureza ria ironicamente o mármore de um lavabo onde ainda não haviam posto as toalhas — ah, as toalhas

colocadas por Eugénie em seu quarto, no quarto dele, as quais voltavam da lavanderia todas as semanas um pouco mais frágeis, porém talvez ainda mais suaves, e que secavam seu corpo gelado com toda a pressa, que o corpo ardia por se aquecer, quando a mãe na poltrona lhe sorria em silêncio — ele acabava de fazê-la calar-se ao dizer, sentindo a água escorrer pelas orelhas, “um momento, não ouço mais nada, podes me falar logo logo” — sentiu-se, malgrado seu, diminuído, duro, sem jeito de penetrar nessas coisas estranhas que a simpatia não lhe franqueava, partir o feixe dessas forças que pareciam se lhe ter oposto, abrir caminho nesse mundo compacto, rijo e frio.

Ah! não era a entrada em seu quarto onde a simpatia, como um rio, o transportava por si mesmo. No gelo, ao contrário, muito esforço era preciso, ferindo-se todo, para tentar abrir uma fenda, entrar. E o leve palpitar do coração que se lançava em busca de sua mãe ia crescendo, batia bem à superfície da pele. Era como que uma crueldade não abrir para esses abandonados, não deixá-los correr em direção à mãe. E era ele quem intensificava a tortura. Sufocava nessa prisão. Chegou à janela: o céu ainda estava claro, mas a tarde começava a declinar e não se enxergava muito longe na rua. Diante da mercearia, uma mulher acabava de se levantar ao sentir que a noite vinha, e recolhia a cadeira onde estivera sentada diante da porta. Entrou na loja e desapareceu por detrás dos frascos largos cheios de confeitos ingleses que torciam seu esmalte cor-de-rosa contra a parede de vidro, entre vassourinhas, num provável cheiro de petróleo, figos secos e sabões, e cuja forma se adivinhava através dos papéis de seda engordurados. Era ainda mais estranha a cidade que ele não conhecia, a noite que ia envolvê-lo em seu abajur negro tão longe da mãe. O coração lhe bateu com tanta força que deu as costas à janela e caminhou rapidamente para a porta. Mas então seus olhos depararam com a cama, que ainda não vira, uma cama enorme que sufocava sob um dossel rebaixado de todos os lados (não era possível afastá-los, estavam presos à parede e ao teto), e que conservava em seu edredão cor-de-rosa um cheiro de mofo. Ele via-se lá dentro, sem poder dormir, pensando na mãe, mantido longe dela por cobertores mudos e muito bordados,

sentindo a palpitação infinita de seu peito crescer no silêncio da noite, a ausência irrevogável, a imobilidade do repouso, a angústia da solidão e da insônia. O quarto era a prisão mas a cama era o túmulo.

Lançou-se para fora do quarto, empurrou os moços do hotel que, como carrascos, preparavam silenciosamente o seu cativoiro desfazendo sua mala, levando ao lavabo as toalhas, pondo-o em presença do fato consumado de seu desespero. Há cinco minutos vinha repetindo para si mesmo: “Volto de novo, dentro de três horas estarei feliz outra vez, ah, mamãe... Não, mamãe ficará triste, talvez furiosa, é impossível, amanhã estarei mais calmo. — Amanhã? Quer dizer, esta noite aqui? Não! Vou embora.” E seu coração batia cada vez mais forte, ora de esperança, ora de sofrimento. Sentia-se cruel por prolongar assim essa incerteza do coração entre a vida e a morte, e não tinha coragem de decidir. E a palpitação tornava-se cada vez mais poderosa, cada vez mais profunda no vazio do peito. Teve medo dela. Pôs a mão no coração, parou por um momento. Qualquer movimento a intensificava. Depois, satisfeito com o desafogo, o coração acompanhando-o na alegria e a palpitação passando a ser ímpeto de contentamento, perguntou: — Quando é o primeiro trem para Paris? — Só amanhã às duas horas.

* * *

Agora ele queria telegrafar, fazer qualquer coisa que o pusesse em comunicação com a mãe. — Mas, senhor, temos telefone. — Tocaram. Responderam logo. Pediu uma ligação para um decorador que morava em sua casa. — O senhor teria a bondade de dizer à sra. Santeuil que venha ao telefone para falar com seu filho? — Sim. — Mas eis que já passou um bom quarto de hora e ninguém mais tocou. Que será que está acontecendo? — Senhor — disse o gerente do hotel —, é que só existe um cabo daqui a Paris. Por descuido fizeram outra ligação. Pode demorar muito tempo. — Então ele imaginou a mãe tocando o telefone, chamando-o, sem compreender por que Jean não lhe respondia (pois ela deve ter descido imediatamente, já deve estar há algum tempo ao telefone).

Se ele pudesse lhe explicar, dizer: “Mamãe, tem paciência.” E quando a ligação fosse feita, a mãe teria partido, cansada de esperar, fatigada, principalmente desapontada (deve ter corrido tão depressa, tão contente, para o telefone, seria quase a mesma felicidade que se lhe dissessem: “Eis o sr. Jean de volta”, sem que ela se sentisse aborrecida por ele ter deixado Begmeil). Ele se transtorna, impacienta-se na espera, estimula cruelmente sua decepção e saboreia a amargura de ficar de novo sozinho, sem ela, a duzentas léguas dela quando poderiam estar lá um com o outro. Além do mais, está acabado, não poderá incomodar duas vezes o decorador.

Mas emocionante, clara, eis a campainha que toca, parece correr aqui e ali. Rápido ele põe o fone à orelha. A voz forte e áspera de um rapaz: — É o sr. Santeuil? — É claro que falam por sua mãe, enquanto o fazem segurar o fone, que ela está se apressando, muito perturbada. Uma outra voz forte e áspera de outro rapaz. Depois, de repente — é como se todos tivessem saído do quarto e ele caísse nos braços da mãe — veio a seu encontro, tão doce, tão frágil, tão delicada, tão clara, tão derretida, um pedacinho de gelo quebrado, a voz de sua mãe. — És tu, meu querido? — É como se ela lhe falasse pela primeira vez, como se a encontrasse após a morte no paraíso. Pois pela primeira vez ele ouve a voz da mãe. Escuta sempre o que ela lhe diz, mas jamais notara a voz dela, não mais do que a própria, por exemplo. Então, recebendo-a assim de súbito, no momento em que a deseja acima de tudo e aguarda já sem esperar, em que está prestes a ouvir de novo a voz de um rapaz, está estupefato com o abismo existente entre essas vozes ásperas e esse pequenino pedaço de gelo partido onde parecem correr por baixo das lágrimas todos os desgostos sofridos há alguns anos, e que não cessam de circular por essa voz, soluços ou gemidos que ela nunca deixou escapar para não magoar os seus e que lá estão guardados tão pertinho, como as lembranças dos mortos no aspecto de sempre de seu quarto, a um dedo dela, nas gavetas. Mas o que o espanta e deixa embasbacado em relação a essas vozes masculinas é descobrir nessa voz que parece estar a cem léguas delas, descobrir nela algo que ele jamais viu no mundo

e encontra ali pela primeira vez: a doçura — a doçura, a pequena essência divina com a qual muitas vezes sonhou, imaginando-a absolutamente como era, suave, magnífica, e que tem no ouvido, bem pertinho, como os pedacinhos oferecidos de um coração partido.

Então, como se sente tudo o que Jean representa para a mãe! Desde que se fez homem, que é quase como seu pai, que faz estudos dos quais ela não participa, a sra. Santeuil quase que se humilha diante do filho. Nada representa perto dele. Nesse pedacinho de voz partida sente-se toda a sua vida dada a ele nesse momento como em todos, a única ternura que está inteira nela, sem que uma só parcela seja retida para si mesma, a voz pura como um pedacinho de gelo onde não há voz, nem força, a voz e a força do orgulho, do egoísmo, dos desejos, do interesse, nada além da doçura, a doçura sobrenatural que permanecia junto a ele sem que ele soubesse, que não tinha aspecto de ser extraordinária e que assim, surpreendida de chofre entre essas outras vozes, é ouvida como a cem léguas delas, a doçura que se parte e se derrete tão docemente ao ouvido, ao coração. Mas ele volta depressa ao momento presente: que lhe dirá? Eles se falam e ele não ouve mais a voz dela, como se vivendo com ela não a conhecesse pessoalmente. Ela está lá. Falando-lhe coisas inúteis, diz consigo: “Mamãe, mamãe, estás aí, chega mais pertinho, quero te beijar, oh! não poderei te beijar durante muito tempo, mamãe, mamãezinha, mamãe!” Percebe que a mãe se cansa e não compreende mais direito o que ela lhe diz... Desliga. Está acabado.

III. Begmeil

O semáforo de Begmeil está situado na extremidade dessa península e vê à esquerda a baía de Concarneau, que a banha a oeste, à sua frente, e à direita o oceano, que a banha a leste, “o grande mar”, como lá dizem por oposição à baía, mas cuja força foi quebrada pelas ilhas Glénan, que se veem do semáforo, e cuja água vem morrer às suas margens quase tão suavemente como a água tranquila da baía. Essa península é muito fértil, toda recoberta de numerosos e grandes pomares, propriedade de pequenas e raras herdades e que espalham suas macieiras de frutos rubros até a beira da água tranquila da baía. Uma espécie de herdade transformada em hotel onde se janta ao ar livre, sob as macieiras que permitem ver o mar entre dois ramos, quase não é frequentada, salvo por alguns pintores que passeiam no mar o dia inteiro ou pintam a léguas de distância. Os parisienses não podem adquirir terras no lugar, mesmo a bom dinheiro, porque os fazendeiros bretões são ricos e, vivendo de nada, querem sempre comprar, nunca vender, seja por um obscuro apego a um preconceito que sua antiguidade pôde erguer em tradição, seja por imaginarem que um dia essas terras terão valor fabuloso. Milionários já ofereceram por esses campos o quántuplo de seu valor. No momento em que se ia fechar o negócio, o fazendeiro retirava sua palavra e pedia o dobro. Um camponês que, no único cômodo da sua propriedade, dorme com a criada numa dessas velhas camas bretãs de madeira que se fecham como armários, possui três quartos da região. Nesses caminhos onde se vê numa extremidade a largura da baía e na outra margem Concarneau, nunca se encontra ninguém. Ouve-se apenas o doce refluxo da baía ou do mar, tão calmo quanto ela, e esse ruído ou o latido de um cão de vigia que o abafa servem de pedestal ao grande silêncio e fazem-no parecer ainda maior. A todo instante a baía aparece entre as ramificações da estrada e as

árvores da outra margem, fresca e, nos dias sem sol, cinzenta como um linguado, entre as folhas. À tardinha, a umidade quente da região aumenta e o cheiro de sargaços se abisma no odor mais vivo das maçãs verdes das árvores e das maçãs vermelhas caídas ao chão.

* * *

Jean trilhou por muito tempo uma grande estrada aberta entre altos taludes ao pé dos quais tinham crescido árvores enormes, cuja folhagem avermelhava com os fogos pacíficos do outono que todas as tardes o sol poente voltava a inflamar. O vento a fizera cair e os despojos recamavam o caminho, e Jean tinha prazer em vê-los, eram despojos gloriosos. Em certos pontos deixava de haver árvores e um galho das amoreiras do talude, ultrapassando a linha da sombra, parecia flamejar suavemente à luz como um sarmento num fogo de inverno. O vento soprava mas sem força para ajuntar as nuvens e afugentar o sol. Era, menos que uma ameaça, um aviso rápido e leve para desfrutar esse último resto de doçura, esses dias ainda soberbos e encantadores, como de uma vida esgotada na juventude. Através de uma fenda do talude percebia-se um pomar cujas macieiras espaçadas, despidas de suas folhas e conservando apenas uma espécie de cobertura purpurina de maçãs vermelhas, desenhavam sombras delgadas na campina pálida de sol. Mais ao longe espessava-se um bosque e, contido na linha de seus topos que o podador cavara em forma de taça, um barco imperceptível parecia parado no mar de um azul sólido, vivo e claro. O sol declinava. Jean andou mais depressa; chegou por fim à igreja que, como um fidalgo, vivia em suas terras; rodeavam-na belos relvados onde um javali-fêmea e seus filhotes corriam em roda sob grandes e vetustos carvalhos de troncos enormes, plantados de cada lado em duas filas como aleias de parque. Jean entrou na igreja, vasta e sombria, onde no verão se devia sentir a frescura e a paz dos bosques. Sob essa ramagem de pedra, à direita, uma pia de água benta era fresca feito uma fonte e cômoda como um cacho. Meninhas reunidas num canto, como se brincassem, olharam para

Jean com ar espantado. No coro, uma camponesa, como se estivesse em sua loja, dobrava uma mortalha. Por toda a parte reinava uma elegância rústica. Depois, Jean saiu e achou-se em meio às tumbas atrás da igreja. Os campos onde as vacas pastavam lado a lado, na luz da tarde, os bosques, as casas, os caminhos desciam ao longe de modo bastante abrupto para que ele pudesse ver todo o horizonte. Ao longe, os campos eram cor-de-rosa e os bosques azuis. Além, por sobre a linha das colinas, violáceas como elas porém mais claras, grandes nuvens quase rosadas se estenderam atravessadas de nuvens cinzentas e logo após o pôr do sol a imensidade que Jean tinha diante de si perdeu suas belas cores, permanecendo azulada no extremo dos bosques e sobre as colinas. Entre os túmulos o vento fazia estremecer as ervas. Fora assim no ano anterior, do alto do terraço de Saint-Germain, no fim da tarde de outubro, quando o sol estava encoberto. Jean sentia o coração maior, como esse horizonte que resplandecia quando a luz o tocava no topo de uma árvore, e agora que o sol não mais brilhava, estendia indefinidamente sua tristeza suave e sombria.

* * *

Uma estreita península banhada a oeste pelo mar alto e a leste por uma baía que deixa entrever, em meio às macieiras, as casas e o porto da margem oposta é um refúgio tranquilo e seguro diante do qual desfilam sem fundear os navios e barcas cheios de vida que só se aproximam o bastante para sentir o espetáculo, mas que passam suficientemente perto para fazer sentir ao solitário a trêmula doçura profunda de estar separado deles. À noitinha, para subir até o promontório, ele segue ao longo da baía uma vereda traçada entre as samambaias, as giestas, as urzes e o tojo, que segue a baía a prumo como um talude florido que costeasse um caminho escavado. Tão estreito entre essas duas margens, o mar se estende a seus pés como uma estrada encantadora que leva ao porto vizinho as barcas que entram em fila, como vacas, parando aqui e ali para pastarem um pouco mais. Como uma novidade gloriosa que as

bandeiras nas janelas, a animação nas ruas, os gritos frenéticos dos transeuntes ou a solenidade do silêncio nos gritam através de mil vozes diversas e semelhantes, o entardecer, antes que ele chegue ao mar alto onde o sol se põe, o azul trêmulo e rosado da areia molhada, as vivas cores do céu, o opulento e cambiante nácar da baía, um brilho dourado ou uma paisagem luminosa na janela de uma choupana, as casas da outra margem rubras como ao despertar do dia, parecem preparar o reino do sol, trazer os ecos enfraquecidos e sufocados do sol invisível e próximo e preparar o reinado de sua glória. Então o passo se apressa e o olhar se deslumbra, feliz de reconhecer em todos os viventes, espelhos sensíveis e diversos do sol, sua púrpura misteriosa. Uma hora mais tarde, soprando na floresta pantanosa e noturna, que o dia ainda sombreia com uma linha rubra sobre o limiar arruivado das samambaias queimadas e dos cardos mortos, e que perfuma violentamente a umidade das folhas, o vento marinho desperta com sua frialdade e excita com seu sal o desejo de entrar em casa onde o fogo brilha, onde a lamparina aquece, onde no prato servido os peixes são salgados como o mar que, sombrio agora, reluz ainda, cinza-azulado como o sargo, a cavala ou a arraia.

Alguns restos de nuvens rosadas e castanhas que ainda permanecem no céu têm a cor inocente e saudável do presunto defumado. Atrasadas e friorentas, barcas marrons entram a caminho das luzes do porto, distendendo suas velas ruivas. Depois será o sono nos leitos cerrados, a noite profunda e cheia de sonhos obscuros que se interrompem quando o barulho dos vidros que se encurvam sob a tempestade faz acordar, os beijos impotentes e doces, os braços que se cerram ao pescoço e as pernas que apertam as pernas, as carícias que varam o silêncio como o vento se gruda às janelas, estreita o telhado e faz gemer o alçapão da lareira, a cabeça que se ergue um momento sem soltar os braços do outro para ouvir o barulho, como um inimigo que gira ao redor da casa e tenta arrombar a porta, e depois mergulha de novo e se abandona sob os lençóis para o carinho e o calor do lado de dentro, com todo o frio e toda a hostilidade que ficam de fora.

* * *

A igreja de Begmeil era do mais puro estilo normando, mas, na verdade, não havia entre ela e os normandos uma relação que pudesse ser claramente definida. Continha uma série de admiráveis pinturas de Moreau, uma *Descida da Cruz* que ele não assinara e que quase todos desconheciam e estava lá, pois todas as obras-primas do mestre não se conservam no mesmo local. E a igreja de Begmeil era o cemitério ignorado daquela, que lá dormia seu sono secular tão pacificamente como os mortos cujo nome se lia na lousa, diante da igreja, recebendo o sol à mesma hora que eles, sentindo-o vacilar e ocultar-se nos mesmos momentos ao passar de uma nuvem, sentindo o mesmo vento, pois os vitrais eram frequentemente abertos e olhados de vez em quando pelas mesmas pessoas que tinham por ela o mesmo respeito tributado aos mortos, respeito sem amizade, sem conhecimento de sua essência íntima e de sua personalidade. Mas um dia, alguém fascinado pela obra de Moreau os descobriria e iria debruçar-se sobre essas tumbas suntuosas e mudas para indagar-lhes o segredo da vida do mestre defunto. Pois as obras humanas, à força de estarem fixas num local da natureza, acabam por fazer parte dela, de modo que o lugar nos atrai por uma espécie de personalidade semi-humana e elas por um tipo de encanto local, e amam-se muito mais as pinturas por terem fixado para sempre suas asas azuis e cor de púrpura na igreja de Begmeil, e a baía calma de Concarneau por verem aí se refletir as belas muralhas do século XIV. Parece que a beleza da arte está enraizada, tornando-se pouco a pouco, à feição do lugar a que adere, uma coisa única e que já não depende do homem, uma coisa que nada nos oferta se lá não voltamos.

IV. Leituras de praia

Depois do almoço, que era bastante lauto, Jean e Henri iam ler deitados nas pequenas dunas de areia que principiam a oeste da praia. Deitavam-se e às vezes permaneciam muito tempo sem olhar para o livro. Para ler e não se perturbar, punham-se a alguma distância um do outro e, graças às ondulações das dunas, por vezes sequer se apercebiam da presença do outro, e cada qual podia julgar-se isolado de todo ser humano, não enxergando acima da areia mais que o céu e as águas, além das gaivotas que não paravam de voar. Quando um terminava de ler antes do outro, afastava-se e punha-se a passear sem fazer barulho a fim de não incomodá-lo. Jean levava a mesma obra todos os dias. Logo passou ao segundo volume, depois ao terceiro. Escrevera a Paris para ter outras obras do mesmo autor, informações acerca de sua vida, e Henri encomendara em segredo um retrato do autor que deveria chegar logo.

Ainda são muitos os livros que despertaram em nossa vida o interesse de páginas ainda desconhecidas, o encanto das páginas já lidas, e que fizeram convergir em torno de um artista todas as forças do nosso amor e de nossa atividade, de maneira que pela sucessão desses artistas a nossa vida apresenta os aspectos diversos da vida de um jovem vibrante e apaixonado que primeiro se deu todo ao cavalo, depois o trocou pelos patins, teve por um instante o gosto de dançar e de brilhar na sociedade, deixou por completo de frequentá-la, entregou-se à canoagem e ao iatismo, imagens ambas, aliás, representantes na juventude da atividade exclusiva e mutável das crianças. Adiante na vida os gostos se fixam mais. Sua mãe se espanta com a inclinação pela literatura, fazendo-o lembrar que aos quinze anos foi apaixonado pela matemática, comprava instrumentos de óptica, queria entrar para a Escola Politécnica. Nossa história como homens é menos variada e

deixa prever tão pouco a respeito dos períodos em completo desacordo com os gostos que conhecemos de nós mesmos, que esse período inicial de nossa vida parece-nos quase lendário. Não mais compreendemos nossa paixão por uma ciência que já abandonamos, por um colega que nunca mais encontramos. Mas no centro mesmo de uma vida intelectual, nossas vivas impressões agrupam em torno de um homem, de uma região, todas as nossas curiosidades, todos os nossos desejos. Nossa mãe sorri ao nos ver ir para a praia levando sempre um volume de Stevenson. Acha-nos criança ainda, e, escrevendo para Paris a fim de receber uma biografia de Stevenson, outros livros de Stevenson, seu retrato, ela reencontra, como nós, a vivacidade dos gostos de nossa infância, a possibilidade de voltar a nos dar presentes. Além disso, quando éramos pequenos, já havia um determinado livro que púnhamos debaixo do braço ao ir ao parque e que líamos com amor, de tal modo que nenhum outro o teria substituído. E até naquele instante não nos prendíamos de maneira tão exclusiva ao que dizia o livro sem nos preocuparmos com as páginas que íamos virando. Hoje, num manuscrito, no folhetim de um jornal, ficaríamos deslumbrados ao encontrar novas páginas de George Eliot ou de Emerson. Entretanto, quando éramos mais jovens, o livro não se separava, para nós, daquilo que nos dizia. Além do mais, tínhamos visto poucos livros, e muitas vezes aquele que líamos era o primeiro desse formato que tínhamos nas mãos, o primeiro que apresentava essa doce e confortável capa marrom, essas folhas retangulares e delgadas de grandes margens, de um odor que não nos cansávamos de aspirar. A graça de sua consistência fazia um corpo só com a história de que gostávamos e o prazer que nos proporcionava, quando numa tarde calorenta, na alameda do parque, escondendo-nos dos olhares alheios para não sermos interrompidos, ou numa manhã chuvosa, esperando o almoço perto da lareira na sala de jantar, perturbados pela cozinheira que, sob pretexto de nos instalar melhor, acabava nos incomodando, ficávamos sentados tendo-o nas mãos e mirando suas páginas, sem fazer diferença entre ele e a suavidade de suas folhas delgadas, seu cheiro delicado e as belas cartonagens que o fechavam com

cantoneiras douradas. Folhas delgadas de margens largas onde de quando em vez se inscrevia uma data como num caderno do qual possuía o formato, dando a sensação de nos instruir durante essas horas deliciosas e que essa coisa apaixonante à qual nos prendíamos era a verdade. Na minha memória, seu cheiro é tão suave quanto o cheiro do armário onde trancavam a roupa branca e as porcelanas cor-de-rosa.

Mas antes de se porem a ler durante as longas horas de digestão (exceto quando um romance chegava ao fim, quando então iniciamos logo a leitura para ir até o fim naquele mesmo dia e, uma vez fechado o livro, não ousamos confessar a nossa inteira satisfação, ou por vergonha, ou pelo desejo de ser lastimado, de não parecer demasiado felizes, ou porque a felicidade, desde que examinada, posta em questão, desaparece), ficavam indefinidamente procurando dormir ou conversando em raros intervalos, fumando, virando-se de um lado para o outro, olhando o mar, o céu, protegendo a cabeça do sol com uma manta. Invejamos a jiboia para quem digerir é ocupação de uma semana e que pode então dormir vários dias seguidos. Invejamos o lagarto que fica dias inteiros sobre uma pedra quente, deixando-se penetrar pelo sol. Invejamos a baleia que faz lindas viagens pelo Pacífico, as focas que brincam no mar ao sol, as gaivotas que brincam durante as tempestades e se deixam levar pelo vento. Pois o sono, o alimento, o mar e o vento nós os amamos com a imaginação por tudo o que representam de força e de doçura para nós. E só na vida dos animais é que podemos observá-los inteiramente puros, preenchendo completamente a vida. Mas aproveitamo-la mais do que eles, nessas horas em que, fazendo digestão ao sol, olhamos o céu e o mar, em que adormecemos ao ar livre sob os gritos das gaivotas e nos ajeitamos na areia para dormir mais, em que o nosso espírito está vago, o corpo se sente feliz, e ambos parecem libertos de toda preocupação, pois aproveitamo-la ao mesmo tempo através da imaginação e tanto mais se somos desses para quem é raro o sono, uma digestão que absorva por completo é também coisa rara, e a vista do mar e do céu e o grito das gaivotas. Só para o pensador

e para o doente é que a vida animal apresenta esses deslumbramentos todos.

* * *

Logo surgiram os primeiros clarões da lua. Ao entrarem, era noite fechada mas no jardim, bem perto deles, entre as árvores, avistavam a lua enorme pouco acima do horizonte e já espalhando uma luz vaga nos cimos do outro lado do vale. Mas depois do jantar, quando saíam, o luar era intenso. Podiam ir deitar na areia do lado obscurecido, sem serem vistos por pessoa alguma, e olhavam o mar pálido com um sulco de prata. Horas cujas doçura e maravilhas tocam os mais simples que se impressionam diante desse grande dia esparso: a noite, essas sombras enormes e negras, horas que Jean buscava aprofundar sem o conseguir, para delas conservar alguma coisa e que seu corpo também tentava aprofundar. Atiramo-nos às coisas com avidez, como se elas pudessem nos dar, o mar, sua força inesgotável, o vento, seu sopro, o ar, sua pureza. Ilusão que acorrenta tantos doentes nos lugares selvagens onde a natureza é estuante de força, tantos pensadores esgotados onde só existem forças sem pensamento, o mar cego, o vento surdo, os animais que não pensam em nada. Em meio a tais seres inalteravelmente calmos, ou dessas forças eternamente vivas, atinge-os a morte ou a loucura que os espreitava. É inútil nos debruçarmos sobre o reservatório de todas as forças: lá não entra mais ar do que o que deixa passar o nosso hálito, e só chega ao nosso sangue tão impuro quanto o fizeram nossos pulmões.

V. Tempestade em Penmarch

Uma noite — há dois dias já que soprava um vento terrível, chovia, o mar estava bem grosso, como jamais o víramos nessa baía tão tranquila — uma noite, cerca das três da madrugada, Jean, que até então dormira embalado pelo ruído do vento, ouvindo sempre, meio desperto, os postigos baterem contra as janelas, as chaminés estremecerem, as árvores gemerem e sem dúvida terem galhos quebrados, Jean foi acordado por Ethel. Pierre já estava lá embaixo, tinha vindo ver se o sr. Jean queria ir com ele. Fizera-lhe a promessa de avisá-lo se um dia se armasse uma grande tempestade em Penmarch; pois bem, chegara o dia. Justamente precisava ir lá para ver se havia necessidade de homens para o barco de salvamento.

Jean sentia-se bem na cama, tinha vontade de deixá-lo ir embora. Fê-lo subir.

— Será uma grande tempestade? — Ah, certamente, há já três dias que se prepara; aqui já faz um vento dos diabos. Em Penmarch o senhor vai ver o que será. — Jean hesitava ainda, dizendo consigo: valerá a pena? É burrice deixar de ir, mas será tão bom dormir um pouco mais. Chegou até a janela. O reflexo da lâmpada que haviam posto embaixo iluminava o caminho diante do albergue; Jean viu todas as árvores derrubadas e grandes ramos por terra, os quais, tomados pelo vento, voavam como palha. Sentiu então algo como se o vento o empolgasse também, a necessidade de fazer coisas extraordinárias naquele tempo fantástico. Vestiu-se. Ethel fê-lo levar uma enorme quantidade de cobertas. — Não sou friorento — disse Jean. — O senhor vai ver — retrucou Ethel. — E, depois, vai ficar molhado até os ossos. — Pela chuva? — Pelo mar. O vento leva pedaços de vagas até meia légua... — Jean queria pegar um guarda-chuva. Ethel achou graça da ideia: será que ele pensava que poderia mantê-lo aberto? Enfim Pierre voltou com a corda para

atar Jean caso a tempestade piorasse. A necessidade dessas precauções incomuns e a inutilidade das precauções habituais deixaram Jean doido de alegria, fortalecendo sua impressão de que ia ver algo extraordinário, fazer qualquer coisa fora do comum. Tinham de esperar a alvorada pois era impossível acender as lanternas. Mas como desejavam estar antes do almoço em Penmarch e eram necessárias oito horas de carro (cinco horas com o carro de Ethel, que corria como o vento, mas com esse tempo horrroso podiam ser atrasados por um acidente), decidiram partir imediatamente. Pierre e o cavalo conheciam bem o caminho. — E depois — disse Pierre —, com um tempo destes não correremos o risco de encontrar outro carro na estrada. — Como ninguém sai para ver isto? — perguntou Jean. — É claro que não, todos se fecham em casa — disse Ethel —, sobretudo porque é muito perigoso. — Tais esclarecimentos estimularam a coragem do nosso herói, que quis estar bem a par do perigo que corria. Não compreendia como fosse possível ser levado pelas águas do mar já que não iriam pelas margens. — Espero que o senhor não seja — disse-lhe Ethel —, é até certo que não, mas enfim, já aconteceu. O senhor fala em beira-mar como se fosse como aqui. Saiba que com um simples pé de vento uma onda vem buscá-lo a duzentos metros, onde o senhor se julgar abrigado e, sem que o perceba, pode engoli-lo de uma só vez.

Ethel dava essas informações ao nosso herói sem desconfiar o quanto aumentava a sua alegria. Jean, agora, não voltaria a se deitar nem que lhe promettessem um império. Estava todo orgulhoso e riu ao se imaginar no gelo, debaixo de todas as cobertas que Ethel lhe dera. Todos se haviam levantado no albergue, acordados pela chegada do carro. A criada veio perguntar se o patrão queria leite quente. — Sim, mas não precisa subir, Felicité, vou tomá-lo lá embaixo na cozinha, com Pierre e Ethel. — Nesse caso, ande depressa porque eles já estão lá. — Quer dizer que já acabaram? — Não, não começaram ainda, mas digo que se apresse se quiser comer com eles. — Jean terminou de pegar suas coisas. — Sabe que vou a Penmarch, Felicité? — indagou. — Acabaram de me dizer — respondeu ela. Jean ouvira seus brados de espanto quando Ethel

lhe dissera: — Dê-me adeus, bem sabe que pode ficar por lá. — Ora — exclamou Felicité —, isso acontece, o senhor não seria o primeiro. Além disso, pergunto-lhe qual a necessidade de partir com um tempo desses, quando todos se fecham em casa e a chave ainda por cima, pois o vento não faz cerimônia para abrir as portas. Precisava mesmo escolher um dia como hoje, que faz dez anos não se vê igual!

“Já faz dez anos, e dizer que eu poderia ter ficado deitado!”, murmurou consigo Jean, cuja alegria atingia o auge. — Mas foi Pierre quem veio me buscar. Além disso, ele não vai me deixar — disse em voz alta, sabendo que Felicité censurava o espírito aventureiro de Pierre, e dizia com frequência: — Se eu fosse seu pai ou sua mãe, certamente não o confiaria a um sujeito como esse. Um é tão louco como o outro. — Ah, falemos disso, é uma bela garantia que o senhor tem — disse Felicité —; um sujeito de quem os mais velhos homens do mar, que não o consideram nada arrojado, dizem que lhe sucederá alguma infelicidade. Bem que ele precisava vir buscar o senhor. Como se não fosse melhor que o senhor ficasse na cama, que ninguém o apressasse, eu lhe teria feito um bom almoço que o senhor poderia comer na cama se quisesse. Pois não preciso fazê-lo hoje, já que o senhor está tão corajoso. Também o senhor é tão comodista, e mais que qualquer outro. Por isso, gostaria de vê-lo em Penmarch, por causa da comida. Que bons garfos esses aí, que nem sabem preparar um peixe! — Jean ficaria muito tempo escutando a eloquência de Felicité que mesmo não sendo persuasiva, nem por isso lhe agradava menos ouvir, mas tinha reunido suas coisas e desceu para alcançar Pierre e o marinheiro que iria com eles. Julgou que os acharia ainda à mesa e encontrou-os na escada. — Já acabou? — perguntou Jean. — Nem começamos, esperávamos pelo senhor — respondeu o marinheiro. Essa atenção no limiar de circunstâncias tão perigosas, e tal delicadeza da parte de um homem tão heroico, pareceram ao nosso herói de tão favorável augúrio que só faltou abraçar os companheiros. Beberam café com leite fervendo na cozinha, onde Jean, ao ver a luz do fogão, perguntou a si próprio se não valeria mais ficar para o almoço com o hospedeiro e passear alegremente

ao longo da baía do que ir afrontar os novos perigos, e renunciar por hoje, e talvez para sempre, à lagosta à americana que só tinha vontade de comer agora que sentia essa perspectiva bem remota. Mas o amor-próprio e a vergonha de os ter feito esperar para nada forçaram-no a manter aos olhos dos novos companheiros a atitude de arrojo que assumira desde o começo e que agradara tanto a si mesmo.

— Talvez não fosse preciso tanto para nos atrasar — disse Ethel —, não falta muito para as cinco. — Jean, vendo que os companheiros tinham acabado, quis beber de um trago o que lhe restava de café com leite. — Também não precisa andar tão depressa — disse Pierre, fazendo-o sossegar. — Temos bastante tempo. Vamos, vejo que já acabou, não tem mais nada para tomar, posso mandar sair o cavalo. — Sim — disse Jean a quem essa palavra pareceu solene. Instalaram-se no carro. Jean temia não se acostumar ao vento. — Não está tão forte assim — disse irrefletidamente aos companheiros, não por amor-próprio mas para responder à gentileza deles pelo bom humor e pela coragem. — Aqui não é nada, claro; é controlado — respondeu Pierre —, mas o senhor vai ver quando chegarmos à estrada, e depois em Penmarch, só lhe digo isso. — Vamos, boa viagem — disse-lhes o dono do albergue olhando-os de partida enquanto a luz da cozinha os iluminava. “Vai descansar”, disse Jean consigo, “e talvez seja ele quem tem razão.”

Em seguida, puseram o cavalo a galope. A todo instante o carro saltava sobre troncos de árvore, Jean achava que tudo ia se acabar, que iam se matar de repente. O marinheiro, vendo que ele poderia cair por não saber se segurar bem, pediu para ficar detrás dele e cruzou-lhe com força o braço por baixo, e vendo que o chapéu de Jean não se sustinha, enterrou-lhe seu barrete na cabeça. Imediatamente, como os guerreiros que, comendo as entranhas de um bravo, usando seu capacete, sentiam em si a sua bravura, Jean não teve mais medo, atado à força do companheiro, confiando-se a ele e à sorte.

Como o vento soprasse com mais força, deixaram o carro em Pont-Labbé e tomaram a pequena estrada de ferro que vai dali até

Penmarch. À hora da partida, Jean ouviu o fiscal dizer a um rapaz que subia com uma bicicleta que tinha de ficar na plataforma com ela, pois o regulamento proibia a entrada de bicicletas nos vagões. O rapaz pegou rapidamente a bicicleta e saltou para a plataforma.

Jean não precisava ter visto esse rapaz antes para ficar certo de que se tratava de uma pessoa extremamente distinta de berço e de caráter. Embora não devesse ter mais de 24 ou 25 anos, o olhar grave de seus olhos esverdeados dava a seu perfil uma singular nobreza. Jean quis que os dois pescadores subissem como ele para a primeira classe. Por acaso, no trem completamente vazio, havia no vagão de primeira classe duas senhoras, sem dúvida surpreendidas pela tempestade no curso de uma viagem na Bretanha, e fugindo debaixo do vento para o abrigo de alguma cidadezinha. Ao primeiro olhar lançado à moça de real beleza sentada à sua frente, mas dizendo seu nome e suas qualidades no brilho dos olhos que ora se erguiam, ora pousavam em Jean e nos pescadores com uma indiferença afetada, um desdém destinado a mascarar as suposições inteiramente diversas que tal atenção podia fazer surgir e a fim de fazer aparecer outras bem diferentes, na boca que tanto se franzia, melancólica, como compunha sua toailete com a pontinha rosada da língua, nas frases pronunciadas em tom bastante alto, nos apartes, nos silêncios, nas sacolas abertas sem necessidade, nos olhares que alcançam a gente e parecem não ter tido essa intenção, continuam a passear por todo o vagão e acabam por buscar a dignidade da qual tudo isso deve lhes dar a impressão com um ar altivo e aborrecido, Jean reconheceu uma cocote, uma atriz. Mas daquelas que não têm nome em lugar algum, atriz a quem prometeram trabalho na Ópera Cômica, senhorita que vive na província com um homem rico e que, em viagem, não podendo lhes dizer que conhece o sr. Carvalho ou que tem um carro em Rouen, testemunha, pela fisionomia atenta e altiva, a raiva por não poder dizê-lo, o cuidado que tem em mostrar, na falta das cartas de recomendação como pouco lhe importa a sua opinião e se mantém acima dela, cuidado que a todo momento mais confirma a ideia de que ela se preocupa, e muito, com sua opinião, sofrendo por não poder esclarecê-la de todo.

No entanto, a pessoa de nível inferior que a acompanhava reforçava ainda mais a má impressão que Jean tivera de sua vizinha. Era uma figura de *clown* coberta de ruge debaixo de um chapéu em que todas as plumas, todas as flores, todos os laços não lançavam sobre a fisionomia sombra suficiente que impedisse de se ver a nítida falsidade dos olhos, a baixeza quase criminosa do tipo, a lepra escarlate e sórdida das faces; sentia-se que, partilhando atualmente a boa fortuna de sua patroa, dama de companhia viajando em primeira classe, rindo à menor palavra da dama jovial, e diante mesmo de Jean, tomando ares de intimidade com ela a fim de se exhibir, ela não passara até então da criada principal de uma alcoviteira, uma sequestradora de crianças ou cúmplice de um assassino, a menos que a extrema vulgaridade de sua origem unida à má qualidade de sua elegância conferissem à relativa inocência da dama de companhia, forçosamente pouco honesta, de uma cocote rica esse aspecto repelente. Talvez fosse apenas uma companheira da atriz, muito velha para representar ainda, e que ela levasse consigo por bondade, e em quem o hábito de representar tantos papéis na vida e em cada um dar a seus traços ridículos um sentido novo de feiura ou de estupidez acabara por lhe tirar quase todos, até deixar unicamente esse pouco de brutalidade e de incerteza, de duvidoso, que assumem os traços reduzidos a si mesmos, sem mais qualquer expressão. É o que sucede frequentemente com a fisionomia dos atores. Ou antes, um resto dos sentimentos expressos ainda flutua nela, vislumbre nos olhos, esgar na boca, que, não tendo relação alguma com a atual circunstância e as ideias de hoje, emprestam à fisionomia um tom de falsidade, um exagero bem desagradável. Exagero e falsidade que parecem tornar-se ainda mais verossímeis graças à enorme mobilidade do olho, à excessiva flexibilidade do corpo que, enquanto lhes falamos das coisas mais simples, continuam, como um pianista que sente os dedos se agitarem ainda que esteja dormindo, a exhibir essa flexibilidade, essa atividade que, em cena, tinha por objetivo ressaltar ao público tantas intenções diferentes.

Assim, Jean se distraía observando as duas vizinhas que não se acanhavam de abrir e fechar as sacolas, de perguntar uma à outra a

que horas chegariam a tal lugar, se o carro as esperaria, e como todos aqueles que viajam, de recordar um adeus que não tinham pensado em dar, o objeto pronto sobre a mesa e que, no entanto, haviam, precisamente, esquecido. Esquecimento compensado por tudo que temiam ter deixado na sacola e que, pelo contrário, era primeira coisa que viam, esquecimento, aliás, que haviam profetizado ao dizer: — Vai ver que esquecemos justamente aquilo de que mais precisamos —, esquecimento, por outro lado, perfeitamente reparável já que poderiam escrever para o gerente do hotel em Quimper, que, de resto, talvez o tivesse percebido por si mesmo e tomado providências... E elas se queixavam da sujeira do vagão, do mau cheiro, repondo as luvas, procurando ver de que delicadezas podiam ainda dar prova. De vez em quando, Jean voltava os olhos para a pequena plataforma onde o jovem ciclista, fitando o horizonte com seu olhar grave, e recortando sob o céu cinzento, ao longo do suporte de ferro, o seu perfil delicado, gelava ao vento. “Que injustiça”, dizia Jean consigo, “que este jovem, que certamente pertence a uma família distinta e acima de tudo mostra ter um caráter tão elevado, fique lá gelando ao vento, ao passo que, enroscadas em seus agasalhos de peles, essas duas imundas criaturas ainda se lamentam. E dizer que ele me confunde com elas e crê, sem dúvida, que, à semelhança delas, só sinto desprezo por ele!” E uma ou duas vezes chegou até a plataforma para mostrar ao ciclista, partilhando de sua sorte, que não lhe tinha desprezo. Depois voltou para junto dos dois pescadores. Nesse momento, ouviu uma das duas senhoras pronunciar o nome da mulher do ministro da Dinamarca como se fosse uma de suas amigas. Jean não imaginou um minuto sequer que tal fato fosse verdade. Mas, ainda assim, estava tão espantado que soubessem até o nome dela, soubessem que ela desfrutava uma posição de destaque na sociedade e fossem bastante chiques como cocotes e suficientemente relacionadas para utilizar esse meio bastante refinado de deslumbrar, que perguntou a si mesmo se não estaria enganado. “Talvez ela tenha representado na embaixada da Dinamarca”, disse de si para si. Mas não, ela não podia ser suficientemente conhecida para tal. Toda pessoa conhecida, mesmo

sem o ser muito, mostra em suas maneiras como que um reflexo das pessoas que a conhecem, do olhar que puderam lançar sobre ela ao saberem seu nome, que esclarece de imediato aquele que a observa agora quanto ao grau de sua notoriedade. Ora, à ausência total desse reflexo sentia-se que a dama jovial e sua acompanhante não tinham sido nunca alguém para pessoa alguma.

Em Penmarch, Jean e os pescadores desceram e qual não foi o espanto de Jean ao ver o ciclista partir com as duas. O alto conceito que fizera dele até então ficou logo extremamente abalado. “É com certeza amante da moça”, disse consigo. “Meu Deus, até onde levam os sentidos as relações de um rapaz bem-educado? Sem dúvida, como amante dessa mulher ele é obrigado a representar seu papel nas cenas de desdém, de presunção, de vulgaridade, de charlatanismo com que ela tenta deslumbrar os hotéis e os vagões. Se ela se mostra estupidamente impertinente com um homem que lhe passa uma descompostura, ele se vê obrigado a lhe pedir contas. Ele deve discordar do diretor que a não contrata, ser solidário com suas ineptas cenas de ciúme contra as companheiras, ser amigo dos mais vis atores que estão em boas relações com ela, recebê-los para jantar. Deve dar presentes à camareira dela, rir de suas graçolas; ela sem dúvida o ama e, quer por reconhecimento, quer pelo hábito que termina por fazer cair a máscara dos nossos mais repulsivos semelhantes para nos deixar ver unicamente o que têm de humano, ele talvez seja muito dedicado a ela.”

Mas Jean, seguindo a duras penas contra o vento, pela estrada em que os flocos de espuma lhe fustigavam o rosto, os dois companheiros, tinha já esquecido essas três figuras que assumiam em sua memória a imobilidade em que permanecem e onde as revemos se por acaso um acontecimento nos faz recordá-las, onde muitas vezes nunca mais revemos semelhantes figuras grotescas ou belas que vimos em lugar público, num vagão de estrada de ferro, num ônibus cheio de gente, verdadeiras *troupes* onde nos divertimos, como Jean ainda há pouco, ao reconhecer Isabelle, o pedante, a Zerbinette, atores inteiramente caracterizados, tendo já na cara os traços do ofício, na ponta da língua o seu papel, mas de quem não conhecemos nem a verdadeira natureza nem sequer a

comédia que acabam de representar, a comédia que vão encenar, e cujas vestimentas, logo depois esses agasalhos de peles, o chapéu de plumas, flores e lacinhos da camareira da dama jovial, e a máscara, nenhuma interpretação se relacionando com a alma deles, que é desconhecida, nem chegando a modificá-los ou a atravessá-los como a luz, absorvem toda a nossa atenção, assumem algo de graúdo, minucioso, imutável e opaco. Assim, num canto da memória de Jean, onde ele talvez nunca fosse buscá-las, se assentaram a grotesca dama de companhia de olhos brilhantes e vultosos debaixo das plumas, a coquete desagradável de olhar atento fingindo distração, e mais distante o jovem ciclista de perfil refinado, olhos pensativos, tão tranquilo ao vento, em pé na plataforma.

* * *

Chegando a Penmarch, Pierre e o marinheiro ficaram sabendo que sua viagem era inútil, que não se lançava ao mar o barco de salvamento porque era impraticável e que, além disso, todas as embarcações tinham voltado há dois dias, quando começara a tempestade. Duas tinham desaparecido e é claro que nenhum outro barco passaria por aqueles lados num tempo desses. Contudo, Pierre e o marinheiro ficaram dizendo que tinham trazido um jovem senhor que desejava ver a tempestade. Nesse momento, na sala de jantar onde conversavam, o sol dourava a cada segundo, tornava-se mais vivo, brilhante, ardente, ofuscante como uma lamparina cujo azeite aumentara. Os pratos dispostos sobre a mesa brilharam.

Um deslumbrante efeito de sol por Harrison — tela que ele dera ao hospedeiro ao deixar Penmarch e onde, pelo poder que têm a ternura e o talento, o pintor mostrava essa região àquele que não a conhecia ainda com tudo o que só o tempo revela uma afeição de todos os instantes, uma simpatia que deve seguir-nos depois de o ter deixado e como no dia da recordação — foi tocado pelo sol que, vindo brincar com sua imagem, elevou a uma intensidade desconhecida a luz visível nessa tela. Antes que a porta fosse aberta já se sentia um cheiro bom que se espalhou, pois a criada trazia o almoço. Sem o barulho do vento que fazia estalar as

vidraças, estremecer as chaminés, bater as portas, e o ruído ainda mais agudo e contínuo do vento que assobia e que, além disso, agora que não tinham mais que lutar contra ele, era um acompanhamento monótono que acabavam por não ouvir mais, teriam acreditado não estar numa vila maldita que um dia ou outro seria levada pelo mar, que enquanto esperava lhe arrebatava a cada inverno vários de seus filhos, e sim numa espécie de remanso feliz onde o encanto da arte sorria complacentemente à boa comida e onde o sol vinha se pôr ao abrigo do vento... Depois, na sala, o sol empalideceu, sumiu. Agora o céu estava todo negro. Jean olhou as janelas e reparou que estavam molhadas. — Já é a chuva — disse. — Sim, o senhor faria bem em ir até o mar se quisesse ter tempo de chegar esta noite a Pont-L'Abbé [\[26\]](#) (a Begmeil nem é bom sonhar), pois terá vento pela frente e faria bem em chegar antes que ele fique forte demais.

Jean, Pierre e o marinheiro almoçaram rapidamente. E foi com um sol lindo que atados uns aos outros para oferecer resistência ao vento subiram a rua, depois o caminho que conduz até os rochedos, de onde se pode ver o mar. A violência do vento tornava-se cada vez mais incrível. Não se distinguia na passagem o que vinha voando, tão rápido passava. Sem ver o mar e a uma légua dele, recebia-se um grande volume de água na cara. Começava a chover e nem se sentia a chuva, que em vez de cair era levada pelo vento. Chegavam ao cimo quando, de repente, penetraram no reino do vento cuja entrada era defendida por essas colinas, e tiveram de entrar lá de joelhos contra a vontade, pois a força do vento, que ainda não tinham experimentado, e que não esperavam, erguia-os do chão atirando-os longe, prostrados, agarrados de pés e mãos ao solo para se segurarem, não ousando levantar a cabeça para não ficarem sufocados. Passaram-se alguns minutos. Então, estando os dois outros deitados, o marinheiro se pôs de joelhos, depois obrigou-os a também se ajoelhar e nessa posição todos recuaram alguns passos, apoiados nas mãos. Assim, estando um pouco mais protegidos do vento, olharam. Lá onde Jean pensara que o furor da violência e a vertigem da velocidade atingiam o máximo, viu, como no princípio do mundo após um combate de deuses, todas as

cadeias dos Alpes que se instalavam, cada uma procurando seu posto, um outro pico vindo se erguer por um momento, colossais mas calmos, e entre elas vales tão largos e profundos que do cimo majestoso e branco não teria sido possível distinguir um homem. O sol batendo nesse instante fazia ofuscar os cimos cobertos de gelo e as formidáveis cascatas que deles desciam como um trovão que caísse mas no centro mesmo dessa calma profunda que reina nos píncaros à beira dos abismos. Eram como rapazes tranquilos, a escavação dos abismos, a ascensão de uma montanha em geral até o cume, de onde faziam ouvir seu ribombar tremendo.

VI. Os adeuses

Jean foi dizer adeus ao mar, depois ao dono do albergue, à criada, encarregou-a de dizer adeus ao grumete que o conduzia tantas vezes e que àquela hora estava pescando. Disse a todos que voltaria no ano seguinte, falou mesmo em ficar por mais tempo. Das coisas que amara tanto e a cuja adoração havia consagrado todas as suas horas durante dois meses, não podia imaginar que se tratasse agora da ternura, perdida para sempre, que acabara. E às pessoas que lhe testemunhavam amizade não sabia como dizer adeus para sempre. Réveillon o impediu de dar todo o dinheiro que trazia, mas não pôde evitar que ele deixasse mais de cem francos para essas pessoas. Repetiu que não ficaria talvez mais de seis meses sem voltar, para se desculpar do pouco que deixava e que isso parecesse apenas o começo de um presente que ele aumentaria a cada ano.

Fez juramentos no sentido de voltar, e muitos outros. Sua afeição voltou-se, pouco a pouco, para os outros companheiros, para os outros lugares, pela mesma razão por que tinha estado ligada, por um momento, à pequena baía de Concarneau, a esses pescadores que todas as manhãs lhe levavam peixes, ao pequeno grumete que o conduzia pelo mar ao pôr do sol, que conhecia seu medo às medusas — e alterava o rumo por conta própria se o barco encontrava alguma, seu gosto pelo mar revolto — e preparava ele mesmo a barca se o vento assobiava, pelos sinos — e quando nos dias calmos ouviam-nos a repicar em Concarneau, movia os remos com mais ímpeto para não ficarem muito longe e, chegando bem perto, deixava os remos, não dava mais uma palavra, não se movia mais olhando a água, talvez também escutando não só até que os últimos fossem tocados, mas fazendo-o ouvir indefinidamente o silêncio que se seguia, olhar o céu perder seu colorido aos poucos e, às vezes, já noite cerrada, a lua se erguer, até que Jean lhe

disse que era tempo de voltarem, e às vezes lhe estendendo espontaneamente um tinteiro guardado no barco para o caso de ele querer escrever alguma coisa, perguntando-lhe no dia seguinte se dormira bem, tendo entrado em casa tão tarde, e sabendo tudo o que ele fizera até a noite, já que tinham estado juntos, tendo recebido, se não a mesma impressão das coisas, ao menos a impressão das mesmas coisas, todas as particularidades de seus gostos, de sua saúde, de seu caráter, seus divertimentos, seus apetites, suas boas e más pescarias, suas fantasias, seus silêncios. Podiam dizer um do outro: — Ah, hoje o dia está mais bonito que ontem. O senhor não tem tantas cartas como ontem.

Muitas vezes à hora em que todos iam jantar, Jean mandava-o aprontar o barco, o que ele fazia com presteza. Quase todos os barcos de pesca haviam regressado ao cair do dia. O sol já estava quase se pondo. Partiam. O mar ao longe era cor-de-rosa, depois, mais próximo, amarelo, lá adiante vermelho, tendo o verniz e o tom aveludado do azeite. As ondas, baixas, lançavam uma espuma violácea na areia. O barco, ao deslizar, alterava as ricas tonalidades de suas águas, fazendo-as perder por um instante apenas o seu veludo que, uma braça além, retomara a suavidade do resto do mar. Como nesses passeios feitos numa região onde outrora fomos felizes, respirava-se algo doce e excitante como à recordação. A lua se erguia branca e quando ficava dourada, o céu e o mar, no ocidente, eram ainda rosados. Depois a noite descia por completo, as estrelas brilhavam e, sob a lua, abria-se um sulco de prata no mar, o qual se alargava à medida que se aproximava da margem. Eles lançavam as redes continuando a avançar. Fazia frio. O grumete cobria Jean com um manto, às vezes comiam um pouco. Ficavam em silêncio absoluto. Aqui e ali um barco estava imóvel em pleno mar, ancorado a fim de passar a noite. Cruzavam por uma barca atrasada, que o grumete conhecia às vezes mas em geral não conhecia, e diziam a Jean, visto que era ele quem lançava a rede: — Boa noite, boa pescaria — como a um verdadeiro pescador que afinal ele seria. E feliz por ter recebido como pescador essa saudação dita com simplicidade, porque ninguém estava lá para ouvi-lo e aquele a quem falava provavelmente nunca mais o veria,

não lhe perguntam nada, não sabem nada dele a não ser que pesca como eles, ouvindo “boa noite, boa pescaria”, respondeu: — Boa noite, boa pescaria — procurando dar às mesmas palavras acento igual ao que ouvira, e guardando a imensa ternura que tais palavras tinham despertado nos momentos levados desse modo pelo silêncio, em que a alma está tão tranquila e repleta que a menor sensação inesperada é suficiente para lhe revelar tantas coisas, porém, malgrado seu, mais ternas do que elas, também menos simples e tendo em seu coração uma terça parte que o ouvia lhes dizer boa-noite. Às vezes, de um barco a outro passavam algumas palavras a mais, trazidas por cima desse silêncio enorme que elas faziam palpar, como uma gaivota que logo desaparecesse. Às vezes Jean se tornava pescador tão verdadeiro que respondia: — Até mais ver, boa noite —, sem pensar nisso e olhando as redes. Ao cabo de um instante, caindo em si, ria, pensando talvez que se a mãe o visse nesse momento riria de seu aspecto sério e que ele não poderia deixar de rir quando ela lhe dissesse: — Que posudo!

Ah, quando descia do barco ao voltar, como sentia frio nos pés! Caminhava depressa e ria no vento e na noite ao perceber ao longe, através das macieiras, o fogo e a lamparina do jantar que o esperava. Apressava-se. O dono do albergue o esperava à porta: — Nós todos já pensamos: ora muito bem, então ele não vai voltar. — Jean sentava-se à mesa, alegre, esfregando as mãos, ofuscado pela lâmpada, com pressa de jantar. — Ah, mas agora o senhor terá de esperar alguns minutos, não tem nada pronto. Bolas, faz duas horas que estamos esperando — dizia a criada. Mas ele se sentia tão feliz que tudo o que pudesse acontecer, atraso, incidente, transformava-se imediatamente em felicidade. — Muito bem, enquanto espero alcance-me os sapatos e as cartas. — Depois, chegava a sopa. Sem parar de jantar, contava o que tinha feito. A criada já sabia que pescara muito por ter visto os cestos e, enquanto ele comia, a fim de fazê-la ficar imóvel diante de si e ter um amigo para expandir sua satisfação, contava de novo sua pescaria, e lhe recomendava que preparasse bem sua cama.

Chegou o outono. Os raros parisienses que vêm para o litoral já tinham partido. Jean estava agora sozinho no hotel como se fosse o gerente, mais que o gerente. Então o gerente não era tão cheio de gentilezas com ele, mais inferior a ele do que os criados lhe eram inferiores? Mas Jean gostava de reduzir essas distâncias. Ia no carro com ele, quando o gerente precisava percorrer léguas até um povoado, nas terras, e a seu lado, na boleia, respondia ao cumprimento dos camponeses. E depois, tendo esses belos dias, como tudo, acabado, ele partiu. Disse adeus mas acrescentou que retornaria todos os anos, certamente no ano seguinte, e talvez dentro em breve. Pois às pessoas que, bem melhor que seus pais, tinham conhecido os dois últimos meses de sua vida, que o tinham secado no dia em que entrara ensopado, e o tinham esperado todas as noites para o jantar enquanto passeava no mar, que, deixando-o de parte enquanto estudava, tinham-no encontrado horas após estudando, que tinham sorrido de seus defeitos, respeitado seus devaneios, apreciado seu coração, que o tinham conhecido o bastante para se lembrarem dele e poderem falar nele um dia, se alguma vez, nessas plagas distantes, alguém lhes falasse no nome dele, todas as particularidades de sua saúde e de seu caráter, ele não teria sabido como dizer adeus para sempre.

Felizmente para nossa vida tão mutável e para que esteja sempre rodeada de cordialidade, nossa simpatia não permanece ligada às coisas que deixamos mas fica em nós e continua a se espalhar a nosso redor a fim de embelezá-las, nos lugares e nos amigos com quem temos de viver. E no ano seguinte aconteceu que era a outros seres e a outros lugares que Jean dedicara seu afeto, pela mesma razão que um ano antes o dedicara ao mar da Bretanha, ao grumete e ao dono do albergue, porque estavam estreitamente misturados à sua vida. As férias mudaram. A afeição aos lugares e aos seres se enraíza com o desejo, ao deixá-los, de a eles voltar e tão logo desenraizada morre, se liga a novos amigos para deles se separar em seguida com um pesar que não dura. E Jean, pouco a pouco, encontrou nisso a mesma melancolia dos amores, onde o número

dos que precederam aquele que se julga o mais durável é um triste lembrete de sua fragilidade.

VII. O mar na montanha

No ano seguinte, Jean teve de acompanhar a mãe a uma estação de águas localizada num vale cercado de altas montanhas. Detestava essa região, achava-a medonha e, embora se sentisse oprimido por ela, quase se congratulava, considerando bem cansativa essa necessidade que nos leva a amar coisas que estamos destinados a esquecer tão depressa. Os anos de nossa vida que vivemos com a maior paixão, uma vez acabados, são para nós como um romance que lemos até o fim: uma vez lido, não temos mais prazer em relê-lo. E as pessoas nas quais tivemos a ilusão de pôr o máximo de nós mesmos, é claro que só pusemos nelas o vento do nosso amor e a fumaça de nossos sentidos, porquanto, depois que tudo isso desaparece, é muito pequeno o nosso desejo de revê-las.

No dia de sua chegada a esse vale, Jean soubera que a srta. Kossichief morava a uma légua dali. Já estava lá há um mês e nem um dia sequer sentira vontade de ir vê-la. Sentou-se num rochedo. Diante dele baixavam à sombra — o sol já tinha se posto — as plantações compostas de vinhas. Olhava-as quando as folhas mais altas lhe pareceram um pouco mais claras do que antes e estavam, de fato, na estação propícia. Pouco a pouco pareceram ficar mais claras ainda, quase como se fossem ficar douradas. Compreendeu que, filtrado pelas nuvens, era um resto de sol que reaparecia; as vinhas ainda estavam na sombra, mas era uma sombra que um pouco de sol pálido suavizava, aclarando-as. Jean logo se reviu no caminho da floresta onde tantas vezes um sol pálido que tentava atravessar a névoa amarelecia as folhas sem se mostrar, como se as folhas fossem mais claras que na realidade, ou mais tarde, nesse outono em que ia de carro ao lado do dono do albergue para Begmeil. O sol ao meio-dia inflamava as folhas douradas pelo outono, e já não se sabia mais se essas belas cores eram das

folhas ou da luz, e se não se tratava de folhas ainda verdes avermelhadas pelo sol poente. E com efeito, no céu branco a gente adivinhava o sol num ponto mais brilhante onde o olho podia ainda fixar, o vapor d'água porém não sem cansar-se. Por trás, sem distinguir sua forma, mas recebendo sua luz, ele sentia o sol e aproveitava o fato de estar por trás desse véu leve para mirá-lo por muito tempo, um olho fechado como nas tardes brancas que inteiramente se aclaram e iluminam só um pouquinho antes do pôr do sol, e que havia conhecido na Bretanha, no caminho que levava à floresta, ou deitado no fundo do barco, o rosto voltado para o céu.

Essa semelhança só durou um instante. O céu voltou a ficar totalmente azul e o sol, declinando, iluminava a encosta da montanha. Mas Jean lembrava-se da Bretanha e, vendo os raios do poente que douravam os campos ofuscados, dizia consigo: “É o instante em que, quando não estava no mar, eu ia ver o regresso dos barcos. Mas hoje, esta tarde, daqui a pouco, eles vão voltar. Oh, e não poder estar lá e vê-los, um após o outro, ostentando acima do casco a grande vela erguida como a grande asa da borboleta sobre seu pequeno corpo quando as duas asas coladas parecem apenas uma, e tão brilhantes à luz do poente. Oh, é neste momento”, pensava ele. “Seria preciso que antes de cinco minutos eu pudesse me achar lá.” E enquanto imaginava as velas passando uma a uma, via as águas deslumbrantes estenderem-se aos poucos e, ao mesmo tempo, cobrirem-se com essas cores tão arrebatadoras e raras, apanhar, guardar, avivar, suavizar ainda os reflexos mais maravilhosos do céu sobre o declive encantado de sua superfície. E olhava desesperadamente as verduras estendidas a seus pés e as terras lavradas que, há pouco iluminadas pelo poente, tornavam-se sombrias sem saber receber reflexo algum, apanhar nenhuma nuança, conservar preciosamente, tão logo o sol se pusesse, a recordação dele bem como a do céu, transformar-se por uma hora, apenas com os seus reflexos, restos de uma luz já desaparecida, numa espécie de terra encantada e cuja riqueza de sonho se prolonga, permanece, perturbada um instante pelo único barco que a atravessa, levando ainda suas cores enfraquecidas porém

persistentes, ainda estranhas e suaves sob o céu já quase descolorido, no silêncio e no frescor, e a brisa da noite que já vem.

E a noite vinha. Era preciso voltar a essa região que achava feia, em que devia passar longos meses e que ainda há pouco o oprimia com todo o peso das altas montanhas que o aprisionavam. E no, entanto, agora, é com alegria que volta depressa descendo as encostas, fazendo ricochetar o solo aos pés, de tanto que o pisava de contentamento. E tendo a noite confundido tudo na escuridão, e lhe dado o desejo, não mais de vagas fantasias como antes, porém de gozos mais materiais de um bom jantar sob a lamparina cuja luz confortável necessita, para brilhar com toda a sua vivacidade e doçura, do escuro negror da natureza, lembrava-se com satisfação das voltas a Réveillon, à noite, quando se avistava no fim do caminho negro a luz da sala de jantar e ele subia depressa para se vestir e descia rápido para jantar, onde todos já estavam reunidos à espera da refeição, e onde a viva luz da lamparina iluminava em cada um a alegria silenciosa do bem-estar, da fadiga de um dia cumprido, do apetite que vai ser saciado, da curiosidade pelo passeio de um deles, pelas novidades que outro deve ter para contar, o duque já à mesa e folheando o jornal e o anúncio dos prazeres do dia seguinte. E, cada vez mais alegre, Jean descia a encosta e, à medida que atingia o fundo do vale, longe de se sentir oprimido, parecia-lhe ao contrário que, ultrapassando essas montanhas, seu pensamento não se detinha diante de nada. Como Júpiter, seu crânio parecia conter o mundo. Encontrava alguns passadores que, atrasados, entravam e, a falar verdade, pelo seu ar feliz, pelo passo rápido, a mão febril que transmitia seu fogo a uma folha arrancada na passagem e rolada em todos os sentidos, a rapidez do pensamento, era difícil ler com exatidão o que se passava em sua alma. Mas talvez se nesse momento, no pequeno albergue onde lhe observássemos as maneiras alegres e tão diferentes de seu ar melancólico habitual, seu passo lento e desanimado, sua mão corretamente imóvel ao longo do corpo, o tivéssemos aproximado de uma mesa iluminada por uma vela, com uma cadeira, e lhe déssemos um maço de papel em branco, tinta e pena de escrever para carregar a tinta à sua vontade, com toda a

rapidez que teriam talvez admirado desde a porta se o houvessem visto dali, deixando-o, todavia, na crença de que estivesse só, e sem fazerem ruído algum, teriam podido sem dúvida, ao cabo de uma hora, contemplando os caracteres traçados com a velocidade do pensamento sobre essas folhas por uma mão febril, olhar como num espelho todas as ideias que se sucediam, se agitavam, se multiplicavam tumultuosamente em sua cabeça ainda há pouco e lhe davam um aspecto tão aturdido quando o condutor de uma carroça carregada de feno, ao passar, avisava-o rudemente pela terceira vez, sem que ele o ouvisse até então, para que tomasse cuidado, e um momento após voltavam-lhe o ar feliz e o passo desengonçado que faziam com que a folha sofresse torturas tão monótonas em sua mão.

* * *

Outras vezes, era um tempo novo sucedendo a este que já durava alguns dias, o frio já de inverno chegando um belo dia em setembro com ainda um pouco de sol do verão e um vento terrível com a sombra trêmula das folhas sobre as mesas ao sol que lhe recordavam a Bretanha. O vento, soprando-lhe no rosto, não entrava só em seus pulmões. A alma de Jean respirava ao mesmo tempo a lembrança. De outras vezes um silêncio absoluto na solidão de uma montanha, de uma planície que liberta de tudo o pensamento, torna-o leve e livre como as ervinhas secas que a tais altitudes tremem sozinhas ao vento que passa. Então, basta descer um raio de sol para inflamá-lo, uma fonte encontrada para o arrebatá-lo. E ele se punha a andar depressa como o vimos, perdia-se, voltava ainda feliz sustentando, mais levemente que Atlas, o mundo inteiro em seus ombros. Uma reprimenda irritada da mãe a propósito de seu atraso, ou uma ordem um tanto imperiosa do pai, fazia-o recair clara e duramente em terra. Ou recaía aos poucos no bem-estar do jantar que lhe entorpecia o espírito, na vaidade de um encontro marcado com amigos ou de um serão num cassino à noite. No entanto, durante a primeira parte do jantar, seus olhos pareciam fixar outra coisa que não o pai, a mãe e o criado, e ele aparentava

estar mais feliz que de costume. Falava à mãe com profunda simpatia e as coisas que dizia emocionavam-na até fazê-la ficar com a voz trêmula e os olhos úmidos. Contamos uma história e não temos de falar aqui em leis do espírito e lastimar tantas forças perdidas que se erguiam também durante uma hora sem nada deixar de si, como uma tempestade que levantou tão alto as vagas, uma vez sobrevinda a calmaria. Isso poderia interessar unicamente aos poetas e ficaria melhor num livro que tratasse de sua arte.

Essas horas no entanto foram boas para Jean. Não talvez como poderiam ter sido, para lhe devolver, através da lembrança de que ele havia sido capaz, alguma confiança em si mesmo nos meses de indolência e mediocridade. Por isso, estava muito deprimido por sua mediocridade atual. E aquilo que pudera brotar dele um dia, acreditava-o findo para sempre, não sendo capaz de perceber dentro de si mais energia do que continha no momento. No entanto, tais dias não foram perdidos. Descendo de novo, com tão grande apetite pelos pores do sol na Bretanha, ao vale situado tão longe do mar, e do qual os campônios jamais tinham avistado em toda a sua vida uma vela e um mastro, compreendeu que, se o nosso amor às coisas se assemelha ao nosso amor às pessoas ou às futilidades na medida em que elas mudam de objeto, e na medida em que tudo o que amamos devemos abandonar com um sentimento de pesar que não pode durar a fim de amarmos outras coisas e outros seres, erraríamos, no entanto, em acreditar que existe nesses amores o mesmo nada que nos outros, e que eles, como os outros, não guardaram nada de nós. Compreendeu que, embora não quisesse mais voltar a amar a srta. Kossichef, nem se dar ao trabalho de ir à casa da duquesa de Réveillon, recomençaria sempre deliciado a ir passear no barco de Pierre no mar, a escrever ao sol, apesar do vento, olhando o mar, no pequeno terraço onde o sol iluminava as folhas já rubras e as folhas ainda verdes da vinha. Talvez não voltasse a vê-las. Não importa, o gosto que ainda sentia por essas coisas parecia-lhe um indício bastante significativo de que não as amara em vão, que conservara algo delas. Um raio de sol como sentia de repente lá embaixo, um vento a soprar num dia de sol, não lhe enchia apenas os olhos, não penetrava só em seus pulmões:

sabiam o caminho de seu coração e lhe traziam recordações. É que essas horas em que ele parava de escrever para contemplar a sombra das folhas na mesa ensolarada e, diante do mar descorado, deitado no fundo do barco, em que olhava o sol se pôr sob as nuvens, tinham dado o coração a algo mais profundo que a vaidade, mais duradouro que o amor. Não era somente o céu que muitas vezes e bem longe dali ele revia tão imensamente azul, tão profundamente suave, como um testemunho fiel de seus alegres passeios no mar e que parecia sorrir-lhe ainda. Não eram somente os tímidos raios de sol fazendo sua primeira reaparição quando se dissipam as nuvens, que ele via tentarem iluminar as folhas que ainda não iluminam, a pura carícia silenciosa do vento frio e bem conhecido, que não haviam mudado. Dentro de si mesmo, percebia que alguma coisa, que apenas sentira durante essas horas, também permanecera a mesma. E naqueles momentos não tinha mais dúvida, nenhuma inquietude, nenhuma tristeza. E sua tranquilidade profunda parecia, como o céu azul acima de sua cabeça e a vegetação sussurrante a seus pés, conservar uma serenidade, uma alegria silenciosa.

VIII. Begmeil na Holanda

Num dia chuvoso, estando Jean em Haia, que, não sabendo geografia, imaginava se localizasse no interior, recebeu o conselho de tomar um trem que em meia hora o levaria a Scheveningen; e, de fato, chegou às margens do mar do Norte. Bem perto dali ficava Ostende, que ele supunha estivesse muito longe em outra direção. Sentiu uma sensação muito singular ao perceber assim um passado tão diverso se unir ao presente, pensando que, ao seguir as costas acinzentadas desse imenso mar cor de cinza sobre o qual caía a noite, chegaria a Ostende, a essa Ostende aonde, em pequeno, fora dar um dia depois de uma noite de trem e que para ele era uma praia isolada do resto do mundo, não sabendo por onde viera, e, subitamente próxima a lugares que ele julgava em outro ponto da Terra, tornava-se algo diferente, embora decerto a tivesse reconhecido.

É esquisito ver os lugares que só conhecemos pela imaginação. É talvez mais estranho ainda rever os sítios que vimos, mas, como se tivessem mudado de lugar, onde não os esperávamos encontrar, desdobrando a imagem bem conhecida de sua costa recortada sob um céu cinzento que julgávamos cobrir muitas outras coisas mas certamente não essas. Sim, esse céu brumoso das cinco horas, que, dando alguns passos a mais, vamos encontrar, que cobrirá ele com sua asa cinzenta e molhada? Algo que é quase como um sonho, de tanto que isso nos parecia existir em si, longe de tudo com o seu céu particular e não certamente incorporado a esse solo coberto de ervas mirradas, que se liga por veredas arborizadas, não muito longas, a essas Flandres que ficavam, para nós, mais longe ainda, uma região onde parecia não ter havido mais que cidades e campos, e o mar talvez como circunferência, mas tão distante. Tal era o espanto de Jean ao achar aqui o mar do Norte. Em sua

viagem ele levou sua imaginação mais além, até as praias do Báltico que jamais vira.

Chegou a uma dessas praias ao cair da noite e embora garoasse um pouco, foi pela praia deserta (era já dezembro) até a beira-mar que, no infinito da praia, subia pela areia em pequeninas ondas peroladas. Era uma praia aonde jamais fora, um mar que não conhecia, onde tudo lhe dava a impressão de estranheza, e no entanto ele conhecia aquelas ondinhas. Talvez quando muito tivessem mudado um pouquinho de cor, uma cor cinzenta e fria que lhes dava como que um tom do Norte. Contudo eram exatamente as mesmas que vira milhares de vezes, na Mancha, em tantas praias que conhecia. Sua forma, seu movimento, o encadeamento de umas às outras compunham essa fisionomia que faz com que as coisas nos afirmem que são as mesmas que conhecemos. Assim, tinha ele, nesse cair da noite, essa triste impressão, mais triste talvez que a de não reconhecer coisas que conhecemos. Era um pouco a impressão de reconhecer coisas que não conhecíamos, mas sobretudo a de não ser reconhecido por coisas que conhecemos, de sentir que se tornaram estranhas. Numa praia conhecida, onde a colina de dunas em que se ergue o semáforo tem o costume de receber de manhã nossa saudação matinal quando chegamos à janela, e nosso olhar amigo quando interrompemos a leitura para lançar por um momento os olhos ao redor, e até de ser pisada alegre ou tristemente por nossos passos quando passeamos à tardinha, sobretudo alegremente ou antes felizes, pois de lá vemos sempre as belas cores do mar, sempre harmoniosas, e passarem os barcos e voltar para jantar, numa praia assim, quando vemos as ondas bem conhecidas avançarem, recuarem, com os movimentos, o ruído, a forma que bem conhecemos, parece que eles nos conhecem também. São quase como amigos de casa, naquilo que amamos e que nos conhece. Mas nessa praia do Báltico que ele não conhecia, as ondas conhecidas tinham, diante de todas essas coisas estranhas e que ele jamais vira, o aspecto de não o reconhecerem, e a região estranha sobre a qual se ensombrava esse céu desconhecido conferia à voz bem conhecida dessas pequenas ondas cujo aspecto infantil, o movimento leve, os

gestos harmoniosos e ritmados haviam permanecido os mesmos de quando os vira na Mancha, e até davam à areia o ar de lhe dizer: nós não o conhecemos. Pequenas ondas bem semelhantes batiam nesse momento em todas as ilhas desconhecidas, em todos os recifes onde se morre, afagando depois da tempestade, de volta à calmaria, a carcaça encalhada do navio, do porão do qual os cadáveres dos marinheiros afogados ainda não foram retirados, e que serve às pequenas ondas, pois tudo lhes cai à feição, de ressalto para pular e brincar quando o tempo está calmo. E por outro lado, sim, bem parecidas às que ele conhecia e que por isso tinham a impressão de conhecê-lo, brincavam também nas margens aonde homem algum jamais fora, que desde o começo do mundo não conheceram presença humana e têm o mesmo ar de ser aquelas que ele conhecia, de lhe falar, de gracejar familiarmente diante dele, e depois da morte de Jean, quando nada mais o conhecer, brincarão da mesma forma, conservando essa fisionomia que emprestamos aos lugares que amamos, que vislumbramos neles de cada vez que os revemos. Pois a imagem desses lugares muda com menos rapidez que a dos homens, e a das ondas não mudará nunca, das ondas que parecem nos dizer: “Foi ontem”, e nos convidam a começar a vida verdadeira como naquele tempo. Mas já se passou muito tempo. Para os que possuem a eternidade, não é nada, mas para nós é muito tarde, já somos velhos. Esperemos que outros homens as aproveitem, talvez não ondas que para cada um são conhecidas, mas lugares que não se parecem entre si, e dos quais muitos que amamos são desconhecidos, conservam essa fisionomia de que retiramos a unidade que lhes conferia um aspecto de pessoa, e só mostram feições esparsas e estranhas aos olhos que os contemplara.

* * *

Lembrando-se assim do mar do Norte, do Báltico, de Dieppe enquanto atiçava o fogo da cozinha para se aquecer com o vinho quente antes de se deitar, Jean lembrava-se, levado pelo vento, cujo primeiro ruído há pouco lhe fizera bater o coração, enchera-o de

alegria, inflara-lhe as asas como se ele pertencesse à raça das gaivotas e se sentisse chamado na direção das tempestades e quando o vento refrescasse fosse convidado pelas ondas e pelas margens. Assim, sempre atijando o fogo, lembrara-se. E o vento o conduzia bem, com sua velocidade inaudita, com sua força incansável, com sua elasticidade que permitira à criança bem-amada que ele assentara em suas asas imensas, impermeabilizadas e frias como barbatanas, e embalara com seu barulho, a permanecer no ar, e não ser levada pelas vagas, a passar por entre elas, a se enganchar por trás delas, a permanecer acima delas, ficar ao nível da areia dispersa sob o céu negro e baixo, que ele conduzia assim por toda a parte onde houvesse uma ideia, algo a encontrar, um sentimento que valesse a pena desenterrar da areia, tentar apanhar, guardar, exprimir, e durante esse tempo, sem cessar de fazer barulho enquanto Jean atijava o fogo na cozinha, e pelo seu ruído mostrar sua rapidez ao mesmo tempo nas chaminés, nas janelas, nas ruas, nas ondas adivinhadas, para entreter, aumentar o entusiasmo necessário para a continuação da viagem, a procura da ideia preciosa escondida na areia arrebatada pela tempestade que, por momentos, lhe fazia bater o coração por causa do brusco abalo da chaminé e de seu planger inimitável. Tanto a natureza sabe onde se acha aquilo que temos de expressar e nos conduz infalivelmente a esse ponto, verdade expressa ao se dizer que o poeta trabalha melhor no campo do que na cidade ou que se inspira mais na solidão do que em sociedade. E de fato, de que modo eu saberia que, enquanto toda a minha vida passada a acalantar tantos prazeres e amizades, que me parece oferecer perpetuamente tantas ideias justas, observações gerais, fatos permanentes, não me incitaria (e incitar-me é excessivo, pois não sinto nenhum incitamento) senão a escrever páginas banais, como saberia que na areia de certa praia da Bélgica, vista uma só vez sem grande prazer, durante uma hora, jaz uma verdade preciosa, se um vento favorável lá não me conduzisse, pelos únicos caminhos que levam até lá, os da imaginação, dando-me entusiasmo ao vê-la, sinal de seu prêmio e força despendida para me fazer parar ali, excitar-me ali, pôr-me a trabalhar dessa vez? A natureza sabe onde

estão essas verdades. E só ela sabe. Só ela, fazendo-nos sentir o que uma vez já sentimos, nos leva diretamente a qualquer ponto desse mundo fabuloso de nossas recordações que se transformou no mundo da verdade. E se um dia sentirmos, ao pegar um guardanapo, o fino odor do linho limpo, lembrar-nos-emos da chegada ao campo, quando após o jantar nossa mãe nos fazia adormecer, depois de nos vestir um fina camisola branca, em lençóis brancos, a cabeça num travesseiro branco, a janela abrindo para um jardimzinho que não podemos ver em razão da hora em que se chega (serviram-nos o jantar depois do jantar “de todo mundo”), mas que amanhã pela manhã nos mostrará sua corbelha de amores-perfeitos, e, ao longo do muro aquecido pelo sol que nos convida a sair e a ir pelos campos, perto da bomba hidráulica, suas ervilhas-de-cheiro.

IX. Impressões reencontradas

Em Begmeil, Jean percorria a região ora de carro com a duquesa, o duque e Henri, ora em *boghei*[\[27\]](#) com Henri, ora sozinho na pequena boleia com o cocheiro. E a todo instante na extremidade dos campos, via-se o mar em tão grande repouso que não se dava sequer ao trabalho de apagar o rastro dos barcos, de modo que, imóveis aqui e ali, pareciam ter deixado pender atrás de si um longo fio, talvez ao cabo de uma espécie de cadeia, talvez encalhados numa espécie de trilho do mar que ali parecia mais baixo, como se estivesse coberto de areia. E nada mais se confundia, aqui flutuando uma cor, lá uma outra; a água parecia estagnada já que se via boiando aqui e além uma mancha de óleo. O olhar que retém esses espetáculos busca-lhes a beleza, a razão superior de seu encanto. Entretanto, por mais que o espírito procure, por mais que o olho se arregale, parece que não são eles que podem receber a fruição estética. Será a memória? Não. No ano seguinte, Jean tentava lembrar-se de seus passeios e descrevê-los, não sentia nenhum prazer nisso. Não, será preciso que um dia, talvez muito tempo depois, um dia em que, procurando o encanto de um jardim, ele olhe com avidez as rosas, as zínias, os buxos, os gerânios, um dia em que queira ver tais flores e não o consiga, seu dia achando-se desperdiçado, a sra. d'Aleriouvres mande atrelar um carro para levá-lo a uma paragem vizinha a Genebra.

Ficará desolado, o dia está perdido. Entretanto o *boghei* parte, ao trote do cavalo. É o entardecer, a hora em que saíam para dar passeios. O cavalo trotava, o ar está penetrante, as aldeias percorridas olham, por seus habitantes, do limiar das portas e a igrejinha mira sem ver, com sua parede ensolarada. Mas tudo isso, sem nada lhe recordar, só dá prazer, quando no fim dos campos o lago de Genebra aparece por inteiro, nesse repouso das quatro da tarde, em que os sulcos se estendem e se enlaçam como longos

fios brancos no mar, traçado da vida guardado pelo mar, belo como os círculos ao redor dos olhos e a confusão dos anéis de cabelos. Curioso também, essa paisagem toda de água que o sol, já baixo, torna tão sensível aos menores desenhos feitos pelos barcos que nela parecem estacionados, como que seguidos de algo mais imaterial que sua rota, seu itinerário conservado pelas águas, como se a vida humana tivesse ensinado geografia à natureza que a inscreve agora, são bastante apropriadas essas lembranças humanas em notação de nuances e luzes. Ao vislumbrar assim o mar (é quase mar àquela hora) no fim do caminho que percorre ao trote rápido do cavalo, Jean se lembrou logo. E eis que o vê tal e qual, sente o encanto desse mar de antigamente, reencontrando-o à sua frente. E de súbito toda aquela vida, que julgava inútil e inutilizada, lhe surge bela e encantadora e seu coração se dilata à lembrança dessas voltas de Begmeil, quando o sol declinava com o mar diante de si.

Que existe então entre o lago e ele que não estava entre o mar e ele, que não existiria entre o lago e ele se ele não tivesse estado desse modo, outrora, no mar? Será que a beleza, que é a felicidade para o poeta, está nessa substância invisível que se pode chamar de imaginação, que não pode aplicar-se à realidade presente, que já não pode aplicar-se à realidade passada que nos traz a memória, e que flutua apenas ao redor da realidade passada que se encontra presa numa realidade presente? De maneira que entre ela e o olho que a vê, que a vê hoje e outrora, flutua essa imaginação divina que é talvez nossa alegria e que encontramos nos livros e tão dificilmente a nosso redor. Este lago que está diante de mim não é mais um espetáculo cuja beleza procuro descobrir, é a imagem de uma vida vivida há muito e cuja beleza e encanto repercutem vivamente demais em meu coração para que eu tenha necessidade de procurar saber em que consiste. É, à parte o espetáculo indiferente da vida presente, descobrir de súbito, na recordação ressuscitada do passado, o sentimento que o animava, um encanto da imaginação que nos prende em definitivo à vida, e a ela nos incorpora, como se nosso passado que o gozo deixou escapar, que foi incompreendido pelo pensamento, apresentado de maneira tão

vaga pela memória, fosse recuperado para sempre através da contemplação. Lá estão as lindas horas da vida do poeta, aquelas em que o acaso põe em seu caminho uma sensação que engloba um passado e que promete à sua imaginação travar conhecimento com o passado que ela não havia conhecido, que não lhe caíra diante dos olhos e que a inteligência, o esforço, o desejo, nada lhe podia revelar. Era-lhe necessária a lembrança, não exatamente a lembrança mas a transmutação da lembrança numa realidade diretamente sentida. Esse odor que sinto de repente ao encontrar nesta casa onde certamente não vinha procurar a beleza, reconheço-o! É o odor de certa casa em que morávamos à beira-mar, uma irritante vivenda toda de madeira onde, logo que voltava a entrar, sentia esse odor especial, e onde fora tão triste, onde tudo me mostrava tão pouca beleza. Mas ela envolvia a minha vida com seu aroma pouco agradável. Logo que, tendo empurrado “a pequena porta e atravessado o jardimzinho ordinário de beira-mar, entrava em casa, era acolhido por esse cheiro, seguido por ele, que eu subia os degraus de madeira que estalavam aos pés, trocava de roupa no quarto, lia à luz da lamparina que nossa cozinheira, desorientada, trabalhando por todos, não sabia acender bem, e depois jantava sentado defronte a minha mãe. Toda essa vida, todas as suas expectativas, tédios, fome, sono, insônia, seus projetos, suas tentativas de gozo estético e seu fracasso, seus ensaios de gozo sensual e seu brusco fim, seus esboços de captação de uma pessoa que agrada e seu naufrágio irrisório, esse odor envolveu tudo isso. Ao senti-lo, também senti reerguer-se toda uma vida que minha imaginação não conhecera, que ela recolhe nesse instante e que desfruta, não sei se no odor que sinto ou no próprio odor que minha memória lhe apresenta, prefiro crê-lo na essência comum a ambos, na identificação de ambos, como se isso fosse necessário para que uma sensação perdesse esse algo pessoal que ostenta no presente e que é percebido, e que a memória não lhe pode retirar. Pois são os esboços ordenados do presente que ela conserva mas que permaneceram o presente.

O presente pode estar morto, e nem por isso é menos acidental. Enquanto nesse instante em que uma sensação se apresentava no

presente como sendo a do passado, da aproximação brota como que uma sensação situada fora do alcance dos sentidos e no campo da imaginação, que agora tendo diante de si um objeto eterno pode conhecê-la, de sorte que de súbito eis uma realidade desprendida de minha vida, vista outrora como quadros, guardada na memória e, em vez da tristeza de alguém que só tem coleções, em vez de viver sem viver, ter vivido, ou antes, ter vivido algo que vive ainda e que poderá ser vivido amanhã. Sinto, então, sob as espécies de uvas das quais, no jardim, destacava um a um, saboreando, os bagos louros ao começar a estudar, sob as espécies dessas compotas sombrias e temperadas, avermelhadas, violáceas ou castanhas que me serviam no quarto em tal hotel cujos móveis cheiravam a poeira e onde eu me aprontava tristemente para tomar o trem, em tal odor do quarto de toalete onde os sabonetes foram molhados, e a água-de-colônia e a água dentifrícia destapadas e onde o sol e o ar do jardim penetram e volatilizam, sinto a trama da minha vida de antigamente, perfume de vagões, pressa da hora, barulho de sinos desiguais e retumbantes palpar em mim, mais alto que a memória e o presente, não lisos como uma imagem mas cheios como uma realidade e vagos como um sentimento. Sentimento da vida que pode me ser arrebatada, mas que não lamento porque sinto-a com algo idêntico a ela, que não busca o gozo prolongado, mas nela encontra um sentimento bem fora de toda duração. Sentimento que talvez não se conserve, mas que se ri de sê-lo, como se a conservação, por mais longa que seja, estivesse nessa esfera do tempo, tão abaixo da zona indeterminada onde flutua.

E perguntamo-nos se não é melhor que a imaginação, que nem o presente nem o passado pôde pôr em comunicação com a vida, não possa conhecê-la e salvar assim do esquecimento, da incompreensão do espírito e da triste memória, a essência variada e individual da vida num barco, num vagão, num quarto de hotel, no aroma de uma rosa, comendo compota, num quarto de toalete, numa estrada, onde se vê o mar, percorrida elegantemente de carro, quando brotasse do choque de um presente e de um passado idênticos e se desprendesse do tempo. Pois o prazer que nos dá é um sinal de sua superioridade, no qual me fiei o bastante para nada

escrever do que via, do que pensava, do que raciocinava, do que me lembrava, para só escrever quando um passado ressuscitava de repente num cheiro, numa visão que ele fazia brilhar e por baixo do qual palpitava a imaginação e quando essa alegria me desse inspiração. Esse prazer que me parecia prova suficiente da superioridade desse estado, esse prazer é talvez o sinal da superioridade de um estado em que temos como objeto uma essência eterna e como se a imaginação só pudesse conhecer um objeto tão sublime. E esse prazer profundo, justificando que atribuamos o primeiro lugar à imaginação, já que agora compreendemos que ela é o órgão que serve o eterno, realça-nos talvez também a nós mesmos, ao nos mostrar a nós mesmos tão felizes, desde que estamos libertos do presente, como se nossa verdadeira natureza estivesse fora do tempo, feita para desfrutar o eterno e insatisfeita com o presente, entristecida com o passado. Por essa razão vivamos, conheçamos todas as horas, sejamos tristes nos quartos, não nos entristeçamos muito por ter vivido em carros elegantes e nos salões. Não sabemos qual o dia em que buscaremos a beleza numa montanha ou num céu, encontrá-la-emos no barulho de uma roda de borracha ou no cheiro de um tecido, nessas coisas que flutuaram em nossa vida, onde o acaso as faz flutuar ainda, mas desta vez mais bem aparelhada para desfrutá-las, desfazendo sua imagem passada de sua realidade presente, arrancando-nos à escravidão do presente, inundando-nos do sentimento de uma vida permanente.

VII

Segunda temporada em Réveillon: a estação fria. — A marquesa de Réveillon. — Os quartéis de inverno de Balzac. — Os prazeres do outono. — O conde de Saintré. — O príncipe de Borodino. — Uma cidadezinha provinciana. — Os militares. — O inverno. — A viscondessa Gaspard de Réveillon. — Lembranças do regimento. — Fontainebleau. — As ostras. — O coronel Brenon. — A tempestade.

I. A estação fria

Quase nunca havia gente da sociedade hospedada em Réveillon, pois a duquesa tinha horror a ter convidados no campo, e para que alguém lhe parecesse digno de vir a Réveillon, era preciso que ela visse nele qualidades tão particulares que ela quase não convidava ninguém. O duque se sujeitava a esse gênero de vida, já que se tratava do gosto da esposa. Mas convém dizer, agora que o conhecemos bem, que não era esse o gênero de vida que teria escolhido e lamentava muitas vezes em silêncio que a mulher não houvesse consentido em fazer de Réveillon algo semelhante a Versalhes, visto que, não existindo mais reis e sendo ele o primeiro fidalgo da França, era em sua casa que teria de se instalar a corte. E seus lamentos eram ainda mais pungentes desde o casamento de seu primo, o marquês de Réveillon-Saint-Patrice, simples rebento mais novo de sua casa que, tendo esposado uma norte-americana deslumbrante, riquíssima, que adorava a sociedade, recomprara, não longe de Réveillon, sendo sua mãe uma Soubise, o antigo castelo dos Soubise, onde dava contínuas festas maravilhosas que ocupavam sempre várias colunas nos jornais. Mesmo quando não havia festa em Soubise, o infeliz duque de Réveillon não podia abrir *Le Gaulois* ou *Le Figaro* sem ler que o novo cavalo de seu primo acabava de ganhar nas corridas, a descrição, do tamanho de um artigo, da toalete usada pela marquesa de Réveillon em tal comédia de paço, em tal reunião hípica. Deus sabe que nunca descreveram, e não sem motivo, os vestidos da duquesa de Réveillon!

Aos poucos, os verdadeiros Réveillon tornaram-se, para os fornecedores, aqueles a quem vendiam tantos carros, tantos chapéus, tantas joias, e para o público aqueles cujo nome liam sem cessar nos jornais. Entre os burgueses, quando se dizia: o duque de Réveillon, replicavam: — O senhor quer dizer o marquês. — Ah, pensava que eram duques. — Não sei o que eles são, mas enfim os

verdadeiros Réveillon, os que recebem, sabe, que são amigos da rainha! enfim, esses de quem se fala, que se fazem chamar marqueses de Réveillon. — Mas tratava-se ainda de erudição. Para a maioria, o duque de Réveillon era o marquês de Réveillon. Pouco a pouco a marquesa de Réveillon passou a afetar uma presunção que o duque ficaria aborrecido em notar em sua mulher mas que o irritara em virtude do ruído que provocava em torno do nome de seu primo. Mais tarde as confusões se tornaram contínuas, mortificadoras, lamentáveis. Ele que desposara uma princesa de Champagne, prima do imperador da Áustria, que jamais quisera montar a cavalo nem ir aos pequenos teatros, tinha constantemente o prazer de ler nos jornais uma nota deste teor: “Entre os entusiastas do grupo, notado em Longchamp, o duque de Réveillon, que, como se sabe, casou com uma encantadora norte-americana. Ladeado dessas senhoritas, Miss Footit, a catita Clara Timour, Tekita inconsolável com o abandono de G., rodeado de damas da sociedade, a sra. Guypper, a esposa do riquíssimo banqueiro Israel, a duquesa de Réveillon, se me fazem o favor, que nem por ter nascido na terra dos dólares é menos uma de nossas maiores damas e uma parisiense autêntica, a sra. Bering-Granval, a valorosa criadora dos *Vers de Honte* etc.” Ou ainda: “Uma indiscrição a propósito de uma de nossas maiores damas à qual o nosso amigo Intérim fazia alusão outro dia. Podemos nomeá-la hoje. É a duquesa de Réveillon, com licença, que trabalha todos os dias com a srta. Yvette Guilbert na *Pocharde* [\[28\]](#) e a canção: *Ah! laissez-moi me tordre* que pedem de novo todas as noites no Alcazar à deliciosa *divette* e que, cremos nós, neste verão, em Réveillon, nesse castelo gótico onde viveu Luís XIV e está enterrado São Francisco de Sales, não será uma das menos sugestivas e picantes *attractions*, [\[29\]](#) como dizem nossos vizinhos do outro lado da Mancha, da estação à qual a duquesa, uma mulher de progresso, bem de seu tempo e de sua terra, conta imprimir um cunho todo novo.” *Le Gaulois*, que busca informar sempre os seus leitores a respeito de tudo que concerne às lendas, enviou um de seus redatores à casa da duquesa a fim de entrevistá-la sobre essa surpresa *di primo cartello*. [\[30\]](#) Infelizmente, não pôde fazê-lo, pois a duquesa, cuja simpatia

pelas personalidades da imprensa é conhecida, não estava no palácio de belo aspecto, de silhueta provocante, enriquecida de apreciadas pinturas de Vandore, que é a moradia hereditária dos Réveillon. Mas, em compensação, pôde encontrar a srta. Yvette Guilbert, que se dispôs a lhe dar as seguintes informações: “O que pensa da sra. de Réveillon, amigo? disse-nos a sempre graciosa *divette*. Em primeiro lugar, que ela é, antes de tudo, com perdão da palavra, minha cupincha, e não uma duquesa qualquer.” E o artigo terminava: “Sabe-se que o duque é o atual chefe da casa de Réveillon. Tinha casado em primeiras núpcias com a falecida duquesa, *née* princesa de Champagne.” Enfim, tendo o marquês de Réveillon aderido à República, de vez em quando o duque, fiel a seu rei ao ponto de recusar ao primo, o imperador da Áustria, a permanência como embaixador junto a ele sob o marechal, [\[31\]](#) lia no jornal: “As convicções republicanas do duque de Réveillon, cuja sinceridade não é posta em dúvida por ninguém...”

* * *

Mas se a duquesa não gostava de receber em Réveillon, gostava menos ainda de ficar sozinha. Assim, alguns amigos vinham constantemente se instalar no castelo por alguns dias. Como exigisse grandes qualidades daqueles que julgava dignos de vir a Réveillon, ela o requeria a muito poucos mas gostaria de tê-los sempre à mão. Ora, cada um tinha obstáculos próprios da idade, um estava apaixonado em Paris, outro doente na Suíça, um deveria acompanhar a mãe à estação de águas, outro receber seus netos no campo. Escrevia-se para requisitar os amigos: “Seu quarto azul o espera, Boniface possui agora um fogão para lhe preparar a lebre à alemã como você gosta, a sra. de Septcoeurs anuncia sua chegada justamente para o fim da semana e Henri planeja com seu amigo, o sr. Santeuil, rapaz admirável cujo espírito o encontrará, uma pequena comédia que, por minha fé, é bem galante. Enfim, o bom tempo parece ter-se instalado de vez — Deus me ouça — e bem sabe que o ar em Réveillon sempre lhe fez bem.” Nenhum respondia ao apelo. — Tem novidades, minha querida? — indagava

o duque no almoço. — Vi que recebeu uma volumosa correspondência hoje de manhã. — Bem, sim, primeiro uma carta de Sergueux que acha que não pode vir. O pobre menino ficou aborrecido, mas tem suas tias de Beauvisage. — Ah, se ele tem tias, não pode — interrompeu o duque, o qual desejava muito que viessem somente no caso de, convidados, se negarem a vir a Réveillon. — Oh, é o que eu acho — retorquia a duquesa —, ele deve estar desolado; primeiro, não conheço nada tão aborrecido como as Beauvisage, embora sejam minhas primas já que a mãe delas era Montmorency, e depois, ele gosta tanto de Réveillon. — Oh, sim — respondeu o duque ingenuamente —, é um menino tão gentil. — Amar Réveillon, não era isso ter a seus olhos todas as qualidades de coração e de espírito?

Assim, se gostava de ver a sociedade em Réveillon, gostava antes de tudo de não comprometer a reputação de Réveillon, e pensava que isso aconteceria se deixassem vir os convidados na estação fria. Por conseguinte, foi muito a contragosto que deixou Jean vir em outubro. Temia, por esse tempo, o frio muito intenso que ocorre nessa região da Champagne desde setembro, quando chove vários dias sem parar, cuidando para que seus convidados se distraíssem com os passeios, se alegrassem com o sol, a salvo de reumatismos, da bronquite e do tédio, por solicitude menos em atenção à saúde e ao prazer deles do que talvez pela lembrança que levariam de seu castelo. No entanto, Jean nunca tinha sido tão feliz ali. Não mais temia, como no verão, ver chegar o carteiro com um telegrama e ouvir a duquesa dizer: — É Agenor que chega à noitinha. É preciso atrelar a caleça por cinco horas, iremos todos buscá-lo. — De resto, todos os dias julgavam-se obrigados a passear de carro para distrair o convidado. Viam muitas coisas sem desfrutá-las, só voltavam para o jantar sem ter tido tempo de ler nem de descansar. À noite, famílias da vizinhança vinham jantar. Às vezes, Henri tinha de levá-las de volta e Jean ficava sem ninguém para conversar com ele quando se preparava para deitar. Era preciso, pela vigésima vez, ir ver as ruínas da ermida que o primeiro duque de Réveillon erguera por volta de 887. Na estação chuvosa não era a mesma coisa. Já

não esperavam convidados. Era possível criar hábitos, fazer projetos, não os fazer, sem medo de que alguém viesse perturbar.

* * *

Em outubro, enquanto fazia bom tempo, dava-se um passeio antes do jantar, como no verão, por volta das sete horas. Atravessava-se a aldeia ao sol poente. Depois, quando chegavam aos campos, a lua já se erguera. Logo descia a noite. Inumeráveis estrelas brilhavam no céu. Iam por um desses caminhos bem estreitos, abertos em meio à vegetação. Caminhavam um a um, no máximo dois a dois, envoltos em casacões para não sentirem frio, Jean enrolado numa grande cobertura branca listrada de vermelho que a duquesa lhe emprestara uma vez e que, sendo-lhe tão cômoda, ele não desejava trocar por outra. Mais além dos campos, não havia absolutamente ninguém. Havia alguma coisa de excitante em partir assim, sem ter jantado, quando a noite já descia, e em prolongar o passeio, antes de voltar para jantar, à plena luz da lua, sob as estrelas, no campo adormecido, no silêncio absoluto que quase metia medo de tanto que o sentiam próximo, quando, nas aldeias já distantes, todos dormiam. Às vezes, prolongavam ainda mais o passeio, pois a duquesa não gostava de se deitar antes das oito e meia, passavam pela região mais selvagem, toda coberta de florestas, montanhas pequenas e rápidos declives, que principia a meia légua de Réveillon, na direção do oeste. Era preciso subir à sombra dos bosques e o silêncio era tal que dava a impressão de que estavam violando algo. Os galhos afastados por Henri para dar passagem à mãe recaíam com ruído solene, numa das últimas vibrações com que o silêncio da floresta inteira não brincava com a emoção de Jean. Nesses momentos, ficando muitas vezes sozinho para trás em companhia da duquesa, falavam juntos de coisas íntimas, sérias e graves que, abordadas pela primeira vez entre pessoas que até então nunca se viam a não ser no meio de outras, marcam uma data. Pela primeira vez a duquesa falava a Jean da ternura que lhe tributavam. Eram coisas que ele sequer imaginava que ela pudesse dizer. Havia toda uma parte da natureza que ele ainda não conhecia

e cuja lembrança ficou ligada, para ele, eternamente, como o teria sido a lembrança de uma caverna profunda e doce, à lembrança dos bosques e da escuridão. A lua, já tendo chegado ao meio do céu, acrescentava sua estranha iluminação ao ambiente fantástico dessa região desconhecida. As sombras se destacavam em meio a uma poça de claridade até se assemelharem a coisas, e Jean, julgando pousar o pé num galho, sentiu-o cair mais embaixo, tropeçando na luz fantástica que criava obstáculos imaginários. As vozes do duque e de Henri, vindas de baixo, os chamavam e era-lhes preciso encerrar a conversa, mas terminavam-na sendo mais amigos, Jean pelo menos, pois a duquesa dizia muitas vezes, com naturalidade, coisas que para ele eram emocionantes, tendo o costume, como muitas pessoas de antigamente, de não falar nunca do sentimento e sim pô-lo demais nas coisas, de modo que as coisas que ela dizia uma vez, e que estavam implicitamente contidas no que fizera até então, eram ouvidas com espanto e avidez. E Jean, respondendo a Henri e ao duque, que gritavam que as perdizes já não prestariam, sentia a voz tremer de emoção por ter estado a falar bem no meio de todas essas árvores adormecidas, de fazer sociedade com essas solidões, pela ressonância que a voz ia adquirir nesse caminho coberto, por não ver bem aqueles com quem falava e que já se encontravam no caminho inferior, e talvez também pela exaltação em que se achava por ter dito à sua acompanhante, e ter ouvido dela, confidências afetuosas. E quando voltava para junto dos outros a fim de falar do jantar e da caça, era como alguém que, mandado no meio de um jogo para a escuridão a fim de esperar que escolhessem uma palavra para adivinhar, volta de repente para a luz, ofuscado, e não sabe mais de que se trata.

Ainda assim era bem bom quando, principiando todos a ter frio e fome, atravessavam de volta a aldeia e percebiam por detrás das árvores do parque as lamparinas no salão e na sala de jantar, e antecipando pela imaginação aquilo que já se encontrava à espera deles, mas que só descobririam dentro de dois minutos, sentiam-se perto do fogo, depois à mesa, sob a lâmpada, e a sopa quente que lhes punham no prato e que iam tomar. Abriam a cancela e, quando a duquesa não tinha vindo, dizia: — Muito bem, então isso são

horas de chegar? — ah, é que fizemos um bom passeio. — Fiz com que andassem por Montjouvain ao voltar pela descida de Gelos. — Ah, se tivessem ido até Gelos eu compreenderia que estivessem atrasados — dizia a duquesa deixando a *Revue des Deux Mondes* para ir jantar. — Não vão trocar de roupa, andem, é muito tarde, vocês estão muito bem assim. — E a luz da lâmpada quase ofuscante mergulhava numa onda de bem-estar, de calor, claridade, gulodice, de preguiça friorenta, de materialidade, os vagos devaneios que ainda flutuavam sobre Jean com o cheiro do bosque, a umidade da noite e a frialdade do luar.

* * *

À noite jogavam pequenos jogos, cartas, em que a felicidade de estar sentado ao fogo enquanto o vento sopra lá fora serve de base aos prazeres bem sortidos da curiosidade, da vaidade ou do interesse. Às onze horas, cada um pegava o seu castiçal, mas a partida não era triste para Jean, pois Henri subia com ele para o quarto e lá ficava conversando até que ele fosse dormir. E aqui temos de fazer uma confissão que muitas pessoas não julgarão favorável ao nosso herói e que teria sido um dos mais prodigiosos espantos da duquesa, ou antes, ela se teria recusado a acreditar. Mas, na idade de Jean, a gulodice, a necessidade de exercício físico e de bem-estar se reforçam com outro prazer que é quase da mesma natureza, quase tão inocente e que nas noites de vento o protegia do frio de maneira quase tão agradável como os duplos postigos, o fogo da grande lareira gótica e seus cobertores. Perto da meia-noite, a boa moça de vinte e dois anos, afável e alegre, forte e viçosa, em quem a duquesa não via defeitos porque não conhecia bem o seu defeito, deslizava, protegida pela grande distância a que esse quarto estava dos outros, e pelo ruído ensurdecador do vento nas chaminés, para dentro do quarto de Jean. Ele a esperava na cama, sonhando com esse novo calor. Ela atirava as roupas na poltrona, fechava a porta a chave depois de escutar por um momento ao longo do corredor, onde só o vento entrava, e ia para a sua cama. Eles juntavam pernas e braços, apertavam os corpos um

contra o outro, uniam o frio, o hálito, o desejo, o calor, a doçura, a aspereza, a vida. Uma noite, passando por um corredor, o desejo de um descobrira o desejo do outro, porque o desejo cria imaginação e talvez, sobretudo, porque aquilo que é feito para se unir se une sem hesitar. Infelizmente as leis já não são as mesmas quando se entra no mundo das almas. Eles só ouviam o vento, riam porque fazia mau tempo lá fora e na cama era muito melhor. E o murmúrio do vento, a hora insólita, o medo, o bem-estar, a atitude diferente durante o dia que os impedia de mostrar seu desejo em carícias no momento em que elas não são imperiosas, esse instante de gozo no dia seguinte, quase tão misterioso quanto os dois sonhos entre os quais ela se insinuara na cama (e os sonhos eram tão voluptuosos quanto ela), tudo lhes conservava, durante toda a sua permanência e depois nos longos desgostos, essa perturbação do primeiro momento em que, num corredor, quando ainda não se conheciam, o desejo de um descobrira o do outro e, como o enxofre unindo-se ao fósforo, ambos se inflamaram.

II. Os quartéis de inverno de Balzac

Lendo confortavelmente na pequena biblioteca de Réveillon, Jean revia com prazer todos esses nomes de Jardies, da Grenadière e de Frapesles, onde Balzac ia passar as férias. Imaginamo-lo muito bem chegando a esses lugares com muito que fazer. Tem seu quarto que dá para os vinhedos cobertos de sol e lá trabalha, só descendo para jantar, ébrio, alucinado por tudo que escreveu, o olhar ainda fixo, os movimentos um pouco exaltados, derramando em todos uma parcela de sua exaltação e de sua terna alegria, pois só nos recobramos da inspiração, como do clorofórmio, progressivamente. Depois disso, por exemplo, ele conversa, graceja, escreve cartas. O hábito do trabalho pode fazer com que a conversa e a correspondência sejam como que mecanismos inferiores entremeados no vasto movimento dos organismos maiores e mais elevados, e que a precisão, a elegância e o espírito conduzem pela mão, sem mesmo se darem conta disso, a conversação e a correspondência. Mas também pode acontecer que o trabalho intelectual se inicie unicamente na solidão para esse fim específico, é que a linguagem interior seguida pela pena não principie para a conversação, sendo o inverso do que ocorre com os grandes conversadores que não têm talento ao escrever. E isso deve ocorrer principalmente com os grandes escritores que, de olhos sempre voltados para a realidade, escrevem baseados nela e não mostram uma forma que aperfeiçoam, como Balzac, ou cuja realidade literária — uma forma que os fascina —, como em Flaubert, é tão interior que não se pode aplicar na conversação ou na correspondência, de modo que a correspondência deles dá essa matéria-prima da qual extraem a beleza, e de fato, por momentos, tem-se uma frase que se acha salientada nessa matéria, como um cantor ao conversar conosco, explicando algo, dá por um instante o tom. É o que acontece com Flaubert.

Assim vemos Balzac na Grenadière ou em Frapesles. O inverno em volta de um castelo é um inverno inexistente em Paris, e por se estar mergulhado dessa maneira na verdade da natureza guarda-se essa viva intuição da realidade que faz com que o poder dos homens não se exerça sobre nós, e que tenhamos a todo instante a necessidade de subir para o nosso quarto e escrever, movimentos confusos que se originam em nosso cérebro. Atiramo-nos por completo ao trabalho, com um corpo casto mas acariciado de desejos, cuja satisfação se adia para mais tarde, e que faz encarar a realidade com mais alegria e confiança. O velho Victor Hugo seguia ainda as criadas na rua. E muitas vezes, estou certo, a convivência de um determinado castelo durante o inverno provém do fato de que aí residem moças bonitas que se deixam afagar e nas quais o escritor pensa talvez por um momento antes de escrever, como pensa no jantar que será copioso e divertido depois das horas de sobriedade e silêncio em que mergulha, quando atíça o fogo e chega à janela para olhar o tempo, e vai se certificar de que a porta está bem trancada antes de se pôr a trabalhar.

Guloso, sensual, sobretudo se sabe encará-los como desejos, um grande escritor pode muito bem o ser. Balzac era também esnobe mas o trabalho fazia-o passar tantas horas mais com personagens imaginários, ou seja, consigo mesmo, do que com as pessoas reais, que isso não tinha para ele grande importância. Quando acabava de trabalhar, as pessoas da sociedade retomavam, para ele, sua importância, e ele escrevia ao conde Apponyi a fim de lhe pedir, com modéstia bem rara nele, que aceitasse suas obras: mas na mesma carta vê-se que lhe diz que há muito não tem tido tempo de ir visitar a sua esposa, e isso é importante. Pois os livros, uma vez escritos, podem ficar na mesa das condessas, estão prontos, ninguém mais os pode alterar. Mas um autor, até a hora da morte, é uma coisa que se pode modificar e é preciso que o pensamento que está nele absorva pouco a pouco todo o seu ser, de sorte que tudo o que disser será a linguagem mesma do pensamento, mas não que os outros possam puxar para si até o pensamento dele, de tal modo que assim ele pensaria simplesmente as palavras dos outros e seria aniquilado. Ao passo que a esperança de passar os lábios seja num

pouco de vinho branco, seja numa face rosada e fresca, e de pôr ao colo uma menina distraia apenas essa alegria e essa vida, e é tão útil ao trabalho do espírito como frequentemente a ausência de sono ou de alimento, ou a febre, impedem que se produzam o estado material do espírito ou os fenômenos da inspiração.

Às vezes, um resto de pudor o obriga a escrever a velhos amigos que o convidam, que ficam melindrados com seu silêncio, como um homem importante precisa de um momento de inspiração para ir visitar uma viúva, comparecer a um enterro, ir jantar com a mulher de seu editor. Mas tudo isso, sua consciência sente que ele seria dispensado de fazê-lo, que não é essa a sua tarefa. Daí também o aparente egoísmo do homem de letras, indiferente às obras dos outros. É que só sobre a nossa temos algum poder. É por um dever moral que nos ocupamos da nossa e não da dos outros. Estaríamos muito inclinados a nos ocupar da dos outros. Mas só devemos nos ocupar daquilo que diz respeito à nossa preocupação, isto é, do que depende de nós. Daí as cartas de agradecimento a jovens autores aos quais nos limitamos a falar em nós e para quem cunhamos uma bela frase, um pensamento que pode nascer do fato de nos terem enviado uma carta, assim como um pintor, para agradecer a um crítico ou a uma dona de casa que o convidou com frequência, lhe manda um esboço. E no entanto, apesar disso, a vida mais sincera tem sua falsidade: a pessoa a quem devemos dar a impressão de admirar e na qual a nossa inteligência descobre facilmente qualidades que não percebemos mas que justificamos de um modo tão persuasivo que mesmo sem ter lido seus livros sabemos comover profundamente. O que faz com que tal carta ou tal palavra de cumprimento de um Anatole France ou de um Daudet, cumprimento que traz o sinal de sua suprema inteligência, surta o efeito da fotografia de um soberano com sua assinatura e suas armas na loja de um usurário. O que faz com que nos desculpemos ao ler cartas até de Flaubert que (as endereçadas a George Sand ou a respeito de Renan), evidentemente, não são mais sinceras. O que nos faz tremer ao pensar no juízo que farão de nossas ideias

literárias aqueles que venham mais tarde a encontrar certos artigos ou, se nossa correspondência for publicada, lerem certas cartas.

* * *

Vejo Balzac amar entre todos os seus livros justamente aqueles que menos nos agradam (*O Lírio do Vale*, *O Médico Rural*). E que, de fato, somos quase forçados a estimar mais o que nos falta do que aquilo que possuímos, e quando fazemos um esforço que talvez tivéssemos receio de jamais poder fazer, sentimos mais orgulho de nós mesmos do que quando aplicamos simplesmente esse talento que nos é tão natural que o conferimos aos outros sem quase o perceber. Nosso encanto, como aquilo que faz a particularidade de nosso rosto aos olhos dos outros — e que nossos esforços de embelezamento mudam tão pouco — nos escapa ou pelo menos não lhe damos valor algum, já que o obtivemos sem esforço. Restaria saber em que medida o esforço é necessário, nos eleva acima dessa pequena originalidade primeira, ou a adultera. Joubert [32] dizia a Chateaubriand que não se esforçasse por escrever um livro, simplesmente deixasse brilhar com a frequência que pudesse o seu talismã e todos ficariam mais contentes. Ouvi Barrès dizer que o valor de um livro consistia nas belas páginas que continha e que não havia necessidade de muitas. E, no entanto, somos tentados pelo esforço dos grandes escritores, que talvez não representasse para eles esforço algum. Sem dificuldade, vemos Racine reduzir-se às elegias sobre Port-Royal, Balzac aos detestáveis romances que nem sequer foram reimpressos!

No fundo, no sistema de nosso pensamento assim como na higiene do corpo, na busca do bem e da felicidade, na confiança em nossos amigos ou em uma amante, ou na confiança num objetivo, flutuamos entre a fé e a dúvida, ou antes, sentimo-las quase que simultaneamente. E não sabemos nunca se estamos quase a ponto de perder a vida. Particularmente em nosso trabalho, todos nós nos assemelhamos um pouco ao sr. Cabusson de Middlemarch, [33] que trabalhou a vida inteira por uma obra insignificante e absurda. Literariamente, no entanto, permanecem traços bem belos e que

satisfazem plenamente. É verdade que os vi consolar alguém que reputo impotente e que, debaixo do orgulho, guardava talvez no íntimo tanta desconfiança melancólica e sentimento magoado, revoltado contra sua impotência, quanto o sr. Cabusson se consolava com tais traços. Mas eles deviam consolar também Chateaubriand (que tinha também seu tédio, o que permite talvez, ao amigo de que eu falava, achar que seu próprio tédio era tão pouco razoável quanto o de Chateaubriand). No fundo, um grande homem, uma bela obra nos devolvem a confiança na vida e no pensamento, uma medíocre nos deixa sem esperança. Quem sabe se nossa fé ou nossa dúvida exprimem apenas o valor ou o grau de existência do nosso pensamento? E nosso desânimo ou nossa satisfação depois de ter escrito, o valor do que fizemos. O que seria grave para o capítulo que acabava de terminar quando escrevi isto.

Mas mesmo a isso podemos nos ater? Não há homens de gênio descontentes com uma obra-prima, e idiotas empolgados com uma mediocridade? Talvez, na verdade, isso jamais se tenha visto e uma boa obra causa sempre alegria a quem a fez, seja qual for, aliás, a atmosfera geral de melancolia, de dúvida, de hipocondria em que ela brilhe como um raio de sol numa nuvem, nuvem que nos pode iludir quanto à vivacidade do raio. Nunca mais senti, ao escrever, as profundas alegrias de antigamente. Será que tenho menos talento, será que sou mais presunçoso (mas não creio que a gente se torne presunçosa com uma satisfação desse tipo)? Numa palavra, o prazer acompanha necessariamente a beleza, como Descartes achava que a certeza acompanha a verdade, e pode assim ser seu padrão? Talvez.

* * *

“Se eu pudesse ter isto”, diz Balzac numa de suas novelas, “não escreveria romances, eu os faria.” E no entanto, cada vez que um artista em vez de pôr sua felicidade na arte a põe em sua vida, experimenta uma decepção e quase um remorso que o adverte com certeza de que se enganou. De modo que escrever um romance ou vivê-lo não é de modo algum a mesma coisa, apesar do que se diz.

E entretanto nossa vida não se separa absolutamente de nossas obras. Todas as cenas que lhes conto foram por mim vividas. Como podem valer menos como cenas da vida do que como cenas de meu livro? É que no momento em que as vivia era a minha vontade que as conhecia numa intenção de prazer ou medo, de vaidade ou malvadez. E sua essência íntima me escapava. Mesmo que eu fixasse os olhos com força, ela me teria escapado.

III. Os prazeres do outono

Assim Jean passou em Réveillon uma parte da estação fria, tempo que também tem o seu encanto, e durante o qual somos extremamente felizes. Aos prazeres tidos como os mais vivos não se mesclará sempre o tédio de não serem aquilo que havíamos esperado, e principalmente que isso, que em suma nada tinha de extraordinário, nos sendo atribuído por todos como prazer, valha que depois tenhamos longos meses de aborrecimento? Há coisa mais triste que o baile a que se permite que o colegial compareça a fim de não privá-lo de um prazer fora do comum, e após o qual lhe dizem: “Agora que você já se divertiu bem, é tempo de se aborrecer com coisas sérias?” Ao passo que o prazer secreto, desfrutado, por assim dizer, às escondidas, que se mistura, sem que o percebamos, ao estudo árduo de um texto latino, enquanto todos, não ousando abrir a porta de nosso quarto e não podendo penetrar em nosso coração, nos lastimam, nos admiram, dizendo: “Mas é preciso que se distraia um pouco, depois”, esse prazer não é sem mistura? E quando, depois de estudar assim por muitas horas longas, nossa mãe nos beija e diz: “Que dia, meu pobrezinho, vamos tratar de te arranjar uma distração”, embora deixemos que nos lamentem, pois é indispensável à pureza de nosso prazer que não o tomem por tal, a expressão feliz de nosso olhar, a alegre expansão de nossa ternura, nossa precisão de atividade física, o prazer que deixamos transparecer ao nome do visitante que é anunciado, da peça teatral a que se vai assistir, ou, sem nenhuma causa aparente, que se expande em sorrisos espontâneos dirigidos e reclamados a nossa mãe, em gestos que só pretendem exprimir fadiga, mas nos quais a própria fadiga trai o bem-estar, é uma prova cabal de que tivemos um belo dia.

Assim a estação fria cujo próprio nome, [\[34\]](#) que se esquia de nos prometer prazer, não deixando que os outros suponham que

pudéssemos ter tido esse prazer, guarda nesse prazer que nos dá uma inocência que não tem necessidade de ser compensada pela dor, uma pureza sem jaça que o homem não mais encontra entre os prazeres da terra desde o pecado original e que só se manteve às ocultas naqueles que o trazem consigo, que o próprio homem traz consigo para enfrentar os aborrecimentos. E se procurarmos na memória em que ocasião conhecemos as puras alegrias do paraíso terrestre, imagino que chegaremos com prazer à lembrança das camas de caserna em que fazíamos a sesta ao meio-dia quando éramos soldados, ou das estradas em que passávamos marchando, de uma casa de campo em que tivemos de passar um outono frio e chuvoso, de um quarto de hospedaria onde o mau tempo nos obrigou a parar e onde estudamos o dia inteiro à espera de que a chuva cessasse e de que um carro encontrado na estrada, parando ao nosso sinal, nos levasse não longe de casa, em meio ao vento e aos relâmpagos.

E em Réveillon, a estação fria começara cedo esse ano. Desde setembro havia dias inteiros em que o sol não surgia. A floresta, as plantações e a aldeia sob o céu doce e cinzento, como a plumagem sob o ventre dos pássaros, pareciam encerrar toda a região, como ao abrigo de todos os ruídos do mundo, no silêncio das coisas que estão separadas de outras, que formam um todo, o silêncio de um jardim vazio. Assim as horas chegavam uma a uma, como num quarto, por maior que seja, onde se escuta o menor ruído. E as horas de uma aldeia próxima chegavam como soam as horas no quarto ao lado. O grito de um pássaro, que nesse tempo tão triste é o único a se arriscar ao gorjeio, a agitação das folhas do castanheiro quando por acaso passava uma lufada de ar, o barulho de um martelo na aldeia do outro lado da colina, os latidos indistintos mas reconhecíveis de um cão que caçava com seu dono nos bosques, talvez a duas léguas, tudo lhes chegava, nada se perdia. Como num lago onde o menor sopro desperta na calma dessa água limitada vibrações de todas as partes até que tenham tomado toda a superfície, os fracos latidos do cão que caçava na outra extremidade do horizonte despertavam os latidos ainda mais fracos do cachorro do sítio dos Aigneaux, e o murmúrio das folhas do castanheira se

prolongava no murmúrio mais leve de outros castanheiras até aqueles mais distantes que se escutavam com os olhos, como fazem os surdos, ao movimento imperceptível de suas folhas. Nenhum passante vinha tomar um copo de cerveja ou um copo de leite nas hospedarias, nas pequenas herdades cujas mesinhas rodeadas de cadeiras, deixadas sob as macieiras como em dias de bom tempo na primavera e no verão, permaneciam vazias dias inteiros e tinham agora aos pés as maçãs e as castanhas caídas das árvores, ora apenas a casca, ora um ramo com suas folhas. Assim, muitas vezes o dono da hospedaria, em vez de esperar inutilmente o cliente que não vinha, fechava os postigos de madeira das portas e, fuzil a tiracolo, seguido de seus dois cães, descia a escadinha de pedra entre cujas fendas os cardos, os dentes-de-leão e as campainhas já não estavam floridos, mas cuja vinha verde, que também subia da pedra, jorrava, tornava a cair como uma fonte e se deixava deslizar ao longo dos degraus, estava agora inteiramente rubra, e partia para a caça. Pela vizinhança, ouvia-se o latido de seus cães, de sorte que por um momento, sem que no entanto fosse visível, podia-se dizer: “Não deve estar longe.” Se em determinado instante, por volta das cinco horas, um raio de sol viesse pousar por um momento sobre as telhas da herdade, naquele instante rosadas, como se estivessem felizes por receber o reflexo do fogo que já poderia ter sido aceso nesse tempo frio, tal raio fugiria bem depressa sem encontrar nenhum de seus semelhantes.

* * *

No entanto, na metade do dia, ao nítido repicar dos sinos da igreja, cuja voz enfraquecida pela distância, mas distinta, anunciava exatamente a hora e depois se calava, de modo que no silêncio seguinte o trabalhador que se interrompera para contar os toques dissesse: “Não, não são três horas, são quatro”, respondia não só o latido de um cão longe mas o sopro sinuoso do vento, que, com atividade incessante, contornava os bosques, retomando sem parar a ocupação ininterrupta, fazendo enfim cair as castanhas já abaladas, sacudindo e arrancando apenas algumas folhas, as que

se conservavam sólidas, preparando o lugar para o inverno. A todo instante ressoavam tiros de fuzil e os trabalhadores paravam para ouvi-los com essa alegria que sentimos por simpatia ao pensar nos prazeres dos outros quando não surge a vontade de fruí-los mais diretamente. Às vezes a luz mergulhava nas nuvens mas na extremidade oposta do horizonte viam-na já emersa brincando no alto de uma colina ensolarada sob um céu puro. As grinaldas dos pâmpanos deixavam ver os cachos suspensos à raiz da folha, onde cada pérola já se irisava. Às vezes, uma lebre parada ao sol entre os vinhedos parecia olhar, como se fosse incapaz de fugir, os meninos que a poucos passos trabalhavam na vinha e que ela ainda não vira. Entretanto, um deles mostrava-a de longe a outro e fazia, rindo, o gesto de mirá-la para mostrar que, se tivesse um fuzil, como o proprietário, ela não lhe escaparia. Contentava-se com lhe atirar uma pedra, meio mais ao alcance de sua maneira de se dar o prazer de intervir na vida da lebre. Mas esta, não o tendo talvez ouvido ou não vendo o que ele arremessara, permanecia imóvel e continuava a se aquecer ao sol. Depois, de repente, dava dois saltos e sumia da vista de todos. E os meninos, rindo ainda, retomavam seu rude trabalho, animados com a vista da lebre, o sonho da caçada, por se terem entregado a uma brincadeira tão engraçada por sua inverossimilhança, como era o fato de dizerem: “Se eu tivesse um fuzil”, de terem causado medo à lebre e de a terem visto correr tão bem.

E o crepúsculo descia sem que tivessem visto o sol se pôr, como depois viria a noite sem lua e sem estrelas. Mas mesmo naquela hora, quando Jean ainda estava na estrada, a quinta de Réveillon era bela. A hora o apressava para entrar. Deixava com pesar, atrás dele, as macieiras que, plantadas de través à beira da estrada, erguiam em linha reta o enorme leque de suas folhas e maçãs, passavam lá a noite em colóquio com esse céu que se ensombrecia, vestindo também elas seu hábito noturno, esse brilho de bronze que assume então sob um céu cinzento sua folhagem sombria, onde o verdor quase azul parecia atingir igualmente sua maturidade extrema. Deixando as árvores estéreis se dirigirem ao céu com gestos imensos, ou se inspirarem com o murmúrio vão das

palavras do vento e repeti-las à saciedade, pareciam aferrar-se fortemente ao solo apenas com os pés tortos, solo sobre o qual devia cair um dia a multidão de suas maçãs e, sem fazer barulho, deixavam o vento, ao qual não ofereciam uma folhagem vasta em que ele se pudesse engolfar e estalar suas folhas que só lhe respondiam com um ruído seco. Mesmo a igrejinha, obrigada a passar desse modo as noites e os dias em seu lugar, sem poder procurar um abrigo, buscava se harmonizar da melhor maneira com essa vida comum de todas as coisas. E seu campanário, preparando-se para a noite, parecia ter essa boa vontade de que fazem praça os novatos para se fazerem aceitar pelos companheiros, mas não conseguia, com seu frágil aspecto corajoso, arrancar um sorriso de animação às velhas árvores que continuavam a se queixar eternamente de suas dores às macieiras, que observavam a ordem sem pestanejar. Por um momento, quando o vento era mais forte, ela tentava, fazendo girar o cata-vento, dizer sua palavra como os outros. Mas reconheciam-na de imediato, apesar de tudo, pelo seu aspecto, por não ser um ruído da natureza. Sem dúvida, ela não vivia na intimidade do ano como eles, que estavam nus no inverno, floridos na primavera, e agora ainda carregados de frutos. Mas à sua maneira, e tanto quanto podia, pela agradável cor amarelada do pórtico e o entalhe da porta, ela testemunhava a beleza das leis segundo as quais o sol e a chuva mudam a cor da pedra, segundo as quais a pedra usada se racha. E já desse modo abandonada por uma igreja mais nova, tão longe da aldeia, por entre as heras e as vinhas virgens habitantes do cemitério vizinho, depois de serem olhadas durante alguns meses com desconfiança, como um cão e um gato forçados a viver juntos, tomaram-se pouco a pouco de amizade e já a vinha virgem e a hera se atiravam sobre o dorso da igreja, misturando-se os três, tão bem que em alguns pontos já não era possível reconhecê-los e separá-los. Obrigadas a saltar por sobre os caminhos, a se enrolar nos arcos das abóbadas, deixar livres os vitrais onde não se podiam agarrar, a hera e a vinha virgem, executando suas variações sobre o tema primitivo imposto pela arte, seus festões, seus entrelaços, aumentados de ano em ano espontaneamente e sem que mão

humana tocasse em nada, mas obrigadas a repetir em seus desenhos a palavra de ordem dada pelo artista, tinham a um tempo como que um abandono natural e intenções decorativas. E era como se a natureza tivesse tomado o lugar do homem para ornamentar a igreja e, utilizando sua própria arquitetura, seu colorido variável, fazia sair da parede, espalhava ao longo das paredes, sempre parecendo compreender a necessidade de respeitar os intervalos e de acompanhar as curvas, ondas delicadamente ornadas porém de ano em ano mais invasoras, verdes no verão, verde-avermelhadas no outono, inteiramente vermelhas no começo do inverno, de inesgotável vinha virgem. Certos pontos da parede da igreja estavam intactos e também eram belos, pois o vento, o sol e a chuva os haviam já como que semeado de uma poeira de germes acastanhados e verdes. E, além disso, era exatamente o lugar que a vegetação não encobriria ainda. Por isso, não fazia mal, porque era velha, vir admirar essa igreja que antigamente fora feia, enquanto a nova era obra de um arquiteto de bom gosto. Pois uma igreja bonita só testemunha a beleza de imaginação de um arquiteto, ao passo que uma velha igreja abandonada testemunha leis segundo as quais a chuva e o sol amarelecem as pedras, e onde o vento semeia poeira, leis que são mais belas que as mais belas coisas do mundo.

Quando Jean voltava pela aldeia, o céu estava negro, e por vezes, no meio de uma rua, ele via à sua frente, rente ao chão, iluminados por uma lâmpada em seus menores detalhes, os pequenos botões de seus vasos, sua balança, o balcão, e sob o vidro de sua janela, como um aquário, uma pequena mercearia, ou uma sala baixa onde iam jantar. Preso no encantamento desse círculo de fogo, cujo raio mágico vinha atingi-lo até na calçada, ficava a contemplar esse pequeno mundo fechado agora a todos os outros e onde uma vida própria, desconhecida de todos os outros, manifestava-se justamente à hora em que a escuridão se faz também nas lojas, sob os alpendres, nas herdades. Ninguém. No entanto, ele gostaria de ver os habitantes desse pequeno reino estranho que acabava de lhe aparecer assim por um momento, antes de voltar à fria e obscura realidade. A claridade era ainda bem intensa. Quem seria o

homenzinho, anão ou gnomo, sem dúvida curioso de ver, que esperava este frango que se vislumbrava sobre o fogão? Será que não chegaria a representar seu papel na aparição, deixando ver sem qualquer dúvida todos os seus movimentos, e sem ver Jean, invisível na noite, como é costume nesses fragmentos de uma existência que um mágico nos faz aparecer no teatro, e onde aqueles cuja vida contemplamos não têm dúvida alguma de que são observados? E Jean, vendo na noite esse pequeno mundo de luz, nela não reconhecendo, entretanto, a luz do dia, mais bela, talvez mais fria ainda, reconhecia bem nesse clarão mais humano, cheio de bem-estar, limitado, sem poesia, cheio de piedade, feito para proteger, a luz criada pelo homem, a arte que extraiu de si e que a ele se assemelha, que ilumina um mundo que não é o da natureza de uma luz que não é ela, o fogo.

IV. Dois oficiais

Entretanto, o terceiro regimento de infantaria de Fontainebleau, onde Henri deveria se alistar no ano seguinte, estava nessa ocasião acantonado em Provins, a duas horas de Réveillon. Acabavam de vestir os uniformes de inverno, os longos capotes e os pesados *shakos*. [\[35\]](#) Ao findar o dia, não se desejava mais sair da caserna, porém fazia-se ponche — os soldados na cantina, os sargentos no alojamento —, que era bebido alegremente. Os jovens soldados que entravam, sobretudo os jovens ricos, ficavam impressionados com o valor e o cheiro do tabaco, mas logo se acostumavam e se sentiam mais soldados por estarem ali, e, quando a porta se abria, erguiam a cabeça com ar cansado e indiferente como se estivessem lá o tempo todo e desejassem mesmo deixar entrar os outros. Às vezes até, um dizia: — Fechem rápido a porta, faz frio. — Mas um velho soldado baixava-lhe a crista, querendo conservar para si o privilégio de apostrofar os que chegavam, invocando, se preciso, a autoridade dos veteranos que lhe davam razão. Todos riam da pretensão do jovem recruta, os outros jovens soldados, seus amigos e ele próprio, que não ousava ficar aborrecido. Às vezes os sargentos tinham ponche a pouca distância, pois a dona da cantina, como todos aqueles que, médicos, advogados, hospedeiros, patroas, exercem uma profissão retribuída pelo cliente, era obrigada a contar o dinheiro que lhe davam e não os galões de quem lho dava. Os grupos se saudavam e, uma vez cumprido isto, pareciam não se conhecer mais. Outras vezes, ansioso por assegurar a simpatia dos camaradas, um jovem soldado pagava ponche no quarto. O caporal passava o copo de mão em mão, e ninguém, ao recebê-lo, podia evitar uma risada de satisfação. Às vezes, entrava um sargento e assumia logo um ar severo, e todos riam dele.

Vários porém, apesar do frio, já estavam na cidade onde tinham amantes, com as quais iam ao café-concerto, lamentavam-se por

serem obrigados a viver no meio de brutos que só sabiam ficar na caserna, beber ponche e deitar antes das oito. Em certos dias, uma companhia ia fazer exercícios nos bosques perto de Réveillon. Do castelo se ouvia a sua música mas nem sempre era possível determinar onde se achavam, frequentemente bem mais longe do que se pensava. Duas vezes, enquanto o duque, a duquesa, Jean e Henri estavam no terraço, o regimento inteiro passou diante do portão de ferro e, de vez em quando, montado no seu cavalo que dava ao lado dos passinhos rápidos dos soldados grandes passos lentos e graciosos, um oficial que conhecia o duque o saudava. Era o conde de Saintré, primo em segundo grau do duque, cujo pai fora, sob Napoleão III, relator no Conselho de Estado. Vaidoso, desejoso de manter sua linhagem com brilhantismo no meio dos amigos de Paris, percebera que consumia seus rendimentos e pedira para retornar ao serviço (tendo pedido demissão anteriormente quase ao sair de Saint-Cyr), dizendo consigo que não teria necessidade de fazer despesas aparatosas no meio de gente sem importância e que não era da sociedade. E arrumara-se no sentido de viver no quartel e passar alguns anos sem ir a Paris. Mas então essas pessoas sem importância tinham-na adquirido a seus olhos, essas pessoas que não viviam na sociedade tornaram-se a sociedade para ele. Os outros oficiais, mesmo os que eram ricos, não tinham mais que um cavalo, mas ele quisera ter dois. Vangloriava-se de que seus jantares eram os mais bem servidos da cidade, e ele, que antes só considerava elegante o grupo chamado “das cinco duquesas”, deleitava-se com a elegância de uma festa que dava, se a ela comparecessem todos os nobres da província, e se conseguisse mandar os convites suficientemente tarde para não contar com a esposa do comandante franco maçom. Este liderava um grupo inteiramente diverso, que se compunha de oficiais pobres, republicanos, e que julgavam que o grupo de Saintré queria confiar o regimento aos padres e aos nobres. É verdade que cada um deles, para dar o exemplo, ia aos domingos, em uniforme de gala, à missa, um livro debaixo do braço. No entanto, nas duas ou três vezes em que Saintré, para retribuir os jantares a que fora convidado em Réveillon, convidou Jean e Henri para jantares com

oficiais, havia alguns tenentes plebeus que, por instinto, se sentiam no regimento, como no colégio, inclinados pelos nobres e que estes tinham de imediato reconhecido com uma certa reserva, esperando apenas a ocasião de se mostrarem gentis sem muita solicitude, de penteado e roupas bem tratadas, opiniões monarquistas e religiosas. Um outro, muito inteligente e aliás de família religiosa, sem estar mal com o grupo do comandante franco maçom, aceitava com prazer os jantares de Saintré, que era um oficial notável e inteligente. Além disso, Saintré achava boa política mostrar que seu partido acolhia perfeitamente os republicanos e os plebeus, desde que não fossem sujos, estúpidos ou sacrílegos.

* * *

A sra. Santeuil, a quem Jean escrevera contando o quanto se divertia na companhia de todos esses oficiais tão amáveis, dissera-lhe que deveria entre eles estar o príncipe de Borodino, sobrinho do duque de Marengo, o protetor de Desroches, e bisneto do ilustre soldado de Napoleão cujo pai fora marechal de França e ministro da Guerra no Primeiro Império. Assim, uma tarde em que Henri e ele tinham ido jantar em casa de Saintré com numerosos oficiais que agora eram muito amigos de Jean e às vezes lhe emprestavam cavalos para que fizesse passeios com eles, perguntou se o jovem príncipe de Borodino não estava no regimento, pois nunca o viam. Mas já que o nome dele parecia não agradar a Saintré, não insistiu. A verdade é que esse jovem oficial sentia que sua nobreza, que ainda não completara um século, bisneto de um homem a quem os Saintré não queriam como guarda-caça por causa de sua baixa extração judia e de suas opiniões revolucionárias, valia pouco para o conde de Saintré. Mas em compensação, a seus olhos, quem lhe chegava aos pés, príncipe que trazia um nome glorioso, filho de um ministro da Guerra, amigo do imperador? O filho do mais obscuro dos relatores de seu Conselho de Estado. Assim, um desprezo recíproco mantinha-os afastados um do outro. Esse jantar em casa de Saintré era bastante divertido e Jean se sentia tanto mais feliz por sentar-se ao lado de um jovem oficial chamado François

Lesaule, já conhecido por uma atuação admirável na África, que só vira Jean duas ou três vezes e já se tornara seu amigo com essa rapidez que duas inteligências da mesma natureza, dois temperamentos afins levam para tomar posse um do outro. Jean experimentava viva simpatia por ele e ficara muito feliz quando Saintré lhe dissera o quanto, por seu turno, Lesaule simpatizara com ele. Nessa noite, Lesaule parecera de súbito feliz em vê-lo, como se na reunião só a sua presença lhe interessasse, e sentados lado a lado à mesa, graças a uma ideia amável de Saintré que sensibilizou Jean por vir da parte desse homem mundano, conversaram juntos, sua simpatia parecendo estender uma cortina entre a conversa deles e a conversação geral. Muito curioso acerca de todas as coisas relativas ao exército que tinham interesse para ele como tudo aquilo que se mistura um tanto à nossa vida, Jean, ansioso por compreender melhor em que consistia a inteligência militar, questionava sem parar esses oficiais, perguntando-lhes quem seria em sua opinião o mais notável comandante desse regimento, do exército. Quando lhe diziam um nome que saía da obscuridade, um oficial menos conhecido, confirmando um renome em detrimento de outros, ou descobrindo um mérito maior num oficial geralmente depreciado, Jean sentia-se invadido de um verdadeiro entusiasmo, como quando antigamente — o teatro era na época a sua paixão — experimentava um abalo ao ouvir um companheiro amador de teatro lhe dizer qual era, em sua opinião, o principal comediante, como mais tarde, ao ler um livro, queria ter sobre o mesmo o julgamento de um homem inteligente que o tivesse lido, procurando naquilo de que gostava algo mais seguro para amar, ainda desconhecido para sentir. E perguntava sem cessar ao oficial que respondera: “Mas em quê? Mas como? Mas por quê?” E escutava deslumbrado todos os detalhes.

Foi preciso deixar esses hospedeiros amáveis e alegres. Esperava-os um carro enviado de Réveillon. Saintré, receando que sentissem frio, emprestou-lhes uma grande manta, que cheirava um pouco a cavalo, e os envolveu nela ao pô-los no carro, voltando

depressa para o calor. Os cavalos partiram, Lesaule, da escada, dera um adeus mais afetuoso a Jean, que parecia, como um sinal combinado, ter apenas para os dois o sentido das conversas mais intelectuais, mais finas, que haviam tido juntos. E Jean, um pouco embriagado pelo jantar (achou que devia beber conhaque depois de jantar, além de fumar, soltando depois de muito tempo a fumaça no ar para se convencer que era bem como seus novos amigos, que era um deles), por essa alegria, palpitava de felicidade ao lado de Henri sob a grande manta que parecia incluí-los ainda na intimidade desses oficiais, o odor das marchas a cavalo, e a lembrança daquilo que em sua imaginação lhe parecia uma espécie de acampamento de tropas. Jean já se indagava de que modo poderia, em Paris, obter licença da mãe para possuir um cavalo e ir acompanhar as manobras de inverno que Lesaule faria. Não podia conceber o futuro e a felicidade a não ser sempre tão mimado por esses oficiais, cada vez mais versado em coisas do exército, seguindo todas as suas etapas, estando presente a todos os seus jantares. Contando cem vezes ao duque e à duquesa essa noite deliciosa, pronunciou o nome de Borodino. O duque o interrompeu, dizendo à duquesa: — Eis o que eu não podia lembrar desde ontem. — O quê? — perguntou a duquesa. — O que você me perguntou no almoço se eu tinha lembrado: é que Borodino veio apresentar seu cartão. — Ah, é preciso não se esquecer de convidá-lo — disse a duquesa —, você sabe que Eugène é sempre gentil conosco. Jamais pensamos que não queremos ser amáveis com esse ramo da família. — Eugène era o duque de Austerlitz. Tio materno de Borodino, fora repellido uma primeira vez quando quisera casar-se na família dos Réveillon. Mas, tendo se ligado a uma americana bilionária que morrera pouco depois, pudera, graças a essa imensa fortuna e a um título de duque cuja grandeza histórica só então os Réveillon haviam percebido, casar-se com a própria sobrinha da duquesa.

Jean ficou encantado por jantar com alguém que também conhecia Saintré e Lesaule, embora estivesse indisposto com ambos. Aliás, os modos de Borodino formavam um contraste completo com os de Saintré. Enquanto um fidalgo legitimista nos atormenta com os testemunhos excessivos de sua amabilidade

enganosa, de sua familiaridade desdenhosa, brinca para nos divertir, para nos honrar, inebriar com seu suave aperto de mão, como a um amigo, seus tapinhas nas costas, suas confianças cujo exagero nos faz enrubescer, um Borodino, imóvel, digno, observando-nos majestosamente com a cabeça que se habituou, há duas gerações, a governar, a penetrar, a recompensar, e enquanto não pensa em nada parece nos escrutar ainda com o olho que permanece vazio do olhar do imperador que sonhava, estende-nos enfim a mão com uma gentileza bastante reservada e digna para, sem esconder que nos está honrando, não dar a entender que está brincando conosco, e deixar bem clara a distância em vez de ocultá-la, mas para que possamos franqueá-la em vez de nos sentirmos mais longe ainda.

E porque seu antepassado, como o primeiro imperador, penetrava os homens, porque seu pai no conselho do segundo seguia os seus sonhos, os que hoje ostentam os grandes nomes do Império, que lhes sobreviveram, denotam ainda algo penetrante nesse olho que já não desce ao interior de ninguém e uma certa vaguidão no olhar que já não sonha com nada. É um traço fisionômico já não motivado mais por coisa alguma mas que o gênio da raça conservou, como um escultor que deixará de uma ideia de um dia uma imagem eterna. E de fato, sem razão, como as estátuas cuja expressão corresponde a uma realidade anterior que elas continuam a refletir sem compreender e sem poder modificar, esses homens continuam, sem homens a quem governar e sem talento para fazê-lo, a fixar no que está defronte a eles, seja uma mesa de jantar ou um amigo que fala, um olho profundo e autoritário ou um olhar melancólico e sonhador. Assim era o príncipe de Borodino, em sua expressão, em sua polidez grave e solene. Filho de um homem que exercera um alto cargo como quase todos os grandes nobres do Império, de autoridade ainda firme havia apenas doze anos sobre qualquer coisa de real, já que seu pai era ministro da Guerra e ele tinha um grande futuro na diplomacia, sua autoridade não tivera tempo, como a dos nobres do Antigo Regime, de enferrujar pelo desuso e de se transformar em proteção. Não se tornara ainda um mero jogo que se aprende como a caça, um exercício para o qual se é treinado como

o cavalo. Era uma coisa séria, manifestando o exercício de um direito de preeminência, o cumprimento de um dever de clarividência e bondade. Um plebeu nunca é, para homens que têm funções sérias a executar e nas quais necessitam de homens, e onde os homens são apreciados por seu valor, aquilo que é para um nobre que há meio século só enxerga neles as pessoas que não vê. Pode conservar a aparência de um homem superior como era Rouher, como era Ollivier. [\[36\]](#) Além disso, o pai dele não era um simples tarimbeiro? Enfim, tendo outro aspecto, outra polidez, esses nobres do segundo grau, mais próximos dos méritos reais, da vida efetivamente superior onde a nobreza fixa a sua origem, têm também melhores modos. Foram educados numa corte, junto a embaixadores estrangeiros, diante dos quais nos mantemos em posição de respeito, ao passo que os nobres legitimistas assumiam, por desleixo, numa vida puramente de prazeres, maneiras a que somente seu prestígio pode, entre eles, atribuir ainda o nome de boas maneiras, eles mesmos formados para empregos que o futuro, tão diferente do que pensavam, lhes retirou mas para os quais tinham recebido uma educação, ao menos aparentemente tão completa que, como essas estátuas inteiramente armadas de esporas que parecem esperar apenas o momento de montar a cavalo, parecem estar no departamento do ministério, no regimento de cavalaria, na companhia de seguros onde a necessidade os colocou e onde ficam, inúteis e encantadores como uma porcelana de arte no armário envidraçado de uma herdade próspera sobre as ruínas de um castelo, prontos para uma grande embaixada, uma situação magnífica de representação onde fariam maravilhas. Quanto tato perdido com um chefe de escritório, quanto atrativo que sua mulher só verá, assim como as relíquias do avô penduradas no salão, quando receber aqueles com quem agora é seu destino viver!

Assim, já que Borodino não se dava com os oficiais nobres do regimento que achavam pouco justificada sua solenidade e um tanto ridículo seu desdém pela nobreza sem talento ou informação política, era em suas relações com o comandante Soreau, homem pouco apropriado para apreciá-lo, que ostentava as qualidades aprimoradas para a carreira diplomática; em resposta aos convites

da sra. Soreau era que empregava seu papel de carta timbrado com a coroa de príncipe e sua escrita formada para as embaixadas; e era para a sobrinha do tenente-coronel, pequeno-burguesa que amava o temperamento de Borodino, embora declarasse “não gostar dos que usam a partícula de” e que dizia “este não é um deles”, como falam de um amigo judeu alguns antissemitas, que Borodino fazia sair pelo criado de quarto a prataria doada a sua mãe pela imperatriz e, presente mais íntimo e misterioso, o olhar do vencedor de Borodino e as maneiras copiadas do segundo imperador e retocadas por ele mesmo, quando brincava com a criança e se ocupava de sua educação.

Riu ao ouvir Jean falar dos amigos de Saintré como de oficiais notáveis. Jean sentia esse mau humor que provém talvez em parte do fato de que a opinião de um recém-chegado em quem nada nos impede supor um juízo mais profundo que o nosso faz com que nos perguntemos se não estamos enganados, se o que admirávamos até então é verdadeiramente admirável. Se a juventude é a idade em que tendemos a um máximo de admiração, é também aquela em que menos nos perguntamos o que havia de discernimento, o que valia nossa admiração, e onde mais nos inflamamos com o valor dos outros do que nos fixamos no nosso. Por isso Jean, cada vez que ouvia com ar assim tão seguro destruírem uma de suas admirações, dividia-se entre a fidelidade ao objeto de seu entusiasmo e uma desconfiança de si mesmo, a admiração toda voltada para seu interlocutor que, de um ponto de vista muitas vezes bem inferior ao seu mas que ele não conhecia, impunha-o, e o teria levado a crer com seu entusiasmo infundado. E assim a juventude é esse tempo feliz em que se deveria antes dizer que não se tem dúvida de coisa alguma do que dizer que não se duvida de si mesmo. Pois o espírito, tendo grande força de imaginação e muita fraqueza no julgamento, imagina os outros grandes como ele e se julga acanhado. Assim, alimenta uma confiança sem limites no Universo, mas obriga-se a todo instante a desconfiar de si próprio. E depois receava que o duque e a duquesa de Réveillon, que o tinham ouvido gabar seus novos amigos, não o julgassem capaz de nenhum juízo.

Portanto, sentia-se muito pouco à vontade. Mas quando Borodino saiu, a duquesa e o duque que o haviam tratado com tanta amabilidade tinham dado mostras de tanta felicidade ao vê-lo, e na arca santa [\[37\]](#) da sala de jantar tinham dado a impressão de compactuar com ele como com o único digno de ser eleito para julgar o gênero humano, disseram, sem maior malquerença do que lhe haviam testemunhado em benevolência particular — mas o fato de conversar com algum dos outros não implicará, por acaso, uma eleição e uma aliança? — que “era um homem encantador mas, como lhes tinham dito, muito pouco inteligente”. Jean ficou surpreso por sua vez, mas feliz de resto, por poder recuar em sua própria estima e voltar a admirar com toda a confiança os amigos de Saintré e mais especialmente Lesaule.

Assim o acreditava, pelo menos. Mas na realidade, desde o sorriso de Borodino, se sua afeição por eles permanecera profunda, não tinha mais em sua superioridade essa confiança absoluta que, tendo experimentado uma vez, ele alimentara até então em sua admiração solitária. Em seu respeito pelo mérito deles não tinha mais essa paz profunda que aquele que uma vez duvidou de alguma coisa não encontra mais ao pensar nela. Até mesmo sentia menos entusiasmo ao vê-los e estava com eles como alguém que foi obrigado a correr inutilmente. Quanto a ele, a duquesa o deixaria muito espantado se lhe dissesse que era mais inteligente que Borodino. Parecia-lhe impossível que um rapaz fosse mais inteligente que um homem maduro e quando ele se ria das ideias estúpidas a respeito de poesia ou de qualquer outra coisa de um homem maduro, não se achava superior a ele, mas julgava superiores as ideias adversas, independentes dele, que eram as de seus amigos e professores. Mas sobretudo seu espanto seria resultado de que o rapaz está todo no que ele ama, no universo que ele tenta abarcar, na vida. Sabe que tal livro é belo, que tal homem é ridículo, que a vida é agradável, que tal desconhecido é arrebatador, ou antes, apenas adivinha, ama o livro, ri-se do homem, regozija-se com a vida, caminha com semelhantes ideias na cabeça em direção ao desconhecido. Mas ele mesmo, para amar, temer ou rir dessas coisas, será inteligente, ou o quê? Não sabe de nada, nunca se

perguntou, tudo estando nas coisas e nunca nele mesmo. Ficaria espantado de ouvir dizer que é inteligente num sentido diverso do que se diz no colégio, como uma realidade do mesmo valor que os homens que ele vê diante de si na vida, porque, sendo ele a única coisa que seu amor ainda não enlaçou, que seu desejo ainda não buscou, que sua inteligência ainda não tentou penetrar, ficaria muito espantado de saber que é alguma coisa, que faz parte com todo o direito, a ponto de os outros o admirarem ou julgarem da mesma forma que ele admira os outros, desse universo que gostaria de conhecer e onde não faz a menor ideia de que esteja. Estranha desilusão, sério progresso entretanto, quando esse imenso esforço para conhecer o universo lograr apenas a única coisa que não procurava — conhecer-se a si mesmo. E a duquesa de Réveillon teria feito mais do que assombrá-lo, tê-lo-ia desgostado se tivesse dito que era mais inteligente que Lesaule. Pois, graças a esse grande desprendimento de si mesmo na juventude, não existe egoísmo nela, há um enorme desinteresse. Ou antes, o eu, então, não é o que ela ama, aqueles a quem ela admira? Ela só se conhece neles e ama a si mesma acima de tudo, infinitamente, segundo crê, acima do que ela é. Diminuindo o que ela admira ao nível do pouco que ela julga ser, os senhores lhe causariam a mais profunda mágoa que ela pudesse sentir nessa idade em que toda decepção conserva ainda algo de generoso, porque não era em si que se localizava a esperança.

V. Uma cidadezinha provinciana

Durante uma quinzena em que Henri teve de vir todos os dias, da manhã à hora do jantar, seguir os exercícios em Provins, Jean ocupou um quarto no hotel d'Angleterre. O nome não queria dizer nada. Era uma bela vivenda francesa do século XVIII, o antigo palácio dos Chevreuse, na praça d'Armes, defronte ao castelo. Em todos esses lugares magníficos e silenciosos como pátios centrais dessas antigas residências reais, todas as casas com suas largas janelas, baixas e claras, têm um aspecto amplo e encantador de laranjais. À hora em que nas duas extremidades do parque um tanque já está cheio da água violácea do luar, e outro tanque ainda cheio da água dourada do sol poente, fica-se maravilhado ao ver iluminados os belos vidros do palácio, ao ver nos belos aposentos os carteiros ou os furriéis da intendência a trabalhar, na pálida luz de ouro do gás ou da eletricidade. Certamente, quando Jean, antes de entrar, tendo necessidade de comprar papel ou cigarro, ia para a cidade, pelas ruas estreitas e íngremes que margeiam de cada lado casinhas inumeráveis, gostava mais de ver os potes largos cheios de bombons nas confeitarias, as tendas insondáveis dos sapateiros, o banco do marceneiro, a reunião de uma família miserável à luz vermelha ou amarelada da vela ou da lamparina.

Mas nesse ponto espaçoso, onde era dia ainda, essas enormes vidraças eram mais bonitas, iluminadas pela luz dourada e generosa do gás ou da eletricidade.

Desde as quatro horas, se Jean, cansado, voltasse para dentro, poderia distinguir, na fachada do hotel d'Angleterre ainda sombria, seu quarto opondo sozinho à noite que descia a luz brilhante de um grande lampião já aceso como o devia ser seu fogo, ambos esperando-o e espalhando no quarto torrentes de calor e claridade. Ele voltava por essa bela praça d'Armes onde os gritos dos garotos brincando se aproximavam, se afastavam, faziam incessantemente

o mesmo círculo como os morcegos que voavam acima deles. A escada, cujos degraus baixos e atapetados deixavam-se pisar docemente, um após o outro, como se de relva se cobrisse, como uma escada particular que fora, entre as pinturas e as tapeçarias. Às vezes ele parava numa galeria ornada de quadros, atulhada de velhas poltronas, que não conduzia a nada. A cada passo, sentia-se caminhar sobre coisas que se calavam mas que ainda estavam plenas de uma vida antiga que as tinha utilizado, cansado, que elas tinham esperado todos os dias, que tinham acolhido quando voltava, tendo-se feito silêncio, calor, bem-estar, isolamento, encanto, uma vez que essa vida voltara do passeio, a fim de protegê-la de qualquer inimigo. E como essas ninfas do estatuário parecem esperar ainda, embora transformadas em mármore tenham deixado de sentir, esses tapetes, essa escadaria, tão doces, tão discretos, conduzindo o dono cansado diretamente aonde tinha de ir, pareciam esperá-lo ainda. Como nesses passeios de outono, em que se avança com estremecimento como na beleza, calca-se a vida de passagem. Abria-se uma porta para um quarto que os esperava, quebrava-se de passagem o silêncio, a atmosfera quase resistente da vida.

Jean, certa vez, ficou deitado no hotel d'Angleterre. Pela primeira vez na vida não se sentiu angustiado nem triste num quarto novo. Como entrasse e, com a morte na alma, fosse largar suas coisas, uma pequena poltrona acolheu-as em seus braços de madeira branca e as conservou gentilmente junto a si. Uma mesa esperava, o tinteiro preparado para o caso de ele querer escrever. A porta de duas folhas fora fechada de novo e a tapeçaria, tendo comandado o silêncio, tinha como que afastado os outros para tão longe, que ele sentia vontade de saltar de alegria e de beijar, através da tapeçaria mole, a pequena porta fechada com a qual podia contar para que não mais se abrisse. Entretanto, por detrás da mesa, uma pequena lareira de madeira esculpida lhe dava fogo e uma poltrona fora colocada junto, tornando-a tão baixa, tão larga e tão redonda que ele não precisaria fazer um só movimento para se aquecer bem. Comovido com a espécie de atenção que a posição dos braços testemunhava, a estatueta dessa coisinha linda, falou-lhe no entanto

sorrindo: “Muito bem, é bom aqui, não preciso me aquecer agora.” Mas a poltrona parecia lhe dizer: “Não te preocupes, me encontrarás sempre aí, se quiseres. Faze o que te agradar, estás em tua casa.” As paredes que pareciam conter suavemente o quarto, isolá-lo do resto do mundo que se via dali tão próximo, ocupando-se das pessoas, velando pelas pessoas, dobrando-se vivamente nos cantos para dar lugar à mesa, às poltronas, ou sumindo diante da pequena biblioteca, afastavam-se ao mesmo tempo dos dois lados no fundo do quarto para deixar espaço para a cama, que assim se encontrava acolhida numa espécie de alcova mas de forma alguma perdida, não só porque as paredes, ao se afastarem, se distanciavam pouco, mas também por darem a impressão de dizer: “Estou sempre aí”, deixando-a, ainda assim, bem no quarto, e até a cingiam estreitamente por trás como para melhor mantê-la no quarto. E como que para consolá-la na dor que sentia pelo nosso amigo, colunas, sem qualquer ornato, sustentavam o teto acima da cama, elevavam-se sem cair de volta, deixando-o ver tudo de que poderia precisar, sem fazer força. Não longe da lareira, uma pequena porta estava quase ao alcance de sua mão quando se despia. Dava para três pequenas peças que tinham tudo de que era preciso para lhe prestar todos os serviços que poderia desejar. Mas eram bem pequeninas, de modo que era bom ficar sempre no quarto onde era possível isolar-se fechando a porta, mas enfim estava-se sempre nelas, que não levavam a parte alguma, e aonde porta alguma, escada alguma poderia conduzir quem quer que fosse, era lá o limite extremo desse pequeno mundo fechado e viva alma poderia se aproximar dali por esse lado. Quando Jean fechara a pequena porta que lhe mostrava a passagem de seu quarto para essas três pequenas peças, e ela se fechava discretamente e ficava à espera de que ele quisesse sair, ia até a terceira peça minúscula que, dando também para as duas primeiras, era bem comprida. Mas se ele preferisse que ela fosse mais estreita e sentir-se mais isolado de tudo o que o esperava no quarto, podia, fechando a segunda portinha, ficar unicamente com o espaço de duas saletas, ou, fechando a terceira, apenas com o espaço exíguo de uma só. Todas essas portas, como compartimentos, se

escancaravam, e ele mudava, assim, com um só movimento, as proporções de sua pequenina peça que duplicava, triplicava ou era reduzida à metade, a um terço, permanecendo bem confortável e alegre, e ao mesmo tempo a extensão de seu olhar e a sensação de isolamento, ampliadas no vazio ou bem fechadas na concentração. Assim fechada, essa saleta se assemelhava a uma pequena cela onde ele viria se entregar a algum exercício solitário. E, assim, havia uma sensação exaltada, quase desordenada, de seu poder e de seu isolamento. Ora tudo estava repleto do sentimento de que, por causa disso, ninguém poderia entrar ali, ora estava vazio com a ideia de que, apesar de tudo, ninguém poderia entrar ali. Ali ele poderia, perfeitamente a salvo, esconder segredos ou cometer crimes. As paredes não muito intervaladas, os tetos não muito altos mantinham-se sempre junto dele, agradáveis de ver, suaves de tocar, protegendo-o, fazendo silêncio e isolamento a seu redor, em silêncio. E o hotel era vizinho de uma velha mansão do século XIV, a janela dando para um desses pequenos pátios fechados em todos os lados por casas, onde o olhar era também estreitamente restringido por belas varandas e janelas largas. Nenhuma saída para nada. Era como essas pequenas salas que davam para o quarto, antes um compartimento que o fechava do que uma coisa nova para a qual desse. No entanto, animava-o toda uma vida especial porém cerrada a tudo mais, visto que as quatro mansões que davam para esse pátio eram habitadas em todos os tempos pelos cocheiros da cidade, resto da velha população desaparecida e que não se misturava aos demais. Lavavam seu carro sem fazer barulho e, além disso, três grandes postigos de madeira, dóceis ao menor movimento de Jean, faziam cessar o barulho enquanto ele dormia. Mas se ele se pusesse à janela, um desses cocheiros que o vira fazia sinal aos outros para que não fizessem barulho. Deixavam de falar, depunham o balde no chão sem ruído e ouvia-se apenas a água escorrer das rodas, e se ele chamava ou dava a impressão de querer alguma coisa, eles chamavam com força, da porta da estrebaria, na cozinha do hotel de Chevreuse, que dava para o mesmo pátio e se abria diante dele, um criado que subia imediatamente para o quarto de Jean.

* * *

Naquele dia, Jean levou Henri até o escritório do primeiro-sargento da companhia comandada por Saint-Gerin. Era lá, de fato, que com maior frequência Saint-Gerin se encontrava com ele. E muitas vezes Jean vinha procurar Henri. Nesse instante, só estava lá o cabo furriel, um magricela alto e doentio, em cujo ar bondoso Jean reparara várias vezes. Era filho de um agricultor das vizinhanças. — Bom dia, sr. Santeuil — disse com ar risonho —, é o sr. de Réveillon que o traz, é o senhor que traz o sr. de Réveillon, ou é o acaso que os traz? — Nesse momento entrou Saint-Gerin e pediu a Jean e a Henri que o seguissem, mas Jean prometeu a si próprio voltar a ver esse cabo furriel por ter ficado estupefato de ouvir pronunciar com naturalidade aquela frase encantadora. Se descobríssemos no quarto de nossa hospedeira, numa província distante, as poesias de Alfred de Vigny, os *Ensaio*s de Emerson e *O Vermelho e o Negro*, não nos sentiríamos, acaso como na presença de um amigo inteiramente dedicado a nós, um amigo com quem teríamos vontade de conversar?

Alguns dias depois, numa refeição que comeram juntos, Saint-Gerin falou de um enterro. Jean perguntou: — Enterro de quem? — Do meu cabo furriel — disse Saint-Gerin. — O pobre menino se matou anteontem. Ele era meio louco. — Era muito inteligente — retrucou Jean, que se lembrou da frase que ele dissera. — É que não o viu muitas vezes — disse Saint-Gerin. — Era bem vulgar. — Jean citou a frase, acharam-na antes pretensiosa. E, no entanto, não era nada disso. — Terá desejado brilhar para o senhor — disse Saint-Gerin. Jean não insistiu. Sabia com certeza que inteligência tal frase denunciava, inteligência que absolutamente não servia para compreender bem a mobilização, para fazer depressa os resumos, para rapidamente compreender as ordens. Pelo contrário. Também não tinha muita certeza de que essa inteligência não se acompanhava muitas vezes de um grão de loucura. Seria ela então

sem valor algum? e talvez ela só lhe agradasse porque, louco predestinado — quem sabe? —, parecia-lhe de vez em quando possuí-la também

* * *

Muitas vezes, enquanto Henri tomava lições com Saint-Gerin, Jean ia ao Cours, onde, por causa da exposição que houvera naquele ano em Provins, artistas de diversas cidades, pagos para a temporada, tocavam todos os dias às cinco horas. Moravam em hotéis baratos, aos dois ou três, às vezes mais, e não conheciam quase ninguém em Provins, embora após o concerto frequentemente dois velhos amadores, um marido e sua mulher, cujas cabeças eram vistas sempre na primeira fila agitando-se compassadamente como dois instrumentos musicais, viessem muitas vezes felicitá-los e apertar a mão do regente da orquestra. Findo o concerto, partiam todos juntos, depois em cada rua um grupo de dois ou três os deixava; bem no extremo da cidade não eram mais que dois, moradores de um albergue ordinário.

Desses músicos havia um que Jean conhecia de vista. Um dia em que passava na rua, Saint-Gerin o apontara. Chamava-se Paul Serran e era célebre em Provins por um namoro que tivera com uma *lady* de passagem. Ela se envolvera a ponto de ir morar com ele e, ao partir, lhe deixara dois grandes anéis de diamantes com a promessa de se casarem logo. Murmurava-se em Provins que não seria nada disso, apesar dos ares de importância de Paul Serran, que, sempre desempenado, ostentando seu ar altaneiro e frio, seus bigodes retorcidos, suas faces vermelhas, seu olhar impenetrável, suas grandes capas sem mangas, seu passo de escudeiro, tudo o que era “ele” e o fazia amar tanto, mostrava de boa vontade os dois anéis e algumas cartas mais recentes, indicadores de que sua felicidade estava só adiada. Tudo isso era olhado com admiração pelos dois pequenos violinistas colocados por detrás dele, aos quais gostava de fazer, de vez em quando, um gracejo sem entusiasmo sobre o maestro ou o velho violoncelista, gracejo que os enchia de gozo e reconhecimento. Sentia-se que, para eles, ele era “um

homem” e que o resto da orquestra não contava. Afinal, as várias mulheres que o amavam ou, tendo ouvido falar tanto dele, vinham para vê-lo, admiravam-se de que ele estivesse lá, em seu posto, seguindo os movimentos marcados pelo maestro, tocando a mesma coisa que os outros músicos, e sendo um deles. Assim, se numa família se sabe que um dos filhos é um homem célebre por seu talento ou mundanidade, fica-se surpreso de vê-lo quando os pais recebem, fazendo as honras entre os irmãos. Assim, certo ator célebre, que vemos representar um pequeno papel numa comédia. Tanto nos é difícil figurar o que habitualmente nossa imaginação isola, como somente uma parte de um todo diverso.

Um dos violinistas, garoto de dezessete anos, tinha cabelos compridos caindo na testa, a cabeça que se convencionou chamar a dos músicos. Conservava um permanente aspecto: grave, não se mexia do lugar nos intervalos ou então se afastava sozinho. Nunca falava com os outros nem voltava com eles.

* * *

Ao voltar às cinco horas, Jean às vezes saía de novo para a cidade, que erguida na noite como uma igreja, fazia brilhar na escuridão suas centenas de velas e lamparinas. Roçava por mulheres que voltavam do trabalho, por gente que ia ao cabaré, desconhecidos que o olhavam de passagem para esquecê-lo para sempre e que se apressavam na direção daquela casa onde, através dos vidros, a lamparina fumarenta iluminava uma vida que ele jamais penetraria. Assim, com o vento da noite que se engolfava no canto das ruas, ou com o cheiro das cozinhas, ou com a chuva que lhe molhava o rosto, no som de uma hora que palpitava por um momento no silêncio da igreja de Saint-Matthieu — e na sombra tão negra que ela projetava, percebia-se apenas com o toque que havia alguém perto da gente —, ele sentia a vida, a vida desconhecida entretanto sentida por homens como ele, visíveis como sombras nesse primeiro andar iluminado e trancado, e destinados como ele a não mais senti-la um dia, a serem precipitados de súbito nas profundezas negras e incomensuráveis do nada, mas que

permaneciam algum tempo na forma dessas portas baixas, na sujeira dessas paredes enegrecidas. Essa vida, que o hábito não nos deixa mais sentir na cidade em que vivemos, e onde as ruas não passam de caminhos que têm um nome, e as casas não são mais que possibilidades de encontrar esta ou aquela pessoa, incitava estranhamente a sua imaginação a unir-se a ela, e sua sensualidade a desfrutá-la.

Quantas vezes, percebendo uma mulher que, caminhando na rua, surpreendera seu olhar, ou de volta ao hotel, tendo comido na sala de jantar com uma mulher à hora em que o bem-estar do calor, do conforto novo, o fascínio de novas fisionomias, a excitação do jantar agindo sem que o percebamos, a luz dos lustres tão encantadora, antes de voltar à noite para Réveillon, tão grande a polidez dos gerentes, seu respeito mais curioso por um estranho distinto, exaltavam seus sentidos e afogueavam sua imaginação. Num instante ele imaginara que lhe seria agradável, e num momento ambos o confessariam, que ela lhe desse de presente, e só para ele, sua beleza e sua vida. Eram agradáveis essas refeições onde a sala de jantar nova, os convivas novos impedem a gente de pensar que está jantando, embora de repente todas as nossas inquietações, todas as nossas tristezas, toda a nossa angústia de ainda há pouco, antes de chegar, desapareçam. Só há uma coisa boa, o que fazemos nesse instante, mais pessoas com quem nos ocupar do que essas entre as quais estamos nesse momento. Essas que deixamos em casa e que estávamos tão tristes por deixar estão bastante apagadas em nossa lembrança. E estamos tão felizes que não nos sentimos mais tristes. Infelizmente o gerente do hotel olha a hora, diz que é preciso pegar o carro. Mas estamos tão contentes que não nos sentimos mais tristes, e guardamos entre nossas duas viagens na noite a lembrança iluminada e quente dessa sala de jantar em festa, onde todos os projetos que formamos ao sabor dos desejos que cada novo objeto fascinante visto nessa nova cidade excitava em nós deixaram algo terno como um sonho.

VI. Os militares

Jean e Henri ligaram-se desse modo a Saint-Gerin, a alguns tenentes seus amigos e a alguns jovens de boa família, que, fazendo seu serviço militar na cidade, lhes tinham sido recomendados. Um deles, chamado Luce, que era amigo da sra. Parmet, convidou Jean para ir jantar com ele uma noite. Jean escolheu um dia em que Henri jantava com Saint-Gerin e chegou por volta das seis horas. Cada um dos quartos da casa estava ocupado por um amigo de Luce, pois, fazendo juntos o serviço, tinham querido morar na cidade uns com os outros. Embaixo, dispunham de uma sala de jantar comum onde comiam todas as noites. Havia na casa um tenente que tinha o seu quarto, mas o proprietário se encarregara de arranjar os quartos e, além disso, como era de boa família, punha toda a sua cortesia em não incomodar os jovens, saudando-os mesmo quando os encontrava na escada com uma amabilidade que, levando-se em conta a proibição do coronel (irmão de um dono de armarinho) de que tivessem quartos na cidade, era como uma zombaria dirigida a este, e um cepticismo dirigido à disciplina, um pé de igualdade em relação a eles que chegava a arrebatá-los.

Como Luce devesse regressar à caserna antes das nove horas e Jean, além do mais, tivesse de voltar cedo a Réveillon, prometera não vir tarde. Às seis horas subiu para o quarto de Luce onde já flamejava há muito, a julgar pelas numerosas buchas rubras e partidas, mas onde estava em plena força de tão bem alimentado que se achava (e ainda havia buchas ao longo da lareira), um desses fogos que esperam em seu quarto na cidade os militares que vão voltar com frio. E a lamparina, enviada certamente de Paris por uma família elegante e carinhosa, era dessas que iluminam um quarto durante muitas horas antes de haver necessidade de reanimá-las. Luce veio receber Jean, desculpando-se por estar com

uma espécie de chambre que deixava à mostra as calças vermelhas que ainda não tirara, e logo se levantaram quatro ou cinco jovens, um deles ainda todo vestido de uniforme, outro de camisa, os braços nus, um terceiro do toucador diante do qual se achava por ter pedido licença a Luce para fazer a barba, pois, sendo os quartos contíguos, cada um vinha ler sua correspondência, tomar chá no quarto do outro. Duas ou três vezes alguns entraram, parando no limiar ao ver Jean. Era para pedir a Luce, um que emprestasse uma folha de papel para carta, outro que lhe desse biscoitos ingleses para o chá, outro para indagar até onde tinha de estudar na teoria.

— Vou lhe apresentar meus amigos — disse Luce —, se me permite: o sr. Singlin, o sr. de La Tour-Hivette, o sr. Seurau, o marquês de Poitiers, o sr. Khan. — Cada um cumprimentou por sua vez com amabilidade. Um deles desculpou-se pela maneira como estava vestido e fez um gracejo sobre a bela profissão de militar, à qual sua fisionomia e seu ar de inteligência tiraram tudo o que ela pudesse ter de desagradável. O sr. de La Tour-Hivette pegou de novo a navalha para ir acabar em seu quarto a tarefa iniciada. Luce não sabia mais onde se metera o sr. Seurau. Mas o sr. Khan e o sr. de Poitiers disseram que tinha ido pedir chá fresco para Jean, o que muito comoveu a Jean, que quis lavar as mãos; Luce queria pedir água quente. Mas o sr. de Poitiers, para cujo quarto justamente vinham subindo com a água quente, fez questão de levá-lo consigo e, passando pelo patamar que estava às escuras, como se se desculpasse pela simplicidade da casa, Jean vislumbrou, pelas portas entreabertas dos quartos daqueles que no momento estavam no quarto de Luce, outros quartos iluminados. Um deles, ouvindo passar Poitiers, abriu a porta e a fechou após ter saudado, tendo visto Jean. Depois Jean e Poitiers voltaram para o quarto de Luce onde entrou um rapaz chamado Planteau que tinha ficado estudando até as seis e meia. Ao perceber Jean, parou na soleira da porta, e saudou militarmente, sem tirar o seu *shako*, olhando os outros com ar interrogador. Luce apresentou-o a Jean e logo em seguida todos começaram a gracejar com ele sobre o que tinha tido a fazer mais que os outros. E ele continuava a se lamentar, a praguejar, o que divertia a todos, principalmente Poitiers. Era fácil

ver que zombavam sempre dele dessa maneira e que ele praguejava sempre e levava aliás o serviço muito a sério. Anunciavam-lhe todas as chateações do dia seguinte, e às vezes inventavam para ouvir um grunhido mais violento. Como fosse um bom rapaz, por uns momentos sacudia a cabeça, sorrindo, como se percebesse a malícia dos companheiros. Mas logo retomava seu tom furibundo, pois era de seu temperamento, e além disso sentia obscuramente que nisso residia seu encanto aos olhos dos camaradas. Praguejava como uma criança que bufa quando faz papel de trem, seus amiguinhos sendo os viajantes.

Estando a atmosfera muito enevoadada, pois todos fumavam, Luce perguntou a Jean se isso não lhe era desagradável, e lhe ofereceu um cigarro. Tendo Jean recusado, Poitiers lhe ofereceu um dos seus, que era russo, e do qual Jean, de fato, gostou muito. Desceram logo para jantar: um se desculpou com a hora para descer todo de uniforme, estava bem próximo de voltar ao quartel. Luce, que ainda não acabara a toalete, se desculpou por descer de chambre. Planteau, que não tinha tido tempo de estudar teoria, mandou dizer ao proprietário que só poderia descer à hora do frango, o que fez todos rirem. E como gostasse muito de champanha, quando o ouviram esconderam no chão as garrafas para que ele pensasse que estavam vazias. Um deles chegou rindo e logo que fecharam a porta contou, às risadas, entusiasmado, que acabara de encontrar o sr. Saulces na escada e que o outro lhe pedira fogo. Diante dessa notícia tão importante fez-se o mais completo silêncio. Seurau, fora ele quem tivera essa oportunidade, contou de novo que se pusera em posição regulamentar e dissera: — Eis, meu tenente. — E que, ao deixá-lo, vira perfeitamente o tenente observar, pela porta aberta, os soldados que bebiam champanha, e sorrir.

— Isso deve tê-lo deixado estupefato, meu velho — não pôde deixar de gritar Poitiers, com uma satisfação que era partilhada por toda a assembleia fremente de inquietação e felicidade. — Então achas que ele não nos enganará? — perguntou Khan para forçar Seurau a pintar de novo essa cena memorável. — Estás brincando! — respondeu Seurau — ele, enganar alguém! Mas estou te dizendo

que ele olhava com ar de inveja o champanha de vocês. Compreendes que isso o faria divertir-se e jantar conosco em vez de ir aborrecer-se por quarenta *sous* a hora com Cotonet e os outros. — Poderias tê-lo convidado de nossa parte, teria sido bem recebido — disse Luce rindo, brincadeira amável como a de um bom burguês que dissesse a alguém que tivesse visto passar o imperador da Rússia: “Poderíeis levá-lo para jantar, e lhe dizer que eu teria ficado encantado.” Em compensação, Planteau tinha encontrado Cotonet, que respondera à sua saudação como costumava fazer, esfregando logo a nuca para que não pensassem que era por polidez que levava a mão ao quepe (sentia-se que sua maneira de cumprimentar, de falar a cada um os interessava, encantava-os como a um amante do teatro a particularidade vocal de Baron, [\[38\]](#) ou o fato de que Sarah Bernhardt come trechos inteiros sem que se perceba). E ele olhava com atenção. — Devias ter-lhe dito: vou para casa, na rua des Bons-Enfants, isso lhe interessa? — Receio que ele desconfie de alguma coisa. — Mas a hospedeira, que os servia pessoalmente, disse-lhes que conhecia bem o sr. Cotonet e que ele era muito bom, muito engraçado, bem mais amável com ela do que o seu famoso sr. de Saint-Gerin. — Não conosco — disse Luce.

Nesse momento entrou o sr. de Saint-Serves, que voltava de licença. Todos lhe pediram notícias dos seus, o que fez Luce lembrar-se de pedir notícias a Planteau de sua irmã doente. Mas Saint-Serves tinha notícias bem diferentes. À véspera, de noite, na Paix, vira Saint-Gerin com o duque de Frettes, jantando com algumas senhoras. Todos eram só ouvidos. Para ele, Saint-Serves, embora estivesse em trajes civis, tinha certeza que Saint-Gerin o reconheceria, pois olhara-o várias vezes. — Que é que se pode fazer — comentou Luce —, ele é suficientemente fino para fazer comentários. — Tinha um sobretudo azul forrado de peles, só te digo isso — acrescentou Saint-Serves. Khan, que dava grande importância ao vestuário e, embora tivesse vindo jantar sem trocar de roupa, deixava ver uma roupa branca das mais finas, gravata e meias que combinavam, contou que nas duas vezes em que vira Saint-Gerin em Paris, este vestia um terno dos mais bem talhados e que até em serviço ele tinha quatro calças sobressalentes de

fantasia que lhe davam um aspecto chique sem igual de oficial de cavalaria.

Jean interessou a todos ao contar que conhecia Saint-Gerin e fora até convidado a jantar com ele nessa mesma noite, e tarde demais, pois já aceitara o de Luce. — Ah, é isso, seu ordenança que dorme no meu quarto nos disse que ele tinha pessoas da sociedade para jantar — disse Kahn. — Convidou-me de novo para quinta-feira — disse Jean. — Oh, é claro que vai jantar com Lepureau, o capitão de Traverse, com Toulié — disse Kahn. — Toulié? Estás louco — afirmou Luce —, achas que Saint-Gerin convida gente como Toulié para jantar? — Jean lhes falou de Servier, pelo qual tinha muita simpatia. Mas entrara recentemente para o regimento, e eles não o conheciam, sabiam apenas que o achavam extraordinário e no entanto muito seco. Dera dois dias de calabouço a um homem que não o cumprimentara, mas nos dias de marcha, como era muito rico, pagava vinho a todos os homens. Sobre sua mania de mandar fazer exercícios deram detalhes que interessaram muito a Jean. E o grito “Rosto para trás, meia-volta à direita” em vez de prolongar os sons como seu capitão, ele o proferia rápido, levantando bem alto o sabre, com uma elegância de matar. E tendo sempre, quando põe o quepe de lado, os cabelos tão curtos que parecem à cadete, no outro dia Poitiers o havia visto no escritório de seu chefe que assinava licenças de saída, e ele trazia os cabelos louros anelados impecavelmente repartidos. Seu chefe o achava muito seco, mas como sobrinho do general de Terrainville, comandante da divisão, ele tinha muita influência: dera-lhe uma escrivanhinha magnífica, pagara-lhe a instalação de aquecedores em todos os quartos. Diziam que andava em muito más relações com Cotonet. Afinal, ainda não completara vinte e sete anos.

* * *

Como tivessem acabado de jantar, e enquanto ficavam todos sentados diante de um copinho pela metade e acendiam um cigarro, Poitiers levava os cigarros e o copinho para o piano, pondo-se a cantar para Jean tudo o que este lhe pedia: os acompanhamentos

numerosos, suaves e retumbantes, corriam sob seus dedos; cantava com voz encantadora, o cigarro no canto da boca, inclinando a cabeça sobre o peito numa espécie de frêmito nervoso, embora fosse um rapaz corpulento e tranquilo. Ouvia-se distintamente cada palavra da canção ou da ária da opereta. Sem se interromper, o acompanhamento sempre ritmado, imitava as respostas femininas com voz de falsete, retomava os coros com tanta força que todos ficavam arrebatados de vez em quando, esboçando, com surpreendente afinação, a imitação de um ator conhecido. Jean escutava-o com profunda admiração: todos os cantores, todos os pianistas lhe teriam parecido frios e limitados em face dessa vivacidade maravilhosa, dessa voz que fascinava, de todos esses chistes tão bem lembrados, ditos com tanta graça que causavam admiração naquele momento como se ele os houvesse inventado, desse acompanhamento múltiplo em que, olhando as notas com seu ar indolente, e dando a impressão de hesitar em tocar os acordes da mesma duração, mostrava e ensinava aos outros que isto era um violino, aquilo os trombones, dos quais dava em conjunto a delicadeza e a violência, desencadeando todas as sonoridades que parecia conduzir com seu ar distraído e fatigado.

Jean o ouvia como a um conversador incomparável, como um homem para o qual tudo o que os outros não sabem perceber de maneira alguma é um jogo que se deve compreender, lembrar, reproduzir, cuja força maravilhosa e adestrada tira desse piano, que para os outros parece um abecedário da música, soletrando as frases musicais, ondas em que brincava, planando como uma gaivota na tempestade, e a elas mesclando sua voz sem se apressar mas sempre a tempo, o cigarro no canto da boca. E quando vinham as imitações, o que há de mais pessoal em cada um, aquilo que Jean reconhecia ao ouvir no teatro, mas que jamais definira e por isso mesmo tinha um domínio bem maior sobre sua sensibilidade, Jean sentia com vivacidade quase tão intensa (de tanto que a exatidão do órgão evocava, implicava a descoberta da própria natureza, a penetração na própria originalidade, o desnudamento da essência mesma de outro ser, a reprodução do particular de sua personalidade) todo o mistério de seu prazer de

antigamente ao ouvi-lo esclarecido, a definição, por assim dizer, de seu prazer e dessa pessoa. Nesse momento, também colocava Poitiers acima de todas as pessoas que conhecera. É certo que, se pudesse trazer a mãe ou Réveillon para desfrutar e partilhar com ele a sensação mais extraordinária que já sentira, não teria sido lendo-lhes determinado livro, ou fazendo-os conhecer certo homem superior, e sim levando-os para ouvir Poitiers num coro do *Lohengrin* ou imitando Yvette Guilbert. E Jean admirava ainda como, com tamanha simplicidade, Poitiers não parecesse de forma alguma pretender cantar um coro mas evocar lembranças com eles, recordar à memória indecisa deles determinada ária, determinada palavra que procurava interrompendo-se de quando em vez para dizer: — Parece que é isto, e se lembrando de repente de certo gracejo, lamentando não poder representar o jogo de cena que Granier fazia nesse passo, a pequena frase que o violino teria então, mostrando, de cada vez que ele marcasse sua insuficiência, que nada lhe escapava, que compreendera tudo, que tudo, desde a finura do libretista às riquezas do instrumentista e ao espírito da cantora, era de sua competência. E contava em seguida uma ou duas coisas que haviam acontecido em seu quarto naquele mesmo dia, com o mesmo espírito, como se, deixando por um instante a música, continuasse a dar aula num recitativo falado com o mesmo espírito tão delicado sobre cada assunto que Jean pensava que ele não tinha limites.

Mas era chegado o momento de se separarem. Pela janela da sala de jantar, que ficava ao nível da calçada, já se viam soldados passando de volta à caserna. Luce já pedira licença, há pouco, para se preparar, os outros pegaram seus talabartes que estavam nas cadeiras. Planteau já saíra antes, dizendo que não tinha vontade de se ver privado da licença de domingo, e resmungando. Todos se despediram de Jean, que esperava Luce, a quem gritaram que se apressasse, e agradeceu, embaraçado, pois sabia que, dentre todos, era, na realidade, quem tinha sido convidado. Enfim, saiu com Luce, Kahn e Poitiers, pedindo licença para acompanhá-los até a caserna. Ficava ainda mais acanhado diante de Poitiers porque, não tendo em nível nenhum os dons dele, não só lhes exagerava o

valor como exagerava a própria mediocridade e o desprezo que Poitiers devia sentir por ele, sentindo permanentemente, diante dele, que ostentava com tanto desembaraço o maravilhoso saber de sua facilidade para a música, sua memória, sua voz e seu dedilhado, o mesmo acanhamento que um estudante malvestido e canhestro, diante de um brilhante homem mundano, sente por sua elegância e maneiras requintadas. “Tendo todos os talentos que tem, acrescenta-lhes o encanto, a cortesia de parecer considerar isso pouca coisa, e tudo com muito mérito. Mas, no íntimo, que pensará de mim?”

Os companheiros de Poitiers, embora mais insensíveis ao seu talento, e conhecendo os limites de seu repertório, contudo admiravam sem reservas essa facilidade que fazia dele, a seus olhos, um rapaz de espírito e um músico “na alma”. Ao passo que Planteau e Seurau, que tinham recebido uma educação musical completa, sem aliás saberem improvisar nem imitar ou cantar, achavam-no de um gosto execrável, sem nenhuma inteligência musical, um maneirismo cansativo, e sabiam que fora disso e apesar da graça de seu recitativo, a perfeita semelhança de seus retratos (outro talento que Jean ignorava) e o encanto de seus modos, ele não era absolutamente inteligente. Mas os outros julgavam-no, pelo contrário, dotado para tudo e, sem sua preguiça, pensavam que chegaria, no que quisesse, mais longe que qualquer outro. Mas Jean, que, tendo ouvido apenas os seus cumprimentos, não sabia que podiam pensar de Poitiers de maneira diversa da que ele pensava nesse momento, sentia-se terrivelmente envergonhado de não ter nada a lhe oferecer em troca, e ao lhe agradecer e ver o outro encolher os ombros e agradecer-lhe, pelo contrário, com amabilidade, sentia o embaraço de alguém que acaba de receber uma hospedagem principesca sem poder retribuir. Aos poucos, o grupo era engrossado por soldados que retornavam à caserna. Andavam depressa, pois estavam atrasados e fazia um frio glacial.

— Depois da chamada, diga à cantina que mande vinho quente para os meus homens — disse Luce ao seu ordenança, que passava. — Vai deitar logo? — perguntou Jean. — Sim — respondeu Poitiers —, saímos em marcha amanhã de manhã às

cinco e meia e pelo dia todo. Amanhã não devemos ter tempo de ir aos nossos quartos, pois há o estudo à noite. Só teremos dez minutos para nos lavarmos e jantar. — O tambor que soava precipitou os adeuses, pois Luce e seus amigos entraram correndo. Jean foi procurar Réveillon, que o esperava à porta de Saint-Gerin, e, enquanto voltavam na caleça do duque, ele exagerava para Henri as habilidades de Poitiers no piano, achando que era a única forma de lhe dar uma ideia, muito pálida embora, de sua força e de seu maravilhoso espírito.

VII. O inverno em Réveillon

O frio, que já aparecera duas ou três vezes durante alguns dias e depois fora embora, parecia ter-se instalado desta vez definitivamente. Logo que Jean despertava, vinham acender as enormes buchas deitadas na lareira que ocupava todo o comprimento do seu quarto. E fazendo sempre rápido a toalete, no frio banheiro, ele se interrompia às vezes, corria de súbito com os pés descalços para o quarto em busca de um pouco de calor junto ao fogo. O mesmo nas galerias, os corredores do castelo, passava-se sem diminuir o passo, e no salão, na sala de jantar, todos ofereciam seu lugar a quem chegasse perto da lareira. Sempre se aproximando do fogo rubro da lareira do salão, enquanto se aprontava tudo para o almoço, Jean não podia deixar de olhar, pela janela, o sol que apontava apesar do frio, os álamos amarelos que ficavam dourados de repente, a água do Marne, pálida, azulada, brilhante como o céu puro mas que não chegava a se aquecer. Jean e Henri, que não eram friorentos, quase não podiam passear em carro descoberto, logo após o almoço. De tempos em tempos, Jean seria obrigado a fazer parar o cavalo para correr um pouco na estrada a fim de aquecer os pés, pois, por mais que o céu sorrisse, a água brilhasse e as árvores adquirissem um tom dourado, pareciam não saber compreendê-los, recusar-lhes com aspecto carinhoso o calor de que necessitavam. O bem-estar agora não estava mais nos bosques, no sol, no ar. Estava no salão, onde tomavam bastante cuidado em não abrir a janela, diante da lareira, onde punham mais carvão para terem mais calor, que dava um fogo rubro, e perto da qual os que vinham de fora, tendo deixado o paletó na antecâmara, entravam com o rosto vermelho de frio, e, surpresos com o agradável calor do ambiente, não podiam deixar de sorrir, de passar as mãos pelo rosto subitamente aquecido, de esfregar as mãos menos de frio que de prazer, pondo um pé na chama com

risco de queimar o sapato. Assim, não tendo mais força, futuro, calor, tão agradável mas sensual na primavera, e quase material no verão, a natureza parecia só encanto. O inverno já chegara, e, antes de não serem mais que um esqueleto negro, as árvores se douravam, e antes de ficarem cobertas durante meses por uma névoa cinzenta e baixa, o céu era tão puro, e antes de ficar sombrio, suave e morno, e depois escondido sob o gelo, o regato era tão azul e parecia engalanar-se para uma primavera que não viria mais, que pareciam mostrar seus encantos pela primeira vez. Era como um desses sorrisos que se esvaem no meio do silêncio, que não respondem a pergunta alguma, não provocarão nenhuma palavra e onde uma pessoa, cujo encanto não tínhamos visto ainda tão de perto, parece deixar entrever apenas sua alma suave e delicada.

Mas o frio, depois de ter deixado o sol aparecer ainda por alguns dias nessa natureza que ele amava, mas sobre a qual, depois de ter reinado despoticamente, não tinha mais poder nenhum, repeliu-o também. E fez um tempo cinzento que extraiu harmonias bem diversas e bem mais enérgicas do campo devastado. Passara o tempo das lamentações, das sobrevivências inúteis, dos supremos sorrisos. Os bosques que não protegiam mais as cores do sol perderam toda a poesia. E Henri subia nos castanheiros, até o cimo, sacudia-os e Jean, de mãos estendidas, com medo do barulho das castanhas que caíam, corria para juntá-las por entre as folhas. As folhas das vinhas virgens tinham caído e sua cor vermelha parecia mais viva nesse tempo cinzento. As últimas searas tinham sido colhidas e nos campos só se via, aqui e ali, dois cavalos conduzidos por um trabalhador, que revolviam a terra sobre a qual voavam pássaros. De quando em vez, ouvia-se o tiro de fuzil dos caçadores. E o canto do galo, parecendo fender de passagem o ar sólido como geada, ganhava algo de vivo como as últimas bagas rubras que murchavam nas sebes. As poucas flores que sobreviviam ao longo dos caminhos, as poucas árvores que tinham conservado folhas, mostravam o aspecto infeliz e enfezado de flores sem viço, de raras árvores que a gente encontra à beira-mar. A todo instante tinham de curvar-se ao vento, que parecia querer arrancá-las, as centáureas-azuis [\[39\]](#) meio murchas, as tristes margaridas amareladas no solo.

Mas na situação de crianças cujo pai as ameaça com pancada enquanto as mantém seguras pelo pescoço, elas não podiam fugir às suas ameaças e violências permanentes, baixavam-se e muitas vezes só se erguiam com uma corola a menos. As árvores se lamentavam, fazendo gestos impotentes com os braços descarnados. E no parque, diante do castelo, de onde haviam fugido o sol, o ar suave e o verão, as duas estátuas, que sombra alguma protegia mais, pareciam quedar-se esquecidas e sem saber o que fazer, com seu ar lacrimoso, sua atitude a um tempo imóvel e fugitiva, para lá passarem o inverno, enquanto tudo aquilo que se casava tão bem com elas fora embora.

* * *

O inverno chegara por completo, trazendo consigo prazeres desconhecidos ao verão sonhador; o de, quando a manhã linda e brilhante ria nas janelas mas sentia-se o frio intenso do lado de fora, aproximar-se do fogão que, o ponto mais obscuro da cozinha, lançava clarões vermelhos completamente diferentes dos raios pálidos que caíam no pátio, e que não nos acompanhavam no passeio mas ostentavam um aspecto aliás ativo, já bem cuidadosos, sussurrantes e resmungões ao se porem a trabalhar, pois dentro de três horas era preciso que o almoço estivesse pronto — e agora, pois não passam de três horas, fazer encher a xícara de café com leite fervendo e bebê-lo a goles quentes, enquanto entram e saem os criados ocupados com seu trabalho e saudando-nos com um “Bom dia, já de pé?” e um simpático “Aqui está bom, lá fora faz muito frio”, com esse sorriso que só aparece na fisionomia dos que, por um momento, pensam nos outros, e cujo rosto, então desprovido por completo de egoísmo, assume uma expressão hesitante e bondosa: sorriso que consuma o prazer iniciado pelo sorriso dourado do céu através dos vidros, o calor bom do fogo no fogão às nossas costas e o gosto claro e quente do café com leite; e à noite, quando era necessário se levantar para ir, tiritando, ao sótão gelado onde entra o ar pela janela entreaberta, o alegre retorno ao quarto sentindo um sorriso de felicidade espalhar-se no rosto, não

podendo evitar pular de alegria à ideia da boa cama aquecida pelo nosso calor, do fogo ardente, da bolsa de água quente, dos edredões e cobertores de lã que passaram seu calor para a cama onde vamos nos afundar, esconder, agasalhar, nos cobrir até o rosto, como contra inimigos que batessem do lado de fora, e que muito nos alegraríamos em pensar que não nos apanharão, não sabem onde nos metemos de tanto e tão bem que nos cobrimos, rindo do barulhão que faz o vento lá fora, subindo por todas as chaminés a todos os andares do castelo, experimentando todas as fechaduras, e quando sentimos o seu frio que não chega até nós, tapando bem todas as nossas cobertas, deslizando ainda mais para dentro apanhando a bolsa de água quente com os pés, trazendo-a mais para cima para que, quando a fizermos voltar de novo aos pés, a cama lá esteja bem quentinha, cobrindo-nos até o rosto, enrodilhando-nos, encolhendo-nos, enrolando-os, dizendo cá entre nós: a vida é boa, alegrias demais para achar melancolia na própria verificação da felicidade e da mediocridade de sua essência.

E como Jean comia bem no jantar! A sra. de Réveillon dizia: — Jantaremos pontualmente esta noite, porque mandei que lhe fizessem um suflê e é preciso comê-lo à hora certa. — Um suflê, oh, que felicidade — dizia Henri. — Pobrezinhos, é preciso que pelo menos eu os faça comer bem, vocês não têm muitas distrações com um tempo destes. Então, pontualmente às sete e meia! Oh, vocês têm tempo ainda, são só quatro horas, a noite cai tão depressa agora. — Teriam bastante tempo para ler até lá, primeiro subir para tirar os sapatos, aquecer-se e dizer ao criado que vinha pegar os sapatos: “Faz frio.” — Pois é tão agradável dizer: “Faz frio”, quando temos um bom fogo e começamos a nos aquecer.

VIII. A viscondessa Gaspard de Réveillon

Receberam a visita de núpcias do jovem casal Gaspard de Réveillon. A moça, nascida Crispinelli, era uma poetisa de dezenove anos de quem a *Revue des Deux Mondes* acabava de publicar versos admiráveis. Seu corpo, suas feições e seus olhos estavam sempre animados de um tão vivo encanto que nem por um momento sequer alguém pensava em indagar se tal ou qual coisa nela assentava bem, tal era o fascínio da sua personalidade, pelo que possuía de original e que se reencontrava em seus traços. Assim, Jean ficou tão espantado quando ouviu dizer que o nariz dela era um tanto grande, como se, quando lia apaixonadamente determinado livro, ouvisse uma das pessoas ditas de bom gosto dizer que tal caráter era bom mas a composição não valia nada, ou coisa parecida. Pois voltava a sentir com violência a essência das coisas mas não podia observá-las. O que constituía a própria natureza desse grande poeta — (a sra. Gaspard de Réveillon) — não aparecia nunca no que ela dizia. E, ao contrário, por seus gracejos incessantes, pelas zombarias sobre tal ou qual pessoa que falava da primavera, do amor etc., teria antes dado a impressão de desprezar tais coisas. Quando lhe falavam dela mesma, parecia uma pessoa que gostasse apenas da boa cozinha, da preguiça e da cama. Não que suas poesias não fossem sinceras: pelo contrário, exprimiam algo que nela era tão profundo que ela mesma nem sequer se dera conta do fato ao falar, nem sabia defini-lo como uma coisa diferente de si mesma, o que teria visto talvez como uma espécie de sacrilégio, como o julgaria a sra. Santeuil se lhe fosse preciso, numa conversa, falar de sua ternura pelo sr. Sandré. Escutando a conversa da sra. Santeuil, ouviam-se unicamente gracejos sem fim, a respeito de tudo e até, porém sempre afetuosas, sobre seu pai, pois a única forma pela qual podia comprovar que o amava era trair involuntariamente sua admiração por ele, não

podendo deixar de contar, sob o pretexto de troça, de exposição de suas manias, mil detalhes dele. Assim, a sra. de Réveillon só nos teria falado do inverno para dizer que não gostava do frio, ou que ele lhe causava dores, que era o que ele continha de mais íntimo e mais doce para ela e era, por assim dizer, experimentado instintivamente, não podendo ser o tema de uma conversação. Mas tal essência íntima das coisas, de que a viscondessa não falava, era na verdade a única a ter importância para ela, e a lançava num estado realmente delicioso e exaltado, como se podia perceber ao verificar que seus versos sempre se referiam a ela, já que nossos poemas são precisamente a comemoração de nossos minutos inspirados, os quais já são frequentemente uma espécie de comemoração de tudo o que o nosso ser deixou de si mesmo nos minutos passados, essência íntima de nós mesmos que espalhamos sem conhecê-la, mas que um perfume sentido então, uma mesma luz caindo no quarto, nos subjuga até nos deixar inebriados e indiferentes à vida real na qual nunca a sentimos. A menos que essa vida seja, ao mesmo tempo, uma vida passada, de modo que, libertos por um momento da tirania do presente, sintamos algo que ultrapassa a hora atual.

Da mesma forma, os versos dessa moça eram sempre tristes, e sentia-se, pela continuidade da tristeza em seus versos, que sua alma era de fato verdadeiramente triste e que sua tristeza, como aquela essência íntima das coisas, essa recordação de si mesma que ela desfrutava nos perfumes que retornam na vida, o odor das tangerinas que flui num quarto quente, bem como a recordação dessas alegrias opulentas de Natal onde muitas vezes, ao redor de uma mesa contente e florida, trouxemos uma alma inteiramente voltada para outra que lá não se encontrava, que não viria nunca, e cuja ausência dava à neve que lá fora nos separava dela, às entregas de cartas que não nos traziam cartas dela, algo não mais de vazio e sim repleto de uma espécie de encanto, era-lhe um ponto de partida de sonhos exaltados, ou seja, uma das únicas coisas reais para ela, pois era essa exaltação o único sinal em que podíamos reconhecer a verdade das ideias que nos vêm. E no entanto sua conversa tinha uma permanente jovialidade, fazia rir

sempre graças às comparações cômicas, a um modo espirituoso de contar as mínimas coisas, não que tivesse necessidade de contar casos engraçados, e que um dito espirituoso que proferisse não tivesse mais graça, e sim que em qualquer circunstância da vida ela descobria algo de engraçado em toda conversa que ouvisse, em toda ação, pois uma pessoa fina, cuja faculdade de simpatia a põe em contato com todos em vez de deixá-la o tempo inteiro metida consigo, vê o cômico em toda a parte, já que, pelo contrário, cada um só pensa em si mesmo ao dizer obrigatoriamente alguma coisa que, do ponto de vista de outra pessoa, é cômica. Mas não sendo a observação egoísta do ponto de vista pessoal, sua alegria, de alguma forma medular, só apresenta indulgência e simpatia.

Aliás, sem tanto buscar as causas dessa possibilidade de encontrar a alegria a cada instante perto de si, a evidência dessa possibilidade que nos mostra toda pessoa de espírito, pela graça que acha em tudo, indica-nos que se cremos haver poucas coisas engraçadas é que não sabemos enxergar-lhes o lado cômico. E o espírito nos mostra que a alegria é um elemento fundamental de todas as coisas e que é possível liberá-la de todo fato que encontramos sem procurar, assim como a análise química nos mostra que o carbono não se trata de um corpo que seja preciso buscar na lua e sim que se acha em todos os corpos que temos à nossa disposição, e no que somos, e basta liberá-lo. Ora, o dom maravilhoso de sentir a nossa própria essência nas coisas, ou a essência das coisas, e que chamados dom de poesia, essência cuja revelação é tão maravilhosa que nos mergulha no entusiasmo e nos faz escrever, de modo que a inspiração se torna para o poeta o sinal da excelência das coisas que vê, esse estado maravilhoso não sendo constante, estando ligado a sensibilidades interiores que podem estar unidas a uma força orgânica que talvez se excite com a mudança das estações, trazendo recordações e modificando as coisas a que estamos por demais habituados para poder senti-las, faz com que o poeta possa, em suma, dizer para si com tristeza que, ao sair da adolescência (quando talvez já fosse inspirado sem o saber, não tendo regressado às coisas verdadeiras de si mesmo), quando principiava a ver que tudo aquilo em que acreditara não

existia, se lhe tivessem dito então: “A inspiração existe, os poetas não são homens como os outros”, teria ficado radiante, o mundo se tornaria novamente feérico e belo como se lhe tivessem dito que as fadas existem ou que o hipnotismo era verdadeiro, ao passo que agora, pelo contrário, ele sente entranhadamente que a inspiração é algo verdadeiro. Ele a aguarda, ela não vem, ele procura pôr-se num estado de espírito em que as coisas se entreabrem, no sono onde a cabeça inteira repete aquilo que ele sentiu e onde acha, de alguma forma, porém em vão, as forças que já não tem mais, sente coisas se entreabrirem, guarda de tal campo uma sensação profunda e excitante, e acorda sem poder recuperá-la com a fúria de um impotente que tivesse feito um aborto (Goethe moribundo achava epítetos em seu delírio, e como eram insípidas as últimas obras de sua velhice!). Mas então, que encanto tem para ele a inspiração, assim como quem morre de amor sabe muito bem que o amor é real e não fica mais feliz por causa disso, já que isso está junto a ele como a própria vida, e o doente que está deitado todos os dias já não vê nisso o encanto singular que os outros percebem. Mas a inspiração volta, e é claro que ele não mais gostará de imaginar que o mundo é mais feérico, já que os poetas são pessoas inspiradas, mas a inspiração lhe dará alegrias verdadeiras.

Ora, esse dom maravilhoso existe nos seres superiores que traem, o tempo todo, essa superioridade sem dúvida pela dificuldade de dormir, a preguiça, o desperdício de seus dons, a imprecisão, as paixões, as nevralgias, o egoísmo, o carinho apaixonado, o nervosismo em excesso, mas também por um brilhante excesso de faculdades intelectuais, que, na conversação, são a causa desse espírito contínuo por onde se trai o dom de simpatia, de modo que todos os poetas se encontram em sua intimidade de amáveis conversadores, sempre alegres, o que não quer dizer insinceridade nenhuma da parte deles e sim a prova da lei da coexistência entre essas brilhantes faculdades intelectuais e esse dom maravilhoso, que, nesse momento, dorme e só se exercita na solidão. Daí também se deduz que os poetas fariam melhor em escrever histórias cômicas acerca do mundo ou peças de eloquência (pois, se defendem uma causa na conversação, as palavras lhes vêm com

uma facilidade, um fogo espantoso). São, porém, advertidos secretamente no sentido de terem de escrever algo inteiramente diverso, ou seja, as únicas coisas que lhes excitam o entusiasmo poético. E quando escrevem coisas diferentes, sentem que absolutamente não se trata deles, pois que o fazem por necessidade de dinheiro ou para agradar ao público, e não desfrutam nesse momento o prazer misterioso.

E a sra. de Réveillon devia ter também, forçosamente, sobre as coisas que não se relacionavam com a poesia das ideias que, nascidas desse brilhante temperamento intelectual, deviam ser tão diversas das de sua roda que ela, forçosamente, deveria chocar, e muito, a ponto de passar por muito mal-educada, um tanto desregulada das ideias e com uma influência deplorável sobre o marido. Pois não acabava ele de assinar o protesto a favor de Dreyfus, e o simples fato de dar seu nome excitava a indignação sem o desprezo, e sobretudo era tão contrário ao que esse nome implicava que já não tinha mais nenhuma importância, mas era, de qualquer modo, desagradável para a família e provava um triste esquecimento dos deveres ligados a seu nome. E poderia ser de outra maneira com uma mulher que calcava aos pés as coisas mais sagradas, que falava levianamente da religião, da nobreza, que chegava para jantar uma hora mais tarde, que escrevia, que trazia extraordinários lenços de pescoço como as pessoas que não pertenciam ao bairro Saint-Germain, que recebia grande número de autores de maus livros, que no caso Dreyfus tomara partido abertamente contra o exército e se solidarizava com os piores anarquistas (incrível!) (não pensariam, de fato, que um Réveillon estaria do lado dos anarquistas? Eis o que prova que se deve prestar muita atenção ao casar os jovens; pois o pobre rapaz era apaixonado pela mulher, era bem desculpável que só enxergasse através dela, e é com boas razões que na sociedade se desconfia de pessoas que escrevem, de mulheres que fazem versos etc., pois tudo isso tem a ver com as verdadeiras abominações que são uma vergonha, relacionada entre essas coisas que o exemplo da condessa Gaspard de Réveillon provava à sociedade). Enfim, ela era mais chocante em razão de certa arrogância intolerável que

decorria do fato de que, frequentemente silenciosa, não tendo nada a dizer por timidez, o que já parecia muito má educação, quando ao contrário começava a contar casos, seu próprio espírito fazendo-a derramar sem fim expressões calorosas, tiradas reconfortantes, gracejos embriagadores, ela se entusiasmava com as próprias palavras, falava às vezes cinco minutos sem parar, o que a tornava engraçada mas cansativa, ocupada consigo mesma e cortando a palavra às pessoas mais velhas. Acrescente-se a isso que ela às vezes ria às gargalhadas com um artista que voltava a encontrar num salão, de modo que todas as senhoras idosas que não tinham dito nada ainda menos conseguiam refletir.

Mas se se imagina que o automatismo denominado boas maneiras destrói toda a espontaneidade, todo o verdadeiro exercício do espírito, toda a possibilidade de poesia, conceber-se-á igualmente que a poesia, o verdadeiro exercício do espírito, destruirá todo o automatismo e todas as boas maneiras. Se um ente dotado chega a este mundo, sem dúvida se tornará um autômato e nada mais fará. Declará-lo-ão ajuizado, organizado, vencedor — e com efeito, ele, que aos vinte anos não podia passar num exame, ou até escrever um artigo de jornal, será capaz de, aos trinta, entrar para a carreira diplomática e escrever para as revistas. Mas suponham esse ser nascido na mais alta classe da sociedade, de maneira que o desejo de ascensão social não exista nele e que então o tédio da inteligência não seja compensado pelos prazeres da vaidade. As pessoas da sociedade não terão a seus olhos prestígio capaz de excitar seus instintos de imitação. Sendo assim, a moça permanecerá o que é e como em seu organismo o dom maravilhoso se manifesta por palpitações de coração, urticária (sim, por que não? o verão se assinala tanto pelas moscas e mosquitos como pelas rosas e noites estreladas) do mesmo modo no organismo social, ao qual não se adapta mais, será assinalado pelas más horas em que ela se senta à mesa, por seu ar sonhador enquanto as pessoas experientes estão falando, por sua incapacidade de reprimir o riso desvairado, pela escolha estranha e involuntária dos adjetivos que lhe vêm à boca, cada um mais lindo que o outro, enquanto fala, como essas figuras de cotilhão que uma pessoa

situada nos bastidores passa ao condutor, escolha que parece o cúmulo da pretensão e pouco caso pela conversa, como todo poeta que escreve um artigo de jornal fá-lo com rebuscamento, por sua arrogância em falar tanto e fazer observações tão engraçadas sobre as próprias pessoas com quem falava e com certa impertinência involuntária. Arrogância que também decorre, aliás, do fato de que se muitos a criticam, alguns a admiram, estragam-na com mimos, encorajam suas histórias, aplaudem-nas, a tal ponto que ela conquistou aos poucos os parentes mais próximos que se transformaram num público enfeitado, mimado, tendo reconhecido sua superioridade não graças às suas provas mas porque em outras circunstâncias da vida ela se revelava em tudo, por um modo melhor de examinar as cartas sobre as quais consulta-se em família, por noções mais justas e profundas, o que faz com que achem que ela é boa conselheira para os outros (e depois, os críticos que ainda surgiam, ela os destruía de modo tão engenhoso, sabendo todas as respostas), pelas murmurações que acende em certas mães de filhas inteligentes que julgam seus versos no máximo galantes e que, se ela não se chamasse Réveillon e não fosse excêntrica, ninguém lhe prestaria atenção, recebendo pessoas que não só não são nobres como nem mesmo o pintor Z. ou o poeta X. que se enobreceram por um direito de cidadania conferido e mesmo sem que os admirassem, de modo que ela não se coloca em seu lugar, só se dá com pessoas aborrecidas, perde seu salão, estraga seu bom nome e nem sequer é inteligente, pois gosta mais de conversar com sua camareira do que com um homem da qualidade do pintor Z., e quase nunca lê. Chamam a isso uma mulher inteligente? No entanto, Jean achava-a deliciosa e invejava esse marido que ela parecia amar tanto e que corria às editoras a fim de corrigir as provas. Mas ela nunca dizia que o amava, olhava-o às vezes rindo e troçava dele por ir às editoras. Pois seu amor, assim como sua poesia, da qual ele era com frequência o assunto, estava ausente de sua conversa. Mas seus olhos graves, seu corpo gracioso e frágil pareciam incluir a alma profunda para a qual foram criados e além disso tinham talvez, desde então, aprofundado ainda mais seus olhos e enlanguescido o seu corpo.

IX. Lembranças do regimento

As únicas coisas belas que um poeta pode descobrir estão dentro dele. Deem-lhe um momento de inspiração, quer dizer, façam com que entre em comunicação consigo mesmo e lhe darão a felicidade. Deem-lhe, porém, riquezas, honrarias, prazeres, e nada lhe darão pois o farão sair ainda mais de si próprio. Mas essa tomada de posse de si mesmo não é direta. É preciso que ele se receba a si mesmo das mãos misteriosas que o detêm. Assim, mostrem-lhe uma pessoa bonita e inteligente, é o mesmo que nada. Mas pode existir uma pessoa que, posta diante de seus olhos numa época antiga de sua vida, conservou só para ele uma impressão permanente. Talvez ao vê-la a redescubra inteiramente, e essa presença lhe dará alguma coisa, pois lhe estará dando um pouco dele mesmo.

Várias vezes por semana, quando Jean estava no regimento, ia comer na casa de seu capitão e frequentemente jantava lá com uma senhorita de seus trinta anos, bela e sorridente, e que devia a um magnífico talento de cantora e a relações aristocráticas uma boa posição social, apesar de sua pobreza em Orléans. Sua cabeça dava a impressão de uma cabeça de busto, não só pela regularidade dos traços, que um permanente ar malicioso burilava, salientando as faces, desenhando a boca, como pelo aspecto geral do rosto, bastante agradável. Acostumada aos cumprimentos e tendo, por temperamento e beleza, o hábito de acolhê-los com cepticismo: “É verdade o que diz? Acha mesmo?” (pilhéria da pessoa que é espirituosa e modéstia de gente bem-educada, estilo mundano em uma palavra que a província imobilizara), ela reiterava as interrogações desse tipo ditas em tom alegre que, no fundo, não passava de fatuidade: só era engraçado parecer pôr em dúvida a sinceridade do cumprimento, por ser evidente que este era bem fundado. É assim que nossa expressão habitual e nossa expressão

nas circunstâncias habituais revelam a base do nosso caráter. O aspecto de um homem na rua é a imagem de sua atitude em face da vida. Mascara-se debaixo de um ar aturdido, uma atitude imperturbavelmente majestosa, um ar entediado que o sorriso ilumina por um momento mas que retoma logo sua primeira feição diante de quem passa.

* * *

Ao dar o sargento a licença para sair, fazia muito frio, já anoitecia. Enquanto Jean se preparava, seu ordenança acabava de vesti-lo, de lhe entregar suas coisas. — Está bom o meu talabarte, sabes que vou jantar na cidade esta noite? — É na casa do tenente que vais jantar? — perguntava um dos soldados, deitado na cama. Pois muitas vezes as pessoas que não o deixam entrever de forma alguma em seu modo de nos tratar, sabem, aprendemo-lo um dia acidentalmente, por algo que nos lembra do que disseram, sabem de todas as belas relações que temos. — Sim — disse Jean —, e tu, meu velho, não vais sair? — Estava feliz por lhe dizer “meu velho”, por ser um deles. — Não, não sairei esta noite, vou descer um momento à cantina, e depois volto para o berço.

Ouviu-se um toque de clarim. Já são quatro horas, os dias ficam mais curtos. — E, no entanto, gostaria muito de lavar o teto uma vez... Não está muito claro, de qualquer modo é muito triste. — Teremos de esperar que os dias fiquem mais longos. — Pois todos temos projetos e um objetivo fora de nós, e o tempo passa para todos. Depois Jean se aprontou, soaram as cinco horas e ele saiu com Lachaud, que há cinco minutos o esperava, dizendo o tempo todo que se apressasse, ameaçando não esperar mais. Desceram o bairro Bannier e chegaram à casinha onde tinham seu quarto. Empurraram a porta, pegaram suas cartas e subiram para o quarto. Felizmente fazia calor e Jean pediu à sra. Ranvoyzé que mandasse um ponche ao seu quarto a fim de que pudesse oferecê-lo aos outros. — Pode prepará-lo? — Certamente, vou até a mercearia para comprar dois *sous* de açúcar. Ainda devo ter um pouco de rum.

Vou lhe dar duas laranjas bem maduras. Não é isso? Dará para todos esses senhores. — E saiu.

Mas lá pelas seis horas, Jean disse: — Preciso não me esquecer da hora, preciso começar a me vestir. — A água quente já se achava sobre o toucador. Principiou a lavar-se depois de tirar o talabarte e o capote. Ao se lavar, imaginava, com muita satisfação, o jantar que ia comer quando, depois de atravessar Orléans à noite, chegasse ao Café du Loiret e subisse ao aprazível refeitório com um belo fogo chamejante, onde o seu tenente recebia para jantar. Um jantar é uma espécie de museu da gulodice onde as diferentes obras, com as quais nossa imaginação sonhou muitas vezes na solidão com tamanha intensidade que a ideia de poder tê-las um dia diante de si era forte demais, encontram-se elas próprias à nossa disposição, e não outras.

Sim, há momentos em que o pensamento dos Rembrandt, o desejo de Rembrandt nos invadem. Temos fome dessa obscuridade, gostaríamos de ver semelhante clarão, representamos para nós mesmos essas carnes douradas. Não nos acontece isso igualmente quanto aos lugares? Hoje, neste dia de outono, gostaria de ver uma floresta inteira, as árvores amareladas que desejo, sinto, gostaria de passear debaixo delas, e que as coisas viessem aplacar a fome de meu espírito. Gostaria ainda mais, porém, não de uma floresta que desejasse ver, e sim de Fontainebleau. Assim, quanto mais profundo fosse o prazer, sendo mais exigente a necessidade, mais difícil de se satisfazer, visto que só há uma coisa no mundo capaz de satisfazê-lo, um único lugar, vivo, dotado de personalidade, que não se encontra em nenhum outro ponto do globo, feito da idade de suas ruas, de sua abertura para a floresta, da silhueta das colinas, da imagem da planície, essa coisa única que é um lugar, individualidade simbolizada por seu nome que de fato não pertence a nenhum outro. Fontainebleau, nome doce e dourado como um cacho de uvas bem no alto. Esse lugar em que penso tanto, que tanto desejo ver, existe: ele, exatamente como o determina sua distância de Paris, obra da vida que lhe amareleceu esta ou aquela residência, deu tais e quais outras nos bairros novos, acrescentou novas árvores, cortou outras, lançando no meio do caminho, ou uma

sobre outra, a inflexão do Sena que dá uma volta aqui e passa, sem cais nem portos, doce e desnudo entre os bosques. Sim, se tomo o trem, se chego até lá, é Fontainebleau que verei, e não uma coisa mais ou menos bonita, é a coisa mesma em si, é ela que corresponde a esse nome que me evoca tantas coisas belas, que se chama de fato Fontainebleau, que, quando andar por suas ruas, quando tocar suas casas com a mão, quando passar por entre suas árvores e me assentar num de seus rochedos, poderei dizer a mim mesmo: sim, estás em Fontainebleau, tudo isto é Fontainebleau. Todo o poder de todos os soberanos da Terra não poderá fazer com que, no lugar em que estás, neste lugar cem vezes mais belo ou mais original, seja Fontainebleau, enquanto este oficial que passa pode dizer que está aquartelado em Fontainebleau, e a senhora que lá mora, quando te convida para jantar, pode dizer que te convida em Fontainebleau, e suas cartas trazem, no carimbo do Correio, como uma humildade de vegetação rasteira, este nome doce e glorioso de Fontainebleau, o farmacêutico daqui pode intitular-se farmacêutico de Fontainebleau, assim como o porteiro daquela que amas é o seu porteiro e o cabeleireiro o seu cabeleireiro. Aqui as lajes são as de Fontainebleau e podes dizer a teus botões: estou em Fontainebleau. Quando estiveres longe de mim e pensares em mim, não há coisa mais bela do que eu, nem bosques mais lindos, uma cidade mais curiosa que quisesses ver. Querias ver essa coisa única que é uma cidade ou um lugar e que faz com que não seja outra, contra a qual nada podes, da qual não podes retirar um só dia dos dias que viveu, fazer mais velha ou mais jovem, uma cidade ou lugar que é ela, resíduo saboroso de sua existência passada, e contra a qual só tens o poder de desfrutá-la. Nada, por mais belo que seja, equivale ao que ela é. E o que pedirás então para ver, a fim de sentir bem que estás junto dela, que se trata bem dela, que o devaneio de teu cérebro encontrou a realidade: oh, não é necessário que seja muito bonito, apenas esse grande puxado da sala de jantar no hotel de França e Inglaterra dando para a rua, e os carros estacionados que a gente toma para ir à floresta.

* * *

Muito bem, de outras vezes, aquilo que sonhamos não pertence a Fontainebleau, não é de um quadro de Rembrandt ou de Watteau. Tem o gosto do mar, de uma ostra, a pequena água-marinha que engoliríamos na concha nacarada e que viveu verdadeiramente no mar, assim como gostaríamos de ver outro dia as faias de Hoblener ou a cor que ele, Hoblener, pôs nelas, alternadamente exaltada e esmaecida até essa tinta indefinível que ainda permanece. É uma ostra que gostaríamos de levar aos lábios e engolir enquanto o vinho de Sauternes é posto à nossa frente num cálice que se tinge de sua cor amarelada, e se enche com seu gosto vivo e doce, cor inimitável, gosto que pode chegar a uma profundidade que não será igualada e faz com que esse vinho tenha seus apreciadores, como as telas têm os seus, e que proporciona alegrias mais fugazes, mas não menos misteriosas e profundas, nem menos nobres visto que, como ao dono de um cão, como a um amante, dão ao apreciador o sentimento de obter algo que é o produto único de circunstâncias que jamais se renovarão.

O agradável museu que num jantar, quando esse gosto de água do mar, com o qual, em nossa cidade interiorana, sonhávamos até senti-lo, nos é apresentado, e quase podemos tocá-lo, úmido à flor da taça de prata e pedra, quando a cor do vinho brilha como a de um quadro sob a proteção transparente do vidro, quando os pratos trazidos sem interrupção em salvas de prata sobre a mesa deslumbrante nos dão numa hora a sensação plena e direta dessas várias obras-primas, das quais o desejo de uma é suficiente para encher de encanto uma hora ociosa e de apetite. Aqui como nos museus, como nas bibliotecas, não é apenas o nosso imenso desejo de uma coisa sonhada que nô-la apresenta, e nos dá, traduzidos, os pareceres de Ruskin acerca de Rembrandt que tanto desejávamos conhecer e que nos teriam levado a aprender inglês, as nuvens de Turner pelas quais gostaríamos de atravessar o canal da Mancha, essa Fontainebleau que existe num local em que, por onde se vá, está-se em Fontainebleau.

Mas um livro bem diverso do nosso sonho atual desperta outros que nele encontram sua satisfação. Procuramos uma obra de

George Eliot. Encontramos uma de Stevenson. Na décima página é de Stevenson que já passamos a necessitar, e a décima primeira e as seguintes nos satisfazem pois nossos sonhos não têm a forma das paisagens e sim aquela conferida por um deus. Assim não temos apenas as ostras que desejávamos, essas ostras saídas do mar. Mas é todo um museu que se desdobra à nossa frente e onde cada obra-prima estimula os desejos que nela têm a sua satisfação, como o negro cabrito montês, de carnes castanhas, quentes, postas em conserva, sobre as quais a geleia de groselha vai lançar uma camada fresca e florida, enquanto ao sabor de uma conversa franca sentiremos que os companheiros de terno de linho branco, as companheiras de vestido decotado dessa reunião artística tornam-se-nos mais queridos do que toda a nossa vida passada, deixada à porta dessa sala clara e aquecida, e que cada movimento do nosso braço ao fazer uma observação, sua própria passividade ao ouvir as de nossos vizinhos, nos dará uma sensação deliciosa como se o elemento em que nos movemos de corpo e alma fosse um novo elemento de prazer, elemento excitante e corruptor, onde sentiremos todas as ousadias, nenhum escrúpulo e o inteiro esquecimento de nossos deveres anteriores.

* * *

Uma outra vez, o coronel Bresson perguntara a Henri se ultimamente os jesuítas não tinham procurado aliciá-lo e Henri respondeu com calor que não, que não havia uma só palavra verdadeira nas alegações do jornal *L'Aurore* e já se sentia aborrecido de ter de dizer não o tempo todo, de ter de mostrar sua total inocência. Ele gostaria de ter alguma coisa para lhe responder a fim de provar sua sinceridade ao coronel, que parecia não acreditar nele. E então, por uma questão de sinceridade, embora ninguém lhe pedisse, contou que há dois anos o padre Z. o encarregara de procurar saber quais, dentre os colegas, permaneciam fiéis às ideias sadias e de encorajá-los, não mais. — Se tivesse havido alguma coisa desde então, por que não lhe diria?

Mas o coronel vira nisso, ao contrário, a prova até então inutilmente buscada daquilo em que acreditava e que era falso, e disse a Henri: — Pode se retirar —, e às primeiras tentativas feitas pelo general de brigada a quem Henri fora procurar e que apesar de também franco maçom gostava muito do duque de Réveillon e de Henri, o coronel respondeu: — Impossível, seja no que for, deixar sair Réveillon de sob as minhas vistas, ele mesmo acabou de confessar tudo. — O general de brigada Tortille tratou de arranjar as coisas e Henri ia vê-lo de quando em vez para saber em que ponto elas andavam. Quando soube que o coronel tinha falado da confissão, protestou indignado e contou de novo o que dissera. O general, embora tivesse as mesmas ideias políticas e fosse amigo do coronel Bresson, disse a Henri: — Não quer dizer nada, isso se acomoda mas não deve contar a ele. — Mas ele me disse que lhe contasse tudo. — Não quer dizer nada — repetiu o general —, o senhor é excessivamente escrupuloso, não é preciso dizer nada — disse, sacudindo a cabeça de rosto vermelho e jovial e belos olhos azuis, tão grandes que pareciam estar, e de fato estavam, entre os mais admiráveis instrumentos de precisão que já se descobriram (e não somente de precisão, como o demonstrava essa luz mutável, adaptando-se continuamente, e infinita, e que se impregna de qualidades morais a que se dá o nome de olhar humano), uma dessas admiráveis lenticulas que ao contemplador que as olha mostram apenas seu brilho e dimensões, mas àquele que se coloca por detrás, unicamente a este (e só existe um homem atrás dos olhos, é um microscópio do qual os outros não podem se servir), servem para olhar muito dentro das coisas e sobre as quais, às vezes depois de ter meditado, passa-se o dorso da mão, como se limpa a lenticula depois de se usar. E seus belos olhos azuis e tão grandes, tão luminosos, tão sossegadamente fixos nessa ideia de que não era preciso dizer nada, mostravam que não tinha dúvida alguma que era boa a ideia — “Não era preciso dizer nada” — que eles viam naquele momento.

E no entanto ninguém era tão bom, tão correto, tão escravo da disciplina quanto o general Tortille. Assim, Henri sentiu um grande bem-estar ao ouvi-lo dizer essa frase, como se o general Tortille se

tornasse, de juiz, um pouco seu cúmplice, e por isso, como o sabia tão correto e tão militar, sua culpa era maior. Sentia-se feliz de ouvir o general Tortille dizer que esse coronel, que fora tão duro com ele, era em suma uma pessoa de quem convinha desconfiar, a quem não se devia dizer tudo com tanta confiança; o general Tortille, respeitando sempre ao máximo o coronel, dava a impressão de dizer que este era, por prevenção e espírito preconcebido, capaz de fazer um mau juízo. Gostamos de um homem honrado e inteligente que numa visão de justiça e conhecimento dos homens nos diz: “Não tenha honra em excesso.” Um magistrado que nos diz: “Não cabe a mim dizer-lhe isso, mas, se eu fosse o senhor, não o proclamaria aos quatro ventos, o senhor sabe, as leis, os juízes..., meu colega é um homem excelente, mas seria capaz de etc.” Um general que vem todos os dias a cavalo surpreender as companhias no exercício, punir os capitães, deixar os homens sem licença, que vem inesperadamente ao quartel à hora regulamentar e que lhe diz: “O senhor está cansado, vá a Paris sem dizer nada, não peça licença, trate de não ser apanhado.” Gostamos do homem da lei que num dado momento sabe rir-se da lei, e do homem da disciplina que sabe nos dizer num instante qualquer: “Trate de passar ao largo da disciplina.”

Então não nos sentimos mais culpados visto que um homem honrado parece assumir metade da nossa culpa. Temos sempre respeito pelo juiz militar mas vemos o general ainda assim dizer: “O melhor seria não passar muito diante dele.” E sentimos que o direito, a inocência, a verdade, para esse homem que conhece a vida e os homens, e os homens que são até juízes honestos, não significam tudo e são mesmo pouca coisa: Mas sabe que existem os preconceitos, as prevenções e que mais vale tentar sair da linha. Gostamos com certeza dos livros ou das circunstâncias da vida em que vemos a inocência ir em busca do juiz e nele descobrir a justiça, a bondade, convencê-lo num instante e nos dar a ideia de que os homens são bons, de que a verdade tem força invencível e de que tudo na sociedade se passa como numa família carinhosa em que a mãe, mesmo severa, crê em seu filho e o beija se ele merece. Mas o homem honrado que nos diz: “Não conte tanto com a boa fé, o

senhor tem o defeito de ser muito sincero, eu sou general: pois bem, o senhor não deveria dizer nada ao coronel; eu sou alto magistrado: pois bem, se eu fosse o senhor, tentaria fazer uma viagem e não comparecer diante do juiz de paz; sou um homem honesto: pois bem, ao homem honesto que o acusa não tentarei justificar-me e sim deixar esfriar sua cólera, deixar tudo isso cair no esquecimento, e os anos diluírem bem depressa a importância que a sociedade e o senhor lhe atribuem”, um homem assim, dizendo à nossa consciência à espreita diante das circunstâncias: “Não há nada a fazer pelo senhor lá dentro, pare então, não se preocupe mais”, um homem assim dá-nos uma grande sensação de alívio, de repouso, de satisfação e tranquilidade. E nossa consciência nada tem a responder, pois sabe que se trata de um admirável general que nos diz: “Então, não informe a magistratura em demasia, a lei não esquece.” É um homem honrado que diz ao senhor: “Não creia que a voz da honra seja bastante para persuadir um homem honrado, fique tranquilo.”

Henri ouvia o general Tortille. E a vida lhe parecia menos dura desde que o homem que o condenava com tamanha severidade não lhe representava mais a própria Justiça, mas, de acordo com as próprias palavras do velho general que o conhecia, alguém ao qual valeria mais não dizer a verdade inteira.

X. A tempestade

Não se pense que mesmo no inverno Réveillon fosse desprovida de encanto. É claro que, para o viajante que parasse no portão principal no fim de uma tarde de verão, era um espetáculo ameno e alegre ver entre as árvores as mesas expostas, numa um lanche já servido, nas duas extremidades da outra Henri e o duque jogando cartas e perseguidos menos por algumas moscas do que por longo raio de sol que os forçava a mudar de lugar a todo instante, enquanto Jean e a duquesa passeavam vagorosamente pela aleia de castanheiros, Jean sem chapéu e tendo nos ombros uma velha mantilha da duquesa, tão confortável que até para passear à noitinha nos campos ele a punha em vez de um casacão. Assim, se as mesas do salão eram expostas no parque, o ar morno, perfumado e móvel do parque se espalhava da mesma forma no salão do castelo, cujas janelas estavam bem abertas, e os raios de sol chegavam até o fundo do salão incomodando a duquesa, que cuidava de sua correspondência e forçando-a a afastar a mesa. Às vezes até hóspedes mais indiscretos passavam do jardim ao salão, uma borboleta, uma vespa, e volteavam por muito tempo até que, bruscamente, fugiam pela grande janela aberta para o parque. Então, o passante podia admirar a relva reluzente onde dormia, ou antes, fingia dormir o galgo do duque, pois se alguém passasse por perto ele o veria perfeitamente com seu olhos entreabertos, piscando apenas por causa do sol, sem no entanto se incomodar, tendo nesse lugar o macio travesseiro verde exatamente inclinado como convinha à sua cabecinha de raça e a seu flanco palpitante.

Mas no inverno, sem dúvida mais curto e mais sombrio, a erva continuava a se estender para longe diante do castelo. Entre as árvores despidas do bosque ela se estendia também durante léguas, como se toda a graça do verão, toda a vida do campo nela se refugiasse, humilhada, abatida, resguardada, mas persistente e

vivaz, única cor da estação das borboletas nessa grande crisálida fusca do inverno. A erva permanecia ali como o mar após as tempestades, sem barcos, sem velas, mas estendendo no mesmo lugar a mesma toalha verde onde o sol já não vem brincar.

Quando Jean saía pela manhã ela ainda estava escondida, de tanto que o frio da noite era ainda vivo debaixo da coberta branca da geada. As platibandas estavam inteiramente vazias como uma praia antes da época de veraneio; entretanto, algumas tulipas bem à vontade, pois flor alguma lhes fazia concorrência, mostravam-se alguns dias sob a linda tenda alaranjada que estalava ao vento. Ah, o parque, o bosque, toda a região não dava ideia alguma do que era no verão, quando a cada manhã era possível assinalar, em meio às violetas e primaveras há um mês em flor, a presença dos íris e das rosas-de-bengala, a volta das andorinhas e pombos-correios, a passagem de uma borboleta, a chegada de duas corujas, princesas desdenhosas da região que quase não se mostravam mas cuja vinda honrosa era sabida quando, à noite, à hora em que os burgueses dormem, ouvíamos-os indo passear na floresta, ali se perderem e se responderem cantando a enormes distâncias. No entanto, quando Jean saía em direção à vila (pois, sozinho com Henri e o único guarda-caça para dar conta do recado, era obrigado a ir procurar as cartas se não quisesse esperá-los até a noite, e levá-las ele próprio se quisesse que tomassem o trem), encontrava, ao menos diante das corbelhas nuas sob os ramos mortos, casas, fechadas por muito tempo, dos hóspedes distintos da região, a erva, tanto no inverno como no verão, estendendo-se por várias léguas, verde como o mar, porém mais sombria e sem os brancos véus das primaveras.

Dizia-se a Jean: “Como deve ser aborrecido estar no campo com este frio” — mas como ao contrário era agradável reparar em todas as árvores que, é claro, não tinham nenhuma folhagem, mas das quais não se apreciavam menos os belos tons verdes e dourados que tantas primaveras passadas haviam imprimido em sua casca e que, recordações únicas das cores primaveris na crisálida hiemal, à espera de que se apaguem e se deixem quase esquecer sob a verdura mais intensa das folhas e a coloração mais suave das

corolas, brilhavam corajosamente, por pouco que um tantinho de sol aparecesse gloriosamente no campo onde ainda se achavam sozinhas. Flora bem apropriada às rudes intempéries do inverno, luminosa e brilhante flora de casca, essa lenta coloração dos troncos que só aparece depois de anos mas que dura todo o ano e muitos anos, e que com a erva, o musgo, os pardais que ficam, são os únicos habitantes não humanos do campo que aí moram o ano inteiro. Além disso, era tão incômodo que foi preciso ir até a aldeia para buscar o que não se pensara em encomendar com dois dias de antecedência, para buscar suas cartas ou trazê-las. Mas eram incômodos que, pela manhã, se Jean precisasse de papel almaço, faziam-no sair no frio e muitas vezes, no momento em que passava pelo regato, alegre e animado como a água fria, como as nuvens negras comprimidas, como as ervinhas espertas que tremulavam ao vento, e o chão duro que soava a seus passos de um saltitar contente apesar desse incômodo de que se lamentava, e que o fazia perceber um pouco de sol que, pousando na sebe nua, deslizava sobre a terra pálida, o fundo do céu no regato mal descorado, já coberto de sol, e sobre a aldeia cuja igreja de ardósia resplandecia apesar de uma borrasca à vista, e fundia seu bom humor numa espécie de alegria. A aldeia ainda ficava muito longe. Acima de Jean, o céu estava azul. Entretanto, mais ao longe, do lado da aldeia, estava negro, e contudo naquela ocasião um raio de sol que batia com timidez nos campos fazia brilhar todo um lado das casas da aldeia. Mas com excesso de vivacidade: a chuva não estava longe. E com efeito, começava a cair, mas muito fraquinha, ele podia fechar de novo seu guarda-chuva. E era com viva satisfação que Jean torcia a maçaneta da porta envidraçada do papelheiro-merceeiro-farmacêutico, que soava ao se abrir, e pedia papel almaço. — É de uma mão de papel que o senhor precisa? — perguntou o dono amável e coxo, e, saltando sobre a muleta, trazia uma bela mão tão vasta, tão unida, tão suave, tão brilhante, que Jean pensava muitas vezes que era uma dessas coisas lindas que lhe dariam muita tristeza se não as pudesse comprar por serem muito caras. — Pode me dar até duas mãos — acrescentou sorridente. Era um desses comerciantes que sempre cobram mais

barato do que se espera, que não põem na nossa conta a pequena despesa que fazemos a mais para obter tal ou qual suplemento, de modo que, mostrando um caráter nobre, uma espécie de independência privilegiada no comércio das mercadorias atraentes, dão a impressão de bem-estar e nos deixam, no momento em que abrimos a porta que soa ao se fechar, com a ideia de uma vida mais feliz cuja causa é estranha e não está sujeita a nenhuma lei triste. De maneira que saímos com o coração cheio de simpatia e contentamento, e muitas vezes voltamos um instante após, tendo ido comprar para a menina que fica no balcão ao lado do pai uma boneca na loja de novidades que, com a proximidade das festas, recebe alguns brinquedos de Provins.

Quando Jean voltava, a estrada começava a secar, um pouco de sol aquecia o campo e ele mesmo regressava com uma doçura mais contida que o passo rápido e no entanto alegre da manhã. Às vezes estendia o entusiasmo ao suave verniz com que o sol laqueava a terra a ponto de segui-lo, por um desvio, até o platô de Vervins, e nesse caso só entrava exatamente à hora do almoço. De outras vezes, a chuva voltava a cair, e ele então regressava depressa. O granizo se juntava, mas que importa, debaixo do casacão ele estava quente. O vento lhe soprava no rosto como uma espécie de inspiração, pois ele caminhava rápido, a cara radiosa das ideias que se lhe agitavam na cabeça, aos reflexos das quais se misturava, é preciso dizê-lo, muito da chuva torrencial mas com a qual ele pouco se importava pois dali a pouco estaria em seu quarto ao pé da lareira e estudaria esperando o almoço com alegria redobrada. O deslizar e o chiar da manteiga na frigideira não teriam excitado um frêmito mais voluptuoso em seu estômago vazio do que o lamento da chuva a escorrer pelos telhados, e à qual seu espírito só prestava atenção um momento para melhor se reportar à boa omeleta salpicada de toucinho que dentro em breve trariam à sala de jantar. Ele ia descer e, enquanto a esperasse, se aqueceria à lareira rindo, dizendo a Henri: “Como estou com frio”, pulando de alegria e olhando, a esfregar as mãos de bem-estar, o campo desolado sob a chuva torrencial e o céu negro. Mas no momento ainda não se achava lá, voltava rapidamente e, esticando os braços

como um guerreiro contra o vento, antepunha a armação do guarda-chuva, como um pequeno escudo, aos açoites que sob a forma dura e gelada de saraiva o céu não parava de fazer chover contra ele. Caminhava desse jeito, protegendo-se o melhor que podia, e era pouco. Debaixo dessa chuva seu espírito se havia retemperado, o vento lhe insuflara sua coragem e ele retomara as disposições arrepiadas do frio. Entretanto, gostava dessa hora dramática, dessa natureza batalhadora contra a qual lutava. E não mais infeliz que as crisálidas sacudidas das macieiras ou que o regato que de tanta água não parava de encher, entremear-se de tons mais escuros, fluir mais rapidamente, ávido por simpatizar com toda a natureza, que estava dentro e ao redor dele, voltava até para trás (oh que loucura, se alguém o tivesse visto) para ainda olhar bem, apesar da saraiva que lhe fustigava o rosto, o vilarejo a algumas léguas, enegrecido por uma névoa espessa que obscurecia tudo por baixo dela, oculto pelo aguaceiro que o impedia de parecer tão negro, dando a impressão de se agarrar ao declive do campo e ser mantido pela grande igreja pontuda, agora inteiramente violácea. O vento e a chuva vinham depressa por detrás dele, passavam por ele e dentro dele, sem carregá-lo ainda, e seguiam em frente. À esquerda, já se mostrava um pouco de azul no céu acima do platô de Vervins e — ó milagre — o vale que ele dominava e que limitava o horizonte se abria sem que fosse possível adivinhar de onde chegavam, num frêmito primaveril, num rebrilhar vaporoso de sol.

* * *

Lá pelo fim de dezembro, desabou um dia uma verdadeira tempestade. O transtorno dos elementos era tal que um clarão relampejou, seguido de um trovão, em meio a uma tempestade de neve, como no meio de uma crise de delírio em nossas doenças graves a recordação de uma época muito antiga volta de súbito junto com lembranças atuais. Os jornais tinham anunciado tempestades tremendas em toda a França. À noite esperava-se que a tormenta cedesse, mas ela continuou com a mesma intensidade. Jean, ao se despir, parava para escutar as ondas de vento que ora

acoriavam gemendo, envolvendo todo o castelo num abraço palpitante, ora se afastavam com um lamento diminuído e já distante. Depois o barulho retornava, mais terrível. Era como uma metralha cujo ruído não cessasse, ora perto, fazendo tremer os vidros, ora longe, e no entanto prolongando-se, e tão fraca que surgia, fazia seus estragos, pois ouviam-se os ruídos abafados de coisas que tombavam, enquanto o fogo recomeçava parecendo vir de outro ponto, aproximando-se, como se se presenciasse um combate pouco distante travado não se sabe bem onde e que não fosse possível ver. Mas Jean se interrompia, não querendo perder nada desse rumor delicioso do vento, assim como respiramos deliciados o aroma da flor de laranjeira, como olhamos indefinidamente as belas cores do mar do alto da falésia, numa tarde radiosa, quando nossos olhos se encantam com o sol dissolvido no mar em ricos matizes azulados, roubando, por acréscimo, o que nele faísca em brilhantes lantejoulas luminosas, indo até saquear, sobre o véu deslumbrante e a proa brilhante, o sol que embebe um e molha a outra, parecendo ficar tão feliz como o mar, deixar-se penetrar, como este, pela felicidade desse dia lindo.

Assim Jean ouvia o vento, entusiasmando-se com sua força, e encantado por sua doçura, tão poética de fato, pois é inteiramente isenta de elementos estranhos, parece sem causa, não pode fazer pensar em nada humano, em nenhuma ação. Por isso ele a quem a mais débil conversa, o menor ruído de carros passando, a menor melodia, o passo mais leve, o mais ligeiro roçar de uma cortina impediam de dormir ou despertavam, como dormira bem a noite anterior quando a tempestade desabara, embalado por esse barulho desacompanhado da ideia de causa alguma, que não vinha do chão nem do teto, e estava em toda a parte ao mesmo tempo, que castigava a região, que envolvia o castelo inteiro. Por mais que imaginasse a tristeza do duque na manhã seguinte, os desastres de que teriam notícia, os bosques devastados, a fúria do meeiro de quem aliás não gostava, ele ria de prazer e seu coração se revolia, ébrio, quando, em vez de ouvir o vento diminuir, ouvia-o ganhar novas forças, inflar-se, as árvores caírem com barulho cada vez mais forte, como no mar, por ocasião de uma tormenta, gostaríamos

que cada vaga fosse mais alta, mais alta, para exceder o ímpeto de que somos possuídos a cada vaga que passa e que antecede a que vem em seguida. E quem sabe se a isso não se mescla, em nós, um pouco do instinto de revolta que faz com que, quando um criminoso, perseguido por vinte policiais, vai ser preso, saltamos em sua defesa, juntamo-nos às suas forças, gostaríamos que escapasse ao círculo feroz e já inevitável? Pois a satisfação das pessoas que dizem em tom de superioridade: “Ele será preso” nos irrita, excelentes pessoas além do mais, e com as quais, se ele não fosse preso e os fizesse sofrer deixando-os abatidos e menos seguros de si, seríamos solidários. Esse instinto de revolta que faz com que, quando um javali ou um leão que causaram enormes danos vão ser capturados, estejamos do fundo do coração nos saltos e rugidos das nobres feras e gitemos interiormente: ah, se pudessem fugir. Ora, quando esse transtorno é uma tempestade, a prudência do arquiteto e a energia do meeiro são nulas. Não se pode expulsar o vento, fazer um círculo a seu redor, dominá-lo. Não é possível dar tiros nas ondas, matar o mar. De repente, seu ímpeto diminui, vem a calma... Mas, na expectativa, algo em nós se incha com as vagas, sobe tão alto quanto elas. E quando, desse modo, sopra um vento inaudito, se às vezes parece diminuir gostaríamos de poder animá-lo, como, enquanto não o conheciam, os que a distância sabiam que Picquart era defensor da Justiça gostariam de poder dizer-lhe: não desanime, não esmoreça, não diga no processo Esterhazy que não tem opinião, não deixe que o isolem. Mas acontece que nesses casos aqueles que assim procedem fazem-no por uma razão íntima e própria e sobre eles ameaça alguma surtirá efeito como também não as exortações. E nós não tínhamos nada a temer. Tudo o que eles tinham de fazer o fizeram.

Assim o vento só pareceu acalmar-se por um momento para voltar com mais força; e quando Jean o ouviu acalmar-se, protegido sob as cobertas, como se murmurasse uma palavra de simpatia ao criminoso perseguido pelos policiais, deixava-se ir a seu encontro dizendo baixinho: coragem. Além do mais, gostava desse bom vento que o não impedia de dormir como os homens, não o acordava, tê-lo-ia deixado dormir até o meio-dia se quisesse, como um bom

habitante da floresta, em cuja casa o rapaz se hospeda, deixa-o dormir, batendo os bosques durante esse tempo, esperando que o chamem. E, depois, o vento lhe falava do mar que naquele instante devia estar bem bonito. Oh, se ele tivesse podido partir para Penmarch ou Saint-Malo! Olhava com raiva essa terra que não tinha grama sequer que se curvasse assobiando ao vento, e pensava nessas montanhas de água que se erguiam e desabavam a seus golpes, nesse mar da Bretanha que devia ter o aspecto de uma súbita paisagem de montanhas com vales tão profundos que parecia dar para ver o fundo do mar, e ser possível, se não houvesse o perigo de ser esmagado pela queda de uma montanha no mesmo minuto e arrastado na subida vertiginosa de outra, andar ali a pé enxuto. Cada lamento novo do vento era como o sentimento da permanência desse espetáculo, que ainda não estava abolido. E ele não pensava em vagas tempestades mas naquela que devia ocorrer na praia de Penmarch e na ponta da Raz, tão longe uma da outra mas que entretanto são partes da França que se seguem, pois de Penmarch ele percebera, à direita, um pequeno ponto que é essa baía dos Defuntos que vira à esquerda da ponta do Raz, envolta nas brumas da lenda, e que no entanto nas brumas do inverno e do mar, às vezes até iluminada por um sol indeciso, pode-se enxergar de uma praia, esta mesma não menos desolada que a própria ideia que dela se tem. Praias que ficamos espantados de ver, de tanto que eram algo imaginário para nós, que posteriormente voltam a ser imaginárias, existindo apenas na lembrança, mas de um imaginário mais perturbador, o que se liga a uma coisa onde deixamos um pouco de nós mesmos e que se situa não mais na abstração e sim em nós, num ponto que sente satisfação e estremece quando é tocado, praias assentes no fumo poeirento das tempestades ou simplesmente dos recifes espumejantes e das brumas que obstruem o mar, assentes às margens do infinito como lendas, em breve lendas perturbadoras e bem-amadas de nossas recordações. Sim, com esse vento que nos fala, muito gostaríamos de ir a essas praias, não a esta ou àquela que se lhe pareça, mas àquela cuja fisionomia é delineada pelo soerguimento de granito à esquerda, depois pela pequena linha de rochedos, e o longo desfiladeiro por

onde passam os barcos. Pois não se trata de qualidades ou de semelhanças, os lugares são pessoas e sabemos que as mais belas coisas da Terra não poderão nos dar aquilo que o vento nos faz desejar exatamente naquele instante, ir a Penmarch. Os lugares são pessoas, mas pessoas que não mudam e que reencontramos muitas vezes depois de longo tempo, espantando-nos de não sermos os mesmos, ou, principalmente, espantando-nos de sermos os mesmos e não termos feito coisa alguma desde que os deixamos, nada tendo feito para nos aproximarmos da felicidade para a qual nos convidavam suas ondas tão azuis, tão infantis então quanto hoje. Os lugares são pessoas a quem a humanidade que está em nós atribuiu uma fisionomia não humana, pois é uma fisionomia de lugares, mas uma fisionomia de pessoa, de pessoa, que se configura com uma catedral sobre uma falésia, um avanço de estuário no longínquo, campos suplantados quando a gente sai pela campina além da aldeia. Fisionomias que fazem com que nada as substitua para nós, que pensemos muitas vezes no prazer de revê-las, fisionomia que está em nós tanto quanto neles, que somente eles podiam nos dar, mas que talvez somente nós possamos lhes conferir, de modo que a conservem após a nossa morte.

Pois os lugares mudam menos depressa que os homens para quem o renque de salgueiros, o caminho que sobe ou o redemoinho da água debaixo da ponte entre os nenúfares são como as fotografias que ficam numa casa, que não reconhecem os que as não conheceram e que lhes mostram uma fisionomia de onde não só a doçura mas o sentido, a vida e a unidade desapareceram com aqueles que os amavam, como um desses segredos que não se podem herdar, que não se encontram nos papéis dos mortos e que sem dúvida por isso mesmo nos são mais caros que tudo no mundo, quando se trata de lugares, porque nada fora de nós pode nos devolver uma impressão que tenhamos tido, tesouro que só se pode guardar num único escrínio, a memória, e só pode ser apresentado aos outros por uma espécie de ilusão, a poesia.

A poesia, a inspiração, esse vento parecia despertá-las em Jean pois, à medida que ele sentia mais prazer em ouvi-lo, pensava cada

vez mais em descobrir novas ideias que provocavam o surgimento de outras, não essas ideias loucas que se relacionam conosco, e que as crianças de imaginação (e várias permanecem crianças sob esse aspecto) experimentam indefinidamente ao se despirem, ao passearem, que se referem a nós e imaginam o que desejaremos: “Ao entrar, vou achar uma carta daquela que amo e no entanto não conheço, e que vai confessar-me o seu amor. Eis o que vou responder. E iremos a um salão onde o senhor de que não gosto estará presente, e eis o discurso impertinente para ele que se pronunciará, e eis o que lhe direi.” Mas tais pensamentos são ideias ocas que chamam outras igualmente ocas. Imitam a realidade substituindo-se a ela mas sem ultrapassá-la (a pessoa, dentro de um ano talvez a conheçamos, ela nos amará talvez, estaremos talvez a ponto de abater nosso inimigo) de modo que dá essa impressão, como as diversas peripécias da vida. E, aliás, não nos sentimos contentes depois, tudo isso é inútil, é como os romances naturalistas e impressionistas. E então será preciso, de novo a cada vez, que haja coisas novas. É uma concorrência inútil à inesgotável e insatisfatória realidade. Tal é essa linguagem interior, talvez menos cansativa, entretanto, do que a da vaidade que repete sem cessar, para si mesma, um nome (A sra. Fulana, nascida...), que imagina seu próprio nome nesse jornal testemunha de um imperador, e que cansa tanto.

* * *

Mas essas ideias que acudiam a Jean ao ouvir o vento eram ideias outras que não pareciam ocas e sim plenas, ao mesmo tempo no passado, seu passado em Penmarch, e no presente, e mais profundas, ligando-os, mais reais, mostrando assim o preço do minuto passado e do minuto presente, algo que existia de verdade e não acabaria no mesmo minuto. De maneira que ele não dizia consigo: “Mais um sonho insensato, já não irei a Penmarch este ano como não fui no ano passado”, e sim que ir até lá lhe parecia quase desnecessário, pois o desejo excitado pelo vento e a lembrança de Penmarch se resolviam não no prazer egoísta que teria em

Penmarch, mas na realidade da poesia feita do sentimento de sua própria existência, sentida nesses minutos reencontrados de Penmarch, e que assim, não se dizendo do prazer passado, pois isso durou um instante, não significava nada, nem do prazer presente, isso não significa nada, isso vai ser passado, não desprezaria o fato de lá não mais voltar, não mais que nenhuma outra das alegrias da vida. E, de fato, ele não devorava mais a vida com uma espécie de angústia por vê-la sumir-se sob o gozo, mas saboreava-a com fé, sabendo que um dia ou outro reencontraria a realidade desses minutos, com a condição de não procurá-la, na brusca evocação de uma rajada de vento, de um cheiro de queimado, de um céu feio, ensolarado mas já anunciando chuva acima dos tetos. Realidade que é a que não sentimos enquanto vivemos os instantes, pois os relacionamos a um objetivo egoísta, mas que, nesses bruscos retornos da memória desinteressada, nos faz flutuar entre o presente e o passado em sua essência comum, que no presente nos recordou o passado, essência que nos perturba na medida em que é nós mesmos, esse nós mesmos que não sentimos no momento, mas que reencontramos como um mel delicioso que sobrou das coisas quando elas estão longe de nós, que nos delicia na medida em que ela é as coisas e as diferencia tão bem a distância, e nos faz de um Penmarch uma coisa tão pessoal e que quando quisermos revê-la coisa alguma poderá substituir, realidade que disseminamos enquanto escrevemos páginas que são a síntese de diversos momentos da vida.

VIII

O sarau da sra. Marmet. — Reencontro com Marie Kossichief. — O visconde de Lomperolles. — O quarto de Jean em casa de seus pais. — A Faculdade de Ciências Políticas. — Os Guéraud-Houppin. — O salão da duquesa de Réveillon: Jacques Bonami. — O duque na sociedade. — Outras visitas. — A sra. de Thianges e a sra. Lawrence. — O tenente de Brucourt. — História da Inglesa. — A “estreia” de Frédégonde. — Daltozzi e as mulheres. — A afronta. — Reparação. — O barão Scipion. — A sala de plantão da Pitié. — Um jantar na cidade.

I. A senhora Marmet

— O senhor sabe que, apesar de ser o décimo quarto, tem direito ao sorvete — disse com voz cristalina a um jovem sentado na cabeceira da mesa, e que acabava de recusar o “Vivandi”, a bela sra. Marmet, em cujo espírito esse traço atraente era destinado menos a deslumbrar os convivas do que a lhes mostrar que um acidente de última hora fora necessário para obrigá-la a admitir à sua mesa elegante um rapaz sem nome e sem posição social. O rapaz sorriu sem responder e sem dúvida era mais sensível do que vaidoso, pois desde que cessou de sorrir seu rosto assumiu uma expressão que não era de contrariedade mas de tristeza. Encolheu ligeiramente os ombros como uma mulher que tem frio. Depois, seus belos olhos pensativos pousaram nos da sra. Marmet, que o não olhavam nesse momento, a fim de descer ao fundo de sua alma. E quando, virando a cabeça, seu claro olhar reapareceu à superfície líquida das pupilas, brilhavam fraca e imperceptivelmente, como um magro despojo trazido dessa expedição subterrânea, frágeis parcelas de desprezo. Levantavam-se da mesa. Ao lado do rapaz estava o velho conde de Nefforden, que, sendo um pouco surdo, não tinha talvez tomado conhecimento das circunstâncias atenuantes de sua presença e poderia ter dito nos salões: “Sim, jantei ontem em casa da sra. Marmet, havia pessoas que eu não conhecia.” Assim, a sra. Marmet pegou Jean de passagem: — O senhor seu pai não ficou zangado por agarrarem-no assim no momento de se pôr à mesa? — Tradução: “Ouçam bem, vocês todos, era para que não fossem treze à mesa, foi bem na última hora, não tive tempo de pedir que alguém viesse. Não me queiram mal.”

— Vamos, Julien — disse voltando-se para o filho —, apresentaste o teu amigo a estes senhores? — Tradução: “Pois não creiam que este seja das minhas relações, é um colega de classe do meu filho.

Isso não se escolhe. E, vejam, sou tão polida com ele como com os outros, quero que seja apresentado a todos. Vejam que conheço todos os truques do bairro Saint-Germain de vocês, e não faço parte dele.” Enfim, acrescentou: — O seu pai é tão bom por recomendar Julien de cada vez que ele se apresenta para um exame no ministério dos Negócios Estrangeiros. — Tradução: “Não é uma tolice convidá-lo, já que ele é útil a Julien e o será ainda. É ainda muito típico do bairro Saint-Germain.” — Não é verdade que seu pai tem um cargo qualquer no ministério, que eu não sei bem qual seja? — Tradução: “Pessoas que se respeitam não sabem nada do que concerne ao governo.” E a sra. Marmet, abanando o leque, compondo com um gesto elegante o busto amplo no corpete de cetim cor-de-rosa, ia dirigir-se para os outros convivas pensando que já fizera muito pelo décimo quarto, quando, tomada por uma dessas inspirações do momento, que na arte do esnobismo, bem como na arte de escrever, permitem ganhar anos de trabalho, gritou, cravando os olhos vivos num senhor de uns quarenta anos: — Ah, mas, marquês, o senhor que tem um filho que se prepara para a carreira diplomática, vou apresentar-lhe o sr. Jean Santeuil, cujo pai ficará muito feliz em lhe dar recomendações para o seu Aymar. — Mas, senhora, é um bom amigo esse a quem pretende apresentar; conheço muito bem o pai deste senhor e acredito conhecê-lo também — respondeu o marquês de Ribeumont, estendendo a mão a Jean. — É um homem notável, e muitas vezes tive a honra de sentar a seu lado nas comissões. Ora, mas eu o julgava tão ríspido e doente, disse-me seu pai no momento em que o senhor acabava o curso de filosofia há uns dois anos. Felizmente vejo que não é nada — comentou, dirigindo-se a Jean, o sr. de Ribeumont, enquanto a sra. Marmet, alegre com esse conhecimento, com a conversa que se seguiria entre Jean e o marquês, com o tom animado, que o sarau ia tomando, foi inflamar com sua beleza e seu espírito outros grupos que lhe pareciam ainda entorpecidos. Jean sorriu com gratidão ao sr. de Ribeumont, que o levou para fumar um cigarro na saleta. — Que faz o senhor agora? — perguntou-lhe acendendo um cigarro. — O senhor seu pai achava que levava muito a sério a filosofia e que isso lhe dava nos nervos. — Ainda

pouco habituado a uma polidez ignorada no meio burguês em que vivia, e onde todas as vezes que o apresentavam a alguém, recebia, segundo a idade, uma batidinha protetora na face (sessenta anos), um ameaçador aceno de cabeça (quarenta), uma reverência intimidada (vinte), profunda e ternamente emocionado com a simpatia que o sr. de Ribeaumont lhe testemunhava, e querendo corresponder sinceramente com uma minúcia de pormenores que julgava dever interessá-lo, Jean contou-lhe que sua saúde, sempre delicada, se achava particularmente abalada em consequência do cansaço das aulas de filosofia, e ele agora estudava direito, coisa que o aborrecia. E também que, sem força de vontade e muito preguiçoso para estudar se um vivo interesse a isso o não incitasse, não fazia mais que frequentar a sociedade e tornar-se idiota, mas também que estava melhor de saúde, fazia exercício, ficava forte.

— É engraçado — disse o sr. de Ribeaumont, que deixara de ouvi-lo — que alguém possa gostar de filosofia. Se a vida ainda fosse mais longa... A vida, porém, é curta demais para a prática da filosofia. — Mas, senhor — retrucou Jean com vivacidade —, pelo contrário. O que diz é correto para todas as coisas, com exceção da filosofia. A vida é muito curta para fazer história, para frequentar a sociedade. — O sr. de Ribeaumont fixou nele o olhar azul e suave que seguira tantas vezes, com uma paciência distraída e cismarenta, os projetos e os conselhos do sr. conde de Paris, quando iam juntos compor a guarda de honra. — O senhor é jovem, Santeuil, e felicito-o por isso — disse, atirando fora o cigarro —, direi tudo isso a seu pai quando o vir. Vamos, venha fazer a corte às mulheres, é próprio da sua idade. Compete a vocês jovens nos substituírem a nós outros, velhos — continuou, colocando o monóculo, gesto que na dignidade de suas maneiras correspondia ao piscar de olho, antiga tradição de outra classe. — Ah, mas ouvi falar do senhor por alguém que o ama muito e que o senhor vai rever — disse —, pelo filho da sra. duquesa de Réveillon. — O que, ele vem! — exclamou Jean, pálido de alegria. — Sim, encontrei-os primeiro em Viena, Réveillon me convidou para jantar com o filho, que é encantador, e que nos deixou, saindo exclusivamente para lhe escrever. — Escrevemo-nos todas as semanas — disse Jean com

doçura. O sr. de Ribeauumont e Jean conversaram muito tempo sobre os Réveillon. Jean estava extasiado pelas notícias, ávido por ter outras. Fazia com que lhe contasse tudo de novo. — Se gosta da sociedade ficará satisfeito em saber que a duquesa de Réveillon vai receber bastante neste inverno. — Mas essa notícia era sofrivelmente indiferente a Jean e lhe chegou até a dar receio, pois teve medo de não mais poder passar suas noites sozinho com Henri, como fazia tão agradavelmente no colégio. — Ela dava festas tão bonitas — disse o sr. de Ribeauumont erguendo a cabeça. — Do tipo desta? — perguntou Jean. — Oh não — disse o marquês num tom afetado. — Não são absolutamente as mesmas pessoas. — A sra. de Marmet vai à casa dela? — Creio que não se conhecem — respondeu o sr. de Ribeauumont. Mas Jean compreendeu a hipocrisia dessa incerteza. O sr. de Ribeauumont queria dizer: elas talvez troquem cartas uma vez por ano, e ainda assim isso me espantaria. Mas se me pergunta se elas se frequentam, posso, sem sabê-lo, responder não com tanta segurança como se o senhor me dissesse: acha que se eu saísse a passeio na floresta de Saint-Germain, encontraria laranjas penduradas nas árvores? Então Jean sentiu, à ideia de que frequentaria um palácio do qual a sra. Marmet e todas as Sras. Marmet que o convidavam como décimo quarto só conheceriam o porteiro, um pouco daquela vaidade que tinha no colégio por jantar em casa do reitor, e percebendo que sorria às palavras do sr. de Ribeauumont, sentiu vergonha da boca que se abria desse jeito numa alegria vulgar, de sua palavra satisfeita e de sua pessoa, brusca e desagradavelmente iluminada quando nela se iluminava de súbito um reflexo vivo do ingênuo amor-próprio do pai.

— Que é que dizem dos Réveillon? — indagou a sra. Marmet, que passava nesse instante perto deles. — Como quereis que o sr. Santeuil saiba do que se trata, Ribeauumont? — Não, é de seu filho, de quem sou amigo — disse Jean à sra. Marmet. — Ah, é verdade, estiveram juntos na mesma turma, no colégio. Nunca viu a duquesa? — perguntou, ou melhor, afirmou a sra. Marmet. — Sim, senhora. — Muito bem, se voltar a vê-la, diga-lhe que tenho um culto, uma admiração por ela. Se eu fosse homem, essa mulher me viraria a cabeça. E no entanto é uma santa. — Um pouco além, a

princesa de T. conversava com dois homens sentados em tamboretes dos dois lados de sua poltrona. A baronesa Sheffler, esposa do grande financista, disse à sra. Marmet: — Como é bonita a princesa! Acho-a muito simpática porque dizem que é muito inteligente, mas não a conheço apesar de termos as mesmas amigas. — Tradução: “Vamos, apresente-me a ela.” — Oh, ela é deliciosa — respondeu a sra. Marmet. Tradução: “Ah, achas que vou te apresentar para que a tomes para ti. Convidei-a para te mostrar que ela vinha à minha casa e não para que vá à tua.” E acrescentou: — Mas você não toma chá, não quer nada, minha querida? — Tradução: “Tu vê, não só a tenho para mim, mas já nem me espanto com isso, cuido de ti e de todos. Pois sou uma senhora dama!” Depois se encaminhou para a baronesa Kuerf, esposa de outro grande financista, e indicando a princesa de T. disse: — Como é encantadora! — Concordo plenamente — respondeu a sra. Kuerf —, foi na minha casa que a conheceu. — Tradução: “Em teu salão sou membro fundador, creio que ias te esquecendo.”

* * *

Jean ouviu anunciarem a sra. e a srta. Kossichef e reconheceu Marie Kossichef numa bela mocinha que entrava. Mas, como tivesse de olhar, no escritório do sr. Marmet, sua coleção de borboletas, deixou logo o salão. — Santeuil, Santeuil. — Era a sra. Marmet que vinha buscar reforços de rapazes para o flerte. — Vamos, vem para junto das meninas. Vou apresentá-lo à srta. Kossichef. — Não me interessa — retrucou Jean, que sabia que a casa dos Kossichef era bastante aborrecida. — Sim, sim — insistia a sra. Marmet, que via a sra. Kossichef ficar sozinha. Jean consentiu facilmente e sentou-se por um momento ao lado de Marie. — Creio que fomos apresentados antes, nos Champs-Élysées — disse ela. — Sim — respondeu Jean —, sua irmã vai bem? Chamava-se Sonia, não? — Sim — disse Marie sorrindo. — Eram dez e meia e Jean queria ainda ir ao baile. Queria levantar-se. Nesse momento chegou a sra. Kossichef, a quem a filha o apresentou. — Como, já se conheciam?

Mas espero que venha visitar-nos. Recebemos todos os domingos — disse a sra. Kossichef, para quem a presença de Jean numa recepção da sra. Marmet era um passaporte suficiente e uma recomendação lisonjeira. Jean agradeceu e saiu. Mas todos os domingos tinha sempre algo mais agradável para fazer do que ir à casa dos Kossichef. E depois não ousou mais aparecer, por ter ficado tanto tempo sem visitá-los. Às vezes, passando diante do palácio, lembrava-se dos dias de chuva em que ia até lá com a criada, em romaria. Mas lembrava-se deles sem a melancolia que julgava então dever experimentar um dia no sentimento de não mais amá-la. Pois essa melancolia, aquilo que projetava desse modo antecipadamente sobre sua indiferença futura, era o seu amor. E esse amor não existia mais. Era possível tocá-lo nos pontos outrora sensíveis sem que Jean sentisse coisa alguma, como uma pele morta que ainda temos mas que não voltará a sentir carícias nem picadas, que já não faz parte de nós, que está morta. Às vezes também, passando diante do palácio Kossichef, dizia consigo: “De que serve desesperar tanto por não obtermos o que desejamos, se no curso de suas perpétuas revoluções as coisas acabam por vir a nós? As situações mudam e aquilo que desejávamos acabamos sempre obtendo. Sim, mas elas mudam menos rapidamente que o nosso coração e aquilo que desejávamos, se acabamos por obtê-lo, será sempre quando não o desejarmos mais.” Pensava também que se hoje estivesse apaixonado pela srta. Kossichef, a permissão para vê-la em casa todos os domingos, mesmo todos os dias, já não lhe bastaria, como antigamente não lhe bastava vê-la todos os dias nos Champs-Élysées. A presença daquela a quem se ama não pode acalmar o desejo, sendo ainda uma distância apreciável, e aquela a quem se ama, concedendo ao pobre enamorado um dia a mais por semana, ou uma hora a mais por dia, não extingue melhor sua tristeza do que uma criança que, gota a gota, desejasse esvaziar o mar.

* * *

Jean percebeu um velho senhor que, atirado numa poltrona, apoiava contra o espaldar uma peruca cinzenta e cacheada, imóvel, mas mexendo os punhos e os artelhos. Tendo-o conhecido em casa dos Réveillon, foi saudá-lo. Era um primo da duquesa, o visconde de Lomperolles. Sua mulher, a quem prodigalizava as deferências tocantes de uma velha amizade, tendo casado aos vinte anos, estava sentada a seu lado. Estendeu graciosamente a mão a Jean. O sr. de Lomperolles deu-lhe bom-dia com polidez, porém friamente, e não o apresentou à mulher. Jean não se surpreendeu, pois ouvira-o dizer em casa dos Réveillon que não gostava dos rapazes, achava-os não só sem espírito e sem gosto, desprovidos de mérito e sem consideração para com o mérito alheio. Julgava-os não só sem educação, sem cortesia, sem boa vontade, sem tato. Tinha-os por uma raça enganadora até a perfídia, insensível até a crueldade, malvada e imbecil até a loucura. Às vezes mostrava um pouco mais de indulgência para com os rapazes de antigamente, do tempo em que era jovem. Mas a juventude, dizia, piorara à medida que ele envelhecia, e o que menos perdoava nos rapazes de hoje era o serem, como dizia a todo instante com desprezo, “verdadeiras mulheres”. A respeito de Santeuil, dissera à duquesa: — É talvez menos idiota que os outros, mas que fazer com um homem como esse, que não pode dormir, que chora por nada? Não é um homem, é “uma verdadeira mulher”. Jean admirava-se de que a peruca do sr. de Lomperolles fosse mais curta do que no dia em que o vira. O sr. de Lomperolles o adivinhou: — O senhor não me acha bonito — disse-lhe num tom a um tempo afetado e rabugento. — Cortei os cabelos ontem. — Mais tarde, contaram a Jean que ele possuía quarenta perucas, umas ligeiramente maiores que as outras. Quando chegava à mais comprida, punha sem transição a mais curta para que acreditassem que cortara o cabelo. E a partir desse dia, para dar a impressão de que os cabelos cresciam, punha cada dia, durante quarenta dias, uma peruca cada vez mais comprida. No momento em que Jean ia embora, a sra. de Lomperolles o olhou com tímida desconfiança. Nunca falava dos rapazes, mas não parecia amá-los mais que o marido.

* * *

Jean voltou tarde. No dia seguinte, de manhã, a sra. Santeuil, lisonjeada pelo elogio da casa tão brilhante onde seu filho havia jantado entre um acadêmico e um embaixador, mas não querendo externá-lo e nem, acima de tudo, deixar que ele percebesse, disse a Jean: — Fico contente quando te vejo proceder assim num ambiente de inteligência.

II. O despertar em Paris

O quarto de Jean era ao lado do de seu pai. O sr. Santeuil se levantava por volta das sete. Frequentemente a essa hora Jean, de volta do baile de manhã, dormia há cerca de uma hora. Seu pai, ao se levantar, o acordava. Depois ele ouvia, como uma mosca irritante, o rumor do roupão da mãe, que se dirigia ao quarto do marido. Punham-se a conversar e Jean, renunciando a dormir, nervoso, se levantava e saía. Às vezes ficava lendo. E logo, como na subida de uma montanha, seu mal-estar diminuía. Sentia-se respirar com mais fôlego, uma humanidade como que sepulta emergia em sua cabeça, ficava mexendo dentro dele; seus olhos brilhavam de alegria. Então a porta se abria bruscamente e o pai perguntava com essa brutalidade camponesa que uma longa vida de honrarias não conseguira apagar: — Que é que estás fazendo? — e chamando Augustin, mandava que lhe fizesse a barba no quarto. De outras vezes, era a mãe que, tendo aberto a porta, punha-se na ponta dos pés como no quarto de alguém que dorme, fazendo estalar o soalho e, espicaçada pelo mau humor, fazia sinal ao marido, mostrando-lhe Jean a ler, febril, como uma criança que se diverte com um nada, com a satisfação sempre um tanto desdenhosa que se tem pelas brincadeiras dessa idade.

A ideia de que o julgassem feliz, de que mostrassem quase sorrindo a emoção que sentia ao ler, excitava em Jean uma revolta como se o tivessem de repente instigado contra os pais. Fingia achar tedioso o que acabava de ler, e como que para se vingar do pai e da mãe por toda a felicidade que gozava antes da “entrada deles e à qual tivera de renunciar com receio de deixá-la transparecer, contradizia-os com violência, acusava-se falsamente de todas as ações que podiam desagradá-los e, tendo jurado naquela mesma manhã não voltar daí em diante depois da meia-noite, dizia-se decidido a passar dançando todas as noites

vindouras. Nesses dias, não podia decidir-se a ir sentar à mesa com os pais, frente a frente com seus adversários. Chegava atrasado, sentava-se de cara fechada e, na cadeira, mastigando em silêncio o seu ódio com a carne e o pão que a cólera tornava amargos, não podia iludir seu imenso desejo de bater no pai, como este o fazia com frequência em sua escrivaninha, tocando uma marcha rápida contra a mesa, rachando-se contra a parede, as palavras pelo menos voavam como flechas. Mas se uma, atingindo a mãe ou o pai, parecia magoá-los, e eles a sofressem em silêncio, com uma ligeira palidez na mãe e no pai com um ar abatido que às vezes ocupava todo o rosto, então, como à vista do sangue na ferida, seu coração desfalecia às súbitas ondas da ternura comprimida que voltava a invadi-lo. Com a parede interna, frágil e transparente de seus olhos, contendo as lágrimas a custo, e a boca não podendo mais guardar os beijos que a enchiam, ele se levantava da cadeira e os depunha nas faces do pai, nas faces da mãe, como as próprias marcas de sua ternura.

III. A Escola de Ciências Políticas

“Se ele tem tendências literárias, que faça o seu curso de direito”, dissera ao sr. Santeuil, que lhe pedira orientações acerca do filho, um eminente professor de direito. Mas o que haviam julgado tendências literárias era coisa bem diversa, sem dúvida, pois o direito aborrecia Jean e ele foi reprovado no primeiro exame. Devido à intercessão da mãe, depois de se zangar, o pai lhe perguntou com doçura: — Enfim, gostas de quê? — Movido por essa bondade, Jean saltou ao pescoço do pai e, chorando, pediu para ir pensar no quarto. Não ousava mais dizer que gostava de letras pois lhe haviam citado grande número de magistrados e médicos que eram “espíritos literários”. E no entanto, quando tentara a medicina, e depois o direito, aborrecera-se mortalmente e suas “qualidades” não pareceram ajudá-lo de maneira nenhuma. Disse: — A filosofia. — O sr. Santeuil, desta vez, convidou o reitor para jantar. Este declarou que a medicina e o direito eram bastante áridos para um espírito literário, citou o exemplo de um escritor que fora reprovado num exame de direito. O que lhe parecia melhor era a diplomacia. Sabendo que Jean gostava de filosofia, recomendou-o a um professor da Escola de Ciências Políticas cujas aulas deveria frequentar.

No dia seguinte, Jean se apresentou na casa dele. — Estou certo de que nossas aulas lhe interessarão — disse-lhe o professor —, caso o senhor tenha espírito filosófico. Entre outros, temos aqui um espírito eminentemente filosófico, o sr. Ralph Savaie, da Academia de Ciências Morais. Não digo que ele não se perca muitas vezes na fantasia. Mas fantasia, filosofia, não é tudo a mesma coisa? Hoje a filosofia se resolve inteiramente na fisiologia e na geografia. — E olhou Jean com o canto do olho para ver o efeito dessa afirmativa destinada a lhe mostrar que não eram velhos idiotas na Escola de Ciências Políticas, e sim que sabiam a que se ater em matéria de

filosofia. — Leia, se quiser, antes de assistir às nossas aulas, a fim de se familiarizar com suas ideias, alguns dos livros de Savaie. Apesar de sua brilhante fachada metafísica, são mais sólidos do que aparentam. — Apresentou a Jean dois ou três volumes. Os títulos eram a um tempo tão vagamente gerais e tão restritamente precisos que, sentia-se, o objeto do estudo era igualmente impalpável e mesquinho: *O Sentimento do Infinito à Beira do Lago Tchade*, *O Impulso para o Melhor na Península Balcânica*.

— Um espírito talvez tão vasto é o sr. de la Selle-Moutier. Disseram-me que o senhor era um tanto imaginativo, e até místico. Meu Deus, a imaginação prevalece. Quando o senhor tiver a minha idade, vai se lembrar: verá que a par da poesia existe a prosa, e apesar de tudo, veja bem, sou um velho romântico impenitente. Pergunte a minha mulher — pois espero que nos dará o prazer de vir jantar conosco: ela lhe dirá que quando viajamos posso ser visto ainda com um Dumas Pai na mão, e além disso, veja só, gosto da juventude com seus excessos, suas loucuras, pouca, importa; nas quintas-feiras à tardinha, o senhor vai ver, só há jovens. Mas, enfim, se tem queda para o misticismo — na vida é um pouco necessário, mas não muito, como tudo aliás (Jean julgou-se no dever de sorrir) —, o senhor se interessará com certeza por sua aula sobre as reivindicações religiosas dos jovens tchecos. Não preciso lhe falar das aulas de meu mestre Boisset, cuja glória ultrapassou os limites desta escola. Todo rapaz que tem gosto pela literatura deve saber de cor sua *História da Unidade Alemã*. Além do mais, a linguagem é admirável, reli-o muitas vezes para meu prazer. É belo como um livro de Montesquieu. Nunca leu *Do Outro Lado dos Alpes*? Mas que é que lê, então, em matéria de literatura? Isso também é, e da melhor. Quanto a mim, julgo-o tão bom quanto o About. [\[40\]](#) — Jean balbuciou que lia Anatole France. — É um espírito amável, uma pena alerta e elegante — disse Boisard —, mas não um engenho à altura de Boisset, de sua envergadura; apenas encantador, eis tudo. E depois, não é viril, permita-me a comparação, tem mais nervos do que músculos. — Jean guardou silêncio. — Agora, ao lado deste há outras aulas, menos brilhantes sem dúvida, e mais terra-a-terra. Mas também mais práticas. Ora, o senhor só veio aqui para sonhar.

Jean estremeceu. No momento em que ia se despedir do sr. Boisard, entrou o sr. Ralph Savaie. Estava vermelho e disse: — Desculpe, Boisard, se o incomodo mas acabo de comprar uma gravura que representa o Verde Galante, não sei mais onde tenho a cabeça, desculpe mas, você sabe, para mim é uma grande emoção estética. — E se agitava. Boisard olhava Jean, rindo e como se lhe dissesse: “Vê o que acabei de lhe dizer? É um poeta esse aí.” E voltava a olhar Ralph Savaie com a admiração surpresa que lhe inspirava uma natureza tão diversa da sua, e a piedade zombeteira que se mescla sempre à simpatia, e até à admiração de um homem frio por um entusiasta. O sr. Ralph Savaie se desculpou por não ter visto Jean. Sempre afogueado, sempre exaltado, sempre entusiasmado, era sabido que ele não reconhecia ninguém, nunca chegava na hora, estava sempre com a gravata em desordem. Boisard ajeitou-a sorrindo, sacudindo a cabeça e dizendo: — Não conhecerei nunca outro como você. — Obrigado, meu amigo, obrigado, meu amigo — Savaie repetia com exagero, como no teatro. Depois começou a falar com ardor, sem parar, e como que sem ver os sorrisos que seu entusiasmo provocava nos admiradores que o convidavam frequentemente para jantar, para mostrá-lo àqueles que ainda o não conheciam: — Vamos puxar por uma de suas opiniões e quando ele começar, vocês vão ver, é extraordinário. — E, com efeito, ele seguia em frente. Olhavam-no como a um homem de talento que deslumbra, como a um histórico que desperta interesse, voltavam para casa enfeitiçados, sem saber se vinham da Sorbonne ou da Salpêtrière. Nesse instante, começava a discorrer bruscamente sobre uma ópera que vira na véspera à noite: — É verdade, é verdade, só digo isto: existe uma orquestração comandada com mão de obreiro com uma certa flauta, só digo isso. — “Uma orquestração comandada por mão de obreiro”, dizia Boisard consigo, “só ele é que pode encontrar palavras assim.”

Saiu como entrara, sem dizer adeus, continuando a falar, e Boisard disse a Jean: — Muito bem, que me diz disso? — Jean, com intenção de ser cortês e com um sorriso inteligente, respondeu: — Oh, é espantoso. — E isso que ouviu não é nada — disse Boisard —; ele tem sempre novidades a contar. E note que sob a

fantasia fascinante, e até paradoxal, da forma, a ideia é sempre adequada. Essa orquestração, *comandada por mão de obreiro*, a imagem é um pouco ousada, suponho, isso não se há de escrever, nem o senhor nem eu nos arriscaríamos sequer a dizê-lo nem, sejamos francos, teríamos achado essa expressão, mas veja bem como isso caracteriza às maravilhas a arte de alguns de nossos compositores modernos cujas obras-primas, com efeito, se assemelham às obras-primas que o modelo antigo estava encarregado de fornecer. — Jean mostrou, com um gesto de conhecedor, que não era insensível àquele ponto. — Sim, pode-se ter tanta imaginação quanto se queira — disse Boisard —, mas a exatidão do julgamento, veja bem, está toda aí — acrescentou mirando Jean com desconfiança e como se farejasse então, através do aroma da cortesia, que Jean não era dos seus. Depois disse: — Senhor, gostaria de lhe dizer que estou em casa às quintas-feiras à tarde. Espero que seja um de nossos fiéis: previno-o de que só há jovens. E, ora bolas, deixo-os livres para fazerem todas as besteiras que quiserem. Eles sabem qual é o seu trabalho, não se fazem de rogados. Toda quinta-feira é uma nova frivolidade que faz rir a todos; chamo a isso minha pequena turma. O senhor verá, embora eu seja velho, que eles não se acanham na minha presença. Consideram-me um deles. E não têm o menor respeito pela minha cabeça branca. Ah, diabos, há arrebatamentos, trocam-se murros por um quadro, por uma ópera adorada e que outro detesta.

IV. Os Guéraud-Houppin

À época do nascimento de Jean, o sr. Santeuil tinha uma irmã mais nova casada com um financista de nome Guéraud. Esse Guéraud, pouco depois da morte da mulher, ganhou fortuna imensa na exploração das estradas de ferro turcas, o que lhe permitiu casar-se novamente com a srta. Houppin, filha de Hector Houppin, um dos irmãos Houppin da alta finança parisiense, quase entre os maiores banqueiros, moça que em virtude de claudicar pronunciadamente ainda não obtivera marido. Desde então, mal via os Santeuil duas vezes ao ano, embora continuasse a tratar o sr. Santeuil por tu, assim como usamos sempre um relógio, presente de uma pessoa com quem não mantemos mais relações, e cujo nome nossos filhos ouvem talvez pela primeira vez quando perguntam quem no-lo deu. Os, Santeuil logo souberam pelos jornais que a srta. Guéraud-Houppin frequentava as rodas mais elegantes. A bem dizer, quando a sra. Marmet dava uma reunião dançante, apesar de não ter filhas para fazer dançar, a srta. Guéraud-Houppin não era dessas que o colunista notasse “por sua elegância e animação”, embora na realidade ela tivesse nessa noite, como em todas as outras, cativado os olhares e a simpatia não só dos rapazes mas das moças e até das mães que lhe perdoavam o eclipse das próprias filhas e não a acusavam de ter más intenções nem diziam: “Não é difícil ter sucesso com tais maneiras.” Mas a sra. Marmet preferia, na lista que enviava aos jornais, restringir-se às Srtas. de Fontanges, de Fontanet, de La Cour des Hardes, de Pistours, de Vollancelles, de Revailles. Mas aos poucos, como o nome do sr. Hanotaux conserva sua dignidade, sobressaindo até bem favoravelmente numa lista de diplomatas fidalgos, em casa de todas as damas de Thianges, de Tournefort, de Beyrinte, que não tinham, como a sra. Marmet, por que temer em sua lista o sabor picante de um nome burguês, e que assim faziam uma gentileza a essa jovem

tão simpática, o nome da srta. Guéraud-Houppin foi enviado aos jornais junto com os que acabamos de mencionar. E quando um jornalista precisava noticiar um baile na alta sociedade sobre o qual não tinha qualquer informação, depois de ter louvado a beleza da mansão, o luxo das flores, o estro da orquestra de Waldteuffel, a animação dos jantares em cada mesinha, a hora avançada em que se despediam, não sem antes prometer à sempre graciosa dona da casa dar prontamente seguimento a essa festa inesquecível (pois não existe arte, por humilde que seja, que não possua seus “lugares-comuns” e suas “generalidades”), o jornalista acrescentava que reconheceria as Srtas. de Vollancelles, de Revailles, de Pistours, Guéraud-Houppin, de Fontanet, de La Cour des Hardes, deixando para confessar no dia seguinte que uma dessas pessoas fora nomeada por engano, pois se achava de luto, longe de Paris, ou às portas da morte.

Mas apesar das abas de seu chapéu em tule cor-de-rosa, de sua graça ao dançar a pavana, dos cumprimentos dirigidos às damas idosas cheios de uma timidez bem artificial para se comportar e permanecer encantadora, a srta. Guéraud-Houppin não gostava da sociedade. E o mundo dos estudos, dos artistas, dos museus e dos cursos apresentava, para sua imaginação que nunca o experimentara, o mesmo atrativo que pode ter para o estudante que jamais se afastou de seus livros o mundo cintilante de velas, flores, joias, dançarinos de fraque e condessas de ombros nus. Com uma amiga de infância, a srta. Guersnet, que era feia, pobre e áspera, ela ia todas as manhãs ao Louvre e estudava metodicamente cada escola, de pintura. Lera num jornal que Jean Santeuil estava entre os convivas num jantar em casa de Alphonse Daudet, e lamentava que os pais não houvessem mantido relações com o jovem primo que conhecia artistas e homens de letras. Por seu turno, a sra. Santeuil, quando Jean começou a frequentar a sociedade, passou a desejar em silêncio que chegasse o dia em que o sr. e a sra. Guéraud-Houppin encontrassem Jean e vissem o filho do cunhado desdenhado numa posição social mais brilhante que a deles. Certa noite em que o sr., a sra. e a srta. Guéraud-Houppin jantavam em casa da baronesa de Vieuxbatour, o barão perguntou se sabiam

quem era um jovem Santeuil e teve a imprudência de não acrescentar que o vira em casa dos Réveillon. A este nome de Santeuil, o sr. e a sra. Guéraud-Houppin se mantiveram em silêncio. A srta. Guéraud-Houppin quis gritar: “Mas é o meu primo germano. Justamente ontem, estive com papai de visita à minha tia Santeuil.” Mas teve medo de desagradar ao pai. — E você, Guéraud, sabe quem é? — perguntou o barão. — Canteuil? — indagou o sr. Guéraud-Houppin, que parecia não poder guardar ao primeiro golpe um nome tão novo para ele. — Não, Santeuil — disse o barão —, com um s, como Saint-Croix. — Ah, Santeuil — retrucou o sr. Guéraud-Houppin. — Parece-me que já ouvi esse nome. Devo conhecê-lo. Mas não sei bem de quem se trata. — Por que nos pergunta isso, Antisthène? — indagou a baronesa. — Porque a duquesa de Réveillon me pediu licença para trazê-lo esta noite. — O sr. e a sra. Guéraud-Houppin tiveram um desejo violento de voltar imediatamente para casa. E a srta. Guéraud-Houppin olhava os pais com indignação e esse sentimento misterioso que sentimos toda vez que uma particularidade desconhecida da vida ou da alma que julgávamos conhecer nos é revelada de súbito.

Mas o sr. e a sra. Guéraud-Houppin não tiveram tempo de resolver pela fuga a difícil situação em que se haviam metido. De fato, estando a porta aberta, a duquesa de Réveillon entrou com Jean, e este, percebendo o tio, ia logo saudá-lo. Sentindo-se visto, o sr. Guéraud-Houppin voltou-se com vivacidade para o barão de Berlinges e lhe disse: — Ah, gostaria muito de conhecer sua opinião sobre a última peça. — De onde? — perguntou surpreso o barão, já que nunca ia ao teatro. — Ah, a última peça sim, quero dizer, insisto muito nisso, já lhe direi por quê — retrucou o sr. Guéraud-Houppin, que não sabia mais o que dizia. Pois era-lhe impossível fazer duas coisas ao mesmo tempo. E enquanto sua mente não cessava de se repetir: “Que atitude tomar? Como fazer? Devo fingir que não o conheço?”, sua língua era incapaz de dar seguimento ao discurso que só indiretamente exprimia os pensamentos que o agitavam nesse instante. Mas nossos interlocutores prestam ao que dizemos uma atenção tão distraída ou indiferente, que nos acham distraídos quando estamos prestando toda a atenção, e as expressões

fisionômicas, as gafes, os equívocos que julgamos mais evidentes passam quase sempre despercebidos. E o barão lhe disse com ternura: — Seja como for, estou bastante satisfeito de que queira... — Mas a palavra ainda não fora pronunciada quando o sr. Guéraud-Houppin, sem respeito à cortesia, dirigiu ao barão, virando o rosto contra o dele, e sem tomar fôlego, um discurso interminável e inteiramente fora de juízo, num tom veemente. É que, inclinado à sua frente, Jean vinha dar-lhe bom-dia. E desse modo, fingindo estar absorvido pelos mais graves interesses, o sr. Guéraud-Houppin pôde estender a mão a Jean sem parecer vê-lo e sem ser obrigado a lhe dirigir a palavra. Jean dissera: — Bom dia, meu tio. — Mas como esse apelativo parecia absurdo ao espírito do barão, este o rejeitou logo, seja por julgar ter ouvido mal, seja por situá-lo como esses fatos em excessivo desacordo com a realidade para poderem ser admitidos e que são rejeitados de imediato como alucinação ou estranheza que é melhor não levar em conta. No que diz respeito ao nosso conhecimento, tais coisas são e não são ditas. São como certas frases que uma personagem pronuncia numa peça. A outra as ouve, visto que faz um gesto. Mas a primeira se recupera ou, escondida por detrás de um móvel, faz crer que não se acha lá. E a outra personagem recomeça a falar sem que a fala insólita que ouviu pareça absolutamente ficar em seu espírito como um motivo de inquietação, curiosidade ou dúvida.

Talvez espantasse ainda mais ver o barão, a quem o sr. Guéraud-Houppin, querendo dar a impressão de só ter dado bom-dia ao sobrinho sob o domínio de uma preocupação que lhe explicasse de que maneira, conhecendo-o bem, pudera dar-lhe um bom-dia com tamanha frieza, e aos outros como lhe pudera dar bom-dia não o conhecendo, manteve com vivacidade um discurso incoerente e muito longo, acenar simplesmente com a cabeça sem pedir qualquer explicação e sem parecer nada surpreso. — “O senhor pretende pintar-nos a vida, me dirão, e é cada vez mais a uma peça que nos faz assistir. Como o barão não se surpreende com essas palavras incoerentes? Mas então é uma personagem grotesca e destituída de verossimilhança.” Caro leitor, nunca lhe aconteceu então não compreender o que lhe diz um senhor que está a seu

lado na mesa? Então dirá consigo: Isto deve esconder algum acontecimento que se passa a meu lado neste instante. Pelo contrário, estou certo de que, se o senhor é gentil, deve ter assinalado o final da frase com uma concordância simpática e interessada. O barão de Berlinges — que lamento não poder fazer com que o conheçam mais, pois não aparecerá novamente no curso desta história pela boa razão de que, apesar de nessa noite sua fisionomia rosada, suas boas pernas curtas e seu ventre rotundo não traírem uma tão trágica iminência, morreu pouco tempo depois desse jantar, de sorte que os diversos convivas puderam dizer quando se falava de sua morte: “Dizer que há menos de oito dias eu jantava ainda com ele. Estava alegre como sempre. Jogou sua partida como de costume...” “Não sou de sua opinião”, interrompeu uma velha senhora; “há já algum tempo notava-lhe o aspecto bem cansado. Era raro que não dormisse após o jantar” —, o barão de Berlinges, digo, considerava a conversação como certos jogadores inexperientes ou incapazes de reflexão consideram as damas, como um jogo em que o lance do adversário é ocasião de colocar seu peão, mas sem dedicar ao próprio lance do adversário os cálculos que desvelem seu pensamento íntimo, seu desígnio. Assim, desde que a frase de um velho tagarela ou de um jovem confuso se tornava um pouco mais comprida e não lhe parecia fornecer a matéria de uma resposta fácil, ele cessava de se interessar por ela e mirava a fumaça do cigarro ou a ponta dos sapatos. Acrescente-se a isso o fato de que, não sendo igualmente instruído sobre todos os assuntos, por exemplo, sobre a música, sobre o espírito etc., faziam com frequência diante dele alusão a certa particularidade da vida de Mozart, ou um gracejo cujo alcance ele não compreendia. Mas achando inútil dá-lo a perceber, ele nunca pedia explicações. De modo que, se algum fumante, ao ouvi-lo afirmar que só fumava cigarros feitos a mão, lhe perguntasse: — É como uma recordação de Tristão e Isolda? —, não sendo bastante arguto para decidir arbitrariamente entre uma resposta afirmativa e uma negativa, contentava-se em sorrir, mostrando dessa maneira que nada perdera do gracejo. É necessário dizer que, com humildade risonha, acreditava facilmente que tudo aquilo que não compreendia fosse

um gracejo, de modo que, se alguém lhe explicasse um caso grave de maneira que lhe fosse ininteligível, achava logo tratar-se de uma pilhéria e, demasiado cortês para dar a entender que a não apreciava, respondia com um sorriso que exasperava o interlocutor, nisso imitando esses estrangeiros que, ao ouvirem uma peça de Molière ou de Musset, ficam o tempo todo com um sorriso na boca, de medo que um desses inumeráveis chistes que fervilham sem dúvida no diálogo pudesse dar a impressão de lhes haver escapado. Mas semelhantes equívocos não ocorriam ainda com muita frequência ao barão de Berlinges, pois, à maneira dos surdos para quem as palavras pronunciadas se perdem mas que seguem a conversação com os olhos fixos na boca do interlocutor, o barão de Berlinges, logo que começavam a falar de um modo geral, isto é, desde que ele deixava de escutar, não mais perdia de vista a pessoa que falava, de modo a ver a expressão grave ou risonha dos olhos que o advertia se as palavras cujo sentido lhe escapava deviam ser tomadas a sério ou como uma graça. Daí talvez proviesse o seu ódio aos sonsos, pessoas a quem considerava, de alguma forma, como traidoras do jogo da conversação, fazendo sempre algo que estava fora das regras.

Depois dessas explicações talvez o leitor não se espante mais de ver o barão de Berlinges ouvir sem franzir o cenho a narrativa incoerente do sr. Guéraud-Houppin, soprando para o teto a fumaça de seu cigarro. Desta vez, diante do aspecto perturbado do sr. Guéraud, não se tratava certamente de um gracejo, e, quando a frase terminou, ele o olhou com ar tranquilo, sem responder, com esse aspecto que tinha quando lhe expunham um caso de honra e do qual não fora ainda posto ao corrente. Depois, vendo que o sr. Guéraud-Houppin não voltava em seguida a falar, dirigiu-se ao cinzeiro onde deixou cair a cinza do cigarro para lhe dar mais tempo. Vagamente supunha que Guéraud-Houppin devia ter dinheiro, ou talvez estivesse de olho numa atriz do teatro, e sobre cujo sucesso parecia querer interrogá-lo. Mas esperava tranquilamente que essa hipótese viesse a se esclarecer, e preferia não pensar nela. Vendo que Guéraud-Houppin decididamente não lhe dizia mais coisa alguma, propôs-se a ir conversar um pouco com

a duquesa de Réveillon. Mas, acima de tudo, temia que Guéraud-Houppin acreditasse que, nessa circunstância provavelmente difícil, ele se esquivasse sem lhe dar sua opinião. Assim: — Vejamos, vou cumprimentar a duquesa de Réveillon —, disse-lhe como que prevenindo-o. E acrescentou, para provar suas boas intenções: — Venha almoçar comigo um dia destes no Grêmio. — Depois afastou-se e fez de longe à duquesa acenos que se destinavam a pintar com ênfase brincalhona sua admiração por seu vestido novo.

V. O salão da senhora de Réveillon

Quando Jean vinha jantar no recesso da casa dos Réveillon, era bem raro que não encontrasse a marquesa de Tournefort, o conde de Thianges e Bonami, o velho amigo do duque, o vice-presidente do grêmio, Jacques Bonami, aquele a quem chamavam Talondebois. [\[41\]](#) Perdera o pé esquerdo na caça. E o duque de Réveillon afirmava tê-lo conhecido antes que ele usasse o elegante pé de madeira que explicava seu apelido, e, podemos acrescentar, sua fama. Dera-lhe, em primeiro lugar, uma identidade mundana, elemento inicial indispensável para a formação de uma “personalidade”. A um Bonami provido dos dois pés, longos anos teriam sido gastos, durante os quais a pessoa prestes a inscrever seu nome na lista das pessoas da sociedade teria sido inutilmente informada: “Jantei com um sr. Bonami; quem é? — Ah, sim, não será Georges Bonami? — Ah, não sei se se chama Georges; um louro. — Talvez, não sei se é este.” E o nome pronto para ser acolhido pela memória aberta seria, como os destroços escorregadios que nenhum gancho pode sustentar, enviado pelo refluxo da dúvida para o mar do desconhecido, sujeito a redemoinhos sem conta. Bonami não teve de passar por esse estágio: Se chegavam a hesitar um momento: “Jacques Bonami. — Não sei se se chama Jacques. — Enfim, Talondebois, um sujeito que tem um pé de madeira? — Sim, ah, é isso. — Sim, é Jacques Bonami, um grande amigo dos Réveillon etc.”

Mas isso não é tudo. Sendo Bonami um belo homem, tendo, acima de tudo, aquilo que se denomina distinção e na qual um passo arrastado (causado aqui pelo pé de madeira) pode entrar como um elemento importante — seu leve claudicar, seu galante pé de madeira não afastaram a simpatia das mulheres, e, não a tendo afastado, retiveram-na à semelhança de um leve estrabismo, de um monóculo bem posto, que apresentam algo de particular que a

beleza de um olho claro e de um olhar franco não contêm. Ter uma fisionomia diferente, não ser como todo mundo, confere um prestígio incontestável, e o amor vive de prestígios. Ter um pé de madeira sob uma calça irreprochável, numa botina envernizada, e não trair sua presença a não ser por um andar cuja irregularidade mais parece elegância e a preguiça de um refinamento, é ser mais do que distinto, é ter um vício quase, um vício que dá a impressão de prometer à mulher feliz, que iria até o âmago desse homem, carícias cuja lentidão brutal e recursos artificiais pessoa alguma nunca imaginaria. Por isso, era preciso ver na sociedade, quando, falando de Bonami, uma mulher dizia: — Não posso entender como uma mulher ame um homem que tem um pé de pau —, o desprezo que tal modo de ver inspirava às jovens elegantes que achavam que ninguém possuía “tanta distinção como ele”, e que não o julgariam tão atraente se tivesse os dois pés, assim como todo amador apaixonado pelo talento de Sarah Bernhardt sentiria diminuir sua paixão no dia em que, mesmo que continuasse grande artista, Sarah Bernhardt já não falasse mais com os dentes cerrados, sempre rindo, bem depressa, sem que se entenda bem o que diz. As mulheres de opinião contrária continuavam a achar algo de antinatural em amar um homem com pé de madeira. Assim, ouve-se um cavaleiro trocar de um amigo que vendeu a carruagem e o cavalo para comprar um automóvel, que não é tão rápido, é menos cômodo e mais feio.

Bonami fora casado por alguns anos e, depois do primeiro ano de casada, a sra. Bonami, uma sobrinha do duque de Réveillon que por ele se apaixonara, pareceu não mais suportar, como todas as moças que o viam chegar bamboleando às corridas de cavalos, o charme estudado de seus passos. Pois as coisas perdem, pouco a pouco, para nós, o singular atrativo que possuíam, e afinal de contas não há homem que continue sendo chique diante de sua mulher que vê seus abscessos, seu medo de chegar atrasado e a tintura com que pela manhã rejuvenesce os cabelos embranquecidos. Com a morte da mulher, Bonami passou a fazer todas as refeições no grêmio ou na casa de alguns amigos íntimos como os Réveillon. Desde a primeira noite foi apresentado a Jean.

Em qualquer outra circunstância, teria censurado vivamente o duque de Réveillon por admitir em sua intimidade um plebeu como ele próprio, Bonami. Gostamos muito que um ministro nos condecobre, mesmo se não temos título algum para tal; mas, depois disso, se ele condecora outras pessoas que não têm título algum, desejaríamos interrompê-lo e impedi-lo de diminuir loucamente, por esse ato, o valor daquilo que nos concedeu. Bonami era assim muito cioso dessa máxima que o fazia ver, constantemente, que há pessoas que os homens de certa classe podem conhecer, mas outras que é preciso saber evitar frequentar, e que esse é um dos deveres de sua classe. Dizia com frequência ao duque de Breuvas, muito inclinado a convidar geógrafos, pois gostava de viagens: — Por que se interessa em ver o sr. Fulano? Não há motivo para isso. Não é ninguém para o senhor. Quem iria recebê-lo em sua comitiva? — Mas Bonami não viu nenhum inconveniente em que o duque de Réveillon, cuja simplicidade admirava, tanto mais que nunca fora divulgada — pelo menos na escolha de suas amizades —, e sua esposa escolhessem um companheiro estudioso e obscuro para o filho. Aceitou essa derrogação inteligente e excepcional com um sorriso, mostrando-se contente com ela, quase consigo mesmo, como se no fato de que o duque não impusesse ao filho um amigo titulado houvesse de sua parte para com ele, Bonami, velho amigo da família e da estirpe do duque, uma espécie de condescendência. Além do mais, Bonami nem sempre era benevolente ao falar dos Réveillon e assegurava sua independência e dignidade aos olhos do mundo, pois poderiam julgá-las comprometidas por sua bem conhecida servidão a essa família, não lhes poupando críticas. Já vejo o leitor generoso e indiscreto — achando o duque de Réveillon bem mais simpático do que Bonami e se espantando de que o possa ter tido como amigo — que se indigna agora com a falsidade de Bonami e tem vontade de ir contar tudo ao duque e abrir os olhos dessa família tão crédula a respeito daquele que assim abusa de sua generosidade. Talvez o leitor mal-educado que se dedicasse a essa operação por amor à justiça, obtendo tão pouco sucesso quanto um filantropo que quer proteger uma mulher contra o marido que a surra ou uma região contra um deputado que a explora,

ficasse bem espantado ao ver que o duque sabia, se não exatamente tudo quando lhe contasse, pelo menos coisas semelhantes, e que se lhe viesse acontecer um acesso de mau humor seria antes contra o delator indiscreto em vez de Bonami? Reportemo-nos, pois, à obstinação dos Réveillon em estimar Bonami apesar de tudo, e suponhamos que ele deva ter qualidades que, por estarem bem na ordem do dia, puxando aristocraticamente da perna, revestindo-se com o aspecto irritante do esnobismo, da malquerença e da baixeza, são entretanto raras qualidades humanas que, sob tantas aparências desagradáveis, os senhores não puderam perceber, mas cuja essência preciosa o duque conhecia bem por tê-la encontrado, em tal ou qual circunstância que desconhecemos, em toda a sua pureza.

* * *

O duque de Réveillon falava pouco em sociedade. E mesmo falando repetia de preferência uma dessas banalidades, um desses lugares-comuns, como um uso a que nos conformamos e que não podia passar como a expressão individual de seu pensamento particular. Talvez, por se encontrar na sociedade, cada vez mais, com pessoas com quem achava não poder relacionar-se intimamente, buscasse mostrar que só cumpria uma simples formalidade e não queria fazer crer que deixava essas pessoas desconhecidas penetrarem, não em sua casa, é claro — quem captaria seu pensamento? —, mas em sua opinião, em um de seus gostos, em nada que lhe dissesse respeito. Se tinham a imprudência de lhe perguntar: gosta *desta* música?, não só ficava desconfiado como assumia o ar frio que temos para com uma pessoa que toma liberdades, que deseja a todo custo penetrar em nossa intimidade. Se indagassem: — Como vai? — e isto fosse uma simples fórmula, ele respondia: — O senhor é muito amável, sou-lhe grato. — Mas se se mostrasse cansado, e o senhor lhe perguntasse com interesse: — Como vai, sr. duque? — e ele não quisesse todavia ser desatencioso, respondia com vivacidade a fim de

encerrar o assunto e fazê-lo renunciar de vez a esse projeto fatal de personalidade: — Bela reunião; estou encantado em vê-lo.

Nesse sentido tudo o inquietava, e como sua bonomia se apavorava à ideia de ter de proceder com crueldade, chegava às vezes a enrubescer como uma mulher honesta a uma palavra mais forte de um homem que a obriga assim a não mais lhe dar bom-dia. Por esse primeiro motivo, ele evitava então pronunciar uma palavra que, espirituosa, imaginativa, sensível ou simplesmente pessoal, pudesse dar a impressão de revelar algo seu, as transações da vida mundana nos tendo posto no seu caminho, como um fornecedor a quem pagamos na mesma moeda mas com o qual não trocamos presentes. A outra razão, sem dúvida, era que, à maneira dos chefes de Estado em suas alocuções, ele imaginava que sua menor palavra era esperada, ouvida e comentada. Mas precisamente porque nenhuma de suas palavras era pronunciada senão deliberadamente, ganhavam logo toda a força de um verdadeiro ato e criavam situações novas. Se o imperador da Rússia, dirigindo-se à França, serve-se do adjetivo “aliado” ao invés do adjetivo “amigo”, no dia seguinte a França, pelos milhões de vozes indistintas das conversas e pelas vozes nítidas a vários milhares de léguas dos grandes jornais diz: — Na próxima guerra a Rússia mandará cinco milhões de homens em socorro da França. — Basta uma palavra dita a outro homem pelo duque de Réveillon, e na mesma noite aquele diante de quem o duque se dignara deixá-la cair se alegrava pensando que seria convidado ao baile de Réveillon com a mulher e a filha. Por isso cada peça oratória da eloquência mais terra-a-terra — de onde seria erro concluir que fosse do tipo mais familiar —, que se denomina conversação mundana, era notável se partisse do duque de Réveillon, se não pelo conteúdo das ideias ou até pelas próprias frases ou pela forma que não lhe pertencia, ao menos pela forma como, qual um músico hábil que emprega aqui uma nota e adiante uma outra, ele sabia matizá-la de nuances infinitas. E a compilação delas que um dia será devida talvez menos à memória irritada daqueles para quem foram pronunciadas do que à malignidade dos que a elas assistiram faria talvez mudar de opinião as pessoas ditas “inteligentes” que o julgavam um imbecil. Ninguém

o superava na última versão com que se enfeitava um tema consagrado, destruindo todas as esperanças que o começo do trecho tinha feito nascer. Com ele estavam como na música, em que se tem de esperar o acorde para saber em que tom se está. Muitas vezes, um banqueiro que ele encontrava constantemente em Paris e com o qual não tinha relações, e que na estação de águas jogara com ele todas as noites, rejubilara-se ao ouvi-lo dizer, no dia da partida: “Fiquei encantado em encontrá-lo, graças ao senhor tive uma temporada agradabilíssima. Espero ter o prazer...” — “de vê-lo em Paris em minha casa”, terminava mentalmente o feliz banqueiro que se achava certo de sua façanha. Mas esse texto número um era substituído por esse texto número quatro que ele escutava aterrado como se fosse uma condenação inapelável “de voltar a encontrá-lo aqui no ano que vem”. O que significava que, quanto a Paris, nada feito. Dissemos fórmula número quatro porque havia uma fórmula número dois que comportava igualmente, com o mesmo início: “em Paris”, o que valia mais que “na estação de águas” porém menos do que “em minha casa”, e uma fórmula número três “Espero voltar a vê-lo”, sem deixar nada especificado nem nada irrevogável como “nos reencontrarmos aqui” e abrindo caminho aos estados opostos de alma, uma doce esperança entre os otimistas e, entre os pessimistas, uma inquietação que o acontecimento, é bom que se diga, vinha frequentemente justificar. Quanto aos ingênuos, os que o eram em demasia, não tinham a audácia de responder: “Com toda a certeza irei vê-lo”, pois a fisionomia do duque de Réveillon era eloquente, sendo possível de qualquer modo ler nela o que teria respondido em diversos casos. No caso presente, ouvia-se de antemão o glacial: “É muito amável”, seguido da brusca supressão do aperto de mão que dissuadiria para sempre o infeliz de dar seguimento a um projeto tão insensato.

As últimas palavras eram, assim, aguardadas com a mais legítima impaciência como as que poderiam alterar todo o sentido das que já tinham sido pronunciadas. Assim, nessas mesmas cidades balneárias onde havia palavras de adeus que faziam nascer tantas esperanças e causavam muitas vezes tantas decepções, existia o discurso de boas-vindas quando o encontravam pela primeira vez e

— é claro — quando ele os encontrava depois de muito tempo em Paris sem manter relações. Era frequentemente amável por vários minutos seguidos. Então pensava-se: “Com certeza, já que ele se aborrece, vai me dizer para ir vê-lo. Para o palácio, isso me convém.” Enfim, chegava o final do discurso. “Muito bem, até logo, espero que não terminemos aqui” (sorriso de agradecimento bem próximo. “Mas a que horas o senhor está em casa?”) e que eu ainda tenha o prazer (ainda! que significa isto?) de *encontrá-lo*.” Quer dizer: “Não se atreva a vir à minha casa.” Visto que era muito amável nesse caso, cada vez que o encontravam diziam: “Aos olhos dos criados do palácio, está tudo bem. Acham que não vou vê-lo porque isso me enfada (que ilusão!).” Mas o olhar do polido e impassível Francis causava alguma inquietação. O diabo do homem, seja porque o patrão lhe diz que isso não é nada, isto aqui vale alguma coisa (não tão cruamente, mas com um determinado tom, talvez com o mesmo procedimento assinalado acima), seja porque adivinhe tudo isso a partir de tantos indícios, deve saber que me encontra aqui mas não me recebe. E um criado, mesmo sendo de um duque, é exatamente igual aos outros. Despreza os patrões deles, mas não a eles. E então, desde o primeiro dia, eles devem lhe ter dito: “Olha, ele conhece o seu patrão” e então: “Oh, ele conhece... Ele não vem à nossa casa, mesmo aqui.” Enfim, essa suspensão pode transformar-se num convite para vir vê-lo. As pessoas contam com a partida dos amigos, os dias de chuva. Gostariam de forçá-lo a capitular pelo isolamento, pela fome. Iam ao ponto de insinuar que não estariam em Paris no inverno seguinte. E no inverno seguinte ele muitas vezes se mostrava mais amável quando tornasse a encontrá-los, conversava muito com eles nos saraus. No fim de uma conversa em que tinham conseguido interessá-lo, e à qual parecera entregar-se, diziam, pensando na visita ao palácio Réveillon: “Será desta vez?” E com um tom afetuoso que não lhe era habitual, o duque lhes dizia “Adeus, tive muito prazer em conversar com os senhores, ficarei encantado em tornar a vê-los... *aqui*.”

Quando Jean vinha ver Henri antes do jantar, velhos landaus brasonados com oito molas, cupês bem novos com armas minúsculas como num papel de carta da moda, e uma carruagem da Companhia, estacionando uns diante dos outros, alongavam-se à frente das mansões vizinhas como se elas esperassem visitantes. Sobre uma parte da boleia dos landaus erguia-se o cocheiro. A outra, momentaneamente privada do criado de libré, permanecia vazia como um pedestal à espera de estátua. O interior dos cupês, provido de um pêndulo, lápis, balões de borracha, era estreito e complicado como um aparelho, estofado, artificial e suave como uma caixa de boneca. Da janela do quarto de Henri, Jean via por um momento um criado de libré aparecer à porta, uma carruagem deixar a fila, aproximar-se um pouco, e, passando por entre as cabeças dos cavalos, uma dama subir à viatura arregaçando o vestido, examinar seu caderno de visitas, dar ordens ao lacaios que, tornando a alcançar o carro já em movimento, sentava-se na boleia ao lado do cocheiro. Depois uma nova carruagem chegava, a fila estava muito comprida e o criado de libré corria até o porteiro, voltava correndo sempre, abria a portinhola e às vezes a dama, erguendo a cabeça, vislumbrava Jean, tomava-o por Henri e lhe acenava com a mão. Muitas vezes uma dama que entrava, na calçada, antes de chegar à porta, no caminho das carruagens, encontrava uma outra que saía e as duas, como após uma alusão espirituosa, trocavam de longe, rindo, um sinal de entendimento. Às vezes duas damas desciam de uma carruagem e voltavam a subir logo, fazendo suas visitas juntas, e antes que a carruagem saísse, com o lacaios à espera ao lado da portinhola, consultavam-se durante longo tempo antes de se decidirem. Muitas vezes, também, um senhor de luvas brancas acompanhava uma dama até a carruagem e subia com ela. Algumas carruagens, tão logo a dona descia, iam-se embora a largo trote para que o cavalo não ficasse com frio e passavam de vez em quando diante da porta a fim de que a dona não ficasse esperando.

Como a duquesa convidasse Jean para jantar várias vezes por semana, ele às vezes entrava para lhe fazer uma visita. Entravam

damas, despiam-se das peles, falavam do frio, achegavam-se ao fogo, diminuíam-no ao máximo, admiravam a mesa posta, diziam-se tentadas, deixavam que lhes trouxesse uma taça de chá um senhor que se assentava num tamborete ao lado delas, ou, dizendo preferirem elas próprias escolher um bolinho, descalçavam as luvas, desculpavam-se por fazer uma verdadeira refeição, agradeciam ao criado que anunciava a chegada da sua carruagem, e, voltando a encontrar na saleta uma amiga que entrava, ficavam por vezes dez minutos com ela, como para um conciliábulo, saudadas por um senhor que, entrando no salão, anunciava que as havia encontrado. E logo a dama anunciada entrava. — Sei que encontrou Marthe, que acaba de sair — dizia a duquesa sorrindo como se descobrisse um complô. A outra se espantava: — Como pôde saber? — O delator ria e ela compreendia logo e todos se divertiam muito por tê-la intrigado. Mas em geral, se ela ficava para trás era para falar de uma amiga doente da qual não tinha notícias. No mesmo instante, como num balé, todas as mulheres, mesmo aquelas que não sabiam do que se tratava, faziam cara triste; e se uma delas se aborrecia, levantava-se com ar envergonhado como se isso fosse um pecado, “arrastando” uma amiga que trouxera consigo, já que a outra não tinha carruagem.

Jean ficava num canto com Henri, de medo que a duquesa o apresentasse, que tivesse de conversar, de servir o chá. Mas quando vinha jantar era preciso que fosse apresentado aos amigos da duquesa. Vários deles o convidaram, e em suas residências ele conheceu outras pessoas. Então, sentiu-se obrigado a algumas visitas. Muitas vezes, para grande espanto de Jean, uma dama a quem o apresentavam dizia ter ouvido falar dele. — O senhor jantou a semana passada em casa dos Réveillon, não é? Estava ao lado de minha amiga S., a quem agradou muito. O senhor seu pai é diretor no ministério do Interior. — Jean não podia imaginar como tinham chegado a falar dele, uma conversa da qual ele fosse o assunto e que pessoas que não conheciam estivessem a par do que dissera em casa da duquesa, ainda que às vezes as coisas

permaneçam ignoradas dos que parecem dever conhecê-las primeiro e que ele poderia ficar doente durante um mês sem que sua tia Desroches o tivesse sabido. Assim passamos a noite no mesmo teatro de um amigo, num camarote vizinho, sem o saber, e o passeio dado à meia-noite no Bois de Boulogne onde não víamos viva alma, visto por acaso por um inglês de passagem, contado por ele em sua volta para Londres diante de um alemão que não vemos há dez anos, vai permitir que este nos deixe intrigados em sua primeira visita à França.

* * *

Embora mostrasse queda apenas para a pintura, achavam-no um artista, não por causa de suas tendências e sim porque se dava com Victor Hugo, Leconte de Lisle e Saint-Saëns, por causa do ar tímido, por ter olhos grandes e porque, não tendo nascido na sociedade, era nela recebido de uma forma que testemunhava, entre os maiores, a intenção de que assim fosse. Assim, quando respondia não ter ainda produzido coisa alguma àqueles que lhe perguntavam em que trabalhava “no momento”, seja por julgarem-no modesto, seja por acreditarem-no por demais absorto em preparar-se para um exame, admiravam sua simplicidade, maldiziam os estudos. Se no primeiro dia o davam como artista, no segundo concediam-lhe talento. “Parece que é muito talentoso. A duquesa de Réveillon o protege tanto! Esse aí vai vencer na vida, é claro!” Acreditavam interessá-lo mais convidando-o na companhia de homens do bairro Saint-Germain que cultivassem a literatura, ou das mulheres que aí conhecessem um homem de letras. E a sra. de Lavardin ficou espantada ao saber que ele não conhecia Léon de Tinseau. Ela refletiu um momento e lhe disse: — Vou tratar de apresentá-lo; tomara que lhe dê conselhos. É uma pessoa tão simples. — E o interrogou sobre Anatole France, sobre Marcel Prévost. Para ela, como para toda a sua classe, um homem de letras era alguém que não dizia coisa alguma em sociedade, mas era atraente “na intimidade, ao pé da lareira”. “Assim, minha cara, Céline Hacqueville teve a presença de Dumas num grande jantar com os príncipes. Ele

não abriu a boca durante o jantar. Mas à meia-noite, quando todos foram embora e só restavam os íntimos, pôs-se a falar sem parar. Asseguro que eu não me aborrecia. Isso não quer dizer nada, Céline estava bem aborrecida porque afinal o jantar era em homenagem a ele. Mas também, ela não quis me escutar. Eu a havia prevenido. Mas ela não sabe o que é receber esse tipo de gente. Não é preciso que sejam mais de quatro.”

Achavam Jean atraente e ele ficava feliz com isso, sem se envaidecer, pois via muitos imbecis admirados e todas as palavras sensatas que proferia caírem no vazio. Muitas vezes, porém, a uma frase qualquer, soltavam um grito de surpresa. Ele sentia-se verdadeiramente envergonhado, o que atribuíam à sua modéstia. Um dia, num jantar em casa da sra. de Thianges, pessoa excelente e limitada, a srta. Nora de Ziewitch, que, para aquela senhora era a mulher mais inteligente do mundo, quase um gênio, falou a Jean sobre a marquesa de Lavardin. Como Jean não soubesse se se tratava daquela que conhecia, indagou: — É aquela de cabelos cor de palha? [\[42\]](#) — Ah, que engraçado — gritou a srta. de Ziewitch —, mulherona [\[43\]](#) é maravilhoso. — Todos riram por muito tempo, sem ouvir os protestos de Jean. Quando se levantaram da mesa, a sra. de Thianges, que não escutara, mas que, certa da aprovação da difícil srta. de Ziewitch, sentia que ela o julgava um dos homens mais espirituosos de Paris, convidou Jean para jantar nas duas terças-feiras seguintes e aproveitou a ocasião para saber a palavra que ele dissera. — Ah, é formidável o que o senhor disse. Como foi mesmo? Ela tem os cabelos... — Meu Deus, minha senhora — disse Jean confuso —, juro que não pensei em ser engraçado, disse apenas que os cabelos dela eram cor de palha. *[filasse]*. Estou desolado. — *Fillasse* — disse a sra. de Thianges torcendo-se de riso. — Ah, é forte, mas bem engraçado! — É a senhora quem lhe atribui espírito agora — disse Jean, aludindo à duplicação do *l*. — Não, não, não seja modesto — exclamou a sra. de Thianges, que não atendia a nada —, é maravilhoso, Nora o disse — aduziu ela ingenuamente e deixando claro o seu critério para avaliar o espírito alheio. Depois de tudo, disse Jean consigo, já que Nora o disse e que isso lhes basta, não vale a pena eu me aborrecer. Entretanto, é

irritante que eles me achem tão inteligente quanto o sr. de Bellièvre quando de fato o sou mil vezes mais. É verdade que, se me vissem como sou, me achariam talvez idiota. “*Filasse*” foi contado de novo durante oito horas com a palavra maravilhosa do sr. de Bellièvre, que respondera ao anúncio de uma reunião em que o sr. Faure oferecera a presidência do Conselho ao sr. Bourgeois: — No entanto, não é bastante forte —, como duas peças encantadoras que vão a cartaz ao mesmo tempo.

* * *

Em casa da princesa de Lunéville, que “não sabia manter-se em seu lugar”, Jean encontrou a sra. Marmet, que o chamou de Jean. A duquesa de La Tour Acquevive, cujo salão era um dos mais fechados de Paris, lá se achava, e a sra. Marmet a examinava com uma atenção que traía sua inveja, mas também com uma espécie de altivez destinada a mostrar à duquesa que ela não era dessas mulheres que se apresentam bruscamente às duquesas, uma esnobe, e sim que era reservada e digna. É claro que se os olhares tinham a propriedade de absorver um pouco da substância sobre a qual se fixam com intensidade, há já dez anos que a sra. Marmet encontrava a duquesa sem ter achado um meio de lhe ser apresentada, poder-se-ia crer que fora sua contemplação ardorosa e impotente que reduzira a duquesa a esse esqueleto encarquilhado e poeirento que debaixo de um velho manto de lã negra ela ofertava à meditação dos esnobes, opondo sua grandeza imaterial à humildade de sua carne e a aparência enfezada desse despojo pouco apetecível à impossibilidade de obtê-lo. Mas não ousando dirigir-lhe a palavra, a sra. Marmet aproveitava-se dos incidentes e já que falavam com a duquesa a propósito de seus filhos e ela dizia modestamente que eles ainda não tinham tirado boas notas no colégio, a sra. Marmet, sem olhar a duquesa, disse claramente à sua vizinha: — No entanto ouvi dizer, pelo professor do meu filho, e por todos, que os filhos da duquesa eram pequenos gênios. — A duquesa sorriu de um jeito que poderia fazer rezear que estivesse a ponto de vomitar. A sra. Marmet se ergueu, fez uma profunda

reverência e tornou a sentar-se. E foi tudo. De outra vez, como Jean estivesse ao mesmo tempo que a sra. Marmet na casa da sra. de Lavardin, a sra. de Thianges entrou dizendo: — Venho da casa de Louise de Zietwitch. — Havia muita gente da sociedade? — perguntou a sra. de Lavardin. — Não. Ninguém da alta-roda. Marie Sosthènes estava chegando quando saí. — A sra. Marmet se ergueu como eletrizada pelo anúncio de uma vitória, pois sabia que essa a quem os amigos chamavam Marie Sosthêaes era a duquesa de Doudeauville e que a srta. de Zietwitch tinha sempre o costume de apresentar todo o mundo. Disse adeus com vivacidade. Infelizmente, sua carruagem que ignorava que a duquesa de Doudeauville iria à casa da srta. de Zietwitch e que a sra. de Thianges viria dizê-lo diante da sra. Marmet, fazendo assim o papel do vento que leva o pólen do plátano macho ao ovário dos plátanos fêmeas, não chegara ainda. Teve de esperar no fim da escadaria, imaginando o tempo todo que aguardava tudo o que lhe faltava. Por fim, no momento em que a carruagem apareceu, cruzou no pátio com outra; era a da duquesa de Doudeauville, que, deixando a srta. de Zietwitch, se fizera conduzir à casa da sra. de Lavardin. Nesse dia a sra. Marmet despediu o cocheiro e se deitou com um acesso de febre que durou vários dias.

* * *

Nascida Thierry-Montespan, prima dos Croquemottes, dos Puysalé, dos La Tour-Espivette, a sra. de Thianges, também amiga da duquesa de Réveillon e dos Escouflac-Le Gorne (brigados com os Réveillon), dos Porbois e dos Sévinelles (brigados com os Porbois), a sra. de Thianges era igualmente bem-nascida, bem aparentada, de tão boa posição social como qualquer um. Mas se nossos defeitos nos parecem menos graves que os dos outros, nossos privilégios nos parecem, por sua vez, menos prestigiosos. Assim, informava-se ela de que uma pessoa, a quem conhecia e amava há muito, agradava à marquesa de Réveillon, jantava com frequência em casa dos Mirepoiv, era íntima da sra. de Cèbres; a simpatia dessas pessoas, nenhuma das quais era mais inteligente

ou chique do que ela, conferia a tal pessoa uma superioridade, acrescentava-lhe uma sedução com a qual ela mesma, por sua simpatia pessoal, teria sido incapaz de revesti-la aos próprios olhos. Assim, os méritos que descobria numa pessoa eram proporcionais às relações dessa pessoa. Se essas relações aumentavam, a pessoa obtinha aos poucos novos méritos. E se, depois de não ter achado encanto algum num rapaz que julgava solitário, a sra. de Thianges soubesse de repente que ele frequentava a casa desta ou daquela de suas amigas, mudava de opinião a seu respeito, confessando que ele “ganhava em ser conhecido”. Mas como as relações, em virtude de leis matemáticas, lhe pareciam decorrer de uma posição inicial, se essa posição não as implicava, ela se recusava, em princípio, a acreditar nelas, e alguém lhes afirmava a existência, julgava que houvesse um erro, uma informação fantasiosa. No dia em que a sra. Marmet (a sra. de Thianges ia uma vez por ano à casa da sra. Marmet por causa das obras de que era a “devotada presidenta” e para as quais a sra. Marmet contribuía bastante) lhe apresentara Jean Santeuil, tímido e malvestido, filho de um funcionário republicano, a sra. de Thianges achou-o imbecil. Quando ele saiu e a sra. Marmet, para se desculpar, disse: — g um amigo da duquesa de Réveillon —, a sra. de Thianges exclamou: — De Marie! Mas, minha querida, você não sabe o que está dizendo, é impossível — com entonação que um nobre de 1789 teria empregado ao responder à profecia de que os nobres e os burgueses seriam iguais perante a lei.[\[44\]](#) Mais tarde, porém, quando esse fato estranho entrou para o rol das verdades científicas com as quais ela vivia e que a auxiliavam a distinguir a verdade ainda ignorada, quando lhe falavam de Jean dizia ingenuamente:

— Oh, é encantador, pois é muito amigo dos Réveillon e dos Tournefort. Confesso que ele me agrada muito, é o que há de mais ligado aos La Rochefoucauld. — Ela pronunciava esta expressão: “Muito amigo dos Réveillon ou dos Tournefort” com os lábios risonhos, os olhos brilhantes e franzidos, como se essas alianças com os Réveillon e os Tournefort devessem estar plenas de consequências contra as quais era preciso estar prevenido, ou de bem-aventuranças desconhecidas que era preciso estar bem pronto

para recolher. Se um rapaz ou uma moça fossem protegidos por apenas uma pessoa da sociedade, esse sufrágio, não sendo suficiente para arrebatá-lo o seu voto, impedia-a contudo de pronunciar uma condenação absoluta. Ela permanecia em suspenso, não ousava pronunciar-se e dizia: — Berthe (srta. de Tournefort) leva-o a sério, quanto a mim conheço-o bem pouco —, e reservava seu julgamento para o dia em que o recém-chegado encontrasse outros apoios ou fosse abandonado até por Berthe. Ao contrário de tantas pessoas que consideram deliciosas em sua casa as pessoas que as entediam na casa dos outros, a sra. de Thianges só manifestava sua admiração pelas que não compareciam a sua casa. À mesa alheia, as pessoas que reuniria facilmente para jantar em sua casa assumiam a seus olhos um esplendor incomparável. Ela dizia: — Parece que houve, na casa dos Puyfrettes, um jantar maravilhoso, com os Treflebarbe, os Escouflac, os Pabaule —, quer dizer, pessoas a quem, reciprocamente, a sra. de Thianges surgia como uma potência tanto mais impressionante quanto misteriosa.

VI. A sra. Lawrence

Um dia, no momento em que Jean chegava ao palácio dos Réveillon, encontrou Henri à porta, que lhe disse: — Ah, que desgraça! Preciso fazer visitas. — Henri subiu de novo para pedir à mãe que o dispensasse, pois fora ela quem lhe pedira que as fizesse, mas ela retrucou: — Se Jean fosse bastante gentil para te acompanhar, isso resolveria as coisas. — Jean teria preferido passear livremente com Henri. Mas a duquesa declarou que não era possível demorar mais para ver a sra. Lawrence, sua tia de La Rochefoucauld e sua tia de Réveillon, as quais estavam furiosas por não a terem visto desde primeiro de janeiro. Jean percebeu que não era só a sra. Santeuil que dava importância às visitas de família e que não era mais agradável ir visitar sua tia de La Rochefoucauld do que a tia Friedel. Partiram ambos, devendo ir primeiro à casa da sra. Lawrence, da qual Jean ouvira falar frequentes vezes. Sabia que ela era demasiado esnobe, rompera aos poucos com toda a colônia norte-americana, via agora toda a alta sociedade. A duquesa de Réveillon dera-lhe em outros tempos alguns de seus cumprimentos frios que eram para a sra. Lawrence como o pavilhão que ela se acostumara a ver içar à sua chegada num ambiente novo. Mas sem se irritar com aqueles que julgavam dever hasteá-lo diante dela, respeitando-o antes como um sinal do prêmio de uma aliança difícil de obter, ela continuava a avançar com lentidão majestosa, trazendo seus presentes como um rei do Oriente. E agora a duquesa de Réveillon obrigava Henri a ir agradecer-lhe o magnífico fuzil de caça que ela lhe enviara no dia do Ano-Novo.

Jean ouvira também falar muitas vezes de sua ligação com o sr. de Ribeumont, ligação tão pouco dissimulada que toda Paris conhecia e que a própria burguesia comentava. Embora já fosse muito comentada há seis anos, o sr. Santeuil só soubera dela na véspera, no ministério, e se rejubilara, assim como sentimos prazer

em receber a luz de uma estrela após um transcurso de talvez milhares de anos. Mas os burgueses reconhecem as ligações das mulheres da alta sociedade apenas quando acabam, da mesma forma que somente no dia em que se anuncia a morte de Verlaine é que um duque fica sabendo que se trata de um poeta e de talento. Não era, talvez, a primeira ocasião em que Jean ia à casa de uma mulher sabendo disso, ou, pelo menos, sabendo-o antes de nunca ter lá posto os pés. Assim, estava perturbado como se fosse ver uma pessoa atacada de uma doença especial e tivesse todo o cuidado de não lhe fazer nenhuma alusão; e desde as primeiras palavras que trocaram ele punha tento no que dizia, como alguém que acompanha um cego e cuida em não maltratá-lo. Por uma hora, expulsara de seu cérebro, três termos: *esnobe*, *má conduta*, *sr. de Ribeauumont*. Mas, tendo dito à sra. Lawrence quando Henri o apresentara: — Ouvi a sra. Marmet falar muito da senhora —, a sra. Lawrence respondeu: — Vai me ouvir falar menos dela. Oh, não é porque disseram que ela foi um tanto leviana, confesso que não gosto muito disso, mas não sei absolutamente se é verdade. Contudo, não gosto de maneira nenhuma das mulheres que, de tão esnobes, só querem uma coisa, subir. Oh, estou certa de que a duquesa é da minha opinião — disse sorrindo para o lado de Henri. — Entretanto, compreendo que o senhor a frequente — completou graciosamente dirigindo-se a Jean, pois atribuía à timidez ou à vergonha de ir à casa de uma mulher que ela desdenhava o duplo rubor que lhe cobrira o rosto e até o olhar no momento em que dissera “ela foi leviana” e “ela é esnobe”. Não duvidava que era por causa dela que Jean ficara vexado e que essas palavras o haviam ferido como uma falta de jeito que atingisse a sra. Lawrence antes mesmo de perceber que ela é que as havia pronunciado e não parecia dar-se conta de sua imprudência. — Sim, compreendo que o senhor a frequente — repetiu num tom condescendente como um abade diz a uma dama israelita: todas as religiões são boas. — Isso deve ser muito divertido para um rapaz. Sei que tenho amigos que gostam disso. Um dos homens que mais me agradam, e cujo espírito mais me apraz, que é, penso eu, o mais ligado a meu marido e a mim, o sr. de Ribeauumont (o duplo halo violáceo que

palpitava em torno dos olhos de Jean impediu a sra. Lawrence de ver a nova onda purpuriana que por eles passou e veio estremecer e espumar à superfície do rosto ardente do rapaz) vai com muito gosto à casa da sra. Marmet e defende-a sempre que falam mal dela. Conheço-a muito pouco e confesso que não faço questão de conhecê-la melhor. Além do mais, isso não é difícil, não nos damos exatamente com as mesmas pessoas.

Jean não se espantou com a hipocrisia da sra. Lawrence ao ouvi-la falar de conduta leviana, de esnobismo e do sr. de Ribeaumont. Nesse colóquio da conversa mundana onde tudo, desde a seda pálida das poltronas até o perfume das flores e o olhar franco das mulheres, tudo parecia enternecer seu coração entreaberto como as rosas debruçadas no ar quente fora de sua bainha de cristal e como os lábios da sra. Lawrence que a confiança descerrava a todo instante com um sorriso, ele dava sua alma àquela que lhe falava com doçura, e, com sua alma, a sua confiança absoluta. Assim, hoje era a sra. Lawrence que recolhera nos estames soltos do olhar o pólen ardente e leve da sensibilidade dele. A toda pessoa que lhe dissesse agora que a sra. Lawrence era leviana, esnobe, que era a amante do sr. de Ribeaumont, teria retrucado: — Tive a prova do contrário, ela me disse que não. Ou antes, fez mais do que me dizer não, falou de um modo que indica a inconsistência dessas calúnias e fê-lo como um contraprova, ao mostrar que o que lhe agrada na duquesa é o espírito, é o coração, que o que serve de pretexto às más línguas em relação ao sr. de Ribeaumont é a amizade profunda e confessa que lhe devota. Esnobe ou leviana? Para ter certeza de que ela não pratica tais vícios, basta ver como os censura nos outros. — Jean poderia voltar num dia bem diverso, falar de outra pessoa que não a sra. Marmet; a sra. Lawrence não lhe falaria menos dos esnobes como gente que desprezava, da antipatia que lhe inspirava o procedimento leviano, do caráter tão íntegro do sr. de Ribeaumont. No começo, é possível que houvesse um pouco de cálculo em sua predileção por tais assuntos, aliás desastrados apesar do sucesso obtido junto a Jean. Mas agora que tais temas principiavam a gemer docemente nos velhos gonzos do hábito, preenchiam para ela uma função mais desinteressada. A vida se

apodera de tudo aquilo que o nosso miserável interesse particular nos obriga a lançar nela, e fá-lo servir às funções mais genéricas da vida do indivíduo. Tais temas entretinham a sra. Lawrence em ideias que lhe eram malsãs e caras, e que representavam o perigoso prazer de sua vida. E elas lhe apresentavam nessa dose moderada em que parecem aceitáveis e que não conseguimos rejeitar. Não há mal nenhum em admirar o espírito de uma duquesa, em nutrir, por um homem que o mereça, uma amizade sólida. Se em lugar de meio copo de *chartreuse* dava-se a uma criança, pela primeira vez, uma garrafa de conhaque para beber, é provável que ela nunca mais o bebesse em toda a sua vida. Nos primeiros tempos, a sra. Lawrence deve ter sentido bem a mentira que cometia ao falar desse modo da duquesa de Réveillon e do sr. de Ribeauumont. Mas essa mentira parecia-lhe doce, porquanto os que amam gostam de falar do objeto amado.

Aos poucos, na impossibilidade de passar a seus próprios olhos por uma mentirosa, acabou por acreditar que dizia a verdade. Não se julgou esnobe por galantear as duquesas, nem leviana por deitar com o sr. de Ribeauumont. Os atos materiais de sua vida continuavam a trazer a marca desses dois vícios. Mas ela os cumpria sem pensar mais neles. E, quando pensava, eles assumiam as cores que, em sua palestra, eram tão risonhas e agradáveis. Ela não se julgava em erro quanto ao sr. Lawrence, visto que falava bem dele, e o modo fiel e emocionado com que falava dominava sua alma no momento em que pensava em sua maneira de agir para com ele. Então ela se sentia gratificada por essa emoção, essa fidelidade, essa forma de agir. E tais termos, que ela repetia com tanta frequência, eram como a pequena dose de morfina que, tendo pouco a pouco anestesiado sua consciência, fazia-a viver em paz consigo mesma e conferia-lhe um novo ardor para cometer novas faltas, em cujas cores um tanto cruas, outrora desagradáveis, ela passava a esponja por hábito, sem que nem sequer isso fosse daí em diante necessário.

* * *

— Então conheces Guy de Brucourt, meu velho tenente? — perguntou Jean a Daltozzi. — Oh, por favor, diga-me, julgas que é inteligente? — É que, de fato, os homens que conhecemos, seja em nossa infância, seja em circunstâncias inteiramente diferentes daquelas em que adquirimos o hábito de fazer comparações entre a inteligência dos vários indivíduos, tais homens nos surgem com a lembrança do encanto que tinham para nós e a impossibilidade de saber se nos teriam parecido inteligentes, quer dizer, mais inteligentes que Destreu e menos que Luperceaux, ou entre Luperceaux e La Sisterade.

O tenente de Brucourt, que era tido, no regimento, como oficial de inteligência incomum, tinha, para Jean, todo o prestígio que lhe valiam os galões, a posição social extraordinária, a beleza quando comandava e a requintada amabilidade. E naturalmente se o sr. de Brucourt não parecera perceber alguma observação que Jean havia feito, quando queria mesmo recebê-lo em sua grande residência da praça d'Armes (naqueles dias seu ordenança o preparava por muito tempo, dizendo: "Fique limpo ao menos, pois que vai à casa do marquês"), Jean teria dito consigo: "é que não vale a pena absolutamente falar nisso" — e se o sr. de Brucourt dizia a Jean algo que não lhe parecesse muito correto, Jean pensava que ele não o compreendia bem e que tal coisa deveria ser bem justa para ele, porquanto a polidez, a educação e o bom-tom não impediam jamais o sr. de Brucourt de dizer qualquer coisa desagradável que poria Jean em guarda contra o seu alto valor. Todas as suas maneiras, o tato de sua amabilidade, as distâncias que ele ajudava graciosamente Jean a transpor, reforçavam neste a ideia de que tratava com um ser superior cuja inteligência tivera de resolver e afastar há muito tempo tudo o que interessava a Jean naquela época. ("Também fiz versos na sua idade", "Não leio mais romances.") Em contrapartida, ocupava-se de coisas para as quais Jean ainda não se habilitara, e quando, deixando cair o monóculo ao jantar, explicava-lhe o interesse que teria em entrar na Manchúria pelo norte, Jean não deixava de escutá-lo atentamente. — De resto, pretendo escrever para tanto à rainha da Sérvia, que é meio minha prima. Parente muito próxima até, embora isso enfureça minha mãe,

que não admite que sejamos parentes dos nobres do Império (seu pai sendo o duque da Moldávia sob Napoleão I). — Jean sentia-se tão esmagado, tão humilde diante desse homem tão nobre, tão feio diante desse homem tão belo, tão mal trajado diante desse homem tão chique, tão gaguejante diante desse homem tão discreto, que sentiu uma espécie de vergonha.

Um dia em que ia visitá-lo para tratar de uma coisa importante, no instante em que chegava diante da casa dele o sr. de Brucourt saía de carruagem para um passeio. Jean, estacando, saudou-o, pensando que ele ia levá-lo consigo, ou pelo menos parar e pedir desculpas. O tenente respondeu militarmente à saudação sem que um só músculo do rosto se crispasse, como se se tratasse de um militar que não conhecesse e a quem saudasse como ele o saudava, em virtude do regulamento. É míope, disse Jean consigo mesmo, não me reconheceu. Qual não foi seu espanto ao ouvi-lo dizer, dias depois: — Como fiquei desolado outro dia, por encontrá-lo no momento em que saía. — Jean se lembrou dessa saudação que dera a impressão de não ver a vontade que ele tinha de pará-lo. E sentiu certa duplicidade na polidez do sr. de Brucourt. Um dia em que o sr. de Brucourt o convidara para jantar, seus companheiros, para apresentá-lo a rigor, haviam-lhe esticado e colado às faces o bigode nascente. Jean não se dava conta de que estava bem ridículo e ficou um pouco embaraçado com a troça do sr. de Brucourt, que o mostrou a seus amigos, mas foi envolvido em tanta amabilidade que, apesar das suspeitas que o riso do sr. de Brucourt despertara, persuadiu-se de que se partisse naquele momento ele não zombaria de si com os amigos.

Acabado o tempo de serviço militar, Jean não voltou a ver o sr. de Brucourt, e alguns anos depois, quando o encontrou em Paris, foi como os professores de antigamente que a gente encontra, pensou que a norma era fingir não reconhecê-lo, e não o cumprimentou. No entanto, uma ou duas vezes o sr. de Brucourt, que tinha algo a pedir a Jean, lhe escreveu: meu caro Jean. Mas por uma espécie de entendimento tácito, não se davam bom-dia na rua, como se não se conhecessem de vista. Apesar disso, Jean, na sociedade, disse seu nome ao sr. de Brucourt, que murmurou: — Encantado — com um

ar distraído, e passou. Teve vontade de lhe dizer: mas então o senhor não me reconhece, sou o caro Jean, jantei em sua casa. Lembrando-se, porém, do cumprimento da carruagem quando era soldado, pensou que o sr. de Brucourt o sabia e que diria simplesmente: — Creio que sim. — De modo que experimentava a sensação esquisita de o conhecer bem e mal.

VII. História da inglesa

Agora Jean sentia crescer contra si, na casa da sra. Marmet, a antipatia inexplicável que lhe devotava o grupo dos “três alunos inteligentes” que o julgavam insincero e posado. Lembrava-se dessa experiência antiga mas não tirara nenhum proveito dela. Falou com a sra. Marmet, escreveu-lhe. Mas as maneiras com que ela o tratava se eriçavam a cada dia de durezas e ironias, como uma charneca, na primavera, se cobre de giestas. E Jean, sem conhecer as causas dessa surda germinação, não podia estancar nem diminuir sua irrupção repentina e violenta.

Sendo totalmente desconhecidos da sra. Marmet as sensações, os gostos e as reflexões de onde se originavam as opiniões de Jean, tais opiniões ela as acolhia ironicamente. Havia, por exemplo, na sociedade da sra. Marmet, uma dama inglesa de quem troçavam um pouco, chamada Miss Smitson; mas Jean sentia tanta satisfação em ir ao Jardin des Plantes ver as focas dos mares da Islândia ou a girafa da Numídia, como em desfrutar o sabor especial desse poema tão singular que a natureza escreve em carne, em cabelos, em entonação, em aroma de chá ou em espírito de associação e que se chama uma inglesa, na qual o que se denomina tez, cor dos olhos, maneira de pronunciar, vestido, espírito poético, senso prático, está muito bem combinado, composto com muita felicidade, e nos traz uma sensação bem própria das margens do Tâmis, dos parques do País de Gales, de Burne-Jones e das sociedades de temperança. Mesmo seu nome, antiga criação galesa, agradava-lhe infinitamente, sobretudo se ela quisesse pronunciá-lo. Jean lhe pedia vinte vezes que dissesse as palavras *belle*, *Trouville*, *Brétagne*, e adorava ouvir essa preciosa música local, uma dessas alegrias refinadas que têm a vivacidade deslumbrante das alegrias mais simples. Mas ir vê-la em seu pequeno apartamento, jogar ecartê com ela utilizando cartas inglesas, que se diferenciam tanto

das francesas não só pelo verso mas também pelos atributos do rei, da dama, do valete e pela figura do ás, beber com ela esse chá que era a flama sutil que queimava sua vida, pôr esse reflexo rubro em sua pele, olhar na parede fotografias dos parques campestres de Londres, interrompidos em toda a parte por pequenas sebes brancas, era para Jean um prazer muito mais vivo do que a bem medíocre satisfação que teria ao ir, nos palacetes luxuosos, aos chás das cinco das damas espirituosas.

A sra. Marmet, que nunca recebera nenhuma dessas impressões, para quem Miss Smitson não passava de uma mulher igual às outras, mas menos chique, e com fama de maçante, e que não possuía coisas bonitas em seu apartamento, desatou a rir quando ouviu Jean dizer que gostava muito de ver Miss Smitson e de ir à casa dela. Jean não pôde se explicar, enrubesceu levemente e disse: — É tão agradável pensar que se trata de uma inglesa. — Como tudo o que ele diz é pretensioso e imbecil — comentou a sra. Marmet baixinho à sua vizinha. E Jean, que admirava na sra. Marmet a facilidade de se expressar, o calor da eloquência, certa concisão no resumo, uma simetria no espírito que ele não possuía, sentiu confusamente que dissera uma asneira, cometera um erro, incidira num falso julgamento, que a sra. Marmet devia sentir o que ele sentia e que era muito evidente para a pessoa mais limitada que uma francesa não é uma inglesa, mas foi só a partir daí que ela começava a julgar que ele ainda não atingirá o limiar da inteligência, e ele teve vergonha de si mesmo.

VIII. A estreia de *Frédégonde*

A sra. Marmet havia convidado Jean para ir à Opera numa segunda-feira ainda distante. Mas a estreia de *Frédégonde* foi transferida para essa segunda-feira, a representação prometeu ser brilhantíssima e a sra. Marmet se irritou por não haver antes dado seu lugar a algum senhor da Union ou da Agricole que atrairia a atenção das damas do bairro para seu camarote. A presença de Jean reavivava essa decepção e ela foi menos amável com ele quando veio vê-la. Entretanto, mais asperamente voltado para o sucesso da mulher do que ela própria e perseguindo-o com tanta brutalidade quanto ela o preparava com brandura como se nesse organismo que era seu par social ele fosse o exército e ela a diplomacia, o sr. Marmet nem sequer levantou os olhos do jornal quando Jean entrou. Disse logo baixinho à mulher: — A única forma de se livrar dele é brigar. Isso não tem nenhum inconveniente, agora que Julien passou nos exames. — É sempre inútil procurar uma briga e não ser gentil — respondeu a sra. Marmet, que, quando se achava em busca de um recurso, repetia as máximas de sua diplomacia. O sr. Marmet, que entendia a política de um modo mais realista, deu de ombros: — Diga-me — perguntou dirigindo-se a Jean num tom brusco e franzindo as sobrancelhas —, será que na segunda-feira o senhor pretende chegar como das outras vezes às oito horas e sair à meia-noite? O senhor é bem indiscreto para fazer isso. — Mas eu posso simplesmente deixar de vir. Tenho outro convite — Todo mundo diz isto, nesses casos — resmungou o sr. Marmet. — E como se trata de amigos a quem não vejo há muito, teria lhe pedido que me desobrigasse, não fosse o receio de magoá-los. — De nos magoar — disse o sr. Marmet às gargalhadas. — O senhor é de fato engraçado, magoar-nos! Que presunção! Fique sabendo que nos dá sempre alegria ao retomar sua liberdade.

Jean saiu. A sra. Marmet se apressou a convidar o sr. de Minuls. Contava já com o sr. de Lutz e o príncipe de T. Na segunda-feira, a duquesa de Réveillon viu, após o almoço em casa do duque de Chartres, o sr. de Lutz, o sr. de Minuls e o príncipe de T. Disseram que iam, todos três, à noite à estreia de *Frédégonde* no camarote da sra. Marmet. Ela se aproximou do duque de Chartres e lhe sussurrou algumas palavras ao ouvido: — Dar-me-ia muita satisfação — disse. — O duque de Chartres chegou-se aos três homens e lhes disse: — Senhores, convido-os a vir todos três comigo à Comédie-Française. — Mas, senhor, e a sra. Marmet? — O convite de Sua Alteza desobriga-os de todo compromisso anterior. São razões que a sra. Marmet compreende. Asseguro-lhes que ela os deixará a todos em atenção ao senhor. Então, senhores, está combinado. — Às cinco horas, a sra. Marmet recebeu um telegrama de Lutz, às seis horas um telegrama do príncipe de T., às sete horas um telegrama de Minuls. Enviou convites para a casa de Ribeumont, para a casa de Tourkett, para a casa do barão Shleier. Ninguém estava mais sem compromisso àquela hora. No entanto, não podia ficar sozinha com o marido. Mandou perguntar a Jean Santeuil se não podia ir, para “esclarecer um mal-entendido que não a impedia de gostar muito dele, mais até do que ele pensava”. Jean tinha o coração tão mole que se sentiu tocado, teria vindo se estivesse livre. Mas não o estava mais e escreveu-lhe. — Que presunçoso — gritou em fúria o sr. Marmet ao ler seu bilhete, pois a aceitação de Jean era a sua última esperança. — Tenho certeza de que está livre! Em todo caso, querida, compreendes que ele não conhece ninguém entre os assinantes da Opera, e principalmente quem o leve num dia como esse. Vou convidar Shelchtenbourg. — Proíbo-te — disse a sra. Marmet —, é melhor não convidar ninguém. Se Shelchtenbourg não passasse de corretor judeu que não conhecesse ninguém, as pessoas poderiam ainda pensar que se tratasse de alguém que valesse a pena. Mas ele defraudou os Réveillon e os La Rochefoucauld, que o reconhecerão, e não me interessa ser desqualificada aos olhos das duas maiores famílias da França, obrigada! — Prefiro tudo a ficar sozinho contigo, é absolutamente ridículo. Daremos motivo a que zombem de nós.

Além do mais, já que o duque de Chartres está na Comédie-Française, os La Rochefoucauld estão sem dúvida com ele e os Réveillon esta noite recebem para jantar o rei de Portugal, tu o viste no *Le Gaulois*. — É verdade. Convidemos Shelchtenbourg. — Shelchtenbourg aceitou, pois estava sempre desimpedido. Já se encontrava no camarote quando o sr. e a sra. Marmet chegaram. A sala estava brilhantíssima. O grande camarote de boca dos Réveillon se achava vazio. — Estás vendo o que te disse — comentou o sr. Marmet à mulher, mostrando-lhe o camarote vazio. Mas nesse momento perceberam pessoas no fundo do camarote, depois apareceram, escolheram lugares e se sentaram: o duque e a duquesa de Réveillon, Henri de Réveillon, a duquesa de La Rochefoucauld, S. M. o rei de Portugal, o príncipe d'Aquitaine, a duquesa de Bretagne e um rapaz cujo rosto o sr. e a sra. Marmet não viram a princípio, pois o rei de Portugal, ajustando-lhe a gravata, impedia que o distinguissem. Depois, o rei se assentou e o casal Marmet reconheceu Jean Santeuil. Seu olhar se encontrou com o do sr. Marmet, que lhe fez um grande cumprimento. Serem vistos por aquele camarote com Shelchtenbourg e ninguém mais era perderem dez anos de notoriedade mundana.

— Entremos — disse a sra. Marmet fora de si. — Não, as duas duquesas já nos viram, isso não adiantaria nada — disse ele: — o mal está feito. — No primeiro intervalo Jean quis sair. — Estou certa de que é para ver a sra. Marmet — comentou a duquesa, detendo-o. — Sim, senhora duquesa — disse Jean, envergonhado de seu impulso generoso. — Meu pequeno Jean, proíbo-lho, ouviu? — prosseguiu a duquesa. — Amo-o como a um filho, posso muito bem lhe falar como sua mãe, e quando lhe contar ela me dará razão. Depois que soube o que ela lhe fez, proibirei todos os nossos amigos de tornarem à casa dela. Não falo de minhas amigas, porquanto Deus sabe que não há sequer uma, exceto a louca da Eléonore, que tenha caído nessa ratoeira. Não vá ao camarote dessa gente. Se quer sair, tem já muitos amigos nossos que o adoram, que o hão de tratar como se fosse irmão de Henri, um irmão mais inteligente e que nos agrada muito se quiser conversar conosco. Não tenho razão, majestade? — perguntou voltando-se

para o rei, a quem havia contado no jantar a história dos Marmet convidando e desconvidando Jean Santeuil. — Gostaria de ir ver o salão do anfiteatro — disse o rei. — Vou acompanhar Vossa Majestade — disse o duque de Bretagne a quem essa honra cabia como ao mais antigo duque de França. — Não, Bretagne — disse o rei —, deixe-me antes levar o meu pequeno Jean, que vai acabar de me contar o processo de Ruskin e de Whistler, que me interessa muito, e depois desafiaremos a sra. Marmet. Já que tenho um novo amigo, é preciso que os parisienses o saibam vendo-o comigo. Não se importa, não é, meu caro? — indagou, voltando-se para Bretagne. — Como, alteza? — disse o duque de Bretagne, que, tendo muita simpatia por Jean e muita antipatia pelos Marmet, estava encantado. Então, baixinho, para que Jean Santeuil não a ouvisse, e tomando a mão do rei efusivamente: — Agradeço a Vossa Majestade — disse a duquesa, pois sentia muito bem que o rei agia dessa maneira mais para lhe ser agradável do que para agradar a Jean.

Enquanto Jean passeava com o rei de Portugal, várias pessoas vieram cumprimentar a duquesa: o conde de Penmarch, o Jules Lernaître [\[45\]](#) do bairro, segundo algumas damas velhas, entrou primeiro misteriosamente deslizando na ponta dos pés, sorridente, monóculo cravado no olho. — Está se divertindo, Penmarch? — perguntou a duquesa. — Oh, meu Deus, tia, a senhora sabe, será que alguém consegue se divertir alguma vez? Que sabemos, não é? Afinal uma hora de prazer, meu Deus, que mais se pode pedir, e quantas coisas nos são dadas, não é, depois de tudo? — Olhou sorrindo a sra. de La Rochefoucauld e pegou a bala que a duquesa lhe oferecia. Mas ela pousou a caixa e estendeu a mão para o sr. de Lomperolles, que acabava de fazer com que lhe abrissem o camarote. — Bom dia, primo, sente-se. — Acabo de encontrar Sua Majestade, imagine com quem, com o pequeno Santeuil. Na verdade, hoje em dia os rapazes são tão mimados que não os deixamos revelar suas qualidades. Ah, minha prima, se conhecesse a vida como eu, que significa essa flor na botoeira desse Santeuil. Eu, na minha idade, não teria coragem de usar uma flor na botoeira, e ele um homem moço! Mas não é um homem, é

uma verdadeira mulher, uma verdadeira mulher — resmungou pegando um *marron glacé*. — Ouvi dizer coisa deliciosas a seu respeito por alguém que o adora — disse o sr. de Penmarch —: foi a pequenina sra. Ador que, aliás, é um amor. — Ele tinha por profissão obter os favores das belas americanas que aportavam a Paris, prometendo-lhes fazê-las jantar em sua garçonnière com as damas do bairro que ainda não conhecessem.

A sra. de Réveillon permaneceu calada. — Sim, ela o adora — prosseguiu o sr. de Penmarch. — Mas como pode me adorar — disse a duquesa —, visto que não me conhece? — Oh, isso não quer dizer nada, tem-se necessidade de conhecer para amar? E o que é que a gente sabe de fato, afinal de contas, não é mesmo? Mas justamente ela queria conhecê-la. — A duquesa pôs-se a comer *marrons glacés* com ar distraído. — Quer vir jantar com ela em minha casa? Diga o dia. — Oh, Penmarch! Sabe que gosto muito de jantar em sua casa, é sempre tão agradável, mas, perdão, cá entre nós, é sempre tão aborrecido jantar com pessoas que a gente não conhece. — “Santo Deus”, pensou Penmarch, “todas as que prometi a ela acabam falhando. Ela ainda vai pensar que não tenho influência alguma. Só resta Jacqueline de La Rochefoucauld? Tomara que não tenha ouvido isso.” — Mas sabe — disse em voz alta — que a sra. Ador vai à casa da sra. de Thuringe. — A sra. de Thuringe sabe o que faz — respondeu a sra. de Réveillon. — Mas deixe cada uma de nós com seu jeito. — Não vale a pena, então, eu lhe falar da sra. Marmet. — Oh, essa não — retrucou a duquesa. — Prefiro ir jantar em casa da sra. Ador a ser obrigada a dar a mão à sra. Marmet depois do que ela fez a um de meus amigos. E Deus sabe que eu jamais jantaria na casa da sra. Ador. — Diga ao menos: à sra. de La Rochefoucauld que a sra. Ador é encantadora, que se pode muito bem recebê-la em casa. — Mas por que deseja que eu diga semelhante coisa a Jacqueline? Ela não precisa de mim para preparar seu salão, que é um dos mais agradáveis de Paris. E já que não conheço a sra. Ador, como quer que eu lhe diga que é encantadora? — Ao menos não repita que lhe pedi que a visse e que a senhora não quis vê-la. — Eu nunca repito nada — disse a duquesa com doçura. Penmarch o sabia e estava a salvo por esse

lado. Pelo menos suas diligências não teriam outro mau resultado além do insucesso. — A senhora lhe enviará uma carta de venda para seus filhos. Ela é muito generosa. — Não, por que deseja que eu considere bastante bem as pessoas para lhes tomar o dinheiro se não as acho de categoria suficiente para recebê-la em minha casa? — Isso que diz não é absolutamente o pensamento do bairro, duquesa.

À saída, a sra. Marmet cumprimentou a duquesa, que se inclinou com um leve exagero de cortesia, como diante de alguém que não se conhece. A sra. Marmet sentiu que nada mais havia a fazer da parte dela por esse lado, e infelizmente para ela esse lado dominava todo o bairro Saint-Germain. Shelchtenbourg, vendo-os aborrecidos, deixou-os. — Que grosseirão! Não nos serve mesmo; de que vale então trazer pessoas ricas? — disse o sr. Marmet. Foram chamar um fiacre e cruzaram com a duquesa, que subia para o seu landau e mandava Jean subir junto. — O cumprimento dela sem dúvida também tem a ver com o fato de que Santeuil lhe contou tudo — constatou o sr. Marmet aterrado.

IX. Daltozzi e as mulheres

Quando voltou da Opera, Henri subiu para o quarto. Mas não começou a se despir, pois a duquesa, não querendo obrigar sua camareira adoentada a passar a noite em claro, lhe dissera: — Vou entrar no teu quarto daqui a pouco para que me desprendas o colar. — Como ele nunca fechasse os postigos a fim de ser despertado pelo dia, via pela janela a chuva estendida como inumeráveis cordas que o vento inchava, atirava de vez em quando do céu negro ao calçamento reluzente de luz e água. Um fiacre parou diante dos jardins. Entretanto, não havia porta alguma naquela direção. Um senhor, cuja gravata branca aclarava de longe a extremidade superior do sobretudo, desceu, pagou o fiacre e principiou a andar pela rua. Não levava guarda-chuva e de quando em vez, parando, tirando a mão enluvada de branco do bolso para pô-la diante da boca, sacudia as costas. Henri compreendeu que tossia. Ele continuava a caminhar debaixo da chuva. Estava agora bem perto do palácio de Réveillon. De súbito, Henri o reconheceu, era Daltozzi. Por que não se fizera conduzir até sua casa? Mas tendo chegado diante da porta, Daltozzi não parou, continuando a andar. Como passasse sob a luz do bico de gás, Henri viu que usava pequenos escarpins que, abertos para deixarem o pé descoberto, estariam logo cheios d'água. Foi até o fim da rua e voltou, parou um momento diante de sua porta como se hesitasse, depois retomou a marcha. Chegando ao fim da rua, abriu-se a porta de uma das últimas casas, e uma mulher saiu: Henri adivinhou que era Rose, a camareira de sua mãe, cujo cunhado morava naquela casa e onde ela passava a noite. Assustada com a chuva, caminhava depressa debaixo do guarda-chuva erguido, não precisando, aliás, dar mais que uns poucos passos para chegar ao palácio. Mas nesse momento Daltozzi, voltando-se para trás, avistou-a. Pôs-se a correr. Henri entreabriu a janela. Ouviu Daltozzi, que cantava como para fazer

voltar a mulher que via à sua frente. Ela teve medo, pondo-se também a correr. Mas ele tornou a agarrá-la, correndo com toda a rapidez, parecendo louco. Quando a viu parar diante do palácio e tocar a campainha, afastou-se vivamente e se pôs de novo a caminhar.

Daltozzi parou abruptamente. Uma mulher de vestido de baile, os cabelos envoltos numa renda presa ao pescoço, pagava ao cocheiro. Mas ele já se precipitara e estava junto dela. É claro que a mulher gritou. Henri não a ouviu, pois fechara de novo a janela, mas o cocheiro que ia indo embora estacou, voltou para trás e enquanto a mulher assustada tocava repetidas vezes a campainha do portão, o cocheiro fazia gestos ameaçadores para Daltozzi, que se afastou. Quando a mulher entrou, o cocheiro partiu mas virou-se para trás ainda uma vez dando de ombros para tomar a rua deserta, à falta de passantes, como testemunha da ignomínia dessa personagem.

A chuva caía tão forte que Daltozzi voltou para diante de sua porta. Protegido pela saliência do muro, olhava para todos os lados a fim de ver se passava alguém. Veio um senhor e Daltozzi fez menção de tocar a campainha. Mas o senhor entrou na mesma casa. E sem dúvida acreditando não ter sido reconhecido, e para não ser obrigado a entrar, Daltozzi deixou a porta e se afastou. Nesse momento a duquesa entrou para dizer a Henri que, tendo Rose voltado, ela não precisava mais dele. — Que fazes à janela, não vais te deitar? — Sim, mamãe; vou me deitar — respondeu Henri e, quando sua mãe saiu, começou a tirar a roupa. Mas antes de se deitar foi ainda uma vez olhar pela janela. Daltozzi continuava lá. Por fim, pareceu resignar-se, olhou ainda uma vez para todos os lados e, voltando para sua porta, tocou. Uma, duas vezes, mas nesse instante uma operária de cabeça descoberta, envolta num corpete de lã, surgiu debaixo de um guarda-chuva na extremidade da praça da Concorde, que atravessou rapidamente. A porta abriu-se. Daltozzi lançou um último olhar, percebeu a operária. Então, sem hesitar, partiu puxando a porta, que se fechou de novo, e correu para ela. Henri, cansado, deitou-se e, imaginando que

Daltozzi devia estar com muito frio em suas chinelinhas cheias d'água, esticou as pernas até os pés da cama de encontro à bolsa de água quente.

Era assim quase todas as noites. Medo da solidão, cedendo à curiosidade, bem cheio de corpo ou vazio de alma, Daltozzi, quando chegava a hora de se recolher, não queria entrar só e se não houvesse encontrado mulher antes de chegar à sua porta, ficava às vezes uma hora à espera. Em outras ocasiões ia pelas ruas, andando à procura de uma mulher, diziam, seguindo seu sonho, era o que pensava, mas tendo necessidade de um corpo onde seus membros pudessem crispar-se, agitados por esse sonho, de uma outra vida em que pudesse crer que um sonho irmão do seu viesse de muito longe, do fundo do infinito onde ele buscava reencontrá-lo. No deserto das ruas vazias ou no deserto das ruas cheias de gente, uma mulher elegante, mulher da sociedade ou da meia-sociedade desocupada, por vezes também uma operária, sentira que ele a seguia e virara a meio a cabeça. Nada sabendo dele, compreendera-lhe o desejo assim como ele fora ao encontro do seu sem nada saber dela, e no desconhecido profundo que era para um a vida do outro, por esse tácito consentimento, trocavam eletricamente num segundo, sob as espécies da confissão do mais baixo desejo, o segredo doce e inexprimível de seu ser, o sonho vago e baldio de suas vidas. Fugindo quando ele se aproximava dela, não tendo ainda mostrado o rosto, ela parecia-se com o Destino. Parecia fazer um sinal para que ele a seguisse. E ele se lançava menos ao encalço de um prazer quase certo do que de uma felicidade imaginária. Renunciara a essa felicidade não depois de se estreitarem na cama ou dentro de um fiacre, mas desde que se haviam falado, a voz sugerindo logo a ideia de uma pessoa semelhante a nós e que nos pode dar prazeres e mágoas, mas prazeres e mágoas humanos. Com frequência andava pelas ruas sem projetos, não tendo intenção de procurar nada para a noite, mas, como todos os homens, em busca da felicidade e do desconhecido. Como todos os homens, acreditava de boa vontade no que desejava. E, muitas vezes, quando uma mulher assustada por ser seguida andava mais depressa, ele tomava sua fuga por um

encorajamento. Assim, conhecera de tudo, as injúrias das transeuntes, as bengaladas dos maridos, o terror mais mortal para a consciência de uma inocente espavorida. Tinha medo dessas afrontas mas não das afrontas futuras, porquanto os males que a razão prejudica inevitáveis, a esperança faz recuar para tão longe a sua vinda que a essas distâncias tão imensas eles já não parecem apavorantes e sim irreais. De outras vezes, os olhos toldados à força de tanto olhar, não sabia compreender os estímulos de uma mulher que desejava ser conquistada e quando ela se virava, pensando que era por medo de que ele se aproximasse, sentia vergonha de repente e se afastava. Ou então eram prostitutas que, lançando ousadamente um olhar de fogo sobre seus desejos, inflamavam-nos como a um galho de árvore morta. E até se a sordidez ou a pintura traísse a miséria da velhice, os beijos delas nem por isso deixavam de ser às vezes mais doces, como a sidra de que gostamos mais que nunca nos dias de muita sede, num copo ordinário e lascado de uma estalagem. Se, trazido de carruagem por um amigo, ou tendo feito o trajeto sozinho a pé, mas sem ter tido mulher para seguir, ele se encontrasse diante de sua porta, não tinha coragem de entrar: saía de novo, fosse qual fosse o tempo, não se detendo diante da fragilidade da saúde ou do medo de apanhar uma pneumonia. Ao contrário, era excitado pela cerração que envolve as mulheres como um mistério e que elas desfazem ao passar como um véu, pelo frio e pela chuva que lhe davam, um com um ardor mais brutal, a outra com uma doçura mais enervante, o desejo de se aquecer contra os braços, de se proteger. E a lassidão de seu espírito e a fraqueza do corpo já envelhecido se ligavam às existências virgens e jovens com a ilusão de um doente que busca a saúde nos bosques, como se à força de se nutrir com os olhos e de tocar em carnes brilhantes e belas devesse assimilá-las, como se em sua boca aberta para um beijo ele pudesse captar-lhes o frescor, subtrair-lhes o alento e fixá-lo em seu sangue.

(Antes, houve a vista, por Jean, em casa de Daltozzi, da fotografia de sua mãe. Um dia em que Henri lhe mostrou Daltozzi assim na

sarjeta, Jean pensou nos olhares que sua mãe lançava sobre ele, de cima. Ela desconheceu tudo aquilo! E ele jurou a si mesmo que nunca exporia sua mãe a semelhante contemplação.) (Nota do Autor.)

X. A afronta

No dia seguinte, Jean foi à casa da sra. Marmet. No momento em que retirava o sobretudo de peliça diante de um criado pronto para recebê-lo, encontrou a duquesa de Soria e sorriu, compreendendo que a sra. Marmet conseguira por fim sua presença num jantar e que ela saía logo após. Mas a importância que a duquesa de Soria tinha para a sra. Marmet, Jean, mais requestado do que todos numa sociedade em que a duquesa era considerada quando muito uma estrangeira elegante, tinha-a aos olhos da duquesa. Ele o sabia. Assim, como a duquesa passasse sem vê-lo, pôs-se diante dela, deixando de tirar o sobretudo e, inclinando-se ligeiramente, disse-lhe sorrindo: — Bom dia, duquesa. — Bom dia, meu caro amigo — exclamou a duquesa com vivacidade. — Que houve com o senhor que não o vemos mais? Quer vir jantar amanhã, depois de amanhã? — Jean escutava-a sorrindo. Em pé ao redor dele, os criados da sra. Marmet, o lacaios da duquesa, os lacaios da marquesa de Montfort, da viscondessa de Brioux, da princesa Bonchalon, que sabiam pelo lacaios da duquesa que ela mantinha relações mais influentes que suas patroas, olhavam-no com respeito. — Irei um dia destes — disse Jean amavelmente. Ela lhe estendeu a mão, agradecendo. Jean se inclinou, entregou o sobretudo sorrindo, sorriu ainda ao estender a mão ao marquês de Puybes, que passava, pois com todos aqueles cuja admiração ou respeito nos dão boa ideia de nós mesmos nos mostramos amáveis, como uma mulher não pode deixar de sorrir diante de um espelho que lhe apresenta uma deslumbrante imagem dela mesma. — Oh, como é gentil — exclamou a sra. Marmet, e todos viraram a cabeça. Ele saudava de passagem as mulheres que estendiam o sorriso e a mão. Apertava a mão aos velhos, aos oficiais, aos literatos. E sentia-se como tivesse a idade, a bravura e o talento deles. A todo instante a sra. Marmet vinha até ele para apresentá-lo a uma dama

que desejava conhecê-lo, e quando ela lhe falava dos Réveillon, ele se portava como se mal os conhecesse. Algumas viam nisso modéstia, outras, presunção. Algumas, julgando que se haviam enganado, e se dirigido a outra pessoa, não sabiam mais o que dizer. Alguns rapazes se faziam apresentar a ele pensando que não era possível deixar de conhecê-lo, outros a fim de que, um pouco mais tarde, ele lhes incluísse os nomes nas listas de bailes, os apresentasse às atrizes da moda ou às damas do bairro Saint-Germain que arranjam pares para dançar. Aceitou um sorvete, pegou um baralho e logo depois estava jogando na antecâmara com o sr. Saylor, a quem acabava de ser apresentado. Como as outras mesas haviam sido abandonadas, porquanto Reichenberg recitava, a sala estava vazia. Dava para a escadaria nobre e, de tempos em tempos, uma dama subindo com o marido enviava-lhe um bom-dia ou respondia ao seu cumprimento. Uma chegou até a entrar para lhe dar bom-dia: — Que faz aí? — E olhando o seu jogo lhe deu uns palpites, e depois saiu. De vez em quando, estando abertas as portas do salão, os cavalheiros, ao passarem, paravam no limiar e depois seguiam, pois a sra. Marmet não gostava que jogassem cartas enquanto houvesse declamação e música. Uma ocasião ela entrou para levar Jean de volta e, voltando-se para Saylor, disse: — O senhor me arrebatou o mais distinto dos meus jovens, todas as senhoras estão sós e o reclamam. O senhor imobiliza meu parceiro predileto. É bom para o senhor, velho jogador, vamos! Venha, isso não se faz em minha casa. Já viram uma coisa dessas?

Jean riu, porquanto o ar de impertinência era uma das formas consagradas de sua cortesia, de sua graça e de sua autoridade. Mas Saylor, que perdia, se obstinou; temendo então que Jean não voltasse se não o deixassem livre, pois sabia que em casa dos Réveillon deixavam-no fazer o que quisesse, e acreditando, além disso, a mudar constantemente de tom e de opinião, dar uma impressão mais inextinguível de seu entusiasmo e desprendimento, a sra. Marmet acrescentou com bonomia: — Mas não, fique, se isso lhe agrada; é próprio da sua idade. E depois, na minha casa sabe muito bem que faz o que quiser, menino mimado. Mas não demore muito. — E desapareceu correndo em passinhos curtos,

majestosamente seguida pela longa cauda do vestido. E Jean, sempre jogando, ouvia-a de vez em quando a dar bom-dia aos que chegavam, manifestar diante dos outros, e como que involuntariamente, sua admiração pela beleza da duquesa de Soria. — Se estava bem bonita essa noite? É um autêntico Ticiano; que carnação! (as duquesas lhe pareciam sempre mais lindas em sua casa) — acreditando vê-la, como se ela abrisse apenas a porta e um pouco da cauda do vestido estivesse ainda na casa. Depois ela bancava a doidivanas, fingia por gracejo não se lembrar mais do nome do cavalheiro que acabava de entrar, dizia-se cansada, com vontade de largar tudo e ir conversar calmamente com algumas amigas (as que por acaso estavam junto dela no momento). Depois às primeiras palavras do acompanhante anunciando que Van Zanol ia cantar, ela pedia silêncio e se alguém falava, olhava-o severamente, depois apagava seu gesto brusco por meio de um sorriso como uma dançarina que representa o papel de um tenente. E sempre jogando, Jean escutava, sorrindo, a ária alegre de D. Juan, acompanhado, quando o movimento se apressava, de um murmúrio unânime e ligeiro das ouvintes encantadas, como se uma brisa soprasse de súbito e virasse as páginas, fazendo palpar os leques. De repente o sr. Saylor levantou-se e disse com fisionomia imprecisa e como que ilegível, e uma familiaridade ofensiva: — Chega, senhor. — Senhor — disse Jean estupefato, pondo-se também de pé. Nesse momento Jean ouviu mais distintamente a frase dele: — Bom, bom, senhor — disse Saylor, desmascarando-se subitamente —: não jogará mais comigo. O senhor é um trapaceiro. — Miserável — gritou Jean, num pulo, lançando-se contra ele. Contudo, maior e mais forte, o sr. Saylor segurou-lhe as mãos e apertando-as com violência: — Calma, senhor, calma, tudo isto de nada lhe serviria. Serei generoso se me enviar testemunhas para um duelo, embora em geral a gente não se bata com pessoas da sua laia. — E entrou no salão.

Jean foi em seu encalço, mas pensou que as cinquenta pessoas lá sentadas ficariam sabendo logo o que acabava de acontecer e, por estupidez, ciúme, má vontade, tendência a acreditar no extraordinário sem dar pleno crédito às imputações de Saylor,

seriam sempre reservadas quanto à honorabilidade de Jean. Esperando o final do trecho para ir falar imediatamente ao marquês de Trailles e ao visconde de Boisieux, sentou-se ao lado da viscondessa de Boisieux e sorria com exagero a tudo o que ela dizia, para dar a impressão de estar ouvindo. À sua frente, Saylor parecia rir com dois ou três amigos. E esse riso parecia-lhe detestável como um crime intolerável e horroroso como uma doença. O marquês de Trailles e o visconde de Boisieux eram de opinião de que ele não devia aceitar o desafio. Enfim, cederam. O duelo foi marcado para dois dias depois. Saylor ficou levemente ferido. Sem dizer que se bateria em duelo para não assustá-la, Jean contara o caso à mãe. Ela odiou Saylor como teria detestado a doença se seu filho estivesse doente, ou um cocheiro que o tivesse atirado ao chão, como tudo aquilo que fizesse mal a Jean. Durante vários dias, cada vez que ele lhe falava sobre o assunto, ela lhe segurava a cabeça com as mãos, falando-lhe com voz suave como se ele estivesse doente. E como ela lhe dizia então: — Não é nada, ficarás bom amanhã — se ele lhe dizia: — Percebi, pelo cumprimento do sr. X. e da sra. Z., que eles sabem; não fui convidado à casa dos X., a quem Saylor deve ter contado as coisas à sua maneira — ela dava de ombros e fingia rir como de uma coisa sem importância, uma verdadeira loucura. Depois, censurava-o com doçura por fazer mal a si mesmo porque um miserável assim o desejara. Acarinhava-o, dizendo: — Além disso, é um homem pouco estimado (o que era verdade), ninguém lhe dará crédito mesmo que ele conte. — Ele sabia que já acreditavam nele, mas evitava dizê-lo à mãe; e se a inutilidade de sua ternura o irritava, sua doçura era encantadora.

XI. Reparação

No dia seguinte, Jean, tendo ido a um sarau na casa da sra. de Thianges, ouviu, no momento em que anunciavam seu nome, uma reflexão tão desagradável que logo se retirou. Quando desceu a escada, todos os criados o olhavam com desprezo e alguns riam de modo grosseiro à sua passagem. Jean possuía, de fato, uma característica que, junto aos criados, fê-lo às vezes achar simpatia e lhe apagava em geral toda consideração: era amável com eles. Nossa amabilidade para com os outros retira-nos geralmente todo direito a ser respeitado. Uma pessoa nobre, rica, bela, inteligente, encontra num hotel o vizinho de um burguês pobre, feio e estúpido? Enquanto ele não a conhecer, terá toda consideração para com ela. Talvez fale a seu respeito com o hoteleiro e com os garçons, em tom de desprezo, a fim de dar a entender que ela não é “mais do que ele”, mas no fundo estará persuadido do contrário. Seus menores gestos e atos lhe interessarão. Mas basta ela ser amável com ele, verdadeiramente amável, durante um dia ou dois. Não é preciso mais nada: todo o seu respeito cairá por terra. A partir do momento em que ela é amável com ele, é que não é mais do que ele, pelo contrário, pois ele só é amável com aqueles que estão acima dele na escala social. Se ela fosse realmente rica, lhe dirigiria a palavra com insolência, se fosse autenticamente nobre nem sequer lhe falaria. As palavras com que Lohengrin confessa a Elsa seu nome não eram mais perigosas para ele, não marcaram mais irrevogavelmente a perda de todas as suas vantagens do que o “estou encantado em vê-lo, portanto dê-me o prazer de jantar comigo”. Se ele aceita a iniciativa dessa pessoa, será literalmente, julgando que é a ela que está dando prazer. Se ela tivesse dito “a honra”, ele julgaria honrá-la. Se não se espalhasse que ela tem um andar inteiro no hotel onde ele só possui um quarto, e se o criado

que ela trouxe consigo a chama de “Senhor Conde”, ele a trataria com altivez.

Mas se a amabilidade é tão funesta àqueles que a praticam, no caso dos criados se apresenta como um fato tão excepcional que os criados de uma casa burguesa onde vamos jantar às vezes e com os quais nos mostramos amáveis, embora lhes demos presentes (sem isso, já que nossa amabilidade daria a impressão de um cálculo, e ocupando o lugar dos presentes, seríamos desprezados, mas compreendidos), consideram-nos um palerma, um poltrão ou pobre de espírito, com quem todos se mostram alegres se estão alegres, grosseiros se zangados, e com quem não se incomodam se estão com pressa. Talvez entremos no coração deles antes dos que não são amáveis. Mas como entramos infinitamente depois deles em sua consideração, somos servidos depois dos outros, quer dizer, depois de todos, com os criados. Ao sermos amáveis com eles, não lhes teremos dado a entender que entre nós e eles não há distância nenhuma? Isso é verdadeiro, pois, para os criados da burguesia e para os criados de uma determinada classe rica. E, com efeito, como seríamos amáveis com eles? Os burgueses pagam mal a seus criados e queixam-se deles. Por isso os criados não se dão ao respeito e mostram a todo instante que não se dão ao respeito, na insolência do tom para com o filho da casa, em suas respostas à patroa, no modo de acolher o visitante que detestam como amigo dos patrões e que muitas vezes é tímido, mas que uma vez ou outra poderia queixar-se.

Ao sair da casa da sra. de Thianges, Jean dera seu endereço ao cocheiro; mas quando acabou de chorar sentiu necessidade de agir no sentido de organizar sua vingança, de parar de sofrer a afronta sem deixar de pensar nela, o que lhe era impossível. Disse ao cocheiro: — Vá à rua de Varenne, ao palacete dos Réveillon.

Chegou-se primeiro a Henri e disse-lhe: — Gostaria de falar com teu pai. — Henri perguntou: — Meu querido, ainda estás remoendo esse negócio estúpido? És bobo em te atormentares com isso, meu caro. Mas entre, papai ficará bem contente em te ver. — Depois de o ter introduzido, Henri quis retirar-se mas Jean lhe disse: — Não, meu caro, podes muito bem ficar, terei o máximo prazer. — Jean

saiu do palacete dos Réveillon, tendo prometido ao duque, depois de longa resistência, ir naquela noite ao sarau de Lustaud, sarau ao qual aceitara comparecer um mês antes, mas aonde já não pretendia ir agora, assim como a parte alguma. O duque o exigira, não querendo que ele desse a impressão de ceder diante da calúnia. Jean voltou. Disse à mãe que estava desgostoso. Acabou por lhe contar a frieza da sra. de Thianges e das outras damas. Mas passou em silêncio o fato de ter sofrido também a afronta dos criados. Seja por piedade, porque a mãe, amando-o, devia sofrer ainda mais com isso, seja porque a mãe, conhecendo-o melhor, achava-se sempre diante dele, e sem dúvida devia encontrar-se nesse estado de luta que às vezes caracteriza a vida doméstica, o fato é que ele não desejara ter de corar muito diante dela e evitar de algum modo ofender o seu orgulho. Talvez chegasse a pensar que ela não teria oportunidade de triunfar quando em suas batalhas futuras, sonhasse com o passado, e que ele, desse modo, lhe daria armas. Sentimento horrível, que a sra. Santeuil jamais experimentou. Mas ela merecia, sem dúvida, que o filho lho atribuísse, mesmo de maneira confusa. De fato, para isso era preciso que no fundo do seu passado e do seu esquecimento, talvez quem sabe nos recentes aluviões da sua memória, sangrasse ainda alguma ferida que ela lhe causara para fazê-lo enrubescer. Algum “Só quando uma pessoa é frágil como tu e incapaz de se vingar pode permitir semelhante insolência com um companheiro”, pois às vezes a cólera serpeia no meio do mais imenso amor, onde parece perdida. Às vezes a recordação de uma pancada detém os lábios que iam às faces onde acharam tantos beijos infinitos. E na eternidade todas as palavras que não tivermos dito àqueles que mais amamos, sufocadas na garganta por um mau pensamento, essas palavras que não podíamos dizer, as únicas formas de nossa ternura que, sem elas, não teria existido, serão a contrapartida cruel dos erros que a ternura deles se permitiu para conosco.

* * *

Jean chegou de noite à casa dos Lustaud como a um patíbulo, onde já adivinhava, para se torturar, as mãos que se retraíam à sua aproximação, os olhos que se embaciavam ou se animavam com afetação para outra coisa, as costas que se viravam, os cochichos mais assustadores que o silvo de uma serpente próxima, o riso das pessoas que o observavam, mais diabólico que o riso dos demônios que se ouve às vezes em sonho, e com o qual se sufoca ainda, sem ousar abrir os olhos, perto de meia hora depois de se estar acordado, enfim, a imagem pavorosa dessa espécie de excomunhão moral cem vezes mais terrível do que a outra, e onde o esnobismo, a estupidez e a malevolência ostentam ingenuamente, para fazer sofrer o paciente, um gênio aonde não chega nem o talento da crueldade nem o instinto da loucura, em que ao menos não somos mais nós mesmos. Compondo o rosto da sra. Marmet, da sra. de Thianges, da sra. de Perdan com seus rostos da véspera, disparatava quando era necessário imaginar o rosto do sr. ou da sra. de Lustaud. Esquecera que tinha de atravessar um primeiro inferno, o vestíbulo onde os criados esperavam seus patrões. Se tivesse pensado nisso, sem dúvida teria voltado. Mas isso só lhe veio à mente quando percebeu, através do vidro que afastava ao abrir a porta, o criado da sra. de Thianges. Empalideceu, mas era tarde demais. E como alguém que se atira no fogo, penetrou na antecâmara sem pensar, os olhos quase sem ver. Parecia-lhe, no entanto, que todos os criados que ali esperavam (já era tarde e o sarau alcançava o auge) não riam, quando, tendo dado dois passos, viu o laçao da sra. de Thianges respeitosamente imóvel diante de si: — O senhor queira perdoar-me a liberdade — disse o criado —, mas o senhor duque de Réveillon, que pediu à condessa para se servir de mim enquanto espera que seu laçao chegue, disse-me que viesse receber suas ordens. O senhor duque me disse: “Pergunte ao sr. Santeuil se quer nos dar a honra de voltar estar noite com a sra. duquesa e comigo em nossa carruagem, e nesse caso mande a sua de volta.” — E cheio de respeito pela primeira pessoa a quem em sua vida o duque de Réveillon (para o criado dos Thianges era como o rei de França) jamais pedira semelhante coisa (os criados, conhecendo-se entre si, conhecem exatamente não só

a posição respectiva de seus patrões mas sua atitude em face das outras pessoas, sua maneira de agir, seu esnobismo), o criado esperava a resposta inclinado, no meio de todos os criados respeitosos. Acrescentou: — De resto, aqui está uma carta que o senhor duque me incumbiu de entregar-lhe. — A carta estava aberta e era evidente que todos os criados já a tinham lido.

“Meu bom Jean, perdoe-me por lhe dar este recado de modo tão incorreto. Esperei-o muito tempo embaixo, mas minha gota me dói tanto que tenho medo de ficar mais tempo de pé. E, além disso, eu o amo demais para não proceder com o senhor como com minha querida esposa ou meu filho. Há de me achar muito complicado, mas é para que dispensem seu carro sem necessidade de incomodar alguém lá em cima.”

— Levem de volta meu carro — disse Jean. — Quanto ao senhor duque, vou responder-lhe de viva voz — e subiu. Agora não receava mais nada; no entanto, chegando lá em cima, tremeu um pouco quando viu uma nova fila de lacaios que, não estando, desde o começo da festa, em contato com os de baixo, ignoravam certamente isso, sem deixar de saber dos acontecimentos da véspera, quando reconheceu um outro criado da sra. Marmet, o que rira na véspera com mais força em companhia dos criados da sra. de Thianges. No mesmo momento, Jean percebeu às suas costas a sra. de Cygnerolles e a sra. de Thianges, que subiam. Mas no instante em que ia dizer seu nome para ser anunciado e a sra. de Cygnerolles, desviando o olhar para não vê-lo, esperava a vez para dizer o seu, o criado da sra. Marmet, longe de escarnecê-lo como na véspera, dirigiu-se a Jean e lhe disse, sem cuidar da sra. de Cygnerolles e da sra. de Thianges, que estavam a pouca distância: — A senhora duquesa de Réveillon ficará muito reconhecida ao sr. Santeuil se ele tiver a bondade de não tardar muito a ir a seu encontro no salão verde, e roga-lhe que, daqui até lá, não se comprometa a almoçar amanhã com as pessoas que poderá encontrar, porquanto a senhora duquesa deseja pedir ao senhor que o reserve para ela. — Como está o senhor? — perguntou a sra. de Cygnerolles. — Estava de perfil e por isso não o reconheci: — Devo-lhe mil desculpas — disse então a sra. de Thianges. — Eu estava

furiosa com Boisieux, queria pô-lo porta a fora; justamente Delphine (sra. de Cygnerolles) pretende que a língua se me atrapalhou e eu disse Santeuil em vez de Boisieux. O senhor foi embora tão depressa que não pude lhe explicar isso ao dizer adeus como pretendia! — Mas, senhora, suas desculpas são perfeitamente inúteis — disse Jean rindo, pois não levamos muito tempo para sentir de novo felicidade e esperança. — Por que diabo quer que tome para mim, que não tive nada com a senhora, o que era para Boisieux, a quem aliás é preciso perdoar, pois é um encanto?

Saudou os donos da casa cercado por essas duas mulheres que o protegiam involuntariamente, e a sra. de Lustaud, que lhe segredou ao ouvido: — Trate de encontrar o duque; por sua causa, está quase nos pondo a casa abaixo... e isso nos fascina. — Tendo saudado a sra. de Lustaud, Jean entrou no primeiro salão. A primeira pessoa que encontrou foi o sr. Marmet, que conversava com o sr. de Beust. Jean o cumprimentou. Mas o sr. Marmet mal moveu a cabeça, os olhos severos, sem lhe estender a mão. Jean ouviu que resmungava alguma coisa, enraivecido. Pensou escutar: — Que topete — e o sr. Marmet murmurou algo ao ouvido do sr. de Beust, e depois ao do sr. de Tours-en-Langues e esses dois senhores olharam Jean com curiosidade. Muitos anos depois, ele reviu o olhar do sr. de Tours-en-Langues e o interesse divertido de seus olhinhos castanhos ao ver o senhor que trapaceara. Deu dois passos adiante. As pessoas a quem conhecia, quando se aproximava, davam uma meia-volta para o interlocutor ou saíam para outro salão. O sr. de Thianges virou-se, rindo, para uma dama que o pegou pelo braço e, voltando-se para Jean, olhou-o por um momento com seu lornhão. Todavia, a sra. de Cygnerolles estava ainda bem perto dele. Jean, sentindo-se enfraquecer, ofereceu-lhe o braço. Mas a infâmia não sabe aproveitar-se das lições da generosidade. Ela murmurou consigo: “Esses criados terão exagerado o recado dos Réveillon. Além do mais, não está escrito no seu rosto que os Réveillon o apoiam e toda esta gente julgaria bem decaído o meu salão para que eu passeasse com esse indivíduo grotesco que ainda não pôde encontrar uma mão para apertar. Quando os Réveillon virem isso, tudo mudará depressa.

Aliás, parece que a duquesa passeia com Sua Alteza e o duque com a princesa. Têm mais com que se ocupar esta noite do que cuidar desse pequeno Santeuil.” Assim, respondeu a Jean com um gesto que significava: “Não preciso de braço.” O sr. Marmet ofereceu-lhe o seu: ela aceitou. Mas nesse momento, de braço dado com o duque de Lithuanie e cortando a maré dos homens e mulheres trocistas, que se afastaram respeitosamente, a duquesa de Réveillon, que desde que vira anunciar o nome de Jean seguia-o de longe, avançou. A sra. de Cygnerolles fez uma reverência profunda e o sr. Marmet, esperando talvez uma apresentação (que não lhe daria sua mulher ao entrar?), curvou-se até o chão. Mas a duquesa, como se não o visse, falou a Jean: — Sofrendo como está este tempo todo, precisa de um braço mais forte que o da sra. de Cygnerolles para ampará-lo — e, deixando o braço do príncipe, a quem havia prevenido, estendeu seu braço a Jean. — Mas creio que Vossa Alteza não conhece o sr. Santeuil — disse. — É o meu segundo filho, alteza. Gostará dele, pois todos os que me amam sabem que é necessário amá-lo. É muito superior para não ter inimigos — acrescentou rindo — e está muito acima deles para ter vontade de castigá-los. Sendo assim, é a mim que compete fazê-lo. Sentemo-nos. — À sua passagem, o sr. de Thianges, sentado ao lado da sra. de Beust, se levantou. A duquesa pegou sua cadeira e fez que Jean se sentasse nela. Fulminado por esse espetáculo, o sr. Marmet não dera um passo. — Vai beber, senhor? — disse a duquesa ao duque de Lithuanie, ao ver que ele tinha um copo de laranjada. — Não, acho que não — disse o duque —, está muito gelada para mim. — Vamos, Jean, beber lhe fará bem. — E virando-se graciosamente para os homens que lá se achavam: — Alguém — disse — teria a amabilidade de ir buscar um copo de laranjada para o sr. Santeuil? — O sr. de Beust, o sr. de Thianges e todos os outros que lá estavam, deixando uma dama, saltando de uma cadeira, rompendo a multidão, lançaram-se, mas o sr. Marmet já se adiantara a eles. Pois não tinham visto o duque de Lithuanie estender seu copo a Jean: — Beba, por favor — disse, e como Jean recusasse, confuso: — Talvez o senhor me evite uma crise de asma. É muito ruim para mim uma bebida tão gelada quando estou com

calor. — Entretanto, à frente dos homens confusos a quem havia prevenido, caminhava o sr. Marmet, copo de laranjada na mão, andando o mais depressa que podia sem derramá-lo. Mas Jean lhe fez sinal de que já tinha um e o sr. Marmet não teve outro remédio senão afastar-se.

XII. Outro duelo

Tendo sido insultado publicamente no teatro por um senhor, Jean resolveu enviar-lhe duas testemunhas. A quem pediria esse favor? Ora, Jean era recebido muito afetosamente há vários anos na casa de um homem, o barão Scipion — “escreve-se como na história romana”, era a resposta da família, sem que se fizesse entender, a todos os que perguntavam a ortografia do nome —, e pessoa alguma ousaria pronunciá-lo sem um matiz de reconhecimento, pois era o homem mais prestativo e delicado de Paris. Que serviços prestara exatamente? Em que circunstância testemunhara especialmente sua delicadeza? Havia muito que era o homem mais prestativo e delicado de Paris para que aqueles que lhe rendiam um verdadeiro culto (e era todo mundo), aqueles que repetiam seu nome com fervor, perdessem tempo com essas vãs indagações de exegese religiosa. Por acaso São Luís, quando dava sua vida, seu exército, seu reino à conquista do Santo Sepulcro, se punha a indagar cuidadosamente quais os testemunhos em que assentava a crença na divindade de Jesus Cristo? Era essa mesma fé que é “uma boa reputação”, coisa platônica segundo uns, bem real, ao contrário, conforme outros, como todas as crenças, e capaz de engendrar em favor daquele que a compartilha tantos atos úteis para si, visto que uma má fama comporta consequências ruins e positivas, que obrigara Gravier-Bertrand, o mais rico tabelião de Paris, a lhe dar sua filha, e a Société des Secours aux Blessés a nomeá-lo seu presidente de honra. Não havia que falar propriamente em posição social, mas ele possuía o que se chama uma grande posição e as maiores posições não acontecem a todo instante. Quando um provinciano ou um estrangeiro perguntava quem era, diziam sempre: — É muito difícil explicar, é isso. Mas, enfim, é alguém de muito, muito boa posição social, é tudo o que há de melhor. Sabe, é um homem tão prestativo, de uma delicadeza! —

Embora fosse legitimista, o Conselho o escolhia toda vez que se tratasse de nomear uma comissão de honra, pois ele era “desses diante de quem todos os partidos se inclinam”. Na sociedade, na imprensa, as pessoas desonestas, as mesmas com quem ele mantinha uma reserva extrema, não o desejavam, achando que “esse aí tinha o direito de bancar o difícil”.

Não dizia com frequência: — Pode contar comigo —, mas quando o afirmava, qualquer um sabia que podia contar com ele. Bem, dissera-o várias vezes a Jean. Assim, a ideia de um pedido a fazer evocou de imediato no espírito de Jean o nome do barão Scipion. Ficou ainda mais contente com sua lembrança ao considerar que, graças a circunstâncias bastante críticas em que o sr. Santeuil fizera com que dessem à mãe de Scipion uma tabacaria, Scipion não podia, como se diz, recusar-lhe coisa alguma. E, principalmente, o barão Scipion nutria há alguns anos grande afeto por Jean. Enfim, a situação era tanto melhor porquanto Jean já pedira, uma ou duas vezes, serviços quase insignificantes ao barão e este (era de fato dia de azar com um homem tão serviçal), lamentavelmente, nunca pudera prestar. Tais circunstâncias não tinham, é claro, desanimado Jean mais do que a Virgem Maria, ao não conceder uma graça ao católico, não o desencoraja de rezar, mas, por outro lado, tirava-lhe qualquer preocupação de ir se encontrar com o barão Scipion, porquanto sentia que este devia fazer questão de lhe prestar um serviço e ficaria encantado com a oportunidade que lhe oferecia de demonstrar por fim a sinceridade de seus protestos de afeição. Quando chegou ao apartamento da rua de Rivoli, disseram-lhe que o barão saíra. Deixou um bilhete pedindo-lhe um encontro; estava tão perto do Louvre que não pôde resistir ao desejo de ir ver o duque de Richemond, [\[46\]](#) de Van Dyck, e entrou em casa julgando-se um pequeno duque de Richemond porque, pensativo e bonito como ele, ia bater-se em duelo. Seu porteiro entregou-lhe o cartão do barão Scipion, que já viera duas vezes à sua procura, tendo visto seu bilhete poucos instantes depois que Jean fora embora. Jean ficou embaraçado com essa deferência e com o fato de um homem de tal importância se incomodar desse modo por sua causa, deixando de lado seus negócios. Correu de carruagem à casa do

barão, com a pressa antes devida ao reconhecimento do que à solicitação. No salão, várias pessoas esperavam. Mas, ao nome de Jean, o criado do homem mais cortês de Paris e cuja vista dava primeiro uma sensação de confiança e depois de gratidão, assim como o criado de um dentista espalha ansiedade e terror, lhe perguntou: — O senhor não é o senhor Santeuil? — Sim — respondeu Jean. A essa palavra, o criado, com uma reserva que despertou tantos transportes na alma de Jean quanto a amabilidade do criado do dentista dizendo: “É o senhor que tem consulta marcada para as três horas?” causa uma impressão penosa, o criado disse: — Então o barão receberá o senhor antes de todos. Tenha a bondade de vir por aqui. — Após um silêncio durante o qual o criado o conduzia a um pequeno salão aonde voltou dentro de um instante para pôr uma acha na lareira, acrescentou: — Vou pôr seus talheres à mesa, o senhor barão me disse que esperava que o senhor quisesse almoçar com ele e a senhora baronesa. — Jean, sentindo aliás o doce aconchego do fogo envolvê-lo, tinha necessidade de se conter para não dançar, de tanto que a perspectiva desse duelo, que caminhava tão depressa, lhe era deliciosa, e sobretudo de tanto que sentia um devotamento ardente, de coração, por Scipion. Gostaria de lhe dar sua fortuna, sua vida, contentando-se, no momento, em assinalar as forças que transbordavam dele passando a mão numa terrível Górgona de Gérôme que lá se retorcia em mármore. Mas sua vista já não inspirava mais terror nesse santuário da espera confiante, da gratidão respeitosa, do devotamento enternecido, do que a alegria que causa, na sala de um dentista, a vista de um jornal divertido que parece contar antes os sofrimentos das vítimas, que teve já a pretensão de distrair, do que suas histórias engraçadas. E ao ouvir barulho na outra peça, rumor tão sinistro num salão de dentista onde evoca menos o espetáculo do presente horrível do que o de um futuro mais aterrador, Jean dizia consigo: “Mais alguém que ele põe feliz, que homem!”

Essas reflexões duraram um minuto, pois o barão (quando tantas pessoas que nada têm a fazer nos fazem esperar uma hora, disse Jean de si para si) chegou num instante. Na excitação de uma

gratidão que cada palavra de seu benfeitor só fazia exaltar, Jean não ousou sequer lhe pedir um favor e, em vez de perguntar se poderia ser sua testemunha, pensando que ele se proporia por conta própria, pediu-lhe apenas que o recomendasse a pessoas que poderiam se prestar a tal, e não lhe quis pedir nem mesmo quando o barão se pôs a alinhar os motivos por que não poderia ser sua testemunha, e por que não podia pedir nem a uns nem a outros que o fossem, assim como não lhe podia dar recomendação para ninguém. Por fim, aconselhou-o a dirigir-se ao duque de Réveillon. — Posso ao menos lhe dizer que o senhor me aconselhou? — indagou Jean, não ousando, por sua própria vontade, fazer uma tentativa tão atrevida. — Oh, não, peço-lhe que não pronuncie o meu nome. Posso contar com isso, não é mesmo? — Quando chegou a hora de almoçar, Jean, sentindo que não avançara no caso mais do que de manhã, teve vontade de se desculpar e partir bem depressa para ainda ter tempo de achar testemunhas antes do fim do dia. Mas, já que Scipion não podia prestar-lhe essa fineza, não teve coragem de deixá-lo como um egoísta, e ficou para o almoço, durante o qual a baronesa se mostrou encantadora e pareceu, porquanto o marido era tão discreto quão prestativo, não estar ao corrente de nada. Depois do almoço não se atrevia a sair e foi o barão que lhe disse: — Vamos, vou deixá-lo, preciso sair. Deixo-o com minha esposa. — Não, preciso sair também — disse Jean. E o barão fê-lo subir a seu cupê, dizendo: — Vou levá-lo. — E ao cocheiro: — Pare diante do palácio Réveillon. — Jean não sabia como agradecer. No momento em que chegavam, viram a duquesa saindo. O barão escondeu-se com vivacidade no fundo do cupê. — Compreende, não quero que me vejam. É melhor para o senhor que eu fique fora disso. — Obrigado, obrigado — disse Jean —, não me esquecerei, tenha êxito ou não, de que foi o senhor quem me deu essa ideia e da afeição que me demonstrou ter em ocasiões difíceis. — Não somos dois velhos amigos? — disse o barão, como que para pô-lo à vontade. Jean cumprimentou-o baixinho para mostrar que não se iludia quanto a essa pretensa igualdade e que percebia toda a gentileza de sua condescendência.

Ao subir ao palácio do duque de Réveillon, Jean sentiu invadir-lhe o coração todo o afeto que lhe tributava. Mas ao chegar junto dele não aludiu absolutamente a essa afeição nas poucas palavras que lhe dirigiu. Pois, tendo de lhe pedir um favor tão importante (não dissimulava que o duque de Réveillon só fora testemunha uma única vez do rei de Hessen) pela primeira vez, não teria tido coragem de expressar seu afeto ao duque no temor de que este o pudesse julgar ditado pelo interesse. O duque aceitou imediatamente. Ao fim de alguns instantes, Jean quis deixá-lo para ir em busca de uma segunda testemunha. — Espere — disse o duque —, acho que o general de Beauvoil está com minha esposa, quer que lhe peça? — Voltou com o general de Beauvoil, que aceitara. Partiram em seguida para a casa de X., deixando todos os seus negócios. Jean percebia que, apesar de sua simplicidade, o duque não escondia a importância do serviço que lhe prestava. Por isso Jean espantava-se de não experimentar no coração um reconhecimento maior do que aquele, infinito e verdadeiro, que esta ou aquela gentileza do duque despertara nele. Por tais gentilezas, o duque teria se espantado ao saber que Jean lhe era grato. Por esta, sentir-se-ia mal se ele não experimentasse uma gratidão bem grande. Por que então, perguntava-se Jean, não sinto uma gratidão proporcional à importância do favor?

O duelo foi marcado para dois dias depois. Jean julgou gentil de sua parte, quando Scipion não podia ser-lhe útil, ir contar-lhe as novidades como ele lhe pedira, e não deixou de lhe expressar seu afeto, já que nenhuma ideia de interesse devia comprometê-lo aos olhos de Scipion. Este não pôde ocultar por completo a estupefação que lhe causaram os nomes das duas testemunhas de Jean. Calculara mal a força do rapaz e nunca teria pensado que o duque de Réveillon faria isso por ele. Como tal duelo se tornasse um acontecimento parisiense, interessou-se também pela novidade do dia seguinte, pelo nome das testemunhas do adversário. Mas nesse instante, tendo chegado o eletricista para arrumar as lâmpadas com vistas a um sarau que ia dar, ele deixou totalmente de se ocupar de Jean. Este saiu logo, o barão apertou-lhe a mão com uma cordialidade distraída, sempre examinando as velas que traziam e,

tendo sua esposa pedido a Jean que lhe trouxesse novidades logo, não pôde conter um ligeiro movimento de irritação pelo fato de que ela não deu mais atenção a esse arranjo que lhes custara bem caro e devia ao menos ser o mais lindo possível. Jean notou que eles ainda não haviam indagado, embora tivessem tanta amizade por ele, se ele sabia atirar com a pistola.

De súbito, Jean, que até então pensara nesse duelo com tanto prazer, principalmente desde que passou a ter o duque e o general como suas testemunhas, pois no caso de não ser morto teria o prazer de ler a notícia no jornal do dia seguinte, de experimentar o efeito que tal leitura produziria sobre seus inimigos, sentiu um medo bem desagradável. Julgou lembrar-se de que iam a cavalo para o campo de honra, e há algum tempo experimentava uma espécie de aversão, de verdadeiro medo nervoso por esse exercício, desde um dia em que, sem se machucar, aliás, deslizara do cavalo e sentira uma vertigem bem penosa. Sabia montar muito bem e suas testemunhas eram cavaleiros excelentes demais para que ele pudesse temer um novo tombo, mas conservara pelo cavalo uma repulsa instintiva tão incômoda que logo lamentou que não se houvesse feito um acordo, perguntando a si mesmo se não seria possível fazer algo nesse sentido. Na conversa que se seguiu, o duque achou graça de sua ideia de ter acreditado que iam a cavalo até o local do duelo e disse que iriam de carruagem. Nunca Jean amou tanto o duque como no momento em que este o tirou dessa cruel inquietação. “E dizer que eu teria, por causa disso, insistido em que se fizesse um acordo”, dizia de si para si. Seu coração agora estava tranquilo.

XIII. A sala de plantão da Pitié

— Jean, vens comigo amanhã? — perguntou Henri. — Não, amanhã não posso, vou almoçar na sala de plantão da Pitié. [\[47\]](#) Tendo Jean saído por um momento, a sra. Santeuil disse a Réveillon: — sr. Henri, procure impedir Jean de ir amanhã à sala de plantão. Trata-se de um sujeito chamado Savone, mas aliás o senhor sabe, o irmão desse Savone que foi colega de vocês morreu. — Sim — disse Réveillon —, estive no seu enterro. Seu irmão dava pena. Foram obrigados a levá-lo dali. — Sim, amava muito o irmão — disse a sra. Santeuil. — Mas não é amigo de Jean. Está brigado com o pai, que é um homem excelente; no colégio, no regimento, em todo lugar ele cria casos com os chefes. Veio um dia jantar aqui. Discutiu com meu marido sobre a questão do imposto de renda. Asseguro-lhe que sua agressividade nos assombrou. Como é o que há de mais inteligente, é um menino muito perigoso para Jean, que se tomou de amizade por ele em memória do irmão.

Mas Henri não logrou êxito em sua missão junto a Jean. Este havia conversado só umas duas ou três vezes com Savone, mas sentia nele, com todo o respeito de que era capaz sua juventude entusiasta, uma vontade ardente, uma inteligência luminosa do bem que o colocava muito acima de Jean e das outras pessoas que Jean conhecia (à exceção do sr. Beulier). Às vezes, sentindo o quanto sua vida mundana desagradava a Savone, não gostava muito de pensar nele. Mas, se o encontrava, se Savone lhe dizia uma dessas palavras fortes em que o sentimento da ideia e o acento da voz penetravam fundamente no coração de Jean, sua admiração por ele era o sentimento que mais o realçava a seus próprios olhos. E muitas vezes, quando experimentava por si mesmo essa severidade passageira, espécie de sentimento do pequeno valor de nossa alma,

nesse momento, que parece de súbito extinguir todo interesse, toda razão de ser aos anos que nos restam de vida, como a chuva, começando a sair, nos tira toda a vontade de continuar um passeio, chamava a si a lembrança de certos dias em que Savone lhe testemunhara uma estima especial, para retomar a confiança em si mesmo e, ao mesmo tempo, no valor da existência. Apesar disso, há três anos que Savone estava internado e Jean ainda não fora à Pitié. No entanto, Savone teria gostado de vê-lo com frequência. Mas Jean sempre receava que ele o censurasse se viesse a saber um pouco mais de sua vida. E já que sua família aprovava a vida que levava, e preferia ver Jean antes frequentando a sociedade do que Savone, era bom, de sua parte, que agisse assim. Mas não dava razão à família a respeito de Savone a não ser nesse caso em que, sendo-lhe desagradável o provável julgamento de Savone, achava necessário retirar-lhe, a seus olhos, toda autoridade. Em qualquer outro caso, sabia que a família não o compreendia, e ficou irritado de ver sua mãe voltar de novo a essa afronta que fazia a Savone: a de não se dar bem com seus chefes, com seu pai, de ter discutido com o sr. Santeuil, pois sabia que todas essas ações censuradas tinham tido como causa o vivo e profundo sentimento de justiça de Savone. É claro que ele, Jean, sentia que dentro de si próprio um tipo de sensibilidade, de fraqueza, tê-lo-ia refreado no momento de resistir a seus chefes, de romper com o pai. Mas, assim mesmo, sentia-se incapaz de praticar qualquer dos grandes atos que via Savone fazer, ser tão rigoroso consigo mesmo, dar todo o seu dinheiro aos pobres, dedicar toda a sua inteligência, seus dias e muitas vezes suas noites a meditar sobre as questões sociais. O sr. Santeuil, excetuando Savone, achava que as salas de plantão compostas pela nata da juventude elaboravam continuamente, em conversações incomparáveis, a ciência do futuro. Assim, se Jean não se achasse em contato com Savone, não se aborreceria em vê-lo misturado a esse meio tão inteligente. Mas Daltozzi, cujos nervos o haviam impedido de continuar na medicina, as havia frequentado durante um ano e dissera a Jean que ali se respirava uma atmosfera fétida de mediocridade autossuficiente, de troça macabra e de materialismo imbecil.

Mas nossa presença no meio de novos indivíduos deixa-nos hipnotizados, por assim dizer, com a fixidez de sua realidade individual, faz-nos olvidar as questões abstratas que nos podíamos colocar a respeito do que representavam até então para a nossa imaginação, e estabelece entre eles e nós relações originais e vivas que absolutamente não se preocupam, em seu arrebatamento espontâneo, com as ideias preconcebidas que pudéssemos abrigar. A todo instante, dos seis ou oito jovens que lá se encontravam, um ou dois diziam um gracejo a um outro, ou um insulto a respeito de uma falta provavelmente conhecida de todos, que riam, unindo-se para reprová-lo, ou defendendo-o com injúrias também tão boas, e gracejos igualmente pesados. Mas aquele que, quando falava alto para os outros e da cabeceira da mesa era tão violento, dizia ternamente “meu filho” a seu vizinho que se ferira e estava com o braço na tipoia, e se levantava toda vez para lhe trazer o que fosse preciso a fim de que não se machucasse. E as vozes exclamando as injúrias se interrompiam e se faziam suaves para perguntar a Jean com toda a educação se não queria outro prato, se a corrente de ar que vinha da porta não o incomodava. Entre eles, com a garrafa de vinho que passavam de mão em mão, circulava essa alegria infantil, essa inconsciência feliz dos que nunca têm tempo de pensar em sua satisfação, não lhe dão a menor importância o dia inteiro de modo que ela acompanhe, sem que se apercebam disso, todos os atos de suas vidas. Vivendo sempre juntos nessa grande residência onde repartiam entre si a autoridade sobre as irmãs e os fiscais, tendo os mesmos estudos, os mesmos chefes, os mesmos deveres, os mesmos companheiros, os mesmos motivos de preocupação, de reflexão, de satisfação, de gracejos, sua amizade os reunia por mil laços diversos e entre cruzados como essas heras que dão a impressão de estarem tão bem nos muros. E entre os mais inteligentes e os melhores, a sátira dos defeitos dos mais tolos e também o conhecimento da fraqueza e da proteção deles se eram muito atacados, formavam uma aliança mais estreita, pacífica e risonha. Muitas vezes se alguém do grupo de Savone começava a zombar de Etrat, que tentava jamais assinar subscrições, que tinha suas botas engraxadas pela governanta e trazia frutas numa sacola

às escondidas para comê-las sem ser obrigado a oferecê-las aos outros, Savone ou dois outros diziam: — Deixem Etrat em paz, é um bom menino —, ou se conservavam num silêncio que Etrat não esperara, conhecendo, por feridas sempre reabertas, o poder invencível de suas palavras retumbantes, contentando-se em sorrir. O que principiara o ataque, olhando-os, calava-se e também sorria. E pareciam todos, como jovens deuses confiantes em suas forças, olhar a seus pés, voluntariamente depositas, suas armas de ouro.

Por ter dito uma asneira, recebida com uma algazarra ensurdecidora, Etrat foi condenado a pagar uma rodada de champanha e, como resistisse, um amigo de Savone, o vizinho de Jean, um rapagão touro de aspecto suave, Servais, provou-lhe tranquilamente, e com um luxo de argumentos irônicos, que devia pagar, quando um menino entrou. Vinham buscar o interno de plantão. — De que se trata? — indagou Servais. — É um homem que está sufocando — respondeu o garoto —, está ficando roxo. — Bem, não incomodem o interno; eu vou até lá. — O menino saiu e Servais continuou a provar tranquilamente a Etrat que ele devia pagar o champanha. As últimas resistências de Etrat caíram diante da indignação geral. E tendo dito à criada, que entrava nesse instante: — Traga champanha, o sr. Etrat está pagando; da melhor, da mais cara —, Servais desceu para junto do doente não sem ter dito da porta a Etrat: — E toma cuidado para não surripiar meu copo. — Quando voltou, estavam gracejando com Etrat pelo fato de que o seu champanha era uma tisana e Savone perguntou à criada: — Félicie, confesse que o sr. Etrat a proibiu de trazer o legítimo champanha. — O sr. Etrat não me disse nada, sr. Savone — respondeu Félicie com um sorriso doce onde estava impresso o respeito que nutria por Savone, e o respeito que ela sabia lhe tributavam todos. Nesse meio-tempo, Servais retomara seu lugar ao lado de Jean. Mal provou a bebida, exclamou: — Champanha, isto? Isto é água! — e a atirou borrifando Etrat e gritando: — Félicie, o sr. Etrat pede outra garrafa de champanha, e do legítimo desta vez, ou será você quem pagará tudo. — E o seu doente, como vai? — perguntou Jean a Servais. — Está morto — respondeu Servais. —

Sim? — Você ouviu, Félicie, champanha para o sr. Etrat, e depressa. Eu ainda não bebi...

— Muito bem — perguntou Savone a Servais enquanto fumavam —, deixaste o sr. Santeuil intrigado com o que querias? — Oh, não, é verdade, já ia esquecendo — exclamou Servais. — Sim, oh, não é muito importante. Eu queria lhe dizer que sabia muito bem de sua viagem a Penmarch num dia de tempestade. — Como? — disse Jean. — Mas quem lhe contou? — Ninguém me contou, eu o vi. — Mas como? E eu não o vi? — Se não me viu, eu o vi, mas até você me viu. Entretanto, como não me conhecia, não se lembra mais. Eu não o conhecia tampouco, mas sua fisionomia me impressionou. — Oh, então estava em Penmarch? Não, no trenzinho? No trenzinho... você era o ciclista! — gritou Jean, que nunca mais voltara a pensar nele desde aquela ocasião, e o revia imediatamente de pé ao sol poente, e de fato Servais nada tinha que o impedisse de, mais jovem, se houvesse mudado muito em alguns anos, poder ter sido o ciclista. — Eu era o ciclista e teria gostado muito de conversar com você. Estava entediado e com muito frio. — E as duas damas? — exclamou Jean num assomo de curiosidade. Mas enrubesceu logo ao se lembrar de que uma devia ser a amante do ciclista. — Oh, perdão. — Mas não, nada de desculpas, era a marquesa de Lieureux, filha da sra. de Miraibout Tournefort, e a outra, a velha, era a mulher do ministro da Sércia. Aliás, nunca mais as vi. — Como, mas você as conhecia bastante, você seguiu viagem com elas. — De jeito nenhum, elas me pediram que lhes mostrasse o caminho ao descerem. Eu tinha sido apresentado à esposa do ministro de Portugal precisamente em casa da duquesa — disse Servais olhando para Henri de Réveillon. — O que, eram elas? Nunca teria imaginado — exclamou Jean, e a força de sua voz, que explodiu de súbito, alteada pela surpresa e pelo interesse, o ardor de seus olhos concentrados nessas recordações aparecidas de repente de uma tão longa distância, a viva coloração de suas faces, faziam com que os outros o mirassem com curiosidade. Depois, vendo que ele se lembrava das recordações de uma viagem à Bretanha, perceberam que isso não tinha interesse algum para eles, que lá não tinham estado, e voltaram à conversa. — Não, é demais — exclamou Jean.

— Mas como, a velha também? Eu teria acreditado... enfim, não ousou dizer, enfim, completamente diferente de uma mulher de alta posição social: e me disseram que essa mulher do ministro da Romênia era muito simpática. É verdade que uma diferença de região pode ser tão pronunciada quanto uma diferença de classe. Não, mas na verdade é demais! E como devo lhe ter parecido antipático — disse Jean, para ficar bem certo de que Servais o notara e achara simpático. — Você, você estava com dois pescadores — respondeu ele. — Sim, você adivinhou melhor do que eu. — E revia as duas damas, ora como uma cocote e sua camareira, ora como a marquesa de Tournefort e a condessa Pickitz, ora dos dois jeitos ao mesmo tempo. E ficava maravilhado com essa descoberta.

Mas já na carruagem, lembrando-se daquela pequena estrada de ferro de Pont-Labbé, desaparecida para sempre de sua memória e na qual, sem a surpresa daquela frase, sem dúvida, nunca mais teria pensado, e na qual ninguém depois teria jamais pensado, visto que ninguém, por outro lado, a tinha visto, mas que agora fugia no sol poente diante de seus olhos, o que mais o impressionava não era o que seriam as duas damas, mas que aquele ciclista que julgava nunca mais voltar a ver, que fazia parte da paisagem como o gradil da estação de trem, como as árvores, como tudo o que estava então diante de seus olhos sem que ele pudesse ver nisso uma vontade que conhecesse, fosse hoje seu amigo. E que, nas duas vezes, como no caso de uma aparição fantasmagórica, em que tremeluzira essa imagem a seus olhos, a natureza não terá agido como nessas mágicas em que primeiro uma personagem aparece assim em reflexo, mas logo depois um verdadeiro ator toma o seu lugar e diz algumas palavras, é verdade que para desaparecer também como o reflexo, e não era isso o que Servais ia fazer dentro de poucos dias? Jean não o teria visto jamais a não ser entre dois trens.

No momento em que Jean ia descendo a escada, acompanhado de Savone e de Servais, vieram chamar este último para atender a outro doente. Era precisamente na sala vizinha. Jean entrou com Servais, enquanto Savone foi buscar suas coisas. Jean ficou espantado e deslumbrado por ouvir Servais falar ao doente com doçura, num tom quase terno: — Muito bem, coitadinho, não está melhor? Seu abscesso está doendo? Vejamos, meu velho, deixe-me tocá-lo, não vou lhe fazer mal. — Jean sentiu-se grato como por uma bondade que Servais tivesse tido para com ele. Viu então as mãos fortes de Servais, que ainda há pouco tinham tão duramente esmurrado a mesa na algazarra contra Etrat, aproximarem-se cautelosas do curativo, segurá-lo com doçura e tirá-lo tão lentamente que o doente pareceu não sentir quase nada. Movido de admiração por uma bondade que não era inerte e cega como as nossas vagas e inúteis bondades mas que se traduzia de imediato com precisão, com audácia, com doçura, em sofrimento poupado, em curas preparadas, em crises interrompidas, Jean olhava essas mãos, essas mãos sábias e sutis como uma inteligência, essas mãos adestradas e boas, e as teria beijado como a objetos sacros. E a aversão que há pouco lhe inspirara a calma de Servais não se apressando em correr para junto de um agonizante e bebendo champanha com tanta alegria, gracejando tão calmamente no momento em que acabava de vê-lo morrer, desaparecera por completo. Servais achou que convinha abrir o abscesso. Era preciso fazer muitas incisões. No momento em que terminava a primeira, o doente fez um movimento e Servais se espetou. Jean, que conhecia o perigo dessas picadas, correu a avisar Savone, que sugeriu a Servais que fizesse um curativo imediatamente e deixasse para mais tarde o final das incisões. Servais deu de ombros e continuou. Savone zangou-se. Mas fosse por cepticismo diante de uma ciência que via todos os dias ser frustrada pela vida e pela morte, fosse por efeito dessa mesma calma em presença do perigo, cuja frequente repetição o tornava indiferente, fosse pelos outros ou por si mesmo, por escrúpulo profissional que, substituindo a piedade, como um pensamento substitui um sentimento, o impedia de deixar o doente

antes que o curativo estivesse adequadamente pronto, Servais recusou.

Poucos dias mais tarde (a picada não dera em nada), Servais curado deixou a Pitié, tendo completado seu tempo de interno. Como não tivesse pensado antes em prestar concurso, ia instalar-se em Amiens, onde tentaria conquistar nome e clientes. Estava triste por deixar os amigos com quem vivera tão unido durante vários anos e parecia não ver claro à sua frente quando pensava nos anos que viriam. Mas aquele que o olhasse, tendo já um ou dois fios grisalhos nos cabelos louros, com a ligeira aparência de um homem calmo e que ama seu bem-estar, seus olhos inteligentes mas não além de um saber científico relativo e do bem-estar prático, vendo-o nesse dia parado perto de um homem que lhe pedia uma informação, poderia muito bem figurá-lo exatamente como seria daí em diante, envelhecendo aos pouquinhos, engordando, avermelhando-se, enrugando-se e depois se curvando como se desenvolve uma planta, nas ruas de Amiens, onde desfrutaria uma boa situação, parado assim de passagem por um homem, o boné na mão, que pedia ao sr. doutor Servais (um figurão na província) que fosse ver seu filhinho atacado de crupe, prometendo-lhe passar em sua casa depois do jantar. Seus amigos, ao se despedirem, prometeram ir vê-lo um dia em Amiens e ele prometeu, por sua vez, escrever-lhes e na verdade sua vida era feita da deles, que ele não sabia o que seria dele sem eles. Mas aos poucos, em Amiens, os novos conhecimentos tomaram o lugar deixado vago pela ausência dos antigos e se implantaram profundamente em seu coração ainda vívido. Ele os esqueceu pouco a pouco. No entanto, às vezes, e até depois dos cinquenta anos, trotando em sua carruagem para voltar para casa, na rua Basse, onde ia ao lado de um doente, pensava de súbito em Etrat e nos outros, pensava nos que mais amara sem tristeza, sem desejo de revê-los, e se eles tivessem anunciado sua visita teria ficado muito aborrecido, com pressa de vê-los partir novamente, a fim de voltar à tranquilidade no meio daqueles entre os quais girava comodamente sua vida, como outrora girara com eles. Mas pensava nisso, e em sua juventude, com doçura.

XIV. Um jantar na cidade

A duquesa de T. convidara G. com o grande médico M. Encontraram-se para jantar. G. ouvira dizer que M. era o médico mais inteligente que havia. Assim, confiava o seu tanto nele, explicando-lhe seus males, que ele talvez pudesse curar: M., que lera os livros de G., estava interessado em conhecê-lo. E, interessando-se pouco pelas doenças de G., estava curioso em ouvi-lo falar de seus livros. Pois um médico é um homem que gosta muito de ouvir uma cantora que canta bem e conhecer um artista de valor, e por mais que a cantora lhe diga estar gripada, ele retrucará: — Que importa, já que canta tão bem —, e por mais que o artista afirme sofrer de insônia, lhe assegurará: — Que importa, já que escreve livros tão belos. — Pois ele sabe que um homem que escreve belos livros é alguém que não dorme, que se julga doente, que tem crises de asma que não é possível tratar, que consulta os médicos e que isso faz parte do talento. Todavia, gosta muito de ter como cliente um homem assim, pois se acha que nada pode fazer em relação a sua asma, a suas insônias, a sua hipocondria, coisas que nunca foi possível curar e que são o próprio efeito de seu gênio, a admiração que lhe tributa e que é composta do sentimento da notoriedade desse homem e da medida em que sua inteligência, tendo assimilado a inteligência geral de sua época, assimilou a possibilidade de saborear romances naturalistas ou poemas “de grande envergadura”. Por isso gosta de fazer esperar seus clientes, se preciso, para recebê-lo, não para se ocupar de suas insônias, que para ele são coisa vulgar e que fazem parte de um homem de gênio como a inconveniência dos mosquitos de uma bela viagem à Itália, mas para fazê-lo falar sobre mil assuntos, o que faz com que, quando G. morrer, ele possa, ao conversar com um confrade mais idoso, lhe contar muitas lembranças de G., de modo que o confrade, ao voltar para casa, há de dizer à mulher que T. conheceu muito G.,

e que lhe contou coisas muito interessantes, que será preciso convidá-lo aos nossos jantares, diversas impressões favoráveis, suscetíveis de se transformarem, mais dia menos dia, num voto para a Academia de Medicina. E durante a sua vida, T. recebe G., G. que não vai a parte alguma e janta em sua casa com a promessa de que tal coisa não lhe fará mal, e de fato assim pensa, pois como é um médico muito inteligente sabe que os escritores que têm insônia receiam os jantares na cidade e não pensam que todos os jantares citadinos do mundo possam coisa alguma contra essa grande lei da natureza. Assim, G. não pode deixar de ter uma grande decepção com T., que não lhe dá nenhum remédio para a asma, e cujo olhar, em compensação, brilha admirativamente quando o ouve falar de seus livros, vendo que foi íntimo de Flaubert, de sorte que G., frágil, sofredor, inquieto, contando com o apoio da sólida base de T., vê ao contrário, com pasmo, que T. é quem busca apoio nele. Confrades eminentes chegam para se encontrar com G. Convidam amavelmente a família inteira de tal mestre eminente, cuja filha se interessa pela literatura e ficará feliz em conhecer G. Mas seu pai, inflexível, nem por isso deixará de votar contra T. nas eleições futuras. E de fato, sem dúvida, os médicos puderam verificar que os literatos dormem mal, sofrem de doenças rebeldes, são difíceis de tratar e desejam ser drogados, são presa fácil para os hipnotizadores e os charlatães. Os homens de negócios podem constatar que os poetas são desordenados e também presa fácil para os charlatães. Os homens de ciência podem notar que os poetas dizem facilmente coisas que espantam em pessoas inteligentes, coisas que poderiam fazer com que fossem tidos por imbecis, como, por exemplo, falar às vezes de pressentimentos, de superstições variadas sem muita dúvida. E poder-se-ia achar também que são indulgentes com os vícios, e até com certos crimes, que encorajam a preguiça dos jovens, que estimam demais um passeio no campo, uma paixão, e que são muito severos com os professores, com as aulas, os estudos, que gracejam, rindo muito, com pensamentos e frases que parecem bem razoáveis, em tal ou qual livro ou jornal, e que desfalecem diante de um nome, de um fato que parece tão puramente formal que não possa conter nada

capaz de reter um ser pensante, e que assim chegam a confessar terem sido conduzidos a tal preferência, a tal decisão, por tal motivo puramente exterior, para uma região em virtude de seu nome, de um modo que deve cobrir de vergonha todo ser racional, que eles se divertem com os operários e os camponeses, e acham idiotas pessoas de grande reputação que são generosas e egoístas. E muitas vezes acham também que são bem superiores a seus livros, pois têm uma visão superior sobre todos os assuntos que podem interessar a um homem inteligente, ao passo que só pegam da pena quando são solicitados por um demônio interior que parece deleitar-se apenas em certos locais onde viveram, nos leitos bem espaçosos onde dormiam escondidos sob as cobertas, numa aldeia onde as horas soavam na praça à noite e onde, antes de adormecer, podiam, descerrando a cortina, ver o céu azul cheio de estrelas e as casas num misto de sombra e luar.

Voltando à noite para casa, Jean encontrou o bilhete que a mãe lhe deixava todos os dias ao se deitar, e no qual pedia que lhe dissesse exatamente a hora em vez de se referir a vago “não é muito tarde”, se deitaria enfim mais cedo essa noite, sua grande preocupação. A cada noite o pedido assumia uma forma diversa. Nessa noite desenhara um quadrante e dissera que marcasse sobre ele a hora em que chegara. Cada vez que nos dedicamos a certo número de ideias que não escolhemos, que nos são fornecidas pelas circunstâncias e são muito limitadas, chegamos a achar entre elas, sem cessar, relações novas e atraentes. Assim, os amantes espirituosos, que chamam determinadas coisas por certos nomes figurados, chegam a se escrever sobre tais coisas, todos os dias, com cores novas e requintadas. Assim, quanto a esse bilhetinho de dormir, a sra. Santeuil encontrava a cada noite uma invenção nova e atraente. Sem dúvida é por isso que as mais brilhantes páginas de um autor são com frequência um trecho imposto, como, por exemplo, um prefácio encomendado, um determinado artigo. A matéria sobre a qual se debruça o espírito não é o próprio espírito, sempre fugidio e por investigar. É um termo fixo que não muda, sobre o qual o espírito vai, volta, ricocheteia cada vez com mais força e brilhantismo. E quem tenha o costume de se maravilhar com

minha surpreendente invenção numa carta, num dever, numa conversação, não encontrará nada disso numa obra em que a matéria é invisível e ínfima.

IX

A respeito do amor. — Os amigos de Françoise. — A bolinha de ágata. — Inverno nas Tulherias. — A marquesa de Valtognes. — O sr. de Villebonne. — A sra. de Thonnes. — Jean e a sra. Desroches visitam a exposição Bergotte. — O jantar da sra. Cresmeyer. — Henri Loisel e a sra. Delven. — A duquesa d'Alpes. — Os presentes. — Primeiro fracasso. — As confissões. — Saraus perdidos. — A sonata. — O sonho.

I. A respeito do amor

Stendhal, que é tão materialista, para quem as coisas exteriores às nossas disposições, mesmo às nossas disposições físicas, parecem possuir importância real para nós — “somos menos felizes do que..., embora tenhamos ponche à romana” (seria necessário, para um idealista, colocar na lacuna: o apetite) “essa pessoa, por sua conversação, não levava etc.” — sempre colocou acima de tudo o amor, que para ele parece formar um corpo só com a vida interior. O que nos faz amar a solidão, ter mil pensamentos, o que faz com que a natureza se nos torne incompreensível e eloquente é, para ele, o amor. Parece só haver conhecido a poesia sob a forma de amor. Não chegamos até aí. De fato, o amor se assemelha à poesia por libertar-nos dos outros, por devolver-nos a solidão, pelo encanto na natureza. Mas é uma fase estranha da vida essa sujeição da poesia que exclui toda preocupação individual num determinado indivíduo, essa unidade da natureza reconduzida a uma individualidade dupla. Um indivíduo, por mais notável que seja — e no amor em geral ele não tem nada de notável —, não tem qualquer direito de limitar assim a nossa vida interior. Não existe nenhuma relação real e profunda entre esse perfil, momentaneamente atraente para nós, e nossa vida interior. Os pensamentos entre os quais se interpõe, e que se agrupam em torno dele, não lhe pertencem sob título algum. Lá dentro não podemos ver nada de real. E entretanto trata-se de toda a nossa vida interior, que se acha assim sistematizada, de modo que o universo acaba sendo uma espécie de atrelagem para conduzir a dois. E é incontestável que um artista, um filósofo, um poeta podem, de súbito, sem que isso represente uma diminuição de seu gênio que o reduzisse à sua débil personalidade, a individualidades, ver seu pensamento desdobrado e sistematizado dessa maneira estranha, às vezes durante meses.

Era justamente em Stendhal, que citávamos há pouco, que Jean pensava sempre, sonhando com o perfil puro e despenteado que conferia, há coisa de um mês um novo encanto a sua vida. Não podia dizer que estivesse apaixonadíssimo pela sra. S., mas talvez justamente por causa disso desfrutava o prazer que sentia ao perceber-se apaixonado, que em vez de ir todas as noites às reuniões sociais ia ver a sra. S. na casa dela, que lá ficava até tarde e ao voltar de noite tinha diante dos olhos o perfil puro e sorridente, sempre à mesma distância, do mesmo modo que tinha à mesma distância de seu carro descoberto, nas noites belas e radiosas, a face pura da lua. E era feliz de sentir-se invadido, na casa dela, na volta, e em sua casa ficando a pensar nela, por esse prazer que nos separa dos outros e nos faz conhecer novos, cuja vivacidade vira em Julien Sorel, em Fabrice Del Dongo, no livro *De l'amour*, sem o ter experimentado posteriormente. Bem cedo se deu conta de que não poderia ir para a cama com essa jovem viúva independente (ela o recebia todas as noites das dez às duas da manhã; aliás, ele só a desejava muito pouco) mas honesta, que não a poderia sequer beijar. Essa quase certeza provinda de declarações categóricas teria sido suficiente para matar o amor, já que este parece residir numa espécie de expectativa quanto à maneira ainda desconhecida pela qual se realizará nossa tomada de posse da pessoa amada e que se tem razão quando se diz que ele vive de esperança. Mas certas palavras, certas cartas, uma espécie de segurança de ser para ela o que ela era para ele, esse modo de recebê-la todas as noites, e de absolutamente não escondê-la frente a várias pessoas, e de escondê-la frente a outras, eram suficientes para entreter nele, por algum tempo ainda, esse amor privado de certa forma do objeto do amor que nele reinava, como muitas paixões que só sentimos em pensamento, pelo conhecimento que tomamos da impossibilidade de sua realização, assim como guardamos em nós órgãos do homem selvagem ainda que eles não possam mais ser utilizados em nossa civilização, como muitas paixões que somos obrigados a viver de modo bem restrito, como se toca ao piano uma partitura pela impossibilidade de se ter uma orquestra. Mas essa ausência de esperança determinada na pessoa que dirige seus pensamentos

para a satisfação que existe em amar, ele fruía mais com seu amor do que com sua amante. Assim, essa sensação amorosa era-lhe talvez mais voluptuosa e fazia-o pensar nela como numa espécie de prazer mais vivo do que aqueles que até então ornamentavam sua vida e, desse modo, lhe lembravam Stendhal, fazendo-o considerar o amor como um modo infinitamente mais agradável de desfrutar a vida e de achar atrativo na solidão.

Além disso, a partir de certa idade, quando nossas ideias filosóficas já assentaram, fruímos melhor as coisas porquanto já não lhes buscamos o fundamento metafísico. Sabemos que as sensações que se nos apresentam de um modo vivo e particular, despertando em nós uma ressonância poética, são reais nesse caso, e não procuramos discuti-las, o que nos confere uma espécie de sossego para que as gozemos. Certamente apreciamos melhor o teatro quando gostamos e a peça é ruim, do que quando, insensíveis, estamos num belo camarote diante de atores preferidos. Mas, quando se ama o teatro e se busca nele o absoluto, quando se devora cada entonação para tentar apreender qual a importância que ela pode ter para o nosso espírito, e qual o seu valor, já não se tem mais nenhum prazer. O amor nos concede esse tormento na mais tenra juventude, sem contar com os outros tormentos. Será que o amor é como essas doenças que nos atacam de tempos em tempos durante a vida inteira, mas que vão sempre se enfraquecendo, e das quais nenhum acesso igualará em violência o primeiro? Acaso sabemos que jamais voltaremos a encontrar a violência do primeiro amor? Talvez, também, nossos amores seguintes sejam menos sinceros porque conhecemos melhor a vida e buscamos mais egoistamente a felicidade. Se um homem inteligente, ciumento e com medo de sofrer diz de si para si como Jean: “Se ela é apenas muito gentil assim, e eu puder vê-la o tempo todo durante quinze dias, em quinze dias deixarei de amá-la. E tomara que não me cause mágoa, pois do contrário eu me tornaria um chato”, dirá à amante: — Quando uma mulher me magoa, deixo de amá-la. Amo-a apenas por causa da gentileza com que me trata. — Se tem medo de a amar por muito tempo, lhe dirá que receia amá-la só por quinze dias, se é verdade que ele é

volúvel. E se ela lhe diz “não posso vê-lo esta noite”, ele responderá empalidecendo: “Ora, por quem é, nada mais natural.” Pois o que deseja dela é o amor, e sabe que o que guiará o amor não é a confissão do seu. De modo que muitas paixões, ao irromperem na maturidade calejada, que já suportou várias em toda a vida; parecem-se tanto com a paixão primitiva como as rosas silvestres com as rosas cultivadas, ou melhor, como com as plantas autóctones as mesmas plantas removidas e debilitadas. Sem dúvida, há uma primeira declaração. Mas logo receamos renová-la, fechamo-la em falsa indiferença, falsas ameaças, falsa infidelidade. E como tudo em nós foi adulterado pela vida, sensibilidade, sinceridade, até memória, e mesmo o sentimento bem nítido de nossa personalidade e da realidade de nossos sentimentos, às vezes nem mais sabemos se estamos ou não apaixonados. Somente os nossos atos, que permaneceram relacionados com o verdadeiro instinto que o cérebro já não distingue, testemunham a sobrevivência. Indagamo-nos se a morte de nosso avô nos contrista, mas, ao nos aproximarmos de seu quarto, rebentamos em soluços. Não sabemos se ainda temos coração, mas damos nosso dinheiro a um desgraçado. Temos como que junto a nós, sem ter mais a faculdade de ler em sua alma, uma criança que chora e que pratica o bem. Não sabemos se ainda amamos a sra. S., e todas as noites vamos vê-la, e a visita que vamos fazer-lhe perguntando-nos se isso lhe dá prazer, ela a desmarca sem se dar conta de que recebemos um golpe em pleno coração.

Tanto parece que isso suceda nas partes defesas à nossa consciência que a nossa vida instintiva continua a se desenrolar o tempo todo, assim como o pulso bate e o sangue circula.

E para voltarmos a essas mentiras do amor, cumpre-nos também dizer que a vida, habituando-nos a não esperar demais dos outros e tendo-nos apresentado já a imagem daquilo que nos agrada, incita-nos a esperar unicamente o que o acaso nos dê, e a pedi-lo nós mesmos. O amor nos aparece mais como uma sensação subjetiva: por isso é um prazer cujas condições conhecemos, mais do que a busca de um objeto ao qual teríamos de nos subordinar inteiramente. Desse modo, insinuamos facilmente à mulher que

amamos as coisas que desejamos, seja sob o pretexto de fazer durar nosso amor, seja assegurando-lhe que isso a exalta, de maneira que nosso prazer se torne maior e que ela pareça mais encantadora a nossos olhos. — Não se preocupe com nada — dizia Jean à sra. S. (para não dar a impressão de insistir muito) —, mas se pudéssemos nos ver todas as noites, isso prolongaria meu sentimento. Diga-me palavras doces, solte os cabelos, ponha-se de perfil, mostre-se jovial. — E de fato, certas noites em que, de perfil, os cabelos soltos, muito jovial, ela lhe dissera coisas mais doces, ele sentia que a amava mais, e demonstrava-o a fim de fazê-la recommençar. Não procurava indagar de si mesmo o que ela fora antes dele, o que seria depois, assemelhando-se o tempo, para ele, ao espaço e tudo que não estivesse de imediato sob seu raio visual ficava escondido por trás do vago horizonte que o olho não busca penetrar atrás nem na frente, e após o qual parece não haver mais nada. E tudo isso, a amabilidade para com ele, a jovialidade que parece apagar tudo o que não se refere a nós, toda preocupação, os cabelos soltos sobre as linhas do rosto, porque ela era assim, isto é, essa cabeça misteriosa interposta entre ele e a felicidade cujos raios só dela podiam provir — uma mulher, quando pensamos nisso, não sendo ela mesma por inteiro e sim esse aspecto dela que associamos a tantos devaneios —, tudo isso era para que ela lhe pertencesse mais: o que ele procurava de todas as maneiras, dando-lhe satisfação, prestando-lhe serviços, empenhando-se em lhe parecer dotado de todos os prestígios, cuidando para que ela dissesse abertamente que viesse todas as noites, não deixando de estar a seu lado, o que bem provava então, se ela o dizia, que não era só para agradá-lo, mas na realidade como um fato que ela reconhecia suscetível de ser aceito por todos, que ela lhe dava essa situação privilegiada. E se ele levasse um amigo à casa dela, sentia-se contente quando ela lhe pedia, diante do amigo, que ficasse depois que o outro saísse, que o chamasse pelo nome de batismo, que ela lhe fizesse elogios ou críticas que demonstrassem que tinham vida em comum, que ela dissesse: — Se o senhor o conhecesse tão bem quanto eu —, que falasse de coisas que tivessem lido juntos, para mostrar que tinham ideias comuns, que

havia nela algo de registrado por ele, que ela dissesse: — Aqui está o livro que esqueceu, trate de responder à sra. S., faz dez dias que lhe digo isso —, para mostrar que ela se preocupava com que ele fosse delicado, que as obrigações de ambos eram as mesmas, e que seus projetos do dia seguinte seriam resolvidos em conjunto, que ela dissesse: — Vai lá? Se for, também irei; não sendo assim, se prefere vir aqui, venha, tudo o que quero é vê-lo. Uma noite, ao sair de um sarau aonde tinham ido, ele foi a outro para o qual ela não fora convidada e talvez para fazer uma dessas coisas que ele dissera lhe dar tanto prazer, ela havia dito: — São onze horas, vá. Volto para casa, mas ficarei esperando; não deixe de vir à meia-noite e meia. — Ele sabia que isso lhe era indiferente, mas estava feliz com uma tão grande gentileza que fechava antecipadamente a porta a todo ciúme, a toda dúvida acerca dos seus saraus. No outro sarau, divertiu-se, e perto da meia-noite e meia estava bastante aborrecido por ter de sair para encontrar-se com ela. Chovia, só encontrou uma carruagem descoberta e durante todo o trajeto não se sentia lá muito satisfeito. Pois a partir do momento em que, por pedido seu, sabia que ela tinha somente a ele para ver, teria preferido ir dormir em casa com essa certeza a lhe dizer boa-noite ainda outra vez. No entanto, dizia consigo: “Não fico neste sarau pois existe uma mulher a quem amo e a quem vou ver. Ela me espera, este amigo que acabo de cumprimentar vê que não volto para casa. É que agora há outra coisa em minha vida além dos prazeres mundanos, algo mais doce, visto que os sacrifico a ele. É bem agradável não sermos a pedra angular de nossa existência, quando ela se une assim a uma pessoa, porque não nos sentimos mais um único ser, e sim dois, de modo que temos, como que dentro em nós, uma espécie de desconhecido que é ao mesmo tempo nós mesmos e alguém que não conhecemos antecipadamente como sendo nossa própria pessoa.” E embora não sentisse muita satisfação em voltar assim tão tarde para vê-la, agradeceu-lhe efusivamente para que ela compreendesse que esse tipo de proposta, ao eliminar antes de tudo qualquer hipótese de sarau passado com outros que não ele, impedindo a irrupção do ciúme, devia perpetuar, conforme ele dizia, devia pelo contrário, ele

o sabia, causar a morte doce de seu amor. E, na verdade, ele não via mais coisa alguma que pudesse interromper e anuviar o seu contentamento.

No dia seguinte ela lhe disse que se sentia cansada de ter velado até tão tarde a noite anterior (ele ficara muito tempo depois do sarau) e quando deu meia-noite lhe pediu que a deixasse deitar-se e fosse embora. Ele lhe disse adeus, não sem ter antes olhado o outro quarto, e saiu. Já em casa teve vontade de sair de novo, tomou um fiacre e, saltando não longe da casa dela, entrou na rua. E de súbito percebeu por entre os postigos fechados das duas janelinhas a luz dourada que inundava seu quarto.

Quando chegava por volta das dez horas, era desse modo que sabia que ela estava em casa, e essa luz era como uma doce garantia de sua presença. Agora, mais de duas horas depois que a deixara, era a prova execrável de que ela recebia alguém pelo qual o fizera partir. Bem que gostaria de saber de quem se tratava. Sem fazer ruído, abaixou-se, colou os olhos no anteparo para ver através da fresta, mas os postigos oblíquos não o deixavam ver nada. Contudo, era evidente que a janela estava aberta. Eles sentiam calor. Ouvia o rumor de uma conversa. A primeira dúvida que tivera quando ela lhe pedira, perto da meia-noite, que a deixasse dormir, a sensação de achar que alguma coisa sua fora talvez alienada, destacada de seu coração, dada a outros, voltara carregada de uma certeza quase pungente quando vira luz em seu quarto. Sem dúvida, ele sofria, detestava essa luz que via e na qual se movia o par inimigo, execrava esse rumor de vozes que fora a revelação da presença do outro, que significava a cumplicidade, a entrada após a sua partida, a falsidade de sua amante e sua tranquila felicidade agora. Mas pelo menos ele acabava de obter uma espécie de vantagem sobre eles, tinha-os à mão, e se batesse para que mandassem abrir a janela, ainda assim seria ele o vencedor nesse momento, visto que ela seria surpreendida, ficaria confusa, envergonhada, seria obrigada a se refugiar em sabe lá que mentiras, já que nesse instante não era ele o enganado, o logrado, e sim eles. E depois ele tinha como que o conhecimento de um fato nesse mistério que o perturbava tão dolorosamente. Dizia consigo:

ao menos percebi isso, sei disso. Embora sua vida com ela fosse algo que não conhecia, que escapava à sua apreensão, eis que um acaso, como uma grande laçada, subtraía-lhe uma boa parte. Estava um pouco envergonhado de bater, de mostrar que havia voltado, mas, por outro lado, não podia resistir ao desejo de que eles soubessem que estava lá, que soubera de tudo. E, além do mais, todas essas coisas que de longe, quando ele pensava que isso se passava à sua revelia, sem que dessem por ele, quase contra ele, perturbavam-no, parecia-lhe que, vendo-as, quando elas aconteciam, qualquer vergonha que tivesse, qualquer aborrecimento que sentisse ao voltar, pelo menos depois lhes teria eliminado o mistério. Ia bater no postigo. E o coração batia-lhe com força no peito, como quando se vai operar uma grande mudança em nós. E, com efeito, sentia que à sua vista, no constrangimento de seu retorno inesperado, sua angústia se mudaria em confusão, em cólera e em desgosto de si mesmo e de uma vida que perdera subitamente o seu encanto.

Sentia certo prazer em perceber esses fatos que ia tocar e que se manifestavam por detrás dos postigos iluminados, nesse rumor de vozes que se ouviam através da janela aberta, sem dúvida enquanto eles se despiam, luz e vozes que eram para ele o mesmo aguilhão doloroso de quando o haviam magoado, pois na verdade queriam dizer: “Ela esperava alguém, há alguém agora que ela crê que tu partiste.” Mas o amor, que confere tanta paixão à pessoa a quem amamos, e que quando vemos que ela não nos pertence inteiramente, que é talvez inteirinha de outros, confere, através do ciúme, que é como o seu avesso, uma curiosidade tão apaixonada de saber tudo aquilo que a pessoa amada faz, transformava para ele esse pedaço de vida secreta, essa página oculta de realidade que se lhe anunciava por meio dessa luz, em objeto de imenso interesse e que, apesar do que implicava de doloroso, dava à sua inteligência uma espécie de satisfação. Aliás, estava ciente de que isso só serviria para fazê-lo detestado por ela, para dar-lhe uma espécie de vantagem por causa de seu retorno vergonhoso, mas pouco importa: frequentemente, temos a satisfação imediata de uma necessidade, quando ela só depende de nós para ser satisfeita

e que para tal não há uma série de atos a cumprir, cuja obrigação nos permite, em consequência, entregarmo-nos à inércia, pomos frequentemente a satisfação imediata de uma necessidade bem acima de prazeres mais profundos e duradouros, se estes estão mais longe. Quase todos nós destruímos em embrião os bens de opulentas messes que nos teriam cabido. Seu coração palpitava, ele bateu. Ouviu chegarem à janela, começarem a abrir, e então, contente pelo fato de que ela soubesse que não fora enganado, que ela fora surpreendida, para não dar a impressão de que dava o braço a torcer, disse, antes mesmo que a janela se abrisse: — Não se incomode, não abra, queria só ver, já que passei de novo por aqui e, tendo visto luz, vim para ver se estava adoentada. — O postigo se abriu por completo, um velho senhor apareceu, e um outro que estava a seu lado. Por um instante ficou desconcertado. O senhor disse: — Mas eu nem sei com quem estou falando. — Ele compreendeu — e além do mais o quarto desconhecido, pelos postigos agora abertos, se oferecia a seus olhos — que se enganara de janela, que a janela iluminada não era a de sua amante, que era a terceira mais além, completamente às escuras. De fato, quando ele ia à casa dela desse modo, a única coisa que o guiava era essa luz que ela acendia para que soubesse que já voltara para casa. E tendo visto uma janelinha acesa, já contando, em virtude de seu ciúme, encontrar a janela iluminada, não duvidara um só instante de que fosse a dela.

Afastou-se pedindo desculpas e voltou para a casa bastante envergonhado. Não contou essa aventura a ela. Conservou a lembrança desse novo estado de dúvida e angústia que havia conhecido, embora a contingência dos fatos não o justificasse, mas que, logicamente, do ponto de vista da possibilidade das circunstâncias, teria podido, podia mesmo ser justificado. Depois sua doçura afundou essa impressão sob impressões contrárias tão frequentemente repetidas. E entretanto quando ela lhe dizia: — Não o verei esta noite —, ele sentia um pequeno golpe, afirmava estar bem, mas ao cabo de uma hora ela própria se impressionava com sua tristeza, seu langor, sem adivinhar-lhe a causa.

E havia um homem atraente que ela conhecera, e elogiava, e a quem visitava. Jean nunca ia vê-la à tarde. Uma tarde lá foi, tocou a campainha, ouviu rumores, e depois, por mais que tocasse, ninguém abriu. Disse consigo que talvez houvesse alguém, quis perturbá-los, bater na vidraça, mas ninguém abriu. Duas horas depois, voltou. Ela disse que estava em casa quando ele tocara, mas dormia; correria atrás dele e ele já fora embora. Ouvira baterem na vidraça. Se ouvira, poderia ter aberto. Mas ele não lhe apontava as contradições que percebia. Estava curioso de ouvi-la falar, talvez mentir, sentindo que eram todas essas coisas que amava, que desejara e não podia saber, que estavam ali diante dele, que se desdobravam desajeitadamente sob a pressão de sua triste curiosidade. E o que lhe pareceu mais revelador foi o ar tão entediado que ela ostentava por não ter podido recebê-lo, uma vez que viera de dia. Mostrava-se profundamente aflita, tinha a voz triste, o que não bastava para explicar a pena de lhe haver faltado, já que o via naquele instante. Sentia-se, por detrás de sua tristeza, como que o tédio de uma ação má, a pena que tinha de mentir para coisas complicadas, um tanto como se ela julgasse dever pedir perdão pelo que fizera, sempre dizendo que fizera coisa bem diversa. Ele queria voltar dentro de uma hora. Ela o dissuadiu disso. E nem por isso ele ficou de sobreaviso. Pois, na ignorância dos acontecimentos que nos são ocultados, é bem difícil que tudo que seja falso desperte nossas suspeitas e que a verdade seja o que imaginamos, pois ela não é determinada só pelas possibilidades que imaginamos e sim por uma realidade anterior que não conhecemos.

Jean voltou à noite. Mas ela disse que se achava mais adoentada e lhe deu umas cartas para pôr no correio. Ele se retirou, tomou um fiacre e voltou para casa. No momento de entrar, lembrou-se das cartas que recebera para postar. Foi até uma caixa de correio, pôs as cartas olhando os endereços. Todas para mulheres. A última estava endereçada ao homem atraente que ela parecia ver com bastante frequência na ocasião. Tinha-a nas mãos. Disse consigo: “Se soubesse o que está aqui dentro, saberia como ela lhe fala, o que lhe diz.” Entrou, mas trazia consigo esta última carta e a aproximou de uma vela. Primeiro, não podia ler nada. Depois pôde

ler o fim, já que o envelope era bem fino e reparou, prazeroso, que as fórmulas eram bastante frias. Todavia, preferia ter lido a carta toda, qualquer coisa insignificante poderia interessar-lhe. Era preciso conservar a carta que dançava no envelope, fazê-la deslizar de cada vez que lia uma palavra a fim de que a parte dobrada do envelope não lhe ocultasse a seguinte. Mas não podia ler, tratava-se de algo que nada tinha de amoroso, e onde se cuidava de um pequeno acontecimento qualquer, relativo ao pai da mulher. Havia um “fiz bem”, mas ele não compreendia o que é que ela fizera bem em fazer. E, de repente, duas palavras que não tinha podido ler se mostraram e então a frase toda se esclareceu: “Fiz bem em abrir, era meu pai.”

Em abrir! Então ele estava lá quando Jean viera e ela o fizera voltar; daí o rumor que ouvira. Então pôde ler a carta inteira, compreendeu por que ela se desculpava por agir sem modos com ele e lhe dizia que esquecera os cigarros em sua casa, o que ela dissera a ele próprio, Jean. Mas a ele acrescentara: — Se pudesse deixar também um pouco de você mesmo eu o teria cuidadosamente guardado —; na carta, nada. De resto, nada de carinhoso, nada que pudesse fazer crer que existisse algo entre eles, nenhuma alusão. E no entanto, por que não abrir, por que dizer: “Fiz bem, era meu pai?” Se não acontecera nada até então, como se explicaria que ela não abrisse? Ele permanecia ali, desvairado, triste, mas tendo a verdade nas mãos, segurando-a por acaso através do papel transparente de um envelope que, na fé que ela depositava em sua delicadeza, deveria protegê-lo (pois era uma amabilidade dela, essa distinção, essa confiança) mas que o deixava entrever um pouco da vida secreta, da vida de sua amante infensa ao seu conhecimento.

Na verdade, os fatos de uma vida não têm interesse algum pois são eventuais tanto para o homem de ciências como para o artista, desprovidos do sentimento que produz a poesia. Mas o ciúme e o amor, colocando nossa especulação, nossa vida interior sob a dependência de uma pessoa, conferem não só aos nossos devaneios, como os chamamos, mas também ao objeto de nosso pensamento, um caráter individual. De modo que, enquanto se

referem à pessoa que preside por essa época à vida de nosso espírito, os acontecimentos adquirem momentaneamente uma espécie de interesse em serem descobertos e conhecidos, que faz com que a confiança, a espionagem e a curiosidade se tornem como que meios de conhecer o que então forma o objeto de nosso conhecimento e que, sendo individual, só pode ser alcançado pelo particular. Então, o desconhecido para nós, aquilo diante de que gira e ladra o nosso pensamento, é uma contingência, a realização particular de acontecimentos de uma vida individual, o que sem dúvida não ocorre em nenhum outro momento de nossa vida interior. Que fez ela hoje, quando nos disse que fazia tal coisa, quais as suas verdadeiras relações com X., tal como as pôde ver o olho de Deus, eis o que responderia às perguntas que estamos sempre a nos fazer; eis o que realmente interessa ao nosso pensamento que só é iluminado por esse indivíduo. O que é, o que foi hoje, não segundo seus relatos mas em si mesmo, tal como era para o outro, para Deus, eis o que desejaria nosso pensamento, e eis o desconhecido, eis o que ele não pode alcançar. Eis um pouco do que essa carta, como uma espécie de corte feito no desconhecido, lhe trazia, lhe punha sob os olhos, um pouco dessa vida verdadeira, o segredo de um acontecimento que provavelmente ele nunca teria conhecido, que ela nunca lhe teria contado, que fazia parte desse desconhecido que ele não via muito jeito de atingir e que o acaso, um meio seguro, aclarava bruscamente, fazia-lhe aparecer, fazia sair da obscuridade de seu quarto de postigos cerrados.

Até então, se ele achava possível que alguém tivesse vindo, não podia dizer que suspeitava e tinha condições de atribuir o fato de não ter sido recebido apenas ao desejo de não fazê-lo encontrar-se com uma pessoa que talvez não gostasse dele. Só reparou na contradição de ter corrido atrás dele e de ter ouvido bater na vidraça e o aspecto tristonho (que provavelmente vinha do fato de que, naquele instante, ela esperava X. e que, temendo o tempo todo vê-lo chegar, sentia-se como numa espécie de suplício nervoso que se manifestava por essa tristeza). Na verdade, havia outras contradições na narrativa dela, e ela sem dúvida o percebia, e a tristeza provinha da dificuldade de inventar. Mas como Jean o teria

percebido? Poderíamos conhecer o verdadeiro caráter das pessoas, seus sentimentos, e não poder reconstituir as circunstâncias, tanto a realidade dos acontecimentos nos escapa, como aquilo que existiu é diverso das mais engenhosas hipóteses, dos mais fundados pressentimentos, de cálculos baseados no mais perfeito conhecimento do assunto. Um homem é apenas sensual e só quer saber das mulheres para deitar com elas, mas quem nos diz que esta não é algo bem diferente para ele, um simples conhecimento? E essa outra, cuja casa ele frequenta durante horas todas as noites, ninguém diria que não há nada, aliás as maneiras deles indicam que há, e muito. Pois bem, não, não há nada e, além disso, ele nutre por ela o que jamais se pensaria dele, uma paixão platônica. É verdade que o raciocínio contrário: é possível que não haja nada etc., não é menos injusto, já que raciocínio algum se aplica às contingências da realidade. Quando ele soube que a pessoa que estivera lá e que fugira era X., ficou extremamente enciumado apesar do fato de ela o ter também enganado ao dizer: “É meu pai” e a esperança de lhe fazer saber um dia atenuou sua cólera.

E assim como todas as pessoas que convidavam Jean com a sra. S. os censuravam, davam-lhe o prazer, que ele não ousava esperar, de fazer com que passassem juntos o verão, lhe pareciam bondosas, enterneciam-no, inspiravam-lhe os maiores elogios, as pessoas que convidavam a sra. S. com X. (podiam ser as mesmas ao cabo de poucas semanas) estimulavam-lhe a tristeza, o despeito, e a satisfação delas com a sra. S., seus rogos para forçar X. a vir lhe causavam essa espécie de amargura na qual tudo o que se faz a nosso redor nos surge de maneira desagradável, em que sublinhamos impiedosamente todo ridículo, toda fealdade. As pessoas apaixonadas conferem com facilidade todas as virtudes àquelas que lhes são amáveis, e todos os defeitos às que lhes desagradam. Num poeta que se serve de sua inteligência na vida, isso leva a panegíricos ou a diatribes motivadas, baseadas aparentemente em razões profundas cuja fraqueza real transparece se, sobrevivendo uma rusga ou uma reconciliação, a situação mudar. Mas no amor, como são mais fortes esses sentimentos. A todo minuto, uma dona de casa preenche nossos mais caros votos ou

nos causa o mais intolerável suplício, como, por exemplo, ao insistir para que a sra. S. e X. voltem juntos e dizendo-nos: — Boa noite, o senhor voltará sozinho. — Então, como os mesmos sorrisos que nos dão tanto prazer, essas conversas naturais, esses convites diários, nos quais descobríamos uma doçura encantadora, achando que era o único ambiente agradável de frequentar, enternecendo-nos com a bondade o espírito e a amabilidade de uma dona de casa, tendo lágrimas nos olhos, como esses mesmos sorrisos, esses mesmos convites, quando nossa amiga deixa de endereçá-los a nós, para entregá-los ao nosso rival, ferem nosso coração e nos dão a impressão de serem antipáticos, odiosos, e como sentimos a falsidade disso tudo (La Bruyère: Nada se parece mais com a verdadeira amizade que essas ligações que, no interesse de nosso amor, nos pomos a cultivar). Então as grandes palavras se comprimem na nossa boca, achamos que uma pessoa agiu conosco com ou sem nobreza. Na realidade, a nobreza estava ausente não só de sua conduta como dos nossos sentimentos. Um procedimento nobre não nos causaria esse entusiasmo, mas a perspectiva de rever a sra. S. no castelo em que estaremos, ou de vê-la arrebatada de nós num castelo em que não estaremos e onde X. estará, causa-nos sentimentos bem mais vivos, que se manifestam com eloquência e provocam, em nossa boca, todas essas palavras de magnanimidade, de nobreza, que impressionam os interlocutores. Esperando a cada vez que a sra. S. não nos queira ver nesse dia, mostre-se muito embaraçada e aflita, ficamos infelizes, nossa cabeça busca adivinhar o que ela pode fazer. E aquilo que nos assegurasse a morte de todas as pessoas que lhe agradam, ou até a sua morte para que ela não nos fizesse mais sofrer, nos daria prazer. Um dia, Jean encontrou uma parenta da sra. S. que lhe falou da verdadeira e profunda afeição que ela lhe dedicava, o quanto ela o amava. Nunca Jean gostou tanto dessa parenta. Mas sentia-se feliz por outro motivo além dessas boas-novas. Por um momento, seu ciúme cedeu porque lhe diziam que na sua ausência ela se importava tanto com ele, ainda que, na realidade, ele imaginasse não ser nada para ela. Mas, além disso, como quando fechamos um romance e nos vemos de volta à vida, seu amor se encontrava

transformado numa espécie de amizade comovida com esse tipo de reciprocidade, e, já não pedia mais nada, encontrando satisfação em vez desse amor que todos teriam censurado, isto é, essa amizade conhecida, aprovada, fortalecida com o assentimento de todas essas pessoas.

Isso não passa de uma interrupção do amor. É às vezes a própria pessoa que, não tendo amor por nós e sim uma grande amizade, nos comove dessa maneira, fazendo suceder, por um momento, ao amor infeliz a amizade perfeita. Seu término é às vezes causado por circunstâncias terríveis, discussões domésticas, ruína, cólera do pai ou do marido da mulher que lhe lembram coisas extremamente desagradáveis e lhe dão a ideia de que tudo isso era um devaneio sem fundamento e de que a realidade é inteiramente outra, que é necessário voltar a ela, como se lendo *Os Três Mosqueteiros* almejássemos entrar no Elysée e fôssemos ao corpo da guarda. Mas na realidade essa vida de discussões domésticas, de dívidas, de cólera não é mais real que a outra e os livros como *De l'amour* etc. mostram-nos bem a realidade desse sentimento. Mas o temor constante, confessando o seu amor, de deixar aquela que se ama, estando convicto de não ter suficiente prestígio a seus olhos, confessando seu ciúme em fazê-la coquete, transformam nossas cartas, nossas palavras numa mentira perpétua que afasta muito as aparências daquilo que experimentamos.

A memória às vezes se coloca de tal maneira contra nós no amor que, ainda que possamos nos figurar todas as pessoas insignificantes, não podemos nos representar a que amamos, o que vale também de resto para os mortos que mais estremecemos. Então, se a ausência se prolonga e o amor parece totalmente acabado, lamentamos não mais manter relações com essa singular força da natureza que podia fazer-nos sofrer mas pelo menos dava uma abertura à nossa vida em meio a uma corrente tão real, tão curiosa, tão impossível de ser dada. E se então um nome lido por acaso nos dá um sentimento de ciúme, ficamos contentes em pensar que amamos ainda, como um último mosquito ou os grandes calores nos fazem cair n'água e nos dão o prazer de nos sentirmos ainda no verão. Mas é triste pensar que nossa memória, nosso

coração, nossa imaginação funcionam tão mal que já não nos representam fielmente a pessoa que amamos, que, nesses bilhetes em que mascaramos prazerosamente nossos sentimentos a fim de prolongar os seus, não os representamos para ela. Impossível ver sua imagem, impossível não mais sentir a doçura do amor. Sentimo-lo apenas nos atos, ele se trai, por assim dizer, diante de nós como nos traímos diante dela. O nome do sr. Z. próximo do local onde está a sra. S. nos causa um choque. Se a sra. S. estivesse em Paris e nos mandasse dizer que fôssemos vê-la, e se trinta pessoas adoráveis nô-lo pedissem, talvez não fôssemos ver a sra. S. Em suas cartas, as mesmas expressões que em outra pessoa nos deixam frios implicam uma aproximação entre tal insignificante figura e a nossa, deslumbram-nos com um doce olhar que nos dirige, quase um aperto no coração. E assim desejamos estar bem-dispostos para ler suas cartas, esperamos poder apreciá-las bem, pois sabemos que essa leitura por algum tempo parece modificar estranhamente as condições interiores de nossa vida, mas com tamanho atrativo, e isso decorrendo tanto das fontes da natureza em que não podemos tocar porquanto nos lembramos delas com uma sensação que temos quando junto a nós sentimos algo onde palpita a natureza, por exemplo, em qualquer idade, quando, à noite, vemos um muro bem de perto, banhado pelo luar e o desenho das sombras das folhas colore tudo junto a nós com força extraordinária, ou quando, enquanto falamos ou passeamos no silêncio em que apenas falam a luz e as sombras, enxergamos a lua num ponto bem diferente do céu e prateando as águas do mar lá onde há pouco elas eram completamente escuras, do modo que, saindo do porto à hora em que todos em geral vão se deitar, os barcos que dentro em breve terão ultrapassado o quebra-mar vão ser iluminados em cheio pelo luar.

E assim como na fantasia amorosa feliz ou melancólica recebemos de uma pessoa toda a nossa poesia, também, no nervosismo doloroso do ciúme, a verdade consiste para nós em acontecimentos, em ações, em sentimentos pessoais.

O desejo de Jean, como o de todos os apaixonados, prendia-se a algo impossível.

Percebemos bem, quando não somos amados, que nossos pensamentos em relação a uma pessoa e nossos incontáveis desejos nada têm que ver com a realidade. Mas em vez de poder conferir uma espécie de realidade objetiva às nossas esperanças achando-as favorecidas pela pessoa, experimentamos uma grande felicidade em encontrá-las nos poetas e nos músicos. E como os sentimentos que aí voltamos a encontrar expressos com tanta força e que conferem algo mais real ao nosso amor, afirmando-o como coisa diversa de um sonho pessoal, não podemos separá-los daquela que os causa para nós, chegamos a levar em consideração todas as suas juras de amor, todas as frases apaixonadas que há na poesia e na música, como as recordações de um amor recíproco que teria existido realmente entre nós e nossa amada, que deveria ter existido, de modo que nos regozijamos com essas fisionomias e repetimos esses versos enxugando os olhos, como se relêssemos as cartas de amor de uma mulher que depois nos tivesse traído. E nesse momento toda a poesia amorosa, toda a música amorosa nos parecem superiores às outras. Ou pelo menos assim o afirmamos, embora talvez isso não exprima em absoluto o nosso pensamento. Mas a expressão desse julgamento é uma forma de deixar transparecer a felicidade que essas palavras nos causam. Como diz alguém que acaba de levar um encontrão desastrado: “Que idiota, será que pode ser tão imbecil a ponto de não olhar por onde anda?”, assim também com maior frequência falamos das coisas por onde se esvaem o nosso nervosismo, nosso prazer, nossa mágoa, de preferência a dizer que não são a imagem de uma ideia sincera. Quando estamos apaixonados, temos o máximo prazer em ver todas as pessoas que podem nos reaproximar de nossa amada, falar-nos dela, saboreamos infinitamente o encontro de nossa amada e tudo o que ela diz. Assim ele se manifesta se, por exemplo, seu meio é o ambiente de médicos, dizendo: “Confesso que é mais interessante passar a vida no meio dessas pessoas que etc.”, e se ela é ignorante: “A instrução é uma coisa bem agradável,

não acha? Creio que há mais mérito etc.” Da mesma forma os poetas do amor, os músicos do amor, que são ainda pessoas que podem nos falar dela, fazem-nos dizer: — Eis para mim os mais belos versos da língua francesa —, o que significa serem estes os que nos dão mais prazer em repetir porque nutrem nossa esperança e consolidam nosso amor por meio de razões extraídas não da pessoa e sim do próprio amor e da própria esperança, já que foram escritos há dois séculos.

Além disso, enquanto estamos apaixonados, tendo objetivos egoístas a atingir e para os quais empregamos nossa logomaquia, quantas cartas escrevemos em que dizemos: “Só existe uma coisa realmente infame, que desonra a criatura que Deus fez à sua imagem, a mentira”, o que significa que o que mais desejamos é que ela não nos minta, e não que pensamos isso. Jean não lhe confessa que leu sua carta através do envelope, e como se abstém de dizer que sabe que um rapaz veio vê-la, diz que o soube por meio de determinada pessoa que a viu: mentira. O que não o impede de ter lágrimas nos olhos ao lhe dizer que a única coisa atroz é a mentira, assim como não o impede de pregar na mesma noite mil mentiras às pessoas que não devem saber em absoluto que ele viu sua amada. Essa exaltação que nos faz proferir belas palavras com um objetivo e para um fim interessado é o contrário da literatura que se esforça por exprimir com sinceridade o que sentimos. Daí decorre, sem dúvida, o antagonismo existente entre a arte e a vida: e as pessoas que escrevem muitas cartas têm muitos objetivos sentimentais na vida (o contrário: Flaubert), têm menos talento, sobretudo aqueles que falam demais. É verdade que em Musset, no Fantasio (nunca pude lê-lo sem ter vontade de amar alguém), e nele mesmo quando diz todas essas coisas onde é sagrado o que dá alegria ao seu amor etc., existe esse defeito. Mas essas mentiras, ao passo que mostram com fidelidade o sentimento de alguém que, estando apaixonado, fala tão mentirosamente, têm por isso mesmo a sua verdade e o seu encanto.

Nesse mesmo período do amor, os tratados sobre o amor interessam-nos infinitamente, assim como os romances, porquanto parece que o autor vai nos dar o modo de fazer com que sejamos

amados, como quando estamos doentes pensamos que um médico vai curar-nos e os romances nos parecem um exemplo de como obter sucesso no amor, assim como um capítulo de história nos parece uma lição de política. Pois no momento em que vemos que determinado homem suspeito arrastou consigo as acusações etc., acreditamos poder desenvolver esta máxima: “Arrastemos nossas acusações etc.” Mas não são apenas os poetas e os músicos que vêm, ao nos dar a impressão de uma vida misturada à nossa, assim como colocamos sob o nome dessa vida a vida de nossa amada, redobrar nosso amor; é muitas vezes a própria pessoa que, por um ato praticado, por um objeto que nos dá ou que aceita, por uma palavra que pronuncia, por uma mesma aventura que nos reúne ou o fato de ouvirmos juntos um trecho de música, ou de termos um segredo comum ou de sermos tomados por amantes por um passante, nos deslumbra. Mas na realidade o nosso prazer corresponde às nossas ilusões e não às suas intenções. Pois, quando não somos amados, todos os presentes que recebemos e que obrigamos a aceitar, todas as palavras, todas as situações da vida não contêm sequer um pouquinho de amor. Teócrito diz que não existem poezinhos para fazer amar, mas nenhuma outra coisa tem esse poder. Apesar disso, deixamo-nos levar por essas ilusões mas elas podem nos ser bruscamente subtraídas. Por exemplo, um velho enamorado da sra. S. passeava com ela, e Jean, mesmo sabendo que ela não o amava, estimulava esse passeio. A dama pronuncia sem querer o nome de batismo do velho cavalheiro. E este, com lágrimas nos olhos, diz a Jean: — Como é belo o que ela acaba de dizer, como isso me fez bem. — E lembraram-se de uma melodia de que ambos haviam gostado certa noite e voltaram a pedir aos ciganos que a tocassem. Havia justamente um pouco de amor nos versos. O velho cavalheiro estava como que enlevado e Jean sentia o que havia de puramente subjetivo e ao mesmo tempo de hediondo em seu prazer (hediondo, talvez, porque de chofre ele lhe mostrava a vaidade do amor) e que essas coisas, o nome de batismo na boca da mulher, a música etc., não tinham sequer vestígio de realidade amorosa e, somente na imaginação do velho,

pareciam laços entre ele e a mulher, como guardar uma fotografia etc., ao passo que só o amor pode conter o amor.

II. Os amigos de Françoise

Duas ou três vezes por semana, cerca das nove e meia, ele se afastava dela com um movimento brusco. A campainha acabava de tocar. Eram Saint-Géron, Griffon ou Vésale, geralmente este último, que, morando sozinho, estava livre mais cedo que os outros. Enquanto o visitante deixava suas coisas na antecâmara, Jean se lançava sobre Françoise e com sua boca ávida, aplicada, fazia como que provisões dela mesma, para encontrar, enquanto a presença deles o obrigasse a permanecer longe dela, um pouco do gosto da pele dela nos lábios, onde sua língua, silenciosamente, pudesse ir buscá-lo. Ouviam-se os passos de Vésale, que vinha na direção do pequeno salão. Françoise empurrava Jean com vivacidade, mas este se esquecera de lhe beijar o pescoço, via-o tão perto de si, não podia lembrar-se com exatidão de seu aroma, e corria ainda uma vez em sua direção, beijava-a depressa no pescoço e ia colocar-se longe dela, já que a porta ia se abrir, e cuidava de lhe dizer, para que ela não lhe debitasse esse favor: — Foi muito rápido, não tive tempo de sentir.

Às vezes, Vésale chegava com Saint-Géron. O Dr. Potain o recomendara como o melhor de seus internos à marquesa de Saint-Géron, cuja anemia necessitava ser tratada com muito cuidado para que o professor pudesse atendê-la nos momentos necessários, e muitas vezes Vésale escolhia a hora após o jantar para fazer sua visita à sra. de Saint-Géron. Guy de Saint-Géron se preparava enquanto Vésale estava à cabeceira de sua mãe, e ambos chegavam juntos à casa de Françoise. Vésale levava seu violino, Saint-Géron o violoncelo. Logo chegava, sempre um tanto atrasado porque, cansado com as preocupações de sua grande indústria de carvão, fazia uma curta sesta depois do jantar, Griffon com sua flauta. Embora de profissões e origens tão diversas, reinava entre eles a mesma harmonia que a música estabelece entre esses três

instrumentos. E se Vésale era um alsaciano robusto, de faces rubras e cabelos louros, médico jovial e tranquilo, se Saint-Géron, cuja mãe era uma Lucinge, possuía essa beleza fria, melancólica e morena que dá a essa família características quase orientais, se Griffon estimulava na febre dos negócios a vivacidade nervosa e a atividade prática de sua natureza meridional, a música, tanto quanto a profissão ou a raça, dera, por sua vez, a suas fisionomias essa expressão especial que eleva com tanta nobreza o rosto daqueles que se entregam habitualmente a prazeres desinteressados. Era acima de tudo nos olhos, bem como em certa suavidade da voz, que a música estabelecera, por assim dizer, sua influência e manifestara seu poder. Entre os olhos azuis e tranquilos de Vésale, os olhos negros e desdenhosos de Saint-Géron, os olhos cinzentos e cintilantes de Griffon, e seus olhares, entre suas vozes e seus sotaques, flutuava permanentemente como que um vestígio dessa alma que a música liberta em nós. Restava-lhes nos olhos uma parcela diminuta desse tipo de emoção tranquila em que vivem os que, sentados numa cadeira sob uma boa lâmpada, saboreiam, embriagando-se de música, uma tristeza cheia de alegria, uma agitação que produzem voluntariamente, que mantêm com movimentos febris de seu arco, ou dos lábios, e que de alguma forma é calma, porquanto eles não buscam nela coisa alguma para si próprios e não lhe estão submetidos. Isso era sensível sobretudo nos olhos de Vésale, em quem a corpulência, os traços belos mas grosseiros, o gracejo um tanto pesado, anunciavam antes uma vida material. Mas mesmo quando bebia cerveja ou jogava dominó, podia-se ver em seus olhos, pois nada do que se passa em nós deles desaparece por completo, essa bela expressão em que o olhar parece, no objeto de sua admiração, procurar com fé e inquietação alguma coisa mais, que ele ao mesmo tempo crê e não crê que pode encontrar.

Às vezes, vinham ainda outros amigos. Com frequência não se tocava música porque um dos músicos faltava ou então vinha sem o instrumento, ou preferiam conversar. Nas primeiras vezes, Françoise ainda dizia: — Acho que conhecem meu amigo: o sr. Santeuil. — Depois, Jean se uniu logo a esses rapazes. Françoise

ocupava uma posição muito elevada na vida de cada um deles, tinha tanta importância como a própria música. Sendo pelo menos uma instrumentista tão boa como eles, parecia-lhes superá-los em inteligência, talvez porque, maravilhosamente inteligente de fato, possuía para eles, além disso, o prestígio de seu sexo, a autoridade do seu encanto e do seu caráter. Dizia-lhes de bom grado que jamais encontrara na vida alguém tão inteligente como Jean. Por isso eles lhe dedicavam uma simpatia cheia de admiração e ao mesmo tempo o tipo de consideração que se tem por alguém que, desfrutando certa celebridade mundana, preferia passar as noites a escutá-los, e a aplaudi-los com uma gentileza que os comovia ainda mais porquanto sabiam que a ela não escasseavam objetos em que se exercesse. Jean conhecia os sentimentos que nutriam em relação a ele Vésale, Saint-Géron, Griffon e os outros como ao real preferido de Françoise. Assim, a presença deles lhe teria sido agradável se já não lhe parecesse reconfortadora e bela por todas as razões a que nos referimos, e se o espírito e o talento deles não lhe tivessem chamado muito a atenção. Desde que lhes dava bom-dia, experimentava essa satisfação pura que dá a um homem amável o exercício de sua amabilidade quando não está animado de nenhuma intenção de intriga, polidez, interesse, esse descanso que obtemos com as pessoas junto de quem não há por que pensarmos em nós mesmos, nos fazermos valer ou tolerar, e onde, deixando expandir-se livremente nosso silêncio ou jovialidade, nossas observações ou perguntas, sentimos tanto mais, desenvolvida no bem-estar de uma atmosfera cordial, a doçura de nossa própria personalidade que se desenvolve naturalmente. É assim que, estendido numa poltrona ou em pé diante da lareira, apertando às vezes furtivamente os dedos de Françoise quando os outros não os viam, Jean ouvia a música, escrevia cartas, trocava opiniões com Françoise, Saint-Géron, Griffon e Vésale acerca do caráter de pessoas que conheciam, e que julgavam mais ou menos da mesma maneira, em geral com uma indulgência cheia de finura. Consolavam-se dos mais imbecis rindo todos juntos deles, com a alegria dos que se sentem apreciados e compreendidos à primeira palavra e que às vezes, entre uma mãe espirituosa e seu filho, entre

dois irmãos, cria uma satisfação indefinível. — Eu via todos os dias a sra. S. — disse Jean uma vez a Vésale — para falarmos juntos da estupidez de nossos contemporâneos. Mas esta assumiu proporções tamanhas que fomos dominados, e sou obrigado a vir aqui até cinco vezes por dia. — Quando acabava de dizer algo engraçado ou fazia uma observação profunda a respeito de música, Jean via Françoise mostrar aos amigos, como para fazê-los compartilhar com ela uma expressão admirativa que era então patente em seus olhos e no seu rosto. Tinha também um modo todo seu de dar a impressão de não ter ouvido, embora risse caso se tratasse de um dito engraçado, para fazê-lo repetir e para que os outros apreciassem melhor, o que fazia brilhar na ventura de Jean como uma chama mais viva.

* * *

Desde a segunda noite, Jean passou a voltar com Vésale, permanecendo um pouco no mesmo bairro. E conversavam com a timidez e a sinceridade dos que ainda se desconhecem em parte, mas que se adivinham e gostariam de se conhecer. Cada um é delicadamente atencioso para com o outro, atenções ignoradas entre homens que se conhecem há muito e entre os quais reina sempre certa rudeza. E as palavras cheias de espírito e significado comovem até mesmo aquele que as pronuncia e sente que se revela, até fazer tremer sua voz como um vaso que um líquido fervendo em excesso trinca ligeiramente.

Pronunciaram o nome de Saint-Géron. — Oh! — disse Vésale — este é um amigo, é um coração como poucos, a quem confiaria qualquer segredo, que de mim só falará bem. — Muitos anos depois, voltando da casa de uma dançarina, por quem se apaixonara, na companhia de um amigo, fiscal do teatro do Châtelet, onde ela trabalhava, como o sujeito lhe falasse da admiração que a srta. Zita lhe tributava e eles comessem a conversar com uma gravidade mais cordial, Jean lhe perguntou por um ator que fora por um instante à casa de Zita na mesma noite e que ela lhe apresentara. — Oh! — respondeu ele — é um camarada

excelente como nunca vi. Mas também ele sabe que pode contar comigo para tudo, assim como eu conto com ele. — Tais palavras recordaram a Jean, incontinente, como uma harmonia idêntica desperta uma melodia esquecida, aquela volta para casa, já tão distante, com Vésale, a quem ele agora não via mais. Não há quase ninguém, disse consigo, que não possua outro ser em cuja amizade possa depositar o coração como um abrigo feito para ele. Todo mundo julga ter encontrado um ser único mas o grão de pólen que chega até o ovário não sabe que todos os grãos de pólen têm o seu ovário. E a beleza dessas amizades não está, como eles próprios a julgam, num favor misterioso do destino, e sim numa lei salutar da natureza. Depois Jean se lembrou de que Saint-Géron gracejava com alguns aspectos ridículos da mãe de Vésale. Mesmo certa vez, diante de uma mulher a quem ambos amavam, zombaram um do outro com algum azedume. Mas, pensando no conjunto de sua vida assim como pudera aparecer-lhe no curto momento em que seu destino, como uma estrela errante que se cruzasse com a sua e nela projetasse sua luz por um instante, Jean concluiu que Vésale não se enganava em crer que Saint-Géron fosse o amigo excelente que dizia. Qualquer outro, como todo corpo terrestre, teria mostrado um dia o seu defeito. Pensando nos amigos, não achou um só que estivesse isento de falhas. O próprio Réveillon lhe causara aborrecimentos. Havia dias em que dava a impressão de não ser nada para Daltozzi. E mesmo sua mãe o chamara um dia de esnobe.

III. A bolinha de ágata

Jean desejava enviar a Françoise um pequeno binóculo. E para lhe dar mais, procurando em que poderia mandá-lo, avistou um saquinho de belo tecido claro, que pendia num canto de sua lareira desde que era criança. Desatou facilmente os cordões que o amarravam. Mas, quando o pegou, sentiu alguma coisa que rolava no fundo. Era uma bolinha de ágata. Lembrou-se logo de que era a que Marie Kossichief lhe tinha dado um dia nos Champs-Élysées. Como nunca lhe davam dinheiro, ele não podia comprar bolinhas e, se lhe davam alguma, eram dessas de pedra, de uma só cor, opacas, bolinhas de um *sou*. Postas de parte numa gamela, na qual somente os grandes, os ricos, ousavam manejá-las, compará-las, escolher uma, as bolinhas de ágata, custando uma moedinha branca de dez *sous* cada, grossas, transparentes, com um brilho suave como um olhar, inspiravam a Jean a admiração, o desejo, o frêmito de uma beleza maravilhosa e proibida. Nunca sonharia em possuir uma. Os únicos meninos que as possuíam eram rapazes com quem não lhe era permitido brincar, que usavam calças compridas e fumavam cigarros. Nessa idade em que a gente ainda não sofreu nenhuma tentação, os vícios maiores são aqueles que nos são mais proibidos e que menos concebemos. Fumar cigarros pareceu por *muito* tempo a Jean uma corrupção tão repugnante que no seu primeiro ano de colégio, nas narrativas que escrevia à mãe, procurando não alarmá-la e sim dar-lhe uma ideia da importância nova de sua vida, da prodigiosa distância que o separava de sua vida na casa paterna, dizia-lhe: “Nosso professor é encantador mas leva uma vida horrível, é digno de lástima, creio que não o mandarão embora porque é muito querido, mas sua saúde não resistirá por muito tempo. Enfim, ele faz coisas, não posso te dizer, sabes... Não há momento em que não esteja fumando um cigarro.”

E, com receio de ter ido longe demais, acrescentava: “Não vi, mas isso se diz em voz alta na aula.”

Mas se não aspirava a possuir uma bolinha de ágata, não podia deixar de olhá-las. Mais tarde, na vitrina dos ourives, dos museus, no pescoço e no cabelo das mulheres, viu muitos diamantes, rubis e pérolas. Mas sentiam-se obrigados a fazê-lo reparar neles. Seu brilho cansava os olhos sem sequer atrair sua atenção: Nunca nenhum Régent, nenhum diamante da Coroa conseguiu fazer com que sentisse, mesmo de leve, essa misteriosa avidez, essa admiração espantada que lhe inspiravam no balcão da loja, perto dos cavalos de pau, por trás das granadinas e dos prazeres, as bolinhas de ágata azuis ou douradas, as bolinhas de ágata sorridentes. Um dia Marie Kossichief lhe deu uma. A todo instante ele ia beijá-la. Perguntava-lhe se Marie o amava. Molhava-a com suas lágrimas e lhe dizia: vês, ficas comigo. De noite, levava-a para a cama e, antes de dormir, punha-a sob o travesseiro, fechava-a no côncavo da mão, ou fazia-a rolar aos pés da cama, entre os pés que brincavam com ela. E, quando era necessário ir jantar, sobretudo se Marie [\[48\]](#) ou algum outro estranho que não conhecesse Marie e troçaria de seu amor estivesse presente, ele levava a bolinha consigo, conservava-a entre os joelhos, no bolso ou na manga e, aparentando pôr um pedaço de pão na boca, beijava-a furtivamente. Se Marie tivesse apanhado um pedaço de madeira e lho desse, teria agido da mesma forma. Mas a bolinha de ágata lhe era mais doce. Primeiro porque era tão preciosa, ele se convencia de que para lhe ter dado era preciso que Marie o amasse, e, adorando-a, era sua bondade para com ele, por assim dizer, que ele abençoava, sua confiança nela, cuja prova palpável tentava aproximar de seu coração. E depois, tão inacessível a ele até esse momento, tão misteriosa, a tal ponto mais bonita do que aquilo que conhecia, diferente de todas as outras com seu clarão dourado que parecia velar no fundo dela, essa bolinha era como uma espécie de criatura a um tempo viva e sobrenatural, ligada para sempre à pessoa de Marie, ou, antes, à pessoa dele mesmo mas pela vontade de Marie, dada a ele como uma escrava ou um animal favorito, como uma escrava a quem ele desse o tempo todo recados para ela e a quem

pedisse sem parar notícias de Marie, e o que ela pensava do amor de Marie, e que, sem sair do bolso de Jean, podia escrever mensagens e reunir os amantes separados, pois, escrava favorita de Marie e de Jean, também era para ele como uma fada silenciosa mas dotada de divinação e de poder, ao menos, como uma estrela no céu, uma pequena estrela prisioneira da bolinha, pequeno clarão que se segurava na mão, mas que não era possível tocar, tão longínqua como aquelas que, lá no céu, parecem compreender as palavras que lhes confiamos para nossa bem-amada, que parecem nos aconselhar, sorrindo, a resignação e que, de fato, recebem talvez de nossa amada, no mesmo minuto, idênticos juramentos que elas não podem nos dizer mas cuja doçura serena vale para nós como uma garantia misteriosa.

Assim, Jean reencontrou a bolinha de ágata, guardou-a na gaveta da escrivaninha, e foi pedir à camareira da mãe que fechasse cuidadosamente com um ponto de linha a abertura do saquinho acima do binóculo a fim de evitar que ele caísse. Depois, foi levar o pacote ao porteiro de Françoise, mas voltando para casa não tornou a abrir a gaveta em que pusera a bolinha. Pois não sentira prazer em vê-la e, como rolasse com um ruído insuportável de cada vez que tiravam a escrivaninha do lugar, mandou atirá-la fora. Antigamente, em noites de dúvida, dizia consigo: “Se um dia não vir mais Marie, se vier a esquecê-la, se ela não for mais nada para mim, nem tudo estará aniquilado. Eu te possuirei sempre, minha bolinha querida, tu que és tão bela, guardar-te-ei por toda a minha vida, e durante dois anos não terei amado em vão.” Não foi no dia em que mandou jogar fora a bolinha que esses belos sonhos foram destruídos, pois há anos, se a bolinha estivesse no saquinho, ela já não tinha mais encanto algum para ele e era como se tivesse sido jogada fora, pois ele jamais a veria, não sabia sequer que existia e a teria atirado fora depois de muito tempo, sem lamentá-lo. Quando o próprio corpo daquela que amávamos perde, tão logo o nosso sentimento não mais o consagra, o encanto prestigioso que possuía para nós, como o guardariam por mais tempo uma bolinha de ágata, uma carta ou uma fita? Vivemos voltados para o futuro e, quando parecemos encontrar ainda a mesma doçura nas coisas que

encantaram nosso passado, é que esse passado dura sempre e é semelhante a ele que imaginamos o futuro. Tal passado nunca é bem velho. É o livro dado no último verão por uma amiga que julgamos amar ainda na próxima primavera. E ainda, o quanto está bem morto para nós em relação à rosa que ela deixou que lhe roubássemos ontem, a qual está um tanto pálida comparada com as palavras que ela nos dirá amanhã.

* * *

Saindo de casa para ir tomar ar, já que a chuva cessara e o sol secava rapidamente as avenidas, Jean se entristecia ao pensar que, da mesma forma que as coisas que nos emocionaram já não nos comovem, as lembranças estão mortas porque o passado não tem mais sentido para nós. Entretanto, ao longo dos cais aonde chegara, com infinita alegria, mas também com uma suavidade que o impedia de cantar e correr e fazia-o quase reter a respiração e os passos, via à sua frente um grupo de árvores belas, paradas à sombra, suas frondes jovens e próximas cingidas de esparsas e lindas coroas de folhas, coroas bem recentes das quais estavam ainda desprovidas há quinze dias, e que pareciam ter nascido de repente, tão opulentas que, roçando umas nas outras, pareciam estender por cima das árvores como que um único e mesmo dossel, mais leve do que elas, e que, enquanto as árvores permaneciam imóveis, ondulavam rindo no vento ao sol. Na terra, sobre o chão reluzente de sol, as sombras das folhas flutuavam sombrias dando essa sensação de frescor e de vida profunda e rica que conferem à flor da água as plantas que aí se espalham. Foi até o parapeito do cais. Via-se, através da água azulada e límpida, a areia que descia, mergulhava durante algum tempo. E depois, afastando-se assim da margem, a água mais azul tornava-se impenetrável e via-se apenas a superfície escura, faiscante, onde o fluxo lançava ao sol, muito juntas, pequenas ondas que brincavam, se misturavam, inclinadas, soçobrando às vezes ao vento. Bem no meio da água, como um buraco de lindo vermelho claro, estava a sombra da proa rubra de um barco amarrado. E essa água coberta de sol, e no entanto

fresca, vinha banhar a areia tórrida, e Jean parecia sentir, ao mesmo tempo, o encanto aqui às margens do Sena nesse instante, e, nesse mesmo momento, à beira-mar sobre a areia ofuscante e cálida junto às pequenas ondas redondas de cristal, como antigamente nas tardes azuis, quando ele ia mergulhar as mãos para pôr um pouco de água fresca na testa, e quando, no ruído da água transparente que se quebrava sobre as conchas, tinha a impressão de lhe beber a frescura e estancar sua sede. E esses milhares de ondinhas que se empurravam sobre o regato, que brincavam e se misturavam, faziam-no experimentar o mesmo deslumbramento de uma vida inocente e agradável, alerta, alegre, infatigável, mas também doce, leve, pequena como uma covinha no rosto ou uma boca, e infinita, que nunca se cansava, recobrava sempre suas forças, que o fazia sentir novamente o frêmito eterno das folhinhas, que se enchiam e esvaziavam, contornadas pela brisa, mas o tempo todo envernizadas, brilhantes, douradas pelo sol, debaixo do céu sempre tão azul, sem que o canto dos pássaros cessasse à sua sombra.

Ele voltou para baixo das árvores. Por um momento, o sol parecia estender como que uma sombra à sua frente e o céu permanecia tão azul, a terra tão ensolarada, mas era como se, numa sala sempre iluminada, alguém houvesse apagado um bico de luz junto dele, era uma nuvem que passara e o sol, perto dele, brilhava de novo, sua intensidade crescia de segundo em segundo e recomeçava a queimar-lhe o rosto, a lutar alegremente contra o reflexo também penetrante de seu olho. E Jean julgava sentir novamente essa alegria esplêndida e profunda dos lugares que se tornaram belos como numa fantasia de pintor, recolhida numa felicidade irradiante e silenciosa, agitada por estremecimentos a um tempo debaixo dessas árvores com todo o frescor, e já em toda a parte na direção do Cours-la-Reine ensombrado, e, nesse mesmo momento, nos bosques de Saint-Germain, como outrora, quando ia colher violetas e, quando fazia muito calor, sentava-se à sombra, e ele ouvia com o maior arrebatamento o silêncio e os cantos dos pássaros que pareciam passar acima dele sem perturbá-lo, como crianças que fazem carinhos num patriarca, esse silêncio e esses cantos igualmente inauditos. Sentia-se feliz e já não se inquietava

de que o passado estivesse morto para ele e que os objetos que sobrevivessem a esse passado já não tivessem mais encanto e, de fato, nem sequer vida. E, no fundo, era sua alegria desarrazada que tinha razão. Das coisas que nos encantaram outrora e que nos é dado rever, não é verdade que há algumas cuja presença nos devolve com idêntica voluptuosidade, talvez mais sonhadora ainda, o encanto misterioso de antigamente? Que significam, então, essas pequenas sombras negras flutuando no chão, sobre o caminho irradiante de sol, como plantas sobre um arroio, essas primeiras folhinhas dos lilases inclinando sua corola delicada e suave por entre as grades dos jardinzinhos dos arrabaldes, essas imensas árvores frutíferas, como um encantamento branco ou róseo, de súbito florido por trás de um muro como a aparição de uma beleza fresca e embriagadora, envolta em sua graça fascinante e agradável, que significa então tudo isso senão os testemunhos de nossas primaveras iniciais, relíquias de lembranças de nossas primeiras emoções em face da natureza, mas que nada perderam de sua força sobre nós, que abrem nosso coração de repente às mesmas venturas deliciosas, que nos fazem fugir aos anos para nos devolver à natureza, às misteriosas transformações do ano que banham as coisas e os acontecimentos a nosso redor de uma espécie de vida maior que eles, que reconhecemos pelo fato de já nos termos aproximado deles antigamente, que não está em nossa juventude mais que em nossa velhice e que por um momento parece nos mostrar o mundo que nos cerca não como o mundo medíocre, logo findo para nós, todo humano e conhecido, mas como um mundo eterno, eternamente jovem, misterioso, cheio de incríveis promessas? Assim, no interior de um pequeno jardim, vê-se muitas vezes aproximarem-se e se estenderem céus violáceos ou negros de tempestades, logo dissipados como regiões desconhecidas e viajando de novo para explorações imensas, recuarem, sumirem céus açafrados de radioso verão, esticarem-se e arquearem no zênite azul grossas nuvens brancas que flutuam sobre o trabalho dos ceifeiros, ou nuvens cinzentas que acompanham os viajantes, seguindo-lhes à frente sobre as estradas, céus cor de violeta, céus amarelos, céus azuis, hospedeiros gigantes, deuses transitórios do

pequeno jardim sobre o qual estendem por um instante sua luz brilhante e trêmula ou sua sombra glacial, azuis, violetas ou amarelos da cor dos pensamentos que lhes parecem pedir emprestado seu tom, sua vaga figura, pensamentos que se aclaram ao calor dos sóis que passam, ou estremecem a seu vento de tempestade, precursor das chuvas que os hão de molhar.

IV. As Tulherias

Pela janela, enquanto almoçava, Jean via a casa em frente animada de sol e como que pronta para uma festa, e ao lado dessa casa adivinhava, com facilidade, todas as outras idênticas, restando apenas um pouco de neve dourada de luz nas portas como os últimos andaimes, os vestígios do trabalho da cidade que ainda não foi possível retirar e que, misturados às bandeiras e aos lampiões, exaltam como que uma nota alegre a mais, parecem estar em festa apesar de tudo, como essas velhas que os moços forçam a se divertir. De súbito, uma claridade lhe abre os olhos, penetra no quarto e, subindo ao céu, desaparece: no quinto andar da casa em frente tinham fechado uma janela e o raio que suspenso ao sol, apoiado molemente no parapeito da janela, ia até a sala de jantar, espantado, desaparecera. Mas bem depressa Jean o encontrou de novo, sentado tranquilamente perto do fogo, como se, gelado pelo ar ainda frio, quisesse se aquecer. Como nos dias de festa, quando não nos podemos conter, logo que acabou de almoçar e embora não fosse ainda hora de ir à casa de Françoise, Jean saiu, e como, para andar ao sol, tivesse posto uma fina e brilhante cota de malhas de ouro, a cabeça erguida, o aspecto intrépido e jovial, caminhava marcando o passo e cantando como os que seguem os regimentos e a quem o rumor de ouro das fanfarras, como longos raios de sol que estalassem a todo instante à sua frente, excita com seu relincho ansioso e puro. Ia em direção à festa passando pelas ruas mais embelezadas de luz, buscando, como um mendigo que espera apanhar alguma coisa ou como um tagarela inflamado, a passagem do sol. E a vista das casas resplandecentes como debaixo de uma armadura de ouro, carros felizes, homens de aspecto tranquilo que iam e vinham como numa manhã de grande regozijo, respondia agora, como uma réplica harmoniosa, magnífica, como um imenso reforço à alegria que antes despertara inconscientemente nele. E

havia tão pouco vazio, tudo estava tão unido nessa matéria viva e trêmula em uníssonos que uma sombra se punha a correr sobre o muro antes que Jean pudesse perceber um cavaleiro que passava, uma sombra e uma claridade, como dois pequenos instrumentos, nas duas extremidades de uma orquestra, se respondem durante alguns instantes, um bastando para despertar, estimular e interromper o outro, ou como dois pássaros que parecem discursar de duas árvores afastadas que os ocultam.

Chegado à praça da Concorde, percebeu a Madeleine e, diante de seus pilares, um vapor violeta, como se o incenso já queimasse na entrada dos templos. Deu uma volta até a Ponte da Concorde. O próprio Sena desabrochava para uma vida maravilhosa e os barcos que o cortavam punham a descoberto veias de púrpura e, num deslumbramento, faziam voar, sem recolhê-la, uma poeira preciosa que caía novamente como em abismos de ouro. Numa das margens, ainda havia neve, mas, como se vê as próprias mulheres subirem corajosamente numa baleia encalhada, desde que os homens a tenham morto, crianças pisavam rindo, como se fosse o pelo inofensivo e raro de um monstro estrangulado, esse despojo suave e magnífico do inverno que já não mais fazia medo hoje. Jean desceu de novo para ir pelas Tulherias. No chão ainda inteiramente coberto pelos últimos restos da neve derrotada, os deuses de mármore, mostrando apenas uma leve contrariedade no rosto sossegado, erguiam-se vencedores, com um gesto majestoso de vitória. Num pequeno parque, onde a neve, ainda espessa e cobrindo todo o chão, testemunhava uma luta mais recente e mais dura, um deus parecia desafiar ainda. E o apaziguamento divino também não detivera nobremente seus membros animados. Mais além, já se organizavam brincadeiras no chão ainda úmido do recente massacre e, com o sol nos olhos, dois Hermes de gesso se desafiavam para a luta. Ao redor da fonte as deusas, ainda ontem recobertas de gelo até os olhos, sorriam vitoriosas e na mão uma segurava uma gema, como para mostrar os despojos de um vencido, e conservando junto delas o jato de água, incessante quebrador do gelo que as havia ajudado a vencer, e que elas deixavam que lhes acariciasse os rostos como um animal de

estimação. Jean gostaria de voltar a encontrar Tecmar, Riquet, todos aqueles cujo triunfo aparente sobre ele o tinha desestimulado. Com que palavras soberbas e risonhas teria feito esplender sua alegria diante deles, a confiança na própria felicidade e na própria beleza. Sentia dentro de si uma ventura a desafiar toda pretensão de outrem quanto a ter mais sucesso do que ele, ser mais inteligente, mais feliz.

Pôs-se a correr nas Tulherias como se, correndo em seu jardim, fosse passear sem chapéu. Depois parou. E o sol, chegando-lhe aos pés, parecia lambê-lo como um animal contente com a alegria do dono, que no mesmo instante ele vê aos saltos lá longe à sua frente. Como um homem levemente embriagado que, lembrando-se dos detalhes mais insignificantes da noite, observando os mais vulgares objetos perto de si, alegra-se com eles como com uma ventura inefável ou acaricia-os como amigos incomparáveis, ele pensava nas diversas vantagens de sua vida, imediatamente repletas do gozo positivo que o inundava, no amor de uma mulher como Françoise, nos saraus dos Réveillon, dos La Rochefoucauld, dos Tournefort, onde ele ainda podia aparecer, risonho e belo (como ele se percebia agora), como em vantagens inestimáveis. E, estado de espírito a que era conduzido cada vez que pensava nas pessoas que invejava, na impossibilidade em que se achava seu coração de se sentir vencido e uma espécie de necessidade íntima que o impelia, ao menos em imaginação, a lhes fazer frente, ele se representava tudo o que os outros possuíam e que ele não tinha, o talento do pintor, uma posição brilhante e um poder efetivo no Estado, uma reputação íntegra, como se fossem bens sem importância, de tal modo desimportantes que julgava não dever prescindir deles sem sofrimento e sim abandoná-los voluntariamente àqueles que, não se ocupando desses gozos sublimes (o amor de Françoise, a esperança de parecer distinto em casa dos Réveillon, que Grisard não frequentava), podiam ter tempo e gosto de desfrutar esses prazeres mesquinhos. Sem dúvida, dizia consigo várias vezes que tais momentos de satisfação, em que tudo parecia belo, Grisard também os tinha, e que, além desses momentos de alegria, a benéfica ilusão que Deus concedeu a cada um de nós

fazia-o olhar as lindas conexões como algo insignificante que não desejaria. E até de súbito, lembrando-se de que não tivera direito algum a essa ascensão social com a qual se protegia em pensamento diante do desdém de Grisard como de uma superioridade que parecia incontestável à força de ser material, perguntava-se por que, se o quisesse, não chegaria Grisard à mesma realidade. Nós, porém, gostamos facilmente de crer que as coisas que desejamos nos virão em decorrência de uma lei misteriosa que nos favorece, e que pela mesma lei as que tememos não nos atingirão. E assim, parecia-lhe (sem que ele visse qualquer motivo, mas pela impressão que serve mais que os motivos para prever as coisas da vida e que é frequentemente frustrada, sobretudo quando é o nosso desejo que tomamos para ela) que Grisard nunca teria destaque social. E quanto a si, ao poder político, à reputação intacta que não possuía, o desejo, se bem que o não confessasse a si próprio, que existia continuamente dentro dele, fazia-o apalpar o sonho como se fosse quase real e nele punha a realização, sem que tentasse absolutamente prepará-la ou torná-la provável num futuro glorioso, indeterminado e próximo.

Mas todos esses pensamentos apareceram apenas de maneira vaga a Jean naquele dia, suscitados unicamente no fundo de sua consciência porque era por meio de tais pensamentos que ele respondia sempre intimamente à notícia de um novo sucesso de Grisard ou de Dubonnet, como se em nosso interior existisse uma espécie de necessidade de revidar com uma ofensiva da esperança a um golpe desfechado no amor-próprio. Hoje, sinceramente, tudo aquilo que não possuía lhe parecia nulo, e ele se inebriava com tudo o que tinha como um ébrio que se embriaga com tudo o que tem a seu redor. Muitas vezes, depois de um repasto copioso, ligeiramente bêbado, ele tomava um carro para ir a um sarau. E como um homem em meio a espasmos de amor aperta nas mãos crispadas os cabelos da amante, as rendas de seu vestido, a fímbria do tecido em que involuntariamente se engancharam, assim nessa noite ele não podia evitar que seu corpo segurasse a portinhola, e quando começara um movimento não o podia interromper, como se tivesse interrompido e violado alguma música interna e fremente nele, e

experimentava uma doçura inacreditável em deixar ir seu ombro até que se chocasse com a parede do fiacre, em deixar escapar bem alto e em ouvir replicar com força as palavras de reconhecimento que lhe vinham aos lábios pelo rápido cavalo que o conduzia ao sarau e cuja cabeça selvagem e fina enxergava, sacudida à sua frente através do vidro. Assim ele ia, repetindo com toda a força o que lhe cantava o sol, que por sua vez o acompanhava com todas as coisas iluminadas como instrumentos retumbantes, frementes de música divina.

Depois se cansou. O sol se ocultou. Aos poucos não lhe restou mais nada de sua confiança e de seus sonhos. E quando voltara a entrar em casa, tinha as pernas quebradas e o gênio irritável como após uma falsa alegria, uma boa notícia que não veio, uma grande esperança que não se realizou.

V. A marquesa de Valtognes

Um dia em que Jean, vindo da casa de Françoise, descia a rua de Rennes, viu sair de uma casa humilde que ficava na esquina da rua uma mulher que reconheceu como sendo sua tia Desroches. Ela a convidara recentemente para uma pequena reunião noturna que dera em homenagem a Suas Majestades, o Imperador e a Imperatriz da Rússia, em seu novo palácio da avenida do Bois de Boulogne, o antigo palácio Vanderbilt, gigantesca estrutura de pedra cujos inumeráveis lacaios, cavalos e equipagem eram as peças móveis que o príncipe de... havia deixado, ao morrer, com a maior parte de sua fortuna, pelo menos sessenta milhões, aos Desroches. Encarnara-se, por fim, a autoridade moral, a força latente deles. Por passar todas as noites na casa de Françoise, Jean não fora a essa reunião mais do que às outras. E à noite, ao entrar em casa, como cruzara na Ponte da Concorde com o marquês de C., que voltava da casa da sra. Desroches, todo de branco, desde a camisa plissada até o cravo da lapela e a gravata, olhara, sentindo o prazer de uma elegância mais rara, o simples casaco que vestia em casa de Françoise, e, com maior prazer do que o do marquês em ir a um dos mais brilhantes saraus do ano, dissera consigo ao se deitar, como quase todas as noites: “Mais um sarau a que não fui. Preciso só pensar em enviar cartões de visita.”

Não os enviara. Sua tia não era suscetível. Mas ele estava contente de poder escusar-se. Foi direto a ela. — Bom dia, meu pequeno Jean — disse ela —, como vais? — E foram andando juntos. — Tens frequentado muito a sociedade? — perguntou. — Oh, que nada. Isso me aborrece tanto. Há tantas coisas e pessoas mais interessantes do que as que se encontram na alta sociedade. — Oh, sim! — gritou a sra. Desroches com súbita paixão — e dizer que as pessoas da sociedade se apercebem tão pouco disso. — Dizer que há pessoas que acham que gostas tanto da vida social! —

Há momentos em que gostaria de lhes dizer: É verdade, gostei dela em dada ocasião, para que vissem que é bem certo que já não gosto mais. Mas as pessoas são tão idiotas. E, além disso, ficamos muito satisfeitos em lhes ocultar nossas preferências. — Certo — disse Jean com vivacidade. — E, no fundo, por quê? — Porque logo que saibam a quem amamos, tudo fazem para separar-nos. Nunca é preciso que alguém saiba. — Uma força inconsciente impulsionava suas palavras e a fazia revelar o que desejaria permanecesse escondido. Ela continuou durante uns momentos a dizer que, se chegasse a amar alguém, ocultaria esse fato de todos, como se dizer que ela o ocultaria equivallesse de algum modo a falar disso e por tal motivo isso lhe era agradável. Jean escutava-a com prazer mas o amor já não era bastante para ele; referindo-se àquela a quem amava, disse: — Mas quando ambas as partes são absolutamente livres, que é que podem fazer contra? — Mas não se aplicando mais ao caso da sra. Desroches, tais palavras deixaram de interessá-la. Jean procedera como aqueles que, depois de estarem bem próximos do objeto, afastam-se de súbito. Pois os que estão apaixonados julgam ter um prazer desinteressado em ver as pessoas que conhecem o amor, em falar de amor. Mas é na esperança de reencontrar o seu amor nelas. Desde que o que se diz a respeito do amor não lhes convenha, perdem todo o prazer. E um apaixonado ficará menos feliz em conversar sobre o amor com Stendhal do que sua amante com seu aguadeiro. No entanto, a sra. Desroches respondeu: — Mas nunca estamos completamente livres. — Jean pensou no doutor que podia voltar e em todas as tias de Françoise, e disse: — Como é verdadeiro isso.

No dia seguinte, Jean se encontrou ainda com a sra. Desroches. Ela estava a pé. Tinha predileção pelas joias que se põem no corpete, pelas roupas simples cujo forro é precioso, gostava, sem que soubessem o nome dela, de viajar nos vagões de segunda classe da companhia de que o marido era diretor. Achando talvez o mesmo encanto em dar valor inestimável a um amor vulgar, renunciava aos poucos à sua posição social em favor de um tenor holandês da Ópera Cômica que morava num apartamento pobre da esquina da rua de Rennes com a rua de Lamoignon, onde todos os

dias mandava entregar um novo quadro, uma joia nova. Por causa da mãe, ocupada de dia numa tabacaria, ele a proibira de o visitar à noite e de o levar ao teatro. Ela ficava ao pé da lareira pensando nele, olhando pilhas de cartazes que ele lhe dera, os recortes de jornais que falavam nele, suas fotografias. E, quando um amigo vinha visitá-la, ela falava sem cessar do amor, da Ópera Cômica, da Holanda e do canto, docemente, a intervalos regulares, como se exala, por baforadas, a fumaça do cigarro, que sem isso nos sufocaria. Nesse segundo dia em que Jean se encontrou com a sra. Desroches, ela ia à casa da marquesa de Valtognes, e lhe disse: — Ora, vem comigo. Ela me disse que gostaria de te ver. — Eram três horas da tarde e no meio desses dias de janeiro fazia um dia de primavera hesitante e dourada. Nas casas apagava-se o fogo das lareiras, abriam-se as janelas ao ar puro. Parecia que o bem-estar, o lazer, a mornidão preguiçosa tinham abandonado as residências para sentar-se ao ar livre diante das casas e nos jardins públicos. Na casa todos se apressavam para sair, como na véspera, na rua, davam-se pressa em entrar. Era a hora em que os colegiais, obrigados a entrar em suas salas de aula, pediam permissão para deixar a janela aberta. Assim, ouviam-se de longe, da sala de aula, os passos dos alunos que andavam pelo pátio e, buscando retardar um pouco mais o passeio, paravam um momento para olhar os colegas. De sua cadeira, o professor saudava um colega que voltava para a sala. E um espelho escondido numa pasta captava um raio de sol, fazia-o correr tremulamente pelas paredes da sala, saltar para a cadeira e ir até o nariz do professor. Ninguém tinha vontade de estudar e os próprios serventes mostravam a fisionomia feliz como em véspera de férias.

Atravessaram as Tulherias. Homens e mulheres caminhavam, lentos como se tivessem de fazer esforços para purificar o ar ambiente, felizes como se os tivessem roçado ao passar. E muitos mostravam o aspecto risonho e preguiçoso dos que estão no banho. Na varanda das casas da rua de Rivoli, elevavam-se bem-aventuranças até o teto, como anunciações, e pareciam sorrir nos céus. Numa janela, um raio caído das alturas riscara o vidro com sua unha de púrpura, como um clarão imóvel devido ao talento de

um vidraceiro. O lago das Tulherias estava apenas meio degelado. Mas entre os blocos de gelo a água era azul como na primavera. Tomaram pela rua Boissy-d'Anglas, que estava ensombrada, mas, chegando ao bairro Saint-Honoré, quase tropeçaram no sol que batia no chão com tanta intensidade que seu reflexo cegava e Jean teve de pôr a mão em pala sobre os olhos para enxergar. Todas as vendedoras de flores haviam retomado seu posto diante de suas lojas ao ar livre, desertas na véspera, cobertas de primavera, lilases, jacintos, goivos, prímulas. E a vinte passos delas, como se penetrássemos em seu território, sentíamos tantos perfumes que as mulheres atravessavam, sentido-se tontas. Eles chegaram à rua de La Rochefoucauld onde morava a marquesa. A rua sobe, depois desce tão abruptamente que as carruagens pouco se aventuram por lá. Ouve-se morrer os raros rumores que se elevam. Parece que a gente acaba de sair de Paris. Para atingir o rés-do-chão da casa da sra. de Valtognes, é preciso atravessar um jardimzinho. As aleias são muito estreitas e ali cresceram tufo de amores-perfeitos e dentes-de-leão. O buxo se inclina por um momento e entra na aleia, e quase caímos por cima dele. O muro muito baixo dá para terrenos baldios de modo que se vê um grande pedaço de céu ao nível do muro que o impedia, sozinho, de inundar o jardim. As árvores, mais ou menos à metade do tronco em relação às maiores, banhavam-se na luz do sol poente, e, por uma química misteriosa, pareciam volatilizar os ramos castanhos, as folhas verdes, numa difusa folhagem de ouro, e a realidade rústica do jardim se tornava, a essa altura, um quadro celeste.

Jean, precedendo a tia, tocou uma sineta que, como as campainhas da roça, continuou por muito tempo a desfiar suas gotas ásperas de um som claro. Entraram no salão onde a marquesa estava sentada diante de alguns amigos perto da lareira. Mas o olho ia involuntariamente para as janelas que o sol, nesse momento, pintava com extraordinária vivacidade. E o céu azul, que parecia dar contra as janelas, e um clarão dourado saliente no tapete davam impressão de fazer transbordar, na vida tranquila das pessoas presentes, como que a inefável serenidade ou a lembrança radiosa de uma pessoa bem próxima, invisível e maior, que

expusesse silenciosamente perto delas, e até acima delas, suas emoções profundas com vigor incomparável. Jean, depois de ter saudado a marquesa, foi dar bom-dia ao conde de Villebonne. Este tinha, como a marquesa, inteligência elevada, a ciência e o gosto dos bibelôs, e má saúde. Estava aí, segundo seus amigos, o motivo de uma ligação que durava há vinte anos sem que houvesse um dia sequer que não fossem vistos quatro ou cinco vezes, almoçando juntos na casa da marquesa, ou na de uma de suas amigas quando por acaso ela aceitava almoçar, e depois indo visitar os antiquários. Às cinco horas (a marquesa recebia todos os dias às cinco horas), o sr. de Villebonne ainda não se achava lá. Entretanto, não tardava a chegar. E muitas vezes, devendo ambos jantar na cidade às oito, ele ainda estava na casa da marquesa às sete e meia, e a saudava meia hora depois entrando no salão no momento em que iam para a mesa (pois ela não era pontual), com o respeito de um estranho e o prazer de alguém que não a visse há muito tempo. Quando lhe pediam um conselho ela dizia: “Não é mesmo, sr. de Villebonne?”, dando-lhe sempre razão. Tinham feito mutuamente a renúncia de seus bens mas não o sacrifício de seu caráter. A casa de campo da marquesa não se abria quando o sr. de Villebonne desejava estar sozinho, o camarote do sr. de Villebonne na Opera, no Théâtre-Français, na Comédie-Française, no Conservatório, estava à disposição dela. Mas ele se prendia ao fato de que ela não frequentava certas mulheres recém-introduzidas na sociedade, e depois de vinte anos não permitia que ele viesse jantar sozinho em sua companhia a não ser a rigor.

Mas tão logo a sra. Desroches e Jean se sentaram na casa da sra. de Valtognes, a tia deste, lembrando-se de que deveria estar em casa, se ergueu. — Mas eu pensava que agora você só recebesse às seis horas nos dias em que estivesse de volta — disse a marquesa. — É verdade — concordou a sra. Desroches —, mas me pediram uma entrevista esta noite: a sra. de Thonnes — acrescentou sorrindo. — Como, senhora, recebe a sra. de Thonnes agora, desde quando? — perguntou o sr. de Villebonne. — Sim, eu achava que a senhora não quis que eu a apresentasse um dia, quando ela me pediu, não é, tia? — disse Jean. — É verdade —

replicou a sra. Desroches sorrindo —, mas que querem, ela insistiu muito mais do que eu resistia. Já é a terceira vez que me pede uma entrevista. — É muito lisonjeiro — disse a sra. de Valtognes. — Nem tanto — retrucou a sra. Desroches. — Sabem que não é por mim, é que ela julga que, com toda a probabilidade, há muita gente da sociedade lá em casa. No que muito se engana. E uma mulher que quer aparecer. Meu Deus, tenho inveja de que seja tão jovem ainda, e de desejar tão ardentemente tão pouca coisa. — *Tão pouca coisa* pareceu desagradar ao sr. de Villebonne, que nada disse, e a sra. de Valtognes se calou para não contrariá-lo. Ele não gostava que ela falasse rindo de sua sociedade, como a sra. Desroches e certas moças, tanto quanto não lhe agradaria que lesse determinados livros, assistisse a certas peças, frequentasse certos salões, dissesse determinadas palavras. E ela gostava não só de observar suas proibições, mas também falava delas com gosto, dizendo a rir, e como que zangada de tal escravidão: — Oh, Agénor não me deixaria ir — a severidade dele parecendo-lhe uma doce garantia do seu amor.

Como Jean descesse com sua tia, encontraram na escada o sr. de Valtognes, que, alguns anos mais novo que o sr. de Villebonne, era também mais bonito e, conforme pareceu a Jean, mais inteligente. Mas a sra. de Valtognes impunha facilmente à sociedade, da qual se achava meio retirada, como para dominá-la do alto, suas opiniões como verdades e suas preferências como ditames da moda. O sr. de Valtognes estava eclipsado pelo sr. de Villebonne, diante de quem, aliás, se apagava por vontade própria. Estava sempre saindo para fazer compras, fosse conforme dizia, para buscar remédio para a enxaqueca de Agénor, um tecido para seu quarto, fosse procurando editor para suas plaquetas. Uns acusavam-no de complacência, outros de cegueira. A sra. Desroches dizia que ele quis abandonar a mulher quando descobriu seu romance, mas amava-a tanto que desistiu. Duas ou três vezes a duquesa de Réveillon o ouvira falar a esse mesmo Villebonne, a quem admirava, queria bem, favorecia com tanta complacência, num tom tão repentinamente imperioso e brusco, que ela temia sempre que ele um dia fizesse uma asneira, como esses leões submissos que

acariciam o domador e acabam por devorá-lo. Assim, também não faltava quem dissesse que, se o sr. de Valtognes tratava o sr. de Villebonne com tanta longanimidade, é que este o tinha nas mãos em virtude de segredos comprometedores, documentos humilhantes. E quando o sr. de Valtognes dizia uma dessas palavras que, assemelhando-se às palavras dos maridos de teatro, dão a ilusão, àqueles que as escutam, de serem de autores dramáticos que observam a realidade, quando, estando sua mulher e Villebonne na Noruega, puxava o relógio no meio de um lanche e dizia: — A esta hora Villebonne está tomando chá no quarto de minha mulher no New-Hotel —, ninguém sabia se se tratava talvez da terrível ironia de alguém que há de se vingar ou de um impotente que se rói por dentro, quem sabe a ingenuidade de um pateta ou o gracejo cínico de um canalha que se diverte.

Não dando o sr. de Valtognes a impressão de reconhecer Jean, a sra. Desroches o apresentou. Jean cumprimentou-o envergonhado, como se o sr. de Valtognes dissesse consigo: “Mais um que zomba de mim.” Mas nada disso transpareceu. O sr. de Valtognes cumprimentou Jean, dirigindo-lhe algumas palavras com essa graça perfeita que já o conquistara uma vez. A sra. Desroches, sentindo-se atrasada, disse-lhe adeus. Ele se desculpou pelo embrulho que levava debaixo do braço, dizendo: — É um pequeno Clodion, [\[49 \]](#) uma surpresa para Villebonne, ele já me fez muito e eu bem lhe devo isto. — E tendo cumprimentado a sra. Desroches, estendeu a mão a Jean com um sorriso amistoso e desapareceu com o embrulho.

Jean quis deixar a tia mas ela pediu que a acompanhasse ainda. Ele sentiu que não a interrogando acerca de seus segredos, como se os respeitasse, e não lhe falando de outra coisa, como se os conhecesse, sua companhia lhe era doce como o silêncio aos corações tristes. Ela desejava guardá-lo consigo, talvez apenas como um jovem animal que parece amar-nos melhor que os homens e dá mostras de compreender-nos numa linguagem muda, talvez como um rapaz que já conhecia o amor e o inspirasse mais certamente do que ela ainda por muitos e longos anos, como alguém que lhe fosse tão devotado como gostaria ela que o outro

lhe fosse, a quem talvez pudesse falar dele, talvez até dar recados para ele nas horas mais urgentes ou mais tristes. Ela disse: — Mas, meu pequeno Jean, acompanhe-me —, e eles voltaram juntos para a casa dela. Ela o fez subir para o seu quarto enquanto tirava o chapéu. Tocaram à porta. Anunciaram a sra. de Thonnes. Ela mandou dizer que viria logo. E imediatamente, tendo tirado as luvas com um gesto e sorrindo para o sobrinho, entrou com ele no salão e o apresentou à sra. de Thonnes. Esta tinha uma cara redondinha com olhos negros e risonhos, e não faltavam nem o boá de chinchila, nem o caderno de visitas, nem o relógio-pulseira no cabo da sombrinha, nem palavras sobre a gripe, sobre o número de saraus, sobre a morte que acabava de levar tantas mulheres jovens da alta sociedade “que ela vira tantas vezes na casa de uma prima”. A sra. Desroches ouvia-a sem se irritar, com polidez, sentindo talvez melancolicamente a ilusão que vivera outrora acender-se em outra mulher, deslumbrá-la, incendiá-la, até que a sra. de Thonnes, tendo percorrido sua idade e parecendo alcançar sua ambição, viu-a brilhar em pessoas mais jovens. A sra. de Thonnes falou de leitura, mas não lera ainda a última *Revue de Paris*. A sra. Desroches acabara de lê-la naquela manhã. — Mas senhora, como, com todos os seus compromissos sociais, consegue achar tempo para ler? É incrível — disse a moça com ingênua admiração. — Oh, eu saio tão pouco — disse a sra. Desroches. — Oh, minha senhora! — gritou a sra. de Thonnes em tom de protesto e como se a sra. Desroches se caluniasse.

A porta se abriu: anunciaram a duquesa de Réveillon. A sra. de Thonnes levantou-se, sentindo perfeitamente que se mesmo uma amiga permanecesse em sua casa quando lhe aparecesse a sra. Marmet ou qualquer outra que fosse para ela o que a duquesa de Réveillon representava para a sra. Desroches, ela a levaria a mal. Mas a sra. Desroches, compreendendo o heroísmo de seu sacrifício, disse com bondade: — Mas a senhora ainda não vai embora, não é mesmo, sra. de Thonnes? — Vou ficar ainda uns minutos — disse a sra. de Thonnes num tom quase mal-educado, seja por ter sido apanhada desprevenida, seja por querer dar a impressão de que ficava por simples amabilidade. Mas, sendo

demasiado forte a emoção, logo enrubesceu. “Estará feliz por ficar assim”, pensou a sra. Desroches. E apresentou-a à duquesa, contente por poder praticar uma boa ação. Jean não enrubesceu menos que a sra. de Thonnes, pois não ia há muito à casa da duquesa. Mas, para não embará-lo, ela soube se lastimar de o não ter visto com um tom que parecia antes gracejo que censura, apesar da mágoa que havia sentido. Não podia esquecer os que tinham sido um dia bondosos para com o filho. Certo instante a duquesa, fazendo um gracejo inocente acerca da sra. de Thianges, disse: — Posso lhe dizer, já que estamos na intimidade. — A sra. de Thonnes atribuiu a essas palavras um alcance tão considerável que lhe pareceu natural que a sra. Desroches a tivesse feito estar com a duquesa, persuadida de que devia ter para esta um interesse particular. O cumprimento que lhe dirigiu a duquesa ao se levantar fê-la cair na realidade. No entanto, gostaria que soubessem que a duquesa dissera, falando dela, “na intimidade”, e ao sair ela se atormentava por não saberem disso, como alguém a quem se confia um segredo importante e que desejaria que os transeuntes vissem ao menos que possui um segredo. E para se consolar de que os amigos com quem cruzava não o soubessem, fazia-lhes um cumprimento mais frio ou mais condescendente e que, segundo ela, parecia incluí-lo. Mas, acima de tudo, o sentimento que levava de sua visita era um espécie de exaltação dirigida à sra. Desroches, cuja graça, espírito e beleza lhe surgiam bem maiores sobre o pedestal de sua posição. E, tendo ido à casa dela por interesse, voltou por prazer, para satisfazer certa paixão e certo culto. Como dizia a todo mundo, “ela compreendia o seu sucesso”.

VI. A exposição Bergotte

Nem Jean nem a sra. Desroches tinha coisa alguma que fazer antes de jantar. Então ficaram ainda um pouco juntos e, já que nenhum impedimento vinha cortar e, por assim dizer, colher o prazer que achavam na companhia um do outro, tal prazer se estragou por si mesmo aos poucos e acabou por sumir. Mas, voltando da casa da tia, tendo passado diante de um cartaz que anunciava *Le Cid*, Jean pensou em Corneille, depois em Racine, depois em Molière e depois nas *Femmes savantes*. Aí a sua imaginação, como um pião a girar durante muito tempo em torno de si mesmo e que parece esquecer o objeto em que vai bater a qualquer momento, demorou-se na personagem de Philaminte, pareceu lembrar-se de Bélise, voltou a Philaminte, quando de repente, retomando seu curso, chegou a Henriette e foi devolvida imediatamente, como a um ponto simétrico, à sua tia Henriette. Então reviu seus olhos doces, e bem mais doces do que quando estava junto a ele, seus modos gentis, suas palavras de amizade, sua graciosa e rara familiaridade, sua lisonjeira franqueza para com ele, e, em vez de comprazer-se com isso, como com uma emanção quase involuntária de sua graça que o envolvera nesse dia, porque era ele quem estava com ela, ou por egoísmo, porque ele era mais capaz de penetrá-lo, experimentou de súbito um infinito reconhecimento pela tia. O demônio da generosidade, a necessidade de expandir de imediato todo o seu coração, toda a sua riqueza como carvão sobre toda pequena chama de simpatia que brilhara a seus olhos, o empolgaram. “Vou lhe mandar flores.” Precisava de pelo menos um quarto de hora para chegar à sua florista, e gostaria de já ter recebido o agradecimento da tia. Pegou um carro para chegar mais depressa. Só tinha cinquenta francos no bolso, era o que lhe restava até o fim do mês, pois gastara tudo com Françoise. Tanto pior, reservá-los-ia para essas flores e andaria a pé até o final do mês. Fazendo as

refeições na casa dos pais, podia, a rigor, não gastar nada. Na florista, como escolhesse flores lindas, descobriu por trás do balcão um arbusto ridente, que, como uma cativa ingênua e bela, erguia aos céus os braços repletos de flores. Cada flor era grande e magnífica como uma rosa e seu colorido açafreado arrebatava, como num quadro, a inspiração ousada, a infalível audácia de um maravilhoso colorista. Mas os ramos erguiam-nas com uma extensão tão real que, como o gesto num pastel, o movimento ingênuo e gracioso de uma criança ou de um animal, ela fazia brotar gritos de espanto no espectador inebriado por se encontrar de repente em presença de uma intenção humana. Um leve rasgão da membrana verde traía a fadiga de um ramo, e na base de um cálice havia, na dilatação de uma pétala, uma gota de orvalho. E do arbusto não cessava de se evoluar um aroma feito brisa cariciosa. E juntamente com o arbusto podia-se possuir o aroma, como os que compram um animal de carga ou uma amante têm o espetáculo de seu instinto e de sua alma. E Jean, já prelibando a surpresa encantada da tia diante do belo arbusto florido, não mais: se sentia com a coragem de renunciar aos eflúvios de gratidão que ela lhe enviaria. Contudo, mais ao longe lobrigou um lilás pendendo sobre as nervuras de sua madeira as flores leves como uma farinha violácea e que pululavam doces e numerosas como os finos anéis de cabelos de uma cabeça antiga. Disse que voltaria para pagar, mandou levar o arbusto e o lilás à casa da sra. Desroches e foi a um joalheiro vender o diamante do seu alfinete de gravata, e com o dinheiro que sobrava comprou uma pedra onde, turva e azul, trêmula e brilhante, parecia brilhar uma hora da tarde guardada. E a enviou também à sua tia. E no dia seguinte foi vê-la de novo.

* * *

Foram juntos à exposição das obras de Bergotte, que tanto Jean como sua tia julgavam nosso maior pintor. Por ocasião dessa mostra o Instituto lhe oferecera um grande banquete, o governo lhe concedera a grã-cruz da Legião de Honra da qual Bergotte era membro há vários anos, e todos os soberanos da Europa lhe

havam escrito. Encontraram numa sala um senhor de aparência bem corpulenta, rosto corado, olhar tímido e agudo, que caminhava ao lado de uma senhora feia e velha cujo mantô ajeitava, chamando às vezes o menino que a servia, e cujo chapéu ornado de ouro falso traía, como a mediocridade de sua fortuna, o excesso de sua pretensão. O senhor saudou a sra. Desroches com solicitude e acanhamento. E nesse instante, com ar autoritário, a dama, como para melhor afirmar o domínio que exercia sobre ele, disse-lhe em voz muito alta que pegasse o seu regalo. — É ele, é Bergotte — disse a sra. Desroches. — Como, conhece-o? — perguntou Jean virando-se para vê-lo. — Conheci-o muito — confirmou a sra. Desroches —, ele até fez um belo retrato meu. Gostaria de lhe ter oferecido um jantar quando do seu jubileu mas sua amante, a sra. Delven, aquela que está andando ao lado dele, só o deixa ir à casa das pessoas que ela conhece. — Ele vai às vezes à casa dos Réveillon. — Não muito, recusou também um jantar em casa deles em homenagem a seu jubileu. Mas, de fato, ela o impede menos de ir à casa das pessoas que não conhece de todo. Ao passo que o proíbe terminantemente de visitar nossa família, porque a conhecemos e a deixamos de ver. E sente-se feliz de ter ao menos alguém que não recebemos e, digo mais, de maior encanto do que qualquer um que nos visita. Tua mãe conheceu-a bem. — O quê! Mamãe? — Talvez não seja bom eu te dizer. Mas, enfim, tu conhecestes bem o sr. e a sra. Lepic, que jantavam todas as semanas em tua casa. — Acho que sim. — Pois bem, creio que posso te dizer, era preceptor a de tua tia Clarisse, filha natural (diziam) do pai de tua tia, que Lepic desposou. Ela sempre teve maneiras tão corretas que tua mãe, que hesitara a princípio em recebê-la, se tornou sua melhor amiga, enquanto nenhuma de nós jamais pôs os olhos em sua irmã, que é essa sra. Delven, que vivia com um merceeiro, fez-se raptar, foi sustentada por Dector, pai da sra. Marmet, por um tio de tua mãe, o tio Frédéric, que terminou casando com ela. — Como, o tio Frédéric? — exclamou Jean estupefato. — Sim — disse a sra. Desroches rindo —, por isso é que tua mãe não queria saber mais dele. Por fim, há dez anos, quando ela se transformou, de tão bonita que era, nessa velha

horrenda que vês, Bergotte, que até então só amara criadinhas que transformava em Vênus, pondo nisso tanto talento como nos blocos de mármore que animava, conheceu-a e se tornou seu amante. Está visto que era rica, pois esposara, depois da morte do teu tio Frédéric, um negociante próspero que ia muito à casa da tua tia Crinois, de modo que esta, para nos dar uma lição, recebe-a atualmente.

Passeavam ainda, conversando acerca de Bergotte e do inacreditável amor que nutria pela sra. Delven. — Foi ela quem posou para a sua *Electra*, repara bem, vais notar um pouquinho embora ela esteja feia. Mas ele a vê como se fosse linda. — E, de passagem, Jean buscava nas faces salientes e bexigas da sra. Delven, no olhar agudo com que mirava a todos, alimentando Bergotte a seu lado com os gomos de uma tangerina que descascava, como se alimentasse sua vingança contra a sociedade que a desprezara e que preferia a ela esse grande homem que dava a impressão de inquirir, como um espectro cativo, seja nas profundezas da alma da sra. Delven, seja na essência física conservada materialmente por sua raça, a aparência de um tristeza áspera que lhe parecera tão singular em *Electra* e cuja verdade ele parecia controlar agora, pela semelhança e que de uma abstração se transformava numa criatura. Jean deixara sua tia para se aproximar de Bergotte e da sra. Delven. A todo instante ela o chamava pelo nome com voz forte e os passantes paravam para olhá-los. Uma mãe a mostrou ao filho, que a deixou vivamente, foi na direção de Bergotte, passou adiante dele para vê-lo bem de volta. Mas aí não ousou erguer os olhos para o pintor. Jean seguia-os passo a passo, parando diante dos mesmos quadros que a sra. Delven. Diante de uma marinha, ela disse: — Ah, sim, este é aquele que você fez no meu salão em Dieppe. — Diante de uma Salomé: — Lembra-se, fui eu quem lhe deu a ideia de pôr o pequeno escravo negro e foi nesse dia que você disse que eu tinha gosto. — De longe, ela mostrou-lhe um faisão sobre uma mesa e disse: — Ah, é aquele que meu marido matou no dia em que fazia tanto frio. — Parou como um proprietário diante de um pastel, dizendo: — Foi o que você me deu para a minha festa. — Mais além, era uma aleia, e

a sra. Delven, recordando-se, exclamou: — Mas era naquele ano em que fomos a Fontainebleau. — E com voz emocionada: — Foi há muito tempo. — E seu rosto se tornou suave, ela o olhou. Mas diante de um vaso de flores que levava uma data mais recente, disse-lhe em tom irônico: — Este aí é o que eu queria que desse ao meu marido. Lembra-se do dia em que o fez, não é, senhor? — E seu olhar pareceu desvelar o disfarce desse cerimonioso “senhor”. Ele a mirou, sorrindo, mas não ousava responder, constrangido pela presença da criança que lhe dava a mão. Disse: — Este pobre Tiennet se aborrece. — Não, não, Tiennet está muito orgulhoso, pois enfim está aqui, nesta exposição, está aqui o seu retrato. — Mas nesse instante estalou junto dele a voz de um homem encolerizado: — e assim que vocês me esperam ao pé da escadaria grande — gritava com desagradável sotaque alsaciano, e tão forte que todos se viraram. Era o sr. Delven. Sua mulher fê-lo baixar de tom. Bergotte, que durante todo o passeio pensava claramente em outra coisa, foi arrancado de chofre a seu devaneio e sua fisionomia conservava o aturdimento do sonho na benevolência do sorriso. — Cumprimento-o — acrescentou o sr. Delven mostrando os pastéis —, foi para isso que me fez esperar? São umas boas drogas. — Cala-te — disse a sra. Delven —, não sabes o que dizes, são obras-primas. — É o que tem de pior. Só que você o elogia a propósito de tudo, e o que digo é a verdade. — Mas sem parecer atingido por essas injúrias, com uma solicitude que Jean ficou sem saber se era devida à distração, ao reconhecimento ou à ironia, Bergotte ofereceu sua cigarreira ao sr. Delven. Este recusou com algumas palavras de extrema gentileza. Sua cólera havia passado. Continuaram seu passeio, o pequeno Tiennet sempre dependurado no braço direito de Bergotte, que levava no outro o mantô da sra. Delven. A cada novo quadro, a sra. Delven lembrava a Bergotte que ele o fizera em sua casa de campo, reclamando com ela por seu salão acanhado, esfregando com o lenço o quadro um tanto embaciado, dizia, ou afirmando que era preciso encompridar um braço, complicar um fundo de paisagem, parecia fazer brilhar aos olhos dos passantes a corrente à qual ele se achava atado. E por um momento, com uma brusca reprimenda, o sr. Delven parecia

fazer com que ele a sentisse com maior rudeza. Mas a fisionomia de Bergotte conservava a mesma expressão distraída e tais barulhos pareciam não lhe atingir o cérebro a não ser de modo indistinto, estranho e confuso como os rumores da rua chegam ao pensamento de um homem que trabalha. Às vezes, ele também olhava para a sra. Delven e seu olhar voluptuoso e dócil, suprimindo sem dúvida a maquilagem, as marcas das bexigas, a pretensão do sério, a vulgaridade do sorriso, acariciava a cabeça ideal e voluntária de sua *Electra*, surgida na doçura de suas lembranças ou acima da glória de sua esperança.

VII. O jantar da senhora Cresmeyer

E nessa noite, em que Bergotte se recusara a ir jantar em casa da duquesa de Réveillon, da sra. Desroches e na de muitas outras pessoas, teve no entanto de envergar uma casaca e assistir a um grande jantar. Era dado pela sra. Cresmeyer, tia de Jean. A sra. Delven não podia esquecer-se de que, com raiva da sra. Desroches e dos outros membros da família — e esse motivo lhe era ainda mais doce do que se tivesse sido de ternura por ela —, a sra. Cresmeyer se aproximara dela há doze anos e não mais cessara de visitá-la e de recebê-la quando os outros já não a cumprimentavam. Bergotte, que só era admirado por uma elite a essa época, foi se tornando célebre aos poucos. Prometendo à sra. Cresmeyer que ele iria ao seu jantar, a sra. Delven recompensava-lhe a lealdade e a constância. A sra. Cresmeyer sofrera a princípio, pensando em todas as pessoas distintas que teriam consentido em ir à casa dela para conhecer enfim essa felicidade: a de ver Bergotte, fortuna que a impossibilidade tornava mais apetecível. Todavia, ela não podia convidar pessoas que não conhecia. Pensara em convidar Jean e lhe dizer: “Traz o teu amigo Henri de Réveillon, se lhe interessa ver Bergotte.” Mas a sra. Delven tinha declarado que, se visse um Santeuil, iria embora e com ela Bergotte. Seus convivas foram portanto a mulher de um médico de ouvidos, que tinha umas amigas elegantes com quem jamais convidava a sra. Cresmeyer. Esta pensava, convidando-a para o seu jantar mais chique, forçar a sra. Destroyes a um ato recíproco. A esposa do médico aceitou com satisfação e o doutor prometeu interessar Bergotte falando-lhe de seu confrade Benjamin Constant, que fora consultá-lo certa vez, com uma moléstia de ouvido. Os Bliaux também eram bem lembrados. Sendo o sr. Bliaux sócio de um corretor de câmbio, a sra. Cresmeyer sentia: se feliz em imaginar que por um jantar em sua casa se deslocaria o elegante cupê dos Bliaux, que o laçao

esperaria de noite na antecâmara, que se de noite o vice-presidente do Crédit Foncier viesse ver seu amigo Bliaux não o encontraria e ela, Cécile Cresmeyer, seria a causa desse desencontro, que ele lembraria à mulher pela manhã: “Jantamos esta noite na casa da sra. Cresmeyer, amanhã no Ministério das Finanças”, como se fossem dois deveres idênticos. Mas isso não era tudo. A sra. Delven, vendo os Bliaux, compreenderia que não tinha aviltado Bergotte fazendo-o vir à casa dela. A sra. Cresmeyer pensava que não havia ninguém no mundo que não se sentisse lisonjeado por jantar com o sócio de um corretor de câmbio. Enfim, os Bliaux tinham um camarote na Ópera. Talvez um dia convidassem a sra. Cresmeyer. Suas esperanças não iam até esse ponto, mas ela via abrir-se à sua frente um futuro brilhante a partir do dia em que, graças a Bergotte, os Bliaux ficariam sabendo que ela recebia para jantar os Deshais, e os Deshais que encontrariam na sua casa os Bliaux. Os Bliaux a apresentariam a seus amigos como uma amiga dos Deshais e os Deshais aos seus como uma amiga dos Bliaux, pois a convidariam em agradecimento a esse belo jantar com a nata de sua sociedade. No entanto, um dia em que ela poderia agradecer a tantos amigos obscuros que lhe haviam prestado serviços, não era com esses que sonhava e sim com aqueles a quem não devia coisa alguma e cujo benefício que poderiam fazer já não fora saboreado mas era para ser esperado e provocado. Mas ela não se dava conta dessa situação, e não pensava que os Bliaux descartariam seu nome como ela descartava esta noite o de Flore Simiane, dizendo consigo: “Mas não, ninguém a conhece, ela é maçante.” Enfim, convidou o sr. de Blancheforte, funcionário dos Negócios Estrangeiros. Infelizmente (Deus é mesmo injusto), ela nem podia sonhar em convidar o mais brilhante de todos os seus convivas, o velho general d’Apvent, um verdadeiro nobre, que vivia com a própria tia da sra. Cresmeyer, a sra. Tournet. Mas a sra. Tournet estava muito doente em Orléans e o general, a não ser para questões relativas ao serviço, não a largava.

Enquanto Jean ia à exposição de Bergotte com a tia, a sra. Cresmeyer sofria muito. E se os Bliaux estivessem doentes! Que beleza, sua camareira afirmou que vira passar de carro a sra. Bliaux

resplandecente! E se Bergotte se esquecesse (os artistas são tão distraídos)! Até o último instante receou que a sra. Deshais não viesse, pois seu filhinho estava com coqueluche. A sra. Cresmeyer teria desejado curá-lo, rogava a Deus, indignava-se contra o pai que não era capaz de achar um remédio: — Um médico, em nossa época, se isso não for vergonhoso. — Ela não queria sair, podia sofrer um acidente de carro, ficar presa num engarrafamento, não voltar a tempo etc., e ser levada por engano à delegacia como tendo furtado num grande magazine. Mas sem sair do quarto pode-se machucar os pés: ficou deitada na cama. Levaram-lhe uma carta dizendo que a sra. Tournet acabara de sofrer uma crise terrível e que receara morrer. Temia-se que ela não mais se recuperasse. A ideia de um luto que teria contraordenado o jantar causou suores frios na sra. Cresmeyer. Agradeceu a Deus por ter afastado de si semelhante infortúnio. Mas, na verdade, talvez acontecesse nesse instante? Seriam capazes de lhe mandar um telegrama, de intimá-la imediatamente. Nesse momento abriu-se a porta. — Um telegrama, madame — disse a camareira. — De onde? — De Orléans. — Pronto. A sra. Cresmeyer olhou-o por muito tempo sem abri-lo. Por um instante toda a sua felicidade pareceu desmoronar, depois uma ideia genial lhe ocorreu. Ela passaria por só tê-lo recebido depois. Em caso de necessidade, para que o general acreditasse nela, faria uma reclamação ao Ministério dos Correios. Que boa notícia no *Figaro*; iria chamar ainda mais a atenção sobre seu jantar: “Tão logo os brilhantes convidados que acabamos de mencionar deixaram os salões da sra. Cresmeyer, uma espantosa notícia veio fulminá-la, a morte de uma parenta.” Infelizmente, não havia meio de dizer que a defunta era a melhor amiga do general d’Apvent. Para se sentir menos envergonhada aos próprios olhos, decidiu só abrir o telegrama quando: os convidados tivessem ido embora, contentando-se com esse sofisma: “Talvez seja para anunciar uma melhora.” Mas ainda que o telegrama não a impedisse de dar seu jantar, ela ainda se mostrava ressentida pela emoção que lhe causara e não cessava de repetir: — Não é preciso sair de casa para ser infeliz, uma desgraça vem tão depressa. — Então ela começou a temer que, se não fosse a Orléans, a viessem buscar. E

mandou dizer ao porteiro que, se chegasse alguém para chamá-la da parte do general, dissesse que saíra e que não voltaria.

Enfim, a hora do jantar pela qual esperara o dia inteiro chegou e não a encontrou pronta pois seu cabeleireiro se atrasara. Ouvia os toques da campainha se repetirem e ainda não estava pronta. Mas sua cólera em breve desapareceu no salão diante do prazer que teve em apresentar os Bliaux aos Deshais. Chegou Bergotte. E a sra. Delven, que sem dúvida viera com ele, logo depois tocou a campainha. O sr. Delven chegara primeiro. Mas a sra. Delven quisera vir mais tarde a fim de fazer esplendor melhor a grandeza de sua dupla presença por meio da leve inquietação de todos até o momento em que ela se manifestasse. Chamou a atenção da sra. Cresmeyer para o fato de que Bergotte quase não pudera vir por causa de um acidente de carruagem pela manhã. Mas não fora nada, embora ele ficasse pálido. A sra. Cresmeyer entreviu, como um sonho, a possibilidade de que, ao fim do jantar, ele fosse acometido de uma apoplexia e morresse em sua casa, que ficaria célebre. Mas é um grande estorvo alguém morrer em nossa casa. Durante o jantar a sra. Delven observou a Bergotte que ele fora convidado na mesma noite para jantar na casa da sra. Desroches, na do presidente da República e na da duquesa de Réveillon, a quem ela chamava princesa de Réveillon, seja por ignorância, seja acreditando engrandecê-la ainda mais ao lhe dar um título que imaginava fosse mais elevado. A sra. Cresmeyer, envaidecida mas irritada, disse: — É tanto mais amável por me haver dado a preferência. — De súbito, a sra. Delven, que o chamava de senhor, lembrou a Bergotte que ele não devia comer peixe. A sra. Cresmeyer pediu a Bliaux notícias de seu amigo, o presidente do Crédit Foncier, a fim de que os Deshais não pudessem ignorar na companhia de quem se achavam. E ela pediu a Deshais notícias da filha da condessa de Pesch, que ficara surda aos dez anos, que desgraça horrível! A sra. Deshais achava a condessa encantadora, tão simples. Hoje mesmo havia levado a menina para passear no bosque. A sra. Cresmeyer era grata à sra. de Pesch por ser tão gentil com a sra. Deshais, o que a fazia parecer, diante dos outros

convivas, se não amiga da sra. de Pesch, pelo menos amiga de seus amigos.

Tendo todos saído antes da meia-noite, ela quis levar imediatamente a notícia ao *Figaro*, e sentindo que isso não ficava bem (Bergotte pedira que não se comentasse que ele jantava), temendo ser surpreendida (estava disposta a dizer que a nota provinha de um dos convidados: sob essa boa república nem sequer podemos estar seguros das pessoas que recebemos), preparava-se como uma ladra, imaginando os funcionários que teria de enfrentar e atrás de quem talvez a espreitasse Bergotte, quando de repente se lembrou do telegrama que esquecera no meio de tantos acontecimentos felizes. Continha estas palavras: “Francine melhor, obrigado a passar ministério logo, pode me receber para jantar? General d’Apvent.” Ela poderia tê-lo recebido. Vendo a solicitação do telegrama, ela ainda achou que poderia contar com a sua presença. Voltou a sentir-se desgostosa ao ver seu salão onde os convidados já não estavam, as lâmpadas ainda acesas, os pratos de *petits fours* quase vazios, um mordomo de empréstimo, agalado e respeitoso... só para ela, todos os sobejos de uma festa acabada. O porteiro confirmou-lhe que o general passara mas, de acordo com suas ordens, dissera-lhe que ela saía e que não voltaria para jantar. Por um momento, teve a ideia de colocar o nome dele assim mesmo na nota para o *Figaro*. Mas como explicar-lhe? E aos outros convidados que o não haviam visto? Enfim, contaria a cada um deles que tinham estado quase a jantar com o general d’Apvent.

Com esses sonhos chegou ao *Figaro* e, tão logo chegou, teve medo. O empregado a quemalaria talvez lhe dissesse: “A senhora tem autorização do sr. Bergotte?” e diria este nome em voz tão alta que Bergotte o ouviria de uma sala ao lado. Pois ela julgava que os artistas estavam sempre enfurnados nas salas de redação. Subiu e de súbito desfaleceu ao ver Delven. Ele também estava tão perturbado quanto ela, mas ela tomou sua perturbação como ameaça. Da sua parte, Delven viera, com os mesmos receios, dar a nota para que vissem que a esposa era convidada na companhia de pessoas distintas. Suprimira apenas o nome de Bergotte, não por temor ao ridículo (ele não desconfiava de nada) mas para não

incomodá-lo, já que recusara outros jantares para o mesmo dia. O caso fora discutido entre os três, tendo Bergotte, aos poucos, condescendido com todos os hábitos das pessoas com quem vivia, tal procedimento não lhe parecendo mais chocante. Saudaram-se sem parar, o que significava uma confissão. Nunca mais pensaram um no outro senão com vergonha. Ambos não dormiram à noite. Esperavam o delicioso momento em que o sol viria acordar os entregadores do *Figaro*, onde poderiam se deliciar com as linhas imaginadas, ouvir as sílabas de seus nomes entre as sílabas gloriosas, onde o jornal inocentemente dobrado de lado, esperando que a sra. Desroches pedisse o seu chocolate, guardava a notícia que para ela iluminaria com uma glória vingativa a sra. Cresmeyer e a sra. Delven.

O sol se ergueu, dócil à expectativa da sra. Cresmeyer. E a criada teve ordens de comprar dez exemplares do *Figaro*, pois ela desejava comparar, dar-se conta de que todos eram idênticos. O noticiário mundano continha uma série de notas que até aos olhos da sra. Cresmeyer não revestiam de grandeza alguma as pessoas cujos saraus aí se achavam descritos. Mas, quando chegou à mais insignificante de todas, aquela que, é claro, ninguém lia, os tipos pareceram-lhe mais doces. *Grande jantar em homenagem a mestre Bergotte em casa da sra. Oresmage*. Ela se empertiga, quer voar ao *Figaro*, impedir a venda dos exemplares. Desgraça, todos já tinham sido distribuídos, propagando o erro fatal. Mas é uma infâmia! Como prevenir a todos? Também, por que faz ela sempre os C como O, os Y como G? Amanhã hão de retificar. Mas daqui até lá vão atribuir a uma outra a glória desse jantar que só pertence a ela. A nota estava tão boa. “A alta finança estava representada pelo casal Bliaux. Podiam ser vistos sábios como o Dr. Deshais, personalidades notáveis da alta sociedade aristocrática e mundana, como o conde de Blancheforte, o sr. e a sra. Bliaux, o sr. Delven etc. A graciosa dona da casa, que — caluda! — nos prepara, dizem, outras maravilhas, trajava um vestido de cetim negro com duplos folhos ondulados brancos, uma obra-prima assinada por Morin-Boissier, fez as honras da festa com sua graça costumeira.” No dia seguinte bem que poderiam retificar que o jantar de que falamos ontem foi

dado pela sra. Cresmeyer e não pela sra. Oresmage (conforme anunciamos por engano), mas não poderiam reproduzir todos esses detalhes, e os leitores, não tendo prestado muita atenção (não sabiam que se tratava da sra. Cresmeyer), já os teriam esquecido.

Mas a sra. Cresmeyer não deveria ficar completamente frustrada nesse prazer. O sr. Delven, buscando entender as razões pelas quais a sra. Cresmeyer viera a desoras ao *Figaro*, supôs que seria para pedir ao jornal que não falasse de seu jantar. E enviara logo a mesma nota ao *Gaulois*, riscando tudo desta vez e pondo o nome de Bergotte (como só combinara com Bergotte a respeito do *Figaro*, ninguém pensaria que se tratava dele) para que diante de um nome que interessasse ao público, no interesse do jornal, o colunista social não hesitasse. Assim, no momento em que ela se lamentava pela ignorância em que ficaria a Paris elegante a respeito de seu jantar, e renunciava a ir fazer visitas em que projetara observar ao vivo o efeito — ciúme ou admiração — produzido pela nota, sua vizinha de cima mandava-lhe pela criada o *Gaulois*, onde havia uma nota que podia interessar à senhora. Foi talvez a única pessoa que prestou atenção a essa nota. Os outros leitores do jornal leram esse insignificante avesso de uma paixão devastadora com a mesma indiferença que os numerosos falecimentos, divórcios, suicídios que enxameavam os jornais com a cinza inerte e pública de tantas chamadas escondidas, pois o que, para nós, faz a felicidade ou a infelicidade de nossa vida representa para outrem um fato quase imperceptível.

Quase no fim do ano, a sra. Cresmeyer não resistiu à enfermidade hepática de que já sofria à época desse jantar. Nesse instante, para ela como para os outros, as relações que tivesse ou não tivesse com os Bliaux perdiam toda importância. Seu enterro, a que compareceu muita gente com indiferença, não foi um acontecimento mais marcante que seu jantar. A família retomou nessa hora séria o lugar de uma intimidade artificial, e todas as pessoas modestas afastadas do jantar foram à capela mortuária, onde Bliaux nem mesmo se fez registrar, “já que a conhecia”, dizia ele à esposa. Pois decerto não gostaria que soubessem que a conhecera. Em troca, a sra. Desroches, que não viera ao jantar, bem como os Santeuil,

compareceram ao enterro por conveniência e em lembrança bem doce para essa pessoa intratável. Como a sra. Cresmeyer não se achava presente para enviar a nota, os jornais não tocaram no assunto.

VIII. Henri Loisel

É claro que tais fatos, ao serem conhecidos, deram uma ideia do lado mau da vida de Bergotte, a contraparte inexplicável não só de seu gênio mas também de sua bondade, de sua lealdade, de seu desprendimento. Há outros fatos, entretanto, que, por mínimos que sejam aparentemente, fariam sofrer ainda mais um admirador de Bergotte, bem como, quem sabe, os que os tivessem feito experimentar, se não um pouco de vergonha, ao menos o sentimento fastidioso da mediocridade da vida que temos todas as vezes que o nível de nossa vida moral está bem baixo.

Quanto a mim, não me esquecerei nunca das palavras que Bergotte disse a Loisel na noite em que este foi tocar na casa da sra. Delven. Esta tinha-o constantemente em sua casa porque pessoas mais elegantes que os seus convivas habituais estavam vindo para ouvir Loisel e viriam sempre que ele tocasse. A sra. Delven era pobre. E cada cachê de Loisel era de mil francos. Assim, ficou combinado que era por causa de mestre Bergotte que ele vinha, assim como era por ele que atores do Théâtre-Français viriam representar outra noite uma peça nova, que Fauré uma outra vez ainda se fez ouvir. Quando o artista terminou, a fisionomia de Bergotte exprimia um entusiasmo artificial. E durante alguns minutos falou ao artista, não se contentando em elogiá-lo mas acrescentando coisas particulares, coisas engraçadas feitas para ele, que eram o seu modo de pagar o trabalho. Durante esse tempo, o sr. e a sra. Delven assumiam o aspecto que toma uma família ao final de uma festa, uma fisionomia convencional, quando o pai desliza na mão do artista que acaba de tocar o cachê combinado.

Bergotte era tão maravilhosamente sagaz que lhe bastava escutar por um segundo o pianista ou o cantor, observar um gesto da comediante para achar de imediato, como um deputado esperto que não tem necessidade de estudar por muito tempo um projeto de lei

para saber como vai combatê-lo, as palavras que lisonjeariam o artista ao ponto preciso e particular, se não de seu talento ao menos de sua pretensão. E dava tão bem as razões de sua predileção que parecia falar a contragosto, ser levado pela evidência. — Ah, existe todo um crepúsculo em sua música! O momento em que decididamente a luz baixa, ah! estamos inquietos, ficamos como os animais ou como as criancinhas que têm medo da noite. Eis o que o senhor nos faz com sua música, somos criancinhas... Cante-nos de novo a passagem, sabe, aquela em que destaca ligeiramente cada nota, abaixando-se um pouco como se estivesse colhendo flores. Oh, e depois o momento da quadriga, o senhor parece não poder mais sustentar o tom, as notas dão a impressão de o arrastarem. E, no entanto, é o senhor que comanda tudo isso, são essas mãos delicadas que sacodem a trovoada ou bordam o arco-íris. Ah, é muito bonito! — Bergotte assinalava essas passagens ao acaso, como se comportassem um epíteto curioso ou uma comparação jovial. Quando tivesse desse modo assinalado uma ou duas, deixava de ouvir o resto e recaía em seu devaneio até o instante em que o trecho findava e, então, com exaltação súbita, dirigia-se assim a Loisel em meio ao silêncio dos demais ouvintes que, reduzidos ao papel do coro antigo, já terminado o discurso de Bergotte, comentavam com ar de assentimento: — É admirável.

Ingenuamente, crendo que Bergotte ficaria feliz em ouvir de novo esses trechos, já que os admirava tanto, Loisel recomeçava: — Para o sr. Bergotte. — Oh, sim, por favor — dizia Bergotte com ar entusiasta e descuidado, já pensando em coisa bem diversa — oh, esta quadriga. — Loisel ria. Não achava em Bergotte nada tão engraçado como essa palavra, e mais tarde, em sociedade, gostava de citá-la. Dizia: — Isto é que, na minha audição, Bergotte chamava de “o momento da quadriga” — e ria muito. — Muito bem, vou recomeçar a quadriga — disse a Bergotte. Bergotte, como um *claqueur* encarregado de dizer, ao lembrarem Sarah Bernhardt: “Não, todos todos”, dizia: — Não, tudo tudo. — De verdade? — perguntava Loisel com o sorriso de piedade que temos diante do espetáculo de um entusiasmo desordenado, piedade bem indulgente quando nós é que provocamos tal entusiasmo. E sem se

fazer de rogado recomeçava tudo. Dessa vez Bergotte, como um crítico dramático que não vai ao teatro para assistir às peças que não precisa analisar, não ouvia mais nada, já que descobrira as palavras que seriam ditas. O público, ao contrário, que na primeira audição, antes do discurso de Bergotte, não sabia bem o que pensar (já repararam que, quando algumas pessoas ouvem um virtuose, se ninguém ainda aplaudiu ou manifestou sua opinião, e se o artista não vem precedido de uma reputação que faça chegar ao auditório o eco dos aplausos ou das vaias das plateias anteriores, todos permanecem indecisos, sem saber se tal enfraquecimento da voz é uma nuance ou uma desafinação, se é sublime ou ridículo), sentia agora a verdade das palavras de Bergotte como se as tivesse encontrado ele próprio. E percebia tão bem que estava escuro na música tocada por Loisel que por fim um jovem poeta, jogando já com as palavras de Bergotte, gritou a exclamação de Goethe moribundo: — Luz! Luz! — expressão que, para Loisel, deu o tom da noite. Ouvi-o diversas vezes contar o episódio como prova do efeito físico extraordinário que a música pode produzir. E se apiedava com secreta simpatia desse pobre moço que, ao escutá-lo, sentia-se na escuridão, como se essa situação tivesse tido algo de real e opressor. Sim, nessa segunda audição todo mundo sentia o peito inflar-se de entusiasmo. E, no momento de um pianíssimo, a sra. Cresmeyer, que desde o começo do trecho balançava muito depressa a cabeça com o corpo, e quase sem deslocá-la como um pêndulo muito rápido mas afastando-se tão pouco de seu centro de gravidade que parecia antes oscilar por si mesmo, no instante de um pianíssimo em que os sons cada vez mais suaves e rápidos são ouvidos entretanto com perfeita igualdade, resultado a que chega todo bom aluno do Conservatório, sem que para tanto seja necessário possuir nenhum dos dons de Loisel, a sra. Cresmeyer, que desde alguns instantes já não sabia como dar alas à sua admiração e que dizia: “É maravilhoso, é maravilhoso”, não pôde resistir, coincidindo um novo abaixamento do pianíssimo com a sustentação do movimento rápido e da igualdade do som: riu afetadamente. E essa manifestação de seu entusiasmo determinou logo a natureza, a seu ver. Ela disse: — Isto é agradável. — A sra.

Delven, não tendo por sua vez achado nada para dizer, ficou chocada com semelhantes reflexões da sra. Cresmeyer e em lugar de mostrar uma fisionomia admirativa conservou um rosto impenetrável, lição que devia esclarecer a sra. Cresmeyer quanto às pessoas que amam realmente a música.

À noite, o laçao disse à camareira (e certamente sua opinião não era determinada pelos elogios de Bergotte, mas muitas vezes as pessoas do povo gostam de ouvir qualquer música, assim como se divertem nos museus vendo, em molduras douradas, “a pintura”): — Toca admiravelmente bem este senhor. Gostaria muito que voltasse com frequência. Eu estava atrás da porta. — Oh, eu, quando alguém toca desse jeito — disse a camareira —, fico, de certo modo, sem saber onde estou, durante horas. Mesmo assim, é bem bom que ele já não seja muito ouvido aqui. — Por quê? — indagou o laçao. — Oh, porque me faria mal — respondeu a camareira com vivacidade, e como se tivesse medo —, o médico bem que falou, pergunte à patroa, sou muito impressionável.

Quando Loisel tocou pela segunda vez, Bergotte não disse mais nada. Mas fez como se estivesse muito emocionado, e como alguém lhe falasse ele se desculpou por estar distraído, dizendo: — Não é culpa minha; quando esse rapaz me excita os nervos desse modo, fico divagando durante uns cinco minutos. — Mestre, não tocarei mais se isso o faz ficar assim — disse Loisel a Bergotte, com um sorriso bondoso. Houve então outro sorriso que ninguém viu nos lábios da sra. Delven e ela fitou Bergotte. Mas ele não respondeu ao seu sorriso, fosse por prudência, fosse porque, à força de representar seu papel, não tivesse mais a sensação de representá-lo, e a ingenuidade com que Loisel entrava no seu jogo só lhe provocava uma ligeira irritação para com alguém que sabia tão pouco entender a amabilidade.

Eu, que o ouvira falar da mesma forma a tantos outros, em quem deixara de ver talento desde que a sra. Delven já não tinha necessidade deles para seus saraus, olhava essas sentenças douradas, que essa imaginação divina produzia e prostituía em pagamento de um serviço mundano, com a vergonha daquele que vê o próprio padre comerciar com os traficantes os vasos do templo.

E enquanto Bergotte agradecia a Loisel, no momento em que eu ouvia sua voz se umedecer com uma falsa emoção e um falso reconhecimento, enquanto a sra. Delven, que conhecia tão bem esse tom de voz e essas palavras, que lhes sabia o objetivo, achava-lhes o interesse e impunha-as como uma necessidade, escutava com ar compenetrado, eu não ousava olhá-los, sentia-me constrangido. No dia seguinte, Loisel recebeu de Bergotte a reprodução de seu grande quadro *Eurydice*. Por baixo o mestre escrevera do próprio punho: “A Orfeu esta *Eurydice*, seu admirador e amigo Bergotte.” Foi a sra. Delven quem o mandou enviar. Ela mesma o embrulhara cuidadosamente. E, dando-o ao criado, disse a Bergotte: — Acho que agora nem temos necessidade de convidá-lo para jantar.

* * *

Enquanto Loisel tocava uma última valsa, Jean sentiu dentro de si mesmo, a uma determinada frase, alguma coisa agitar-se. Sem dúvida tratava-se de uma melodia esquecida onde se encontrava essa mesma frase, talvez simplesmente o mesmo acorde que, espantoso de se ouvir, debatia-se no fundo do esquecimento, buscava retornar à vida, sair e ser reconhecido. Jean não o reconhecera ainda e já se sentia triste. Loisel continuava a tocar mas Jean tentava ouvir de novo essa frase que, de súbito, havia ferido alguma coisa dentro dele, repeti-la, para que, ferindo várias vezes, ela terminasse por despertar completamente sua consciência adormecida. Não podia tornar a agarrar a frase. Mas, nesse tempo, aquilo que se agitara dentro dele subiu até a consciência plena. Não era uma frase que conhecia, e sim uma sonoridade. E essa sonoridade, ah! ei-la, ouve-a, reconhece-a, era a do velho piano agudo da casa do sr. Sandré. Por acaso, embaraçando-se um pouco, os dedos de Loisel tiraram desse bom piano um som tão agudo quanto o do piano do sr. Sandré. Sem isso, sem dúvida, nunca que Jean teria pensado de novo nele, pois jamais pensara nele desde aquela ocasião. E, no entanto, ele se sentava para tocar com frequência. Todas as noites, depois de jantar em casa do avô,

sentava-se para tocar enquanto, posta na mesa, onde iam pôr os castiçais, a xícara de café esfriava. E a fotografia disso tudo ocupara o seu lugar nos arquivos de sua memória, arquivos tão vastos que em sua maior parte nunca iria olhar, a menos que um acaso os fizesse reabrir, como acontecera com o embaraço do pianista naquela noite.

* * *

Sem que desconfiasse, porquanto as grandes mudanças da nossa vida se consumam sem que delas estejamos prevenidos, e sejamos só inconscientemente seus colaboradores, essa noite passada em casa da sra. Delven, onde Henri Loisel desfrutara o prazer desinteressado da vida de luxo, admirada unicamente como um espetáculo e sem segunda intenção egoísta, foi a última. Mais tarde no teatro ou no concerto, ele se ocupou mais em ser visto por pessoas que estavam na sala, e visto no momento em que conversava com determinada pessoa, arrancava a uma outra um sorriso mediante o cumprimento com o chapéu, altivo e discreto, para poder olhar com toda a liberdade o palco, e as elegâncias das quais só participava pela simpatia não mais lhe bastaram. Pouco depois, com efeito, a duquesa d'Alpes ficava sabendo pelo jornal que a sua *Rêverie mystique* foi admiravelmente executada num concurso do Conservatório por um jovem pianista dotado do maior futuro, aluno dos Srs. Massenet e Marmontel, o sr. Loisel. A duquesa d'Alpes unia, como muitos artistas, o desejo de sucesso mais material ao amor desinteressado das realidades quiméricas. Este último sentimento foi satisfeito de maneira quase romanesca à ideia de que, tão longe dela, um jovem artista reconheceria nessas páginas mudas para tantos outros o sentimento misterioso que ela lhe confiara, e do qual Santo Agostinho, mais que qualquer outro, o ajudara a tomar consciência.

Àquele que, entre as inumeráveis obras que cumprem permanentemente sua revolução solitária, atravessando uma distância infinita, vai até nossa obra, mundo completo onde o nosso pensamento está guardado mas perdido entre todos os outros

mundos semelhantes, como um grão de areia entre outros grãos de areia, e entretanto tão longe de todos os outros como uma estrela das outras estrelas, e aí cumprimenta nossa alma com um sorriso fraterno e confiante, sentimo-nos unidos por um fio tão misterioso, tão sagrado, tão doce como esse raio da estrela vespertina que viaja durante centenas de séculos, através de milhões de léguas, para vir tocar com um claridade carinhosa o nosso olhar amigo, como se, inclinada do alto do infinito, uma alma irmã velasse imperecivelmente a nossa. Mas se a doce infinidade de uma simpatia longínqua penetrasse o coração da duquesa d'Alpes, o sucesso, quer dizer, a admiração das pessoas que não podiam compreendê-la mas eram compelidas a admirá-la pela publicidade, pela imitação, por todo tipo de esnobismo, lhe era bem doce também. Ora, o que é que podia impor mais ainda aos olhos da sociedade a ideia, então muito pouco aceita, de que ela era uma compositora apreciável, senão ver um verdadeiro artista num ambiente de autoridade artística sem igual, diante de mestres ilustres, escolher, sem conhecê-la, uma de suas composições como peça de concurso? E ela já entrevia a possibilidade, nas diversas recepções do bairro Saint-Germain, de substituir a conversa insípida das reuniões mundanas, o desenxabido trecho de harpa ou o inepto monólogo dos saraus onde se faz qualquer coisa, pela *Rêverie mystique* ou o *Roi Cophetua*, ou as *Assomptions*, admiravelmente tocadas pelo sr. Loisel. Imposta por um artista, sua música, a despeito do esnobismo artístico, faria fortuna na sociedade. E por um refluxo que jorrou naturalmente de sua rica imaginação e inundou-lhe o coração de alegria, sentindo nela, como se soubéssemos a força de seu punho e nos divertíssemos em fazê-lo tocar diante de nós como para melhor senti-lo, a força que lhe dava o outro esnobismo, o esnobismo mundano, ela entreviu uma longa série de triunfos nos saraus de pessoas que ficariam encantadas em oferecer as mesmas coisas que as pessoas do bairro. Ela se viu obrigada a ir — pois o faríamos muitas vezes para seduzi-la — a muitos salões chifrins mas onde há mais artistas, onde somos mais apreciados que em outro. Essa perspectiva não deixou de assustá-la. Mas ela só iria aonde quisesse. E, depois, ela se considerava

como tendo uma missão, como tendo de imolar sua nobreza às necessidades do destino de suas produções artísticas. Assim como a batalha de Austerlitz, segundo os fatalistas, já estava traçada no espírito de Deus quando este concebeu o mundo, é provável que o sarau da sra. Marmet fosse entrevisto desde esse dia pelo olhar de vista longa da sra. d'Alpes. Ela ficou tão feliz em ver o sr. Loisel disposto a se tornar o caixeiro-viajante de sua música através da sociedade, a estabelecer o máximo de relações e a ganhar o maior número possível de cachês por tocá-la com exclusividade, lisonjeado de se transformar numa espécie de membro de sua casa, assim como tinha ela um médico que renunciara aos concursos para se ocupar exclusivamente de sua saúde, que não se importou muito com a decepção que teve ao verificar que o sr. Loisel conhecia Santo Agostinho ainda menos profundamente do que ela esperara, e ao adivinhar que um cálculo de ambição talvez não fosse estranho a uma preferência que contudo se explicava tão naturalmente de outra forma.

Pessoa muito inteligente e enérgica, a duquesa d'Alpes involuntariamente moldava à sua semelhança as pessoas que a admiravam. É certo que foi depois que começara a frequentá-la muito que a sra. de Cinq-Cygne adquirira essa voz desfalecente que a sra. d'Alpes revelava de quando em vez, como se entrasse em êxtase. E se a sra. de Larmardin, gorda flamenga amante das coisas reais, não tivesse conhecido a sra. d'Alpes, talvez Burne Jones ocupasse menos metros quadrados em suas paredes. Mas uma espécie de inércia intelectual absoluta, uma ausência total de atitudes mundanas que a habilitassem a receber tais e quais as primeiras que se lhe apresentassem, enfim, muita admiração, muito esnobismo, pretensão pessoal aliada à ausência de originalidade, tiveram como consequência inteiramente estranha o fato de que Loisel não só encheu até o quarto da velha sra. Loisel de reproduções de Burne Jones, não só ganhou papel de carta com uma divisa de Santo Agostinho, mas também cumprimentou, caminhou, falou de quando em vez com desfalecimentos langorosos exatamente como a sra. d'Alpes, precisamente como nesse joguinho social que se chama imitações. Mas, assumindo as

maneiras da duquesa d'Alpes, a jovem Loisel não podia tornar-se ela própria. [\[50 \]](#) Assim, de família quase real, porquanto era sobrinha do conde de Poitou, a duquesa d'Alpes fazia uma cortesia a todos mostrando-se excessivamente gentil. Adotara também para todos uma mímica bem ensaiada mas cheia de encanto. Alguém vinha cumprimentá-la, ela franzia os lábios como se quisesse beijá-lo ou não deixar que visse que ela sofria, fixava-o com um olhar carinhoso e distante, dizendo com voz cantante: — Bom dia, conde, como estou feliz em vê-lo. — E com a mão hesitando um momento como no instante de um dom tão ponderável que bem vale que se reflita melhor nele, ela a abandonava ao interlocutor que a tomava respeitosamente, ora como se ela deixasse cair uma esmola, ora com ímpeto, como nos atiramos bravamente ao fogo. Mas imaginem a mesma mímica animando Loisel, vejam-no fazendo requebros, decidindo-se a abandonar sua mão grossa e delicada tão somente ao toque, ao aperto da de uma duquesa, e terão um espetáculo bem estranho. Da mesma forma, muitas vezes, na entrada de um salão que, tão brilhante como a própria noite quando ela entrava atrasada para jantar, se lhe representava um lugar ordinário de promiscuidades penosas, a duquesa d'Alpes parava por um momento no limiar como um pássaro assustadiço e parecia contemplar por um instante todo o horror do perigo antes de se atirar nele às cegas. E muitas vezes então ela cumprimentava cada um com a cabeça, conservando as mãos sobre o peito, como se temesse profanar-lhes o dom. Mas Loisel, fazendo uma entrada semelhante em casa da duquesa d'Alpes, executava movimentos que não davam impressão de serem dirigidos por nenhum pensamento inteligível e bem idênticos aos de um louco. Assim, diz Malebranche, a criatura parece inexplicável àquele que não sabe que ela tem sua causa eficiente no espírito do criador. O criador, aqui, era a sra. d'Alpes. Loisel adquirira dela muitos outros hábitos, como o de dizer, de tempos em tempos, erguendo os olhos ao céu: — A graça de Deus é incompreensível. — Mas, como esta frase, imposta à sua imitação pelo prestígio que para ele tinham todas as maneiras da duquesa d'Alpes, não fazia sentido algum para o seu espírito pouco filosófico, ele a repetia a propósito de tudo com ar

modesto, por exemplo, para agradecer a uma pessoa que o felicitava quando acabava de tocar piano. E também mordiscava seu lenço como a sra. d'Alpes.

Já repararam que nunca vemos uma coisa uma só vez, mas que, depois de a termos visto, nós a revemos logo como se ela só tivesse começado a existir no momento em que a conhecemos? Assim, aprendam numa leitura o nome de um autor que ignoravam; ficarão bem espantados de ouvir falar nele na mesma noite. Fiquem sabendo, por acaso, que a sra. de Thianges nasceu em Thiolley, e na manhã seguinte verão que certo sr. de Thiolley estava presente numa baile da embaixada, ou frequentava as aulas de Dieppe, a menos que na mesma noite não tenham visto o nome de um Thiolley numa memória do século XVII: seja porque um nome que passava despercebido já nos chama a atenção e vem, por assim dizer, amistosamente ao nosso encontro quando o deparamos a seguir, como o jovem que nos foi apresentado e cuja existência ignorávamos, e que na mesma noite, no teatro, é a primeira pessoa que nos cumprimenta, seja porque a nova direção de nossas leituras ou de nossas relações, que nos fizeram encontrar esse fato novo ou essa nova pessoa, nos traz, pela boa razão de que continua, de novo ao seu encontro. Ai de nós! Há no entanto novos encontros, desses que parecem misteriosamente unidos por longínquas afinidades, e que, não reaparecendo mais, deixam por muito tempo no coração as vibrações enfraquecidas e trêmulas de sua lembrança, sem que o mesmo encontro se reproduza jamais, convocado por todas as forças do coração, afastado sem dúvida por todas as leis da natureza.

IX. Os presentes

Nas longas horas que passava agora em casa, Jean queria ler a todo instante, e beber chá aquecendo os pés. Com o auxílio de Augustin, procurava no fundo dos armários as estatuetas, os serviços de chá, os vasos de flores, os desenhos de mestres, as caixas de marfim, os estojos de marroquim que, não podendo exercer suas delicadas e constantes funções em seu quarto, que ele deixava pela manhã para só voltar à noite, e que sua vida, toda entregue às exterioridades, havia abandonado, tinham-se refugiado, um a um, no silêncio e no esquecimento dos quartos de depósito. E chamado à sua lembrança pelo desejo de tomar uma xícara de chá ou ler um outro livro aquecendo os pés, de ter junto a si o aroma de uma flor ou o sorriso de uma deusa, o amor que lhes tinha tornou-se de repente tão vivo que depois de os haver abandonado durante anos, sentia-se exatamente no momento de precisar deles, como se só sua contemplação ou sua utilização devesse apaziguar o seu desejo ou acalmar a sua expectativa. — Oh, o desenho que a patroa me deu para decalcar! Oh, deve estar no armário da cânfora, vou procurar amanhã. — Oh, Augustin, mas é que eu queria logo! — Jean, deixa então Augustin acabar com a prataria. Não vais me convencer de que precisas disso imediatamente — dizia a sra. Santeuil que passava por ali, para terror de Jean. — Outro dia vou mandar que procurem *L'Éducation sentimentale* para ti. Por hoje, bem que podes ler outra coisa em todos os teus livros. — E Jean, incapaz de explicar o que esse desejo platônico tinha de mais imperioso do que uma simples necessidade, pretextava qualquer pesquisa para fazer, ou, se se tratava de um objeto, a necessidade de mostrá-lo a alguém. — Nunca te vi tão ativo a não ser quando desejas alguma coisa — dizia a mãe rindo. E permitia a Augustin procurar.

Agora como na primavera, quando a vida recomeça em toda a parte, vê-se aqui e ali tufo de junquinhos e de violetas aparecerem no chão degelado, e até o velho muro ressumando vida, sol e umidade como que se cobrir de fios de seda de veludo, e até a ninfeia içar suas grandes corolas à flor d'água sobre as raízes flutuantes, assim num canto despido e morto o pequeno aparelho de chá estava de volta, exalando de noite seus aromas nebulosos, o canapé Luís XV se arredondava perto da lareira diante do fogo reavivado, uma Musa de Tânagra retomara seu assento imortal no nicho da parede, vazio há muito, como uma divindade que, guardada nos subterrâneos durante a guerra, é recolocada, ao se fazer a paz, no altar restaurado, a mesa se cobrira de livros, e vasos que logo estariam floridos erguiam seu gargalo dos dois lados da lareira, as fotografias da sra. Santeuil, de Henri de Réveillon, uma *Salomé* de Gustave Moreau sorriam nas paredes ao olhar que, brilhando agora, desejara-os ali. E em pé, diante da porta, estendendo ao recém-chegado um raminho hospitaleiro, um *Pan* de Clodion em seu pedestal de mármore, zelava por esse quarto desde que era habitado. A presença de Jean parecia apenas a manifestação de toda uma vida latente que em silêncio trabalhava sempre a seu redor, e se, quando ele estivesse fora e alguém entrasse, a todo instante na contração de uma brasa morrente ou uma erupção de faíscas em meio a silenciosas convulsões do fogo, a queda de uma pétala de íris, ou o brusco soar de uma hora que, em breves indicações, faz pensar em durações tão longas, o carvão que transbordava da mecha do candeeiro, pareciam o termo ruidoso e momentâneo de uma surda germinação, assim como no silêncio do meio-dia o ruído seco do fruto maduro que faz estalar sua vagem ou os movimentos de impaciência arrancados a uma longa espera, como se, menos pacientes que o papel branco, a tinta no tinteiro, o vinho suave, os livros que ficariam imóveis durante semanas até que aprovesse ao dono utilizar suas energias latentes, a hora contida há muito tempo não pudera deixar de soar, a pétala de rosa não tivera mais forças para ficar imóvel por muito tempo sobre o pedúnculo, ou o fogo saltara sobre o mármore a seu pesar.

* * *

Jean continuava a passar horas com Augustin, procurando objetos antigos que, escolhidos com amor por seus pais, tinham sido recebidos sem prazer e achavam-se enfiados por ele em cofres, como os tesouros que os marinheiros, os soldados, todos os que vivem de explorações permanentes, não podem guardar consigo. Entretanto, mal Augustin, depois de infrutíferas buscas nos armários, descobria o pequeno castiçal de prata para acender a vela, ou o samovar de cristal ou de ouro, e perguntava onde deveria pô-lo, Jean retrucava: — Augustin, tenha a bondade de embrulhá-lo cuidadosamente, vou levá-lo. — E, aos poucos, todos esses objetos, seguindo o rumo de seus pensamentos ou de sua vida, iam para a rua de Rennes. Jean mandava-os a Françoise, como essas nascentes novas de onde se tira a água que as plantas bebem para obter cores novas, penetrar em sua economia, fazê-las criar novas folhas e flores que tivemos a felicidade de estimular, e o espanto de ainda as não ter visto. Mostrando o seu prazer no momento em que ela o recebia, ele tinha a sensação de penetrar-lhe a alma naquele instante, dispor dela, produzir seus sentimentos. E se ela lhe escrevia uma carta empregando alguns termos novos de gratidão e amizade, ele a examinava deliciado, como a um fenômeno natural, como um pouco de alma que ele mantinha ainda viva na mão, e sentia-se pago com sobras por suas mágoas, como um amador de jardins, que gastou milhões, julga reencontrá-los colhendo uma folha nova de tulipa, mas sublimados, quintessenciados, preciosos agora. Parecia-lhe que a estatueta de Eros vencedor que mandara pôr no salãozinho da rua de Rennes era como um aliado divino que possuía naquele lugar, que a argolinha conservava um pouco dele mesmo em seu sono, e que seu amor ficaria para sempre fixado, imperecível como o pequeno dístico gravado no frontão de sua banheira: *Semper amores*.

Mas se, cada vez que lhe enviava um presente, se sentia feliz como se tivesse recolhido um pouco de amor em troca, quando o recebia dela experimentava uma grande tristeza como se ela tivesse tentado se desobrigar da dívida de ternura que ele queria que a

cada dia se tornasse maior em relação a si mesmo, como se tratasse de um beijo, de um encontro, de uma confissão que ela já não lhe podia fazer. Parecia-lhe que gastando tanto dinheiro para lhe dar uma malinha de viagem, um Delacroix, ela devia amá-lo menos e ele nada mais podia exigir dela. Além disso, que necessidade tinha ela de lhe mandar estas coisas bonitas? A coisa mais humilde vinda da parte dela parecia-lhe tão preciosa, mais preciosa talvez, como se uma simples flor, um lenço, uma caixa de luvas que ela havia utilizado, não tendo outra beleza nem outro sentido, pudessem saturar-se mais completamente de sua beleza e de seu significado. Um belo quadro podia vir dela, existia de outra maneira, não era uma coisa dela como o seu lenço. Pouco a pouco, à medida que ela ia se tornando para ele menos misteriosa e que sua perturbação inicial se condensava em ternura humana, em felicidade terrena, fortificava-se-lhe no coração esse doce prazer que decorre do sentimento da posse e da continuidade do hábito. O quadro que, como um belo desconhecido, nos fez sonhar uma noite com uma vida diferente e com uma alma escondida, não gostamos por acaso dele ainda, embora de outra forma, quando, comprado ao preço de mil penas, permanece dia e noite em nosso quarto não nos inquietando mais com seu olhar que parece antes reconhecer-nos, deslumbrando-nos com suas belezas peculiares e bem sabidas?

X. A confissão

Eles esperavam, estavam sozinhos e juntos um do outro. Ele tomou-lhe a cabeça entre as mãos e a olhou pela terceira vez como havia feito no dia da sonata e no dia do teatro. Depois recuou alguns passos como alguém que fosse empurrado, e estacando lhe disse: — Françoise, nunca amaste ninguém a não ser a mim? — Bem sabes, meu querido. — Não me digas “bem sabes”, e sim: nunca amei ninguém a não ser a ti. — Ela repetiu como a uma lição: — Nunca amei ninguém a não ser a ti, estás contente? — Juras? — Como um bêbado conduzido por outro, que de tempos em tempos acha de novo suas forças e faz com um soco um esforço supremo para escapar, olhando-o fixamente com raiva, ela se livrou de suas perguntas. — Está acabado? Que tens hoje? Vais continuar a me fazer sofrer assim? — Ele esperou um momento para que sua cólera se abrandasse, sem mudar de ideia, e disse: — Estás muito enganada em pensar que te quereria mal por isso. Só te quereria mal por uma única coisa, se me traíesses. Isso vai acabar, só estou te perguntando uma coisa, olha, responde claramente. É tudo. Minha querida, minha Françoise — acariciou-lhe a cabeça —, diz-me, olha, só digo uma palavra para não te atormentar, para que tudo termine mais depressa, alguma vez tu, enfim, tu sabes... antes de mim? — Cala-te, és muito mau, vou querer-te mal o resto da vida. — Jean abaixou bem a voz e num tom suave, súplice, para que ela não se encolerizasse: — Responda-me. — Então ele viu seus olhos que não o miravam, e viu-os preocupados, cheios de escrúpulos, de coisas escondidas como no dia em que a vira pela primeira vez. E já sabia que ela ia dizer sim. E disse: — Não sei, talvez, ligeiramente, faz tanto tempo, não me recordo bem. — Seus rostos se alteraram rapidamente como se um mesmo mal os atingisse e seus olhos exprimiam essa angústia vaga dos agonizantes, dos que são atacados de doença, daqueles nos quais se vai processar uma

grande mudança, enquanto a placidez da morte ou a resignação à doença faz esforços mas ainda não pôde penetrar neles. Infelizmente essa angústia deveria durar tanto quanto o seu mal.

Ele tomou-lhe a mão, colocou-a sobre o peito e disse, quase chorando: — Meu coração está sofrendo tanto, dize-me depressa, depressa, não posso esperar mais, minha querida, ouve meu coração. Era um rapaz? — Não sei mais, não, mas tu és doido, ah! me afliges de propósito. — Não, minha querida, um segundo e seremos felizes, agora acreditarei em ti por toda a minha vida. Quem então, um velho? — Oh, cala-te. — Um velho então, mas eu compreendo bem essas coisas, amo-te do mesmo modo. — Um velho, não. — Mas quem então? — Ela falou em tom de súplica: — Jean, Jean, fica bonzinho, me deixa. — E ele reviu seu olhar escrupuloso e perturbado, cheio de coisas escondidas. Com voz sibilante e baixa, indagou: — Mulheres? — Ela escondera o rosto nos ombros de Jean, não respondeu. Ele continuou logo: — Perdão, está acabado. Uma só ou várias? — Uma, acho, sim, uma, Jean, me deixa. — Conheço-a? — Assustada, ela pulou: — Não, te juro, nenhuma. Exagerei. Era tão jovem. Juro que não me lembro mais. — Não acreditou nela, mas esperou por um momento. Depois: — É pena que eu não conheça nenhuma, porque isso me tiraria todas as preocupações. Uma pessoa em particular, à qual seja possível reportar-se, seria tranquilizador. O terrível é não saber. Mas tu já foste muito gentil. Agradeço-te, agradeço-te. Ah, se pudesses te lembrar de uma, uma só! Estou te cansando. Apenas uma, pois certamente houve várias. Mas não me digas não. Pelo contrário. Gosto mais disto, aquilo não era amor. Há quanto tempo que foi a última? — Oh, não sei, uns quinze anos! — Ah, mas afinal tanto faz. Oh, não deve fazer quinze anos desde a última. Não te lembras, mas não te canses em lembrar. Compreendes, não é possível que tenha sido há quinze anos. Então este ano não houve nada? — Juro-te, Jean. — Minha querida, creio em ti, mas eu seria muito compreensivo. E deve ter havido depois que nos conhecemos, não é possível que não. — Juro que não me lembro. — Ele recuou como alguém que é atingido. — Oh, se puderes te lembrar um dia, vê bem, um dia em particular em que me dirias: Foi naquele dia. —

Jean, Jean, tu me martirizas. — Perdão, perdão, uma só palavra, oh! é uma curiosidade bem insignificante, é antes para que eu fique inteiramente tranquilo, para que não te aborreça mais com perguntas, nunca mais, compreendes? Para que sejamos felizes para sempre. Era na tua casa, no teu quarto, também? — Não, já não sei mais, talvez uma vez só, mas não sei. — Oh, então podes me dizer com quem, sê boazinha, peço-te, gostaria tanto de saber, com quem? — Não sei. — Oh, Françoise, não podes deixar de te lembrar, oh, asseguro-te que não vou ficar com raiva dessa pessoa. Primeiro, por que é que eu iria ficar com raiva dela, tu mesma me dizes que foi há muito tempo, sei bem que já não há mais nada. Portanto, compreendes, é para que não tenhas nada oculto de mim, para que sintamos bem que nos amamos por completo, que estamos bem um com o outro: — Oh, posso te dizer, porque não houve mais nada entre nós desde então. Sim, não gostaria que a caluniasses. Já que não procuro negar, tive mais mérito do que outra em curar-me disso, era da minha natureza, mas ela foi um acaso, uma loucura, nós nem mesmo nos falamos mais, muito bem, vê, te digo, mas não penses mais do que te digo, vou te dizer mais até do que houve: era Charlotte.

Ele sorriu, mas ela o vira empalidecer, e disse: — Olha, foi Charlotte mesmo? Oh, é curioso, nunca teria imaginado. Não fizeram mais? — Pois se eu te digo, Jean. — Quantas vezes fizeram, mais ou menos? — Oh, Jean, estás me fazendo sofrer: eu te disse, uma vez, talvez duas vezes, nem sei mais. — Nunca mais, desde então? — Nunca mais. — Juras? — Juro. — Obrigado, Françoise. Não tens mais nada a me dizer? — Nada mais. Oh, Jean, não sabes o que isso foi para mim. Desde aí nunca mais tive um minuto de felicidade. O sentimento do meu erro, da mentira em que vivo, conseguindo abusar daqueles que me amam, não me deixa um só instante. Está entre mim e tudo aquilo que vejo. Mesmo muito tempo depois, quando pude ser feliz, contigo, eu era ao mesmo tempo infeliz. Mas nunca me senti tão infeliz como agora.

Ele lhe dizia: — Pobrezinha, queridinha, não te aflijas. — Contudo, mal a escutava, ansioso por outras coisas. Ela disse: — Fui infeliz desde o dia em que soube que tinha esse vício. No pensionato,

quando as amigas mais velhas tentavam me perverter, falando-me dos jovens que viam, do que elas faziam com eles, incrivelmente perturbada como me sentia, eu achava que era exatamente como elas me descreviam, o mesmo que perturbava as mulheres à vista dos homens. E quando então, fartando-me com as pupilas ardentes ou risonhas de minhas companheiras, apertava-me contra elas e as beijava com toda a força, acreditava apenas que me unia a cúmplices na alegria de futuras volúpias comuns. Não saberás jamais o que tenho sofrido. Tenho amigas que me espancaram, outras que não me deram bom-dia. De nada valeu. Meu confessor não encontrou palavras para me dizer, meu médico me disse que eu era louca. Mas aquilo, que era mais forte que eu, consegui vencer. Unicamente, há dez anos, se tanto, sinto de vez em quando uma tentação momentânea, uma lembrança que consigo expulsar. — E de Charlotte que te lembras nesses momentos? — Ela respondeu com violência: — Não, Jean: é assim que me recompensas por te haver contado?!

XI. Serões perdidos

— Adeus — disse ele, e acrescentou tremendo: — Vou te ver esta noite, não é mesmo? — Não, esta noite vou ao teatro com meu cunhado. — Ah, não tinhas me dito isso. E, depois do teatro, não poderei te beijar? — Será muito tarde. — Bem, bem, oh, aliás não levará mais de um minuto, antes de voltar para casa, para que eu durma melhor. — Meu queridinho, não posso dizer o quanto sofro por te ver perturbado por causa disso. — E amanhã? — Vou sair todos estes dias, vou ao teatro, é para não deixar meu cunhado de sobreaviso, tenho cá minhas razões. — Entretanto, tu me censuravas por não ter projetos, e tinhas feito os teus diante da minha omissão. Eu estava pronto para obedecer. Nunca deveríamos sair à noite. — Mas é justamente porque tenho planos que é preciso, no próprio interesse deles, que você não compreenda nada...

Mas ele, que a via todos os dias, nas fraquezas e vacilações de sua conduta, impedi-lo de desfrutar o seu tempo, a sua vida, que na firmeza de suas frases, com a certeza de seus princípios, ela ainda há pouco lhe havia prometido integralmente, se irritou por vê-la tão segura de si, pretendendo dar a este mundo, por dever e a seu pesar, aquilo que deixava lhe tirarem por prazer, contra todos os seus sistemas. Tornou-se sombrio, e em seu coração sentiu uma onda de ódio crescer contra ela e seu cunhado, afastando toda ternura. Não respondeu nada e disse: — Bem, até amanhã. Mas, dize-me, podes me informar se Charlotte irá ao teatro contigo uma noite destas? — Não, não posso. — Deverias poder. — Mas como queres que eu saiba? — Muito bem, tu que pretendes ser tão independente, se não fosses tão submissa poderias dizer ao teu cunhado que não a convidasse essas noites já que me enerva você estar com Charlotte sem mim. — E que motivo daria? — Mas não tens de dar motivo. Como, achas que dominas os teus e não ousas

sequer dizer que não convidem uma pessoa, sobretudo quando não é amiga do teu cunhado e sim tua? — Oh, como sou infeliz, como é ruim — gritou Françoise. — Ah, se tivesses confiança em mim, se acreditasses em mim quando te digo que nunca mais deixarei Charlotte falar mal de mim, será que isso te afligiria? Porque te amo é que não quero deixar que te acostumes a isso. A vida se tornaria impossível para nós. Fica, pois, tranquilo, e então nosso amor renascerá. Não são verdadeiras agitações essas com as quais tu te comprazes, e tenho razão em não levá-las em conta.

Então, recordando-se de sua insônia, seu desespero, suas lágrimas, a intolerável angústia à qual era preciso renunciar a todo custo, tendo de apelar de novo para a morfina, tendo de ir embora, indignou-se com sua injustiça para com ela, que o compreendia tão pouco, tão levianamente o condenava à tortura, e lhe disse em tom seco: — Françoise, não te peço nada além daquilo que não posso deixar de te pedir, nada além do que é necessário à minha vida. Se não queres acabar com esta minha angústia, tenho de me afastar de ti, o que só me será muito fácil em relação a outras pessoas. Arruma-te como quiseses. Perdoa-me. Nunca ninguém há de te amar como eu.

Chegados à casa dela, tinham começado a subir a escada. Ela chamou o porteiro e o mandou à casa do cunhado: — Diga que não irei ao teatro esta noite; e diga que lhe escreverei em breve, explicando. — E foi o porteiro fechar a porta e ela cair chorando nos braços de Jean. Este ficou comovido mas só pôde mesclar um sorriso às lágrimas dela. Pois uma grande mágoa lhe fora arrancada, e ele não podia se entristecer com ela. Ela se zangou por vê-lo tão alegre. — No fundo, você preferiria não me ver nunca mais — disse. Falava agora “você” com a mesma naturalidade com que dizia “tu” ainda há pouco. [\[51\]](#) Quando o sol apareceu, o regato negro fica brilhante e azul. — Sim, se eu pudesse te fechar num claustro. E nem assim — acrescentou. — Quando as dores antigas retornam, não basta que não me causes outras. É preciso que possas aliviá-las tomando-me em teus braços, beijando-me, deixando-me beijar-te, respondendo não quando eu te perguntar: “Esta noite fizeste algo errado?” Ela havia enxugado as lágrimas e

lhe dizia com mil carinhos: — Meu querido, meu chuchuzinho. — E a confiança que o desgosto de Françoise lhe dera começava a se desfazer novamente. Sentia a falsidade dessa exuberância, essa vaga insinceridade, o mesmo ardor com que ela dizia: — Não sairei este inverno. — Ela pôs-se a cantar uma melodia de Chabrier. — Foste tu que me fizeste sentir o que é amar, és tudo para mim. — E, cantando, ela não o olhava. Ele virou-lhe a cabeça violentamente com as mãos. Ao seu olhar cheio de perguntas, ela respondeu com um olhar onde a paixão só atingia a música, não a ele. Disse consigo: “Não sou eu a causa dessa paixão. Quem a causou? Ou não é ninguém ou será alguém.” E com ciúmes do caderno que lhe dava a ideia de que sentia que não era ele quem lhe causava paixão, arremessou-o violentamente para longe do piano.

XII. A sonata

— Entremos — dissera Jean —, gostaria tanto de te beijar. — Agora estavam os dois no quarto mas Françoise se sentara longe dele. E semelhante aos que velam um ente querido que uma moléstia prolongada enfraquece aos poucos antes de levá-lo, Jean contemplava com atenção ansiosa e desanimada o seu amor agonizante, os progressos do mal de que esperara ver curado o seu amor, e que a cada dia minava um pouco de suas forças sem lhe tirar os sofrimentos. Às vezes, é claro, o amor deles parecia reanimar-se um pouco, os olhos de Françoise então lhe sorriam e ele, embora soubesse que não podia mais vislumbrar neles um clarão de esperança, ainda assim o procurava como um reflexo doloroso do passado. Gozava esses retornos fugazes com a ventura triste e piedosa dos que ainda ouvem falar, dos que veem ensaiar ainda alguns passos um ser que logo não existirá. Mas esses instantes de uma felicidade antecipadamente perdida tornavam-se cada vez mais curtos, cada vez mais raros. As discussões dolorosas se repetiam, tornavam-se mais compridas, e uma vez acalmadas faziam sofrer ainda como as chagas dos gangrenados que não mais se fecham. E semelhantes a essas moléstias das quais um jovem se despede mais forte, mas às quais sucumbe o temperamento esgotado daquele que já viveu uma longa vida, essas discussões, que revivificam e exaltam um amor nascente, conduziam cada vez mais rapidamente a seu fim esse amor que durara tanto.

* * *

Ele permanecia sentado longe dela, não ousando aproximar-se nem sabendo se despertava o amor ou o ódio que pareciam dormir. De repente ela se levantou. Jean pensou que viria até ele. Mas ela parou diante do piano, sentou-se e tocou. Às primeiras notas uma

extraordinária angústia o dominou, e ele fez uma careta para não chorar. Mas lágrimas brilhantes apareceram-lhe nos olhos, as quais, vendo a aspereza glacial do ambiente, voltaram para dentro e não se deixaram derramar. Ele reconhecera o trecho da sonata de Saint Saëns que quase todas as noites, no tempo em que eram felizes, ele lhe pedia e ela lhe tocava sem parar, dez vezes, vinte vezes seguidas, exigindo que ele permanecesse encostado a ela para poder abraçá-lo sem se interromper, desatando a rir quando fazia menção de parar e ele lhe dizia: “mais, mais” — esse riso que recaía ternamente de seus olhos e lábios sobre ele, doce como uma chuva quente de beijos. Longe dela, sozinho, não tendo recebido um só beijo esta noite e sem ousar pedi-lo, escutava esse trecho cujo sorriso divino já lhe parecia desenganado desde o tempo em que eram felizes. Mas, àquela época, o amor tratara rapidamente de sufocar a tristeza, esse pressentimento de que era frágil, na doçura de sentir que o guardavam intacto. A ternura deles fazia com que se inquietassem juntos com a vida mas não um com o outro, e o desgosto de ouvir que tudo passa tornava mais profunda a felicidade de sentir seu amor durar. Percebiam que esse trecho passava, mas sentiam-no passar como uma carícia. Então, como ele sabia tocar junto com ela, a tristeza era suave a seu amor. Era tão pesado agora que Jean se apoiava na poltrona para não cair e mantinha os nervos das faces como braços fortes para não deixar cair as lágrimas suspensas, na vertigem infinita dos soluços. Entretanto, ao trecho desolado que dizia que tudo passa, a tristeza parecia aliviar-se. Seu correr puro e rápido não diminuía um só instante. E se antigamente parecia que era no vinco de um lamento que ela fazia passar diante deles a doçura de seu amor, agora o último desencanto, o desespero irremediável, o aniquilamento final a que ela o prendia, parecia-lhe que o fazia com a graça de um sorriso. Assim tudo mudara, tudo aquilo que perfazia a sua vida estava morto e ele mesmo, sem dúvida, morreria logo ou viveria uma vida pior que a morte mas o pequenino trecho delicioso continuaria a espalhar com um fluxo bem rápido o som puro, para inebriar o amor dos que começam a amar, para envenenar o desgosto dos que já não amam...

Mudara tudo ao redor dela, mas ela não mudara. Ela durara mais do que o seu amor, duraria mais tempo do que eles. Muito tempo depois deles, amantes esperançosos iriam como outros ao seio das florestas buscar nas nascentes uma ventura que julgariam cúmplice da deles, invocar o gênio misterioso de suas águas. Havia então algo mais durável que o seu amor. Quem sabe, então, esse amor não fosse bem real? Que coisa seria então esta que, ora triste na felicidade, ficava feliz na tristeza, e podia sobreviver a esses golpes aos quais ele julgava não ter forças para sobreviver? Que seria? O trecho acabara. Ele lhe pediu: — Começa outra vez. — Mas ela, exasperada, retrucou: — Não, é bastante. — Ele insistiu. E ela, com vivacidade: — Mas por que, por quê? — Enfim, de mau humor, voltou a tocar. Mas o mau humor tomara conta dela. Ele sentia o pequeno trecho fluir, aproximar-se do momento em que terminaria, sem ter visto aparecer a pequena alma plácida, desencantada, misteriosa e sorridente, que sobrevivia a nossos males e parecia superior a eles, à qual desejaria perguntar pelo segredo da duração e pela doçura de seu repouso.

* * *

Jean enganou-se nessa noite ao julgar que o pequeno trecho escutara tantas vezes no ano anterior, sem nada reter, os transportes amorosos do silêncio deles. Enganou-se ao julgar que ele nada conservaria deles dois. Dez anos mais tarde, num dia de verão, como passasse numa ruazinha do bairro Saint-Germain, ouviu primeiro o som de um piano e seu destino o fez parar. Ouviu o trecho de Saint-Saëns a princípio sem reconhecê-lo bem, mas sentia em si um grande frescor, como se de repente tivesse ficado mais jovem. E era o ar quente e fresco do verão onde ele fora tão feliz, cheio de sombra, de raios e de sonhos que ele respirava, pois nunca mais tendo sentido a doçura dessas tardinhas de outrora, ela conservara nele a idade que tinha à época e foi daquele tempo, intacto e fresco, que ele lhe chegou de súbito. O pequeno trecho se apressava e agora como antigamente era-lhe doce. Se no tempo em que era feliz ele antecipara por sua tristeza o tempo de sua

separação, no tempo da separação antecipara o tempo do esquecimento por seu sorriso.

Ele esquecera Françoise. Foi sem desgosto que ouviu o trecho e se ele evocou o nome de Françoise, não foi nela principalmente que ele o fez pensar, pois ela não podia lhe dizer mais nada. Em sua memória, Françoise permanecia bela mas era como um perfil desenhado. E ele nem tentava pensar nela. Mas pensava sem parar e com muito desejo, com muita felicidade, com muito amor, no verão daquele ano, na profunda suavidade das horas à beira do lago do Bois de Boulogne, no terraço de Saint-Germain, em Versailles, em todos os lugares onde tocara esse trecho, onde se lembrara desse trecho, onde desejara ir, enquanto ela o tocava para ele muitas vezes em sua casa, antes que saíssem para passear quando ainda fazia calor. Pois a natureza, mais rica que Françoise, conservava ainda tesouros profundamente guardados de mistério e vida. E ele queria partir para o lago do Bois, para Saint-Germain, para Versailles, onde outrora ia buscar na imagem equívoca dos horizontes a realidade do amor cujo desejo inquieto e cuja aparência dolorosa trouxera dentro de si durante tanto tempo. Queria encontrar novamente essas horas onde, mesmo antes de a conhecer, caminhando sozinho no terraço de Saint-Germain, no momento em que a noite acrescentava seu mistério e sua sombra à sombra e ao mistério da floresta e sentira a necessidade de amar alguma coisa e uma curiosidade infinita, voluptuosa e triste como essas árvores, essas águas, essas aldeias, esse céu que se estendiam à sua frente. Então, com uma angústia indefinida, andava sozinho pelas estradas. Pensou em tudo isso, mas agora já era tarde demais para ele, era a vez de outros sentirem todas essas coisas. O amor o envelhecera antes do tempo (aliás a idade já vinha chegando), envelhecera-o ao menos para o amor. E para satisfazer uma curiosidade despertada pelo pequeno trecho que conservara tanto poder sobre seu coração e guardara tantos segredos de sua vida, desfrutou o encanto tranquilo das coisas inocentes e silenciosas que convêm à velhice, mas já não lhe descobriu esse vago desejo de amar que, misturado ao primor da natureza, contribui para o sentimento de sua grandeza, pelo poder que tem de

nos inspirar o desejo do amor, e para o sentimento de sua tristeza pela impotência em satisfazê-lo.

XIII. O sonho

Jean se distanciava rapidamente, para sempre, de seu amor a Françoise, sem ter forças para resistir à corrente que, sentia, o arrastava; pois a natureza, no tempo em que quer nos fazer deixar os lugares onde vivêramos até então, nos conduz sem resistência, como prisioneiros acorrentados no barco do vencedor, ou antes como viajantes que transportamos à noite, quando estão mortos de sono e não têm forças para abrir os olhos a fim de olhar uma última vez, enquanto ainda é tempo, aqueles a quem deixam para nunca mais rever. Pois as épocas do nosso coração são como ilhas que afundariam no oceano no momento em que o viajante as deixa e cujo vestígio não poderá mais encontrar, se alguma lembrança agradável o fizer voltar. Assim, Jean se distanciava de seu amor, e já não sentia mais aquele ciúme que sempre o acompanhara como uma vegetação torturada e malsã. O ciúme não mais passava por ele e só isso já o advertia que estava longe de Françoise. Mas antes que fosse aniquilado para sempre, Jean devia senti-lo ainda uma vez. E Françoise, de quem se separava também sem lhe ter dado adeus, devia vir se despedir dele. E ele devia se encontrar, uma última vez, em presença desse amor que já estava tão longe e que ele deixava para trás sem nunca ter tido força de renunciar a ele.

* * *

Muitas vezes seus sonhos pareciam flutuar acima da sua própria vida, realizar os destinos que só mais tarde lhe viriam, ou que nunca viriam. Como uma noite obscura mas momentaneamente iluminada, os sonhos estavam cheios de signos e presságios. O encadeamento das circunstâncias, a sequência dos tempos, não pesando sobre eles como sobre a vida da véspera, faziam com que, sem dúvida, fossem convenientes a esta última entrevista, a este último encontro

com um passado já bem distante para ser recuperado na vida. Foi então sob o pórtico ensombrado de um sonho que Françoise voltou uma última vez a ele e que ele sentiu uma última vez, no momento em que já a havia perdido para sempre, a inexprimível e cruel doçura de um sentimento que o conduzira durante tantos anos, o carinho da mão ou a fincada do agulhão. Estavam passeando, a sra. Saveur, a sra. Lavour, o sr. de Guiches, o sr. du Los, Françoise e Jean. Era uma tarde, mas a todo instante parecia que a luz que era a claridade desse dia e a luz também que era o olhar da sra. Lavour, o sorriso do sr. de Guiches, a existência do sr. du Los, a realidade de Françoise, hesitava e ia se extinguir e que todos, a paisagem e o próprio dia não mais seriam, voltariam ao nada de onde, na verdade, jamais tinham saído. Mas após alguma indecisão, a luz aumentou, se fixou, e os Lavour, o sr. de Guiches, o sr. du Los e Françoise eram bem reais, como na vida. De súbito Françoise dizia que ia embora, despedia-se de todos e de Jean como dos outros, sem chamá-lo à parte, sem dizer-lhe onde se voltariam a ver. Jean não lhe ousava perguntar nada mas sofria horivelmente, gostaria de partir com ela e apesar disso era obrigado a ficar de cara alegre, a continuar a falar com os outros. Sentia uma tão grande ternura por Françoise, pensava em seus belos olhos, suas lindas faces, e depois, vendo-a partir assim, sentia-se tomado de ódio por ela, por seus belos olhos, por suas lindas faces. E ela se afastava. E ele tinha de continuar a caminhar em sentido oposto com os outros, afastando-se mais dela a cada instante, e em dois minutos não poderia alcançá-la mais. Havia horas que ela partira. De repente, o sr. du Los observou-lhe que o sr. de Guiches se fora pouco depois dela. E dizia que é claro que eles tinham se juntado mas que ela, por delicadeza, nada dissera aos outros. E Jean sentiu uma angústia que o penetrava bem no meio do corpo entre os seios. E dizia o tempo todo: — Sim, é claro, acho que ela fez bem, eu a aconselhava — para não mostrar aborrecimento. Depois subitamente essa sombra do passado ia se encontrar com o passado longínquo que sem dúvida esperava esta última imagem para a engolir junto, e Jean recaiu num sono escuro, sem sonhos. Mas sentia sempre essa angústia entre os pulmões. E de repente

alguém falou: — Não queria fazer um gracejo desagradável, mas, se quiserem saber desse caso de Françoise, podem pedir detalhes ao sr. Cornet. — Jean sentiu um baque violento no coração. No entanto, no outro dia, quando soubera disso pelo sr. Cornet, não tinha sofrido. E agora sofria, como teria sofrido antigamente, se o tivesse sabido na ocasião. Pois era sua alma de outrora que, certamente ansiosa por não ter tido o adeus dela, voltara a enternece-lo, a atraí-lo, a atormentá-lo ainda graças à noite, estando-lhe interdito o dia claro da véspera.

* * *

Mas já haviam entrado no quarto de Jean. A luz entrava em ondas e já a alma morta retomara seu voo silencioso para não mais voltar: e quando Jean abriu as pálpebras, ela já se achava tão longe dele que se passara muito tempo e houve diversas mudanças nele desde que começara a amar menos Françoise. Evadindo-se, deixara esquecido em seu ouvido o nome de Cornet. Ele o ouviu sem outra tristeza que o último eco da agitação agora agonizante que o possuía a noite inteira, e com os olhos voltados para o futuro, virando de novo as costas ao passado do qual se afastava, ele se pôs a fazer de si mesmo, alegremente, o cúmplice ativo da obra de vida, de morte e de olvido que a natureza cumpria pelos outros e por si, nele como em todos os outros.

X

Charlotte Clissette. — Caminhavas adiante dela. — O “furet” [\[52 \]](#)
— *Novo fracasso. — A religiosa holandesa. — Um jantar na casa dos Réveillon: a morte do visconde de Lomperolles. — A sra. de Closeterre. — O câncer de Perrotin. — Os Monets do marquês de Réveillon. — Jean passa uma manhã sozinho com a mãe. — Noite de inverno em Paris. — O retrato de Le Gandare. — Velhice dos pais. — História de uma geração.*

I. Charlotte Clissette

Seus amores se multiplicaram. Em nenhum tinha mais a confiança do primeiro, mas sofria-lhe a influência como a primavera parece rejuvenescer mesmo aqueles que ela aproxima do túmulo. As confidências diminuíram, o mistério e o peso do juramento o aproximavam da vida. A sensualidade o aproximava dos outros. A imitação, o gosto estético e artístico também. E, no entanto, cada vez que se apaixonava, como se saísse em viagem, o mundo diminuía, e ele não o deixava sem lamentar-se, os olhos fixos no desconhecido.

Uma tarde, por volta das cinco horas, a sra. Canut escreveu a Jean para perguntar se contra todos os riscos ele podia vir jantar naquela mesma noite. Estariam presentes T., B. e Charlotte Clissette. Imediatamente, Jean sentou-se à escrivaninha e respondeu dizendo que sim. Um momento depois, deu-se conta de que Françoise não estava citada entre os convivas. “Já que vou vê-la em breve... Talvez a tenham convidado.” Ficou meio triste. Teria preferido ver a sra. Clissette sem ela. Uma o impediria de desfrutar a companhia da outra. Às seis horas lembrou-se de que devia jantar em casa dos Montfaucon e escreveu para se desculpar. Sua mãe entrou nesse instante: — Lembras-te que tens de ir jantar esta noite em casa dos Montfaucon? — Escrevo exatamente para dizer que não vou. — Não podes fazer isso. — Por que não? Mas é absolutamente necessário. Seria extremamente indelicado para com a sra. Canut. — Indelicado? Estás doido? Indelicado por não aceitares um jantar duas horas antes? Indelicado é não comparecer a uma residência onde estás sendo esperado há um mês. Não é simplesmente falta de polidez, é impossibilidade. Quero que vás. — Ora bem, pois eu não quero. Prefiro não ir a parte alguma. Mas sim, irei à casa da sra. Canut. — Pois bem, faz o que quiseres, se fazes tanta questão disso — retrucou a sra. Santeuil em tom

decepcionado. — Mas não sei o que tens para responder ao que te dizia com tanta violência. Afirmo que pareces um louco. Espero que te divirtas em casa da sra. Canut. Se é para ir fazer uma conquista, acho que a tua bela adversária vai precisar tomar muito cuidado, porque meu filho está maravilhoso. — Verdade, achas mesmo que estou bem? — perguntou Jean tão deslumbrado que a mãe ficou surpresa. — E vou ficar melhor ainda daqui a pouco, quando frisar de leve os cabelos. — Estava tão feliz que se pendurou ao pescoço da mãe e a beijou ternamente.

Lembrou-se de súbito do desejo da sra. Clissette de ir à estreia dos *Pêcheurs*. — Mamãe, será que por acaso não tens um camarote para a estreia dos *Pêcheurs*? — Oh, sim, tenho justamente para esse dia dois camarotes, imagina. O príncipe me mandou o seu, e a sra. Coquard o dela. Vou te dar o da sra. Coquard. — Oh, não, preferia o do príncipe. — Jean, que é que tens? — perguntou a sra. Santeuil, olhando o filho com gravidade. — Há alguns anos, vivias como um verdadeiro filósofo. Posso dizer que, desde que fazes a barba, a não ser quando te pedia para cortares o cabelo, nunca ias ao cabeleireiro. E quando dizia que estavas bonito, davas de ombros. Quanto ao orgulho de tua posição na sociedade, graças a Deus, não o conhecestes nunca. Hoje dás a impressão de teres conhecido todos esses defeitos. Tanto pior, mesmo assim estou contente. Pelo menos, hoje não tens cara de infeliz.

Por volta das seis e meia Françoise veio ver Jean por um instante. — Se estivesses todos os dias como hoje — disse ela —, eu ficaria muito feliz. — Não me fizeste perguntinhas malvadas, não tens aspecto infeliz. Mas isso é muito bom para poder durar. Vais me ver esta noite, depois do jantar? — Todos os dias, não ousando confessar seu ciúme, ele dizia: — É possível que não vá. — Mas antes das onze horas, ele chegava sempre para ver se ninguém que o inquietasse tinha vindo, ficando com ela até que se deitasse, que tivesse trancado a porta, e se Turteuf ou qualquer outro estivesse lá e permanecesse até mais tarde, ele ficava tiritando, só indo embora depois do outro ou então com ele, preferindo correr o risco de não poder dormir mais, se fosse muito tarde, a deixá-la em sua

companhia. Essa noite, ao contrário, ele refletiu que ficaria até tarde, acompanharia talvez a sra. Clissette, e respondeu a Françoise não o “Não irei”, e sim: — Espero ir. Se for muito tarde, não te preocupes. — Ela saiu, ele foi ao cabeleireiro, olhou-se com prazer ao espelho, botou no bolso, para dá-lo a Charlotte, o camarote do príncipe, certificando-se de que estava nele impresso, bem ao alto, “camarote do príncipe de Valentinois”, e foi tomar um fiacre. Caminhava tão depressa e tão avoado que não viu um fiacre vindo, e levou um encontrão. Escapando-se, foi se olhar numa vidraça imaculada e bela. Voltando a pensar no carro, disse consigo: “Como é frágil a beleza! E eu poderia ter ficado de perna quebrada e sem sair esta noite.” Verificou se o camarote do príncipe estava no bolso. “Vou poder dá-lo a Charlotte. Ela vai ficar encantada. É um pouco esnobe e gostará mais de mim por se ver ligada a Valentinois. Dar-lhe-ei muitos outros. A beleza das relações e o dinheiro são ainda assim agradáveis por darem mais prazer a uma mulher bonita quando ela é sensual, esnobe e venal. Não digo isso com referência a Charlotte.”

O fiacre ia com extrema rapidez e Jean sentia prazer em se deixar arrastar, sacudir, balançar vivamente à direita e à esquerda em determinados trechos, como nos deixamos conduzir por uma música que cantamos internamente. De repente, lembrou-se de que era segunda-feira, dia em que Herisseux muitas vezes vinha ver Françoise. Mas essa lembrança não lhe causou a mesma impressão de antigamente. Não hesitou sequer em preferir passar a noite toda na casa da sra. Canut. Mas Clisson também não iria, talvez, à casa de Françoise? Tanto pior. Todas as fúrias de seu ciúme se haviam apaziguado. Assim às vezes a lua nascente no céu espalha no mar encapelado como que uma esteira de óleo de prata. Um Deus parece fascinar com sua presença invisível a imensidade do céu. Uma volúpia misteriosa, uma calma encantada reina sobre o mar, que descera a alguns metros os baixios envoltos em luar e água como prata; engastada em opala ou jade, como um osso na nevada, como na nova felicidade de viver de Jean o seu orgulho de ser jovem, bonito, poderoso e rico.

Tinham chegado à rua Vaneau. Jean subiu devagar. Com certeza, falaria francamente a Françoise de sua simpatia por Charlotte e não iria como esta, supondo mesmo que ela o consentisse, passar além da simples amizade. Então ele imaginou o seu rosto tão alvo, sua linda pele suave, a pequena língua cor-de-rosa que passava por um instante no lábio superior. E pensou logo que seria bem agradável beijá-la. “Ah, se confessasse tudo de uma vez a Françoise.” Entrou, lançou um olhar rápido ao espelho e parou um momento para tomar fôlego, sentindo que o coração tremia. O criado abriu a porta. — Como é gentil — disse a sra. Canut, indo ao seu encontro. — Infelizmente há algumas ausências. Charlotte não vem, está um pouco adoentada. — Como parece triste — disseram a Jean durante todo o jantar. No final, Jean percebeu que uma das convidadas era tia de Charlotte. Feliz como um francês que encontrasse numa região selvagem um outro francês, aproximou-se dela, espantado por sentir esses laços de parentesco tão rapidamente atados à sua revelia entre ela e seus pais. Depois do jantar, essa senhora disse que ia visitar Charlotte. Jean quis ir junto, pensou que não o deixariam, quis ir imediatamente à antecâmara, calculou que a dona da casa acompanharia até lá a tia de Charlotte, e pegando depressa o sobretudo desceu as escadas, chamou um fiacre e esperou.

Em breve desceu a tia de Charlotte. — Como, já desceu? — exclamou ela. — Senhora, vou fazer algo inconveniente: pedir-lhe que vá saber como está passando a sra. Clissette em casa; permita-me solicitar-lhe que use meu fiacre. — Ao chegarem diante da casa de Charlotte, sua tia pediu notícias dela ao porteiro. — Não é nada, uma leve constipação. Até mais ver, senhor. — Acredita — perguntou Jean — que eu poderia subir? — Impossível, senhor — disse a tia com severidade. Jean sentiu que alguma coisa se quebrava e que, infelizmente, Charlotte, que se dava com tantas criaturas, não tinha nenhum laço com ele. Iria esforçar-se por criar alguns. Mas, infelizmente, nessa noite não a veria, ao passo que essa odiosa tia e outros certamente... — Permita-me que a espere, ao menos? — perguntou Jean para ter mais segurança. — Diga-lhe inclusive que estou aqui embaixo. — É inútil, senhor — respondeu a

tia com extrema reserva na voz. — Ficarei até muito tarde. Adeus, senhor. — Jean cumprimentou sem insistir. A tia entrou e a porta se fechou pesadamente.

* * *

Chegara a saber a que horas ela saía de casa, ia à casa do irmão, ia à igreja. Saía à uma. Assim, logo que terminava de almoçar, e tendo já olhado várias vezes o relógio de bolso, ele corria ao espelho, pegava o chapéu e descia a escada com pressa. Já não era dispéptico, já não era preguiçoso. Ela ia às cinco à casa do irmão que, sendo chefe de clínica no hospital Necker, morava nas vizinhanças, na rua de Sèvres, Jean não passeava mais nos bosques, não ia mais aos chás. Interessava-se pela medicina, pelos hospitais. E, quando encontrava em sociedade um professor da Faculdade de Medicina, invejava-o por ter prestado exames em Sentleu, levava sempre a conversa para a pessoa dele, perguntava com ar indiferente se tinha irmãos e irmãs. Duas vezes, tendo encontrado médicos que o conheciam, convidara-os várias vezes seguidas para estreitar relações. Mas, quando pedia que o apresentassem, fazia-o aereamente, sem insistir, para não se trair, ou antes, nem mesmo pedia formalmente, lançava uma frase casual. E os outros prestam tão escassa atenção ao que dizemos que nem sequer notavam, e para serem gentis, em vez de o convidarem com ele, convidavam-no com médicos mais célebres, coisa que ele desprezava.

Às oito da manhã, todos os dias, ela entrava na igreja de Sainte-Clotilde. Jean tornava-se matinal e devoto e todas as vezes que saía à sua frente sentia o coração palpitar, aguardava notícias como se partisse para uma expedição ou chegasse a um novo capítulo na leitura de um romance. Se no momento em que ia sair para vê-la passar, ou fosse ao seu encontro, sua mãe precisasse lhe dizer uma palavra, se um amigo viesse visitá-lo, ele nem sequer parava em seu trajeto, como um soldado que ouviu o toque de reunir. Sonhador até o momento em que corria adiante dela com uma precisão ansiosa, mostrando-se então apressado, febril, inabordável, sua

vida parecia devorada pelo tédio e regulada pela disciplina. De manhã, ao despertar, se acaso ouvisse a chuva temia logo que ela não saísse de casa. Ou andasse de carro. Mas quem sabe saindo da igreja ela caminharasse muitas vezes a seu lado, mas sob a chuva, o que não tinham feito ainda. E se ela lhe dissesse para entrar em casa a fim de se abrigar e tomar chá no pequeno salão envidraçado de onde veriam a chuva caindo na praça, ou se ele visse, pelo contrário, e sol entrar em seu quarto, todos os obstáculos lhe pareciam superados. Esperava que ela se decidisse a vir passear com ele no Bois de Boulogne. Depois, de súbito, tinha medo de que ela fosse passar o dia no campo. Assim, se a chuva era uma vaga ameaça de que não a veria, era também como que uma vaga promessa de mostrá-la quase nova, vestida de outro modo, não mais ao sol e sim no calçamento molhado e que parecia escorrer com a água, caminhando mais depressa debaixo de um guarda-chuva, ou desaparecendo dentro de um carro no rumor das gotas de água e sob uma nova luz, tão triste que mesmo em pleno dia seria quase como de noite. Era quase como se ele a tivesse levado. Assim, descobria nas mudanças de tempo a violência da fatalidade e o encanto que teria encontrado em levá-la a regiões novas. Receava-os enquanto acontecimentos e saboreava-os como viagens.

De resto, percorria as ruas habituais como se fossem ruas de uma cidade onde acabasse de chegar pela primeira vez de diligência. As casas, o céu e o dia já não nos parecem os mesmos porque não mais são animados por nossos costumes antigos e sim por um sentimento desconhecido. A passeio, numa festa, sozinho no quarto, isolado ou com amigos, vendo se sucederem as horas do dia, aproximar-se o cair da tarde, findar a noite, descobria no tempo uma espécie de encanto como numa coisa que pertencesse tanto a ele como a ela, e que, levando junto algo de suas vidas tão separadas, o misturasse talvez em sua imensidade indiferente ou por uma misteriosa cumplicidade. Dizia consigo: agora ela dorme, agora está sozinha, a alma entreaberta, agora está na sociedade, agora ri, agora se despe, faz suas orações, adormece. Cada hora tornando-se-lhe perturbadora e sagrada, como se recebesse a

essência de sua pessoa e os segredos de sua intimidade, ele a respirava estremecendo, assim como um lenço, que ainda tivesse na mão, e onde deixasse um pouco de seu cheiro. Não desejando outra coisa senão ela, nem o sucesso nem o poder, não se divertia mais na sociedade e preferia fechar-se em si mesmo como numa casa em que tudo lhe falasse dela. Assim, vivia em seu amor como no campo, que nos faz descobrir num raio de sol, em algumas gotas de chuva, a importância de uma realidade e a vaga doçura de um sentimento, a escutar o bater das horas menos como os sinais mortos de nossas ocupações do que como a própria vida do tempo que passa junto a nós, e de onde nos parecem estranhos os objetivos da ambição e as grandezas do mundo; estamos confinados em nós mesmos.

II. O “furet”

Jean sabia que isso não levaria a nada; no entanto, ficaria decepcionado se a não visse. Confiamos no amor como na vida, sem pensar na inutilidade disso tudo, sem acreditar demais em tudo isso. Continuamos a amar porque temos fome de afeto, e dele desejamos nos nutrir sem mais saber como, e recomeçamos.

Ela não representava para ele nem mais inteligência nem mais bondade do que qualquer outra e ele não mais tentava experimentá-la, como quando era jovem e acreditava no amor absoluto. Não, era como uma mulher pintada num quadro ou representada numa estátua, que simplesmente é singular e não se parece a outra. Oh!, não, ela não se assemelhava a outra. Seu rostinho, seu sorriso, seus olhos, dizer que no momento em que ela entrasse ele poderia ver tudo isso. Ele a via ora lhe dando adeus, com um gesto muito rápido, a mão a se agitar muitas vezes, rindo, virando-se muitas vezes para isso, e ele também se voltando do interior do carro, ora tentando lhe explicar qualquer coisa com muitos movimentos de rostos que se afastam, aproximam-se como para uma deliciosa mastigação, ora lhe dizendo: “Amo-te muito.” Ele se lembrava das palavras como um amante feliz se lembra das carícias. Não eram carícias dela?

* * *

Como uma pessoa que chega antecipadamente à porta de um teatro e fica no mesmo lugar esperando que ele seja aberto, assim Jean deixara de viver há um mês, já tendo atingido, sem que ninguém pudesse distraí-lo, o instante em que a veria. E como uma galinha cuja natureza, sem lhe dar a conhecer se está chocando ovos com pintainhos ou ovos de serpente, se esforça contudo em dar-lhes a vida, ele alimentava esse futuro ignorado, e sua incerta

esperança, com todo o calor incansável de sua alma cuidadosa. Caindo a noite, como chegasse à rua Madame, espantou-se por sentir tão pouca alegria, tão pouca aflição, e, tentando pensar em seu amor, nada lhe surgiu aos olhos do espírito, encontrava-se vazio e seco. Nosso coração vale menos do que o julgamos, pensou. É a imaginação que sopra nele, parece inflá-lo, inchá-lo, fazê-lo transbordar. Quando a realidade se aproxima, ela cede, perdemos todo o impulso, como um barco que encolheu suas velas. Lembrou-se de que experimentara a mesma sequeidão, que estivera diante do mesmo aniquilamento de sensibilidade quando o avô morrera. “Então foi só minha bondade que tinha reconhecido não passar de uma ilusão de minha sensibilidade; agora, é no meu próprio amor que devo deixar de crer, já que não passava de uma miragem de minha imaginação.” Já avistava a casa da sra. Clissette. Desejou colocar de novo o alfinete de gravata para que vissem o brilho de sua turquesa. Mas não o conseguiu e teve de desistir, a mão tremia muito. Não se tratava do arrepio da emoção, visto que não sentia emoção alguma. “É o frio”, disse de si para si. “Por isso, tendo saído tão cedo, caminhei muito devagar.” Ergueu a aba do paletó, andou mais depressa e entrou logo pela porta do palacete. No momento em que abria a portinhola da escada, o porteiro correu atrás dele: — Não há ninguém — disse-lhe. As pernas de Jean perderam as forças, sentiu que o coração inchava no peito a ponto de lhe causar mal-estar, batendo em pancadas irregulares e destacadas. Apoiou-se ao corrimão para não cair.

— Perdão, senhor — disse o porteiro ao reconhecê-lo. — O que a senhora me disse não era para o senhor, mas eu não o havia reconhecido na escuridão. Causei-lhe medo ao gritar quando o senhor não esperava — acrescentou rindo o porteiro. — O senhor está branco feito um lençol. — E depois: — Temos uma coisa a lhe pedir, senhor — acrescentou ainda, com timidez. — Meu filho que aqui está — mostrou um belo rapaz de seus trinta anos — casa-se daqui a quinze dias. E o senhor nos faria grande honra se viesse assistir às núpcias. — O rapaz sorriu sem cumprimentar. Resplandia de felicidade e era bonito e calmo, como uma árvore em pleno sol. — É um pouco apressado — continuou o porteiro —, mas há sete

anos que ama a noiva, e a pequena só se declarou há dezessete dias. Ora, ele tem pressa em recuperar o tempo perdido. Ah, sofreu muito estes anos todos. — O filho escutava, mas seu rosto radioso não se ensombreceu um só instante à recordação de suas penas. Sua felicidade parecia tê-las apagado como um sonho e em seu lugar ela se estendia tanto sobre o passado como sobre o futuro. Jean apertou-lhe a mão. — O senhor é bem feliz — disse —, bem feliz, virei sim, farei todo o possível. — As lágrimas lhe vinham aos olhos, despediu-se deles e subiu.

O golpe terrível que as palavras do porteiro “Não há ninguém esta noite” tinham trazido ao amor de Jean, a ventura que agora sentia em estar prestes a vê-lo renascido dessa ameaça como um campo depois do temporal, tão novo, tão delicioso como no dia em que lhe haviam dito, enumerando os convidados: “Charlotte estará presente”, mostraram-lhe com força esmagadora e suave esse amor que cessara um instante de se manifestar, sem deixar de estar presente. Então ele se lembrou das horas de sequeidão, dos pensamentos vazios no dia da morte do avô. E de si para si: “Não tinha deixado de ser bom, assim como há pouco não deixara de estar apaixonado. É um deus que se esconde e se ri e que não víamos mais. Ele joga e seus jogos são cruéis, pois ele nunca depõe as armas.”

* * *

Entrou. Ela não se encontrava no pequeno salão, mas, sem vê-la, ouviu sua voz na galeria. Estava se preparando para jogar cartas. Permaneceu no pequeno salão, certo de vê-la e ao mesmo tempo assustado. Depois ela veio e lhe deu bom-dia distraída. E logo estavam jogando *furet*. Colocado entre as duas mulheres mais bonitas da região, olhava, sem cessar aquele que estava ao lado dela e pensando que não era ele, que poderia ter sido ele, que não seria ele, não podia ficar em seu lugar. Deixou que lhe tirassem o anel e, uma vez no meio, percebendo-o às vezes quando passava, ficava quieto e o seguia com os olhos. Todos diziam: — Se Jean não o pegar é que não o quer, pois com certeza ele o viu. — Mas

ninguém adivinhava o que ele queria. E Jean dizia consigo, ao vê-la tão linda, tão indiferente e jovial, e que, sem prevê-lo, talvez para seu próprio aborrecimento, ia ser sua vizinha: “Ela nem desconfia, e quando me tiver visto jogar, não compreenderá. E se desconfiasse, ficaria zangada.” Esperou que o anel chegasse ao vizinho de Charlotte. Então se lançou, abriu-lhe as mãos, pegou-o e o outro, surpreendido, teve de levantar-se para ficar por sua vez *furet*, e Jean tomou seu lugar ao lado de Charlotte. Quanto a invejara há pouco, vendo as mãos dos vizinhos de Charlotte encontrarem a sua ao deslizar pelo cordel. Agora, tímido demais para aproximar sua mão, emocionado demais para gozar sua presença, sentia apenas o coração batendo rápida e dolorosamente.

Em dado momento, Charlotte, para que o *furet* acreditasse que ela estava com o anel, inclinou-se para Jean com ar de conspiração. Ele não se iludiu com o gesto, mas voltou a sonhar com a agradável doçura que seria se um dia ela viesse a amá-lo, estar também, além da ilusão rápida do *furet*, de combinação com ele. No momento em que, embalado pela esperança impossível dessa reviravolta, seu rosto abatido e pálido de desgosto brilhava, como um fim de tarde de outono, com um clarão incerto, sentiu a mão de Charlotte que acariciava docemente a sua, dedos que comprimiam os seus. Ergueu a cabeça e encontrou seu olhar brilhante. Lançai, inverno, um claro pedaço de gelo num regato, e logo o gelo que não suspeitáveis surge imóvel do seio movente da água rápida, fixa-a e não há mais água. Num segundo, o regato transforma-se praticamente em um campo de gelo. *Ela me amava!* — Pegue-o, então — disse Charlotte baixinho e com raiva, pondo-lhe com força o anel na mão —, já faz uma hora que eu lho passo. — Com o impacto, Jean afrouxou o cordel. O *furet* percebeu o anel, lançou-se contra ele, tomou-o e, no momento em que se sentia desfalecer, Jean teve de se levantar, pôr-se de pé no meio do círculo ruidoso de risadas dos jogadores, para prestar atenção, tentar agarrar o anel, retrucar, rir também. Mas Charlotte não parava de apostrofá-lo. — É a última vez que jogo com alguém tão distraído. Não se joga quando não se quer prestar atenção. Se o convidar de novo, Juliette, eu não virei.

Jean pretextou um encontro e saiu. Charlotte disse-lhe adeus com doçura, pensou que ela se arrependia de sua violência, esperou na rua que ela saísse. Talvez ela fosse lhe pedir perdão, dar-lhe as razões de sua indiferença. — Como, ainda está aí? — exclamou Cachtan ao sair. — É aqui o seu encontro? — Jean se esforçou por sorrir e não pôde evitar que Cachtan o acompanhasse. Quando entrou em casa, murmurou consigo: “Ela talvez passe neste instante pela rua Madame. Não a verei mais. Seja como for, isso é impossível, é a única coisa que não pode acontecer. Mesmo que me ame, não virá bater aqui. Talvez me escreva amanhã, pedindo para falar comigo. Mesmo que seja para dizer que me detesta, poderei ao menos dizer que a amo, forçá-la a me ouvir, mostrar que é loucura renunciar a mim.” — Despiu-se aos poucos. Todos os seus movimentos tinham a lentidão resignada de um homem que sente que não acabou de esperar nem de sofrer. Seus olhos agitados encontraram de repente a calma do leito em cuja cabeceira esguia e reta o lençol, como uma asa branca, estava dobrado a meio. — Caro amigo que não mudas — gritou —, sempre suave, fresco, profundo e seguro, tu vais então receber, ainda uma vez, meu corpo ardente e castigado, infatigável em se fatigar, em provocar em si um sofrimento permanente.

Noite após noite, ele chegou até aquela em que chorara durante tanto tempo, o rosto no travesseiro, depois de tantas provas que Marie Kossichief dera de sua indiferença, sem que pudesse se resignar a crer nelas. “Quantas vezes, desde então, tive desgostos assim absurdos, e esperanças mais absurdas ainda. A felicidade nunca virá para mim. É sempre a mesma coisa.” Pusera o pijama, branco, de mangas curtas e limpo como nos dias de sua inocência. — Oh, querida caminha!, é ainda o menino triste de antigamente que recebes. Não mais que tu mudei, e beberás sempre as mesmas lágrimas até a minha morte ou até que tu te estragues; mas não, não poderei eu, ao menos a ti, guardar-te até minha morte? Fica comigo, minha única amiga. E, como o lençol estava muito esticado, pôde dobrá-lo em doce coxim por baixo dos ombros. Sua boca desapareceu também e, como quando ele era pequeno, teve necessidade de a fazer subir em busca de ar. — Tu morrerás

sufocado um dia — dizia-lhe a criada. Ele sorriu, pegou uma das mãos com a outra e a beijou. Enxugou as lágrimas. “Depois de tudo — disse para si mesmo —, já que não mais a amei, senti que a srta. Kossichief amava-me muito mais do que eu julgava, e então teria podido muito bem casar com ela. E assim tantas outras coisas. Então, se tudo o que desejamos deve um dia estar à nossa disposição, por que nos afligirmos em vez de ter paciência? Elas não podem deixar de vir até nós um dia. — Sim, mas quando não as desejarmos mais. E isso que então chamamos nosso poder sobre essas coisas não passa talvez de falta de toda exigência sobre elas. Temos de amar para saber que não somos amados. Quando não amamos mais, somos sempre amados em excesso.” — Faltava um botão na camisa do pijama. Sentia frio no pescoço. Foi buscar um xalezinho de tricô com a mãe, com o qual ela lhe envolvia os pés, na infância, quando tinha frio. O xale guardava muito dessa ternura reanimadora e desse passado friorento entre as malhas. Assim, foi como se uma enorme doçura, como se fossem os próprios braços de sua mãe, que ele o passou ao redor do pescoço. Imaginou ter a cabeça apoiada, como quando estava doente ou triste, no seio da mãe e, tendo dobrado de novo sobre o corpo a beirada branca do lençol, adormeceu.

III. Novo fracasso

Até então jamais ousara tratá-la de Charlotte. Um dia, para poder lhe dizer “minha pequena”, disse “minha pequena vizinha” com tanta ternura que não pôde deixar de tocar-lhe o ombro. Não tinha coragem de pedir que se tratassem de outra maneira. Voltavam do Louvre e ele disse: — Como é que você chama Réveillon? — Chamo de Réveillon. — E ele? — Chama-me de Charlotte. — Ah, ele a chama de Charlotte. E quem mais a chama de Charlotte? — Não muita gente; na verdade ninguém. — Ah, sim, em casa. Mas não, é verdade, seu pai a chama de “minha querida”. Eu, como é que digo? Senhora, acho, é um pouco irritante. — Sim, é verdade, é bem desagradável que lhe diga “o senhor”, simplesmente. *Bom dia, como vai o senhor?* é antipático. Seria melhor que eu o chamasse de Jean e você me chamasse de Charlotte. — Logo depois ele lhe disse um tanto sem jeito, não tendo coragem de pronunciar seu nome com naturalidade, sem acentuá-lo: — Não está cansada, Charlotte? — E pouco depois, como a censurasse por não fazer o mesmo com ele, ela ficou um instante sem dizer nada como uma criança que, antes de dizer uma frase em alemão, situa antecipadamente cada vocábulo antes de pronunciá-lo: — Acredita, Jean, que já são cinco horas? — Parecia a Jean que ao formar seu nome sua boca o tocava; depois lembrou-se logo de tantas cenas semelhantes e que não era a primeira vez que atribuía um encanto misterioso a tais infantilidades. E duvidou de si mesmo, como um velho ator que representou diversos papéis parecidos e se sente envelhecido.

* * *

“Não, não poderei vê-lo por estes dias.” Estendido perto do fogo, Jean sentia-se transido de frio ao repetir essa frase, desse frio

quase agradável que nos dá na barriga quando choramos muito ou perdemos muito sangue. Via no espelho que estava mais bonito que de costume, justamente no dia em que ela não iria vê-lo. E murmurava consigo: “Há seis meses que venho me iludindo contando com o dia de amanhã, que infelizmente se assemelha sempre, não ao meu desejo, e sim à véspera e sem dúvida a ela. Ela não me ama.” Tinha tanto frio que se voltou sobre seu lado direito, de barriga para o fogo. Há seis meses... Então de repente, dizendo há seis meses, viu-a como pela primeira vez, seis meses antes, quando nenhum dos dois teria ousado gracejar nem o outro se zangar. Depois recordou logo o que tinha sido para essa mesma Charlotte nesses dias e todos os seus carinhos, suas garridices, ironias, censuras, acessos de cólera, suas carícias com o olhar, com a voz, com a solicitude cotidiana o envergonharam como uma indiscrição, um modo desagradável, uma violência, que essa Charlotte deveria suportar com horror vindas dele, esse estranho que em certa época ela *mal conhecia*. E sentiu que nunca mais pensara naquela Charlotte, tão afetuosamente reservada, perto dele que se mostrava tão timidamente respeitoso com ela, mas sempre nas coisas de que tinham falado na véspera, nas coisas que se diriam no dia seguinte, em certo sorriso amigo, em certo silêncio indiferente, em certa carta para lhe escrever, em certa resposta que esperava dela. Quis revolver esse meio ano de lembranças, de pedidos, recusas, arrufos, de intriga para contentá-lo que estava entre ele e ela, quis tentar obter a sensação dela fora de tudo isso, o que ela era para ele antes de tudo isso, e não pôde consegui-lo. Seu amor se furtava à caçada febril. Buscava-lhe a essência misteriosa e só encontrava uma multidão de pequenas ações humanas em que tentara lhe dar prazer, agradá-la, sobretudo vê-la, pequenos sentimentos que notara nela e que ela despertara nele, sentimentos todos muito gerais, atos comuns a todos e que absolutamente não eram, como o amor que lhe dedicava, algo único e impossível de analisar, como se seu amor tivesse sido um deus decaído, obrigado a falar a língua dos homens, e a tomar, como os deuses antigos, uma fisionomia humana. E, no entanto, em alguns

momentos, como os peregrinos de Emaús, ele experimentara junto ao seu amor como que uma presença mais que humana.

E depois, se, desembaraçando de sua memória tantas e inumeráveis recordações da figura de Charlotte, alegre, triste, cordata, apressada e indiferente, afetuosamente zangada, e também tantas esperanças, não mais achava o seu amor, que todavia buscava; entretanto, era precisamente o seu amor que conferia em sua memória essa nuance única a todas as suas recordações entre as outras, a tantas circunstâncias semelhantes às outras. Ele não podia apreender seu amor como uma alma sem corpo, mas seu amor não seria algo bem real, visto que fora, nesse meio ano em que cada dia procurara vê-la e só procurara isso, a crueldade da ausência, o encanto das entrevistas, a pressa febril da corrida à sua frente, a angústia das esperas, a emoção dos encontros, a beleza sempre sonhada de uma silhueta raramente contemplada, a personalidade misteriosa das palavras mais corriqueiras, o charme de sua imaginação, a ferida sempre reaberta de seu coração, o aguilhão do pensamento, excitação, para não dizer a alimentação de sua vida? Mas tudo aquilo era sempre o seu desejo, e não a pessoa dela.

Se ao menos tivesse podido beijá-la, tê-la por muito tempo sobre os joelhos, teria acreditado que se aproximava dela. Mas separada dele por sua casa, sua família, seus amigos, seus divertimentos, sua indiferença, sua individualidade, ele nunca sentia que a tocava, e roçava-a somente em sonhos. E sem dúvida era por essa razão que suas menores palavras lhe faziam tanto mal. — Não, reservo minhas noites para minha irmã, amanhã não estou livre, logo seguirei de viagem. — Tais palavras lembravam-lhe a todo instante que ela não existia para ele e sim para si mesma, isto é, para si e para todos os seres que envolviam sua vida com uma vida análoga à sua e, para ele, impenetrável.

* * *

As circunstâncias e os lugares se prestam muitas vezes à perfeita realização de nossos desejos, mas ela não mais se produz neles.

Chega um dia em que a mulher a quem amamos vem passar dois dias sob o nosso teto, em completa solidão. Janta sozinha conosco. Depois vamos passear, voltamos, conduzimo-la a sós para o seu quarto. Nenhuma testemunha, nenhum estorvo. Sentamo-nos ao pé de sua cama, falamos de coisas insignificantes. O fruto do nosso amor está atingido em parte já que obtivemos sua amizade, já que ela veio. Vemos como as pessoas são mais platônicas do que pensamos, como o nobre não franqueia a entrada dos salões fechados aos que lhe pagam e sim aos que lhe agradam, e, aos que lhe pagam, se é grato lhes paga também mas com o que não desejam, em presentes, o que qualquer outro poderia fazer. Assim, da parte dela, essa casa onde só estamos nós dois, este quarto iluminado pela lua onde ninguém nos pode ver, não encobrindo mais que uma conversação casta. Agora ela está deitada. Dizemos: — Temos de nos despedir — para que ela tome enfim a iniciativa de algum carinho, se é que pensara nisso. Depois dessa advertência, procuramos ganhar ainda uns minutos que transcorrem como os demais. — Boa noite, boa noite — e fechamos a porta desse quarto que se abria e que não tínhamos desfrutado.

* * *

Nessa terceira vez, Jean estava sentado diante da cama: — Deixo-a descansar, é meia-noite. Ou deseja ainda mais cinco minutos? — Fique até meia-noite e cinco. — O lençol subia até seu rosto de um rosado vivo, que lhe realçava melhor os cabelos soltos. Ele nunca a desejara e, no entanto, gostaria de carinho. Disse: — Estou com dor no pulso. — Ela tomou-lhe a mão e disse: — Olha, vou fazer uma massagem — e passava suavemente a mão rechonchuda, elegante e quente em seu pulso e de súbito ele percebeu nos seus olhos que ela sentia que lhe dava prazer e fazia aquilo intencionalmente, desvelando sob sua aparência indiferente e amada o consentimento para que ele lhe desse prazer de outro modo. O desejo o possuiu, fê-lo estremecer. Ela sentia claramente o que se passava com ele e continuava, sem deixar ver que o fazia por essa mesma razão, com uma fingida hipocrisia que o deixava

louco. E repentinamente um renovar de vida operou-se dentro dele. Porquanto debaixo da pessoa que se tornara indiferente à força de ser amada sem desejo, e sem retorno de um amor sem desejo, sentia de repente passarem as possibilidades bem diversas das que guardava até então e observava esse rosto fino e rosado na vida, tão cheia, tão carnal, tão escarlate sobre os lençóis brancos, sob os cabelos soltos, onde o olhar parecia espiar com alegria o seu prazer. Ela continuava e lhe dizia: — Se isso lhe agrada, então por que retira a mão? Deixe-me continuar. — E então o desejo, que em geral ele sentia simplesmente como uma necessidade, sem nada de mais, nascia, no fundo de tudo aquilo que justamente representava para ele essa mulher até aqui, alguma coisa em cujo âmago não havia desejo algum, nenhuma cumplicidade ou consentimento possíveis, nenhum sonho dessa natureza, do amor platônico terminado e do encanto escondido. E, de súbito, era no fundo de tudo isso que havia nascido o desejo, desejo que o fazia estalar, estremecer, enchia-o de emoção, tornava-se um sentimento desconhecido, como se em vez de se tratar de desejo fosse o desejo no centro de um sistema de sentimentos antigos, o afeto presente, um encanto persistente ao qual ele se prendesse, que o empolgasse consigo; do mesmo modo que sentira nela de repente algo que não conhecia, uma mulher que nunca desejara e que talvez fosse entregar-se, algo como uma vontade, um capricho ou pelo menos um consentimento ao seu objetivo que não era o amor que lhe pedira outrora, mas que, agora que ele lhe confessara o novo prazer que ela o fazia experimentar, continuava, que portanto era menos do que ele acreditava, ou mais, capaz de procurar lhe dar prazer dessa forma, de condescender e consentir nisso.

A ideia que formara a respeito dela mudara por completo. Assim, experimentava intensamente a sensação de novidade porque pelo acaso dessa carícia, revelando-lhe de súbito para essa mulher um ele próprio que ele não conhecia, e revelando nela, ao mesmo tempo, uma ela própria em cuja presença ele jamais estivera, era como se sua vida tivesse mudado de repente e como se o mundo fosse mais rico do que pensava, e todos os sentimentos que conhecia de cor e os desejos e os prazeres puramente carnavais aos

quais era insensível não significavam tudo, e de fato a vida comportasse coisas que ele ignorava, e, prendendo-se até então às suas aparências uniformes, fossem sentimentais, fossem brutais, de súbito a vida se entreabrisse e lhe mostrasse no seu fundo alguma coisa que ele não conhecesse e que o transportasse a uma dessas horas em que, na infância, achamos que a vida abrange o desconhecido e o novo, o delicioso e o embriagador, ou, nos nossos sonhos, em que pensamos que o que sentimos até ali não era a vida, era como uma precaução inútil e que há alguma coisa fora da vida, e que em vez de continuar ela vai começar, como se fosse um lugar em que ainda não estivéssemos e para o qual nos encaminhamos. Assim, sentia que pela porta empurrada por acaso repudiava o que ainda não era a vida, seus sentimentos sentimentais por ela que se demoravam em cartas, recriminações, adoração, serviços prestados, frieza afetada, e penetravam de súbito no quarto magnífico que talvez pudesse a vida toda ficar trancado para ele e junto ao qual teria passado sem nunca chegar a conhecê-lo. Mas agora sentia dentro de si que entrava em palácios ignorados, calcando e estremecendo toda a sua maneira de proceder com ela até ali, de julgá-la, de amá-la, sentindo que se tratava de um ornato que caía. E o aspecto encantador e frio de Charlotte caía também e ele descobria nela, como num sonho em que vemos, naqueles que conhecíamos, pessoas novas, uma pessoa que consentia em lhe dar prazer, que não rejeitava esse projeto, aceitava-o expressamente no fundo e com esse objetivo passava-lhe a mão no pulso, e continuava, olhando-o com carinho e dando a impressão de fazê-lo apenas por causa de sua dor, com uma hipocrisia que, dando-lhe a ideia de que era capaz de engodo, de carinho por astúcia, fazia-a nova e excitante a seus olhos.

E graças a essa nova situação que o acaso de uma carícia acabara de criar logo, um outro ele havia surgido e uma outra ela se havia mostrado, pois sem dúvida ela vira esse prazer que nunca soubera que lhe dava e que, vendo-o pela primeira vez desse modo, ela assumira de repente essa natureza que possuía mas ignorava, já que a guardava, é claro, de reserva para o desejo e não podia mostrá-lo na simples amizade. Assim, diante dessa novidade, desse

desconhecido, sentia-se Jean impelido a ações que não premeditava, dizer-lhe contrariamente a todas as suas previsões: — Deixe-me beijá-la —, agarrá-la, e era talvez esse sentimento, sentir a novidade, o desconhecido, que dele irrompia, que lhe parecia em extremo uma vida nova e verdadeira que se abria, uma vida em que se vai tão bem na direção do ignorado que se diz coisas espantosas de ouvir, que a inteligência não prepara e que se fazem gestos e coisas desconhecidas, inventando gradualmente, levado não mais pelo desejo de aparecer, de agradar, de explicar sua conduta, mas em que as próprias palavras se oferecem como, aliás, a boca ou as mãos, para se contentar apenas, pois que elas decidem de minuto em minuto o estado em que se está e ele se sentia, desse modo, caminhando em direção ao desconhecido, na vida luxuriante que se lhe abria e cujo esplendor, luxo e vida eram magnificamente simbolizados pela cabeça carmesim que sobressaía melhor sob os cabelos soltos e repousava nos lençóis brancos.

Por que motivo ela se debateu, rejeitando-o antes que a pudesse beijar, ameaçou tocar a campainha, ir embora? Por que teve ele de sentar-se novamente, magoado, como que desfalecido, aflito, dizendo: — Que pena, ficou zangada, vai levar uma má impressão de mim? Quem sabe se na confusão de seus maus instintos e bons costumes, de sua cortesia e virtude, julgasse ela que “a posse” não era um mal, pois muitas vezes gracejava a respeito e dizia que se entregaria para dar prazer, ao passo que suas maneiras habitualmente a desmentiam, visto que para dar prazer ela não podia ir além de entregar sua mão à mão, outrora sem desejo, de Jean, que queria conservá-la, proibía o beijo mais casto, como se a noção de posse não fosse para ela o mesmo que a própria posse, aprovando a totalidade de uma, repelindo da outra até aquilo que mesmo de longe ou inocentemente lhe pudesse ser próxima, podendo começar por uma determinada carícia no momento em que podia consistir em qualquer coisa que não fosse obrigatoriamente uma carícia (a massagem) para dar prazer, mas recusando-se logo àquilo que para ela constituía até os mais simples e inocentes atos do próprio prazer, seja porque estivesse familiarizada com a ideia sem que isso tivesse atenuado seu medo pela coisa em si; seja

porque tivesse um gosto especial pela coisa que lhe permitia tudo o que, sendo dela, era para ela coisa diversa com um nome diferente, mas recuava desde que a noção da coisa aparecia: o que se explica sem dúvida pelo fato de que sua noção indulgente da coisa coincidia com seu gosto por ela, mas que, proibindo-a para si própria, seja em virtude do prazer que aí obtinha, seja porque sabia que se tratava em princípio de um bem, mas de um mal para ela, ela se interrompia desde o momento em que, aparecendo a noção do ato, julgasse que ia entregar-se a ele; seja por uma dessas mínimas circunstâncias que decidem, nos compromissos de nossas vidas particulares, como nas batalhas entre os povos, o bom êxito do negócio.

Jean retirou-se muito triste e para não mais voltar, mas ainda carregado desse desconhecido que se levantara dentro dele e trouxera à sua imaginação, a seu senso das realidades novas adormecidas há muito tempo, um novo alento. A Charlotte que há dois anos se mostrava a seus olhos se apagara. Agora ela estava para ele num quarto fechado, entre lençóis brancos, um rosto carmesim que sobressaía melhor dentre os cabelos soltos, símbolo magnífico e luxuriante do prazer que, para ser sincero, não lhe fora possível desfrutar materialmente, senão da revelação da existência dessas coisas de que a vida, de agora em diante, se enriquecera para ele, a sensualidade divinizada — nascida no âmago dos sentimentos já conhecidos — de poder esmagá-las, renovar nossa noção de uma pessoa, nossas esperanças na vida e nossa noção de felicidade, e os quartos em que se passa nossa vida, amados pela imaginação, por tudo o que pode surgir neles de chofre por uma espécie de criação de um passado que não o comportava, passado dos nossos sentimentos por uma pessoa, passado de sua maneira de ser e da ideia que formamos a respeito dela, e tudo o que é possível encontrar nela de súbito e que dela pode se desprender, sair do fundo de uma cama, do fundo de dois olhos, do fundo de uma alma, de modo a fazer desse quarto, mais inutilmente fechado, o ponto de descobertas instantâneas a respeito de si mesmo, a respeito dela, cujas relações para conosco julgamos estarem fixadas e congeladas para sempre e que consente em nos acariciar, e desse teatro palpitante onde acabamos de entrar como

numa câmara nova da vida, destruindo suas aparências, arrancando-lhe a máscara, sendo para nós aquilo que pensávamos que era para aqueles de quem tínhamos ciúme, ou antes, tratando-nos como a um outro, não mais nos dizendo: “Tu és aquele que eu traio”, e sim “Tu não és mais tu, és o meu cúmplice, quero te dar muito prazer, vamos nos divertir”, o teatro fechado, o teatro necessário em que vivemos enfim uma vida imprevista e proferimos as palavras sinceras diante de seu rosto escarlate, imagem de esplendor e de volúpia mais opulenta do que revestimentos escarlates ausentes desse quarto vazio.

IV. A religiosa holandesa

Em 1866, Henri passou por Antuérpia. Encontrou as mesmas ruas por onde passara em outros tempos, [\[53\]](#) as mesmas lojas de vitrinas onde, por detrás dos vidros, nas mesmas caixas registradoras, como em seu rochedo uma medusa através da transparência da água, os mesmos homens e os mesmos vícios permaneciam pregados, deixando-os algumas horas por dia para flutuarem prazenteiros até a avenida ou até o porto, usando no mesmo caráter, por homens idênticos, vícios que só morreriam com eles, e não lhes trazendo no entanto, a cada dia, senão um prazer sempre igual, a vida, que a natureza metera neles com esse caráter e esses vícios, antes que, abandonando uns e outros, os fizessem cair dessecados no fundo do cemitério mais povoado que a cidade. E nessas mesmas ruas que a vida construía, que a vida habitava, que a vida enchia com seu rumor, cujas paredes sujava e cujas janelas iluminava já a essa hora, tornava misterioso o que estava por trás, como um segredo e como um tumulto, aferventava o ar, manchava o odor, sentia-se ele febril por misturar-se mais a essa vida, esquadrinhá-la, possuí-la, sê-la por um instante.

De súbito, pensando no claustro, tendo seu sangue farejado o antigo perfume de sua amante, saltou e enrubesceu. Toda essa inquietação acumulada se condensara no lampejo desse delírio.

Perguntou pela irmã Aline. Levá-lo-iam ao seu quarto ou ao seu tumulto? Pois o destino dela era repousar junto à cidade, como vivera. Ela estava lá. Mandaram que esperasse no locutório. Ela entrou. Envelhecera mas ainda era a mesma. Quando um cachorro vê sua dona, não é mais possível segurá-lo. Henri não pôde conter-se e se lançou a ela para sentir ainda o gosto dessas faces, que há muito já tinham deixado de ser cor-de-rosa e apresentavam algo de murcho, meio enrugado no canto dos olhos, que indicava já haver passado a sua juventude. Mas ela lhe fez sinal de que os

observavam. Então conversaram. Ela já não mais esperava que sua paixão lhe desse grandes alegrias, mas não mudara. Entretanto, o hábito de não saciar o seu desejo, em lugar de exasperá-lo, lhe tirara a importância que ele tinha em sua vida. Ela lhe confessou que fazia cinco anos que não dormia com um homem. — Como, mas então os soldados que acamparam aqui em novembro? — É verdade — respondeu —, mas eu tinha tanto medo de que eles contassem! Agora, aspiro sobretudo ao meu sossego. Esforço-me por estar em boas relações com as outras irmãs. Todas as minhas amizades estão nesta vida. Não desejo mudá-la. — No entanto, ela pensava sempre no mesmo assunto. E quando Henri, não podendo conter-se, pegou-lhe na mão, ela mudou de cor. — Toma cuidado, logo nos veremos — disse ela, indo escutar à porta. A irmã que velava continuava ali. Chegou a hora da despedida. Henri disse que só partiria no dia seguinte, que estaria à noite no hotel; ela podia pedir permissão à superiora. — Oh, tenho muito que fazer aqui, ainda nem comecei meu rosário de Páscoa. Talvez no ano que vem, se voltares, tenhamos mais chances. Isso me faria tão feliz — respondeu sorrindo, um sorriso onde havia toda a doçura de uma mulher outrora amorosa. — Penso muito nisso — concluiu.

* * *

Quando Jean foi à Holanda, tendo-lhe dado Henri o endereço do convento, para lá se encaminhou. “E se me enganar?”, dissera consigo. Se se enganasse de nome, se se tratasse de outra pessoa? Mas, quando a viu entrar, julgando ela que era um amigo de seus pais, talvez o pai de uma das religiosas que vinha até ela, trazendo diante dos olhos essa tranquilidade aparente que fazia com que as religiosas a tomassem por uma delas, pela mais virtuosa dentre elas, como um policial que surpreendeu um ladrão, que já poderia arrancar a peruca que o dissimula sem medo de se enganar e de topar com uma cabeleira de verdade, Jean já a havia reconhecido, já teria podido deitar-lhe a mão.

O desejo possui um instinto como o cão, a quem faz farejar logo o perfume do desejo, por mais escondido que esteja para outro. “É

ela”, disse consigo. “Para todas as outras irmãs é igual a elas, mas para mim ela é igual a todas as mulheres de prazer. Talvez ela nunca tenha visto uma. Certamente é a única deste convento, mas não é menos parecida com as outras. E agora que a clausura dela vai ser aberta, já conheço antecipadamente tudo o que está aí dentro.” E olhava-a como uma flor brotada sozinha num rochedo selvagem onde morreu, mas que apresenta todas as características da espécie que conhecia tão bem. — Minha irmã — disse, olhando-a nos olhos (mas ela de nada suspeitava e não se julgava reconhecida) —, venho da parte de alguém que guardou uma lembrança muito boa da senhora, um oficial chamado Réveillon, que me incumbiu de, ao passar por esta cidade, lhe trazer todos os seus cumprimentos. — Ela o estudou. Talvez Réveillon lhe tivesse dito mais. — De fato — respondeu calmamente —, ele vai bem? — E olhava-o às escondidas, acreditando e não acreditando, procurando adivinhar-lhe o pensamento. — Disse-me também... — falou Jean, olhando-a cada vez mais fixamente com um sorriso que buscava despertar, anunciar as palavras que ainda não pronunciara — e é claro que ela já compreendera e seus olhos estavam como que aprisionados por esse olhar estranho que parece impedir que o pensamento vá mais além, nesse olhar inalterável porque não é uma pessoa que nesse momento se exprime, mas alguma coisa que é igual em todos, nesse olhar obscuro como o olhar de alguém que está em perigo ou que é ciumento, não talvez porque haja nesse instante, na alma, uma extrema incerteza, antes, porém, por não ser a alma que nesse instante está no olhar, e sim algo obscuro, profundo, que não pode exprimir-se, matizar-se. Então o olho é como o cristal de uma rocha que olhasse com cego ardor. Depois, o caráter moral não podendo ficar muito tempo ausente do ser, com a vulgaridade daquelas que amam o prazer pelo prazer e que levou todas elas a tomarem como coisa agradável o que lhes dá tantos problemas e muitas vezes tantos remorsos, no momento em que ele acabava de dizer sua frase: — ... que eu poderia talvez lhe restituir as horas agradáveis que ele passou na torre com a senhora, eu mesmo ou pondo-a em contato com meus amigos que devem passar por aqui —, ela sorriu e disse: — Já compreendi. — Sorriso

vulgar, talvez também tocante, ventura desse primeiro momento em que ela pudera tirar a máscara e respirar. E essa ventura de encontrar um irmão, de não mais dissimular, de poder falar do segredo que guardava sempre foi tão grande que ela o fez sentar-se e conversaram sem pensar no que fora o objeto de sua visita, o símbolo de seu reconhecimento.

— Ah, invejo vocês, homens — disse ela. — Você é o primeiro homem com quem posso falar francamente há um ano. Há um ano que não durmo com um homem. E não poder fazer confidências a ninguém... — Pois não há outra pessoa que...? — Não ousou acabar. — Sim, a irmã rodeira — respondeu ela em voz baixa, enrubescendo. — Pergunto-me várias vezes se a irmã Lémie não teve um caso com o padre porteiro, mas não tenho certeza. — “Dois, talvez três”, disse Jean consigo, admirando a riqueza de todas as espécies, o que a natureza tem de variado em sua aparente uniformidade, sentindo uma angústia idêntica à que tivera quando vira a dedaleira no pequeno vale onde ela morria entre duas seções da rocha que não a tinham conhecido. — Três — repetiu em voz alta. Ela sorriu com essa mesma vulgaridade e também com esse mesmo alívio de não se sentir sozinha, de sentir nela uma espécie de natureza que o fizera sorrir há pouco. — Mas como ousou? Se não tivesse sido eu? — Reconheci-a imediatamente — disse Jean com um sorriso presunçoso. Ela sentiu-se ferida, e quase lhe disse: “O senhor está enganado.”

Tinham conversado muito; ela o interessava, já não o perturbava. Ela afagou-lhe o dorso da mão, e ele achou que deveria exagerar a expressão do prazer que não sentira; lançou-lhe um olhar feliz e grato ao qual ela respondeu com um ar interrogativo, modesto e coquete. — De verdade? — Ao cabo de um instante ele pensou que aquilo não era suficiente e, lançando-se sobre ela com arrebatamento, beijou-a com tamanha violência que feriu os lábios. Não tinha mais que uma sensação desagradável de calor na cabeça e um gosto na boca. Recuou alguns passos, fingindo temer que entrassem, e lhe sorria mecanicamente, percebendo o quanto era bonita, mas também o quanto o deixava frio. Teve de partir. Ela o

reteve sob todos os pretextos. Quando o viu ir embora, lágrimas de decepção subiram-lhe aos olhos.

* * *

Alguns anos depois, Jean e Henri voltaram juntos a Antuérpia. Por curiosidade, foram ao convento e perguntaram pela irmã Aline. Ela veio: era uma mocinha que certamente não conheceria nunca o prazer. — Não é esta — disseram. A outra estava morta. Eles se entristeceram. A superiora pensou que esses senhores talvez fossem parentes: mandou que os levassem ao seu túmulo, e mostrou-lhes primeiro uma fotografia dela que haviam tirado durante a sua última doença e que ela legara à superiora: tudo o que restava dela e que ela legava a uma mulher que, no fundo, jamais a conhecera, legando-lhe a imagem dessa expressão que a superiora ainda tomava por desprendimento e ardor da fé. Reconheciam-na, era ela ainda, e era visível que se tratava da mesma. E seus cabelos haviam envelhecido sobre sua fronte, na qual passavam, mas menos frequentes e menos vivas, as mesmas imagens. Depois se encaminharam para o seu túmulo sobre o qual o sol sorria com a indulgência que se tem por aqueles a quem nada pode salvar. Sobre a tumba, o vento fazia balançar uma erva daninha. E sob a lápide eles adivinhavam a forma, talvez ainda bastante intacta para que se distinguisse ainda a espécie a que pertencera, e de onde os últimos traços de seu desejo só desapareceriam com os últimos vestígios de sua vida. Calaram-se por um momento; o silêncio era absoluto. Aí estava o segredo agora inútil daquilo com que Deus assopra uma vida, com vícios que só lhe darão a cada dia menos e menos prazer.

V. Morte do visconde de Lomperolles História da sra. de Closeterres O câncer de Perrotin

— Viste lá em casa o visconde de Lomperolles — disse a Jean, um dia em que jantava em sua casa, Henri de Réveillon. — Sim, aquele que detestava todos os jovens; e então? — Então, nosso pobre primo foi encontrado morto esta manhã com duas balas na cabeça. — Pobre homem — exclamou Jean —, mas por quê? — Percebes bem, meu pai falou com o teu a respeito do que descobrira há apenas dois meses, pois antes, juro-te que não desconfiávamos de nada. Dizer que durante quarenta anos meu pai... — Não sei de que estás falando. — Mas como, seu pai foi tão discreto assim com você? Papai lhe falou disso para ver se não haveria meio de mandar parar, através do ministro, com essa campanha de chantagem que o levou à morte esta manhã. — Henri, então, contou a Jean o que tinham ocultado à sociedade, durante quarenta anos, a ligação profunda e a fidelidade aparente do sr. de Lomperolles à sua mulher.

Iluminou bruscamente a vida subterrânea tão bem guardada, hoje sem interdição, que se estendia sob a outra vida de Lomperolles, como os palácios do Oriente em cujas profundezas há calabouços, onde aquele que ontem era tido como dono da Turquia é o prisioneiro de um janízaro que apenas demora a esmagá-lo. Jean ficou sabendo que os duzentos mil francos que se supunha que o sr. de Lomperolles tivesse perdido no jogo num só dia tinham sido entregues numa noite a um violinista polaco, que o deixou na manhã seguinte e que, graças ao dote que obtivera, casou com uma moça rica pela qual estava apaixonado. Depois vinham sucessivamente, sem contar aqueles que ninguém soube, e os quais o próprio sr. de Lomperolles não sabia quem eram, seu amor a um couraceiro, a um vigário, a um dançarino, a um condenado que teria podido matá-lo de um só golpe, como o fizera em tantas outras ocasiões, e que o

matou mais devagar mas com maior proveito, fazendo que o visconde lhe desse nos dois últimos meses, através de chantagens sucessivas, os seiscentos mil francos que constituíam o resto de sua fortuna. Então Jean compreendeu a obstinação do visconde em amaldiçoar os jovens, como um velho, que suportou mulheres a vida toda, manda para o inferno uma geração que tanto amou, e na qual não achou, entre tantas experiências, mais que tratantes e cruéis. Compreendeu também, e sentiu um rubor de indignação queimar-lhe o rosto, a reserva da sra. de Lomperolles para com ele, como com todos os jovens, esse olhar onde à desconfiança do inimigo se mesclava uma timidez melancólica em face do vencedor que o despojara de seus direitos e a cada dia, segundo o sr. de Lomperolles, se tornava mais poderoso. Henri contou a Jean de que modo, tanto o instinto da imitação social é mais forte que nossas loucuras individuais, esse dissidente do amor da mulher tomara emprestado ao amor da mulher não só a sua linguagem, de que tantas cartas descobertas davam seu testamento lírico, mas até os ritos e os costumes mais especiais, presentes de joias e de roupas, ceias, idas ao teatro e passeios pelo campo, viagens que imitavam viagens de núpcias, nomes gravados a faca na casca dos pinheiros da Floresta Negra ou nas laranjeiras de Messina.

— Mas por que dizia ele com real indignação, falando de muito rapaz: Que horror, é uma verdadeira mulher? — É claro — respondeu Henri. — Tinham-no iludido quanto à qualidade da mercadoria. Ser uma mulher, que censura mais grave podia ele lançar a um rapaz?

* * *

A sra. de Closeterres entrou. Após a morte do sr. de Serves, acabrunhada pela dor, ela ficara alguns anos sem sair, e depois se restabelecera aos poucos e agora vivia perfeitamente bem com o sr. de Closeterres. Este, ao invés de demonstrar a permanente violência que fazia com que admirassem a doçura da mulher para com ele, era ao contrário delicado e conciliador com ela, de maneira que se podia indagar se seu humor de antigamente, que parecia o

efeito permanente de seu caráter e de sua saúde, não fora o resultado de uma situação efêmera que não lhe sobrevivera. Pois é difícil saber, do caráter dos outros, o que nunca mudará e o que é produto de hábitos que não conhecemos. Conversamos sem o saber com alguém que tomou morfina há uma hora, ou que vai matar-se à noite. E, no entanto, mal reparamos que um e outro estavam distraídos. Mas, se mudanças profundas se operam nos hábitos e na existência dos homens, mudanças não menos profundas se produzem em sua saúde. Certo homem elegante e que estava melhor há alguns anos morre violentamente por volta dos trinta, e a doença de estômago de outro, que ia piorando e podia levar a uma crise fatal, cede ao redor dos trinta anos e o deixa viver feliz e risonho o resto de sua mocidade, que se assemelha a esses fins de dia admiráveis quando, pela manhã, podia-se apostar que ia chover. Talvez a morte do sr. de Serves não fosse a causa da mudança de tratamento do sr. de Closeterres em relação à mulher, e sim a melhoria de sua saúde, já que a doença dos nervos cedera, ao menos na aparência, sem ser substituída por nenhuma outra moléstia.

— Venho lhe dar uma grande notícia — disse a sra. de Closeterres à sra. de Réveillon. — Marianne vai se casar? — perguntou a duquesa. — Sim — respondeu a sra. de Closeterres —, casa-se com Henri de Serves, eles se amam há dez anos. — Era verdade. Nos longos anos da ligação do sr. de Serves com a sra. de Closeterres, eles se viam todos os dias. A sra. de Closeterres gostaria de arrumar um casamento rico para a filha, mas as crianças se amam e ambos tinham um temperamento esquivo e só amavam um ao outro.

A sra. de Closeterres, atingida por uma moléstia violenta, morreu pouco antes do noivado, e o marido, que a amara perdidamente, seguiu-a pouco depois. Mas os jovens se casaram. Talvez mais grave e mais terna, Marianne parecia-se à mãe, se bem que a duquesa de Réveillon dissesse repetidas vezes a Jean: — Se visse a mãe dela na sua idade, era bem mais bonita. — E Henri de Serves parecia-se ao pai, embora não tivesse esse gosto violento pelo prazer, essa fraqueza por todas as elegâncias que num mundo

frívolo distinguira o sr. de Serves aos olhos da sra. de Closeterres como numa outra sociedade distingue, para a filha de um professor, o jovem que tira o primeiro lugar na formatura.

O amor deles tinha alguma coisa de singular, pois dava a impressão de ser mais velho do que eles. Pareciam não conhecê-lo por completo, impressão que de resto já dão os que se amam muito jovens e que, assim, aparentam possuir um destino acima de sua idade. O seu amor possuía também alguma coisa de triste, pois colhia, no passado que ele recordava, a sua melancolia e a advertência de que deveria passar igualmente. No sorriso triste de sua mãe, que Marianne via numa fotografia adorada que conservava no quarto, é claro que não saberia nunca o que havia para outro que não ela, que se assemelhava ao seu Henri. Ela parecia conhecer, por antecipação, as alegrias e as dores de sua filha sem ousar confessar-lhe seu segredo, lamentando não poder consolar-se ao contemplá-los. Pois tinha ido dormir nessa cidadezinha que domina a grande cidade mas que, ainda assim, é menor que ela, a cidade desses mortos que, apesar de tudo, possuem menos espaço, que no entanto só têm um dia em nosso ano, e onde faz tanto frio que lá nunca ficamos muito tempo. De nós, só deixamos o que pôde adquirir vida nos outros. A sra. de Closeterres, adorada por sua filha, depois aos poucos esquecida, só deixara de si esse sorriso que a sra. de Réveillon reencontrava no rosto de Marianne e que a fazia dizer: — Como você é parecida com sua mãe —, e esse amor ao rapaz louro, quase ruivo, de traços delicados, e uma seriedade que ela mesma não tivera e que nascera talvez de suas mágoas.

Marianne agradava a Jean, que gostaria de vê-la de vez em quando. Mas ela quase nunca ia à casa dos Réveillon. — Eu era muito ligada à sua mãe — dizia a duquesa —, pois minha mãe fora amiga de infância da sua, a avó de Marianne. Não a conheci muito, mas ela era encantadora. Nunca se soube se ela morreu do desgosto de saber que sua filha era a amante do sr. de Serves. Blanche lhe dizia que não era verdade e a mãe lhe jurava que não podia acreditar. E era mesmo bem difícil de crer. Havia momentos em que Blanche sentia vontade de confessar. Aliás, para mim a mãe

tinha adivinhado e morreu por causa disso. Como lhe disse, fiquei muito ligada a Blanche, embora não fôssemos do mesmo tipo, como você deve imaginar. Mas trata-se de velhas relações de família que vão se afrouxando. Sua filha só me manda cartões de visita, parece que não gosta da sociedade, você percebe bem que não serei eu a ir procurá-la. Convidei-a para o casamento de Henri, ela não veio, seus filhos e os filhos de Henri não se conhecerão. As amizades se perdem com as gerações e até apenas numa vida. Asseguro-lhe: quando estou arrumando cartas, se encontro algumas de amigos que hoje me tratam de tu, e antes me chamavam “Senhorita”, também encontro cartas apaixonadas de amigas que não reconheceria e até cartas muito frequentes de amigas com quem me dou muito bem mas que, tais cartas me lembram, me viam várias vezes por dia e que hoje vejo duas vezes por ano. — Apesar disso, a duquesa mandou um presente a Marianne pelo seu casamento. E eles foram passar a lua de mel naquela Bretanha que a sra. de Closeterres tanto amara.

Infelizmente, somos obrigados a deixar inacabadas nossas obras, mas nossas ideias são retomadas pelos que nos seguem, e quando nossos olhos se fecharem para sempre, os velhos reconhecem nosso olhar no olhar de nossos filhos, que não nos conheceram e que conservam nossa lembrança em seus traços, ou talvez em seus corações.

* * *

— Achei Perrotin bem abatido — disse a duquesa a seu marido. — Não está mais alegre como antes. — Ora, ele está envelhecendo, como todo mundo — retrucou o duque. — Não ficaria espantada se estivesse doente — comentou a duquesa. — Achei-o com ar preocupado. Sabes que ele deve ter pelo menos sessenta e sete? — Oh, isso é que é espantoso! — Julgava que era homem de seus cinquenta anos — disse Jean.

Com seu aspecto chique e sua expressão vulgar, o talhe esguio e a tez cor de tabaco, Perrotin era de uma feição a um tempo elegante e vil, semelhante a um toco de charuto caro. Diziam que ele, embora

fosse sempre tão elegante, tão tagarela, levasse a mesma vida, passava à uma hora da manhã, de casaca, todas as noites no mesmo endereço, dirigindo-se ao círculo, unicamente um pouco mais pálido e com o nariz um pouco mais vermelho (pois nosso rosto quase não muda: um tico de pó de arroz e quase não se nota, visto que nosso rosto é o nosso eu, e em suma somos sempre reconhecidos), dizia-se que ele estava com câncer. E isso quase assombrava Jean, conferindo a Perrotin uma espécie de profundidade de que não o julgaria possuidor, como se ele lhe tivesse desvendado uma vida interior. Parecia que à noite não podia fechar os olhos e sua alegria diurna não era mais absoluta, alimentava inquietações. Não era possível imaginar que esse homem, para quem um enterro era uma coisa tão exterior, e estava, segundo ele, entre as ocupações enfadonhas que lhe enchiam agradavelmente a existência: “Amanhã de manhã, tenho de ir ao enterro de Fulano” —, seria ele próprio enterrado um dia.

VI. Os Monets do marquês de Réveillon

O palácio em que morava o marquês de Réveillon era uma grande construção moderna, contígua a jardins, e onde vários salões sucessivos tinham sido executados para realizar algumas de suas ideias de arte, e para responder às ocupações a que se entregava. Um era uma peça toda de madeira, como uma vasta caixa de charutos, e em cujas paredes de sicômoro estavam desenhados hieróglifos egípcios, e onde ele ia compor música. Dava para um salão Luís XVI, que, ao lado dessa sala vazia de madeira, sem móveis, onde tudo tinha seu motivo para estar em determinado ponto, numa fantasia toda intelectual, parecia pelo contrário mais acolhedor, com seus tapetes espessos, mais atulhada e confortável com suas numerosas poltronas de tecido claro, com suas tapeçarias, seus espelhos na parede. Aqui, ao contrário, a mobília correspondia às necessidades da vida e à tradição do passado. Era a imagem de um tempo em que havia agrado em ver diante de si a pintura de prazeres galantes, pela representação das quais tomamos gosto, ofertando-nos pela imaginação o ideal variado das épocas passadas.

Sem dúvida, era outro capricho da imaginação, igualmente bem moderna nesse ponto, do marquês, preso ao passado, que o fizera acumular nessa sala confortos apreciados sinceramente há duzentos anos e desprezados há trinta. Pois os objetos que foram amados por si mesmos antigamente são amados mais tarde como símbolos do passado e desviados de seu sentido primitivo, como na linguagem poética as palavras tomadas como imagens não são mais ouvidas em seu sentido primordial. Assim, sobre a mesa de dourados pés de cabra, um tinteiro não servia para escrever — não se escrevia nessa sala —, e sim para evocar o tempo em que essa vida luxuosa foi uma vida em família e onde esses anos já passados à história e à arte foram sinceramente vividos, foram os dias

irreparáveis e rápidos, alguns bem longos, daqueles que se distraíam com o motivo dessa tapeçaria que só serve para nos evocar o encanto dessa vida, e para quem esses retratos e esse busto, que se tornaram os retratos antigos de homens dos velhos tempos, serviam para lhes apresentar os traços amados de um pai ou de uma esposa adorada. E como eram retratos de avós, o marquês os conservava, como às vezes o filho ou o esposo de então, por orgulho. Mas o que era então o orgulho direto pelas ações notáveis, ou por uma posição de destaque na corte, não passava do encanto que o marquês, como artista romântico que era, descobria nessas evocações de um passado que acrescentava um tanto de poesia a seu nome.

Nessa peça, à noite, o marquês reunia frequentemente alguns amigos que escutavam, sentados em silêncio nas poltronas de tecido pálido, sob os retratos, as tapeçarias e os espelhos, quatro músicos a tocarem os quartetos de Beethoven, de Franck e de D'Indy preferidos do marquês, e que se retiravam cerca da meia-noite, deixando a assembleia conversar por um momento e se despedir. Pois, por mais que nos reunamos num salão de outrora, sentados em poltronas que mostram no estofado os ingênuos divertimentos dos olhos então abertos dos antigos, essas coisas não nos absorvem de todo e somos nós que as fazemos úteis à nossa vida. Forçamo-las, nos sessenta anos que temos de passar entre elas, a ouvir o que é a nossa vida verdadeira. O teatro, construído para ser palco de espetáculos, enche-se todos os domingos com tantas pessoas, para lhes oferecer, sem cenários, sem atores, sem movimentos, uma música inarticulada. E os estofados, que mostravam aos homens de antigamente aquilo que eles achavam com toda a sinceridade, sem artifício de imaginação, agradável e divertido, encontram o olhar de um homem sentado na poltrona estilo Luís XVI e que ouve o que aprecia desta vez com sinceridade e sem artifício de imaginação: um quarteto de César Franck.

Assim o marquês passava as horas em meio às recordações de horas mais antigas, e desfrutava seus prazeres por entre as imagens de prazeres que há muito já não eram desfrutados. E quando seus hóspedes, sentados nas poltronas, ouviam

silenciosamente os quatro músicos, parecia, por instantes, que era a vida do passado, a vida tal como fora, que lhe era dado viver; e, em outros momentos, esses jogos atuais da vida já pareciam jogos fúnebres a que se entregavam aqueles cujos olhos cedo brilharão somente num retrato que seria um retrato de antepassado, ou na memória do rapaz que ainda os conheceu, e que, vendo-os, cria ver já uma de suas lembranças, de tal modo as cenas da vida nos parecem sempre, no instante em que se desfazem em outras, como se já fossem cenas de nossa memória. É assim que se passa a vida, que as noites se sucedem às noites, e era assim mesmo a vida do marquês, a única vida que teria de viver e que assim se escoava.

* * *

Tendo chegado à entrada do palacete do marquês de Réveillon, Jean, que o acompanhara, ia despedir-se. Sentia-se nervoso, pensando que voltaria para casa, que era preciso não fazer barulho por temor de despertar os que estão dormindo, quando o marquês lhe disse: — Não quer entrar? Se não estiver com sono, vou lhe mostrar meus Monets, já que sempre quis vê-los. Terá todos os livros que quiser, vários salões à sua disposição, uma boa ceia e uma boa cama quando quiser ir deitar, onde poderá dormir até as duas horas sem que ninguém o acorde. — E, mal entraram, puseram-se a conversar. A voz do marquês era forte e eles falavam bem alto. E já essa sensação de falar alto em hora tão avançada da noite triunfava dessa repugnância que os que são nervosos experimentam ao voltar para casa à noite. O espectro do sono que não nos perturba com sua ausência a não ser quando sua busca é imposta não era atraído por essa necessidade de ir suavemente para não despertar os que dormem, prelúdio que nos conduzirá bem depressa à imobilidade absoluta em nosso leito, ao silencioso colóquio com o nervosismo. Sempre conversando, entraram no primeiro salão, onde o marquês ligou todos os interruptores elétricos para mostrar seus Monets.

Os diversos lugares da terra também são seres cuja personalidade é tão forte que alguns morrem ao se separarem, tão especial, em

todo caso, que muitos procuram todos os anos a aprovação da sociedade e conservam, na ausência, a lembrança de seu encanto. E cada um possui, sucessivamente, suas diversas expressões, de modo que quem gosta de um lugar gosta dos tempos diferentes e de todas as horas, pois sente que a vida de um lugar, por pouco animada que pareça, é muito mais variada do que julgamos.

Quando, mal nascido o sol, dorme o regato ainda envolto nos sonhos da cerração, não o vemos mais que ele a si mesmo. Aqui já é regato mas além a vista se interrompe, só se vê o nada, uma bruma que impede que se veja mais longe. Nesse ponto da tela, pintar não o que se vê, já que não se vê nada, nem o que não se vê, já que não se deve pintar o que não se vê, mas pintar *de modo que não se veja*, que a fragilidade do olho que não pode devassar o nevoeiro seja transposta para a tela como sobre o regato, é muito lindo. E quando se trata de uma catedral, também é lindo, pois a portada que não se vê é uma coisa muito bonita, mas é algo que vive na natureza. E certas horas da vida são belas por não serem vistas, por serem visitadas pela cerração de maneira que ninguém se possa aproximar. Não sabíamos tudo o que existe de real e de variado na vida do lugar que amamos, mesmo na hora em que ele não é absolutamente único nem totalmente negativo, visto que o encanto disso pode ser restituído. Sabíamos perfeitamente que esse lugar é belo no outono, numa espécie de transfiguração, mas não o amaríamos ainda mais se o não tivéssemos tido num determinado momento do ano como um espetáculo, se tivéssemos amado todas as horas de sua vida porque elas manifestam sua vida, sua vida onde o verão torna tão quentes as ardósias do telhado da igreja e borda o caminho bem conhecido de tantas papoulas em flor e de feixes de feno atados, se num dia de degelo, em vez de irmos embora como se houvesse um inimigo estranho no lugar, o qual passasse sobre ele sem tocá-lo, tivéssemos visto o sol, o azul do céu, o gelo partido, a lama, a água ondulante fazer do regato um espelho faiscante que o olho não pode fixar e onde ele não pode reconhecer-se, não percebendo a forma de coisa alguma, ao passo que as árvores despidas e brilhantes de geada aí se acham, rodeando uma clareira ou ladeando cursos d'água, não se sabe.

VII. Manhã de Jean com sua mãe

Tendo o ministro dos Negócios Estrangeiros ido fazer uma visita ao seu colega belga, levava consigo o conselheiro de Estado, diretor dos Negócios Estrangeiros, sr. Santeuil. À noite, Jean foi jantar fora com a mãe, trouxe-a de volta cerca das dez horas, e depois esteve uma hora em casa dos Réveillon. Retornou com tristeza perto da meia-noite. — Qual é a sua idade, Jean? — perguntara-lhe a duquesa em meio à festa. — Vinte e dois anos. — Ele não cessara mais de pensar com irritação, com desespero, no tempo inteiramente perdido durante os quatro anos que se seguiram à sua saída do colégio, dos quais era, diminuída, a sombria e estéril imagem cada um de seus dias vazios e sem fruto. Esses anos que, do colégio, lhe pareciam tão belos, na embriaguez da felicidade e do labor desejados, sobretudo da liberdade, eis o que deles fizera, e não sentia coisa alguma em si para melhor preenchê-los. A vida só é bela de longe. No fundo ela não nos reserva mais do que o tédio de um dia de aula. Passando por ele de maneira medíocre, vivemos a vida por antecipação: como por um estreito retalho de tecido é possível imaginar o tecido inteiro, já que não passa da repetição dos mesmos fios e pelos entrecruzados da mesma forma.

Jean entrou em silêncio para não acordar a mãe, leu por um instante sem se desfazer de sua tristeza e foi se deitar. Pousando o castiçal na mesa de leitura que ficava próxima ao leito, encontrou um papelzinho que lhe dizia com a escrita suave e refletida de sua mãe: “Meu querido, entra para me dar boa-noite; não tem medo de me acordar, sabes como torno a adormecer com facilidade. Dize o que queres comer amanhã no almoço.” Jean largou o bilhete e sorriu, alegre. A sra. Santeuil nunca havia permitido que Jean entrasse em seu quarto à noite, com medo de despertar o marido. Nunca, atenta unicamente às preferências do marido, consultara o filho sobre o cardápio das refeições. Mas, como o marido estivesse

ausente, e não dando importância ao sono e à gula, dedicava-se toda ao filho. Jean entreabriu a porta do quarto de dormir da mãe e percebeu-lhe o belo perfil grave, os cabelos desfeitos, os olhos fechados, o nariz a respirar, a boca sossegada, fechada como uma boca de criança, dormindo sobre o travesseiro. Descalçando as botinas para não acordá-la, andou suavemente até a cama, depositou um beijo no lençol fino que a cobria até o queixo, inflado por seus braços, e depois, vendo que ela não despertava, beijou-lhe os cabelos. Então viu-a esboçar um movimento, murmurando algumas palavras indistintas, e recuou assustado. E logo ouviu-a retomar a respiração dormente e calma, em intervalos iguais. Estava com sede. Tranquilizado, quase desiludido, foi até a copa em busca de cerveja, e encontrou esta ordem ao criado de quarto: “Julien, não sairei amanhã de manhã, nem nas próximas manhãs, enquanto o patrão não tiver voltado. Acorde-me logo que o sr. Jean se levantar. Não acenda o fogo na minha saleta, estarei no quarto do sr. Jean até a hora do almoço. O sr. Jean dirá a que horas deseja almoçar.” Jean não estava mais triste nem tinha medo de dormir. Sentia a mãe junto a si enquanto dormisse. Chegando à janela aberta da copa, viu que o tempo clareara e ficara mais agradável. Havia muitas estrelas no céu e, espalhada no peitoril da janela que ela empalidecia, a luz doce da lua escondida pelas casas. Os dois bilhetinhos escritos pelo punho da mãe, seu sono tranquilo contemplado e que lhe era permitido interromper, essas fiéis veladoras, as estrelas, que continuariam a brilhar até a manhã e essa presença da lua invisível que também haveria de velar enquanto dormisse, encantavam a noite, adoçavam, para Jean, o isolamento, o sono que temia. Deitou-se com uma alegria silenciosa e profunda, e adormeceu como, quando criancinha, adormecia na véspera do Ano-Novo, na esperança extasiada de seu despertar e da manhã que viria.

E ela, a manhã, foi doce de fato! A mãe, que todos os dias saía com o pai, desde que ele tocou a campainha ao despertar apareceu toda preparada, os cabelos penteados, o rosto fresco, num vestido matinal. — Não sabia se querias sair ou ficar em casa. Por isso é que me aprontei para o que quisesses. — Mas Jean gostava de ficar deitado até tarde. A mãe ficou sentada junto dele, levantando-se

apenas para apressar a cozinheira que não trazia o café com a necessária presteza, o criado de quarto que não acendia logo o fogo. Jean contou-lhe a noitada da véspera. Gracejaram juntos sobre os tipos, rindo das mesmas coisas, Jean sentindo que sua maneira de ver, e de julgar, herdara-a da mãe, sobrevivendo a ela, com maior prazer ainda que o tivera ao sentir a aprovação dela. A todo instante fazia-a levantar-se da cadeira e ir até a cama para beijá-la. Ela zombava um pouco dessa sensibilidade exagerada, mas com tanta amabilidade que essa doce alegria exaltava ainda sua ternura ao invés de feri-la. Depois ela se sentava de novo e eles continuavam sua troca de opiniões semelhantes a respeito das pessoas, suas aventuras amorosas, seus ridículos, sua inteligência, sua bondade. Viam as razões de tudo com uma finura idêntica e diversa, divertindo-se um com os achados que havia feito mais especialmente no outro, misturando infantilidade e profundidade, os prazeres da sagacidade, da malevolência e da afeição, a admiração e a ternura, o diálogo, o riso e os beijos. E, por instantes, Jean ficava tão contente que rolava na cama, encolhendo a cabeça entre os ombros. Depois perguntou à mãe se ela se incomodaria de que lhe lesse alguma coisa. Ela respondeu que pelo contrário: isso me interessa muito. Leu-lhe em voz alta algumas páginas de Michelet, prolongando na leitura a sua satisfação, suas objeções, sua personalidade, expandindo-se com felicidade e desfrutando igualmente o prazer de ler bem.

Foi ela quem leu enquanto ele se vestia. Depois foram caminhar durante uma hora, ao sol da manhã, ao longo dos poucos carros, nos Champs-Élysées. Não andavam depressa, mas o ar era tão suave que Jean imediatamente sentiu muito calor. O céu, como o chão, estava pálido de sol. Voltaram pelas ruas limpas e vazias, e acharam pronto o almoço que Jean encomendara e que comeram com delícia, Jean sentado como dono da casa em frente à mãe; entre eles um buquê de campainhas brancas que tinham trazido e posto num jarro com água, que o sol, entrando pela janela, vinha oscular num riso. O céu estava tão pálido quanto há pouco a alameda dos Champs-Élysées banhada pelo sol. Em tudo havia um encanto de convalescença, e foi também com o regozijo bem novo

de um convalescente que encomendou a seu gosto a primeira refeição que Jean almoçava nesse dia. Falava com a mãe a respeito do pai, do avô, sentindo um prazer profundo em admirá-los com ela, em senti-los tão diferentes dele, e também tão parecidos, em descer até o fundo de suas personalidades, sem constrangimento, através de seus defeitos ou ridículos amados e ternos, e em redescobri-lhes as qualidades conhecidas e preciosas. Sentia-se bom e inteligente, sentia na inteligência e na bondade da mãe a confirmação e sobretudo a filiação, a paternidade de sua bondade e de sua inteligência. E, comparando esse dia feliz com a sua infância prisioneira e que da família só conhecia a escravidão, sentiu a um tempo a doçura de estar liberto dela e de se submeter novamente a ela, mas com liberdade, como à ternura de um irmão, e aos méritos e aos defeitos de um autor preferido e semelhante a nós.

Sua mãe foi se preparar para ir fazer compras, enquanto ele ia sair com amigos. Bateu-lhe à porta para lhe dar adeus. — Tens exatamente a maneira de bater de teu pai — disse ela. — É incrível. Se não estivesse fora, teria pensado que era ele. — Jean estava feliz por se sentir desse modo ligado ao pai, orgulhoso de ver que era mais do que um pobre menino solitário e que algo mais antigo que ele existia dentro de si, que ele próprio existia fora de si. Era dia de eleições. — Em quem votas? — perguntou-lhe a mãe. — Em Denys Cochin. E papai? — Teu pai não pode votar, não estando aqui. Teria votado em Passy. [\[54\]](#) — Muito bem, votarei em Passy, pois sou seu filho antes de ser eu mesmo. — Nunca votou com tanta satisfação. Atribuindo, dessa maneira, mais importância ao pai do que a si mesmo, aumentava a seu ver a própria importância. Não votava mais como um indivíduo isolado e sim como o mandatário de uma família que tinha a honra de representar. Voltou alegre da prefeitura, desfrutando a mesma alegria ativa e comovida por esse ato de humildade como no dia em que pela primeira vez fora a uma recepção diplomática com o pai, e onde este o apresentara com orgulho aos colegas e onde sentira uma emoção tranquila, a emoção contida que dá a todo conservador o sentimento da solidariedade e da tradição, em atribuir não a seus méritos pessoais a acolhida solícita que lhe faziam as pessoas a quem era

apresentado, mas sim àquele que era filho de seu pai, que o julgava digno de apresentá-lo como filho.

VIII. Noite de inverno em Paris

A impressão alegre das ceias e serões reanimou-se naquela noite em Paris. Porquanto, tendo-se erguido uma cerração impenetrável, todos os candeeiros tiveram de ficar bem iluminados; a poucos passos um bico de gás era tão imperceptível que parecia estar a ponto de se apagar e logo após caíra a noite, a noite que dessa vez reinava tão profundamente no coração da cidade como nos campos ou em plena floresta. Assim, aqueles que não conheciam bem o caminho acabavam se perdendo. Uns, julgando chegar à Ponte da Concorde, contornavam pela décima vez a praça dos Invalides, e, nos Champs-Élysées, um fiacre, pensando descer para a avenida, entrara num maciço de árvores de onde não podia mais sair. Para penetrar na escuridão a mais de um passo, era necessário contar com a grande claridade dos cafés da rua Royale. Diante deles, a cerração, irisada com as cores suaves da claridade que a penetrava, parecia desse modo acolher-nos na soleira com um sorriso, como os criados de uma casa que no vestíbulo já refletem, na sua acolhida, a alegria que o patrão terá em nos receber. Cada um entrava com alegria tanto maior quanto tivera dificuldade de chegar, e talvez com medo de estar perdido. Assim, as lamúrias a respeito do tempo que cada recém-chegado fazia ao dono da casa, que, não ousando molhar-se nem abandonar seus clientes, mas interessado na chegada mais ou menos cômica de cada lado, permanecia no limiar, essas lamúrias que cada recém-chegado fazia eram pronunciadas e ouvidas com um ar excepcionalmente festivo. Que tempo incrível!, diziam ao entrar. Faz um frio lá fora!, acrescentavam desembaraçando-se do sobretudo na doce umidade da sala. Não se via nada a dois passos!, continuavam, os olhos piscando à viva luz do café. E nenhum ruído, era um silêncio!, concluíam, os ouvidos prazerosamente despertos do entorpecimento trazido pelo silêncio com a conversa jovial que se

travava em todas as mesas e onde os rapazes, no momento da chegada, tinham seu lugar, pois os acontecimentos extraordinários aproximam as distâncias e teria sido pouco natural que dois seres humanos, quer se tratasse de um freguês elegante e um garçom habitualmente mudo, não trocassem algumas palavras sobre esse espantoso cataclisma físico, que o cliente autorizasse logo as perguntas, às quais aliás ardia por responder, dizendo: — Ah, venho da praça da Concorde, digo-lhe que não era fácil encontrar o caminho. — Por certo que não — dizia o garçom —, temos um cliente que vinha da praça da République, e seu cocheiro se perdeu três vezes. — Se fosse só se perder — dizia o senhor —, mas é que a gente não se encontra mais. — Sim, isso é que é o diabo — dizia o garçom. Depois, como após os mais singulares acontecimentos a vida retoma o seu curso, o freguês pedia uma refeição e o garçom ia buscá-la. E enquanto ele esperava devorando com os olhos os que iam chegando, com os quais estava morto por falar como se tivessem sido companheiros de viagem, passava o dono da casa. — O senhor pediu alguma coisa? — Sim, um grogue. — Ah, sim, é bom qualquer coisa quente com esse tempo. — O freguês recaía em seu silêncio, mas o olho a um tempo vivo e indeciso, que fixava a seu redor, brilhava no meio do silêncio que as conveniências o obrigavam a manter como as cintilações dos fuzis bem carregados e prontos para disparar. Só um cavalheiro, agastado com a familiaridade dos garçons, pediu sua refeição em tom seco e respondeu grosseiramente quando lhe perguntaram se queria tirar o casaco de peliça. Foi-se ao cabo de alguns momentos sem ter sofrido absolutamente a influência da cordialidade generalizada, tendo feito questão de mostrar que não era como todos. Logo, tendo todos se aquecido, ninguém mais conservava o casaco de peles às costas nem o chapéu na cabeça. Puseram-se a beber e a brincar, conversando sempre com bastante alegria, como se vê nos acantonamentos de tropas e, em geral, em toda a parte onde à inquietude e ao desconforto sucedem o bem-estar e a despreocupação.

* * *

O sr. Santeuil, que era muito estimado nesse café, embora não conhecesse nenhum dos nobres que o frequentavam, porque desempenhava um alto cargo na administração e outrora havia ajudado o proprietário com o seu próprio dinheiro, conversou por um momento com o garçom, fez uma refeição e saiu. Estava triste porque pensava em Jean. Entrando em casa, sentou-se por um instante no vestibulo para tirar a capa de borracha. Despertado pelo ruído, o grande cão que dormia sobre a coberta voltou a cabeça e o olhou por um instante fixamente, com seus olhos que têm no olhar toda a majestade do sono sobre o qual as pálpebras acabam de se erguer, todo o esquecimento que o despertar acaba de descerrar, que aparece e se torna grave. Sem dúvida nos aconteceu já atravessar de noite o quarto de um neném que dorme e que foi despertado pela luz. Ele não se mexeu e julgamos que não acordou. Mas percebemos que ele nos vê com seus grandes olhos abertos. Talvez até, se nos aproximarmos, espantado, feliz, sentindo nossa calma, ele sorria e, se o beijarmos, ele nos beije. Mas não sabe que horas são e por que estamos ali; ouvimos um leve rumor: ele dormiu de novo e nunca mais se lembrará de que entramos; sorriu-nos como sorri uma pessoa adormecida, olhou-nos quase sem nos ver, em todo o caso sem pensar, e voltou a dormir. E, sem despertá-lo, beijamos o seu rostinho que, de olhos fechados, a boca deixando passar a respiração, está ocupado com essa grande coisa misteriosa que é dormir. Porquanto as crianças pequenas, bem como o cão que há pouco olhou o sr. Santeuil antes de adormecer novamente, fazem com seu corpinho coisas graves como dormir e morrer. E a criancinha que foi despertada, por se ver assim na cama e por ver aquela luz, ri, pois não tem noção da grande coisa que fazia dormindo. Esse sorriso é o verdadeiro sorriso da inocência. Depois voltou a adormecer.

O sr. Santeuil entrou em seu quarto. A tristeza, o frio, o cansaço tinham-no esgotado. Despiu-se tiritando, meteu-se na cama, sentiu com os pés a botija com água fervendo, ajeitou-a nos pés e deixou cair as cobertas sobre o peito. Tinha muita vontade de chorar, mas não se pode dizer que tivesse no momento alguma dolorosa mágoa.

Sentia que na cama nenhum aborrecimento, nenhum esforço penoso de fazer viria atormentá-lo até a manhã seguinte. Atirara na cama seus membros como ferramentas incômodas e no entanto estimadas que não mais tivesse de carregar, e respirava com força sentindo-se aliviado de suas pernas, há pouco ainda tão lassas, tão frias, e que jaziam diante dele ao calor, sentindo a botija fervendo no seu flanco que, como um balão esvaziado, inchava e se distendia a seu lado. Por instantes, com um ligeiro movimento, ele as agarrava de novo a fim de apoiar melhor o flanco de encontro ao colchão, de maneira a não ter mais coisa alguma a sustentar, e que a ilharga inteira, tendo cavado ali um abrigo perfeito, pudesse amoldar-se a ele com exatidão, e deixar levar pelo bom colchão todas as suas partes flutuantes, ou para aproximar dos pés a botija fervendo. Tinha vontade de chorar e isso ainda lhe dava frio, mas um frio que não era nada insuportável nesse bom calor; e afinal se sentiria talvez melhor com frio, sobre uma esteira dura, porquanto esse aniquilamento que acompanha a ausência de toda esperança talvez seja mais completo longe de todo bem-estar físico. E a amargura que existe em sentir-se alguém enregelado enquanto chora, em retesar-se, em perceber sua fraqueza, encarregando-se de todo esse prazer que está ligado à vida humana, que não nos abandona enquanto vivemos, que se refugia no frêmito, na dor, no desespero, é um prazer que somos bem doidos em ir buscar tão distante, já que está sempre conosco, entre nós e o nosso leito, entre nós e a terra dura, entre nós e as nossas lágrimas, e que circunstância alguma nos pode conceder em maior número. Depois, para impor o selo sobre o esquecimento que principiava a tomar conta dele, o sr. Santeuil apagou com um sopro a pequena pirâmide amarela que formava a chama de sua vela. Ela se esvaneceu e a noite se fez. Então o sr. Santeuil, sentindo nesse instante em sua vida tão pouca coisa que não teria temido a morte, adormeceu, ou seja, foi se entregar a esses pensamentos tão pungentes mas cuja recordação nos é defesa, a toda essa parte de nossa vida na qual nunca voltaremos a pensar, que não comanda nossos atos, que é esquecida, mas onde entretanto não deixamos de viajar em imaginação e que nos modifica como a outra, como tudo onde se

misturam o prazer ou a dor, e pensamentos. E assim como em viagem acordamos em região bem diversa daquela em que adormecemos, assim também o nosso pensamento está em local bem diferente, quando despertamos, do que aquele em que adormecemos e muitas vezes o que adormeceu à luz do dia, em que todas as coisas pareciam lindas, acorda num dia triste em que tudo é difícil, onde o espírito mal parece existir. Ele se lembra de coisas que disse a si mesmo que tinha de fazer, antes de dormir, e que na hora pareciam tão fáceis. Viajou tanto desde então, durante essa noite, que tudo mudou muito nele e essas mesmas coisas lhe parecem impossíveis. Está cansado, está zangado, e é preciso uma boa-nova, ou a quentura do café que lhe trazem para lhe despertar o gosto da vida, bem distante da qual, sem dúvida, espíritos desaparecidos o arrastaram nessa noite.

IX. Retrato de um escritor

Naquele ano Le Gandare expôs no Champ-de-Mars um retrato de Jean Santeuil. Os antigos companheiros do Henri-IV com certeza não teriam reconhecido o colegial indisciplinado — sempre mal vestido, despenteado, cheio de manchas, o aspecto febril ou abatido, o gesto mais expressivo do que nobre, olhar exaltado se estivesse sozinho, tímido e envergonhado diante de todos, sempre pálido, os olhos cansados, pisados pela agitação, pela insônia ou pela febre, nariz proeminente nas faces cavadas de grandes olhos pensadores, que, só eles, vertiam alguma beleza com sua luz e seu tormento sobre esse rosto irregular e doentio — no brilhante rapaz que parecia ainda estar posando diante de toda Paris, sem timidez e sem bravata, olhando-a com seus olhos compridos e claros como uma amêndoa fresca, olhos capazes de conter pensamentos, nesse momento ausentes, como um poço profundo mas vazio, as faces cheias e de um rosado meio branco que por um nada enrubescia até as orelhas, acariciadas pelos últimos cachos de uma cabeleira negra e suave, brilhante e retorcida, em anéis, descendo em ondas como ao sair da água. Uma rosa cortada na botoeira de seu casaco de cheviote verde, uma gravata de leve tecido indiano que imitava os ocelos do pavão, vinham testemunhar, na realidade de sua fisionomia luminosa e suave como uma manhã de primavera, de sua beleza não pensadora e sim, talvez, docemente pensativa, a doçura feliz de sua vida.

E, no entanto, o sr. e a sra. Santeuil, que antes haviam encorajado Jean a frequentar a sociedade, que logo se sentiram lisonjeados com o prestígio que o filho soubera conquistar, estavam aborrecidos por verem que Jean não estudava mais, nem lia, nem pensava e até mesmo, pelo menos há alguns meses, não sentia remorso nem vergonha. — É um rapaz que poderia ter feito o que quisesse, e que nunca fará nada — dizia o sr. Sandré à sua filha.

O sr. Santeuil, cuja negligência vigorosa se esgotava com a idade, já que a saúde não era tão boa, e em consequência de uma aposentadoria que não demorava, com suas ocupações menos numerosas, ficava também meditando à noite, enquanto o filho estava no baile, e perguntava-se às vezes se, depois de sua morte, sua fortuna, a reputação honrada de seu nome burguês, longe de serem ampliadas por seu filho, não entrariam em decadência. — Eu tinha muitas razões para me preocupar — repetia o sr. Sandré —; aliás, vocês não me davam ouvidos. — Infelizmente, agora sei qual é o obstáculo — dizia o sr. Santeuil, a quem, a essa nova guinada, o destino do filho aparecia de maneira bem diferente. — É a levandade, a frivolidade, o gosto pela vida social. Saberemos protegê-lo disso? E Deus me dará tempo suficiente junto a ele para impedi-lo de se entregar de todo, a cabeça perdida? Ai de mim, eu preferiria amor, preferiria sua má saúde, preferiria a poesia. — Não — disse o sr. Sandré —, eu não preferiria a poesia. Um janota é talvez mais nulo ainda do que um boêmio. Mas é menos desabonador para a família. Tenho vergonha de ver seu nome sair nesses jornais infames, nas colunas sociais, mas ainda prefiro isso a lê-lo ao pé de um artigo.

* * *

O duque de Réveillon pedira a Jean que fosse visitar, em seu nome, o sr. Silvain Bastelle, o célebre escritor, membro da Academia Francesa. Morava numa bela vivenda na rua de Berri, e enquanto iam avisar Bastelle, Jean esperou num grande salão. Uma ocasião, o criado veio trazer lenha para a lareira, e havia ainda convites sobre a mesa do duque d'Aumale, do duque de Broglie, de uma Rothschild. Ouvia-se no pátio o barulho de um cupê que estava sendo lavado. Pois ao homem a quem se considera feliz, tudo o que pôde invejar dos outros chega-lhe pouco a pouco às mãos. E agora Bastelle pertencia à Academia, era rico e gozava de uma boa posição na sociedade. E possuía o belo salão onde Jean esperava; para sair, dispunha do cupê que estava no pátio, e ele jantava nas casas indicadas nesses cartões de visita. Mas à medida que se

destacava de algum modo sob a forma dessas belas tapeçarias, dessa ampla sala, desse bairro opulento, a felicidade não estava mais nele. herdara dos pais uma considerável fortuna que haviam acumulado para ele, mas estavam mortos, eles cuja companhia constante fora desde a sua infância misturada a seus sonhos de felicidade. Tinha a mesa posta em casa de pessoas, que, rapazinho, imaginara tão difíceis, mas essa miragem se desvanecera e ele ia jantar lá sem nenhum prazer. De cupê ou em vitória, podia ir dar passeios no Bois, mas perdera a boa saúde e o frescor das impressões que outrora, diante de um simples ramo de amendoeira visto num florista, faziam-no sonhar tanto. E as mais floridas aleias deixavam-no frio.

Cada vez mais o dever se apresentava a seus olhos como a obrigação de se consagrar às ideias que em certos dias lhe ocupavam o pensamento. Ou antes, não poderia dizer que se tratasse propriamente de ideias mas de certo encanto que achava em si mesmo, de certa espécie que ele tentava antes conservar do que aprofundar. Conservar até o momento em que, sentado num quarto onde ninguém o pudesse incomodar, era preciso então desvendar essa ideia que lhe surgira velada por uma imagem vaga, seja uma tarde quente num parque, com íris saindo de um lago na sombra, seja uma chuva fria caindo sobre a cidade, seja o frescor de um jardim de praça pública, frondoso e sombrio, numa cidade beijada pelo verão. Enroladas, por assim dizer, nessa imagem, é que ele trazia as ideias, como um jovem pescador traz ao sol, sem que ele sofra por isso, debaixo de uma camada fresca de erva, a erva arrancada do fundo do poço onde foi capturado o peixe que acaba de pescar. Assim, sem conhecer ainda as suas ideias, conservava-as ocultas sob a imagem que tinha diante dos olhos, essa tarde quente e o sol iluminando as folhas dos lilases, tendo além disso apenas o sentimento de um grande poder de ir mais adiante, de expressar mil ideias. A isso chamava estar bem-disposto, e nesses dias preferia ficar sozinho, ter tempo à sua frente, papel e tinta. As diferentes ideias que então amava transcrever pareciam-lhe mais importantes que ele próprio, a ponto de sonhar com elas sem parar, e de não se achar disposto a coisa

alguma se deixassem de lhe frequentar o cérebro por alguns dias; e quando as tivesse escrito quase todas, não veria mais nenhum inconveniente sério em morrer e resignar-se-ia facilmente a isso. Mas a palavra *escrever* é insuficiente para sugerir o encanto da matéria preciosa em que as fazia correr.

* * *

O mal modificara-se para ele há poucos anos. Antigamente, aquilo de que fugia, o que censuraria em si caso cedesse, era o esnobismo, o prazer de se ver festejado em casa dos grandes e a preocupação com sua aparência. Pois essa preocupação dava a seu pensamento uma consistência algo endurecida, de onde as ideias, as imagens, essa espécie de alegria que o levava a um local onde pudesse trabalhar, não podiam mais sair. Mas aos poucos as deslumbrantes convivências e também o zelo por sua pessoa se lhe tornaram de tal modo habituais que deixaram de ser objeto de preocupação e excitação para ele. E exatamente como um simples casaco ao qual não se dá mais atenção, um belo porte dobrou-se ao meio na atitude pouco orgulhosa e usual do devaneio, e seguiu os gestos de abandono que lhe eram então familiares. É claro que o mesmo se dava com Byron e os escritores que estavam mais na moda, se, tendo saído para fazer uma visita, a vista de um lilás ou de qualquer ideia os incitasse à poesia. Pois enquanto se caminha ereto, a bengala erguida e o olhar impassível, a inspiração não pode circular, ela que tem necessidade de pousar num olhar fixo, de buscar seus recursos num pouso incerto, de andar em passos sinuosos ou bater asas alegremente com um sorriso radioso. O mal ficou em tudo que endurecia o espírito, nele fazendo flutuar nomes ilustres, palestras espirituosas, fatos materiais, fórmulas apreendidas ou desejos, movimentos, corridas, conversações. Ao passo que a preguiça, quando se deixa embalar ao encanto da hora, e que merece o nome de fecunda que Baudelaire lhe deu, voltava a entrar no lado bom, no que era preciso ir buscar. Assim, a sensualidade, por exemplo, era, se não o bem, pelo menos inofensiva e muitas vezes bastante fecunda, enquanto a frivolidade

e sobretudo a eloquência que, fazendo-nos procurar brilhar diante de um auditório, ultrapassa nossa atividade e deixa escapar esterilmente de nosso silêncio todas as potencialidades que aí teríamos encontrado se puséssemos mãos à obra, eram o verdadeiro mal. Além disso, o esnobismo tivera para ele o mesmo inconveniente outrora, o de pô-lo em estado de espírito próprio para conversar (mesmo quando a sós) em vez de simplesmente ouvir.

Uma vez diante do papel, escrevia sobre o que ainda não conhecia, o que o atraía sob a imagem em que se escondera (e que, fosse como fosse, não era um símbolo) e não o que, pelo raciocínio, lhe parecesse inteligente e belo. Pensamentos como esse, ele os deixava passar todos os dias, sentindo que não era aquilo que tinha de escrever, porquanto não eram acompanhados da alegria peculiar que para ele indicava o valor das ideias, como Descartes dizia que a evidência é o critério da verdade. Se a sua consciência o advertia de que o mal era tudo o que ressecava a inspiração (fosse apenas a eloquência), e que o bem era tudo o que o não enfraquecesse (mesmo que fosse a pior sensualidade), como se, predisposto pela natureza à conservação de algum deus que o habitasse nos pântanos de seu espírito e às suas margens, ele tivesse recebido, como uma instrução anterior a seu nascimento, o instinto de conservação desse deus, do mesmo modo como, facilitada para preencher essa instrução, recebera ao mesmo tempo uma sensibilidade viva em excesso e um egoísmo que o impedia de se dar de maneira que matasse toda inspiração, uma saúde frágil que o tornava mais sensível às influências e um vivo desejo de ter boa saúde, a simplicidade e o coração que se traduzem pela gentileza para com os mais humildes e o vivo sentimento de gratidão, e a desordem que dá ideia de ingratidão e orgulho. Os que o haviam conhecido poderiam de qualquer modo dizer, ao lê-lo: “É bem ele”, embora, para falar a verdade, ele não pudesse, ao escrever, falar de si mesmo, pois desde que o que escrevia tratasse de si acabava sua alegria, era advertido de que não escrevia mais que o que devia escrever.

Muitas vezes à hora em que Jean saía para longos passeios pela manhã, ele, envolto num comprido robe, ia se deitar até o meio-dia.

Pois os atrativos da vida são diferentes para os homens. Uns mergulham a alma no sono, no silêncio e na escuridão; mas outros gostam de sentir-se envolvidos, como por faixas brilhantes, pela claridade dourada do dia em que trabalham os operários e cantam os pássaros, colocando apenas entre eles e seu cérebro a espessura de suas cortinas. Estes não conhecem a viva alegria da manhã, mas os outros não sabem da doce sensação de pensar na noite, escrever na escuridão e de acordar quando o sol já está no meio do céu. Para alguns o prazer é rever à noite sempre as mesmas coisas e dormir no mesmo leito quente e doce. Mas os outros desejam que, para eles, o silêncio do sono nasça do estridor infernal do vagão sacudido nos engates e que o repouso venha da rapidez desenfreada que não é sequer sentida.

* * *

Não se poderia dizer que a vida do velho mestre fosse propriamente moral, mas ele não parecia preocupar-se e agir com uma espécie de impudor, e, por outro lado, não ligava a mínima para os outros e não se devotava de maneira nenhuma. E, no entanto, é claro que não fora sempre assim. Havia um tempo em que, cabecinha loura acariciada por pais a quem fazia às vezes chorar, seus vícios tinham sido para ele algo a que não cedia sem grandes lutas e que lhe davam prolongados remorsos. E nos momentos em que, fazendo coisas maquinais, pensava no que teria de fazer e sentindo vivo pesar, não era como agora às páginas que teria de escrever, à inspiração que precisaria encontrar novamente, que seus pensamentos se reportavam com desânimo, mas a outros atos dos quais, então, ainda esperava, apaixonadamente, poder abster-se. Quanto a seu talento, possuía-o sem sequer imaginá-lo ainda, e só bem raramente, solicitado por um colega para a tal revistinha de meninos, é que começava a escrever e de súbito, sentindo as ideias lhe chegarem em multidão, as palavras se afeiçoarem, se embelezarem, refletirem-se umas nas outras docilmente às suas mãos, experimentava um prazer que é de fato a única recompensa do homem de letras sem ter ideia de que aquilo devesse ser mais

tarde uma carreira, e ainda menos que esse dom estava nele como uma espécie de missão. E, mais anteriormente ainda, não se tratava sequer de seu talento, que então nunca havia sentido ou mesmo exercera, tratava-se dos vícios que, na inconsciência da infância, não eram objeto de remorso nem de resolução como o foram na juventude, mas afluíam como uma coisa que ele julgava perfeitamente natural. Por essa época, quando bebia vinho, deliciado, achava que isso era ter sede, estar sedento, ser guloso. E nos poetas antigos que explicava, prendia-se a estas palavras: “Saúde, ó vinho, presente de uma divindade, vinho, ó alegria e graça do homem” com uma espécie de paixão. E entre todas as coisas que os poetas cantavam e das quais ainda só conhecia aquilo, achava que era de fato uma das mais nobres e deliciosas. E, à mesa, dizia: “Oh sim, tenho fome; ah sim, estou contente por almoçar”, sem se dar conta de que, dizendo isso, tratava-se do vinho que ele fazia passar deliciadamente pela garganta, porque não definira ainda o objeto de seu prazer.

Mas a infância, quando se pratica o mal sem o conhecer, e a juventude, conflito de desejos e deveres, tempo em que os hábitos principiantes ainda não são conhecidos, a não ser como tendências, e estreitamente vinculados aos remorsos e às resoluções, tinham passado. Pouco a pouco o dom de poesia que nele havia tornara-se-lhe o centro de sua vida moral, e suas lutas de consciência tinham tomado outra forma. O bem era aquilo que favorecia a sua inspiração, o mal, o que a paralisava. O hábito de beber, conquanto não o pusesse doente e ele soubesse regulá-lo, e certa ociosidade sensual não impediam de forma alguma seus devaneios, a fecundidade de seu espírito. O raciocínio, a caridade, a solicitude exclusiva da política e a vaidade teriam sobre ele, ao contrário, uma influência nefasta. Assim, a arte o modelara aos poucos, fizera-o imoral à sua semelhança, preocupado exclusivamente com o pensamento e a beleza.

* * *

Pois as únicas coisas belas que um poeta pode encontrar estão dentro dele. Deem-lhe um momento de inspiração, isto é, façam que entre em comunhão consigo mesmo, e lhe darão a felicidade. Mas deem-lhe riquezas, honrarias, prazeres, não lhe darão nada porquanto farão com que saia ainda mais de si mesmo. Mas essa tomada de posse de si mesmo não é direta. É preciso que ele receba a si mesmo das mãos misteriosas que o detêm. Assim, mostrem-lhe uma pessoa bonita, uma pessoa inteligente — isto não quer dizer nada. Pode, porém, existir uma pessoa que, posta diante de seus olhos numa época recuada de sua vida, tenha conservado, só para ele, a impressão indelével. Talvez ao vê-la ele a descubra por completo, e essa presença lhe dará algo, pois lhe dará um pouco de si mesmo. Várias vezes por semana, quando Jean estava no regimento, e ia jantar em casa de seu capitão, e muitas vezes jantava-se ali com uma senhorita de cerca de trinta anos, bela e sorridente, e que devia a um talento magnífico para o canto e às suas relações aristocráticas a boa posição que desfrutava, apesar da pobreza, em Orléans. Sua cabeça parecia a de um busto, tanto pela regularidade das feições, pela perpétua malícia que cinzelava cada traço, salientava as faces, desenhava a boca, como pela generalidade bastante comum de sua fisionomia. Habituada aos cumprimentos, e tendo por temperamento o costume de acolhê-los com cepticismo (“É verdade? Pensa isso?” — gracejo de uma pessoa que é espirituosa, e modéstia da que é bem-educada, selo mundano numa palavra que a província imobilizara), ela redobrava em interrogações desse tipo, ditas em tom faceto que no fundo não passava de fatuidade. Só era engraçado parecer pôr em dúvida a sinceridade do cumprimento porque sua legitimidade era evidente. Assim é que nossa expressão habitual e nossa expressão em circunstâncias habituais revelam a essência do nosso caráter. O aspecto de um homem na rua é a imagem de sua atitude em face da vida. Ela se mascara sob um ar aturdido, uma atitude imperturbavelmente majestosa, um ar entediado que o sorriso iluminava por um momento mas que volta logo diante dos que passam.

X. Velhice dos pais

Agora, a cada ano o sr. Santeuil deixava mais uma das numerosas funções que tinham ocupado tanto a sua vida. Por um lado, aproximava-se a época da aposentadoria, por outro o seu suplente, que deveria ser seu sucessor, fazia grande parte do trabalho. Só ao ministério é que ele continuava a ir regularmente todos os dias. Essa relativa ociosidade, o debilitamento de sua saúde, a necessidade de repouso, sua fortuna, enfim, que dobrara com a morte de sua irmã e do sr. Lepic, foram os motivos que fizeram com que o sr. e a sra. Santeuil arrendassem uma pequena propriedade situada perto do castelo de Madrid e que dá para o lago do Bois de Boulogne. Todas as noites, Jean ia até lá para jantar com eles mas, primeiro por causa de Françoise e depois por Charlotte, voltava para dormir em Paris. O sr. e a sra. Santeuil tinham mudado muito desde o dia em que os vimos pela primeira vez no jardimzinho de Auteuil, sobre cujas ruínas se erguem atualmente três ou quatro casas de seis andares, várias das quais já estão alugadas. Pouco a pouco, o sr. Santeuil perdera a dureza irônica que se desfazia todos os dias com a juventude, as honrarias, os preconceitos orgulhosos, o positivismo irracional e soberbo que tinham sido as rudes e orgulhosas ilusões de sua vida. Como o fato era tudo para ele, depois de se haver espantado por muito tempo, acabara por admitir este fato: grandes sábios que tinham ideias religiosas, ministros que achavam esse título ridículo, funcionários de alta categoria e que teriam podido receber outros e que preferiam receber literatos e os tratavam com a máxima consideração. Pouco a pouco, apesar de todos os seus títulos, passou a preferir pessoas em cuja vida a admiração a um poeta, a conversa de um romancista, a ternura por um filho representavam mais do que a busca de honrarias e o próprio trabalho da profissão, aqueles a quem chamava de maníacos, e diante de quem se contentava em rir e dar de ombros

pois não sabia como falar com eles. Riso que irritava frequentemente, porque parecia oriundo de força brutal, e que mais tarde sensibilizou Jean muitas vezes à medida que o pai envelhecia, quando reconheceu que se tratava antes de fraqueza. Frequentes vezes, irritado ao ver o pai rir de uma coisa que ele, Jean, fazia e que o pai julgava insensata, queria passar adiante e percebia, pela palidez, o desgosto do pai. Sentia-se desarmado, censurava o ter-se enganado com aquele riso, a única arma que o pai opunha às loucuras, às novidades, a uma forma de compreender a vida que ele não compreendia. Uma arma pobre, que Jean com um movimento de cólera quebrava facilmente. E então, vendo o pai desarmado, fraco, arrependia-se amargamente de lhe ter quebrado a única e pequena arma, esse riso onde, no fundo, havia bondade, espanto sem orgulho, piedade pelo que lhe parecia uma loucura, sem que estivesse certo de que não era uma superioridade.

* * *

Não mais esperando novos títulos, postos mais elevados, tendo se conformado com o progresso daqueles que foram nomeados em seu lugar, durante as longas horas em que (coisa bem nova para ele) não tinha nada que fazer, passeando com a mulher à beira do lago desde as cinco horas quando o dia ainda está claro, e frequentemente após o jantar, sob as estrelas, invadido por uma felicidade tranquila à vista desses lugares sublimes, conheceu o que jamais conhecera a não ser às vezes, durante uma hora, de viagem, nas noites de Estambul ou de Nápoles, aquilo de que tinham sido privadas sua juventude trabalhosa e sua prática e ativa maturidade — os sonhos. E a velhice foi para ele o que a juventude é para os outros, a idade das ilusões. Sentia-se cheio de doçura para com os outros, doçura que lhe vinha com o enfraquecimento do corpo, o idealismo melancólico que acompanha, nos espíritos demasiado positivos, a desilusão das realidades; sua afeição pela mulher assumiu um caráter mais pensativo, voltando-se para as recordações e a afeição pelo filho, sonhando quase sempre com um futuro que não mais esperava alcançar, assumiu algo de grandioso

em seu desinteresse, de uma previsão nada melancólica a não ser por causa das grandes possibilidades de desgraça que via na natureza desse filho, em sua saúde, em seu natural triste, em sua prodigalidade, em sua preguiça, em sua impossibilidade de alcançar uma posição de destaque, no desperdício de sua inteligência, e que estava sereno, embora a ideia de sua própria morte ali estivesse contida. Então cercou a mulher de delicadezas que não lhe eram habituais. Falava-lhe de seu pai de tal modo que a comovia. Na verdade, da parte dele, a quem ela tanto amava, e que tão raramente expressava tais ideias, um nada bastava para emocioná-la. Mas alguns sentimentos ganhavam para ele mais valor, ao passo que certas coisas o perdiam.

Pensou em coisas de que era incrível não risse como se fossem loucuras. Não ousava ficar perto do filho quando devaneava, e agora que, indo do bosque a Paris, a carruagem passava com frequência por Auteuil alguns minutos antes de chegar diante da casa de seis andares sob a qual, com seu jardim de outrora, os anos felizes do sr. Santeuil e a recordação das duas pessoas que lhe eram tão caras estavam enterrados para sempre, alguns minutos antes, com precisão, utilizando esse conhecimento de ruas e quarteirões que sempre fascinara a sra. Santeuil e lhe parecera ligada à queda do marido pela geografia e ao fato de que sabia observar os barômetros, alguns minutos antes, quando via aproximarem-se as casas vizinhas, algumas das quais tinham conservado seu aspecto, sua velha porta florida de antigamente, seu portão que abria para o jardim que se afundava em terrenos relvados por entre as aleias arborizadas com uma casinha de jardineiro que dava para ver, velhas casas conhecidas do sr. Santeuil, elas próprias tendo ficado ali como para lhes tornar mais sensível a desordem irreconhecível de sua casa e seu jardim, como esses amigos de seus pais que ainda viviam, no entanto mais idosos do que eles, quando o sr. Santeuil via se aproximarem essas velhas indicações conhecidas que lhe permitiriam reencontrar o local daquilo que para a esposa era o mais triste dos túmulos, dizia: “Fecha os olhos.” Ela os fechava. Enquanto isso, o sr. Santeuil olhava, com tranquila curiosidade, as casas novas. Espantava-se

com as modificações sobrevindas, observava se havia luz elétrica, talvez sonhasse. Dizia: “Mantenha os olhos fechados.” Às vezes ela punha a mão sobre os olhos. Ele conservara de seu papel de pai de família, de homem acatado, de homem prático, conselhos desse tipo. De outras vezes lhe teria dito: “Não precisas tapar os olhos com as mãos. Basta fechá-los”, e teria dado de ombros, rindo dessa inexperiência de mulher que não sabe fechar os olhos.

Irrefletidamente, um dia em que Jean voltava com eles, pelo costume de ter ouvido o pai dizer coisas semelhantes, por lhe parecer prático talvez e sabendo que a mãe não se zangaria e antes o teria admirado por ser parecido com o pai, disse: — Mas, mamãe, não precisas pôr as mãos nos olhos para não ver, basta fechá-los bem fechados —, mas o pai o puxou pelo braço para que se calasse e lhe disse baixinho, aproveitando o barulho da carruagem contra o calçamento visto que o cavalo galopava: — Deixa-a, não percebes que não quer que vejamos que está chorando? — Por fim, dizia-lhe: — Podes abrir os olhos —, mas continuando a pensar no jardim de Auteuil, ele lhe falava de certos dias de outrora, do pai dela. Ela lhe manifestava um reconhecimento infinito por lhe poupar o esforço que teria de fazer para falar de outra coisa, e aplaudia-o pela precisão de sua memória no que concernia a seu pai como se fosse uma bondade que teria tido para com ela, como se fosse piedade que tivesse tido para com ambos. Admirava a memória dele como se fosse ternura, o sinal de uma alma melhor, tomava-o como motivo para se humilhar como fazia sempre. Como invejava a sua memória, ela que tantas vezes passava as noites procurando se lembrar da fisionomia do pai ou da mãe, que na imobilidade da lembrança que guardava deles lhe escapava, em virtude da própria intensidade de sua ternura! O sr. Santeuil lhe dizia: — Lembras-te de quando teu pai ia encher o copo d’água na fonte e ali molhava os olhos? — Ela o ouvia com avidez, teria dado tanto para ter um desses copos de que seu pai se servia todos os dias e que guardava na pequena rocha por cima da fonte, a fim de se assegurar de que ninguém se serviria dele. Quanto a Jean, um de seus sonhos era reencontrar em Auteuil a *villa* de Montmorency, onde ia beber às vezes um copo de água ferruginosa. Pensava

nisso com tanta intensidade que voltou a apreciar a água e a bebia à noite muitas vezes em sua garrafa antes de dormir, prometendo a si mesmo ir no dia seguinte a essa fonte da *villa* Montmorency, com a qual enchia, depois de ter deixado correr a água para lavá-lo, a metade do copo que pendia de uma correntinha.

* * *

À noite, o sr. e a sra. Santeuil levavam Jean de volta à estação de trem e, ao voltarem pelo bosque, passeavam ao longo do lago obscuro, onde às vezes brilhava de súbito a brancura de um cisne que dormia ou deslizava sem o menor ruído, dando assim essa sensação tão poética de um movimento vasto e quase irreal, como o que de uma montanha dá um trem do qual se vê, sem que se ouça nada, a fuga e a fumaça. Essa vizinhança do lago, tão azul durante o dia, e acima do qual tantas estrelas brilhavam à noite, não contribuía em nada para dar à alma do sr. Santeuil essa pureza e essa elevação tão lindas. Insensível a quase todos os encantos que hoje vemos na natureza, era preciso, para que se emocionasse, estar em presença desses locais tão belos que antigamente o faziam preferir a temporada nos lagos e nas montanhas. Do mesmo modo dizia: “Um bom tempo”, no mesmo sentido do jardineiro que teme a chuva e para quem tudo o que a anuncia é ruim, que não conhece a beleza de um mau tempo. Não teria achado beleza alguma na chuva, num céu tempestuoso, num dia cinzento, num céu encoberto. Mas uma noite estrelada, um dia de sol, o frescor que se eleva à noitinha depois de um dia quente perto da água e que parece descrever ao ouvido, sobre o fundo de silêncio, o rumor do remo que ergue a água com regularidade, tinham para ele uma linguagem sublime que o elevava singularmente.

Às vezes, quando Jean não viera ou partira cedo, o sr. e a sra. Santeuil se encaminhavam para o porto onde se aluga uma barca. Levavam tempo para chegar lá, pois andavam os dois bem devagar agora, a sra. Santeuil de pernas fracas e o sr. Santeuil com pouco fôlego. Os movimentos de cada um, pelo menos os que eram voluntários, pois sem querer a sra. Santeuil coxeava um pouco e o

sr. Santeuil andava de ombros meio caídos, eram uma série de precauções tomadas a todo instante e renovadas contra a fraqueza do outro. Se o caminho se tornava dificultoso, o sr. Santeuil segurava com mais firmeza o braço da mulher; se o vento soprava, a sra. Santeuil se punha adiante do marido para que ele não perdesse a respiração. Porquanto a piedade pelos desgostos da mulher, a solicitude por suas enfermidades, a mesma ternura de ambos por Jean, e a desilusão dos prazeres em que ela não tomava parte, tinham levado o sr. Santeuil a uma ternura tão atenciosa para com sua mulher como a que, naturalmente, ela sempre tivera por ele. E agora era bom vê-los assim aproximados, misturados, confundidos, retorcidos juntos e amparando-se um no outro como duas árvores enlaçadas. Chamavam o barqueiro, pediam para dar uma volta pelo lago. Uma barca assim alugada custa três francos e é preciso dizer apenas que o sr. Santeuil jamais a tomara, ele que achava criminoso pegar um carro quando não se tem muita pressa para não tomar o ônibus. Esses hábitos econômicos que até então jamais tinham desrespeitado, e que eram necessários para começar a busca, pela sra. Santeuil, de novos prazeres a fim de suavizar no marido a melancolia da velhice, tinham conservado para eles, como nos contentamentos inúteis onde só se tem um prazer de bem-estar ou uma satisfação artística, um atrativo para o qual os mais jovens já estão embotados. Quando punham o pé trêmulo no fundo movente da barca, tinham a sensação de algo perigoso, proibido, extraordinário. Uma barca que se aluga para passeio não é como a balsa que nos conduz de uma margem à outra do lago, para ir à ilha. A ausência de qualquer objetivo imposto, o poder de fixá-lo e de mudá-lo à vontade, o sentimento da inutilidade da viagem e de se deixar deslizar unicamente como se deixa correr a voz quando se canta, por puro encantamento, o prazer de roçar as margens, passar pelas ervas, despertar os cisnes, ouvir bem pertinho a água murmurar tão baixo que, tomados do mesmo respeito, da mesma expectativa, ninguém ousa falar alto — ouvir o silêncio e ser recompensado ao respirar a frescura ambiente, tais eram os deleites que davam à sra. Santeuil não a fisionomia despreocupada e feliz daqueles que são vistos muitas vezes passeando de barco à

tardinha, e que cantam ou ficam calados, mas a viva exaltação dessas sensações deliciosas que se traem por uma expressão arrebatada mas atenciosa e terna, pelo medo de não deixar passar nada. A sra. Santeuil teria preferido as águas mais escuras do lago e as que, comprimidas entre duas margens arborizadas, mergulham entre as árvores como aleias sobre as quais transbordam as flores e os galhos, e onde a navegação sempre silenciosa e suave é interrompida a cada passo como o caminhar num matagal. Mas o sr. Santeuil preferia as vizinhanças da ilha, o reflexo das luzes na água, preferia encontrar o batel carregado de passageiros que aí acabam de jantar ou vão beber, ouvir o piano do salão e às vezes uma voz cantando uma melodia conhecida. Então mandava parar o barco e escutava.

Conservara o hábito, que lhe vinha da precisão de seu espírito, da vulgaridade de sua observação e da autoridade de seu caráter, de nomear à mulher as coisas que apareciam. E, na barca, dizia ainda: — Essas luzes que vês lá adiante são do pavilhão chinês. — Todos estes carros esperam pessoas que vieram jantar na ilha. — Há dois batéis em vez de um, porque é domingo. — Ah, é o novo café que instalaram perto de Armenonville. — Mas, se a maneira de conversar era a mesma, um novo sentido se insinuara. E essas palavras eram menos, como outrora, a mostra de sua ciência ou a satisfação de sua descoberta do que a notação por meio de signos de que ele se servira sempre, mas que então empregava por eles mesmos, sensações suaves e quase poéticas que não sabia exprimir de outro modo senão chamando a atenção para elas. Esses reflexos na água, essas vozes por cima da água, esses movimentos no escuro, prendia-se a eles como pontos de referência para os fatos que eram a sua razão de ser mas que não explicavam o prazer que achava neles e em busca do qual vinha muitas vezes agora à noite.

Da barca, a sra. Santeuil lançava um pedaço de pão, partia outro, pegava-o, atirava-o. No momento em que o pão caía — mais ou menos no instante em que, a intervalos igualmente regulares, o remo tocava a água — os patos se precipitavam com grande barulho de água espalhada, cada um tentando chegar mais rápido,

levantando voo sobre a água e depois caindo, dispersos a nado em perseguição ao pão desaparecido. Depois, ao remo erguido e já caindo de novo, à mão pronta para jogar, eles se precipitavam de novo. E dir-se-ia, ao ouvir seu voo que cortava a água em tempos iguais, segundo a cadência dos remos, que eram as aves invisivelmente atreladas aos remos que davam toda a sua força para fazer avançar o barco, puxar a barca. Em momentos assim, vendo de cada lado da barca se arremessarem, se espalharem e se propagarem não cascatas de gotinhas e sim de asas, de bicos e de gritos, poder-se-ia acreditar que a água, tendo se animado, os remos faziam erguer, de passagem, numa brisa estridente, uma espuma viva.

* * *

Como a pequena lagoa de patos do Jardim d'Acclimatation estremecesse na glória inquieta da noite, a música se pôs a tocar a *Estudiantine*. Então o sr. Cravant, sua mulher e sua sogra, transportados por encontrarem de novo, objeto de atenção fervorosa de parte da multidão, uma melodia que conheciam de longa data e, por assim dizer, intimamente, que à noite bem quisera muitas vezes se fazer ouvir em seu piano quando estavam a sós, que o sr. Cravant tratava então sem cerimônia, a ponto de escutá-la de robe, começaram a ouvir dando sinais de uma satisfação orgulhosa e protetora. E a todo instante, depois de ter concentrado sua atenção inquieta como se os músicos se fossem enganar, opinavam com a cabeça, parecendo dizer: é bem assim, está bem ele, sempre o mesmo — mesclando a um sorriso aprobatório, que certificava a exatidão da execução, um olhar comovido que subentendia os méritos de “sua” melodia. Faziam questão de que soubessem que a conheciam, de que mesmo que a melodia não estivesse na moda a teriam reconhecido, que fazia muito tempo que a conheciam, que a tratavam com a maior intimidade. Davam a impressão de estar cantando sem, no entanto, deixar escapar sons distintos de modo a inculcar naqueles que lhes ficavam próximos a ideia de que a conheciam e de não diminuir tal ideia dando detalhes inexatos dela.

Assim, esperavam que a nota aguardada viesse, para inclinarem a cabeça, como essas pessoas que gabam suas relações com o homem da moda não arriscam nada, mas quando se diz: — Seus cabelos são bem claros, poderíamos dizer que são louros —, respondem: — Oh! meu Deus, sim, quase louros. Ah, ora bolas, é um bom amigo nosso. — Assim, a todo fim de compasso ou de fraseado, inclinavam a cabeça afirmativamente. Entretanto, a pequena lagoa de patos estava agora em sombras. Sentia-se que os barcos não mais sairiam hoje, e, lado a lado, como pássaros que não voltam à terra para dormir, e sim, pousados n'água, aconchegam a cabeça entre as asas, eles se confundiam na escuridão da noite que pouco a pouco os cobria.

XI. História de uma geração

A sra. Santeuil permanecera sempre, como vemos, a esposa terna, submissa, devotada aos outros e cheia de abnegação que conhecemos há vinte anos. E, no entanto, erraríamos se pensássemos que ela também não mudara. Aos poucos esse filho, cuja inteligência, costumes e vida quisera formar, insinuara nela a própria inteligência, seus costumes e até a sua vida, e alterara os da mãe. Para isso fora necessário que os grandes desgostos de sua vida quebrassem a mola retesada outrora nela e que em horas de abatimento ela se deixasse levar pela consolação inocente de ouvir o filho, achá-lo espirituoso mesmo quando dizia coisas que antigamente não teria admitido que dissesse, ver que ele agradava, fazia sucesso, mesmo esse tipo de sucesso que ela não teria desejado. Em relação aos que o admiravam, àqueles que eram bondosos para com ele, a sra. Santeuil experimentava indulgência e simpatia. Entretanto, um era um jornalista que estava metido em negócios meio escusos, outra uma mulher que tinha vários amantes. A sábia diplomacia que Jean empregava para dissipar suas repugnâncias a respeito deles era incomparavelmente fortificada por isso: ela é boa para com o meu filho, ela fala bem dele, defendê-lo-á se o atacarem, e, inconsequente como é, como poderia não ser atacado, e, fraco como é, tem necessidade de pessoas que o defendam. Ele é bom para o meu filho, aprecia a sua inteligência, pode lhe prestar grande ajuda. Há vinte anos, a sra. Marmet veio para pedir informações sobre uma camareira, procurou não recebê-la, teria preferido fazer uma inimiga para sempre a dar-lhe a mão. Sentiu por ela um desprazer físico. Há dois meses a sra. Santeuil aparecera curiosamente em casa de sua costureira e seu olhar acompanhara com suas bênçãos a amiga de Jean. Se Jean a tivesse levado à casa da mãe, não havia dúvida de que, no aperto de mão, no sorriso e nas palavras, ela a inundasse com essa

simpatia que trazia calorosamente no coração há alguns anos. Se ela não tentou unir-se à sra. Marmet era para não desviar em seu proveito nada do capital de benevolência de que a sra. Marmet poderia dispor em favor dos Santeuil e assim deixá-lo intacto para Jean. Quando muito, teria pedido a Jean que mandassem convidar o pai para os saraus da sra. Marmet na esperança de distraí-lo. Certamente não deixara de crer que a sra. Marmet tivera amantes; mas supunha agora que a malvadez de seu marido e os transportes de seu coração deveriam ter sido a causa de tudo. Não podemos nos aproximar dos seres mais corrompidos sem reconhecer que são humanos. E a simpatia pela humanidade deles estimula nossa tolerância por sua perversidade. Ora, a sra. Santeuil vivia há alguns anos através das conversas de seu filho e o resto do tempo pela imaginação que a seguia docemente pelo mundo, na sociedade de homens e mulheres pervertidos que o sr. Sandré teria expulsado de sua casa a bastonadas, sociedade a distância é certo, mas muito mais perigosa porque a habilidade de Jean e a ternura da sra. Santeuil por ele dissimulavam-lhe a feiura e exaltavam-lhe o encanto, como se fossem personagens de romance. A virtude da sra. Santeuil certamente não mudara, e sim o seu sentimento a respeito da virtude alheia.

Ao mesmo tempo que esse elemento essencialmente mundano, o enfraquecimento da repulsa pelo vício, a indulgência, outros elementos mundanos se insinuavam na sra. Santeuil. Pois os seres humanos não se transformam pela anexação de partes isoladas e colocadas arbitrariamente, como nos jogos ingleses em que podemos colocar um braço gordo num homem magro, deixando-lhe outro braço magro. Assim é que a sra. Santeuil, que antigamente se indignara por ouvir um gracejo malévolo sobre um amigo, ou uma suspeita mal-intencionada relativamente a um desconhecido, ria agora daqueles que Jean soltava constantemente, chegando até, coisa inaudita nela, a fazer observações descorteses, logo corrigidas, é preciso dizer, por sua bondade. Ela não se espantava mais, já que o vício não lhe parecia tão medonho como o crime, que o pudessem admitir em tal ou qual pessoa. Nos primeiros tempos do casamento soube que uma mulher, que de fato não conhecia mas

que era ligada às suas primas e pertencia à sua sociedade, tinha um amante. Essa notícia a perturbou mais do que se tivesse sabido que seu velho criado assassinara uma mulher. Só pensava nessa mulher com horror. O marido separou-se dela. Todos em seu grupo se revezavam para convidar o marido para jantar. E nesse dia não convidavam ninguém mais. Então a sra. Santeuil pensou nessa mulher com inusitada piedade, como uma pessoa que experimentasse a maior das desgraças. Mas julgaria trair todos os seus deveres se respondesse ao seu cumprimento na rua. Quando pronunciavam o nome do marido, um sentimento de piedade, uma simpatia profunda se desenhavam nos rostos da família. O sr. Sandré murmurava: “Infeliz.” Em todas as casas aonde ele não ia com muita assiduidade antes, convidavam-no com frequência para jantar, mas sem outra pessoa, como a alguém de luto e cuja filha se abismasse numa desgraça horrível. Além disso, a sra. Santeuil não podia conceber uma ideia tão extraordinária. E acabara por imaginar que essa mulher era louca. Seriam um dia informados de que ela estava internada. De que modo, nesse momento, a sra. Santeuil poderia suportar ouvir dizer de uma mulher que se conduzia mal, poderia rir ou gracejar a respeito? Quem sonharia em animar uma conversação insinuando que um de nossos amigos vive de roubos e assassinatos? Mas quando a ideia do vício nada mais tem de horrível, quando se faz sociedade com ele, falar do vício já não é tão terrível, e ser amigo de pessoas, visto que é possível ter amigos assim, já não é tão sagrado. A aversão torna-se o compromisso natural entre a indignação e a amizade.

Com as velhas ideias sobre a virtude das mulheres, sobre a benevolência, ruíram os preconceitos antigos contra artistas e jornalistas. É possível que a sra. Santeuil guardasse no coração o antigo ideal de fazer do filho um grande homem de ação. Mas aos poucos a vida a acostumara, mesmo nos pontos em que era mais exigente em relação ao filho, a se contentar com menos. Dava-se conta, agora, de que ele só fazia visitas, frequentava a sociedade, que o máximo que ainda fazia era compilar, imaginar, escrever. E se isso fosse tudo o que ela podia obter dele agora, pelo menos deveria tentar obtê-lo. E além disso a sociedade aprecia os artistas

e ela se tornara aos poucos uma mulher de espírito mundano. E, depois, é preciso que se diga, eram todos os defeitos do filho que chegara a amar aos poucos, mesmo se no princípio se sentisse chocada. O amor é o nosso grande iniciador, nosso grande corruptor. Ele nos assimila e nos aliena. Ela se tornara igual ao filho. E se vocês imaginam que a sra. Santeuil era uma mulher diferente de qualquer outra, que em nenhuma outra, mesmo que procurasse desde a criação do mundo até o seu fim em todos os Continentes, o filho teria podido encontrar uma mulher que a lembrasse, ela possuía de algum modo as ideias, os preconceitos, as virtudes, a compostura, os costumes e os hábitos de todas as burguesas de sua geração e de todas as classes sociais fechadas que não conhecem o luxo e o relaxamento dos costumes.

Se imaginam que seu filho se assemelhava a todos os rapazes de sua geração, e que todos exerceram mais ou menos sobre os pais uma ação semelhante, imaginarão que este capítulo, talvez aborrecido como capítulo de romance, seria instrutivo como capítulo de história. O pensamento é uma espécie de telescópio que nos permite ver espetáculos distantes e enormes. Sabem que os atos de um dia começam ou denotam hábitos, os quais preparam ou registram mudanças no indivíduo. Mas as mudanças no próprio indivíduo, essa revolução que pensam ser a maior, não passam de uma pequena porção das transformações da espécie que ali podem ver. Onde quer que tenhamos posto a vida, onde quer que tenhamos conhecido nobres como o duque de Beauvisage, que tiveram filhas como a duquesa de Réveillon e netos como Henri, ou burgueses como o sr. Sandré, que tiveram filhas como a sra. Santeuil e netos como Jean, aí chegamos a ver a história fazer-se à nossa frente, isto é, a espécie humana se modificar em duas gerações, tal como não podemos ficar à beira-mar alguns minutos a olhar a onda se erguer, lançar-se para diante, recuar e recomeçar, sem ver, marcada pelas próprias ondas que pareciam não ser mais do que ondas, relacionadas apenas com a que precedia e a que se seguia, a indicação aparentemente mais vaga, mas no fundo mais certa, mais ampla, da maré. E até lá onde o mar parecia mais forte, lá onde um rochedo parecia quebrar cada onda, o avanço da maré

foi o mesmo. Assim, não sei que juízo vocês farão dos homens, se foi a fraqueza da sra. Santeuil e da duquesa de Réveillon por seus filhos que deixou desaparecer essa geração, ou se a lei dessas gerações é a de se deixarem dominar suavemente pela que vem antes delas, como a vaga se inclina acariciadora sob a que se debruça alegremente sobre ela e a reduz, aqui a fraqueza da sra. Santeuil, apesar de suas promessas, ali a fraqueza da duquesa de Réveillon, apesar de seus preconceitos. Talvez as gerações lhes pareçam mais importantes que as classes. E como num museu os retratos de um homem do século XVII, seja um autor cômico ou um rei, espantam-nos por sua semelhança, encontrarão menos diferença entre o sr. Sandré e o duque de Beauvisage do que entre o sr. Sandré e seu neto. Talvez, pelo contrário, da Roma antiga à Paris do século XIX, vocês achem que o patricio não mudou nada. Talvez também as classes e as gerações não lhes sejam de muita importância. E o que fará a verdade do caráter de Jean ou do duque de Beauvisage lhes parecerá consistir, para os senhores, numa espécie de lógica sentimental; que é como a essência comum da humanidade através dos séculos. Diz-se “nobre de 1830”, diz-se “jornalista de 1880”, mas, como o químico que sabe que o enxofre e o fósforo se combinarão eternamente nas mesmas proporções, vocês só verão, no fundo de tudo isso, os sentimentos.

* * *

Eis as reflexões que me demorei a fazer ao olhar a sra. Santeuil, que volta a pé com o marido, falando de Jean, em direção ao chalé do Bois, ao passo que o mesmo Jean, numa rápida carruagem aberta, retorna a Paris para dormir com a amante. Olho a sra. Santeuil. Num mundo onde tudo é diferente, do mais simples ao mais elaborado, mas onde tudo se repete e se complica, o enfraquecimento do seu andar, o peso e a debilidade de seu corpo estão em harmonia com essa diminuição de sua energia moral. Mas as mudanças de que falamos realizar-se-ão nos filhos de seu filho, se os houver, talvez no fato de que seu filho não tenha filhos, e não nela. As mudanças do indivíduo se consumam na espécie, mas o

indivíduo permanece ligado à sua natureza primitiva, na medida em que ela está inscrita, por assim dizer, nos traços de sua fisionomia boa ou má, de seu corpo obstinado ou indolente, e esse corpo nos hábitos de sua família como a ostra em sua concha, e a concha no rochedo. Pôde-se ver que a espécie ostra se torna por transformismo a espécie borboleta, mas um indivíduo ostra está sempre morto sobre o rochedo onde o ligava a concha da qual não podia sair sem morrer. A concha da sra. Santeuil era o seu corpo, os choques da vida puderam avariá-lo, fazê-lo perder o luxo brilhante que encantava outrora; a forma permaneceu a mesma.

Ao primeiro instante, é talvez a fraqueza ou a deformidade que nos choca na sra. Santeuil. Aproximem-se mais, é ela, é seu pai, é sua mãe, é seu filho. É ela, sobretudo. E se somos tentados a crer que, nessa lenta infusão de ideias novas que notaríamos em breve, seu espírito se enriqueceu, olhemos no entanto esse passo abandonado ao de seu marido com a confiança do amor, embora procurando conduzi-lo com o zelo da caridade. Ele disse uma palavra: — Gostaria de andar ainda. — Ela não sabe se está cansada. Diz: — Pois bem vamos caminhando —, busca encontrar um caminho mais longo, um lugar onde passear. Ela não tem mais outro desejo. Mas olhem: eles param logo. O sr. Santeuil calculara mal as suas forças, encontraram um banco e se sentaram. A sra. Santeuil diz: — Mas também, sabes, é porque caminhamos muito —, pois não quer deixar que ele adivinhe seu pensamento: que ele não é mais capaz dos esforços de antigamente, que está envelhecendo. Então ao passo que ele resfolega, ela vê à sua frente, olhando-o (enquanto ele não a vê), esse corpo que a cada dia se curva, torna-se mais impotente, os cabelos que ficaram mais brancos, ela o envolve com um olhar infinito de ternura e desespero, e sacode a cabeça crispando a boca para não deixar passar nenhuma lágrima. Já é demais para ela esse lamento impotente e apaixonado pelo que se vai. Teme que o marido se aborreça, comece a falar da satisfação de Jean durante o jantar, “como é gentil”, pensando que o orgulho pelo filho o distraia. Nesse momento, ela nem sequer pensa mais no pai e na mãe mortos, como durante as longas tardes em que o marido não estava ali e era mais jovem. Ela tem um dever mais

urgente. A tristeza só faria bem a ela. Aí então ela pode se tornar útil.

Essa mulher permaneceu a mesma e suas ideias novas não puderam modificá-la por dentro, não foram essas novas ideias que o fizeram. As ideias que nutriram sua mudança foram aquelas com as quais a velhice sombria do sr. Sandré irritava a adolescência de Jean, muito semelhantes às suas, e sem se prestarem muito às diversas formas que a sabedoria pode revestir. Vocês devem estar lembrados. Na sociedade que elas encerram como as estátuas de deuses cercavam o lar romano, a mulher adúltera não entra jamais, seria expulsa a pedradas. Ali não se admitirá o poeta, é preciso dizer que ali não se admitirá o ator. O filho, se se faz ator, seria lançado pela janela. Dali não se sai, ali não se entra de carruagem, assim como não se muda várias vezes de vestido e se gasta pouco dinheiro. Um gasto, uma generosidade, uma fantasia, são ali crimes, provocam a cólera. Um casamento de amor, isto é, feito por amor, seria considerado como prova de vício. Mas o amor segue o casamento e dura a vida inteira. E nenhuma mulher deixa de amar seu marido tal como não deixa de amar sua mãe. Não achar seu marido inteligente, mesmo quando não é, pareceria alguma coisa tão bárbara como não querer beijar a mãe porque ela é feia. Essa casa em que Jean Santeuil nasceu, onde cresceu, onde fez tantas coisas, aonde trouxe tanta gente, ou, pelo menos, faz tolerar tantas coisas e amar tantas pessoas que não é mais a mesma, olhem-na uma última vez. Pois, por mais que a humanidade recomece, é a casa antiga. E, nesse momento, vejo algumas que se fecham porque todos os moradores estão mortos, outras que se arruínam porque os que as habitavam estão na infância, outras que são demolidas — não vejo que as reconstruam. E me pergunto para qual mulher, cuja casa será inteiramente de móveis ingleses, que só permitiria a entrada daqueles que, como ela, têm casas e gostos estéticos, ou que oferece almoços para condessas e pintores, seu pai e sua mãe, seu marido e seu filho serão tudo. Não posso deixar esse par unido sem outra escolha que as conveniências burguesas da posição social e as conveniências superiores da honra, mas unido até a morte. Ouço a sra. Santeuil e seu marido que discutem

um acontecimento de que foram informados pelo jornal de manhã. E compreendo que essa mulher que se matou ontem depois do amante é a mesma que conhecia a prima da sra. Santeuil e que lhe inspirava tanta indignação. Se ela mudou de opinião acerca das mulheres que se comportam mal, não mudou a respeito desta, porquanto fazia parte de sua vida de antigamente. Julga-a segundo as suas ideias antigas. Um francês estabelecido entre os muçulmanos habitua-se aos costumes dos muçulmanos, mas, se volta a encontrar um francês, descobre num átimo a moral francesa para julgá-lo. Considero, por essa opinião, que ela estava louca. E me pergunto se esse preconceito não era tão inteligente como a tolerância a que a habituaram. É verdade que, quando seu marido morrer, ela sem dúvida não se matará, mas morrerá de desgosto. Mas não, ela não se deixará morrer se ainda tiver o filho. Aliás, entre essa morte voluntária e a de pequena burguesa de outrora que deixou o marido pelo amante, não existe relação alguma. Perguntem antes a Jean, que bem sabe que a mãe nunca deixou de agir em função do dever. Nem perguntem nada. Se eu soube descrevê-la, já o devem ter percebido.

* * *

E, quando caía a noite, o sr. e a sra. Santeuil já tinham entrado em casa, de onde não viam mais o resto da vida. Se Jean, à hora de comer, depois de ter atravessado a sala de jantar na luz espalhada que a lâmpada renovava a todo instante, entrasse no quarto da sra. Santeuil para lhe dizer alguma coisa, como Tétis visitada por seu filho Aristeu no fundo das águas onde, sobre um rochedo, ela entretece suas grinaldas, a sra. Santeuil aparecia sentada sob a luz que enchia a peça, ocupada em escrever ou bordar, e deixava as ondas da luz suave e abundante brincarem nos seus cabelos, fazerem resplandecer seu belo rosto. Diante dela, como as fontes que bem no seio da água lançam um jato mais intenso, a lâmpada jorrava continuamente uma luz mais rápida cujas ondas abrandadas iam mais longe encher a peça. Ele se aproximava, e, na luz que não os desunia, beijava a mãe. Sabia que o pai, no quarto ao lado, lia

perto do fogo ou sentado à escrivaninha, também sob a luz, e às vezes se erguia, pois o escutava ir à escrivaninha e classificar papéis, mas não ousava entrar lá e mal sabia como era esse quarto por tê-lo vislumbrado no momento em que, ao passar, sua mãe abria a porta.

Um quarto, aliás, ele levou muito tempo para saber que se tratava de um. Chamava-se “a sala das tapeçarias”, como a outra era “a sala de jantar” e a outra “a biblioteca”. E de fato cada uma lhe parecia uma coisa à parte, ele não tinha ideia de que pudessem existir salas idênticas em outras casas. Uma ou duas vezes na infância, fora brincar em casa de amigos onde tudo lhe pareceu maior, mais suntuoso e mais triste, e aí vira erguerem-se à sua frente outros móveis, como monstros estranhos de pé sob a luz da lâmpada, abrirem-se outros quartos como antros misteriosos. Em sua própria casa, quantos havia em que quase nunca entrava, ou que ficavam às escuras à tardinha, como se tivessem sido abandonados. As tapeçarias da sala das tapeçarias, os grandes jarros e a pêndula do quarto da mãe pareciam-lhe fazer parte de sua pessoa; e, quando mudaram alguma coisa nos quartos, e ele viu no salão as armações vermelhas nas paredes nuas, e na sala de jantar as dez cadeiras góticas de couro substituíram as quatro cadeiras de veludo, ficou espantado como se essas divindades gigantescas enfeitadas de bordados, diante das quais se erguiam jarros que ali estavam imóveis há tanto tempo, que eram mais velhos que ele, diante das quais, todas as noites, a lâmpada que traziam projetava o mesmo clarão, ou, todas as noites, a lâmpada que retiravam depois do jantar deixava sozinhas as mesmas sombras e, um instante após, à noite, não pudessem resistir, como enormes mas imóveis estátuas de esfinge, ao que removia de cima delas a frágil mão humana.

O jantar ainda não fora servido. O sr. Santeuil lia o jornal no salão. A sua frente, a sra. Santeuil parecia dormir. — Dizem que o coronel Picquart ficará talvez cinco anos preso na fortaleza — comentou o sr. Santeuil. — O quê? — gritou a sra. Santeuil levantando-se com vivacidade. — Acalma-te — disse o sr. Santeuil ironicamente à mulher, cujo rosto, tornando-se de súbito como o de um doente que

sofre, permanecia contraído, e que passava as mãos nos olhos como para não mais ver o que a horrorizava tanto, como para apoiá-las contra a face, fazer entrar dentro dela, através da pele, a revolta que a encrespava. Se vissem apenas sua boca apertada, as sobrancelhas franzidas, poderiam pensar estivesse exposta ao tormento de um mal. Mas a tristeza desanimada que lhe vinha dos olhos não deixava qualquer dúvida sobre a natureza desse mal. Era essa tristeza que seus próprios males não podem excitar nessas almas apaixonadas que então, pelo contrário, se prendem a uma doce resignação. Era essa tristeza que só os males alheios nos inspiram e que, ternura impotente e ferida, jorra, lança-se na direção dos que não pode alcançar, sobre quem gostaria de se espargir em bem-estar, alívio e consolação. A dor da sra. Santeuil era tão viva que ela não teve forças para responder com um sorriso ao gracejo do marido: — Vamos, acalma-te. — Sem isso, foi assim que respondeu, pois, não se dando importância alguma, e admirando muito o marido, mantinha bem viva sua moderação para não se insurgir contra nada pelo exemplo que teria de seguir, e nem levava a dor profunda que experimentava nesse instante ao ponto de um exagero censurável. No entanto, ela não podia deixar de desabafar e de gritar seu desprezo pelos que torturavam o homem cujas coragem e generosidade ela admirava com tanto entusiasmo, sem conhecê-lo. O sr. Santeuil deu de ombros. E, pela ternura que lhe votava, pela admiração por sua calma filosófica, e pela humildade para consigo mesma, sorriu dessa vez: — É idiotice o que estou dizendo. Não, mas é que percebo bem que agora nada os deterá mais, eles se julgam os mais fortes — acrescentou com tristeza.

Os mais minuciosos arquivos dessa época não mencionam nenhum ato da sra. Santeuil, onde parece ter-se realizado essa ternura incessante que a menor ameaça de infelicidade, a menor esperança de consolo, de suave emoção para com os seres pelos quais sentisse uma simpatia fraterna encontrasse ao mesmo tempo tão vibrante. Seu nome não está inscrito entre os presidentes e vice-presidentes, nem entre as damas patrocinadoras de obra alguma. Ela jamais assinou apelo a nenhuma mulher francesa, não esteve em nenhum hospital para tratar dos doentes. E até, restringindo-se

como o fez à vida obscura da família, não deixou, na escolha do marido por exemplo, ou não se casando por não encontrar um marido “com suas ideias”, qualquer testemunho das generosas aspirações de seu temperamento, como certas mulheres que por uma escolha estrepitosa, procurando fora de seu meio um marido artista ou humanitário e cujo casamento tem por pedra angular não o total de dois dotes equivalentes ou a associação de duas posições sociais que se atraem, e sim um mesmo amor pela música de Wagner ou o mesmo zelo ardente de emancipar a mulher ou de se ocupar com criancinhas cegas. Tais moças mostravam desde a juventude muitos indícios de um casamento semelhante, indícios que assumiam a forma de toaletes extravagantes ou descuidadas, de saídas a sós ou com amigas unidas no mesmo amor da música e no mesmo desprezo da vida burguesa, saídas não para fazer visitas onde esperam os salgadinhos banais e a conversa iletrada, e sim para ir ao Louvre, à Sorbonne ou talvez ao anfiteatro de dissecação. Tais moças dão, na escolha de seus esposos ou na virgindade desdenhosa de todos os partidos, um sinal de seu espírito elevado. Amigas pouco inteligentes comentam gracejando os seus noivados que se realizaram em Bayreuth e seu apartamento de casadas onde se diz que existe um órgão mas não uma cozinha, os dias que os esposos passam juntos nas minas a socorrer os mineiros, enquanto outras tomam vivamente a sua defesa e deixam transparecer a admiração que lhes inspiram, e não dissimulam que, se suas mães e as conveniências não as forçassem, seria esse o gênero de vida que teriam preferido. Mas a srta. Sandré, quando casou com o sr. Santeuil num momento em que seus olhos riam mais frequentemente com uma espera confiante ou uma alegria maliciosa, e que não descaíam na sensação dolorosa do mal que outros sofriam, não o escolhera absolutamente como o fizera a srta. Saintré ao sr. Maindant, porque ouvira falar dele como vivendo, apesar de sua grande fortuna, entre os operários cuja vida tornava mais bela tocando-lhes César Franck, dando-lhes reproduções de Botticelli. E, mais tarde, a sra. Santeuil não tentara de modo algum conformar o sr. Santeuil ao seu ideal, e sim buscara ser-lhe o mais útil e o mais agradável possível, dando jantares quando ele

gostasse, a fim de que o creme de morango fosse feito da maneira como preferia seu amigo Dester para que ele tivesse o prazer de vir jantar com frequência, e mais tarde, quando o sr. Santeuil estivesse cansado à noite, ficando junto dele, lendo-lhe coisas que lhe agradassem, escrevendo suas cartas.

* * *

Todos os homens morrem, e assim que o maior é pequeno, diz a voz do povo, já que é desse modo que ele alcança o infinito e o nada. Pela ideia da morte, ou pela chegada da morte, abre-se, na alma mais obscura ou mais estreita, um dia misterioso para o infinito.

Jean ergueu a cabeça e viu que a mãe olhava o sr. Santeuil sem dizer palavra. Por alguns instantes, sem dúvida, como muitas vezes depois do jantar, o velho adormecera. Suas sobrancelhas estavam franzidas, a boca fazia beicinho, mas agora que ele não estava mais olhando não se lhe descobria o sentido, que se adivinhava escondido sob as pálpebras bem fechadas dos olhos, e o rosto inteiro ficava impressionante e obscuro, como uma intenção firme mas impenetrável. Ouviam-se regularmente o fluxo e o refluxo de sua respiração. Ruído que não era organizado por nenhuma ideia nem produzido conforme algum desejo, que não era uma palavra nem um canto e sim um ruído surdo que ressoava sem se ouvir, próximo e misterioso como o rumor das ondas do mar sobre a areia ou do vento nas folhas. Jean e sua mãe continuavam a olhar o sr. Santeuil sem falar, sem ousar entreolhar-se, cada um temendo, sem dúvida, achar nos olhos do outro a ideia de que um dia o sr. Santeuil nunca mais despertaria. Não mais adormeceria. Pois sentiam que esse sono era ainda a vida, talvez mais que a vigília. Nesse momento em que essa vida que deveria um dia abandonar o sr. Santeuil o possuía ainda e, sem que ele tivesse consciência disso, dava impressão de ser ainda maior que quando estava desperto, visto que sua vida fechada parecia mais do que a emanção de seu pensamento e de sua vontade. Sim: uma coisa grande e poderosa, e o sr. Santeuil semelhava apenas um brinquete frágil, inconsciente e

gasto, mas sobre o qual ela velava enquanto ele dormia. Enquanto o não deixasse, ele podia ter confiança, abandonar-se. E, com efeito, seus braços pendiam mais inertes ao longo do corpo, as bochechas brancas caíam agora sem expressão ao longo da boca frouxa. A cabeça do sr. Santeuil se abaixava cada vez mais, enquanto o peito se erguia regularmente, agitado como uma coisa inerte pelas ondas da vida que o conduziam e vinham se quebrar tão perto de Jean e de sua mãe com rumor igual. Eles não podiam desviar os olhos desse espetáculo cego da vida onde sua força explodia ainda mais. E o ruído regular continuava sempre. Trabalho de vida e de morte, a obra do tempo não se detinha.

Sobre o autor

Marcel Proust nasceu em Paris a 10 de julho de 1871. Frequentou o Liceu Condorcet e depois estudou direito e ciência política na École Libre des Sciences Politiques. Seus primeiros trabalhos foram publicados nas revistas *Le Banquet*, da qual foi um dos fundadores, e *Littérature et Critique*, em 1892. Seu primeiro livro, *Os prazeres e os dias*, saiu em 1896. O escritor publicou artigos em grandes jornais, como *Le Figaro*, e traduziu artigos do célebre crítico de arte e ensaísta inglês John Ruskin. Paralelamente, escreveu *Jean Santeuil*, romance deixado incompleto. Após a morte dos pais, ele se isolou e começou a delinear os livros que compõem *Em busca do tempo perdido*, que viriam a se tornar a sua obra-prima, publicada entre 1913 e 1927. Proust morreu a 18 de novembro de 1922.

Conheça os títulos da Biblioteca Áurea

A bíblia da humanidade — Michelet

A Casa Soturna — Charles Dickens

A festa ao ar livre e outras histórias — Katherine Mansfield

A interpretação dos sonhos — Sigmund Freud

A velhice — Simone de Beauvoir

As confissões — Jean-Jacques Rousseau

Código dos homens honestos — Honoré de Balzac

Iniciação à Estética — Ariano Suassuna

Jane Eyre — Charlotte Brontë

Jean Santeuil — Marcel Proust

Notas autobiográficas — Albert Einstein

O abismo — Charles Dickens e Wilkie Collins

O homem sem qualidades — Robert Musil

O jovem Törless — Robert Musil

O tempo, esse grande escultor — Marguerite Yourcenar

O último dos moicanos — James Fenimore Cooper

O vermelho e o negro — Stendhal

Os três mosqueteiros — Alexandre Dumas

Todos os homens são mortais — Simone de Beauvoir

Um amor — Dino Buzzati

Um teto todo seu — Virginia Woolf

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Mariana Bard

Júlia Ribeiro

Laiane Flores

REVISÃO

Bárbara Anaissi

Carolina M. Leocadio

Daiane Cardoso

Luíza Côrtes

Rita Godoy

DIAGRAMAÇÃO

Futura

PRODUÇÃO DE EBOOK

[S2 Books](#)

- [01] O mesmo que *rinite alérgica*. (N. do T.)
- [02] *Colza*. Espécie de couve (*Brassica campestris oleifera*), cultivada como forragem de inverno para o gado. (N. do T.)
- [03] Alusão ao quadro *Le cuirassier blessé* (“O couraceiro ferido”) do pintor francês Théodore Géricault (1791-1824). (N. do T.)
- [04] Estação, numa procissão religiosa, é a parada que se faz para rezar uma oração. Altares de estação os que se levam em procissão e são utilizados nessas paradas, às vezes para um longo trecho de missa. (N. do T.)
- [05] Designação comum de peixes gênero *Gobio*, da família dos ciprinídeos. (N. do T.)
- [06] Chagas. Trepadeira ornamental da família das tropeoláceas (*Tropaeolum majus*), também conhecida como *capuchinha*. (N. do T.)
- [07] Paul Déroulède (1846-1914), poeta e político francês, autor de poemas de cunho patriótico e revanchista. (N. do T.)
- [08] Botão-de-ouro. Planta (gên. *Xyris*) da família das xiridáceas. (N. do T.)
- [09] De *fraise*, morango em francês. (N. do T.)
- [10] *Baba*. Espécie de pudim com uvas de Corinto. (N. do T.)
- [11] Protagonista de *As ilusões perdidas*, de Balzac. (N. do T.)
- [12] Personagens de Balzac, como todas as citadas adiante. (N. do T.)
- [13] O autor refere-se, evidentemente, ao golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, dado por Luís Napoleão, com dissolução da Assembleia Legislativa, esmagamento das tentativas de resistência e prisão e exílio de republicanos e socialistas. Exatamente um ano após (2 de dezembro de 1852), proclamava-se o Segundo Império, tendo Luís Napoleão tomado o nome de Napoleão III. (N. do T.)
- [14] John Duns Scot, ou Johannes Duns Scotus (1265?-1348?), filósofo e escritor inglês, cognominado *doctor subtilis*. (N. do T.)
- [15] Jean-François Regnard (1655-1709), comediógrafo francês, o mais importante da era pós-Molière. (N. do T.)
- [16] Em inglês no original. (N. do T.)
- [17] *Hostis*, em latim, inimigo público. (N. do T.)
- [18] Depois dessa cena, Jean determinou no seu testamento que os móveis do seu quarto e o casquinho ficariam com o pai e a mãe, se vivessem ainda, e, na falta deles, com Réveillon; os móveis sim, mas o casquinho, isso lhe parecia mais que profanação. Mas ser vendido era bem pior. Então não sabe mais o que resolver. Nesse momento, sua mãe entrou, convidando-o para sair. Parou de sonhar com a morte para gozar a vida. (*Nota do Autor*).
- [19] Joseph Joubert (1754-1824), moralista francês. (N. do T.)
- [20] Também conhecida como capilária ou adianto (*Adiantum capillus-veneris* L.). (N. do T.)
- [21] Planta rosácea (*Filipendula ulmaria* L.), também chamada erva-ulmeira. (N. do T.)

[22] Espécie de carruagem. (N. do T.)

[23] *Boulangista* e *boulangismo*. Relativo ao general Georges Boulanger (1837-1891), político e militar francês que liderou uma falange republicana radical. Acusado de conspiração contra o Estado, foi condenado à prisão perpétua, mas suicidou-se na Bélgica, onde se homiziara. (N. do T.)

[24] Pseudônimo de François Claudius Koenigstein (1859-1892), anarquista francês. (N. do T.)

[25] José Maria de Hérédia, poeta francês (1842-1905), natural de Santiago de Cuba. (N. do T.)

[26] Páginas atrás está “Pont-Labbé”, como vem na edição original. Respeitamos a dupla grafia. (N. do T.)

[27] Espécie de carruagem descoberta. (N. do T.)

[28] *La Pocharde*, peça do romancista e dramaturgo francês Jules Mary (1851-1922). Yvette Guilbert (1867-1944), célebre cantora francesa. (N. do T.)

[29] Em inglês, entre aspas, no original. (N. do T.)

[30] “Em primeira mão.” Em italiano no original. (N. do T.)

[31] Marechal: trata-se, provavelmente, de Mac-Mahon (1808-1893), nobre e político francês, presidente (1873-1879) de tendência legitimista. (N. do T.)

[32] Joseph Joubert (1754-1824), moralista francês. (N. do T.)

[33] Personagem do romance *Middlemarch* (1872), de George Eliot. (N. do T.)

[34] *La mauvaise saison*, em francês. (N. do T.)

[35] *Shako*. Antigo barrete militar de copa alta e forrado de peles. (N. do T.)

[36] Eugène Rouher (1814-1884) e Émile Ollivier (1825-1913), advogados e políticos franceses ligados ao Segundo Império; o primeiro, conservador e autoritário; o segundo, republicano, adversário do primeiro, aderiu ao imperador e sofreu violenta oposição da bancada republicana. (N. do T.)

[37] *Arca santa*. Em sentido lato, o mesmo que *arca da aliança*; em sentido restrito, pequeno oratório, ou tabernáculo, que em todas as casas se costuma conservar com efígies de santos, relíquias sagradas etc. Em sentido figurado, diz-se das coisas pelas quais se tem grande veneração. (N. do T.)

[38] Baron, nome artístico de Michel Boyron (1633-1729), ator francês, considerado um dos melhores do grupo de Molière, cujas peças interpretou. (N. do T.)

[39] Plantas da família das Compostas, de flores azuis, também chamadas escovinhas ou acianos. (N. do T.)

[40] Edmond About (1828-1885), escritor francês de romances fantásticos. (N. do T.)

[41] Literalmente “calcanhar de madeira”. (N. do T.)

[42] Em francês, *filasse*. (N. do T.)

[43] Em francês, *fillasse*. No texto original ocorre um jogo de palavras entre *filasse* e *fillasse* — provocado por um mau entendimento e responsável pelo riso dos personagens

— impossível de ser recuperado em português. (N. do T.)

[44] Segundo um relato apócrifo, mas atribuído a La Harpe (1739-1803), o escritor e místico Jacques Cazotte (1720-1789) teria profetizado com minúcia a queda e execução dos principais nobres da época (1788). (N. do T.)

[45] Jules Lemaître, escritor e político francês (1853-1914). Crítico impressionista (*Impressions de théâtre*, 1885-1920), escreveu várias obras contra o parlamentarismo e a democracia aderindo às doutrinas de direita da Action Française. (N. do T.)

[46] Respeitamos a grafia da edição francesa. (N. do T.)

[47] Trata-se do *Hôpital de La Pitié*, perto do *Jardin des Plantes*, fundado por Maria de Médicis em 1612, como albergue para desamparados. Transformado em hospital em 1809, foi reconstruído em 1912. (N. do T.)

[48] O ministro Charles Marie. (N. do Editor francês.)

[49] Nome artístico de Claude Michel, escultor francês (1738-1814), autor de peças em terracota, à maneira antiga. (N. do T.)

[50] No original francês, a frase vem toda no feminino, como se Loisel se houvesse de súbito transformado em mulher. (N. do T.)

[51] Mudança sutil de tratamento de mais para menos familiar, praticamente inexistente em português. (N. do T.)

[52] Passa-anel. (N. do T.)

[53] Incompatibilidade cronológica, já apontada no exaustivo ensaio de George D. Painter, *Marcel Proust* (ed. francesa, vol. 1, pp. 261-62): tendo Henri e Jean nascido por volta de 1859-60, seriam ainda muito pequenos em 1866 quando se passa a ação deste capítulo. (N. do T.)

[54] Denys Cochin e Passy foram políticos franceses. O primeiro foi deputado por Paris (1893-1919), subsecretário para os Negócios de Estado (1916-17) e membro da Academia Francesa (1911). Quanto a Passy, trata-se talvez de Frédéric Passy (1822-1912), autor de tratados sobre Economia Política e Prêmio Nobel da Paz (1901). (N. do T.)



▲

*Marcel
Proust*

EM
BUSCA
DO
TEMPO
PERDIDO

Box Em busca do tempo perdido

Proust, Marcel

9788520941140

2472 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em busca do tempo perdido é uma das maiores criações da literatura mundial. Dividida em sete livros, a obra-prima de Marcel Proust foi publicada entre 1913 e 1927, e sua beleza e força vão se revelando cada vez mais impactantes com o correr dos anos.

A presente edição da Nova Fronteira conta com a primorosa tradução de Fernando Py e é dividida em três partes. Uma obra monumental, que deixou marcas eternas na literatura.

[Compre agora e leia](#)

RODRIGO FRANÇA

O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO



O pequeno príncipe preto

França, Rodrigo

9788520945063

32 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em um minúsculo planeta, vive o Pequeno Príncipe Preto. Além dele, existe apenas uma árvore Baobá, sua única companheira. Quando chegam as ventanias, o menino viaja por diferentes planetas, espalhando o amor e a empatia. O texto é originalmente uma peça infantil que já rodou o país inteiro. Agora, Rodrigo França traz essa delicada história no formato de conto, presenteando o jovem leitor com uma narrativa que fala da importância de valorizarmos quem somos e de onde viemos - além de nos mostrar a força de termos laços de carinho e afeto. Afinal, como diz o Pequeno Príncipe Preto, juntos e juntas todos ganhamos.

[Compre agora e leia](#)

APRESENTAÇÃO

Antônio Lobo Antunes

TRADUÇÃO

Ivo Barroso

Italo Svevo
**A CONSCIÊNCIA
DE ZENO**



A consciência de Zeno

Svevo, Italo

9786556401744

392 páginas

[Compre agora e leia](#)

Zeno Cosini é um empresário bem-sucedido, vaidoso, obsessivo e cheio de remorso. Quando procura ajuda para resolver suas neuroses, o psicanalista sugere, como forma de terapia, que ele escreva um diário, o que leva Zeno a mergulhar num ambíguo exercício de autoanálise. Com humor irônico e perspicaz, o narrador-personagem relata episódios sobre a morte de seu pai, sua carreira, seu casamento, seus casos amorosos e suas repetidas — e inúteis — tentativas de parar de fumar. Publicado pela primeira vez em 1923, *A consciência de Zeno* é a obra-prima de Italo Svevo e um dos romances mais importantes da literatura italiana do século XX. Utilizando a psicanálise como elemento fundamental da trama, este trabalho revolucionário apresenta com maestria as ansiedades, os medos e as questões mais profundas de uma sociedade em transformação. Esta edição conta com a brilhante tradução do poeta Ivo Barroso, uma introdução do jornalista José Nêumanne e um posfácio do crítico literário Alfredo Bosi. A obra traz também uma apresentação do escritor António Lobo Antunes inédita no Brasil.

[Compre agora e leia](#)

EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA


COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO


EDITORA
NOVA
FRONTIERA

**EDGAR
ALLAN POE**
CONTOS
DE TERROR,
DE MISTÉRIO E
DE MORTE



Contos de terror, de mistério e de morte

Allan Poe, Edgar

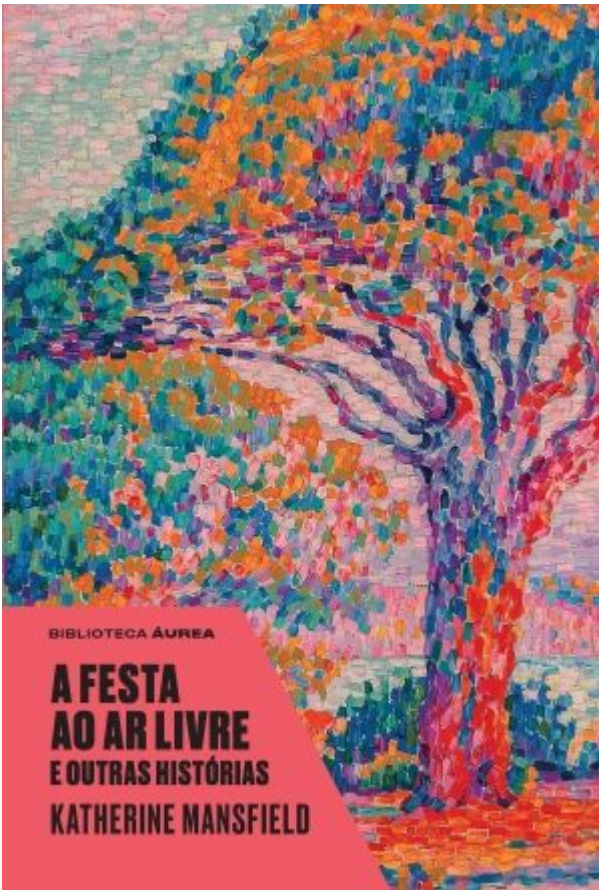
9788520941720

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com esta coletânea, o leitor entrará em contato com alguns das melhores histórias da obra de Edgar Allan Poe, considerado o criador do conto policial. Nelas, associam-se medos reais a casos extraordinários, e o resultado é espetacular e surpreendente. Neste Contos de terror, de mistério e de morte estão reunidas algumas de suas melhores narrativas e, dialogando com elas, ao final do volume, o aclamado poema "O corvo", que se tornou emblemático da produção literária do autor norte-americano. Como resultado temos uma coletânea em que se associam medos reais a casos extraordinários, o espetacular e o surpreendente em concentradas doses do mais puro terror.

[Compre agora e leia](#)



BIBLIOTECA ÁUREA

**A FESTA
AO AR LIVRE
E OUTRAS HISTÓRIAS
KATHERINE MANSFIELD**

A festa ao ar livre e outras histórias

Mansfield, Katherine

9786556401713

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Katherine Mansfield é considerada uma das maiores escritoras do Modernismo. Sua pungente obra é marcada por temas como as relações sociais, os papéis de gênero na sociedade, o isolamento, a vida e a morte. Os contos reunidos em *A festa ao ar livre e outras histórias* figuram entre os mais típicos da autora, revelando seu perfeito domínio da técnica de rápidas percepções psicológicas. Inovadoras e perspicazes, essas quinze histórias foram escritas no final da vida tragicamente curta de Mansfield. Muitas são ambientadas na Nova Zelândia, país nativo da autora, outras na Inglaterra e na Riviera Francesa. Todas expressam emoções não ditas e pouco compreendidas que compõem a experiência cotidiana. Esta edição conta com a tradução cuidadosamente revista de Luiza Lobo, que também assina o texto de introdução.

[Compre agora e leia](#)